Mario Puzo

O Chefão

Grandes Sucessos

Mario Puzo

Filho de imigrantes italianos, Mario Puzo nasceu em Nova York a 15 de Outubro de 1920. Criado num bairro pobre de Manhattan — conhecido como "A Cozinha do Inferno" —, atraído desde cedo pelo jogo (paixão que nunca abandonou), desenvolveu também o gosto pela literatura. Resolveu então que seria escritor — projeto que sua família considerou um sinal certo de insanidade. Abandonado pelo pai quando tinha apenas doze anos de idade, empregou-se, para ajudar a família, como mensageiro na Estrada de Ferro Central de Nova York. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como soldado da Força Aérea dos Estados Unidos na Alemanha. De volta a Nova York, iniciou alguns estudos na Universidade de Colúmbia e na Nova Escola de Pesquisa Social, visando a uma carreira literária.

Publicou seu primeiro conto, *O Último Natal (The Last Christmas,* 1950), na revista de literatura *American Vanguard.* Cinco anos mais tarde, buscando avidamente o sucesso, publicou *A Guerra Suja (Dark Arena),* vigoroso romance sobre um veterano de guerra desambientado num país em paz. Mas suas pretensões permaneceram frustradas: muito bem recebido pela crítica, o livro foi praticamente ignorado pelo público. Dez anos depois escreveu *O Peregrino Afortunado (The Fortunate Pilgrim),* com idêntico resultado. Até que surgiu uma oferta irrecusável: um adiantamento de cinco mil dólares para escrever um livro sobre a Máfia. O resultado foi *O Chefão (The Godfather,* 1969) — e uma nova vida para Mario Puzo. Narrando a emocionante e violenta história de Don Vito Corleone, um dos chefes da Máfia, o romance conseguiu transformar Puzo numa celebridade literária. Em apenas dois anos foram vendidos mais de nove milhões de exemplares de *O Chefão.* Adaptado para o cinema pelo próprio autor, o romance deu origem a um filme espetacular, conseguindo abrir as portas de Hollywood para Puzo. Transformou-se rapidamente em roteirista famoso, com os *scripts* de *O Poderoso Chefão, II parte, Terremoto* e *Superman, o Filme.* Escreveu ainda *Confissões de Mario Puzo e Revelações sobre o Chefão (The Godfather Papers and Other Confessions,* 1972), *Las Vegas (Inside Las Vegas,* 1977) e *Os Tolos Morrem Antes (Fools Die,* 1978).

Mario Puzo

O Chefão

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Puzo, Mario, 1920-
P996c O chefão / Mario Puzo ; tradução de Carlos Nayfeld. — São Paulo : Abril Cultural, 1981.
(Grandes Sucessos)

1. Romance estadunidense I. Título.

81-0537 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Século 20 : Literatura estadunidense 813.5
2. Século 20 : Romances : Literatura estadunidense 813.5

Mario Puzo

O Chefão

Tradução de **Carlos Nayfeld**

1981
EDITOR: **VICTOR CIVITA**

Capa:
Ilustração de Dilvacy M. dos Santos, inspirada numa foto do filme *O Poderoso Chefão - Parte I.* (Agência Keystone.)

Título original:
The Godfather

© Copyright 1969, Mario Puzo.

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1981.

Publicado sob licença de EXPED - Expansão Editorial Ltda., Rio de Janeiro.

A Anthony Cleri

Por trás de toda grande fortuna
há um crime.

BALZAC

LIVRO I

Capítulo 1

Amerigo Bonasera, sentado na Terceira Corte Criminal de Nova York, esperava justiça; vingança contra os homens que tão cruelmente maltrataram sua filha, que procuraram desonrá-la.

O juiz, um homem de aspecto extremamente sisudo, arregaçou as mangas de sua toga preta como que para castigar fisicamente os dois jovens postados à sua frente. O seu rosto lívido denunciava um desprezo imponente. Mas havia alguma coisa falsa em tudo isso, alguma coisa que Amerigo Bonasera sentia, mas ainda não compreendia.

— Vocês procederam como a pior espécie de degenerados — disse o juiz asperamente.

Sim, sim, pensava Amerigo Bonasera. Animais. Animais. Os dois jovens, de cabelo glostorado cortado à escovinha, rosto escanhoado apresentando uma contrição humilde, baixaram a cabeça submissamente.

— Vocês procederam como animais ferozes na selva — prosseguiu o juiz — e tiveram sorte que não molestaram sexualmente essa pobre môça, pois então eu os condenaria a vinte anos de cadeia.

O juiz fez uma pausa, os seus olhos por baixo das sobrancelhas impressionantemente cerradas piscaram manhosamente para o pálido Amerigo Bonasera, depois ergueram-se para uma pilha de relatórios, aconselhando a concessão de *sursis*, acumulados à sua frente. Ele franziu as sobrancelhas e deu de ombros como que convencido contra a sua própria vontade natural.

— Mas devido à juventude de vocês, à ficha limpa de vocês, devido às boas famílias a que vocês pertencem e levando em conta o fato de que a lei em sua majestade não procura vingança, eu conseqüentemente os condeno a três anos de reclusão na penitenciária. Tal pena, porém, ficará suspensa — arrematou o juiz.

Somente quarenta anos de luto profissional impediram que a poderosa frustração e o ódio transparecessem no rosto de Amerigo Bonasera. A sua linda filha ainda se encontrava no hospital com o maxilar fraturado, devidamente costurado com fio metálico; e agora esses dois *animales* eram assim libertados? Tudo fora uma farsa. Ele observava os pais felizes aglomerarem-se em torno de seus queridos filhos. Oh, todos estavam felizes, e riam agora.

O fel negro, extremamente amargo, subiu à garganta de Bonasera e atravessou-lhe os dentes apertadamente cerrados. Ele pegou o seu lenço de linho branco e manteve de encontro aos lábios. Estava nessa atitude, quando os dois jovens caminharam livremente pelo corredor entre as filas de assentos, com olhar frio e confiante, rindo, sem nem sequer dar-lhe uma simples olhadela. Ele os deixou passar sem dizer uma palavra, comprimindo o lenço de encontro à boca.

Os pais dos *animales* estavam vindo agora, dois homens e duas mulheres da idade dele, porém mais americanos no trajar. Olharam para ele, envergonhados, mas os seus olhos irradiavam um desafio singular e triunfante.

Fora de controle, Bonasera inclinou-se para o corredor entre as filas de assentos e gritou asperamente:

— Vocês hão de chorar como eu chorei... hei de fazê-los chorar como seus filhos me fizeram chorar — e levou o lenço aos olhos.

Os advogados de defesa, que marchavam na retaguarda, empurraram seus clientes para a frente, formando um pequeno grupo apertado em torno dos dois jovens, que haviam iniciado o caminho de volta pelo corredor como qué para proteger seus pais. Um corpulento oficial de justiça correu imediatamente a fim de bloquear a fila em que se encontrava Bonasera. Mas não foi necessário.

Durante todos os anos que vivera na América, Bonasera confiara na lei e na ordem. E assim prosperara. Agora, conquanto o seu cérebro estourasse de ódio e a idéia feroz de comprar uma arma e matar os dois jovens martelasse em sua cabeça, Bonasera voltou-se para a sua esposa, ainda perplexa, e explicou:

— Eles nos fizeram de trouxas.

Fez uma pausa e depois tomou uma decisão, não mais temendo quanto lhe custaria isso.

— Para conseguir justiça, temos de ir de joelhos a Don Corleone.

No apartamento espalhafatosamente decorado de um hotel de Los Angeles, Johnny Fontane estava tão ciumentamente embriagado como qualquer outro marido. Escarrapachado num divã vermelho, ele bebia diretamente na garrafa de uísque que segurava na mão, depois tirava o gosto da bebida metendo a boca num balde de cristal contendo cubos de gelo e água. Eram quatro horas da manhã, e ele continuava imaginando, com sua mente ébria, a maneira de matar a sua mulher ordinária, quando ela chegasse a casa. Se ela de fato voltasse para casa. Era muito tarde para chamar a sua primeira mulher, a fim de pedir notícias das crianças, e ele achava engraçado chamar qualquer dos seus amigos, agora que sua carreira estava afundando rapidamente. Houve época em que eles se sentiriam prazerosos, lisonjeados, por ele ter-lhes chamado às quatro horas da manhã, mas agora ele lhes causava aborrecimento. Ele podia até rir um pouco consigo mesmo ao pensar que, na fase de ascensão, as complicações de Johnny Fontane chegaram a empolgar algumas das maiores atrizes da América.

"Mamando" a sua garrafa de uísque, ele ouviu finalmente a chave da sua mulher mover-se na fechadura da porta mas continuou a beber até que ela entrou na sala e se postou à sua frente. Ela era para ele tão bonita, com seu rosto angélico, seus olhos violeta expressivos, seu corpo delicadamente frágil, mas de formas perfeitas. Na tela, a sua beleza se ampliava, se espiritualizava. Uma centena de milhões de homens no mundo inteiro estavam apaixonados pelo rosto de Margot Ashton. E pagavam para vê-lo na tela.

— Onde diabo estava você? — perguntou Johnny Fontane.

— Lá fora paquerando — respondeu ela.

Ela calculara mal sua bebedeira. Ele saltou por cima da mesinha de bebidas e agarrou-a pela garganta. Mas ao se ver perto desse rosto enfeitiçado, desses adoráveis olhos violeta, ele perdeu a raiva e sentiu-se desanimado novamente. Ela cometeu o erro de rir zombeteiramente e percebeu o punho dele voltar-lhe violentamente.

— Johnny, no rosto não, eu estou fazendo um filme — gritou ela.

Ela estava rindo. Ele bateu-lhe no estômago e ela caiu no chão. Ele caiu em cima dela. Podia sentir-lhe a respiração perfumada e ofegante. Bateu-lhe nos braços e nos músculos das coxas de suas macias pernas queimadas pelo sol. Batia-lhe do jeito como castigava garotos menores, há muito tempo, quando era um rapazinho turbulento, num mal afamado bairro de Nova York. Um castigo doloroso que não deixaria qualquer desfiguração duradoura de dentes soltos ou nariz quebrado.

Mas não batia nela com bastante força. Não podia. E ela zombava dele. Esparramada no chão, com o seu vestido de bro-

cado levantado acima das coxas, ela escarnecia dele entre risadas.

— Vamos, continue. Continue, Johnny, isso é o que você realmente quer.

Johnny Fontane levantou-se. Odiava a mulher que estava no chão, mas a beleza dela era um mágico escudo de proteção. Margot rolou no solo, e num salto de dançarina pôs-se de pé em frente dele e começou a executar uma espécie de dança infantil zombeteira, cantando — Johnny nunca me machucou, Johnny nunca me machucou.

— Seu patife idiota — disse depois, quase tristemente, com sua beleza serena —, castigando-me como uma criança. Ah, Johnny, você será sempre um bichinho bem romântico, você até ama como uma criança. Ainda pensa que trepar com uma mulher é o mesmo que cantarolar aquelas cantigas enjoadas que você costumava cantar.

Balançou a cabeça e arrematou:

— Pobre Johnny. Adeus, Johnny.

Encaminhou-se para o quarto de dormir e ele ouviu-a girar a chave na fechadura.

Johnny sentou-se no chão com o rosto entre as mãos. O desespero doentio e humilhante dominou-o completamente. E, então, a firmeza sórdida que o ajudara a sobreviver na selva de Hollywood fê-lo pegar o telefone e chamar um táxi, para levá-lo ao aeroporto. Só havia uma pessoa que podia salvá-lo. Voltaria para Nova York. Voltaria para o único homem que tinha o poder, a sabedoria de que ele necessitava e um amor no qual ele ainda acreditava. O seu Padrinho Corleone.

O padeiro, Nazorine, rechonchudo e encrostado como seus grandes pães italianos, ainda sujo de farinha de trigo, intimidava sua mulher, sua filha casadoura, Katherine, e o seu ajudante de padeiro, Enzo. Enzo tinha conseguido autorização para usar o seu uniforme de prisioneiro de guerra com a braçadeira de letras verdes e estava aterrorizado com a idéia de que essa cena poderia fazê-lo atrasar-se na apresentação na Ilha do Governador. Sendo um dos inúmeros milhares de prisioneiros do exército italiano libertado condicionalmente todo dia para trabalhar na economia americana, ele vivia sob o medo constante de que essa liberdade condicional fosse revogada. Assim, a pequena comédia, que estava sendo representada agora era, para ele, uma coisa séria.

— Você desonrou minha família? Você engravidou a minha filha, para lembrar-se de que agora a guerra terminou e você sabe que a América vai expulsá-lo, sua besta, de volta para a sua aldeia cheia de merda na Sicília? — perguntou Nazorine ameaçadoramente.

Enzo, um rapaz baixinho, de compleição robusta, pôs a mão no coração e disse quase em lágrimas, embora sagazmente:

— *Padrone*, juro pela Virgem Santa que nunca abusei da sua bondade. Amo a sua filha com todo o respeito. Peço a mão dela com todo o respeito. Sei que não tenho direito, mas se me mandarem de novo para a Itália, nunca mais poderei voltar para a América. Nunca poderei casar com Katherine.

A mulher de Nazorine, Filomena, falou de modo decisivo:

— Pare com toda essa besteira — disse ela ao seu rechonchudo marido. — Você sabe o que deve fazer. Mantenha Enzo aqui, mande-o esconder-se com nossos primos, em Long Island.

Katherine estava chorando. Ela já estava roliça, feiosa e criando um ralo bigode. Jamais conseguiria uma marido bonito como Enzo, jamais acharia outro homem que tocasse as partes pudendas do seu corpo com amor tão respeitoso.

— Vou viver na Itália — gritou ela para o pai. — Fugirei, se você não mantiver Enzo aqui.

Nazorine olhou para ela com astúcia. Era uma "mulher fogosa" essa sua filha. Ele a tinha visto esfregar as traseiras protuberantes em Enzo, quando o ajudante de padeiro passou de frente, apertadamente, por trás dela para encher os cestos do balcão de pães quentes tirados do forno. O pão quente do patife entraria no forno *dela*, Nazorine pensou lascivamente, se medidas apropriadas não fossem tomadas. Enzo devia permanecer na América e tornar-se cidadão americano. E só havia um homem que poderia resolver tal problema. Era o Padrinho. Don Corleone.

Todas essas pessoas e muitas outras receberam convites impressos para o casamento da Senhorita Constanzia Corleone, a ser celebrado no último sábado de agosto de 1945. O pai da noiva, Don Vito Corleone, nunca esquecia os velhos amigos e vizinhos, embora ele próprio vivesse agora numa casa enorme em Long Island. A recepção se realizaria nessa casa e os festejos se prolongariam por todo o dia. Não havia dúvida de que seria uma ocasião de grande importância. A guerra com os japoneses então terminara e assim não haveria o receio incômodo de que a lembrança dos filhos lutando no exército ofuscasse esses festejos. Um casamento era justamente do que as pessoas precisavam para mostrar sua alegria.

Assim, nessa manhã de sábado, os amigos de Don Corleone afluíram de Nova York para prestar-lhe sua homenagem. Traziam envelopes de cor creme, recheados de dinheiro como presente de casamento; nada de cheques. Dentro de cada envelope havia um cartão identificando o doador e a medida de seu respeito pelo Padrinho. Respeito esse verdadeiramente conquistado.

Don Vito Corleone era um homem a quem todo mundo recorria em busca de auxílio, e quem o fizesse jamais ficava desapontado. Ele não fazia promessas ocas, nem apresentava a desculpa covarde de que as suas mãos estavam amarradas por forças mais poderosas no mundo do que ele mesmo. Não era preciso que ele fosse amigo da pessoa, nem mesmo era importante que a pessoa não tivesse meios com que pagar-lhe o favor recebido. Apenas uma coisa era necessária. Que a pessoa, *a própria pessoa*, proclamasse sua amizade. Então, não importava quão pobre ou impotente fosse o suplicante. Don Corleone se encarregaria entusiasticamente de resolver-lhe os problemas. E não permitiria que coisa alguma impedisse a solução do infortúnio desse indivíduo. Sua recompensa? A amizade, o respeitoso título de "Don" e, às vezes, a saudação mais carinhosa de "padrinho". E talvez, apenas para mostrar respeito, nunca a título de proveito próprio, algum presente humilde — um galão de vinho feito em casa, ou um cesto de *taralles* apimentados feitos especialmente para honrar a sua mesa de Natal. Compreendia-se, era apenas uma questão de cortesia, proclamar que o indivíduo estava em dívida para com ele e que tinha o direito de convocar a pessoa, a qualquer momento, para saldar a dívida por meio de algum pequeno serviço.

Agora, nesse grande dia, o dia do casamento de sua filha, Don Vito Corleone achava-se postado no vão da porta de sua casa de Long Beach, para saudar os convidados, todos eles conhecidos e de confiança. Muitos deviam a boa sorte na vida a Don Vito e, nessa ocasião íntima, sentiam prazer em chamá-lo pessoalmente de "Padrinho". Até as pessoas que estavam executando os serviços da festa eram seus amigos. O *barman* era um velho companheiro, cujo presente consistia em todas as bebidas do casamento e em sua própria habilidade de especialista no assunto. Os garçons eram os amigos dos filhos de Don Corleone. A comida colocada nas mesas de piquenique do jardim fora preparada pela mulher de Don Vito e suas amigas e o proprio jardim enorme, alegremente engrinaldado, tinha sido adornado pelas jovens amigas da noiva.

Don Corleone recebia todo mundo — rico e pobre, poderoso e humilde — com igual demonstração de afeto. Não menosprezava ninguém. Esse era o seu caráter. E os convidados exclamavam com tanto entusiasmo quão bem ele se achava em seu *smoking*, que um observador inexperiente poderia facilmente pensar que o próprio Don Vito era o feliz noivo.

Postados na porta com ele, estavam dois dos seus três filhos. O mais velho, batizado como Santino, mas chamado de Sonny por todo mundo, menos pelo pai, era olhado de soslaio pelos italianos mais velhos; com admiração pelos mais jovens. Sonny Corleone era alto para a primeira geração americana de descen-

dência italiana, tinha mais de 1,80 m de altura, e sua cabeleira abundante e ondulada fazia-o parecer ainda mais alto. O seu rosto era de um cupido grosseiro, as feições serenas, mas os lábios arqueados eram excessivamente sensuais, o queixo rachado em covinhas era, de um modo curioso, obsceno. Ele tinha a constituição forte de um touro e era do conhecimento geral que tinha sido tão generosamente dotado pela natureza, que sua martirizada mulher temia o leito nupcial, como os descrentes outrora temiam o cavalete de tortura. Murmurava-se que, no tempo de rapaz, quando ele freqüentava as casas de má fama, mesmo a mais dura e valente *putain*, ante a visão aterrorizada de seu órgão avantajado, exigia preço dobrado.

Aqui, na festa do casamento, algumas jovens casadas, de ancas largas e de boca enorme, mediam Sonny Corleone com olhares audaciosamente confiantes. Mas nesse dia especial, elas estavam perdendo tempo. Sonny Corleone, apesar da presença de sua mulher e seus três filhos pequenos, tinha planos com respeito à dama de honor de sua irmã, Lucy Mancini. Essa moça, plenamente ciente do fato, achava-se sentada numa mesa do jardim com seu vestido cor-de-rosa apropriado à cerimônia, uma tiara de flores no seu acetinado cabelo preto. Ela flertara com Sonny na semana passada de ensaios e apertara a mão dele nessa manhã no altar. Uma donzela não podia fazer mais do que isso.

Ela não se importava que ele nunca seria o grande homem que o pai dele provara ser. Sonny Corleone tinha força, tinha coragem. Era generoso e admitia-se que o seu coração era tão grande quanto seu órgão. Contudo, ele não tinha a humildade do pai, tendo, em vez disso, um temperamento vivo, ardoroso que o levava a cometer erros de julgamento. Conquanto fosse uma grande ajuda no negócio do pai, muitas pessoas duvidavam de que ele se tornaria o herdeiro de tal negócio.

O segundo filho, Frederico, chamado Fred ou Fredo, era um filho pelo qual todo italiano rogava aos santos para ter. Obediente, leal, sempre a serviço do pai, vivendo com os pais aos trinta anos de idade. Era baixo e corpulento, não era bonito, mas tinha a mesma cabeça de cupido da família, o capacete ondulado de cabelo sobre o rosto redondo e lábios arqueados. Só que, em Fred, esses lábios não eram sensuais, mas graníticos. Sendo sorumbático, era ainda um bom apoio para o pai, jamais lhe causava embaraços por conduta escandalosa com mulheres. Apesar de todas essas virtudes, ele não possuía esse magnetismo pessoal, essa força animal, tão necessários a um líder ou condutor de homens, não se esperando também que ele herdasse o negócio da família.

O terceiro filho, Michael Corleone, não estava com o pai e os dois irmãos, mas achava-se sentado, numa mesa no canto mais afastado do jardim. Mas mesmo ali, ele não podia escapar às atenções dos amigos da família.

Michael Corleone era o filho caçula de Don Vito e o único que recusara ficar sob a direção do grande homem. Não tinha o rosto carregado, em forma de cupido, dos outros filhos, e o seu cabelo bem preto era estirado e não ondulado. A sua pele era moreno-oliva clara que seria considerada linda numa garota. Ele era delicadamente bonito. Na verdade, houve tempo em que Don Vito sentiu alguma preocupação a respeito da masculinidade do seu filho caçula. Preocupação que desapareceu completamente, quando Michael Corleone fez dezessete anos de idade.

Agora, o filho caçula achava-se sentado no canto extremo do jardim, para proclamar a sua alienação voluntária do pai e da família. Ao lado dele, estava sentada a moça americana de quem todo mundo ouvira falar, mas que ninguém havia visto até aquele dia. Ele tinha, evidentemente, mostrado o devido respeito e apresentado a tal moça a todos os presentes ao casamento, inclusive à própria família. Não se impressionaram com ela. A moça era muito magra, muito loura. Seu rosto era bem acentuadamente inteligente para uma mulher e seus modos muito livres para uma donzela. O nome dela, também, soava de modo esquisito aos ouvidos: chamava-se Kay Adams. Se ela tivesse dito que a sua família se estabelecera na América há duzentos anos e que o seu nome era comum, eles não dariam a menor importância.

Todos os convidados perceberam que Don Vito não dava atenção especial ao terceiro filho. Michael fora o filho preferido antes da guerra e, obviamente, seria o herdeiro escolhido para dirigir o negócio da família, quando chegasse o momento propício. Ele possuía a força tranqüila e inteligência do seu grande pai, o instinto inato para agir de tal maneira, que os homens não tinham outro jeito senão respeitá-lo. Mas quando estourou a II Guerra Mundial, Michael Corleone alistou-se voluntariamente no Corpo de Fuzileiros Navais. Desafiou a ordem expressa do pai quando fez isso.

Don Corleone não tinha o desejo, a intenção, de deixar que seu filho caçula morresse a serviço de uma potência estrangeira. Médicos foram subornados, medidas secretas foram tomadas. Uma grande importância em dinheiro foi gasta para tomar as precauções necessárias. Mas Michael tinha 21 anos de idade e nada se podia fazer contra a sua própria vontade. Ele se alistou e lutou no oceano Pacífico. Chegou ao posto de capitão e ganhou medalhas. Em 1944, o seu retrato foi publicado na revista *Life* com uma série de fotografias de suas façanhas. Um amigo mostrou a revista a Don Corleone (a família não teve coragem) e este resmungou desdenhosamente:

— Ele fez esses milagres para estrangeiros.

Quando Michael Corleone foi desligado, no início de 1945, para restabelecer-se de um ferimento grave, não tinha a menor idéia de que o pai lhe havia arranjado a sua baixa. Ficou em

casa algumas semanas e, depois, sem consultar ninguém, ingressou no Colégio Dartmouth, em Hanover, New Hampshire, e assim deixou a casa do pai. Voltava agora para o casamento da irmã e para mostrar-lhes a sua futura esposa, aquele tipo debilitado de moça americana.

Michael Corleone estava divertindo Kay Adams, contando-lhe pequenas histórias sobre alguns dos mais curiosos convidados do casamento. Ele, por sua vez, divertia-se pelo fato de ela achar essa gente exótica e, como sempre, encantado pelo seu imenso interesse em alguma coisa nova e estranha para ela. Finalmente, a atenção da moça voltou-se para um pequeno grupo de homens reunidos em torno de um barril de madeira, de vinho feito em casa. Os homens eram Amerigo Bonasera, Nazorine Padeiro, Anthony Coppola e Luca Brasi. Com sua habitual e viva inteligência, ela fez uma observação sobre o fato de que esses quatro homens não pareciam particularmente felizes. Michael sorriu.

— Não, eles não parecem felizes — afirmou ele. Estão esperando para falar com meu pai em particular. Têm favores a pedir.

Na verdade, era fácil verificar que os quatro homens seguiam constantemente Don Vito com os olhos.

Enquanto Don Vito Corleone saudava os convidados, um *Chevrolet sedan,* preto, parava no lado distante da alamêda pavimentada. Dois homens no assento dianteiro puxaram cadernos de notas do bolso do paletó e, sem qualquer tentativa de ocultar o gesto, anotaram os números dos outros carros estacionados em torno da alamêda.

— Aqueles sujeitos ali devem ser tiras — disse Sonny voltando-se para o pai.

Don Corleone deu de ombros.

— Não sou o dono da rua. Eles podem fazer o que quiserem.

O rosto de cupido de Sonny ficou vermelho de raiva.

— Esses patifes imundos, eles não respeitam nada.

Sonny desceu os degraus da casa e atravessou a alamêda encaminhando-se para onde estava estacionado o *Chevrolet.* Aproximou o rosto raivosamente do rosto do motorista, o qual não recuou, mas abriu inopinadamente a carteira para mostrar um cartão de identidade verde. Sonny deu um passo atrás sem dizer uma palavra. Cuspiu de tal maneira que a saliva atingiu a porta traseira do *sedan,* depois afastou-se. Ele esperava que o motorista saísse do carro e viesse atrás dele, na alamêda, mas nada aconteceu. Quando ele alcançou os degraus, disse para o pai:

— Esses sujeitos são agentes do FBI. Estão anotando os números de todos os carros. Cabras safados.

Don Corleone sabia quem eles eram. Os seus amigos mais chegados e mais íntimos tinham sido aconselhados a comparecer ao casamento em automóveis que não fossem da propriedade deles. E, embora ele desaprovasse a tola demonstração de raiva do filho, o acesso de cólera tinha uma utilidade. Convenceria os intrusos de que a presença deles era inesperada e que ninguém estava preparado para isso. Assim, o próprio Don Corleone não estava zangado. Aprendera há muito que a sociedade impõe insultos que devem ser suportados, confortados pelo conhecimento de que neste mundo chega o momento em que o mais humilde dos homens, se conservar os olhos abertos, pode vingar-se do mais poderoso. Era este conhecimento que impedia Don Vito de perder a humildade que todos os amigos admiravam nele.

Mas agora, no jardim atrás da casa, um conjunto de quatro instrumentos começava a tocar. Todos os convidados tinham chegado. Don Corleone expulsou os intrusos de sua mente e conduziu os dois filhos para a festa do casamento.

Havia agora centenas de convidados no enorme jardim, alguns dançando na plataforma de madeira adornada com flores, outros sentados nas mesas compridas abarrotadas de comida condimentada e grandes jarros de vinho tinto feito em casa. A noiva, Connie Corleone, estava esplendorosa, sentada numa mesa especialmente levantada, com o noivo, as damas de honor e os acompanhantes. Era um quadro rústico no velho estilo italiano. Não para o gosto da noiva, mas Connie consentira num casamento à italiana para agradar o pai porque ela lhe causara grande desgosto com a escolha do marido.

O noivo, Carlo Rizzi, um mestiço, cujo pai era siciliano e a mãe, natural do Norte da Itália, de quem herdara o cabelo louro e os olhos azuis. Os seus pais viviam em Nevada, e Carlo deixara esse Estado em conseqüência de uma pequena complicação com a lei. Em Nova York, conheceu Sonny Corleone e assim conheceu a irmã. Don Corleone, naturalmente, enviou amigos de confiança a Nevada e estes apuraram que a complicação policial de Carlo foi uma indiscrição juvenil com uma arma, não muito séria, que podia ser facilmente apagada dos livros para deixar o rapaz com uma ficha limpa. Voltaram também com informações detalhadas sobre o jogo legal em Nevada, o que interessou grandemente a Don Vito e sobre o que ele vinha matutando desde então. Era parte da grandeza de Don Vito que êle tirasse lucro de tudo.

Connie Corleone não chegava a ser uma garota bonita: era magra e nervosa e certamente se tornaria de mau gênio com o correr dos anos. Porém hoje, transfomada pelo seu vestido branco de noiva e ansiosa virgindade, ela estava tão radiante que parecia bonita. Por baixo da mesa, sua mão repousava na coxa musculosa do noivo, enquanto sua boca de arco de cupido espichava-se para dar no noivo um beijo imaginário.

Connie o achava incrivelmente bonito. Carlo Rizzi trabalhara ao ar livre do deserto quando muito jovem e realizara trabalho pesado. Seus braços eram musculosos e seus ombros se destacavam embaixo do *smoking*. Ele se comprazia sob o olhar apaixonado da noiva e enchia o copo dela de vinho. Era extremamente gentil para ela, como se eles fossem dois atores representando uma peça. Mas seus olhos se achavam voltados para a enorme bolsa de seda que a noiva trazia pendurada no ombro direito e que estava agora abarrotada de envelopes de dinheiro. Quanto conteria a bolsa? Dez mil? Vinte mil? Carlo Rizzi ria. Isso era apenas o começo. Afinal de contas, ele havia casado com uma moça da família real. E os membros dessa família deviam cuidar dele.

Na multidão de convidados um rapaz esperto, de cabeça lisa, estava também estudando a bolsa de seda. Por simples hábito, Paulie Gatto imaginava precisamente como poderia apoderar-se dessa carteira recheada. A idéia o divertia. Mas ele sabia que isso era um sonho vago, inocente, tal como as crianças sonham em atacar tanques de guerra com espingardas de brinquedo. Ele observava seu chefe Peter Clemenza, gordo e de meia-idade, rodopiando com moças adolescentes em torno da pista de dança de madeira ao som de uma rústica e vigorosa *Tarantella*. Clemenza, imensamente alto, imensamente grande, dançava com tamanha habilidade e desembaraço, sua barriga dura lasciva-mente comprimindo os seios das delicadas jovens, que todos os convidados o aplaudiam. As mulheres mais velhas agarravam-lhe o braço para ser o seu próximo par. Os homens mais novos respeitosamente esvaziavam a pista de dança e batiam palmas ao ritmo do som selvagem do bandolim. Quando Clemenza finalmente caiu prostrado numa cadeira, Paulie Gatto trouxe-lhe um copo de vinho tinto gelado e enxugou-lhe a testa jupiteriana suada com o seu lenço de seda. Clemenza ofegava como uma baleia à medida em que engolia o vinho. Mas, em vez de agradecer a Paulie, ele disse rispidamente:

— Não procure ser juiz de dança, faça o que deve. Dê uma volta pela redondeza e veja se tudo está correndo bem.

Paulie esgueirou-se na multidão.

A orquestra fez uma pausa para descanso. Um rapaz chamado Nino Valenti pegou de um bandolim abandonado, pôs o pé esquerdo em cima de uma cadeira e começou a cantar uma indecente canção siciliana de amor. O rosto de Nino Valenti era bonito, embora inchado pelas constantes bebedeiras, e já estava um pouco embriagado. Ele revirava os olhos à proporção em que a sua língua acariciava a letra obscena da canção. As mulheres davam gritinhos de alegria e os homens berravam a última palavra de cada estrofe com o cantor.

Don Corleone, notoriamente puritano nessa questão, embo-

ra sua robusta mulher estivesse gritando alegremente com as outras, desapareceu habilidosamente encaminhando-se para dentro da casa. Vendo isso, Sonny Corleone dirigiu-se para a mesa da noiva e sentou-se ao lado da jovem Lucy Mancini, a dama de honor. Estavam livres. Sua mulher se achava na cozinha dando os últimos retoques para que fosse servido o bolo de casamento. Sonny murmurou algumas palavras no ouvido da moça e ela se levantou. Ele esperou alguns minutos e depois casualmente a seguiu, parando aqui e ali para falar com um convidado à medida em que abria passagem por entre a multidão.

Todos os olhares os seguiam. A dama de honor, inteiramente americanizada por três anos de escola, era uma moça madura que já gozava de certa "reputação". Durante todos os ensaios do casamento ela flertara com Sonny Corleone de modo provocante e brincalhão, que ela pensava ser permitido, porque ele era o padrinho e seu par na cerimônia nupcial. Agora, segurando o seu longo vestido cor-de-rosa para que não arrastasse no chão, Lucy Mancini entrou na casa, sorrindo com fingida inocência, subiu vaporosamente a escada e correu para o banheiro, onde permaneceu por alguns momentos. Quando saiu, Sonny Corleone estava no patamar de cima, acenando para que ela subisse.

Por trás da janela fechada do "escritório" de Don Corleone, uma sala no canto ligeiramente elevada, Thomas Hagen observava a festa de casamento que se realizava no jardim engalanado. As paredes atrás dele estavam abarrotadas de livros de Direito. Hagen era o advogado de Don Corleone e o *consigliori*, ou conselheiro interino, e como tal mantinha a posição subordinada mais importante nos negócios da família. Ele e Don Corleone tinham resolvido mais de um problema complicado nessa sala, e assim, quando ele viu o Padrinho deixar a festa e entrar na casa, sabia que, com casamento ou não, haveria um trabalhinho a fazer nesse dia. Don Corleone viria vê-lo. Depois Hagen viu Sonny Corleone sussurrar no ouvido de Lucy Mancini e a pequena comédia que desempenharam, quando ele a seguiu ao entrar na casa. Hagen fez caretas, debatendo intimamente se informava ou não o fato a Don Corleone, e decidiu não comunicá-lo. Foi até a escrivaninha e apanhou a lista manuscrita das pessoas que tinham obtido permissão para ver Don Corleone em particular. Quando este entrou na sala, Hagen entregou-lhe a lista. Don Corleone balançou a cabeça e disse:

— Deixe Bonasera para o fim.

Hagen atravessou as portas de vidro e encaminhou-se diretamente para o jardim onde os suplicantes estavam reunidos em torno do barril de vinho. Ele apontou para o padeiro, o rechonchudo Nazorine.

Don Corleone recebeu o padeiro com um abraço. Eles haviam brincado juntos, quando crianças, na Itália, e cresceram amigos. Toda Páscoa, saborosos pastéis chegavam à casa de Don Corleone. No Natal, nos aniversários dos membros da família, tortas deliciosas proclamavam o respeito dos Nazorine. E durante todos os anos, magros e gordos, Nazorine com entusiasmo pagava a sua contribuição ao sindicato dos panificadores, organizado por Don Corleone no tempo em que era ainda inexperiente. Jamais pedira um favor em troca, a não ser a possibilidade de comprar cupões de racionamento oficiais no câmbio negro durante a guerra. Chegara agora o momento de o padeiro fazer valer os seus direitos como amigo leal, e Don Corleone nutria grande prazer em atender-lhe o pedido.

Deu ao padeiro um charuto *Di Nobili* e um copo de *Strega* amarelo e pôs a mão no ombro do amigo para estimulá-lo. Isso era um gesto que denotava a simplicidade de Don Corleone. Ele sabia, pela sua própria experiência dolorosa, que era preciso ter coragem para pedir um favor a um semelhante.

O padeiro contou a história de sua filha e Enzo, um belo rapaz da Sicília, aprisionado pelo exército americano, enviado aos Estados Unidos como prisioneiro de guerra, agraciado com a liberdade condicional para ajudar o nosso esforço de guerra! Um amor respeitoso e puro nascera entre o honesto Enzo e a sua adorada Katherine; mas agora que a guerra terminara, o pobre rapaz seria repatriado para a Itália e a filha de Nazorine certamente morreria de paixão. Só o Padrinho Corleone poderia ajudar esse atribulado casal de namorados. Ele era a última esperança deles.

Don Corleone passeava com Nazorine de um lado para o outro da sala, com a mão no ombro do padeiro e balançando a cabeça compreensivamente, para manter a coragem do homem. Quando o padeiro terminou, Don Corleone sorriu para ele e disse:

— Meu caro amigo, ponha todas as suas preocupações de lado.

E continuou a falar, explicando cuidadosamente o que se *devia* fazer. Devia-se fazer uma petição ao congressista (deputado) eleito pelo distrito. O congressista apresentaria um projeto de lei especial que concederia a cidadania americana a Enzo. O projeto certamente seria aprovado pelo Congresso. Isso era um privilégio que esses patifes se outorgavam reciprocamente. Don Corleone explicou que isso custaria dinheiro, sendo que o preço agora em vigor era dois mil dólares. Ele, Don Corleone, garantia a "execução do trabalho" e aceitava o pagamento. Será que o amigo concordava?

O padeiro acenou com a cabeça vigorosamente. Ele não esperava um favor tão grande de graça. Isso era compreensível.

Uma lei especial do Congresso não pode custar barato. Nazorine estava quase chorando ao agradecer. Don Corleone levou-o até a porta, assegurando-lhe que pessoas idôneas seriam enviadas à padaria para colher todos os detalhes, para completar todos os documentos necessários. O padeiro abraçou-o antes de desaparecer pelo jardim.

Hagen sorriu para Don Corleone.

— Isso é um bom investimento para Nazorine. Um genro e um ajudante barato na padaria para toda a vida por apenas dois mil dólares.

— A quem devo dar esse trabalho? — perguntou, depois de uma pausa.

Franziu as sobrancelhas e pensou.

— Não ao nosso *paisan*. Dê ao judeu do distrito próximo. Mude os endereços das residências. Penso que deve haver muitos casos desses, agora que a guerra terminou: devemos ter gente extra em Washington para controlar a abundância de pedidos e não aumentar o preço.

Hagen fez uma anotação em seu caderninho: "Não Congressista Luteco. Experimentar Fischer".

O homem seguinte trazido por Hagen era um caso muito simples. Seu nome era Anthony Coppola e ele era filho de um homem com quem Don Corleone em sua juventude trabalhara, em suas atividades ferroviárias. Coppola precisava de quinhentos dólares para abrir uma *pizzeria*; para um depósito de algum material e o forno especial. Por motivos que não vêm ao caso, ele não dispunha de crédito. Don Corleone meteu a mão no bolso e puxou um maço de notas. Não era bastante.

— Empreste-me cem dólares, eu lhe pagarei segunda-feira quando for ao banco — disse a Tom Hagen, fazendo uma careta.

O pedinte protestou que quatrocentos dólares chegariam, mas Don Corleone bateu-lhe amigavelmente no ombro, dizendo em tom de desculpa:

— Esse luxuoso casamento deixou-me sem dinheiro.

Ele pegou o dinheiro que Hagen lhe entregou e deu-o a Anthony Coppola, juntamente com o seu próprio maço de notas.

Hagen observava com tranquila admiração. Don Corleone sempre preconizara que, quando um homem era generoso, devia mostrar a generosidade de modo pessoal. Que honra para Anthony Coppola que um homem como Don Corleone tomasse dinheiro emprestado de alguém para emprestar a *ele*. Não que Coppola não soubesse que Don Corleone fosse milionário, mas quantos milionários se dignariam proporcionar a si mesmos um pequeno incômodo sequer para atender o pedido de um amigo pobre?

Don Corleone levantou a cabeça inquisitivamente.

— Ele não está na lista — comentou Hagen — mas Luca

Brasi deseja vê-lo. Ele acha que não pode ser em público, mas quer felicitá-lo em pessoa.

Pela primeira vez, Don Corleone pareceu mostrar certo descontentamento. A resposta foi evasiva.

— É necessário? — perguntou ele.

Hagen deu de ombros.

— Você o entende melhor do que eu. Mas está muito grato por ter sido convidado por você para o casamento. Jamais sonhou com isso. Penso que ele quer mostrar a sua gratidão.

Don Corleone balançou a cabeça e fez o gesto para que Luca Brasi fosse trazido à sua presença.

No jardim, Kay Adams estava impressionada pelo rubor estampado no rosto de Luca Brasi. Ela perguntou quem era êle. Michael trouxera Kay ao casamento para que ela se inteirasse lentamente e, talvez sem um grande choque, da verdade a respeito do pai dele. Mas até então ela parecia considerar Don Corleone como um homem de negócios, um tanto despido de ética. Indiretamente, Michael resolvera contar-lhe parte da verdade. Explicou que Luca Brasi era um dos homens mais temidos do mundo do crime na região. O seu grande talento, dizia-se, consistia em que ele, sozinho, podia executar uma tarefa criminosa sem cúmplices, o que automaticamente tornava a descoberta e condenação pela lei quase impossíveis. Michael fez uma careta e acrescentou:

— Não sei se toda essa história é verdade. O que sei é que ele é uma espécie de amigo de meu pai.

Pela primeira vez, Kay começou a entender.

— Você não está insinuando — perguntou ela um tanto incrédula — que um homem como esse trabalha para o seu pai?

O diabo que se importava com aquilo, pensou ele. Falou então diretamente.

— Há coisa de quinze anos, alguns indivíduos queriam apoderar-se dos negócios de importação de azeite do meu pai. Tentaram matá-lo e quase o conseguiram. Luca Brasi foi atrás deles. O fato é que ele matou seis homens em duas semanas e isso acabou com a famosa guerra do azeite.

Ele sorriu como se tivesse contado uma anedota engraçada.

Kay deu de ombros.

— Você diz que seu pai foi baleado por *gangsters*?

— Há quinze anos passados — respondeu Michael. — Tudo ficou calmo desde então.

Ele receava que tivesse avançado demais.

— Você está procurando assustar-me — falou Kay. — Você não quer exatamente que eu case com você.

Sorriu-lhe, cutucou-lhe com o cotovelo e acrescentou:

— Muito sabidinho!

— Quero que você pense nisso — falou Michael, também sorrindo.

— Ele matou realmente seis homens? — perguntou Kay.

— Isso é o que os jornais afirmam — respondeu Michael. — Ninguém jamais provou isso. Mas há outra história a respeito dele que ninguém gosta de contar. Diz-se que é tão horrível, que nem mesmo meu pai toca nesse assunto. Tom Hagen sabe a história, mas não me quer contar. Uma vez, brincando, perguntei a ele: — Quando terei idade bastante para ouvir essa história a respeito de Luca? — Ele respondeu: — Quando você tiver cem anos.

Michael sorveu alguns goles do copo de vinho.

— Isso deve ser uma história! Isso deve ser um Luca!

Luca Brasi era na verdade homem para intimidar o próprio diabo no inferno. Baixo, atarracado, cabeçudo, a sua presença emitia alarmantes toques de perigo. O seu rosto estampava uma máscara de fúria. Tinha os olhos castanhos, mas sem nada do calor dessa cor, parecendo mais uma cor morena morta. A boca não era tão cruel quanto sem vida: fina, elástica e descorada.

Sua reputação de violento era pavorosa e a sua devoção a Don Corleone era lendária. Ele era, em pessoa, um dos sustentáculos do poder de Don Corleone. Pertencia a uma espécie rara de homens.

Não temia a polícia, nem a sociedade, nem Deus, nem o inferno, como também não temia nem amava seus semelhantes. Mas resolvera e *escolhera* temer e amar a Don Corleone. Levado à presença de Don Corleone, o terrível Luca Brasi manteve-se em rigorosa atitude de respeito. Gaguejou a respeito das floreadas felicitações que apresentou e externou a esperança formal de que o primeiro neto seria do sexo masculino. Em seguida, entregou a Don Corleone um envelope abarrotado de dinheiro a título de presente para o par de noivos.

Assim, era isso o que ele desejava fazer. Hagen notou a mudança em Don Corleone. Este recebeu Brasi como um rei que saúda um súdito que lhe prestou um enorme serviço, jamais com familiaridade, mas com um respeito real. Por meio de cada gesto, de cada palavra, Don Corleone tornava claro a Luca Brasi que ele *tinha valor*. Nem por um momento, mostrou-se surpreso, pelo fato de lhe ser entregue pessoalmente o presente de casamento. Ele compreendia.

O dinheiro contido no envelope era certamente mais do que qualquer outra pessoa teria dado. Brasi gastara muitas horas decidindo sobre a quantia, comparando-a com o que os outros convidados deveriam oferecer. Ele queria ser o mais generoso para mostrar que era o que tinha mais respeito, e esse era o motivo por que ele entregara o envelope pessoalmente a Don Corleone, uma gafe que este perdoava por meio de sua própria enternecida frase de agradecimento. Hagen viu o rosto de Luca Brasi perder a sua máscara de fúria, pleno de orgulho e prazer.

Brasi beijou a mão de Don Corleone, antes de sair pela porta que Hagen mantinha aberta. Hagen prudentemente apresentou um sorriso amistoso a Brasi a que o homem atarracado correspondeu esticando delicadamente os seus lábios descorados.

Quando a porta se fechou Don Corleone deu um pequeno suspiro de alívio. Brasi era o único homem no mundo que podia fazê-lo ficar nervoso. Ele era como uma força natural e sem autocontrole. Tinha de ser manejado tão cautelosamente como dinamite. Don Corleone deu de ombros. Podia-se explodir inofensivamente até dinamite se surgisse a necessidade. E olhou interrogadoramente para Hagen.

— Bonasera é o único que falta?

Hagen balançou a cabeça afirmativamente. Don Corleone franziu as sobrancelhas pensativamente.

— Antes de trazê-lo — disse depois —, diga a Santino que venha aqui. Ele precisa aprender algumas coisas.

Saindo para o jardim, Hagen começou a procurar ansiosamente Sonny Corleone. Pediu a Bonasera que fosse paciente e esperasse mais um pouco, depois se dirigiu a Michael Corleone e sua pequena.

— Você viu Sonny por aí? — perguntou ele.

Michael balançou a cabeça negativamente. Diacho, pensou Hagen, se Sonny estivesse trepando com a dama de honor esse tempo todo ia haver uma complicação danada. A mulher dele, a família da moça; seria um desastre. Ansiosamente ele se dirigiu apressadamente para a entrada pela qual vira Sonny desaparecer quase meia hora antes.

Vendo Hagen entrar na casa, Kay Adams perguntou a Michael Corleone:

— Quem é aquele? Você o apresentou como seu irmão, mas o nome dele é diferente e ele certamente não parece italiano.

— Tom viveu conosco desde os doze anos de idade — respondeu Michael. — Os pais dele morreram e ele estava vagando pelas ruas com uma horrível inflamação no olho. Sonny o trouxe para casa uma noite e ele aí ficou. Não tinha lugar para onde ir. Viveu conosco até casar.

Kay Adams estava emocionada.

— Isto é realmente romântico — disse ela. — O seu pai deve ser um homem bondoso. Adotar alguém assim, quando já tem tantos filhos dele mesmo!

Michael não se preocupou em explicar que os imigrantes italianos consideravam quatro filhos uma família pequena.

— Tom não foi adotado. Ele apenas vivia conosco — disse simplesmente.

— Oh! — exclamou Kay. — Por que vocês não o adotaram? — perguntou ela com curiosidade.

Michael riu.

— Porque meu pai disse que seria desrespeitoso para Tom mudar o nome dele. Desrespeitoso para os próprios pais dele.

Então viram Hagen empurrar Sonny, através da porta de vidro, para o escritório de Don Corleone e depois chamar com o dedo Amerigo Bonasera.

— Por que eles incomodam o seu pai com negócios num dia como esse? — indagou Kay.

Michael riu novamente.

— Porque eles sabem que por tradição nenhum siciliano pode recusar um pedido no dia do casamento da filha. E nenhum siciliano deixa escapar uma oportunidade como essa.

Lucy Mancini levantou o longo vestido cor-de-rosa para não arrastar no chão e subiu a escada correndo. O rosto carregado de cupido de Sonny Corleone, avermelhado, obsceno e com luxúria de vinho, assustava-a, mas ela o provocara durante a última semana justamente para esse fim. Em dois casos de amor na escola, ela nada sentira e nenhum deles durou mais de uma semana. Ao brigar com seu segundo amor, ele resmungara algo acerca de ser ela "muito larga". Lucy entendera e pelo resto do período escolar recusara sair com qualquer outro rapaz.

Durante o verão, ao participar dos preparativos para o casamento de sua melhor amiga, Connie Corleone, Lucy ouvira as histórias murmuradas a respeito de Sonny. Uma tarde de domingo, na cozinha de Corleone, a esposa de Sonny, Sandra, falou francamente. Sandra era uma mulher rústica, de bom temperamento, que nascera na Itália, mas fora trazida para a América quando ainda muito pequena. Tinha uma compleição robusta, com seios enormes, e já tivera três filhos em cinco anos de casada. Sandra e as outras mulheres atormentavam Connie contando os terrores do leito nupcial.

— Meu Deus, — falava Sandra rindo — quando vi a vara de Sonny pela primeira vez e sabendo que ele ia meter aquilo em *mim*, gritei com medo. Depois do primeiro ano, minhas entranhas estavam tão moles como macarrão que cozinhou durante uma hora. Quando eu soube que ele andava com outras moças, fui à igreja e acendi uma vela.

Todas elas riram, mas Lucy sentira sua carne contorcendo-se entre as pernas.

Agora, à medida em que ela subia a escada em direção a Sonny, um tremendo ardor de desejo percorria-lhe o corpo. No patamar, Sonny agarrou-a e empurrou-a pelo corredor para um quarto vazio. As pernas dela fraquejaram quando a porta se fechou atrás deles. Ela sentiu a boca de Sonny na sua, os lábios dele com gosto de fumo queimado, amargo. Abriu a boca. Nesse momento, ela sentiu a mão dele subindo por baixo do seu vestido, ouviu o ruído de material cedendo, sentiu a mão quente dele entre as suas pernas, rasgando-lhe as calcinhas de cetim para

acariciar-lhe a vulva. Ela passou-lhe os braços em torno do pescoço e pendurou-se aí enquanto ele desabotoava as calças. Depois, ele pôs as duas mãos por baixo das nádegas nuas de Lucy e levantou-a. Ela deu um pequeno salto no ar de forma que as pernas se enroscaram em torno das coxas dele. A língua de Sonny estava na boca da moça e ela chupava-a. Ele deu um impulso selvagem que a fez bater com a cabeça na porta. Ela sentiu qualquer coisa queimando passar-lhe pelas coxas. Deixou cair o braço direito do pescoço dele e o abaixou para guiá-la. Sua mão fechou-se em torno de uma enorme vara comprida feita de músculos e intumescida de sangue. Pulsava em sua mão como um animal e, quase chorando de extase e prazer, ela introduziu-a em sua própria carne túrgida, úmida. O impulso da penetração desse objeto e a sensação incrivel fizeram-na respirar ofegantemente. Alucinada de prazer, Lucy, sem perceber, passara as pernas quase na altura do pescoço de Sonny, e depois, como uma aljava, o seu corpo passou a receber as setas selvagens dos impulsos relampejantes dele: inúmeros, torturantes: arqueando sua pelve cada vez mais profundamente até que pela primeira vez na vida ela atingiu um clímax despedaçante, sentiu a firmeza dele fraquejar e o formigante escorrer de sêmen pelas coxas. Lentamente suas pernas se desprenderam do corpo dele e deslizaram para baixo até alcançar o chão. Eles estavam inclinados um sobre o outro, sem respiração.

Deve ter transcorrido algum tempo, mas agora eles ouviram umas pancadas leves na porta. Sonny abotoou rapidamente as calças, enquanto bloqueava a porta para que não pudessem abri-la. Lucy freneticamente desamarrotou o vestido cor-de-rosa alisando-o com as mãos, os olhos piscando, mas a coisa que lhe dera tanto prazer estava escondida dentro de um pano preto. Tinham ouvido a voz de Hagen.

— Sonny, você está aí? — interrogou ele em tom muito baixo.

Sonny deu um suspiro de alívio. Ele piscou o olho para Lucy.

— Sim, Tom, que é que há?

— Don Corleone quer que você vá ao escritório dele. Agora — explicou Hagen, ainda em tom baixo.

Eles ouviram as pisadas de Hagen afastando-se. Sonny esperou alguns momentos, deu um beijo forte nos lábios de Lucy, e depois saiu sorrateiramente pela porta, indo atrás de Hagen.

Lucy penteou o cabelo. Examinou o vestido e puxou as ligas para cima. O seu corpo sentia-se machucado, os seus lábios carnudos e suculentos. Ela saiu pela porta e, embora sentisse a umidade pegajosa entre as coxas, não foi ao banheiro lavar-se, mas desceu correndo a escada e encaminhou-se para o jardim. Tomou o seu assento na mesa da noiva perto de Connie, que exclamou petulantemente:

— Lucy, onde estava você? Você parece bêbada. Fique ao meu lado, agora.

O noivo louro serviu um copo de vinho a Lucy e sorriu conscientemente. Lucy não se importava. Ergueu o suco vermelho-escuro de uva até a sua boca ressecada e bebeu. Ela sentia a umidade pegajosa entre as pernas. Seu corpo tremia. Por cima da borda do copo, enquanto ela bebia, seus olhos procuravam avidamente Sonny Corleone. Não havia nenhuma outra pessoa que lhe interessasse ver. Maliciosamente, ela sussurrou no ouvido de Connie.

— Algumas horas mais e você saberá tudo a respeito.

Connie deu uma risadinha. Lucy recatadamente cruzou as mãos sobre a mesa, perfidamente triunfante, como se tivesse roubado um tesouro da noiva.

Amerigo Bonasera seguiu Hagen até a sala do canto da casa e encontrou Don Corleone sentado atrás de uma enorme escrivaninha. Sonny Corleone estava postado junto à janela, olhando para o jardim. Pela primeira vez nessa tarde, Don Corleone portava-se friamente. Não abraçou o visitante nem apertou-lhe a mão. O pálido agente funerário devia o seu convite ao fato de que a sua esposa e a esposa de Don Corleone eram amigas íntimas. O próprio Amerigo Bonasera gozava de completa antipatia por parte de Don Corleone.

Bonasera começou o seu pedido de modo indireto e habilidoso.

— O senhor deve desculpar minha filha, a afilhada de sua mulher, por não ter prestado à sua família o respeito de comparecer hoje aqui. Ela ainda está no hospital.

Lançou um olhar para Sonny Corleone e Tom Hagen para indicar que não desejava falar na frente deles. Mas Don Corleone foi impiedoso.

— Todos nós sabemos da infelicidade de sua filha — disse. — Se posso ajudá-la de algum modo, você precisa apenas falar. Minha mulher, afinal de contas, é madrinha dela. Nunca esqueci essa honra.

Isso era como que uma repreensão. O agente funerário jamais chamara Don Corleone de "Padrinho", como mandava o costume.

Bonasera, lívido, perguntou, agora diretamente:

— Posso falar com o senhor a sós?

Don Corleone balançou negativamente a cabeça.

— Confio imensamente nesses dois homens. São meus dois braços direitos. Não posso insultá-los mandando-os embora.

O agente funerário fechou os olhos por um momento e depois começou a falar. A sua voz era serena, a voz que ele usava para consolar os desolados.

— Eduquei minha filha à moda americana. Acredito na América. A América fez a minha fortuna. Dei liberdade à minha filha, contudo lhe ensinei a nunca desonrar sua família. Ela arranjou um "namorado", não-italiano. Foi ao cinema com ele. Ficava na rua até tarde. Ele veio conhecer os pais dela. Aceitei tudo isso sem um protesto, a culpa é minha. Há coisa de dois meses, foi passear de carro com ela. Tinha um amigo em sua companhia. Fizeram-na beber uísque e depois tentaram aproveitar-se dela. Minha filha resistiu. Defendeu sua honra. Eles bateram nela. Como um animal. Quando cheguei ao hospital, ela tinha dois olhos pretos. O nariz quebrado. O queixo arrebentado. Tiveram de costurá-la com fio metálico. Ela chorava através de sua dor. "Meu pai, meu pai, por que fizeram isso? Por que fizeram isso comigo?" E eu chorei.

Bonasera não pôde falar mais, estava chorando agora, embora sua voz não traísse sua emoção.

Don Corleone, como que contra a sua própria vontade, fez um gesto de compaixão, e Bonasera retomou a palavra, a sua voz denotando grande sofrimento.

— Por que chorei? Ela era a luz de minha vida, uma filha carinhosa. Uma garota bonita. Confiava nas pessoas e agora jamais confiará nelas novamente. Jamais será bonita novamente.

Ele tremia, seu rosto pálido apresentava uma horrenda cor vermelho-escuro.

— Fui à polícia como um bom americano. Os dois rapazes foram presos. Foram levados a julgamento. As provas eram esmagadoras e eles confessaram. O juiz condenou-os a três anos de prisão e suspendeu a sentença. Foram soltos nesse mesmo dia. Fiquei no tribunal com cara de idiota e esses patifes riram de mim. Então eu disse à minha mulher: "Devemos ir a Don Corleone para obter justiça".

Don Corleone curvara a cabeça para mostrar respeito pela desgraça do homem. Mas, quando ele falou, as suas palavras denunciavam uma frieza de dignidade ofendida.

— Por que você foi à polícia? Por que não veio a mim no começo desse negócio?

Bonasera murmurou de modo quase inaudível:

— O que quer o senhor de mim? Diga-me o que deseja. Mas faça o que estou pedindo.

Havia alguma coisa quase insolente em suas palavras.

Don Corleone perguntou solenemente:

— E o que é que você quer que eu faça?

Bonasera olhou para Hagen e Sonny Corleone e balançou a cabeça. Don Corleone, ainda sentado na escrivaninha de Hagen, inclinou o corpo na direção do agente funerário. Bonasera hesitou, depois curvou-se e pôs os lábios tão perto da orelha cabeluda de Don Corleone que chegaram a tocá-la. Don Corleo-

ne ouvia como um padre no confissionário, olhando atentamente para longe, impassível, distante. Permaneceram assim por um longo momento até que Bonasera terminou de sussurrar e endireitar o corpo. Don Corleone olhou seriamente para Bonasera. Este, com o rosto enrubescido, olhou por sua vez firmemente para Don Corleone.

— Isso não posso fazer — falou, finalmente, Don Corleone. — Você está querendo ir muito longe.

— Pagarei o que o senhor pedir — disse Bonasera em voz alta e clara.

Ouvindo isso, Hagen recuou, dando uma pancadinha nervosa na cabeça. Sonny Corleone cruzou os braços, sorrindo sarcasticamente à medida em que voltava da janela para observar a cena na sala pela primeira vez.

Don Corleone ergueu-se de trás da escrivaninha. Seu rosto ainda permanecia impassível, mas a sua voz soava como morte fria.

— Nós nos conhecemos há muitos anos, você e eu. — disse êle ao agente funerário — mas até o dia de hoje você nunca tinha vindo a mim pedir conselho ou ajuda. Não me lembro da última vez que você me convidou a tomar um café em sua casa, embora a minha mulher seja madrinha de sua única filha. Vamos ser francos. Você rejeitou minha amizade. Você tinha medo de me dever alguma coisa.

— Eu não queria envolvê-lo em dificuldades — murmurou Bonasera.

Don Corleone levantou a mão.

— Não. Não fale. Você achava a América um paraíso. Você tinha um bom negócio, tinha uma vida boa, pensava que o mundo era um lugar inocente onde você poderia obter o prazer que desejasse. Você nunca se cercou de amigos verdadeiros. Afinal de contas, a polícia o guardava, havia tribunais de justiça, você e os seus não podiam sofrer mal algum. Você não precisava de Don Corleone. Muito bem. Meus sentimentos achavam-se feridos, mas não sou desse tipo de pessoa que força a sua amizade àqueles que não dão valor a ela — àqueles que não me levam muito em conta.

Don Corleone fez uma pausa e apresentou ao agente funerário um riso irônico e cortês.

— Agora, você vem a mim e diz: "Don Corleone, faça justiça". E você não pede com respeito. Não me oferece sua amizade. Você vem a minha casa no dia do casamento de minha filha e me pede para matar, dizendo — aqui a voz de Don Corleone fez uma imitação desdenhosa — "pagarei o que o senhor pedir". Não, não, eu não estou ofendido, mas o que fiz eu para você me tratar de modo tão desrespeitoso?

Bonasera chorou em sua agonia e medo:

— A América era boa para mim. Eu queria ser um bom cidadão. Queria que minha filha fosse americana.

Don Corleone bateu palmas com aprovação decisiva.

— Bem dito. Muito bem. Então você não tem do que se queixar. O juiz decidiu. A América decidiu. Leve flores para sua filha e uma caixa de bombons, quando for visitá-la no hospital. Isso a confortará. Fique contente. Afinal de contas, isso não é uma coisa séria, os rapazes eram jovens, ardorosos, e um deles é filho de um político poderoso. Não, meu caro Amerigo, você sempre foi honesto. Devo admitir, embora você rejeitasse minha amizade, que eu confiaria mais na palavra dada de Amerigo Bonasera do que na de qualquer outro homem. Assim, dê-me a sua palavra de que você porá de lado essa loucura. Não é uma atitude americana. Perdoe. Esqueça. A vida é cheia de infortúnios.

A ironia cruel e desdenhosa com que tudo isso foi dito, a raiva controlada de Don Corleone, reduziram o pobre agente funerário a uma geléia trêmula, mas ele desabafou corajosamente outra vez:

— Peço-lhe justiça.

— O tribunal lhe fez justiça — respondeu Don Corleone laconicamente.

Bonasera balançou a cabeça obstinadamente.

— Não. Eles fizeram justiça aos jovens. Não fizeram justiça a mim.

Don Corleone reconheceu essa fina distinção com um aprovador aceno de cabeça, depois perguntou:

— Qual é sua justiça?

— Olho por olho — respondeu Bonasera.

— Você pede mais do que isso — disse Don Corleone. — Sua filha está viva.

Bonasera afirmou relutantemente:

— Que eles sofram como ela está sofrendo.

Don Corleone esperou que ele dissesse mais alguma coisa.

— Quanto devo pagar ao senhor? — perguntou Bonasera, num último assomo de coragem.

Era um lamento desesperado.

Don Corleone voltou-lhe as costas. Era um sinal de despedida. Bonasera não se moveu.

Finalmente, suspirando, como um homem de bom coração que não pode ficar zangado com um amigo que erra, Don Corleone voltou-se para o agente funerário, que estava agora tão pálido como um de seus cadáveres. Don Corleone foi gentil, paciente.

— Por que você receia dar-me a sua primeira lealdade? — perguntou ele. — Você vai aos tribunais de justiça e espera meses. Gasta dinheiro com advogados que sabem muito bem que lhe

farão de bobo. Aceita o julgamento de um juiz que se vende como a pior prostituta das ruas. Há anos passados, quando você precisava de dinheiro, ia aos bancos e pagava juros exorbitantes, esperava de chapéu na mão como um mendigo, enquanto eles farejavam por aí, metiam o nariz até onde não deviam, para terem certeza de que você poderia pagar a eles.

Don Corleone fez uma pausa, sua voz se tornou mais ríspida.

— Mas se você tivesse vindo a mim, minha bôlsa estaria à sua disposição. Se você tivesse vindo pedir-me justiça, essa escória que desgraçou sua filha estaria hoje chorando lágrimas de amargura. Se por infelicidade um homem honesto como você fizesse inimigos eles se tornariam meus inimigos — Don Corleone levantou o braço, o dedo apontando para Bonasera — e então, acredite em mim, eles teriam medo de você.

Bonasera baixou a cabeça e murmurou com voz abafada:

— Seja meu amigo. Eu aceito.

Don Corleone pôs a mão no ombro do homem.

— Bem, — disse ele — você terá a sua justiça. Algum dia, e esse dia talvez nunca chegue, eu lhe pedirei que me faça um serviço em troca. Até esse dia, considere essa justiça como um presente de minha mulher, a madrinha de sua filha.

Quando a porta se fechou atrás do agente funerário agradecido, Don Corleone voltou-se para Hagen e disse:

— Dê esse trabalho a Clemenza e diga-lhe que tome cuidado para só usar gente de confiança, gente que não se empolgue pelo cheiro de sangue. Afinal de contas, não somos assassinos, pouco importando o que esse servidor de cadáveres possa imaginar em sua cabeça de idiota.

Ele percebeu que o seu filho primogênito estava olhando através da janela para a festa no jardim. Era inútil, Don Corleone pensou. Se recusava a ser instruído, Santino nunca poderia chegar a dirigir os negócios da família, nunca chegaria a ser Don. Teria de encontrar outra pessoa. E imediatamente. Afinal de contas, não era imortal.

Do jardim, surpreendendo os três homens, veio um tremendo grito de felicidade. Sonny Corleone aproximou-se o mais que pôde da janela. O que ele viu fê-lo correr em direção à porta, com um sorriso de satisfação no rosto.

— É Johnny, ele veio para o casamento. Que foi que eu disse?

Hagen foi até a janela.

— É realmente seu afilhado — disse ele a Don Corleone. — Devo trazê-lo aqui?

— Não — respondeu Don. — Deixe o pessoal se divertir com ele. Que ele venha a mim, quando estiver pronto.

Sorriu para Hagen.

— Você vê? Ele é um bom afilhado.

Hagen sentiu uma pontada de ciúme e disse secamente:

— Faz dois anos. Ele provavelmente está em dificuldade de novo e precisa de sua ajuda.

— E a quem deve ele vir senão a seu padrinho? — perguntou Don Corleone.

A primeira pessoa a ver Johnny Fontane entrar no jardim foi Connie Corleone. Ela esqueceu a sua dignidade de noiva e gritou.

— Johneee.

Depois atirou-se em seus braços. Ele abraçou-a apertadamente, beijou-a na boca, conservando seu braço em volta dela, enquanto outros vinham saudá-lo. Todos eram velhos amigos, gente com quem ele havia crescido na Zona Oeste. Então, Connie começou a puxá-lo para junto do seu marido. Johnny achou graça ao ver que o rapaz louro estava um tanto agastado por não ser mais a vedeta do dia. Ele mostrou todo o seu encanto ao apertar a mão do noivo e brindá-lo com um copo de vinho.

— Que tal oferecer-nos uma canção, Johnny? — gritou, do coreto, uma voz conhecida.

Ele olhou para cima e viu Nino Valenti sorrindo para ele. Johnny Fontane subiu no coreto e lançou os braços em torno de Nino. Eles tinham sido inseparáveis, cantando juntos, saindo juntos com garotas, até que Johnny começou a ficar famoso e a cantar no rádio. Quando foi para Hollywood fazer filmes, Johnny telefonou para Nino algumas vezes, apenas para falar com ele, e prometera-lhe marcar uma data para vir cantar no clube. Mas jamais o fez. Vendo Nino agora, com seu sorriso alegre, zombeteiro, de bêbedo, toda a afeição voltou.

Nino começou a dedilhar o bandolim. Johnny Fontane pôs a mão no ombro de Nino.

— Isso é para a noiva — disse ele e, batendo com o pé, entoou as palavras de uma obscena canção de amor siciliana.

Enquanto cantava, Nino fazia movimentos sugestivos com o corpo. A noiva corou orgulhosamente, a multidão de convidados rugiu a sua provação. Antes de a canção terminar, todos estavam batendo com os pés e gritando o estribilho malicioso, de duplo sentido, que terminava cada estrofe. No fim, não pararam de aplaudir, enquanto Johnny não limpou a garganta para cantar outra melodia.

Todos estavam orgulhosos dele. Johnny era um deles e se tornara um cantor famoso, um astro de cinema que dormia com as mulheres mais desejadas do mundo. Contudo, mostrara o devido respeito pelo Padrinho, viajando quase 5.000 quilômetros para comparecer a esse casamento. Ele ainda amava velhos amigos como Nino Valenti. Muitas das pessoas ali presentes haviam visto Johnny e Nino cantar juntos, quando eram meni-

nos, e ninguém sonhava que Johnny Fontane crescesse para ter em suas mãos o coração de cinquenta milhões de mulheres.

Johnny Fontane esticou os braços e alcançou a noiva, levantando-a para o coreto, de forma que Connie ficou entre ele e Nino. Os dois homens se agachavam, um de frente para o outro. Nino tocando o bandolim e tirando uns acordes ásperos. Era um velho costume deles, uma batalha simulada e um galanteio, usando as vozes como espadas, cada um gritando um coro por sua vez. Com a mais delicada cortesia, Johnny deixou a voz de Nino superar a sua, deixou Nino tirar-lhe a noiva do braço, deixou Nino vibrar com a última estrofe vitoriosa enquanto a sua própria voz morria. Todos os convidados soltaram gritos de aplauso; os três se abraçaram mutuamente no fim. Os convidados pediram outra canção.

Só Don Corleone, postado na entrada do canto da casa, sentiu qualquer coisa errada. Entusiasticamente, com um bom humor franco, cauteloso para não ofender os convidados, ele gritou:

— Meu afilhado viajou quase 5.000 quilômetros para nos prestar essa honra e ninguém pensa em molhar sua garganta?

Imediatamente, uma dúzia de cálices de vinho foram postos diante de Johnny Fontane. Ele tomou um gole de todos eles e correu para abraçar o Padrinho. Ao fazer isso, murmurou alguma coisa no ouvido de Don Corleone. Este levou-o para dentro de casa.

Tom Hagen estendeu a mão, quando Johnny entrou na sala. Johnny apertou-a, perguntando:

— Como vai você, Tom?

Sem o seu encanto habitual, que consistia numa autêntica cordialidade para com as pessoas, Hagen sentiu-se um tanto magoado pela sua frieza, mas deu de ombros. Isso era uma das inconveniências por ser o homem de confiança de Don Corleone.

Johnny Fontane disse a Don Corleone:

— Quando recebi o convite de casamento eu disse para mim mesmo: "Meu Padrinho não é mais louco por mim". Eu lhe telefonei cinco vezes depois do meu divórcio e Tom sempre me dizia que você estava fora ou ocupado; assim eu sabia que você estava aborrecido.

Don Corleone estava enchendo os cálices com o líquido da garrafa de *strega*.

— Tudo está esquecido. Agora, posso ainda fazer algo por você? Não será você tão famoso, tão rico, que eu não possa ajudá-lo mais?

Johnny engoliu o líquido amarelo ardente e estendeu o cálice para ser enchido novamente. Ele procurava parecer jovial.

— Não sou rico, Padrinho. Estou em decadência. Você tinha razão. Eu nunca devia ter deixado minha mulher e filhas por

essa vagabunda com quem casei. Não o culpo por ter ficado aborrecido comigo.

Don Corleone deu de ombros.

— Eu me preocupo com você, você é meu afilhado, é só isso.

Johnny andava de um lado para o outro da sala.

— Eu estava louco por essa cadela. A maior estrela de Hollywood. Parece um anjo. E você sabe o que ela faz depois de um filme? Se o maquilador executa um bom trabalho em seu rosto, ela trepa com ele. Se o cinegrafista consegue dar-lhe uma aparência extremamente boa, ela o leva para o camarim e dá uma metida com ele. Todo mundo. Ela usa o corpo como eu uso o dinheiro trocado de meu bolso para dar gorjeta. Uma prostituta feita de encomenda para o diabo.

— Como vai sua família? — interrompeu-o Don Corleone bruscamente.

Johnny suspirou.

— Eu cuido deles. Depois do divórcio, dei a Ginny e às meninas mais do que os tribunais mandaram. Vou vê-las uma vez por semana. Sinto falta delas. Às vezes, penso que estou ficando louco.

Ele tomou outro cálice de bebida.

— Agora minha segunda mulher ri de mim. Não pode entender que eu tenha ciúme. Chama-me de carcamano antiquado, faz pouco do meu canto. Antes de partir, dei-lhe uma boa surra, mas não lhe bati no rosto porque ela estava fazendo um filme. Dei-lhe uma "gravata", bati-lhe nos braços e nas pernas como numa criança, e ela continuou a rir de mim.

Acendeu um cigarro.

— Assim, Padrinho, agora mesmo, a vida parece que não merece ser vivida.

— Essas dificuldades — respondeu Don Corleone simplesmente — são das que eu nada posso fazer para ajudá-lo.

Fez uma pausa, depois perguntou:

— Que há com sua voz?

Todo o encanto aparentemente confiante, a simulação, desapareceu do rosto de Johnny Fontane. Ele disse quase balbuciando:

— Padrinho, não posso mais cantar, aconteceu algo na minha garganta, e os doutores não sabem o que é.

Hagen e Don Corleone olharam para ele com surpresa. Johnny sempre fora tão duro. Fontane prosseguiu:

— Meus dois filmes deram muito dinheiro. Eu era um grande astro. Agora me jogaram fora. O chefe de estúdio sempre odiou minha firmeza de caráter e agora está se vingando.

Don Corleone postou-se diante do afilhado e perguntou asperamente:

— Por que esse homem não gosta de você?

— Eu costumava cantar essas canções para as organizações liberais, você sabe, e tudo aquilo que você sempre detestou que eu fizesse. Bem, Jack Woltz tampouco gostava disso. Ele me chamou de comunista, mas não pôde fazer prevalecer essa sua opinião. Então, apanhei uma garota que ele reservara para ele. Passei apenas uma noite com ela e foi ela quem me perseguiu. Que diabo podia eu fazer? Então, a prostituta da minha segunda mulher expulsou-me de casa. E Ginny e as meninas não me querem aceitar de volta a não ser que eu venha rastejando sobre os pés e as mãos, e não posso mais cantar. Padrinho, que diabo posso fazer?

O rosto de Don Corleone tornou-se frio sem qualquer sinal de comiseração.

— Você pode começar a proceder como homem — disse com desdém.

De repente, a raiva congestionou-lhe o rosto, e gritou:

— COMO HOMEM!

Ele, por cima da escrivaninha, agarrou Johnny Fontane pelo cabelo num gesto selvagemente carinhoso.

— Por Deus do Céu, será possível que você passasse tanto tempo na *minha* presença, sem poder se mostrar melhor do que isso? Um *finocchio* de Hollywood que chora e implora piedade? Que se lamenta como uma mulher: "Que é que vou fazer? Ai, que é que vou fazer?".

A imitação de Don Corleone foi tão extraordinária, tão inesperada, que Hagen e Johnny caíram numa inesperada gargalhada. Don Corleone ficou satisfeito. Por um momento, ele refletiu sobre quanto amava esse afilhado. Como os seus próprios três filhos reagiriam a tal espinafração? Santino ficaria amuado e se comportaria pessimamente durante semanas, a partir de então. Fredo ficaria acovardado. Michael reagiria apresentando-lhe um riso frio e saindo de casa, para não ser visto durante meses. Mas Johnny, ali (que bom sujeito ele era!), rindo agora, reunindo força, sabendo já o verdadeiro propósito do Padrinho.

— Você — prosseguiu Corleone — tomou a mulher do seu chefe, um homem mais poderoso do que você, depois reclama que ele não quer ajudá-lo. Que absurdo! Você deixou a família, deixou as filhas sem pai, para casar com uma prostituta, e chora porque elas não querem recebê-lo de volta de braços abertos. A prostituta, você não lhe bateu no rosto, porque está fazendo um filme, depois você fica admirado porque ri de você. Você viveu como um bobo e chegou ao fim como um bobo.

Fez uma pausa e perguntou com voz paciente:

— Você quer aceitar meu conselho desta vez?

Johnny Fontane deu de ombros.

— Não posso casar novamente com Ginny, não da maneira que ela quer. Tenho de jogar, tenho de beber, tenho de sair

com os meninos. Mulheres bonitas me perseguiam e eu nunca pude resistir a elas. Depois eu me sentia como um canalha quando voltava para Ginny. Jesus, não posso voltar a toda essa coisa inútil.

Era raro Don Corleone mostrar-se exasperado.

— Eu não lhe falei para casar novamente. Faça o que você quiser. É bom que você deseje ser pai de suas filhas. O homem que não é pai de suas filhas nunca pode ser um homem verdadeiro. Então, você pode fazer com que a mãe delas o aceite novamente. Quem disse que você não pode vê-las todo dia? Quem disse que você não pode viver na mesma casa? Quem disse que você não pode viver sua vida exatamente como deseja?

Johnny Fontane deu uma gargalhada.

— Padrinho, nem todas as mulheres são como as antigas mulheres italianas. Ginny não topará isso.

Agora Don Corleone estava zombeteiro.

— Porque você procedeu como um *finocchio*. Você deu a ela *mais* do que o tribunal mandou. Você não bateu na cara da outra porque ela estava fazendo um filme. Você deixa as mulheres imporem as suas condições e elas não são competentes neste mundo, embora certamente elas sejam santas no céu, enquanto nós homens sejamos queimados no inferno. Além disso, eu o observei durante todos esses anos.

A voz de Don Corleone tornou-se grave.

— Você sempre foi um bom afilhado, sempre me respeitou muito. Mas onde estão os seus outros velhos amigos? Num ano você anda com uma pessoa, no outro ano com outra. Aquele rapaz italiano que era tão engraçado no cinema teve má sorte. Você nunca mais o viu, porque você era mais famoso. E onde está o seu velho companheiro que freqüentou a escola com você, que era seu parceiro de canto? Nino. Ele bebe demais por frustração, mas nunca reclama. Trabalha duro dirigindo o caminhão de cascalho e canta nos fins de semana para ganhar alguns trocados. Nunca diz nada contra você. Você não podia ajudá-lo um pouco? Por que não? Ele canta bem.

Johnny Fontane disse com um enfado paciente:

— Padrinho, êle não tem talento suficiente. Ele é bom, mas não é excepcional.

Don Corleone cerrou as pálpebras até quase fechar os olhos e disse:

— E você, meu afilhado, você agora não tem talento suficiente. Quer que eu lhe arranje um emprego no caminhão de cascalho com Nino?

Como Johnny não respondesse, Don Corleone prosseguiu:

— A amizade é tudo. A amizade é mais do que talento. É mais do que Governo. É quase igual à família. Jamais se esqueça disso. Se você tivesse levantado um muro de amizades, não teria

de me pedir ajuda. Agora me diga, por que você não pode cantar? Você cantou bem no jardim. Tão bem quanto Nino.

Hagen e Johnny sorriram desse estímulo delicado. Era a vez de Johnny ser condescendente e paciente.

— Minha voz está fraca. Eu canto uma ou duas canções e depois não posso mais cantar por horas ou dias. Não posso fazê-lo durante os ensaios ou retomadas de cenas. Minha voz está fraca, apanhou alguma doença.

— Assim, você tem algum problema de mulher. Sua voz está fraca. Agora me diga que dificuldade você tem com esse *pezzonovante* de Hollywood que não quer deixar você trabalhar.

Don Corleone estava entrando agora diretamente no assunto.

— Ele é maior do que qualquer dos seus *pezzonovantes* — disse Johnny. — Ele é o dono do estúdio. Aconselha o presidente sobre a propaganda de cinema para a guerra. Exatamente há um mês, ele comprou os direitos cinematográficos da maior novela do ano. Um livro de grande sucesso. E o personagem principal é um sujeito precisamente como eu. Eu nem teria de representar, bastava ser eu mesmo. Nem teria de cantar. Poderia até ganhar o prêmio da Academia. Todos sabem que o papel serve perfeitamente para mim e que eu seria grande novamente, como ator. Mas esse canalha do Jack Woltz está se vingando de mim, não vai dar-me esse papel. Ofereci-me para fazê-lo de graça, por um preço mínimo, e teima em negá-lo. Mandou dizer que, se eu fosse puxar-lhe o saco no escritório do estúdio, talvez ele pensasse no assunto.

Don Corleone repeliu essa tolice emocional com um aceno de mão. Entre homens de bom senso, problemas de negócios sempre podem ser resolvidos. Ele deu umas pancadinhas no ombro do afilhado.

— Você está desanimado. Ninguém se importa com você, é o que você pensa. E perdeu muito peso. Você bebe muito, hem? Você não dorme e toma pílulas?

Ele balançou a cabeça desaprovando.

— Agora quero que você siga as minhas ordens — disse Don Corleone. — Quero que fique na minha casa durante um mês. Quero que coma bem, descanse e durma. Quero que você seja meu companheiro. Gosto da sua companhia, e talvez você possa aprender algo a respeito do mundo com seu Padrinho. É bem possível que lhe sirva de ajuda até na grande Hollywood. Mas nada de cantoria, de bebedeira nem de mulheres. No fim do mês, você pode voltar para Hollywood e esse *pezzonovante*, esse figurão lhe dará o trabalho que você quer. Feito?

Johnny Fontane não acreditava absolutamente que Don Corleone tivesse tamanho poder. Mas esse Padrinho jamais dissera que tal ou qual coisa podia ser feita sem que a fizesse.

— Esse sujeito é amigo pessoal de J. Edgar Hoover —

disse Johnny. — Não se pode nem levantar a voz, quando se fala com ele.

— Ele é um negociante — respondeu Don Corleone brandamente. — Eu lhe farei uma oferta que ele não poderá recusar.

— É muito tarde — disse Johnny. — Todos os contratos foram assinados e vão começar a filmagem daqui a uma semana. É absolutamente impossível.

— Vá — ordenou Don Corleone —, volte para a festa. Seus amigos esperam você. Deixe tudo por minha conta.

Ele empurrou Johnny Fontane para fora da sala.

Hagen sentou-se atrás da escrivaninha e tomou algumas notas. Don Corleone deu um suspiro e perguntou:

— Há alguma coisa mais?

— Sollozzo não pode mais ser preterido. Você terá de vê-lo esta semana.

Hagen segurava a pena sobre a folhinha.

Don Corleone deu de ombros.

— Agora que o casamento terminou, você pode marcar para quando quiser.

Esta resposta dizia duas coisas a Hagen. Mais importante, que a resposta a Virgil Sollozzo seria não. A segunda, que Don Corleone desde que não dera a resposta antes do casamento da filha, esperava que o seu *não* trouxesse complicação.

— Devo dizer a Clemenza para fazer alguns homens virem morar aqui na casa? — perguntou Hagen cautelosamente.

— Para quê? — retrucou Don Corleone impaciente. — Não respondi antes do casamento, porque um dia importante como esse não podia ser perturbado por qualquer nuvem, nem mesmo a distância. Eu também queria saber antecipadamente sobre o que ele desejava falar. Agora sabemos. O que ele vai propor é uma *infamita.*

— Então, você vai recusar? — perguntou Hagen.

Como ele confirmasse com a cabeça, Hagen prosseguiu:

— Penso que todos nós devemos discutir isso — a Família inteira — antes de você dar a resposta.

Don Corleone sorriu.

— Você pensa assim? Ótimo, vamos discutir o assunto. Quando você voltar da Califórnia. Quero que você tome o avião para lá amanhã e resolva êsse negócio de Johnny. Veja esse *pezzonovante* do cinema. Diga a Sollozzo que vou vê-lo, quando você voltar de lá. Alguma coisa mais?

— Telefonaram do hospital — respondeu Hagen formalmente. O *consigliori* Abbandando está morrendo, ele não passará desta noite. A família foi chamada ao hospital e convidada a esperar o desenlace.

Hagen ocupara o lugar do *consigliori* durante o último ano, desde que o câncer aprisionara Genco Abbandando em seu leito

do hospital. Agora, Hagen esperava que Don Corleone dissesse que o lugar era definitivamente dele. As probabilidades eram contra. Uma posição tão alta, por tradição, só podia ser para um descendente de pais italianos. Já havia alguma complicação em virtude de ele exercer tais funções interinamente. Outrossim, tinha apenas 35 anos de idade, não sendo aparentemente bastante idoso para ter adquirido a experiência e habilidade necessárias a um *consigliori* eficiente.

Mas Don Corleone não lhe deu qualquer estímulo.

— Quando é que a minha filha parte com o noivo? — interrompeu a seguir.

Hagen olhou o seu relógio de pulso.

— Dentro de alguns minutos cortarão o bolo e então, meia hora depois, partirão.

Isso lembrava-lhe algo mais.

— Esse seu novo genro. Vamos dar-lhe algo importante, dentro da Família?

Hagen ficou surpreso com a veemência da resposta de Don Corleone:

— Nunca!

Exclamou batendo na escrivaninha com a palma da mão.

— Nunca! Dê-lhe algo para ganhar a vida, uma boa vida, mas nunca deixe que saiba dos negócios da Família. Diga aos outros, Sonny, Fredo, Clemenza.

Fez uma pausa e continuou.

— Informe a meus filhos, aos três, que eles me acompanharão até o hospital para ver o pobre Genco. Quero que lhe prestem a última homenagem. Diga a Freddie para apanhar o carro grande e pergunte a Johnny se ele quer vir conosco, como um favor especial para mim.

Percebeu que Hagen o fitava interrogativamente.

— Quero que você vá à Califórnia hoje à noite. Você não terá tempo de ver Genco. Mas não parta antes de eu voltar do hospital e falar com você. Entendido?

— Entendido — respondeu Hagen. — A que horas Fred deve ter o carro pronto?

— Depois que os convidados partirem — retrucou Don Corleone. — Genco esperará por mim.

— O senador telefonou — informou Hagen —, pedindo desculpas por não ter vindo pessoalmente, e disse que você compreenderia. Provavelmente quis referir-se a esses agentes do FBI que, de outro lado da rua, tomavam nota dos números dos carros. Contudo, mandou o seu presente por um mensageiro especial.

Don Corleone acenou com a cabeça. Não achou necessário mencionar que ele mesmo avisara o senador para não vir.

— Ele mandou um presente bonito?

Hagen teve uma expressão italiana que ficou muito esquisita nas suas feições teuto-irlandesas.

— Prata antiga, muito valiosa. Os meninos podem vendê-la por uns mil dólares, no mínimo. O senador perdeu um tempão para encontrar exatamente a coisa certa. Para essa gente, isso é mais importante do que o preço.

Don Corleone não escondia o prazer de que um homem tão importante como o senador tivesse mostrado tal respeito por ele. O senador, como Luca Brasi, era uma das peças fundamentais da estrutura de poder de Don Corleone, e, com seu presente, tinha reafirmado sua lealdade.

Quando Johnny Fontane apareceu no jardim, Kay Adams reconheceu-o imediatamente. Ficou verdadeiramente surpresa.

— Você nunca me disse que a sua família conhecia Johnny Fontane — disse ela. — Agora, tenho certeza de que vou casar com você.

— Quer falar com ele? — indagou Michael.

— Agora não — respondeu Kay suspirando.

— Estive apaixonada por Johnny durante três anos. Eu costumava vir a Nova York toda vez que ele cantava no Capitólio, e gritava até não poder mais. Achava-o maravilhoso.

— Vamos falar com êle mais tarde — disse Michael.

Quando Johnny acabou de cantar e desapareceu dentro da casa com Don Corleone, Kay disse maliciosamente a Michael:

— Não me diga que um artista de cinema tão famoso como Johnny Fontane precisa pedir favor a seu pai.

— Ele é afilhado de meu pai — respondeu Michael. — E se não fosse meu pai, ele não seria um astro de cinema hoje.

Kay Adams deu uma gargalhada.

— Isso parece outra grande história sua.

Michael balançou a cabeça negativamente.

— Não posso contar esta — disse ele.

— Conte-me — pediu ela.

Então Michael contou. Contou-lhe sem ser engraçado, sem orgulho, sem qualquer explicação, senão a de que há oito anos passados, Don Corleone era mais impetuoso, e, como a questão dizia respeito a seu afilhado, ele considerava isso um caso de honra pessoal.

A história foi narrada rapidamente. Há oito anos passados, Johnny Fontane fizera um sucesso extraordinário cantando com uma banda popular. Tornou-se uma grande atração radiofônica. Infelizmente, o diretor da banda, uma personalidade bem conhecida do mundo das diversões, chamado Les Halley, fizera Johnny assinar um contrato de cinco anos. Isso era hábito no meio artístico. Les Halley podia então emprestar Johnny a quem quisesse e ficar com a maior parte do dinheiro.

Don Corleone entrou nas negociações pessoalmente. Ofereceu a Les Halley vinte mil dólares para liberar Johnny Fontane do contrato. Halley propôs uma realidade de 50% dos ganhos de

Johnny. Don Corleone achou graça. Baixou a oferta de vinte mil dólares para dez mil dólares. O diretor da banda, um homem que não conhecia nada mais além do meio artístico, não compreendeu absolutamente a importância da oferta mais baixa, e a recusou.

No dia seguinte, Don Corleone foi ver pessoalmente o diretor da banda. Levou consigo seus dois melhores amigos: Genco Abbandando, que era seu *consigliori*, e Luca Brasi. Sem outras testemunhas, Don Corleone persuadiu Les Halley a assinar um documento, cedendo todos os direitos sobre Johnny Fontane, pelo pagamento de um cheque visado na importância de dez mil dólares. Don Corleone fez isso encostando uma pistola na testa do diretor da banda e assegurando-lhe com a maior seriedade que ou sua assinatura ou seus miolos estariam nesse documento exatamente num minuto. Les Halley assinou. Don Corleone meteu a pistola no bolso e entregou-lhe o cheque visado.

O resto era história. Johnny Fontane continuou a subir até tornar-se o cantor mais sensacional do país. Fez filmes musicais em Hollywood que trouxeram uma fortuna para o seu estúdio. Seus discos faturavam milhões de dólares. Então, ele se divorciou de sua mulher, que fora sua namorada desde a infância, e abandonou as duas filhas, para casar com a estrela loura mais espetacular do cinema. Ele logo ficou sabendo que ela era uma "prostituta". Ele bebia, jogava, procurava outras mulheres. Perdeu a voz, e não podia mais cantar. Pararam de vender os seus discos. O estúdio não lhe renovou o contrato. E assim, agora voltou para o seu Padrinho.

— Você tem certeza — falou Kay refletindo — de que não está com ciúme de seu pai? Tudo o que você me contou sobre ele mostra-o fazendo algo por outras pessoas. Ele deve ter um bom coração.

Ele deu um sorriso amarelo.

— Na realidade, os seus métodos não são exatamente constitucionais.

Michael deu um suspiro.

— Acho que a coisa parece assim, mas deixe-me dizer-lhe isso. Você já ouviu falar naqueles exploradores árticos que deixam depósitos secretos de comida espalhados na rota do Pólo Norte? Justamente para o caso de que possam necessitar deles algum dia? Isso é o que representam os favores do meu pai. Algum dia ele estará em cada uma das casas dessas pessoas e será melhor que elas venham ao encontro dele.

Era quase crepúsculo, quando o bolo de casamento foi apresentado, aplaudido e comido. Especialmente feito por Nazorine, estava tão habilidosamente enfeitado com conchas de creme, tão delicioso, que a noiva avidamente as arrancou do corpo do

bolo, antes de escapar para a lua-de-mel com o seu noivo louro. Don Corleone delicadamente apressou a partida dos convidados, notando, entrementes, que o *sedan* preto com os agentes do FBI não estava mais à vista.

Finalmente, o único carro que se encontrava na pista era o enorme *Cadillac* preto, com Freddie ao volante. Don Corleone acomodou-se no assento da frente, movendo-se com rápida coordenação para sua idade e volume. Sonny, Michael e Johnny Fontane acomodaram-se no assento de trás. Don Corleone falou para Michael:

— Sua namorada voltará para a cidade sozinha, sem problemas?

Michael confirmou com a cabeça.

— Tom disse que se encarregará disso.

Don Corleone balançou a cabeça com satisfação, ante a eficiência de Hagen.

Devido ao racionamento de gasolina ainda em vigor, havia pouco tráfego na estrada para Manhattan. Em menos de uma hora, o *Cadillac* passava pela rua do Hospital Francês. Durante a viagem, Don Corleone perguntou ao filho mais novo se ele ia bem na escola. Michael disse que sim.

— Johnny disse que você está acertando os negócios dele em Hollywood — falou Sonny do banco traseiro, logo em seguida. — Você quer que eu vá lá para ajudar a resolver a situação?

Don Corleone foi incisivo.

— Tom vai lá hoje à noite. Não precisará de nenhuma ajuda, é um caso simples.

Sonny Corleone deu uma gargalhada.

— Johnny pensa que você não pode resolver a coisa, por isso, achei que você podia querer que eu fosse lá.

Don Corleone virou a cabeça para trás.

— Por que você duvida de mim? — perguntou ele a Johnny Fontane. — Seu Padrinho não cumpriu sempre o que prometeu? Alguma vez me fizeram de bobo?

— Padrinho, apressou-se Johnny em desculpar-se — o homem que dirige aquele negócio é um verdadeiro *pezzonovante* de alto gabarito. Você não pode fazê-lo mudar de opinião, nem mesmo com dinheiro. Ele é muito bem relacionado. E me odeia. Na verdade não sei como você pode alterar isso.

Don Corleone respondeu com deleite carinhoso.

— Eu garanto que você terá o papel.

— Não vamos decepcionar meu afilhado, hem, Michael? — disse cutucando Michael com o cotovelo.

Michael, que nunca duvidou do pai em momento algum, balançou a cabeça.

Quando se dirigiam para a entrada do hospital, Don Corleone segurou o braço de Michael, de forma que os outros passassem à frente.

— Quando você acabar seu curso, venha falar comigo — falou Don Corleone. — Tenho alguns planos que lhe agradarão.

Michael nada respondeu. Então, o pai grunhiu exasperado:

— Sei como você é. Não lhe pedirei para fazer nada que não aprove. Isso é algo especial. Siga o seu caminho agora, você é um homem, afinal. Mas me procure, como deve fazer um filho, quando você terminar os seus estudos na escola.

A família de Genco Abbandando, a mulher e três filhas vestidas de preto, estava reunida como um bando de corvos roliços no chão de ladrilhos brancos do corredor do hospital. Quando as mulheres viram Don Corleone sair do elevador, pareciam ter levantado vôo dos ladrilhos brancos, num impulso instintivo em direção a ele, a fim de obter proteção. A mãe parecia nobremente resoluta no seu vestido preto, as filhas gordas e despretensiosas. A Sra. Abbandando beliscou a bochecha de Don Corleone, soluçando e lamentando:

— Oh, como o senhor é bom em vir aqui, no dia do casamento de sua filha!

Don Corleone refugou esses agradecimentos.

— Não devo respeito a tal amigo, um amigo que foi meu braço direito durante vinte anos?

Ele entendera logo que aquela que dentro em pouco seria viúva não compreendeu que o marido morreria naquela noite. Genco Abbandando estava nesse hospital há quase um ano, morrendo de câncer, e a mulher passara a considerar a sua fatal doença quase como parte normal da vida. Esta noite era apenas outra crise. Ela voltou a falar.

— Entre para ver meu pobre marido, — disse ela — ele perguntou pelo senhor. Pobre homem, ele queria ir ao casamento para prestar sua homenagem, mas o médico não permitiu. Então, ele disse que o senhor viria vê-lo neste grande dia, mas não acreditei que isso fosse possível. Os homens compreendem a amizade mais do que as mulheres. Entre, o senhor o fará feliz.

Uma enfermeira e um médico saíram do quarto particular de Genco Abbandando. O médico era um homem moço, de rosto sério e com o ar de quem nascera para mandar, isto é, o ar de quem tem o rei na barriga. Uma das filhas perguntou timidamente:

— Dr. Kennedy, podemos vê-lo agora?

O Dr. Kennedy olhou exasperado para aquela porção de gente. Essa gente não sabia que o homem lá dentro estava morrendo cheio de dores? Seria muito melhor que o deixassem morrer em paz.

— Penso que somente os parentes próximos — disse ele com uma voz esquisita e delicada.

Ficou surpreso, quando a mulher e as filhas se voltaram

para o homem baixo, pesadão, vestido num *smoking* adaptado, como que para ouvir sua decisão.

O homem pesadão falou com um ligeiro vestígio de sotaque italiano em sua voz:

— Meu caro doutor, — perguntou Don Corleone — é verdade que ele está morrendo?

— Sim — respondeu o Dr. Kennedy.

— Então, não há nada mais que o senhor possa fazer — disse Don Corleone. — Aceitaremos a realidade. Nós o confortaremos. Fecharemos os olhos dele. Enterrá-lo-emos e choraremos no seu funeral, e depois cuidaremos de sua mulher e filhas.

Ouvindo essas coisas, ditas de maneira tão rude, forçando-a a entender, a Sra. Abbandando começou a chorar.

O Dr. Kennedy deu de ombros. Era impossível explicar a situação a esses camponeses. Ao mesmo tempo, ele reconhecia a justiça cruel nas observações do homem. Sua missão estava terminando. Ainda com voz delicada, disse ele:

— Por favor, esperem que a enfermeira permita que vocês entrem, ela ainda tem algumas coisas a fazer com o paciente.

Afastou-se deles, caminhando ao longo do corredor, com o seu paletó branco abanando.

A enfermeira voltou a entrar no quarto, enquanto esperavam. Finalmente, saiu outra vez, segurando a porta para que entrassem, murmurando:

— Ele está delirando com a dor e a febre; procurem não excitá-lo. Só podem ficar alguns minutos, exceto a mulher dele.

Reconheceu Johnny Fontane, quando passou por ela, e os seus olhos se abriram de espanto. Johnny sorriu-lhe em sinal de agradecimento, e a enfermeira o fitou com um convite franco. Ele a arquivou para outra oportunidade. Depois, seguiu os outros e entrou no quarto do doente.

Genco Abbandando tinha lutado muito com a morte, e agora, vencido, jazia exausto no leito. Achava-se reduzido a um simples esqueleto, e o que fora outrora vigoroso cabelo preto se transformara em feixes de fios.

— Genco, caro amigo, — falou Don Corleone com animação — eu trouxe meus filhos para lhe apresentarem os seus respeitos e, veja, até Johnny veio especialmente de Hollywood.

O moribundo ergueu os olhos febris agradecidos para Don Corleone. Deixou os rapazes apertarem sua mão óssea nas mãos carnudas deles. A mulher e as filhas enfileiraram-se ao longo da cama, beijando-lhe a face, pegando-lhe por sua vez na outra mão.

Don Corleone apertou a mão do velho amigo e disse para confortá-lo:

— Fique melhor depressa e faremos juntos uma viagem à Itália, à nossa velha aldeia. Jogaremos *boccie* em frente da taberna como os nossos pais costumavam fazer antes de nós.

O moribundo balançou a cabeça. Afastou os rapazes e a família da beira da cama; com a outra mão óssea pendurou-se firmemente em Don Corleone. Tentou falar. Don Corleone baixou a cabeça e sentou-se na cadeira ao lado da cama. Genco Abbandando estava balbuciando algo a respeito da infância deles. Então, seus olhos pretos como carvão apresentaram um ar zombeteiro, e sussurrou. Don Corleone inclinou-se mais. Os presentes àquela cena ficaram espantados ao verem as lágrimas correrem pelas faces de Don Corleone, enquanto ele balançava a cabeça. A voz trêmula se tornou mais alta, enchendo o quarto. Com um esforço torturante, sobre-humano, Abbandando levantou a cabeça do travesseiro, sem enxergar nada, e apontou o dedo indicador esquelético para Don Corleone.

— Padrinho, Padrinho, — gritou cegamente — salve-me da morte, eu lhe suplico! Minha carne está queimando meus ossos, e sinto os vermes comerem meus miolos. Padrinho, cure-me, você tem poder para isso, enxugue as lágrimas de minha pobre mulher! Brincamos juntos na aldeia, quando crianças, e agora você deixará que eu morra, quando tenho medo do inferno por causa dos meus pecados?

Don Corleone manteve-se calado.

— É o dia do casamento de sua filha, — prosseguiu o moribundo — você não pode recusar-me isso.

Don Corleone falou então de modo sereno e grave, a fim de responder àquele delírio blasfemo.

— Meu velho amigo, — disse ele — eu não tenho tais poderes. Se eu os tivesse seria mais misericordioso do que Deus, creia-me. Mas não tenha medo da morte e não tenha medo do inferno. Eu farei rezar uma missa por sua alma todas as noites e todas as manhãs. A sua mulher e as suas filhas rezarão por você. Como pode Deus punir você com tantos apelos de misericórdia?

O rosto esquelético assumiu uma expressão manhosa, quase obscena.

— Está tudo arranjado, então? — interrogou o doente com astúcia.

Quando Don Corleone respondeu, a sua voz parecia fria, sem conforto.

— Você está blasfemando. Conforme-se.

Abbandando voltou a cair no travesseiro. Os seus olhos perderam o brilho selvagem da esperança. A enfermeira tornou a entrar no quarto e começou a enxotá-los de modo bem grosseiro. Don Corleone levantou-se, mas Abbandando estendeu a mão.

— Padrinho — pediu ele — fique aqui comigo e me ajude na hora da morte. Talvez se Ele vir você perto de mim ficará com medo e me deixará em paz. Ou talvez você possa dizer alguma coisa, puxar alguns cordéis, hem?

O moribundo piscou os olhos como se estivesse zombando de Don Corleone, agora de fato não falando tão sério:

— Vocês são irmãos de sangue, afinal de contas.

Depois, como que temendo que Don Corleone se sentisse ofendido agarrou-lhe a mão.

— Fique comigo, deixe-me segurar a sua mão. Enganaremos esse patife, como enganamos outros. Padrinho, não me traia.

Don Corleone fez sinal para que as outras pessoas saíssem do quarto. Elas saíram. Ele tomou a mão completamente murcha de Genco Abbandando em suas próprias mãos largas. Suavemente, tranqüilizadoramente, confortava o amigo, enquanto esperavam juntos a morte. Como se Don Corleone pudesse realmente arrebatar a vida de Genco Abbandando do mais vil e criminoso traidor do homem.

O dia do casamento de Connie Corleone terminou bem para ela. Carlo Rizzi cumpriu os seus deveres de noivo com eficiência e vigor, estimulado pelo conteúdo da bolsa presenteada à noiva que totalizou acima de vinte mil dólares. A noiva, contudo, entregou a sua virgindade com muito mais espontaneidade do que a bolsa de dinheiro. Para conseguir esta última, ele teve de socar um dos olhos dela.

Lucy Mancini esperou em casa por um telefonema de Sonny Corleone, certa de que ele marcaria um encontro com ela. Finalmente, ela telefonou para a casa dele e, quando ouviu uma voz de mulher atender o telefone, desligou. Não tinha meios de saber que quase todo mundo no casamento notara a sua ausência e de Sonny, durante aquela meia hora fatal, e já se fuxicava abertamente que Santino Corleone tinha feito outra vítima. Que ele tinha "feito o serviço" na dama de honor de sua própria irmã.

Amerigo Bonasera teve um pesadelo horrível. Em seu sonho êle viu Don Corleone, com um gorro pontudo, macacão e luvas grossas, descarregando cadáveres crivados de balas em frente de sua agência funerária, gritando:

— Lembre-se, Amerigo, não diga uma palavra a ninguém, e enterre-os rapidamente.

Ele gemeu tão alto e longamente no sonho, que sua mulher o sacudiu para acordá-lo.

— Eh, que homem você é — resmungou ela. — Ter um pesadelo logo depois de um casamento.

Kay Adams foi acompanhada até o seu hotel de Nova York por Paulie Gatto e Clemenza. O carro era grande, luxuoso e dirigido por Gatto. Clemenza vinha no assento traseiro e Kay acomodou-se no assento dianteiro perto do motorista. Ela achou os dois homens muito exóticos. O linguajar deles era tipicamente o da Brooklyn do cinema, e eles a tratavam com uma cortesia

exagerada. Durante a viagem, Kay conversou casualmente com os dois homens e ficou surpresa quando os ouviu falar de Michael com evidente carinho e respeito. Ele a havia levado a acreditar que era um estranho no mundo do pai. Agora Clemenza garantia-lhe com sua voz ofegantemente gutural que o "velho" considerava Mike como o melhor de seus filhos, aquele que certamente herdaria o negócio da família.

— Que negócio é esse? — perguntou Kay com o ar mais natural.

Paulie Gatto lançou-lhe um olhar rápido, enquanto girava o volante. Atrás dela, Clemenza falou denotando surpresa na voz:

— Mike não lhe contou! O Sr. Corleone é o maior importador de azeite italiano nos Estados Unidos. Agora que a guerra terminou, o negócio pode ser uma verdadeira mina. O pai vai precisar de um rapaz esperto como Mike.

No hotel, Clemenza insistiu em ir até a portaria com ela. Quando ela protestou, ele disse simplesmente:

— O chefe mandou que eu tivesse certeza de que você chegasse bem em casa. Tenho de cumprir a ordem.

Depois que ela recebeu a chave do quarto, acompanhou-a até o elevador e esperou que ela entrasse. Ela acenou para ele, sorrindo, e ficou surpresa com o autêntico sorriso de prazer que ele lhe retribuiu. Foi bom que ela não o visse dirigir-se novamente ao porteiro do hotel e perguntar:

— Com que nome ela se registrou?

O porteiro olhou para Clemenza friamente. Este rolou a bolinha verde que segurava na mão na direção do porteiro, que a apanhou e respondeu imediatamente:

— Sr. e Sra. Michael Corleone.

De volta ao carro, Paulie Gatto disse:

— Mulher distinta!

— Mike está fazendo o serviço nela — resmungou Clemenza.

A não ser, pensou ele, que os dois fossem realmente casados.

— Apanhe-me amanhã cedo — disse ele a Paulie Gatto. — Hagen tem um trabalho para nós, que precisa ser feito imediatamente.

Já era tarde da noite de domingo, quando Hagen deu um beijo de despedida na mulher e dirigiu-se para o aeroporto. Com a prioridade especial número um (um presente de agradecimento de um general do estado-maior do Pentágono), ele não teve dificuldade alguma para conseguir passagem de avião para Los Angeles.

Tinha sido um dia ocupado, mas de satisfação, para Tom Hagen. Genco Abbandando tinha morrido às três horas da madrugada e, quando Don Corleone voltou do hospital, informou a

Hagen que ele agora era oficialmente o novo *consigliori* da Família. Isso significa que Hagen tinha certeza de que se tornaria um homem muito rico, sem falar no poder.

Don Corleone quebrara uma tradição mantida há muito tempo. O *consigliori* era sempre um siciliano de puro sangue, e o fato de que Hagen tinha sido criado como um membro da família de Don Corleone não fazia diferença no que se relacionasse a essa tradição. Era uma questão de sangue. Só a um siciliano acostumado desde pequeno aos meios da *omerta*, a lei do silêncio, podia ser confiado o posto-chave de *consigliori*.

Entre o chefe da Família, Don Corleone, que ditava a política, e o nível operacional de homens que realmente executavam suas ordens, havia três camadas, ou amortecedores. Desse modo, nada podia ser atribuído ao chefe. A menos que o *consigliori* se tornasse traidor. Naquela manhã de domingo, Don Corleone deu instruções explícitas sobre o que se devia fazer aos dois rapazes que haviam batido na filha de Amerigo Bonasera. Dera tais ordens em particular a Tom Hagen. Mais tarde, no mesmo dia, Hagen, também em particular e sem testemunhas, instruíra Clemenza. Por sua vez, Clemenza dissera a Paulie Gatto para cumprir a missão. Paulie Gatto reuniria agora os homens necessários e executaria as ordens. Paulie Gatto e seus homens ignoravam por que essa determinada tarefa estava sendo executada ou quem a ordenara inicialmente. Cada elo da corrente devia tornar-se traidor, para que Don Corleone fosse envolvido no caso e, embora nunca até então isso tivesse ocorrido, havia sempre essa possibilidade. O remédio para tal possibilidade era também conhecido. Apenas um elo da corrente tinha de desaparecer.

O *consigliori* era também o que o seu nome significava. Ele era o conselheiro de Don Corleone, seu braço direito, seu cérebro-auxiliar. Era também seu companheiro mais chegado e seu amigo mais íntimo. Nas viagens importantes, dirigiria o carro de Don Corleone; nas conferências sairia para buscar os refrescos, café e sanduíches, charutos frescos, destinados a Don Corleone. Ele saberia tudo ou quase tudo o que Don Corleone sabia, todas as células do poder. Era o único homem no mundo que poderia levar Don Corleone à destruição. Mas jamais *consigliori* algum tinha traído um Don, pelo menos na memória de qualquer das poderosas Famílias sicilianas que se haviam estabelecido na América. Não havia futuro nisso. E todo *consigliori* sabia que se ele mantivesse a fé se tornaria rico, teria poder e conquistaria respeito. Se sobreviesse o infortúnio, sua mulher e filhos teriam proteção e ajuda, como se ele fosse vivo ou estivesse livre. *Se ele mantivesse a fé.*

Em alguns casos o *consigliori* tinha de agir em favor de seu Don de modo mais aberto, sem envolver contudo o chefe. Hagen estava viajando para a Califórnia exatamente num caso

assim. Ele sabia que sua carreira de *consigliori* seria seriamente afetada pelo sucesso ou fracasso dessa missão. Pelos padrões dos negócios da família, que Johnny Fontane conseguisse ou não seu cobiçado papel no filme em questão era coisa de pequena importância. Muito mais importante era a reunião que Hagen marcara com Virgil Sollozzo para a próxima sexta-feira. Hagen sabia que para Don Corleone ambas as coisas eram da mesma importância, o que constituía um ponto de honra para qualquer *consigliori*.

O avião já abalara os nervos de Tom Hagen e ele pediu um martíni à aeromoça para acalmá-los. Tanto Don Corleone quanto Johnny o haviam instruído sobre o caráter do produtor cinematográfico Jack Woltz. Pelo que Johnny dissera, Hagen sabia que jamais conseguiria persuadir Woltz. Ele também não duvidava de que Don Corleone manteria a sua promessa a Johnny. O seu próprio papel era o de negociador e elemento de ligação.

Recostado em sua poltrona, Hagen repassou todas as informações que lhe foram dadas naquele dia. Jack Woltz era um dos três produtores cinematográficos de Hollywood mais importantes, dono de seu próprio estúdio, com dezenas de astros e estrelas sob contrato. Era presidente da Divisão Cinemática do Conselho Consultivo para Informação de Guerra dos Estados Unidos, o que simplesmente significava que ajudava a fazer filmes de propaganda. Almoçara na Casa Branca. Recepcionara J. Edgar Hoover em sua casa de Hollywood. No entanto, nada disso era tão impressionante como parecia. Não passavam de relações oficiais. Woltz não tinha qualquer poder político pessoal, principalmente porque era um reacionário exaltado, em parte, porque era um megalomaníaco que gostava de impor sua vontade férrea, sem se importar que isso suscitasse legiões de inimigos que emergiam do solo.

Hagen suspirou. Não haveria meio de "manobrar" Jack Woltz. Abriu a pasta e procurou pôr em ordem alguns documentos, mas estava muito cansado. Pediu outro martíni e refletiu sobre a sua vida. Não tinha de que se lamentar, na verdade sentia que tivera muita sorte. Qualquer que fosse o motivo, o caminho que escolhera há dez anos provara ser certo para ele. Obtivera exito; era tão feliz como qualquer adulto poderia racionalmente esperar, e achava a vida interessante.

Tinha 35 anos de vida, era um homem alto de cabelo à escovinha, muito esguio, com uma aparência muito comum. Era advogado, mas, na verdade, não executava qualquer trabalho jurídico para o negócio da família Corleone, embora ele houvesse exercido a advocacia, durante três anos, depois de concluir os seus estudos de Direito.

Quando tinha 11 anos, fora companheiro de brincadeiras de Sonny Corleone que tinha a mesma idade. A mãe de Hagen

ficou cega e morreu, justamente nesse mesmo ano de sua infância. Seu pai tornou-se um alcoólatra inveterado. Sendo carpinteiro e muito trabalhador, jamais cometeu qualquer desonestidade em sua vida. Sua embriaguez destruiu-lhe a família e finalmente o matou. Tom Hagen ficou um órfão, ao abandono completo, vagando pelas ruas e dormindo em vestíbulos. Sua irmã mais moça foi colocada numa casa de pais adotivos, mas na década de 1920, as agências sociais não se interessavam por casos de meninos de 12 anos que tinham a ingratidão de se esquivar de receber a caridade delas. Além disso, Hagen tinha uma infecção no olho. Os vizinhos murmuravam que ele a apanhara ou a herdara da mãe e, desse modo, podia transmiti-la a alguém. Todos o evitavam. Sonny Corleone, um menino de 11 anos de idade, bondoso e arrogante, levara o amigo para casa e exigiu que ele fosse aceito. Deram a Tom Hagen um prato de espaguete com suco de tomate cheio de óleo, cujo gosto ele jamais esqueceu, e depois lhe deram uma cama desmontável de metal para dormir.

De modo mais natural, sem dizer uma palavra e sem discutir a questão de forma alguma, Don Corleone permitiu que o menino ficasse em sua casa. Ele mesmo levou o garoto a um médico especialista e curou-lhe a infecção no olho. Mandou-o para a escola secundária e faculdade de Direito. Em tudo isso, Don Corleone procedeu não como um pai, mas antes como um tutor. Não lhe demonstrava afeto, mas é bastante estranho que tratasse Hagen com mais cortesia do que os seus próprios filhos, não lhe impondo a vontade paterna. Ele ouvira o pai adotivo dizer uma vez: "Um advogado com sua pasta pode roubar mais do que cem homens armados". Entrementes, para grande aborrecimento do pai, Sonny e Freddie insistiram em entrar no negócio da Família, após concluírem a escola secundária. Só Michael fora para a faculdade, e se alistara no Corpo de Fuzileiros Navais no dia seguinte ao ataque de Pearl Harbor.

Depois de concluir os seus estudos de Direito, Hagen casou-se constituindo sua própria família. A noiva era uma moça italiana de Nova Jersey, que concluíra curso superior, coisa rara na época. Depois do casamento, que naturalmente foi realizado na casa de Don Corleone, este ofereceu-se para ajudar Hagen em qualquer empreendimento que o rapaz desejasse, seja para enviar-lhe clientes, fornecer-lhe um escritório, ou iniciá-lo no ramo imobiliário.

Tom Hagen baixara a cabeça e dissera a Don Corleone:

— Eu gostaria de trabalhar para você.

Don Corleone ficou surpreso, embora lisonjeado.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou ele.

Hagen balançou a cabeça afirmativamente. Não conhecia realmente a extensão do poder de Don Corleone, naquela época. E desconhecia realmente nos dez anos que se seguiram, até

que se tornou *consigliori* interino, depois que Genco Abbandando caiu doente. Entretanto, confirmara com a cabeça, e seus olhos fixaram-se nos olhos de Don Corleone.

— Eu gostaria de trabalhar para você, como seus filhos — afirmou Hagen, como que confessando sua absoluta lealdade a ele, e aceitando completamente a divindade paterna de Don Corleone.

Don Corleone, com a compreensão de que estava então criando a lenda de sua grandeza, mostrou ao rapaz o primeiro sinal de afeição paternal, desde que ele viera para sua casa. Deu-lhe um rápido abraço e, daí em diante, passou a tratá-lo como um verdadeiro filho, embora às vezes dissesse:

— Tom, nunca esqueça os seus pais — como um lembrete para si mesmo e para Hagen.

Não era possível o rapaz esquecer. Sua mãe tinha sido quase uma débil mental abandonada e tão atacada de anemia que não era capaz de sentir afeição pelos filhos e nem mesmo fingir. Ao pai odiava. A cegueira da mãe, antes de sua morte, o aterrorizava, e a sua própria infecção no olho fora um golpe do destino. Estava certo de que ficaria cego. Quando o pai morreu, aquele menino de 11 anos de idade seguiu um destino curioso. Vagava pelas ruas como um animal à espera da morte, até o dia fatídico em que Sonny o encontrou dormindo, no fundo de um vestíbulo e o levou para casa. O que aconteceu depois disso foi um milagre. Durante anos, Hagen tivera pesadelos, sonhando que tinha crescido cego, batendo com uma bengala branca, enquanto os seus filhos, também cegos, vinham atrás dele batendo ininterruptamente com suas bengalinhas brancas, esmolando pelas ruas. Em certas manhãs, quando despertava, o rosto de Don Corleone estava estampado no seu cérebro, naquele primeiro momento consciente, e ele então se sentia seguro.

Don Corleone insistiu para que ele, durante três anos, exercesse advocacia geral, além de suas funções relativas ao negócio da família. Essa experiência lhe foi de grande valor posteriormente, pois afastou qualquer dúvida em sua mente pelo fato de trabalhar para Don Corleone. Passou dois anos praticando no escritório de uma grande firma de criminalistas, na qual Don Corleone tinha alguma influência. Era evidente para todos que o rapaz demonstrara inclinação para esse ramo do Direito. Saiu-se bem e, quando assumiu o serviço do negócio da Família, Don Corleone não teve oportunidade de reprová-lo uma vez sequer, nos seis anos que se seguiram.

Quando se tornou *consigliori* interino, as outras Famílias sicilianas poderosas passaram a chamar desdenhosamente a Família Corleone de "bando irlandês". Isso divertiu Hagen. Fê-lo saber também que ele jamais poderia ter esperança de suceder Don Corleone como o chefe do negócio da Família. Porém, se

sentia contente. Nunca fora esse o seu objetivo, pois tal ambição seria um "desrespeito" ao seu benfeitor e aos seus parentes próximos.

Estava ainda escuro quando o avião pousou em Los Angeles. Hagen hospedou-se no hotel, tomou um banho, fez a barba e viu a manhã descer sobre a cidade. Pediu que o *breakfast* e alguns jornais fossem enviados ao seu quarto e descansou até a hora de partir para a sua entrevista das dez horas com Jack Woltz. A entrevista fora marcada com uma facilidade surpreendente.

Um dia antes, Hagen telefonara para o homem mais poderoso dos sindicatos trabalhistas cinematográficos, um homem chamado Billy Goff. Agindo segundo instruções de Don Corleone, Hagen disse a Goff para que marcasse uma hora no dia seguinte a fim de que ele visitasse Jack Woltz, que devia insinuar a Woltz que se Hagen não ficasse satisfeito com os resultados da entrevista haveria uma greve no estúdio cinematográfico. Uma hora depois, Hagen recebeu um telefonema de Goff. A entrevista seria às dez da manhã. Woltz recebera o recado sobre a possível greve trabalhista, mas parecia não ter ficado muito impressionado, informou Goff, acrescentando:

— Se realmente for preciso isso, eu mesmo tenho de falar com Don Corleone.

— Se for preciso isso, ele falará com você — afirmou Hagen.

Assim agindo, Hagen evitou fazer qualquer promessa. Não ficou surpreso pelo fato de Goff se mostrar tão solícito aos desejos de Don Corleone. O império da Família, tecnicamente, não se estendia além da área de Nova York, mas Don Corleone tinha primeiro se tornado forte ajudando os líderes trabalhistas. Muitos deles ainda tinham para com ele dívidas de amizade.

Porém a entrevista das dez horas era um mau sinal. Significava que ele seria o primeiro da lista de entrevistas, que ele não seria convidado para almoçar. Significava que Woltz o tinha em pouca conta. Goff não ameaçara bastante, provavelmente porque Woltz o tinha na gaveta, o subornava. E, às vezes, o êxito de Don Corleone em se manter na penumbra contribuía para desvantagem do negócio da Família, já que o seu nome nada significava para os círculos externos.

A sua análise mostrou ter sido correta. Woltz fê-lo esperar por cerca de trinta minutos além da hora marcada. Hagen não se incomodou. A sala de recepção era muito luxuosa, e confortável, e no sofá cor de ameixa em frente a ele estava sentada a menina mais bonita que Hagen já vira. A garota não tinha mais de 11 ou 12 anos de idade e achava-se vestida com apuro, mas com simplicidade, como uma mulher adulta. Tinha cabelos incrìvelmente dourados, olhos grandes de cor azul-mar profundo e a boca

fresca de um vermelho-vivo. Estava em companhia de uma mulher, evidentemente sua mãe, que procurava encarar Hagen com uma fria arrogância que o fazia desejar dar-lhe um soco na cara. A criança é um anjo e a mãe é o dragão, pensou Hagen, retribuindo o olhar frio da mãe.

Finalmente, uma senhora de meia-idade, esquisitamente trajada, mas resoluta, veio buscá-lo para levá-lo através de uma série de escritórios até o apartamento-escritório do produtor cinematográfico. Hagen ficou impressionado com a beleza dos escritórios e com o pessoal que neles trabalhava. Ele sorriu. Todos eram "espertinhos", procurando uma oportunidade no cinema, aceitando trabalho nos escritórios, e a maioria deles trabalharia nesses escritórios o resto da vida ou até que reconhecesse a derrota e voltasse para a sua cidade natal.

Jack Woltz era um homem alto, de compleição poderosa, com uma barriga enorme quase escondida pela sua roupa perfeitamente talhada. Hagen conhecia sua história. Aos dez anos de idade, Woltz empurrara barris de cerveja vazios e carrinhos de mão na zona leste de Nova York. Aos 20 anos, ajudara o pai na sua oficina de roupas feitas. Aos 30, deixou Nova York e foi para o oeste do país, investiu no cinema "poeira" e foi um dos pioneiros cinematográficos. Aos 48, ele fora o mais poderoso magnata cinematográfico de Hollywood, ainda falando grosso, avidamente amoroso, um boboca feroz atacando os rebanhos indefesos de jovens estrelinhas. Aos 50, ele se tranformara. Tomou aulas de dicção, aprendeu a se vestir com um criado inglês e como se portar socialmente com um mordomo também inglês. Quando sua primeira mulher morreu, casou com uma atriz bonita e mundialmente famosa que não gostava de representar. Agora, aos 60, Woltz colecionava pinturas dos velhos mestres, era membro do Comitê Consultivo do Presidente e tinha fundado uma instituição multimilionária em seu nome para promover a arte no cinema. A sua filha tinha-se casado com um lorde inglês, o seu filho com uma princesa italiana.

Sua última paixão, como noticiavam respeitosamente todos os colunistas cinematográficos da América, eram suas cocheiras de cavalos de corrida, nas quais gastara dez milhões de dólares no último ano. Ele dera assunto para manchetes ao comprar o famoso cavalo de corrida inglês *Khartoum* pelo preço incrível de seiscentos mil dólares e depois anunciar que o invicto parelheiro seria afastado das pistas e enviado para o haras exclusivamente para reproduzir animais para as suas cocheiras.

Ele recebeu Hagen cortesmente, com o seu belo rosto bronzeado, meticulosamente barbeado, contorcendo-se numa careta que significava um sorriso. Apesar de todo o dinheiro gasto e dos cuidados dos técnicos mais competentes, a sua idade se revelava: a carne de seu rosto parecia como que costurada.

Havia porém vitalidade em seus movimentos e ele tinha o que Don Corleone também tinha, a aparência de um homem que comandava absolutamente o mundo em que vivia.

Hagen foi diretamente ao assunto. Que vinha como emissário de um amigo de Johnny Fontane. Que seu amigo era um homem poderoso que hipotecaria sua gratidão e imorredoura amizade ao Sr. Woltz se este se dignasse prestar-lhe um pequeno favor, o qual consistiria em incluir Johnny Fontane no elenco do novo filme de guerra que o estúdio planejava iniciar na próxima semana.

O rosto costurado mantinha-se impassível e conservava seu decoro.

— Que favores pode prestar-me o seu amigo? — perguntou Woltz.

Havia então um ar de condescendência em sua voz.

Hagen ignorou essa condescendência e explicou:

— O senhor pode ter alguma complicação trabalhista dentro de pouco tempo. Meu amigo pode garantir plenamente que fará desaparecer essa complicação. O senhor tem um astro de primeira grandeza que traz muito dinheiro para o seu estúdio, que acaba de ser promovido da maconha para a heroína. Meu amigo pode garantir-lhe que o seu astro não tomará mais heroína. E, se sobrevierem outras coisas com o decorrer dos anos, um telefonema para mim resolverá os seus problemas.

Jack Woltz ouvia isso como se estivesse ouvindo as bravatas de uma criança. Depois perguntou asperamente, a voz denotando deliberadamente um sotaque inteiramente da zona leste de Nova York:

— O senhor quer obrigar-me a tomar tal atitude?

— Absolutamente não — respondeu Hagen friamente. — Vim apenas solicitar que atenda o pedido de um amigo. Tenho procurado explicar que o senhor nada perderá com isso.

Quase como se o desejasse, Woltz pôs no rosto uma máscara de zanga. Sua boca encrespou-se e suas sobrancelhas cerradas, pintadas de preto, contraíram-se para formar uma linha espessa sobre os olhos cintilantes. Ele se inclinou por cima da mesa para Hagen.

— Muito bem, seu meloso filho da puta, deixe-me esclarecer a coisa para você e o seu chefe, seja lá quem for ele. Johnny Fontane jamais trabalhará nesse filme. Pouco me importa quantos carcamanos da Máfia possam surgir das selvas.

Ele se reclinou na cadeira.

— Um conselho posso dar a você, meu amigo. J. Edgar Hoover, suponho que você já ouviu falar nele — Woltz riu sarcasticamente — é meu amigo pessoal. Se eu comunicar a ele que estou sendo pressionado, vocês não sabem o que lhes pode acontecer.

Hagen ouviu pacientemente. Esperava coisa melhor de um homem da posição de Woltz. Seria possível que um homem que procedia de maneira tão estúpida podia galgar à chefia suprema de uma companhia que valia centenas de milhões? Havia sobre o que pensar aí, desde que Don Corleone estava procurando novas coisas em que aplicar dinheiro, e, se os homens mais altos dessa indústria eram tão broncos, o cinema poderia ser uma das coisas. O próprio insulto não o incomodara absolutamente. Hagen aprendera a arte de fazer negociações com o próprio Don Corleone.

— Nunca se aborreça — Don Corleone o havia instruído. — Nunca faça uma ameaça. Argumente com as pessoas.

A palavra "argumentar" parecia muito melhor em italiano, *rajunah*, retrucar. A arte disso consistia em ignorar todos os insultos, todas as ameaças; apresentar a outra face. Hagen vira Don Corleone sentar-se a uma mesa de negociações durante oito horas, engolindo insultos, procurando convencer um homem forte, famoso e megalomaníaco a corrigir-se. No fim das oito horas, Don Corleone jogara as mãos num gesto desanimado e dissera para outros homens presentes:

— Mas ninguém pode argumentar com esse sujeito — e retirou-se altivamente da sala de reunião.

O homem forte tornou-se pálido de medo. Emissários foram enviados para trazer Don Corleone de volta à sala. Chegou-se a um acordo, mas dois meses depois o homem forte foi assassinado a tiros na barbearia que freqüentava.

Assim Hagen começou novamente, falando com a voz mais natural.

— Olhe o meu cartão — frisou ele. — Eu sou advogado. Cometi algum erro? Pronunciei alguma palavra de ameaça? Permita-me dizer que estou preparado para atender a qualquer condição que o senhor mencionar para que Johnny Fontane trabalhe nesse filme. Penso que já ofereci bastante por tão pequeno favor. Um favor que acho que é do seu próprio interesse conceder. Johnny me disse que o senhor admite que ele se sairia bem nesse papel. E permita-me acrescentar que esse favor jamais seria solicitado se isso não acontecesse. De fato, se o senhor está preocupado com o seu investimento, meu cliente poderia financiar o filme. Mas, por favor, deixe-me tornar bastante claro. Compreendemos que o seu não é não. Ninguém pode ou está procurando forçá-lo. Sabemos de sua amizade com o Sr. Hoover, posso acrescentar, e meu chefe o respeita por isso. Ele respeita imensamente essa relação de amizade.

Woltz estava rabiscando com uma pena enorme, de penacho vermelho. Ao ouvir falar em dinheiro, o seu interesse logo despertou, e ele parou de rabiscar.

— Este filme está orçado em cinco milhões — disse condescendentemente.

Hagen assoviou baixinho para mostrar que estava impressionado. Depois disse de modo bastante casual:

— Meu chefe tem alguns amigos que confiam em seu discernimento.

Pela primeira vez, Woltz parecia levar a coisa toda a sério. Analisou o cartão de Hagen.

— Nunca ouvi falar no senhor — disse ele. — Conheço a maior parte dos grandes advogados de Nova York, mas quem diabo é o senhor?

— Trabalho para uma dessas honradas empresas — respondeu Hagen sêcamente. — Administro a conta dela. — Em seguida, se levantou dizendo: — Não vou tomar-lhe mais tempo.

Estendeu a mão, e Woltz apertou-a. Deu alguns passos em direção à porta e virou-se novamente para Woltz.

— Compreendo que o senhor tem de lidar com uma porção de gente que finge ser mais importante do que realmente é. Em meu caso, acontece o contrário. Por que o senhor não procura investigar quem sou eu com nosso amigo comum? Se o senhor reconsiderar a questão, telefone-me para o hotel. — Fez uma pausa e prosseguiu: — Isso pode ser um sacrilégio para o senhor, mas meu cliente pode fazer coisas que até o Sr. Hoover pode achar que está fora do seu alcance.

Hagen viu os olhos do produtor cinematográfico se contraírem. Woltz finalmente recebera o recado.

— A propósito, admiro muito os seus filmes — disse Hagen com a voz mais servil que podia emitir. — Espero que o senhor possa continuar a executar tão bom trabalho. O nosso país precisa dele.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Hagen recebeu um telefonema da secretária do produtor de que um carro o apanharia dentro de uma hora para levá-lo à casa de campo do Sr. Woltz para jantar. Ela informou que seria uma viagem de cerca de três horas, mas que o carro estava equipado com um bar e alguns *hors d'oeuvres*. Hagen sabia que Woltz fizera a viagem em seu avião particular e ignorava por que não havia sido convidado a fazer a viagem por ar. A voz da secretária acrescentou delicadamente:

— O Sr. Woltz sugeriu que o senhor levasse a sua bagagem que ele o faria conduzir ao aeroporto pela manhã.

— Eu farei isso — respondeu Hagen.

Isso era outra coisa que dava o que pensar. Como Woltz sabia que ele tomaria o avião da manhã de volta a Nova York? Refletiu por um momento. A explicação mais provável era que Woltz tinha posto detetives particulares no seu encalço para obter todas as informações possíveis. Então Woltz certamente sabia que ele representava Don Corleone, o que queria dizer que ele sabia algo sobre Don Corleone, o que por sua vez significava

que ele estava pronto para levar a sério toda a questão. Algo devia ser feito afinal de contas, pensou Hagen. E talvez Woltz fosse mais esperto do que lhe parecera naquela manhã.

A casa de campo de Jack Woltz se assemelhava a um fantástico cenário cinematográfico. Havia uma mansão típica de fazenda, imensos passeios ajardinados, rodeados por uma pista de terra escura para andar a cavalo, cocheiras e pasto para abrigar uma cavalhada. As sebes, os canteiros e os gramados eram tão cuidadosamente tratados como as unhas de uma estrela de cinema.

Woltz recebeu Hagen numa varanda com paredes de vidro e com ar condicionado. O produtor estava informalmente vestido com uma camisa de seda azul de colarinho aberto, *slacks* cor de mostarda, sandálias de couro macio. Enquadrado em todo esse conjunto luxuoso e colorido, o seu rosto costurado e duro tinha um ar assustador. Ele ofereceu a Hagen um cálice de martíni avantajado e serviu-se de outro que estava preparado na bandeja. Parecia mais amável do que horas antes. Pôs o braço no ombro de Hagen e disse:

— Temos um pouco de tempo antes do jantar, vamos dar uma olhada nos meus cavalos.

Enquanto caminhavam em direção às cocheiras, falou:

— Mandei investigá-lo, Tom; você devia dizer-me que o seu chefe é Corleone. Pensei que você fosse simplesmente algum chantagista de terceira classe que Johnny houvesse mandado para blefar-me. E eu não blefo. Não que eu queira fazer inimigos, jamais acreditei nisso. Mas vamo-nos divertir agora. Podemos falar de negócios depois do jantar.

Surpreendentemente, Woltz demonstrou ser um anfitrião verdadeiramente atencioso. Explicou seus novos métodos, inovações que ele esperava que tornariam a sua coudelaria a melhor da América. As cocheiras todas eram à prova de incêndio, saneadas ao máximo e guardadas por uma equipe especial de segurança de detetives particulares. Finalmente, Woltz conduziu-o a uma cocheira que tinha uma enorme placa de bronze afixada na parede externa, na qual estava escrito o nome "*Khartoum*".

O cavalo que se achava dentro da cocheira, mesmo aos olhos inexperientes de Hagen, era um magnífico animal. O pêlo de *Khartoum* era negro, com exceção de uma mancha branca em forma de diamante em sua enorme fronte. Os grandes olhos castanhos cintilavam como maçãs douradas, o pêlo luzidio sobre o corpo musculoso parecia seda. Woltz disse com orgulho infantil:

— O maior cavalo de corrida do mundo. Eu o comprei na Inglaterra, no ano passado, por seiscentos mil dólares. Aposto que nem mesmo os czares russos jamais pagaram tanto dinheiro

por um único cavalo. Mas não vou pô-lo para correr, vou destiná-lo à reprodução. Farei construir a maior coudelaria que este país já teve.

Acariciou a crina do cavalo e pronunciou suavemente:

— *Khartoum, Khartoum.*

Havia realmente afeto em sua voz, e o animal correspondeu. Woltz continuou a falar:

— Sou um bom cavaleiro, você sabe, e a primeira vez que montei já tinha cinqüenta anos de idade. — Deu uma gargalhada. — Talvez uma de minhas avós na Rússia tenha sido raptada por um cossaco e eu tenho o sangue dele.

Coçou a barriga de *Khartoum* e disse com sincera admiração:

— Olhe a vara dele. Eu devia ter uma vara assim.

Voltaram para a mansão, a fim de jantar, o qual foi servido por três garçons sob a direção de um mordomo. Os talheres e a baixela eram de prata com filetes de ouro, mas Hagen achou a comida medíocre. Woltz obviamente vivia sozinho, e também obviamente não era homem que desse importância a comida. Hagen esperou até que ambos tivessem acendido enormes Havanas para perguntar a Woltz:

— Johnny vai conseguir o papel ou não?

— Não posso — respondeu Woltz. — Não posso pôr Johnny nesse filme mesmo que eu quisesse. Os contratos já estão todos assinados com os artistas e as câmaras começarão a rodar na próxima semana. Não há possibilidade de alterar isso.

— Sr. Woltz, disse Hagen impacientemente, a grande vantagem de lidar com um homem da cúpula é que tal desculpa nada vale. Você pode fazer tudo o que quiser. Tirou uma baforada do charuto e perguntou: — o senhor não acredita que o meu cliente vai cumprir as suas promessas?

— Acredito que vou ter complicações trabalhistas. — Respondeu Woltz secamente. — Goff me telefonou a respeito disso, o filho da puta, e pela maneira pela qual ele falou, ninguém diz que eu pago a ele cem mil dólares todo ano por baixo da mesa. E acredito que o senhor possa afastar da heroína esse falso ator viril de meu estúdio. Mas isso não me importa e eu posso financiar meus próprios filmes. Porque eu odeio esse patife do Fontane. Diga a seu chefe que esse é um favor que não posso fazer, mas que ele pode me procurar de novo para qualquer outra coisa. Qualquer outra coisa, mesmo.

Seu canalha nojento, então por que diabo você me trouxe de tão longe para cá?, pensou Hagen. O produtor tinha algo em mente.

— Acho que o senhor não compreende a situação. — Disse Hagen friamente. — O Sr. Corleone é padrinho de Johnny Fontane. Isso é uma relação religiosa muito sagrada, muito íntima.

Woltz curvou a cabeça em sinal de respeito ante essa referência à religião.

— Os italianos — prosseguiu Hagen — têm uma piada a respeito de que o mundo é tão duro que um homem precisa ter dois pais para cuidar dele, e esse é o motivo por que eles têm padrinhos. Como o pai de Johnny morreu, o Sr. Corleone sente a sua responsabilidade ainda mais profundamente. Quanto a procurá-lo novamente, o Sr. Corleone é extremamente sensível. Ele nunca pede um segundo favor quando lhe recusaram o primeiro.

Woltz deu de ombros.

— Lamento muito. A resposta continua a ser não. Mas, desde que o senhor está aqui, quanto me custará para evitar essa complicação trabalhista? A dinheiro. Agora mesmo.

Isso resolveu um problema de Hagen. Por que Woltz estava perdendo tanto tempo com ele quando já havia decidido não dar o papel a Johnny? E isso não podia ser mudado nessa reunião. Woltz sentia-se seguro; não tinha medo do poder de Don Corleone. E certamente Woltz, com suas ligações políticas nacionais, sua intimidade com o chefe do FBI, sua imensa fortuna pessoal e seu poder absoluto na indústria cinematográfica, não podia sentir-se ameaçado por Don Corleone. Para qualquer homem inteligente, mesmo para Hagen, parecia que Woltz tinha avaliado corretamente a sua situação. Ele não seria derrotado por Don Corleone, se estivesse disposto a arcar com os prejuízos que a disputa trabalhista custaria. Havia apenas uma coisa errada nessa questão toda. Don Corleone havia prometido ao afilhado que conseguiria o papel para ele, e Don Corleone nunca, segundo sabia Hagen, havia deixado de cumprir a palavra em tais casos.

— O senhor está deliberadamente interpretando mal o que eu disse — ponderou Hagen tranqüilamente. — O senhor está procurando tornar-me cúmplice de extorsão. O Sr. Corleone promete apenas falar em seu favor nessa complicação trabalhista como um sinal de amizade em troca de seu empenho em favor do cliente dele. Um intercâmbio amigável de influência, nada mais. Vejo, porém, que o senhor não me leva muito a sério. Pessoalmente, acho que isso é um erro.

Woltz, como se estivesse esperando por tal momento, mostrou-se bastante aborrecido:

— Compreendo perfeitamente — disse ele. — Isso é o estilo da Máfia, não é? Uma conversa toda doce e macia quando o que realmente vocês estão fazendo é impor ameaças. Portanto, deixe-me esclarecer a questão. Johnny Fontane jamais conseguirá esse papel, apesar de servir perfeitamente para ele. Isso o tornaria um grande astro. Mas ele nunca o será porque odeio esse tipo imprestável, e vou expulsá-lo do cinema. Durante cinco anos man-

tive essa moça praticando, cantando, dançando, representando lições, gastei centenas de milhares de dólares. Eu ia fazer dela uma estrela. Vou ser ainda mais franco, justamente para lhe mostrar que não sou um homem de coração duro, que não foi apenas uma questão de dinheiro. Essa moça era bonita e a figura mais estúpida que já vi na minha vida, e eu as tive aos montes do mundo inteiro. Ela podia dar-lhe uma descarga igual à de uma bomba-d'água. Então veio Johnny com essa sua voz oleosa e seu encanto de carcamano e ela fugiu. Ela jogou tudo fora justamente para me tornar ridículo. Um homem na minha posição, Sr. Hagen, não pode parecer ridículo. Tenho que despedir Johnny.

Pela primeira vez, Woltz conseguiu impressionar Hagen. Ele achou inconcebível que um homem com tantos recursos permitisse que tais trivialidades afetassem o seu julgamento em questões de negócio, e um negócio de tamanha importância. No mundo de Hagen, no mundo dos Corleone, a beleza física, o poder sexual das mulheres, não tinha o menor valor nos assuntos materiais. Era uma questão particular, exceto naturalmente em questões de casamento e desgraça de família. Hagen resolveu fazer uma última tentativa.

— O senhor tem toda a razão — declarou Hagen. — Mas os seus ressentimentos são tão importantes? Acho que o senhor não compreendeu como é fundamental para o meu cliente esse favor tão pequeno. O Sr. Corleone segurou o Johnny em seus braços quando ele foi batizado. Quando o pai de Johnny morreu, o Sr. Corleone assumiu os deveres da paternidade; na verdade ele é chamado "Padrinho" por muitas e muitas pessoas que querem demonstrar seu respeito e gratidão pelo auxílio que ele lhes deu. O Sr. Corleone nunca deixou os amigos na mão.

Woltz levantou-se abruptamente.

— Já ouvi demais. Bandidos não me dão ordens, eu sim é que dou ordens a eles. Se eu pegar o telefone, você passará a noite na cadeia. E se esse canalha da Máfia procurar usar de violência, ele verá que não sou um diretor de banda. Sim, já ouvi essa história também. Ouça, o seu amigo Sr. Corleone não sabe o que lhe pode acontecer. Mesmo que eu tenha de usar a minha influência na Casa Branca.

O estúpido, estúpido filho da puta. Como diabo conseguira ele ser um *pezzonovante*, pensou Hagen. Conselheiro do Presidente, chefe supremo do maior estúdio cinematográfico do mundo. Decididamente, Don Corleone devia entrar no negócio de cinema. E o sujeito estava encarando as coisas pelo lado sentimental. Não estava recebendo a mensagem.

— Obrigado pelo jantar e pela noite agradável — disse Hagen. — Poderia conseguir-me condução para o aeroporto? Penso que não passarei a noite aqui. — Sorriu friamente para Woltz. — O Sr. Corleone é um homem que gosta de receber as más notícias imediatamente.

Enquanto esperava o carro, entre as colunas profusamente iluminadas da mansão, Hagen viu a linda menina loura de doze anos e a mãe, que ele havia visto no escritório de Woltz de manhã, preparando-se para entrar numa comprida *limousine* já estacionada na pista de saída. Agora, porém, a boca esquisita da menina parecia ter-se transformado numa massa rósea, espessa. Seus olhos azuis estavam toldados e quando ela desceu as escadas em direção ao carro aberto, suas pernas compridas cambaleavam como as patas de um potro aleijado. A mãe sustentava a menina, ajudando-a a entrar no carro, sussurrando ordens no seu ouvido. A cabeça da mulher virou-se para dar uma olhada furtiva para Hagen, e ele viu em seus olhos um triunfo, um triunfo abrasador, animalesco. Depois, a mulher também entrou na *limousine*.

Assim, esse era o motivo por que ele não conseguira a carona de avião de Los Angeles, pensou Hagen. A menina e a mãe haviam feito a viagem com o produtor cinematográfico. Isso dera o Woltz tempo bastante para descansar antes do jantar e para fazer o trabalho na menina. E Johnny queria viver nesse mundo? Boa sorte para ele, e boa sorte para Woltz.

Paulie Gatto odiava trabalhos rápidos, especialmente quando envolviam violência. Gostava de planejar as coisas antecipadamente. E algo como o dessa noite, embora fosse uma coisa insignificante, poderia tornar-se um negócio sério se alguém cometesse um erro. Agora, saboreando sua cerveja, ele olhava em volta, vendo como os dois rapazes inexperientes estavam-se saindo com as duas prostitutazinhas no bar.

Paulie Gatto sabia tudo o que se podia saber a respeito desses dois rapazes. Os nomes deles eram Jerry Wagner e Kevin Moonan. Ambos tinham cerca de 20 anos de idade, boa aparência, cabelo castanho, eram altos e de compleição robusta. Ambos deviam voltar para a escola, fora da cidade, em duas semanas, ambos tinham pai com influência política e isso, aliado à classificação escolar deles, tinha-os até então mantido fora da convocação militar. Ambos estavam também sob *sursis* por atacarem a filha de Amerigo Bonasera. Eram dois canalhas imundos, achava Paulie Gatto. Fugindo à convocação, violando a liberdade condicional por beber num bar depois da meia-noite, caçando "mariposas". Rapazes inexperientes... O próprio Paulie Gatto fora dispensado provisoriamente da convocação porque o seu médico forneceu à junta militar documentos provando que o paciente, do sexo masculino, de cor branca, com a idade de 26 anos, solteiro, recebera tratamentos de choques elétricos para curar um distúrbio mental. Tudo falso evidentemente, mas Paulie Gatto sentia que fazia jus a essa isenção militar. Foi arranjada por Clemenza depois que Gatto hesitara a respeito de ingressar no negócio da Família.

Foi Clemenza que lhe dissera que esse trabalho deveria ser prontamente executado, antes de os dois rapazes voltarem para a escola. Por que diabo devia ser feito em Nova York, Gatto ignorava. Clemenza dava sempre ordens extras em vez de comunicar o trabalho. Ora, se essas duas putinhas saíssem agora com os rapazes seria outra noite perdida.

Ele ouviu uma das mulheres rir e dizer:

— Você está maluco, Jerry? Não vou em carro nenhum com você. Não quero acabar no hospital como aquela outra pobre moça.

A sua voz denotava uma satisfação malévola. Isso foi o bastante para Gatto. Terminou de beber sua cerveja e saiu para a rua escura. Perfeito. Já passava da meia-noite. Havia apenas um outro bar que estava com a luz acesa. O resto das casas comerciais se encontrava fechado. O carro-patrulha do distrito estava "controlado" por Clemenza. Ele estaria longe dali até receber uma chamada pelo rádio e então viria vagarosamente.

Paulie encostou-se no *Chevrolet* de quatro portas. No assento traseiro estavam sentados dois homens, quase invisíveis, embora fossem muito grandes.

— Agarrem-nos quando êles saírem — ordenou Paulie.

Ele ainda pensava que tudo tinha sido estabelecido muito depressa. Clemenza lhe dera cópias fotográficas do rosto dos dois rapazes fornecidas pela polícia, além da informação sobre o lugar onde os rapazes iam beber toda noite para apanhar as pequenas do bar. Paulie recrutara dois dos homens violentos da Família e apontara-lhes os dois rapazes. Ele também fornecera-lhes instruções. Nada de pancadas no crânio ou na nuca, não deveria haver consequências fatais. Fora disso, eles podiam ir tão longe quanto quisessem. Ele lhes havia feito apenas uma advertência.

— Se esses tipos saírem do hospital em menos de um mês, vocês vão voltar a dirigir caminhões.

Os dois homenzarrões estavam saindo do carro. Ambos eram ex-pugilistas que nunca haviam conseguido qualquer sucesso e tinham sido contratados por Sonny Corleone para pequenas transações de agiotagem, de modo que pudessem levar uma vida decente. Eles, naturalmente, estavam ansiosos para mostrar sua gratidão.

Quando Jerry Wagner e Kevin Moonan saíram do bar, estavam completamente transtornados. O escárnio das mulheres do bar ferira-lhes sua vaidade de adolescentes. Paulie Gatto, encostado no pára-lama do carro, gritou para eles com uma gargalhada provocadora:

— Eh, Casanovas, essas vagabundas deram o fora em vocês!

Os dois rapazes viraram-se para ele com deleite. Paulie Gatto

parecia o tipo perfeito para eles descarregarem a humilhação que tinham sofrido. Cara de bobo, baixo, franzino e atrevido. Avançaram para ele com disposição, mas logo sentiram os braços agarrados por dois homens que os seguraram por trás. No mesmo momento, Paulie Gatto enfiara de mansinho em sua mão direita um soco-inglês especialmente dotado de espigões de ferro. Seu ritmo era bom, ele se exercitava no ginásio três vezes por semana. Socou o rapaz chamado Wagner diretamente no nariz. O homem que segurava Wagner o levantou acima do chão e Paulie girou o braço, atingindo-lhe plenamente a virilha. Wagner ficou bambo e o homenzarrão deixou-o cair no chão. Isso não levou mais de seis segundos.

Em seguida, os dois homens voltaram a atenção para Kevin Moonan, que estava tentando gritar. O homem que o segurava por trás fazia isso facilmente com uma enorme mão musculosa. A outra mão, passou em torno da garganta de Moonan, a fim de evitar que ele emitisse qualquer som.

Paulie Gatto saltou para dentro do carro e ligou o motor. Os dois homenzarrões continuaram batendo em Moonan cujo rosto era uma massa informe. Faziam isso com assustadora decisão, como se tivessem todo o tempo que quisessem. Não davam socos às tontas, mas em seqüências compassadas, lentas, que levavam todo o peso de seus corpos maciços. Cada golpe resultava num *pedaço* de carne que se abria. Gatto deu um rápido olhar para o rosto de Moonan. Estava irreconhecível. Os dois homens deixaram Moonan deitado na calçada e voltaram sua atenção para Wagner, que estava tentando pôr-se de pé e começava a gritar por socorro. Alguém saiu do bar e os dois homens tiveram que "trabalhar" mais depressa agora. Espancaram Wagner, que caiu de joelhos. Um dos homens pegou-lhe o braço e o torceu, depois deu-lhe pontapés na espinha. Ouviu-se um som de algo que se partia e o grito de agonia de Wagner fez que janelas se abrissem em toda a extensão da rua. Os dois homens "trabalhavam" muito depressa. Um deles mantinha Wagner suspenso, usando as duas mãos em volta da cabeça da vítima como um torno. O outro atingia com seu enorme punho o alvo fixo. Outras pessoas saíram do bar, mas nenhuma procurou intervir.

— Vamos embora, chega! — gritou Paulie Gatto.

Os dois homenzarrões saltaram para dentro do carro e Paulie deu a partida. Alguém poderia descrever o carro e ver-lhe o número, mas isso não importava. Era uma placa da Califórnia roubada e havia uma centena de milhares de *sedans Chevrolet* pretos na cidade de Nova York.

Capítulo 2

Tom Hagen foi para o seu escritório de advocacia na cidade, na manhã de terça-feira. Ele planejava pôr em dia a sua papelada, a fim de ficar plenamente desimpedido para a reunião com Virgil Sollozzo. Reunião esta de tamanha importância que ele solicitara a Don Corleone a tarde inteira para conversação e preparar-se para a proposta que eles sabiam que Sollozzo ofereceria ao negócio da Família. Hagen desejava ter todos os pequenos detalhes esclarecidos, a fim de poder ir à reunião preparatória de espírito prevenido.

Don Corleone pareceu não se surpreender quando Hagen voltou da Califórnia na terça-feira, tarde da noite, e lhe comunicou os resultados das negociações com Woltz. Ele fizera Hagen descrever todos os detalhes e esboçara uma careta de desagrado quando Hagen lhe contou a história da linda menina e sua mãe. Ele pronunciara *infamita*, a sua maior palavra de reprovação. Fizera uma última pergunta a Hagen:

— Esse homem tem realmente culhão?

Hagen compreendeu exatamente o que Don Corleone quisera dizer com essa pergunta. Com o decorrer dos anos, ele aprendera que os valores de Don Corleone eram tão diferentes dos da maioria das pessoas que as suas palavras também podiam ter um significado diferente. Tinha Woltz caráter? Tinha ele uma vontade firme? Ele certamente tinha, mas não era isso o que Don Corleone estava perguntando. Tinha o produtor cinematográfico coragem bastante para não ser blefado? Tinha ele

disposição para suportar o grande prejuízo financeiro que o retardamento na produção de seus filmes significaria, o escândalo de ser seu grande astro apontado como viciado em heroína? A resposta seria, outra vez, não. Mas igualmente não era isso o que Don Corleone queria dizer. Finalmente Hagen traduziu a pergunta de modo correto em sua mente. Tinha Jack Woltz culhão para arriscar tudo, para arriscar-se a perder *tudo* por uma questão de princípio, por uma questão de honra, por vingança?

Hagen sorriu. Raramente o fazia, mas agora não podia resistir a pilheriar com Don Corleone.

— Você está perguntando se ele é siciliano.

Don Corleone acenou a cabeça com satisfação, reconhecendo a argúcia da lisonja e sua verdade.

— Não — respondeu Hagen.

Isso tinha sido tudo. Don Corleone ponderou a questão até o dia seguinte. Na quarta-feira à tarde, chamou Hagen à sua casa e forneceu-lhe as instruções, as quais consumiram o resto do dia de trabalho de Hagen e o deixou estonteado de admiração. Não havia dúvida em seu espírito de que Don Corleone resolvera o problema, de que Woltz lhe telefonaria pela manhã comunicando ter Johnny Fontane obtido o papel de galã em seu novo filme de guerra.

Nesse momento, o telefone tocou, mas era Amerigo Bonasera. A voz do agente funerário tremia de gratidão. Queria que Hagen transmitisse a Don Corleone os protestos de sua imorredoura amizade. Ele, Amerigo Bonasera, daria a vida pelo abençoado Padrinho. Hagen garantiu-lhe que comunicaria isso a Don Corleone.

O *Daily News* trazia uma notícia de meia página sobre Jerry Wagner e Kevin Moonan, encontrados desfalecidos na rua. As fotografias eram realmente impressionantes, eles pareciam massas de seres humanos. Milagrosamente, dizia o jornal, eles ainda estavam vivos, embora tivessem de passar alguns meses no hospital e necessitassem de cirurgia plástica. Hagen redigiu uma nota para informar a Clemenza que fizesse algo em favor de Paulie Gatto. Ele parecia conhecer o seu ofício.

Hagen trabalhou com rapidez e eficiência durante três horas, examinando os relatórios de lucros da companhia imobiliária de Don Corleone, seu negócio de importação de azeite e sua empresa de construção. Nenhum deles estava indo bem, mas com o término da guerra todos esses empreendimentos passariam a ter bons lucros. Já havia quase esquecido o problema de Johnny Fontane quando a sua secretária lhe informou que estavam telefonando da Califórnia. Teve um pequeno pressentimento quando pegou o telefone e disse:

— Aqui fala Hagen.

A voz transmitida pelo fio era irreconhecível, denunciando ódio e paixão.

— Seu canalha ordinário! — gritou Woltz. — Vou pôr vocês todos na cadeia por cem anos. Vou gastar até o último níquel para arrasar vocês. Vou mandar arrancar os culhões de Johnny Fontane, está-me ouvindo, seu carcamano ordinário?

Hagen respondeu amavelmente:

— Eu sou teuto-irlandês.

Houve uma longa pausa e depois o estalo do telefone sendo desligado. Hagen sorriu. Nem uma só vez Woltz pronunciou qualquer ameaça ao próprio Don Corleone. O gênio tinha suas recompensas.

Jack Woltz sempre dormia só. Tinha uma cama bastante grande para caber dez pessoas e um quarto de dormir bastante amplo para uma cena cinematográfica de dança, mas dormia sozinho desde a morte de sua primeira mulher, dez anos antes. Isso não quer dizer que ele não mais usasse mulheres. Era um homem fisicamente vigoroso apesar de sua idade, mas agora só podia ser excitado por mocinhas muito novas e aprendera que algumas horas da noite eram tudo o que a juventude do seu corpo e sua paciência podiam tolerar.

Naquela terça-feira, por algum motivo, acordara cedo. A luz da manhã tornava o seu enorme quarto tão embaçado quanto uma campina enevoada. A certa distância no pé de sua cama, estava uma coisa de forma familiar, e Woltz moveu-se com dificuldade apoiado nos cotovelos para conseguir uma visão mais clara. Tinha a forma de uma cabeça de cavalo. Ainda tonto, Woltz estendeu a mão para alcançar a lâmpada de cabeceira e acendeu-a.

O choque do que viu tornou-o fisicamente doente. Parecia que um grande martelo o havia atingido no peito, o seu coração começou a bater estranhamente e ele sentiu náuseas. O seu vômito respingou no tapete de gosto grosseiro.

Separada do corpo, a sedosa cabeça preta do grande cavalo *Khartoum* estava colada num espesso coágulo de sangue. Viam-se-lhe os tendões brancos e delgados. Espuma cobria-lhe o focinho, e seus olhos grandes como maçãs que haviam brilhado como ouro estavam manchados, lembrando uma fruta podre, de sangue morto, em conseqüência da hemorragia. Woltz foi atacado por um terror puramente animal, e, sob o efeito desse terror, gritou pelos criados e, em seguida, telefonou para Hagen, fazendo ameaças descontroladas. Seu delírio insano alarmou o mordomo, que telefonou para o médico particular de Woltz e para o seu substituto eventual no estúdio. Mas Woltz recuperou os sentidos antes de eles chegarem.

Woltz estava profundamente chocado. Que espécie de homem poderia destruir um animal que valia seiscentos mil dólares? Sem uma palavra de advertência. Sem qualquer possibilida-

de de negociação para que o ato, a sua ordem, pudesse ser revogado. A crueldade e a falta de consideração por qualquer valor implicavam um homem que considerava a si próprio como a sua própria lei, até como seu próprio Deus. E seu poder e astúcia eram tão grandes que tornaram importantes as severas medidas adotadas para a segurança das cocheiras. Pois àquela hora Woltz já sabia que o cavalo tinha sido obviamente narcotizado com uma forte dose antes que alguém calmamente cortasse a cabeça do animal com um machado. Os homens encarregados da vigilância noturna afirmaram que não ouviram nada. Para Woltz isso parecia impossível. Era preciso fazê-los falar. Eles se haviam vendido e era preciso fazê-los dizer quem os havia comprado.

Woltz não era burro, era apenas supremamente egoísta. Ele se havia enganado ao pensar que o poder de que dispunha fosse maior do que o poder de Don Corleone. Necessitava apenas de alguma prova de que isso não era verdade. Ele entendera essa mensagem. De que, apesar de sua riqueza, apesar de toda a sua intimidade com o Presidente dos Estados Unidos, apesar de todas as pretensões de amizade com o diretor do FBI, um obscuro importador de azeite italiano o teria assassinado, o teria "realmente" assassinado! Porque ele não desejava dar a Johnny Fontane o papel cinematográfico que ele queria. Era incrível. Ninguém tinha o direito de agir dessa maneira. Não poderia haver qualquer espécie de mundo se as pessoas agissem dessa maneira. Era loucura. Significava que o indivíduo não podia fazer o que quisesse com o seu próprio dinheiro, com as companhias que possuía, com o poder que tinha de dar ordens. Era dez vezes pior do que o comunismo. Isso tinha de ser esmagado. Nunca se devia permitir tal coisa.

Woltz acedeu em que o médico lhe aplicasse um sedativo brando. Isso o ajudou a acalmar-se e a pensar sensatamente. O que realmente o chocou foi a indiferença com que esse Don Corleone ordenara matar um cavalo de fama mundial que valia seiscentos mil dólares. Seiscentos mil dólares! E isso apenas para começar. Woltz deu de ombros. Pensou na vida que havia conseguido organizar. Era rico. Podia possuir as mulheres mais bonitas do mundo acenando com o dedo e prometendo um contrato. Era recebido por reis e rainhas. Levava a vida mais confortável que o dinheiro e o poder eram capazes de proporcionar. Era loucura arriscar perder tudo isso por causa de um capricho. Talvez pudesse chegar a um acordo com Don Corleone. Qual é a punição legal pelo ato de se matar um cavalo de corrida? Ele riu selvagemente, enquanto o seu médico e os criados o observavam com nervosa preocupação. Outro pensamento ocorreu-lhe. Ele seria motivo de chacota de toda a Califórnia simplesmente porque alguém desafiara desdenhosamente o

seu poder de maneira tão arrogante. Isso o levou a decidir-se. Isso e o pensamento de que, talvez, talvez eles não o matassem. Que estivessem planejando algo mais astuto e mais doloroso.

Woltz deu as ordens necessárias. A sua equipe pessoal de confiança entrou em ação. Os criados e o médico juraram manter segredo sob pena de expor-se à inimizade imorredoura de Woltz e do estúdio. Comunicou-se à imprensa que o cavalo de corrida *Khartoum* tinha morrido de uma doença contraída durante o seu embarque na Inglaterra. Foram expedidas ordens para enterrar os restos mortais do animal num lugar secreto da propriedade.

Seis horas depois, Johnny Fontane recebeu um telefonema do produtor executivo do filme informando-o de que se apresentasse para trabalhar na segunda-feira seguinte.

Nessa noite, Hagen dirigiu-se à casa de Don Corleone a fim de preparar-se para a importante reunião que manteria no dia seguinte com Virgil Sollozzo. Don Corleone havia chamado o filho mais velho para comparecer, e Sonny Corleone, com seu rosto de cupido denunciando cansaço, estava bebendo calmamente um copo de água. Ele ainda devia estar trepando com aquela dama de honor, pensou Hagen. Outra preocupação.

Don Corleone instalou-se numa poltrona fumando o seu charuto *Di Nobili*. Hagen tinha uma caixa deles em sua sala. Ele havia tentado fazer Don Corleone mudar para o *Havana*, mas Don alegara que este lhe irritava a garganta.

— Será que sabemos tudo necessário a respeito? — perguntou Don Corleone.

Hagen abriu o arquivo onde se encontravam as suas notas. Tais notas não eram de forma alguma incriminatórias, mas simplesmente lembretes enigmáticos para assegurar que ele estava de posse de todos os detalhes importantes.

— Sollozzo vem nos solicitar ajuda — disse Hagen. — Vai pedir à Família que levante pelo menos um milhão de dólares e prometa alguma espécie de imunidade com respeito à lei. Em virtude disso, passamos a participar da operação, ninguém sabe quanto. Sollozzo é garantido pela Família Tattaglia que, em conseqüência, participa da operação. A operação são narcóticos. Sollozzo tem os seus agentes na Turquia, onde cultivam a papoula. Daí ele a embarca para a Sicília. Nenhuma dificuldade. Na Sicília, transforma a planta em heroína. Tem operações seguras para transformá-la em morfina e voltar a transformá-la em heroína, se for necessário. Mas parece que a fabricação do produto na Sicília é protegida de toda maneira. A única dificuldade é trazê-la para os Estados Unidos e depois proceder à distribuição. Outro capital inicial. Um milhão de dólares em dinheiro não nasce em árvores.

Hagen viu Don Corleone fazer uma careta de desaprova-

ção. O velho detestava floreios desnecessários em questões de negócio. Continuou a falar de modo rápido:

— Chamam Sollozzo de turco por dois motivos. Ele passou algum tempo na Turquia e supõe-se que tem uma mulher e filhos turcos. Segundo. Pensa-se que ele é muito ligeiro com a faca, ou era, quando jovem. Somente em questões de negócio, entretanto, e com uma espécie de queixa razoável. É um homem muito competente, sendo seu próprio chefe. Tem ficha na polícia, cumpriu duas penas na prisão, uma na Itália, outra nos Estados Unidos, e é conhecido das autoridades como contrabandista de narcóticos. Isso podia ser uma vantagem para nós. Significa que ele jamais conseguirá imunidades para depor, porque é considerado o chefão e, naturalmente, devido à sua ficha. Outrossim, tem a mulher e três filhos americanos, e é um bom chefe de família. Faz qualquer acordo desde que saiba que o negócio será bem dirigido para render um bom dinheiro.

Don Corleone tirou uma baforada do charuto e perguntou:

— Santino, que é que você acha?

Hagen sabia o que Sonny iria responder. Sonny estava aborrecido por se achar sob o domínio de Don Corleone. Ele queria um grande empreendimento por sua própria conta. Algo como isso seria ótimo.

Sonny tomou um longo trago de uísque.

— Muito dinheiro se pode fazer com esse pó branco — respondeu ele. — Mas pode ser perigoso. Algumas pessoas podem acabar na cadeia por uns vinte anos. Quero dizer que se ficarmos fora das operações propriamente ditas, isto é, se apenas dermos proteção e financiamento, pode ser uma boa idéia.

Hagen olhou para Sonny apoiando-o. Ele jogara bem as cartas. Limitara-se ao óbvio, que era o que melhor podia fazer.

Don Corleone tirou uma baforada do seu charuto.

— E você, Tom, que é que acha?

Hagen preparou-se para ser completamente honesto. Já havia chegado à conclusão de que Don Corleone recusaria a proposta de Sollozzo. Mas, o que era pior, Hagen estava convencido de que em uma das raras vezes em sua vida Don Corleone não havia pensado inteiramente no assunto. Não estava olhando suficientemente para a frente.

— Vamos, Tom — exclamou Don Corleone encorajadoramente. — Nem mesmo um *consigliori* siciliano concorda sempre com o chefe.

Todos riram.

— Penso que você devia dizer sim — observou Hagen. — Você conhece todos os motivos evidentes. Porém o mais importante de todos é este. Há mais dinheiro em potencial em narcóticos do que em qualquer outro negócio. Se não entrarmos nele,

outras pessoas entrarão, talvez a Família Tattaglia. Com a receita que eles obtêm podem acumular cada vez mais poder policial e político. A Família deles ficará mais forte do que a nossa. Finalmente virão em cima de nós para tomar o que nós temos. É tal como acontece entre os países. Se eles se armam, temos de nos armar. Se eles se tornam econômicamente mais fortes, tornam-se uma ameaça para nós. No momento, temos o jogo e os sindicatos, e são precisamente agora as melhores coisas para se ter. Mas penso que os narcóticos são a próxima coisa. Acho que temos de participar disso ou pomos em risco tudo o que possuímos. Não agora, mas talvez daqui a dez anos.

Don Corleone parecia bastante impressionado. Tirou uma baforada de seu charuto e murmurou:

— Isso é a coisa mais importante, sem dúvida.

Deu um suspiro e pôs-se de pé:

— A que horas temos de encontrar esse turco amanhã?

Hagen respondeu esperançosamente:

— Ele estará aqui às dez horas da manhã.

Talvez Don Corleone resolvesse aceitar o negócio.

— Quero vocês dois aqui comigo — preveniu Don Corleone.

Levantou-se, espreguiçando-se, e pegou o filho pelo braço.

— Santino, durma bem esta noite, você parece o próprio diabo. Cuide de você, pois não será sempre jovem.

Sonny, animado por esse interesse paterno, fez a pergunta que Hagen não se atrevera a fazer:

— Pai, qual vai ser a sua resposta?

Don Corleone sorriu.

— Como posso saber sem antes ouvir as percentagens e outros detalhes? Além disso, preciso de tempo para pensar no conselho que me deram aqui esta noite. Afinal de contas, não sou homem que faz as coisas precipitadamente.

Quando ia saindo, perguntou casualmente a Hagen:

— Você tem em suas notas que o turco vivia da prostituição antes da guerra? Tal como a Família Tattaglia faz agora. Anote isso antes que você esqueça.

Havia um tom de escárnio na voz de Don Corleone, e Hagen ficou vermelho. Ele deliberadamente não mencionara isso, legitimamente por assim dizer, pois realmente não tinha qualquer relação, mas receara que pudesse prejudicar a decisão de Don Corleone. Ele era notoriamente rigoroso em questões de sexo.

Virgil Sollozzo, o turco, era um homem de constituição robusta, tez escura, que podia ser tomado por um verdadeiro turco. Tinha um nariz que lembrava uma cimitarra e olhos pretos cruéis. Possuía também uma dignidade impressionante.

Sonny Corleone recebeu-o na porta e o introduziu no escri-

tório onde Hagen e Don Corleone esperavam. Hagen pensou que nunca vira um homem de aspecto mais perigoso, com exceção de Luca Brasi.

Houve troca de apertos de mão corteses entre eles. Se Don Corleone me perguntar se esse homem tem culhão, eu responderei que sim, pensou Hagen. Nunca vira tamanha força num homem, nem mesmo em Don Corleone. De fato, Don Corleone parecia sentir-se inferiorizado. Ele foi um pouco demasiadamente simples, um pouco demasiadamente agradável em sua saudação.

Sollozzo entrou no assunto imediatamente. O negócio eram narcóticos. Tudo estava estabelecido. Os campos de papoula na Turquia haviam-lhe garantido certas quantidades todo ano. Ele tinha uma fábrica protegida na França para converter a papoula em morfina e outra fábrica completamente garantida na Sicília para transformá-la em heroína. O contrabando para entrar nos dois países era tão seguro quanto tais coisas podiam ser. A entrada nos Estados Unidos envolvia cerca de 5% de prejuízo, pois o próprio FBI era incorruptível, como ambos sabiam. Mas os lucros seriam enormes, o risco não existia.

— Então por que você veio a mim? — perguntou Don Corleone delicadamente. — Por que passei a merecer essa generosidade de sua parte?

O rosto escuro de Sollozzo permaneceu impassível.

— Preciso de dois milhões de dólares em dinheiro — respondeu. — Igualmente importante, preciso de um homem que tenha amigos poderosos nos lugares-chave. Alguns dos meus correios serão apanhados no decorrer dos anos. Isso é inevitável. Todos eles terão fichas limpas, isso eu prometo. Assim, será lógico que os juízes dêem penas leves. Preciso de um amigo que possa garantir que quando meu pessoal estiver em dificuldade não passe mais de um ano ou dois na cadeia. Assim, ele não falará. Mas se pegar dez ou vinte anos, quem sabe? Nesse mundo há muitos indivíduos fracos. Eles podem falar, e pôr em perigo gente mais importante. A proteção legal é uma coisa indispensável. Ouvi dizer, Don Corleone, que o senhor tem tantos juízes em sua gaveta como um engraxate tem moedas de níquel.

Don Corleone não tomou conhecimento dessa lisonja.

— Que percentagem oferece à minha Família? — perguntou.

Os olhos de Sollozzo brilharam.

— Cinquenta por cento.

Fez uma pausa e depois disse numa voz que era quase um carinho:

— No primeiro ano, a sua parcela de lucro seria de três ou quatro milhões de dólares. Depois subiria.

— E qual é a percentagem da Família Tattaglia? — perguntou Don Corleone.

Pela primeira vez Sollozzo pareceu ficar nervoso.

— Ela receberá uma parte da minha parcela. Preciso de alguma ajuda nas operações.

— Assim, — falou Don Corleone — eu recebo 50% simplesmente pelo financiamento e proteção legal. Não tenho preocupações com as operações, é isso o que você quer dizer?

Sollozzo acenou a cabeça afirmativamente.

— Se o senhor acha que dois milhões de dólares em dinheiro são um "simples financiamento", eu o felicito, Don Corleone.

Don Corleone falou calmamente:

— Consenti em vê-lo, apesar do meu respeito pelos Tattaglia e porque ouvi dizer que o senhor é um homem sério que também merece ser tratado com respeito. Devo dizer-lhe não, mas devo dar-lhe minhas razões. Os lucros em seu negócio são enormes, mas também o são os riscos. A sua operação, se eu fizesse parte dela, poderia prejudicar meus outros interesses. É verdade que tenho inúmeros amigos na política, mas eles não seriam tão cordiais, se meu negócio fossem narcóticos em vez de jogo. Eles pensam que o jogo é algo como a bebida, um vício inofensivo, e acham que o narcótico é um negócio sujo. Não, não proteste. Estou-lhe dizendo a opinião deles, não a minha. Como um homem ganha a vida é assunto que não me interessa. E o que estou dizendo é que esse seu negócio é muito arriscado. Todos os membros de minha Família têm vivido bem os últimos dez anos, sem perigo, sem prejuízo. Não posso expor ao perigo esses homens ou seus meios de vida por simples ganância.

O único sinal de decepção de Sollozzo foi uma rápida piscadela em torno da sala, como que esperando que Hagen ou Sonny falasse em seu favor. Depois disse:

— O senhor está preocupado com a garantia que posso oferecer aos seus dois milhões?

Don Corleone sorriu friamente.

— Não — respondeu.

Sollozzo fez nova tentativa.

— A Família Tattaglia garantirá também o seu investimento.

Foi então que Sonny Corleone cometeu um erro imperdoável de julgamento e conduta. Perguntou ansiosamente:

— A Família Tattaglia garante a volta do nosso investimento sem nos tirar qualquer percentagem?

Hagen ficou horrorizado com essa interrupção. Ele viu Don Corleone ficar frio, com os olhos maldosos pousados no seu filho mais velho, que ficou gelado de aflição incompreendida. Os olhos de Sollozzo piscaram novamente, mas desta vez com

satisfação. Tinha descoberto uma fenda na fortaleza de Don Corleone. Quando este falou, sua voz denotava uma desaprovação.

— Os jovens são gananciosos — disse ele. — E hoje em dia não têm modos, interrompem os mais velhos e metem o bedelho. Mas tenho uma fraqueza sentimental pelos meus filhos e os tenho mimado. Como vê, *Signor* Sollozzo, meu "não" é final. Digamos que eu particularmente lhe desejo boa sorte no seu negócio. Não entra em conflito com o meu. Lamento ter de decepcioná-lo.

Sollozzo curvou-se, apertou a mão de Don Corleone e se deixou conduzir por Hagen até o seu carro. Não havia qualquer expressão em seu rosto quando ele se despediu de Hagen.

Quando Hagen voltou à sala, Don Corleone perguntou-lhe:

— Que é que você pensa desse homem?

— Ele é siciliano — respondeu Hagen secamente.

Don Corleone balançou a cabeça pensativamente. Depois virou-se para o filho e disse com brandura:

— Santino, nunca deixe nenhum estranho à Família saber o que você pensa. Nunca deixe alguém saber o que pensa intimamente. Acho que os seus miolos estão amolecendo com toda essa comédia que você está representando com essa moça. Pare com isso e passe a dar atenção aos negócios. Agora, saia da minha vista.

Hagen viu a surpresa estampada no rosto de Sonny, depois a raiva ante a reprovação do pai. Pensava realmente que Don Corleone ignoraria tal conquista, Hagen duvidava. E não sabia ele realmente que erro perigoso cometera essa manhã? Se isso fosse verdade, Hagen jamais desejaria ser o *consigliori* de Don Santino Corleone.

Don Corleone esperou até que Sonny deixasse a sala. Depois voltou a afundar-se na poltrona de couro e bruscamente fez sinal pedindo uma bebida. Hagen serviu-lhe um cálice de aniseta. Don Corleone levantou os olhos para ele.

— Mande Luca Brasi falar comigo — disse ele.

Três meses depois, Hagen lia apressadamente a sua papelada em seu escritório da cidade, esperando sair mais cedo para fazer algumas compras de Natal para a mulher e filhos. Foi interrompido por um telefonema de Johnny Fontane que começou a falar com grande entusiasmo. O filme tinha sido rodado, a primeira cópia, qualquer que diabo fosse, pensou Hagen, era fabulosa. Ele estava enviando para Don Corleone um presente de Natal que o deslumbraria, gostaria de levá-lo pessoalmente, mas havia pequenas coisas a serem feitas no filme. Teria de permanecer na Califórnia. Hagen procurava esconder sua impaciência. Johnny Fontane perdera para ele todo o seu encanto. Mas isso despertara o seu interesse.

— Que é? — perguntou ele.

Johnny Fontane riu entredentes e respondeu:

— Não posso dizer, isso é a melhor coisa de um presente de Natal.

Hagen imediatamente perdeu todo o interesse e finalmente conseguiu, de modo delicado, encerrar a conversação telefônica.

Dez minutos depois, sua secretária informou-o de que Connie estava ao telefone e queria falar-lhe. Hagen suspirou. Como moça, Connie havia sido boazinha; como mulher casada, era uma amolação. Fazia queixas do marido. Costumava ir para casa para visitar a mãe por dois ou três dias. E Carlo Rizzi se estava revelando um verdadeiro fracasso. Tinham-no estabelecido com um pequeno negócio interessante, mas estava levando a breca. Também dera para beber, para entregar-se à devassidão, para jogar e bater na mulher de vez em quando. Connie não dissera isso à Família, mas contou a Hagen. Ele se interrogava que nova história de infortúnio ela teria para contar-lhe agora.

Entretanto, o espírito de Natal parecia que lhe havia trazido algum ânimo. Connie queria apenas perguntar a Hagen o que o pai realmente gostaria de receber de presente. E Sonny, Fred e Mike. Ela já sabia o que iria comprar para a mãe. Hagen fez algumas sugestões, todas rejeitadas por ela como tolas. Finalmente, Connie desligou.

Quando o telefone tocou novamente, Hagen voltou a pôr todos os papéis na cesta. O diabo que agüentasse aquilo. Ele ia embora. Não lhe ocorreu, contudo, recusar a atender o telefonema. Quando a sua secretária lhe comunicou que era Michael Corleone, ele pegou o telefone com prazer. Sempre gostara de Mike.

— Tom, — falou Michael Corleone — vou descer para a cidade com Kay, amanhã. Há algo importante que quero comunicar ao velho antes do Natal. Será que ele estará em casa amanhã de noite?

— Certamente — respondeu Hagen. — Ele não vai sair da cidade até depois do Natal. Posso fazer algo por você?

Michael era tão reservado quanto o pai.

— Não — respondeu ele. — Penso que o verei no Natal, todo mundo estará fora, em Long Beach, certo?

— Certo — respondeu Hagen.

Achou graça quando Mike desligou o telefone sem mais nem menos.

Hagen ordenou a sua secretária que ligasse para a mulher e dissesse que iria para casa um pouco mais tarde, mas que lhe preparasse alguma ceia. Saindo do edifício, passou a caminhar rapidamente para o centro da cidade em direção ao Macy's. Alguém interceptou-lhe o passo. Para surpresa sua, viu que era Sollozzo.

Sollozzo tomou-o pelo braço e disse calmamente:

— Não se assuste, quero apenas falar com você.

Um carro estacionado no meio-fio, subitamente, teve a sua porta aberta. Sollozzo falou com insistência:

— Entre, quero falar com você.

Hagen puxou o braço livrando-se de Sollozzo. Não estava sobressaltado, apenas irritado.

— Não tenho tempo — retrucou.

Nesse momento, dois homens vieram por trás dele. Hagen sentiu uma fraqueza súbita nas pernas. Sollozzo disse brandamente:

— Entre no carro. Se eu quisesse matá-lo, você estaria morto agora. Confie em mim.

Sem qualquer sombra de confiança, Hagen entrou no carro.

Michael Corleone mentira para Hagen. Ele já estava em Nova York, e telefonara de um quarto do Hotel Pensilvânia a menos de dez quarteirões de distância. Quando ele desligou, Kay Adams jogou fora o seu cigarro e disse:

— Mike, que mentiroso você é.

Michael sentou-se ao lado dela na cama.

— Tudo por você, querida; se eu dissesse à minha família que nós estávamos na cidade teríamos de ir diretamente para lá. Então, não poderíamos sair para jantar, não poderíamos ir ao teatro e não poderíamos dormir juntos esta noite. Não na casa do meu pai, enquanto não somos casados.

Ele passou os braços em volta da moça e a beijou delicadamente nos lábios. A sua boca era doce, e ele delicadamente fê-la deitar-se na cama. Kay fechou os olhos, esperando que Michael lhe fizesse amor, e ele sentiu uma felicidade enorme. Passara os anos da guerra lutando no Pacífico, e naquelas ilhas malditas havia sonhado com uma garota como Kay Adams. Com uma beleza igual à dela. Um corpo frágil e bonito, branco como leite e eletrizado pela paixão. Ela abriu os olhos e depois puxou a cabeça dele para beijá-la. Amaram-se até chegar a hora do jantar e de ir para o teatro.

Depois do jantar, passaram pelos grandes magazines profusamente iluminados, cheios de fregueses que faziam as suas compras, e Michael perguntou:

— Que é que vou comprar para você como presente de Natal?

Ela achegou-se bem a ele.

— Quero apenas você — respondeu. — Você acha que o seu pai vai concordar que se case comigo?

Michael retrucou delicadamente:

— A questão não é realmente essa. Será que os seus pais vão concordar que você case comigo?

Kay deu de ombros.

— Não me importo com isso — respondeu.

— Até pensei em mudar o nome, legalmente, — disse Michael — mas se algo acontecesse, isso realmente não adiantaria nada. Você tem certeza de que quer entrar para a família Corleone? — perguntou meio brincalhão.

— Sim — respondeu ela séria.

Eles se apertaram mutuamente. Haviam resolvido casar-se durante a semana do Natal, uma cerimônia civil tranquila na pretoria com apenas dois amigos como testemunhas. Mas Michael insistira em que devia comunicar ao pai. Explicara que o velho não se oporia de maneira alguma desde que a coisa não fosse feita em segredo. Kay tinha suas dúvidas. Dissera que só poderia comunicar a seus pais depois do casamento.

— Certamente eles pensarão que estou grávida — disse ela.

Michael sorriu mostrando os dentes.

— Meus pais pensarão a mesma coisa — acrescentou ele.

O que nenhum deles mencionou foi o fato de que Michael teria de cortar seus laços íntimos com a família. Ambos compreendiam que Michael já havia feito isso até certo ponto e se sentiam culpados com respeito a esse fato. Planejavam terminar o curso, vendo-se um ao outro nos fins-de-semana e vivendo juntos durante as férias de verão. Isso lhes parecia uma vida feliz.

A peça a que assistiam era um musical chamado *Carousel*, cuja história sentimental de um ladrão farofeiro os fez rir alegremente. Quando saíram do teatro, fazia frio. Kay aconchegou-se a ele e disse:

— Depois que a gente se casar, você vai bater-me e depois roubar uma estrela para me dar de presente?

Michael deu uma gargalhada.

— Vou ser professor de Matemática — declarou. — Em seguida, perguntou: — Você quer alguma coisa para comer antes de irmos para o hotel?

Kay balançou a cabeça. Olhou para ele expressivamente. Michael, como sempre, estava excitado pela ànsia dela de fazer amor. Riu para ela, e os dois se beijaram na rua fria. Michael sentia fome e resolveu pedir que mandassem sanduíches para o quarto.

No saguão do hotel, Michael empurrou Kay para a banca de jornais dizendo:

— Apanhe os jornais, enquanto pego a chave.

Ele teve de esperar numa pequena fila; o hotel estava ainda com falta de empregados, apesar de já ter terminado a guerra. Michael apanhou a chave do quarto e procurou Kay em volta, com os olhos, impacientemente. Ela estava postada ao lado da banca, com os olhos fixos no jornal que segurava na mão. Ele se encaminhou na direção dela. Kay olhou para ele, com os olhos cheios de água.

— Oh, Mike! — exclamou ela. — Oh, Mike!

Michael tirou o jornal das mãos dela. A primeira coisa que viu foi uma fotografia do pai caído na rua, com a cabeça numa poça de sangue. Um homem estava sentado no meio-fio chorando como uma criança. Era seu irmão Freddie. Michael Corleone sentiu o corpo ficar gelado. Não havia pesar, nem medo, apenas raiva fria. Ele disse para Kay:

— Suba para o quarto.

Mas ele teve de tomá-la pelo braço e conduzi-la para o elevador. Subiram em silêncio. Ao chegarem ao quarto, Michael sentou-se na cama e abriu o jornal. As manchetes diziam: VITO CORLEONE BALEADO. SUPOSTO CHEFE DE EXTORSIONÁRIOS GRAVEMENTE FERIDO. OPERADO SOB FORTE PROTEÇÃO POLICIAL. TEME-SE SANGRENTA GUERRA DE QUADRILHAS.

Michael sentiu fraqueza nas pernas. Disse para Kay:

— Ele não está morto, os canalhas não o mataram.

Leu a notícia novamente. Seu pai tinha sido baleado às cinco horas da tarde. Isso significava que, enquanto ele estava fazendo amor com Kay, jantando, deleitando-se no teatro, o seu pai estava à morte. Michael começou a sentir-se pesarosamente culpado.

— Vamos ao hospital agora? — perguntou Kay.

Michael balançou a cabeça.

— Deixe-me telefonar para casa primeiro. O pessoal que fez isso está maluco e agora que o velho está vivo muita gente está desesperada. Que diabo sabe o que esse pessoal vai fazer em seguida.

Ambos os telefones na casa de Long Beach estavam ocupados e Michael teve de esperar quase vinte minutos para conseguir ligação. Finalmente ouviu a voz de Sonny dizer:

— Sim.

— Sonny, sou eu — disse Michael.

Ele pôde ouvir o alívio na voz de Sonny.

— Jesus, menino, você nos deixou preocupados. Onde diabo está você? Mandei gente a essa sua cidade caipira para ver o que aconteceu.

— Como está o velho? — perguntou Michael. — Qual é a gravidade do ferimento?

— Muito sério — respondeu Sonny. — Eles o atingiram com cinco tiros. Mas o velho é duro.

A voz de Sonny denotava orgulho.

— Os médicos disseram que escapará. Ouça, menino, estou ocupado, não posso falar, onde está você?

— Nova York — respondeu Michael. — Tom não lhe falou que eu ia descer?

Sonny baixou um pouco a voz.

— Raptaram Tom. Essa a razão por que eu estava preocupado com você. A mulher dele está aqui. Ela não sabe, nem tampouco os tiras. Não quero que eles saibam. Os bandidos que fizeram isso devem estar malucos. Quero que você saia daqui imediatamente e se mantenha calado. Entendido?

— Entendido — respondeu Mike — você sabe quem fez isso?

— Certamente — retrucou Sonny. — Logo que Luca Brasi se apresentar, eles estarão mortos. Ainda somos senhores da situação.

— Sairei dentro de uma hora — disse Mike. — Num táxi.

Ele desligou. Os jornais já estavam na rua há mais de três horas. Deviam ter dado notícia pelo rádio. Era quase impossível que Luca não tivesse ouvido. Preocupado, Michael ponderava sobre a questão. Onde estava Luca Brasi? Era a mesma pergunta que Hagen fazia nesse momento. Era a mesma pergunta que intrigava Sonny Corleone lá em Long Beach.

A um quarto para as cinco horas dessa tarde, Don Corleone terminara de examinar os documentos que o chefe do escritório de sua companhia de azeite preparara para ele. Pôs o paletó e deu uma pancadinha na cabeça de seu filho Freddie para fazê-lo tirar os olhos do vespertino que estava lendo absortamente.

— Diga a Gatto para tirar o carro do parque de estacionamento — disse ele. — Estarei pronto para ir para casa em poucos minutos.

— Eu mesmo vou ter de apanhá-lo — resmungou Freddie. — Paulie telefonou esta manhã dizendo que está doente. Pegou um resfriado novamente.

Don Corleone olhou pensativo por um momento.

— Esta é a terceira vez este mês. Penso que talvez é melhor você arranjar um sujeito mais sadio para esse serviço. Fale com Tom.

— Paulie é um bom menino — protestou Fred. — Se ele diz que está doente, está doente. Eu não me importo em apanhar o carro.

Fred saiu do escritório. Don Corleone olhou pela janela quando o filho cruzava a Nova Avenida para o parque de estacionamento. Resolveu telefonar para o escritório de Hagen, porém não obteve resposta. Ligou para a casa de Long Beach, mas igualmente ninguém atendeu. Irritado, olhou pela janela. Seu carro estava estacionado no meio-fio em frente ao seu edifício. Freddie estava encostado no pára-lama, com os braços cruzados, olhando os transeuntes atarefados com as compras de Natal. Don Corleone pôs o paletó. O chefe do escritório ajudou-o a vestir o sobretudo. O velho resmungou os seus agradecimentos e saiu, começando a descer os dois lanços de escada.

Lá fora na rua, a luz do começo de inverno estava falhando.

Freddie encostou-se casualmente no pára-lama do pesado *Buick*. Quando viu o pai sair do edifício, desceu para a rua para o lado do assento do motorista e entrou no carro. Don Corleone estava prestes a entrar no veículo pelo lado da calçada, quando hesitou e depois voltou até a comprida banca de frutas situada perto da esquina. Isso já se tornara hábito ultimamente, ele gostava das frutas grandes, fora de estação, os pêssegos e laranjas amarelas, que luziam em suas caixas verdes. O proprietário moveu-se rapidamente para atendê-lo. Don Corleone não pegava nas frutas. Apenas apontava. O fruteiro só discordou de suas decisões uma vez, para mostrar-lhe que uma das frutas por ele escolhidas tinha um lado podre. Don Corleone pegou o saco de papel com a mão esquerda e pagou ao homem com uma nota de cinco dólares. Apanhou o troco e, quando se virou para voltar para o carro que o esperava, dois homens vieram da esquina. Don Corleone sabia imediatamente o que estava para acontecer.

Os dois homens usavam sobretudos pretos e chapéus também pretos puxados para baixo, a fim de esconder o rosto. Não esperavam a pronta reação de Don Corleone. Este deixou cair o saco de frutas e correu para o carro estacionado com uma rapidez espantosa para um homem de seu volume, ao mesmo tempo em que gritava:

— Fredo, Fredo!

Foi então que os dois homens puxaram suas armas e dispararam.

O primeiro tiro pegou Don Corleone nas costas. Ele sentiu o choque violento do impacto, mas fez seu corpo mover-se até o carro. As duas balas seguintes atingiram-no nas nádegas e fizeram-no cair estatelado no meio da rua. Entrementes, os dois pistoleiros, tomando cuidado para não escorregar nas frutas que rolavam no chão, partiram em direção a ele a fim de acabar de liquidá-lo. Nesse momento, talvez num máximo de cinco segundos depois que Don Corleone tinha gritado para o filho, Frederico Corleone apareceu fora do carro, assomando sobre ele. Os pistoleiros dispararam mais dois tiros apressados em Don Corleone que estava deitado na sarjeta. Um o atingiu na parte carnosa do braço e o outro na barriga da perna direita. Embora esses ferimentos fossem os menos graves, sangravam abundantemente, formando pequenas poças de sangue ao lado de seu corpo. Porém, nessa altura, Don Corleone tinha perdido a consciência.

Freddie ouvira o grito do pai, chamando-o pelo apelido de infância, e em seguida escutava os dois primeiros estampidos. No momento em que saiu do carro, ele se achava em estado de choque, não tendo sequer sacado a arma. Os dois assassinos podiam facilmente tê-lo abatido a tiros. Mas eles também estavam em pânico. Deviam saber que o filho estava armado, e além

disso muito tempo havia passado. Desapareceram na esquina, deixando Freddie sozinho na rua com o corpo ensanguentado do pai. Muitos transeuntes que atravancavam a avenida lançaram-se para as portas ou no chão, outros aglomeraram-se em pequenos grupos.

Freddie, contudo, não puxara sua arma. Parecia atordoado. Olhava fixamente para o corpo do pai que jazia de bruços no asfalto, deitado agora no que lhe parecia ser um escuro lago de sangue. Freddie estava traumatizado. Gente afluía novamente, e alguém, vendo-o começar a desfalecer, conduziu-o até o meio-fio e fê-lo sentar-se ali. Uma multidão se formou em torno do corpo de Don Corleone, um círculo que se desmanchou quando o primeiro carro da polícia tocou a sirena para abrir caminho. Diretamente atrás da polícia vinha o carro do *Daily News* e, mesmo antes de ele parar, um fotógrafo saltou para bater chapas de Don Corleone esvaindo-se em sangue. Alguns momentos depois, chegou uma ambulância. O fotógrafo voltou sua atenção para Freddie Corleone, que estava agora chorando abertamente, e isso era uma cena curiosamente cômica, devido ao seu rosto duro de cupido, nariz grande e boca espessa lambuzada de muco. Agentes se espalhavam pela multidão e mais carros da polícia chegavam. Um detetive ajoelhou-se ao lado de Freddie, interrogando-o, mas Freddie se achava em profundo estado de choque para responder. O detetive meteu a mão no bolso interno do casaco de Freddie e tirou sua carteira. Olhou para a identificação aí contida e assoviou para o companheiro. Em poucos segundos, Freddie foi isolado da multidão por um numeroso grupo de policiais à paisana. O primeiro detetive encontrou o revólver de Freddie em seu coldre e tirou-o. Então levantaram Freddie e puseram-no de pé, empurrando-o para dentro de um carro sem marca da polícia. Quando o veículo se afastou, foi seguido pelo carro do *Daily News*. O fotógrafo estava ainda batendo chapas de tudo e de todos.

Na meia hora após o atentado a tiros contra seu pai, Sonny Corleone recebeu cinco telefonemas em rápida sucessão. O primeiro foi do Detetive John Phillips, que estava na folha de pagamento da Família e estivera no carro da frente de policiais à paisana no local do crime. A primeira coisa que ele perguntou a Sonny pelo telefone foi:

— Você reconhece minha voz?

— Sim — respondeu Sonny.

Ele estava despertando de uma soneca, tendo sido chamado ao telefone por sua mulher.

Phillips disse rapidamente sem preâmbulo:

— Alguém baleou seu pai na porta do edifício de seu escritório. Há cerca de quinze minutos. Ele está vivo, mas gravemen-

te ferido. Levaram-no para o Hospital Francês. Conduziram seu irmão Freddie para o distrito de Chelsea. É melhor conseguir um médico para ele quando o soltarem. Vou agora para o hospital a fim de ajudar a interrogar o seu velho, se ele puder falar. Manterei você informado a respeito do assunto.

Do outro lado da mesa, a mulher de Sonny, Sandra, percebeu que o rosto do marido se tornara vermelho, com o sangue afluindo precipitadamente. Seus olhos se tornaram vidrados.

— Que é que há? — perguntou ela.

Ele acenou-lhe impacientemente para que se calasse, virou o corpo, dando as costas para ela e perguntou no telefone:

— Você tem certeza de que ele está vivo?

— Sim, tenho certeza — respondeu o detetive. — Ele perdeu muito sangue, mas acho que talvez não esteja tão ruim como parece.

— Obrigado — disse Sonny. — Esteja em casa amanhã de manhã às oito horas em ponto. Você merece uma boa recompensa.

Sonny pôs o fone no gancho. Fez um esforço para manter-se calmo. Sabia que a sua maior fraqueza era a ira, e aquele era um momento em que a ira podia ser fatal. A primeira coisa a fazer era chamar Tom Hagen. Mas antes que pudesse pegar no telefone, este tocou. A chamada era do *bookmaker* autorizado pela Família a funcionar na zona do escritório de Don Corleone. O *bookmaker* chamou para informá-lo de que Don Corleone tinha sido assassinado, fatalmente baleado na rua. Após algumas gestões para se assegurar de que o informante do *bookmaker* não estivera perto do corpo, Sonny rejeitou a informação como incorreta. A informação de Phillips seria mais exata. O telefone tocou quase imediatamente pela terceira vez. Era um repórter do *Daily News*. Assim que ele se identificou, Sonny Corleone desligou.

Em seguida discou para a casa de Hagen e perguntou à mulher dele:

— Tom já veio para casa?

— Não — respondeu ela, acrescentando que ele devia demorar uns vinte minutos, mas que ela o esperava em casa para a ceia.

— Diga-lhe que telefone para mim — disse Sonny.

Ele procurou considerar os fatos. Tentou imaginar como o pai reagiria numa situação como essa. Sabia imediatamente que era um ataque de Sollozzo, mas Sollozzo nunca se atreveria a eliminar um chefe de tão alto gabarito como Don Corleone, a não ser que fosse apoiado por outras pessoas poderosas. O telefone, tocando pela quarta vez, interrompeu-lhe os pensamentos. A voz do outro lado era muito branda, muito gentil:

— Santino Corleone?

— Sim — respondeu Sonny.

— Temos em nosso poder Tom Hagen — informou a voz. Dentro de três horas, ele será solto com a nossa proposta. Não faça nada precipitadamente até ouvir o que ele tem a dizer. Você só pode causar um bocado de complicação. O que está feito está feito. Todo mundo deve ser sensato agora. Não perca as estribeiras.

A voz era ligeiramente escarnecedora. Sonny não tinha certeza, mas parecia ser a de Sollozzo. Respondeu numa voz fingidamente abafada e deprimida:

— Vou esperar.

Ouviu desligarem do outro lado o receptor. Olhou para seu pesado relógio-pulseira de ouro, e observou a hora exata do telefonema, anotando-a na toalha da mesa.

Sentou-se na mesa da cozinha, franzindo as sobrancelhas. A mulher perguntou:

— Sonny, que é que há?

— Balearam o velho — respondeu calmamente.

Quando percebeu no rosto dela o choque que lhe causara a notícia, acrescentou asperamente:

— Não se preocupe, ele não está morto. E nada mais vai acontecer.

Nada comentou a respeito de Hagen. E então o telefone tocou pela quinta vez.

Era Clemenza. A voz do gorducho veio ofegante pelo telefone em arfadas rosnantes:

— Você já sabe o que aconteceu a seu pai? — perguntou ele.

— Sim — respondeu Sonny. — Mas ele não está morto.

Houve uma longa pausa e depois a voz de Clemenza fez-se ouvir com repassada emoção:

— Graças a Deus, graças a Deus! — Você tem certeza? — acrescentou ansiosamente. — Disseram-me que ele estava morto na rua.

— Ele está vivo — retrucou Sonny.

Sonny prestava atenção na entonação da voz de Clemenza. A emoção parecia autêntica, mas era parte da profissão do gordo ser um bom ator.

— Você vai ter de trabalhar muito, Sonny — disse Clemenza. — Que é que você quer que eu faça?

— Vá até a casa de meu pai — respondeu Sonny. — Traga Paulie Gatto.

— Só isso? — perguntou Clemenza. — Não quer que eu mande alguns homens para o hospital e para a sua casa?

— Não, quero apenas você e Paulie Gatto — retorquiu Sonny.

Houve uma longa pausa. Clemenza estava entendendo a coisa. Para dar à situação um aspecto um pouco mais natural, Sonny perguntou:

— Onde diabo estava Paulie, afinal? Que diabo estava ele fazendo?

Não havia mais ofegação do outro lado da linha. A voz de Clemenza era cautelosa.

— Paulie estava doente, apanhara um resfriado, assim ficara em casa. Ele tem estado um pouco doente todo o inverno.

Sonny muito prontamente perguntou:

— Quantas vezes ele ficou em casa nos últimos dois meses?

— Talvez três ou quatro — respondeu Clemenza. — Sempre perguntei a Freddie se ele queria outro sujeito, mas ele disse que não. Não há motivo, nos dez últimos anos as coisas têm andado bem calmas, você sabe.

— Sim — retrucou Sonny. — Eu o verei em casa de meu pai. Não deixe de trazer Paulie. Apanhe-o no caminho. Não me importo quão doente ele esteja. Entendeu? — Bateu com o telefone no gancho sem esperar resposta.

Sua mulher estava chorando silenciosamente. Sonny olhou para ela por um momento, depois disse com voz áspera:

— Se alguém do meu pessoal telefonar, diga-lhe para chamar-me na casa de meu pai pelo telefone especial. Se for outra pessoa qualquer, você não sabe de nada. Se a mulher de Tom tocar, diga-lhe que Tom demorará um pouco a chegar em casa, ele está a serviço.

Ele ponderou por um momento. Viu o mêdo estampado no rosto dela e disse impacientemente:

— Você não precisa ficar assustada, eu os quero aqui. Faça o que eles lhe mandarem fazer. Se você quiser falar comigo, chame-me pelo telefone especial do papai, mas não me telefone a menos que seja realmente importante. E não se preocupe.

Em seguida, saiu de casa.

Já era noite fechada e o vento de dezembro soprava fortemente pela alameda. Sonny não tinha medo de andar por ali no escuro. Todas as oito casas eram de propriedade de Don Corleone. Na entrada da alameda, as duas casas de cada lado eram alugadas a servidores da Família com suas próprias famílias e seus dependentes, homens solteiros que viviam nos apartamentos do subsolo. Das outras seis casas que formavam o resto do semicírculo, uma era habitada por Tom Hagen e sua família, de sua propriedade, e a menor e menos pretensiosa, pelo próprio Don Corleone. As outras três eram habitadas graciosamente por amigos aposentados de Don Corleone com a condição de que seriam desocupadas quando ele o exigisse. A alameda, aparentemente inofensiva, era uma fortaleza inexpugnável.

Todas as oito casas eram equipadas com holofotes que iluminavam profusamente o terreno em volta delas e tornavam impossível que alguém ali se emboscasse. Sonny atravessou a rua para a casa do pai e entrou com a sua própria chave.

— Mãe, onde está você? — gritou, e a mãe veio da cozinha ao seu encontro.

Atrás dela, elevou-se o cheiro de pimentões fritos. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Sonny tomou-a pelo braço e fê-la sentar-se.

— Acabo de receber um telefonema — disse ele. — Agora não se preocupe. Papai está no hospital, está ferido. Vista-se e apronte-se para ir para lá. Terei um carro e um motorista para você dentro de pouco tempo. Entendido?

A mãe olhou para ele firmemente por um momento, depois perguntou em italiano:

— Eles o balearam?

Sonny acenou com a cabeça afirmativamente. A mãe baixou a cabeça por um momento. Em seguida, voltou para a cozinha. Sonny a seguiu. Ele a viu desligar o gás sob a frigideira cheia de pimentões e depois sair e subir para o quarto de dormir. Sonny pegou alguns pimentões da frigideira e pão da cesta em cima da mesa e fez um sanduíche, lambuzando-se com o azeite quente que lhe escorria pelos dedos. Foi até a enorme sala do canto que era o escritório do pai e tirou o telefone especial de uma caixa fechada à chave. O fone tinha sido especialmente instalado e o aparelho constava no catálogo com nome e endereço falsos. A primeira pessoa que Sonny chamou foi Luca Brasi. Não houve resposta. Depois telefonou para o *caporegime* de Brooklyn, um homem de indiscutível lealdade a Don Corleone. O nome desse homem era Tessio. Sonny comunicou-lhe o que havia acontecido e o que desejava. Tessio devia reunir cinqüenta homens de absoluta confiança. Devia mandar guardas para o hospital e destacar homens para Long Beach, a fim de trabalharem lá. Tessio perguntou:

— Eles pegaram Clemenza também?

— Não quero usar o pessoal de Clemenza agora — respondeu Sonny.

Tessio compreendeu imediatamente, fez uma pausa, e depois falou:

— Desculpe-me, Sonny, digo isso como seu pai diria. Não ande muito depressa. Não acredito que Clemenza nos traia.

— Obrigado — respondeu Sonny. — Não penso assim, mas preciso tomar cuidado. Certo?

— Certo — retrucou Tessio.

— Outra coisa — disse Sonny. — Meu irmão menor Mike está na escola em Hanover, New Hampshire. Faça algumas pessoas que nós conhecemos em Boston irem até lá e o trazerem aqui para casa até que a situação se acalme. Vou telefonar para ele para que as espere. Também estou medindo bem as coisas, justamente para ter certeza.

— Entendido — respondeu Tessio. — Estarei na casa de

seu pai assim que tiver todas as coisas providenciadas. Entendido? Você conhece meus rapazes, não é?

— Sim — retrucou Sonny, e desligou o telefone.

Foi até um pequeno cofre de parede e o abriu, dele tirando um livro com índice alfabético encadernado em couro azul. Abriu-o e folheou-o até encontrar o lançamento que estava procurando, o qual dizia: "Ray Farrell 5.000 dólares véspera de Natal". Isso era seguido de um número de telefone. Sonny discou o número e perguntou:

— Farrell?

O homem do outro lado da linha respondeu:

— Sim.

— Aqui é Santino Corleone — disse Sonny. — Quero que você me faça um favor e que seja já. Quero que você me averigúe dois números de telefone e me forneça todas as chamadas que eles receberam e todas as chamadas que fizeram durante os últimos três meses. — Deu o número da casa de Paulie Gatto e o da casa de Clemenza. Depois acrescentou: — Isso é importante. Consiga-me isso antes de meia-noite e você terá um Natal verdadeiramente extraordinário.

Antes de voltar a considerar os fatos, Sonny deu mais um telefonema para o número de Luca Brasi. Outra vez não houve resposta. Isso o preocupou, mas procurou esquecer logo. Luca viria para casa assim que soubesse a notícia. Sonny reclinou-se na cadeira giratória. Dentro de uma hora, a casa estaria apinhada de gente da Família e ele teria de comunicar a todos eles o que fazer, e agora que finalmente tinha tempo para pensar podia avaliar como a situação era séria. Era o primeiro desafio à Família Corleone e ao poder dela em dez anos. Não havia dúvida de que Sollozzo estava por trás disso, mas ele jamais se atreveria a tentar tal golpe a não ser que tivesse o apoio de pelo menos uma das cinco grandes Famílias de Nova York. E esse apoio devia ter vindo da Família Tattaglia. O que significava uma guerra em grande escala ou um acordo imediato segundo as condições de Sollozzo. Sonny riu sinistramente. O matreiro turco tinha planejado bem a coisa, mas não tivera sorte. O velho estava vivo e assim haveria guerra. Com Luca Brasi e os recursos da Família Corleone só podia haver um resultado. Mas outra vez a preocupação importuna. Onde estava Luca Brasi?

Capítulo 3

Contando com o motorista, havia quatro homens no carro com Hagen. Puseram-no no assento traseiro, no meio dos dois homens que o tinham acompanhado na rua. Sollozzo sentou-se na frente. O homem à direita de Hagen passou-lhe o braço pelo corpo e inclinou o chapéu de Hagen sobre os seus olhos para que ele não pudesse ver.

— Não mova nem mesmo o dedo mindinho — disse ele.

Foi uma viagem curta que não durou mais de vinte minutos e, quando saltaram do carro, Hagen não pôde reconhecer o itinerário devido à espessa escuridão. Conduziram-no a um apartamento de subsolo e fizeram-no sentar numa cadeira de cozinha de costas retas. Sollozzo sentou-se na mesa da cozinha no lado oposto a ele. O seu rosto escuro tinha um aspecto peculiarmente rapace.

— Não quero que você fique com medo — declarou Sollozzo. — Sei que você não pertence ao grupo violento da Família. Quero que você ajude os Corleone e que me ajude também.

As mãos de Hagen tremiam quando ele pôs um cigarro na boca. Um dos homens trouxe uma garrafa de uísque e serviu-lhe uma dose numa xícara de café de porcelana. Hagen ingeriu a bebida ardente com prazer. Deu-lhe firmeza nas mãos e tirou-lhe a fraqueza das pernas.

— Seu chefe está morto — comunicou Sollozzo.

Fez uma pausa, surpreso com as lágrimas que rolaram dos olhos de Hagen. Depois prosseguiu:

— Nós o liquidamos no lado de fora de seu escritório, na rua. Assim que recebi a notícia, eu o apanhei. Você tem de restabelecer a paz entre mim e Sonny.

Hagen não respondeu. Estava surpreso com sua própria dor. E com um sentimento de desolação misturado com o seu medo de morrer. Sollozzo voltou a falar:

— Sonny estava entusiasmado pela minha proposta. Não é verdade? Você sabe que é a coisa acertada a se fazer também. Narcóticos é o próximo bom negócio. Há tanto dinheiro a se ganhar nisso que qualquer pessoa pode ficar rica em poucos anos. Don Corleone era um velho antiquado, seu tempo tinha passado, mas ele não sabia. Agora ele está morto, nada pode fazê-lo ressuscitar. Estou disposto a fazer uma nova proposta, quero que você fale com Sonny para aceitá-la.

— Você não tem qualquer *chance*. — Retrucou Hagen. — Sonny virá atrás de você com tudo o que lhe for possível.

— Isso vai ser a primeira reação dele — disse Sollozzo impacientemente. — Você precisa dar-lhe conselhos sensatos. A Família Tattaglia está por trás de mim com todo o seu pessoal. As outras Famílias de Nova York vão fazer tudo o que for possível para evitar uma guerra em grande escala entre nós. A nossa guerra tem de prejudicar a eles e a seus negócios. Se Sonny resolver topar o negócio, as outras Famílias do país acharão que isso não é da conta delas, até mesmo os amigos mais antigos de Don Corleone.

Hagen de cabeça baixa fixava os olhos em suas próprias mãos, sem responder. Sollozzo prosseguiu persuasivamente:

— Don Corleone estava-se esquivando. Nos velhos tempos, eu jamais poderia chegar até ele. As outras Famílias perderam a confiança nele porque ele fez de você seu *consigliori* e você nem mesmo é italiano, muito menos siciliano. Se isso se tornar uma guerra total, a Família Corleone será esmagada e todo mundo perde, inclusive eu. Preciso dos contatos políticos da Família mais do que preciso mesmo do dinheiro. Assim, fale com Sonny, fale com os *caporegimes*; você poupará muito derramamento de sangue.

Hagen estendeu a sua xícara de porcelana pedindo mais uísque.

— Vou tentar — replicou. — Mas Sonny é teimoso. E mesmo Sonny não é capaz de dissuadir Luca. Você tem de se preocupar com Luca. *Eu* terei de me preocupar com Luca, se apresentar a sua proposta.

— Eu cuidarei de Luca — retrucou Sollozzo calmamente. — Você cuida de Sonny e dos outros dois meninos. Escute, você pode dizer-lhes que Freddie poderia ter sido eliminado hoje junto com o velho, mas meu pessoal tinha ordem rigorosa de não atirar nele. Não quero mais ressentimentos do que os estrita-

mente necessários. Você pode dizer isso a eles, Freddie está vivo graças a mim.

Finalmente, a mente de Hagen começou a funcionar. Pela primeira vez, ele realmente acreditava que Sollozzo não pretendia matá-lo nem mantê-lo como refém. O súbito alívio do medo que lhe percorreu o corpo fê-lo corar de vergonha. Sollozzo observava-o com um tranquilo sorriso de compreensão. Hagen começou a ponderar os fatos. Se ele não concordasse em defender a causa de Sollozzo, poderia ser assassinado. Mas, afinal, pensou que Sollozzo esperava apenas que ele apresentasse a causa e o fizesse devidamente, como lhe competia fazer como um *consigliori* responsável. E agora, pensando nisso, ele também admitiu que Sollozzo tinha razão. Uma guerra ilimitada entre os Tattaglia e os Corleone devia ser evitada a todo custo. Os Corleone deviam enterrar o seu pranteado chefe e esquecer, fazer um acordo. E, então, quando chegasse o momento oportuno, podiam vingar-se de Sollozzo.

Levantando os olhos, ele compreendeu que Sollozzo sabia exatamente o que ele estava pensando. O turco estava sorrindo. E, de repente, uma idéia ocorreu à mente de Hagen. Que teria acontecido a Luca Brasi para que Sollozzo estivesse tão despreocupado? Teria Luca feito um acordo? Ele se lembrava de que na noite em que Don Corleone rejeitara a proposta de Sollozzo, Luca tinha sido convidado a comparecer ao escritório para uma conversa particular com Don Corleone. Mas agora não era hora de se preocupar com tais detalhes. Ele tinha de voltar para a segurança da fortaleza da Família Corleone em Long Beach.

— Farei o possível — disse ele a Sollozzo. — Acredito que você tem razão, é precisamente o que Don Corleone queria que nós fizéssemos.

Sollozzo balançou a cabeça com gravidade.

— Ótimo — respondeu ele. — Não gosto de derramamento de sangue, sou um homem de negócios, e sangue custa muito dinheiro.

Nesse momento, o telefone tocou e um dos homens sentados atrás de Hagen foi atendê-lo. Ele ouviu um pouco e depois respondeu laconicamente:

— Está certo, direi a êle.

Em seguida, desligou e dirigiu-se para o lado de Sollozzo e sussurrou no ouvido do turco. Hagen viu o rosto de Sollozzo empalidecer, os seus olhos brilharem de raiva. Ele próprio sentiu um frêmito de medo. Sollozzo estava olhando para ele especulativamente, e de repente Hagen compreendeu que não ia mais ser solto. Algo ocorrera que podia significar a sua morte. Sollozzo falou:

— O velho ainda está vivo. Cinco balas na carcaça desse siciliano e ele ainda está vivo.

Ele deu de ombros de modo fatalista.

— Azar — disse ele para Hagen. — Azar meu. Azar seu.

Capítulo 4

Quando Michael Corleone chegou à casa do pai, em Long Beach, encontrou a estreita entrada da alameda bloqueada com uma corrente. A própria alameda estava iluminada com os holofotes de todas as oito casas, mostrando pelo menos dez carros estacionados ao longo do passeio curvo de cimento.

Dois homens que ele não conhecia estavam encostados na corrente. Um deles perguntou com um sotaque de Brooklin:

— Quem é você?

Ele disse quem era. Outro homem saiu da casa mais próxima e olhou-lhe o rosto.

— Este é o filho de Don Corleone — afirmou ele. — Vou levá-lo para dentro.

Mike seguiu esse homem até a casa do pai onde dois homens postados à porta deixaram-no entrar juntamente com seu acompanhante.

A casa parecia estar cheia de homens que ele não conhecia, até que ele entrou na sala de estar. Ali, Michael viu a mulher de Tom Hagen, Thereza, sentada hirtamente no sofá, fumando um cigarro. Na mesa de café à sua frente havia uma garrafa de uísque. No outro lado do sofá achava-se sentado o volumoso Clemenza. O rosto do *caporegime* estava impassível, mas ele estava suando, e o charuto em sua mão apresentava um brilho completamente preto em conseqüência da saliva.

Clemenza veio apertar-lhe a mão de modo consolador, murmurando:

— Sua mãe está no hospital com seu pai, ele vai ficar bom.

Paulie Gatto levantou-se para apertar-lhe a mão. Michael olhou para ele curiosamente. Sabia que Paulie era guarda-costas de seu pai, mas não sabia que ele tinha ficado em casa doente naquele dia. Percebeu porém certa tensão no rosto escuro e magro. Ele sabia da reputação de Gatto como homem ativo e muito rápido, que sabia fazer trabalhos delicados sem complicações, e hoje ele falhara em seu dever. Notou vários outros homens nos cantos da sala, mas não os reconheceu. Não era gente de Clemenza. Michael ligou os fatos e compreendeu. Clemenza e Gatto eram suspeitos. Pensando que Paulie tivesse estado no local do crime, perguntou-lhe:

— Como está Freddie? Está bem?

— O médico deu-lhe uma injeção — respondeu Clemenza. — Ele está dormindo.

Michael aproximou-se da mulher de Hagen e inclinou-se para beijar-lhe a face. Eles sempre gostaram um do outro. Michael murmurou:

— Não se preocupe, Tom deve estar bem. Você já falou com Sonny?

Thereza agarrou-se a ele por um momento e balançou a cabeça. Ela era uma mulher delicada, muito bonita, mais americana do que italiana e muito apavorada. Ele tomou-lhe a mão e levantou-a do sofá. Depois conduziu-a até o escritório de seu pai, situado na sala do canto.

Sonny estava esparramado em sua cadeira da escrivaninha, segurando um bloco de papel numa mão e um lápis na outra. O único homem que estava com ele na sala era o *caporegime* Tessio, a quem Michael reconheceu, compreendendo imediatamente que deviam ser seus homens que estavam na casa e constituíam a nova "guarda do palácio". Ele também tinha um lápis e um bloco de papel nas mãos.

Quando Sonny os avistou, saiu de trás da escrivaninha e tomou a mulher de Hagen nos braços.

— Não se preocupe, Thereza — disse ele. — Tom está bem. Eles querem apenas apresentar-lhe a proposta, dizem que o soltarão. Ele não trabalha no setor de operações, é apenas nosso advogado. Não há razão para que alguém lhe faça mal.

Sonny soltou Thereza, e então, para surpresa de Michael, ele também ganhou um abraço e um beijo na face. Empurrou Sonny e disse sorrindo sarcasticamente:

— Depois que me acostumei a apanhar de você tenho de agüentar isso?

Eles freqüentemente brigavam quando eram mais jovens.

Sonny deu de ombros.

— Escute, menino, fiquei preocupado quando não pude encontrá-lo naquela cidade caipira. Não que eu desse a mínima

importância se eles o massacrassem, mas eu não gostava da idéia de ter de levar a notícia à velha. Eu tinha de dar-lhe a notícia sobre o papai.

— Como recebeu ela a notícia? — perguntou Michael.

— Bem — respondeu Sonny. — Ela já passou por isso antes. Eu também. Você era ainda muito pequeno para tomar conhecimento disso, e depois as coisas se tornaram muito calmas, enquanto você crescia.

Fez uma pausa e depois continuou:

— Ela está no hospital com o velho. Ele vai ficar bom.

— Que tal irmos até o hospital? — perguntou Michael.

Sonny balançou a cabeça negativamente e respondeu secamente:

— Não posso deixar esta casa até que tudo esteja terminado.

O telefone tocou. Sonny apanhou-o e ouviu atentamente. Enquanto ele ouvia, Michael aproximou-se lentamente da escrivaninha e deu uma olhadela para o bloco amarelo no qual Sonny estivera escrevendo. Havia uma lista de sete nomes. Os três primeiros eram Sollozzo, Phillip Tattaglia e John Tattaglia. Foi um rude golpe para Michael interromper Sonny e Tessio quando eles estavam preparando uma lista de homens que deviam ser assassinados.

Depois de desligar, Sonny voltou-se para Thereza Hagen e Michael, dizendo:

— Vocês dois podem esperar lá fora? Tenho um trabalho com Tessio que temos de acabar.

— Esse telefonema foi sobre Tom? — perguntou Thereza.

Ela falou de modo quase truculento, mas estava chorando de medo. Sonny pôs o braço em volta dela e conduziu-a até a porta.

— Juro que ele vai se sair bem — disse ele. — Espere na sala de estar. Sairei daqui assim que souber qualquer coisa.

Fechou a porta atrás dela. Michael sentara-se numa das grandes poltronas de couro. Sonny deu-lhe um rápido olhar penetrante e foi sentar-se na cadeira da escrivaninha.

— Você fica me rondando, Mike — declarou Sonny — você vai ouvir coisas que não quer.

Michael acendeu um cigarro.

— Posso ajudar — retrucou.

— Não, você não pode — replicou Sonny. — O velho ficaria danado da vida se eu deixasse você se meter nisso.

Michael levantou-se e gritou.

— Seu crápula nojento, ele é meu pai. Não permitem que eu ajude? Posso ajudar! Não preciso sair para matar gente, mas posso ajudar. Pare de me tratar como um irmãozinho. Estive na guerra. Fui ferido, lembra-se? Matei alguns japoneses. Que

diabo você pensa que vou fazer quando você massacrar alguém? Desmaiar?

Sonny arreganhou os dentes para ele.

— Daqui a pouco você vai querer que eu levante as mãos. Está bem, fique aqui, você pode atender o telefone.

Ele voltou-se para Tessio:

— Essa chamada que acabo de receber deu-me a informação que a gente precisava.

Depois voltou-se para Michael.

— Alguém deve ter traído o velho. Pode ter sido Clemenza, pode ter sido Paulie Gatto, que hoje esteve muito convenientemente doente. Sei a resposta agora, vamos ver se você é mesmo esperto, Mike, você que está na escola. Quem se vendeu a Sollozzo?

Michael sentou-se novamente e reclinou-se confortavelmente na poltrona de couro. Pôs-se a pensar em tudo muito cuidadosamente. Clemenza era um *caporegime* na estrutura da Família Corleone. Don Corleone o tinha feito milionário e eles eram amigos íntimos há mais de vinte anos. Clemenza ocupava um dos cargos mais poderosos da organização. Que poderia ganhar traindo Don Corleone? Mais dinheiro? Ele era bastante rico, mas os homens são sempre gananciosos. Mais poder? Vingança por algum insulto imaginário ou por alguma desconsideração? Pelo fato de Hagen ter-se tornado *consigliori*? Ou talvez a convicção de um homem de negócios de que Sollozzo ganharia a questão? Não, era impossível que Clemenza fosse um traidor, e então Michael pensou tristemente que era impossível somente porque ele não queria que Clemenza morresse. O gordo sempre lhe trouxera presentes quando ele era criança, tinha às vezes o levado a passeios quando Don Corleone estava muito ocupado. Ele não podia acreditar que Clemenza fosse capaz de trair.

Mas, por outro lado, Sollozzo queria Clemenza na sua gaveta mais do que qualquer outro homem da Família Corleone.

Michael pensou em Paulie Gatto, Paulie até então não se tornara rico. Era bem conceituado, a sua subida na organização era certa, mas tinha de contar tempo como qualquer outra pessoa. Também ele teria sonhos mais audaciosos de poder, como acontece geralmente aos jovens. Tinha de ser Paulie. E então Michael lembrou-se de que quando criança ele e Paulie estiveram na mesma classe da escola e ele queria tampouco que Paulie fosse o traidor. — Balançou a cabeça.

— Nenhum dos dois — respondeu.

Mas disse isso somente porque Sonny afirmara que ele tinha a resposta. Se houvesse uma votação, ele votaria em Paulie como culpado.

Sonny riu para ele.

— Não se preocupe — declarou ele. — Clemenza está fora de suspeita. É Paulie.

Michael pôde ver que Tessio sentiu um alívio. Como *caporegime*, tal como Clemenza, sua simpatia devia pender para este. Também a situação atual não seria tão grave, se a traição não tivesse ido tão longe. Tessio perguntou cautelosamente:

— Então posso mandar meu pessoal para casa amanhã?

— Depois de amanhã — respondeu Sonny. — Não quero que ninguém saiba isso até lá. Escute, quero falar um negócio de família com meu irmão, particularmente. Espere lá fora na sala de estar, sim? Podemos acabar nossa lista mais tarde. Você e Clemenza trabalharão juntos nisso.

— Está bem — respondeu Tessio e retirou-se.

— Como você sabe com certeza que é Paulie? — perguntou Michael.

— Temos gente na companhia telefônica e eles averiguaram todas as chamadas transmitidas e recebidas por Paulie. As de Clemenza também. Nos três dias em que Paulie esteve doente, recebeu um telefonema de uma cabina telefônica situada em frente ao edifício do velho. Hoje também. Estavam confirmando se Paulie viria trabalhar hoje ou se alguém seria enviado em seu lugar. Ou procuravam averiguar outra coisa. Não importa.

Sonny deu de ombros e finalizou:

— Graças a Deus foi Paulie. Vamos precisar muito de Clemenza.

— Vai ser uma guerra total? — perguntou Michael hesitantemente.

Os olhos de Sonny estavam muito sérios.

— É o que vou fazer assim que Tom voltar. A não ser que o velho me diga que proceda de outro modo.

— Então, por que você não espera até que o velho possa dizer o que fazer? — indagou Michael.

Sonny olhou para ele curiosamente.

— Como diabo conseguiu você ganhar essas medalhas de combate? Estamos em plena batalha, homem, temos de lutar. Estou até com medo que eles não soltem Tom.

Michael ficou surpreso com isso.

— Por que não? — perguntou.

A voz de Sonny tornou-se outra vez impaciente.

— Raptaram Tom porque imaginavam que o velho estava liquidado e que podiam fazer um trato comigo, e Tom seria o sujeito indicado para os contatos preliminares, para trazer a proposta. Agora, como o velho está vivo, sabem que não posso fazer um trato, de modo que Tom não tem utilidade para eles. Podem soltá-lo ou matá-lo, dependendo de como Sollozzo se sinta no momento. Se o matassem, seria apenas para nos mos-

trar que eles realmente querem negociar, procurando assim nos coagir.

— O que levou Sollozzo a pensar que podia fazer um trato com você? — perguntou Michael calmamente.

Sonny ficou vermelho e não respondeu por um momento. Depois falou:

— Tivemos uma reunião há alguns meses, Sollozzo veio a nós com uma proposta sobre narcóticos. O velho rejeitou-a. Mas, durante a reunião, soltei um pouco a língua, mostrei que queria fazer o acordo. O que é exatamente a coisa errada a fazer; se há alguma coisa que o velho sempre me martelou na cabeça é nunca fazer uma coisa como essa, deixar que outras pessoas percebam que há uma divergência de opinião na Família. Assim, Sollozzo pensa que se ele eliminar o velho tenho de entrar no negócio de narcóticos com ele. Morrendo o velho, o poder da Família fica reduzido pelo menos à metade. Eu teria de lutar pela vida, de qualquer modo, para manter todos os negócios que o velho conseguiu reunir. Os narcóticos são o próximo bom negócio, devemos entrar nele. E o atentado contra o velho é simplesmente negócio, nada pessoal. Por uma questão de negócio, eu faria um trato com ele. Na certa, ele nunca me deixaria chegar muito perto, procuraria garantir-se para que eu nunca pudesse usá-lo como alvo, caso eu o quisesse. Mas ele também sabe que, uma vez que aceitei o trato, as outras Famílias nunca me deixariam começar uma guerra, alguns anos depois, só por vingança. Além disso, a Família Tattaglia está por trás dele.

— Se eles tivessem eliminado o velho, o que faria você? — perguntou Michael.

— Sollozzo é um homem morto, respondeu Sonny simplesmente. — Não me importo o que vai custar. Não me importo se vamos ter de lutar com todas as cinco Famílias de Nova York. A Família Tattaglia vai ser riscada do mapa. Não me importo se todos nós vamos levar a breca juntos.

— Isso não é o processo pelo qual papai agiria — atalhou Michael.

Sonny fez um gesto violento.

— Sei que não sou o homem que ele era. Mas eu lhe digo isso e ele lhe dirá também. Quando chega o momento de agir realmente, posso trabalhar tão bem quanto qualquer outra pessoa, à queima-roupa. Sollozzo sabe disso e também o sabem Clemenza e Tessio. Eu "estreei" quando tinha dezenove anos, a última vez que a Família teve uma guerra, e fui uma grande ajuda para o velho. Assim, não me preocupo agora. E a nossa Família está jogando tudo num negócio como esse. Eu gostaria que pudéssemos entrar em contato com Luca.

Michael perguntou curiosamente:

— Luca será tão duro, como eles dizem? Será que é tão bom?

Sonny acenou a cabeça afirmativamente.

— Ele pertence a uma classe especial. Vou mandá-lo eliminar os três Tattaglia. Eu próprio cuidarei de Sollozzo.

Michael moveu-se inquietamente em sua poltrona. Olhou para o irmão mais velho. Lembrou-se de que Sonny era, às vezes, casualmente bruto, mas essencialmente bondoso. Um ótimo sujeito. Não parecia natural ouvi-lo falar dessa maneira, era bastante desagradável ver a lista de nomes que ele havia escrito, homens para serem executados, como se ele fosse algum imperador romano recém-coroado. Ele estava contente por não fazer verdadeiramente parte de tudo isso, por saber que o pai estava vivo e que ele próprio não teria de envolver-se em casos de vingança. Ele ajudaria, atendendo o telefone, mandando recados e mensagens. Sonny e o velho podiam cuidar de si mesmos, especialmente com Luca por trás deles.

Nesse momento, ouviu uma mulher gritar na sala de estar. Oh, Cristo, pensou Michael, parecia ser a mulher de Tom. Correu para a porta e abriu-a. Todos na sala estavam em pé. E perto do sofá Tom Hagen estava abraçando apertadamente Thereza, com o rosto desconcertado. Thereza estava chorando e soluçando, e Michael compreendeu que o grito que ouvira tinha sido o dela pronunciando com alegria o nome do marido. Enquanto Michael observava, Tom Hagen desembaraçou-se dos braços da mulher e fê-la sentar-se no sofá. Depois sorriu para Michael sombriamente:

— Prazer em vê-lo, Mike, realmente muito prazer.

Em seguida, caminhou para o escritório, sem lançar outro olhar para a mulher, que ainda soluçava. Ele não tinha vivido com a Família Corleone por dez anos em vão, pensou Michael com um estranho rubor de orgulho. Algo do velho se incrustara nele, como também em Sonny, e pensou ele, com surpresa, até nele mesmo.

Capítulo 5

Já eram quase quatro horas da manhã e eles ainda se achavam reunidos no escritório da sala do canto — Sonny, Michael, Tom Hagen, Clemenza e Tessio. Thereza Hagen tinha sido persuadida a ir para a sua própria casa, que ficava ao lado. Paulie Gatto estava ainda esperando na sala de estar, sem saber que os homens de Tessio tinham sido instruídos para não deixá-lo partir nem perdê-lo de vista.

Tom Hagen transmitiu o acordo que Sollozzo oferecera. Contou como, depois que Sollozzo soube que Don Corleone ainda estava vivo, era evidente que ele pretendia matar Hagen. E continuou a falar, arreganhando os dentes:

— Se eu alguma vez apelar perante a Corte Suprema, jamais apelarei melhor do que fiz com esse maldito turco esta noite. Disse-lhe que falaria com a Família sobre o acordo mesmo que Don Corleone estivesse vivo. Afirmei-lhe que poderia enrolá-lo facilmente, Sonny. Como éramos companheiros quando crianças; e não se ofenda, mas dei-lhe a impressão de que talvez você não ficasse muito triste por ter de passar a ocupar o lugar do velho, Deus me perdoe.

Tom Hagen sorriu, como se desculpando, para Sonny, que fez um gesto significando que compreendera, que isso não tinha importância.

Michael, reclinado em sua poltrona com o telefone na mão direita, estudava os outros dois. Quando Hagen entrara na sala, Sonny viera precipitadamente abraçá-lo. Michael compreendeu,

com uma leve pontada de ciúme, que, de vários modos, Sonny e Tom Hagen eram mais íntimos do que ele mesmo poderia ser com respeito ao seu próprio irmão.

— Vamos entrar nos negócios — disse Sonny. — Temos de fazer planos. Dê uma olhada nessa lista que eu e Tessio fizemos. Tessio, dê a Clemenza a sua cópia.

— Se vamos fazer planos, — atalhou Michael — Freddie deve estar aqui.

— Freddie não nos serve para nada, — retrucou Sonny secamente. — O médico disse que ele se acha em tal estado de choque que precisa de repouso absoluto. Não entendo isso. Freddie sempre foi um sujeito tão duro. Acho que ver o velho gravemente baleado foi demais para ele, que sempre pensou que o pai era Deus. Ele não era como você e eu, Mike.

Hagen interrompeu, falando rapidamente:

— Muito bem, deixe Freddie fora. Deixe-o fora de tudo, absolutamente tudo. Agora, Sonny, até que tudo isso esteja terminado, penso que você deve permanecer em casa. Quero dizer, nunca saia de casa. Você está seguro aqui. Não subestime Sollozzo, ele é um *pezzonovante*, um verdadeiro tipo de alto gabarito. O hospital está protegido?

— Os tiras o mantêm trancado por dentro e tenho meu pessoal visitando papai todo o tempo. Que é que você pensa dessa lista, Tom?

Hagen leu a lista de nomes com ar de desaprovação.

— Jesus Cristo, Sonny, você de fato esta tomando a coisa em caráter pessoal. Don Corleone consideraria isso apenas como uma briga comercial. Sollozzo é a chave. Livre-se de Sollozzo e tudo o mais cai por si mesmo. Você não precisa ir em cima dos Tattaglia.

Sonny olhou para os *caporegimes*. Tessio deu de ombros.

— É bem pensado — disse ele.

Clemenza nada respondeu.

Sonny dirigiu-se a Clemenza:

— Uma coisa podemos fazer sem discussão. Não quero mais Paulie conosco. Isso é o primeiro item em sua lista.

O *caporegime* gordo acenou a cabeça afirmativamente.

Hagen perguntou:

— Que é que há com Luca? Sollozzo não parecia preocupado com Luca. Isso me *preocupa*. Se Luca nos vendeu, estamos realmente em dificuldade. Isso é a primeira coisa que precisamos saber. Alguém conseguiu entrar em contato com ele?

— Não — respondeu Sonny. — Estive telefonando para ele a noite inteira. Talvez esteja dormindo fora de casa com alguma mulher.

— Não — retrucou Hagen. — Ele nunca dorme fora com uma mulher. Sempre volta para casa quando termina. Mike, continue a chamar o seu telefone até conseguir que atendam.

Michael obedientemente pegou o telefone e discou. Ouviu o telefone tocar no outro lado da linha, mas ninguém atendeu. Finalmente, ele desligou.

— Continue tentando cada quinze minutos — recomendou Hagen.

Sonny perguntou impacientemente:

— Muito bem, Tom, você é o *Consigliori*, que tal dar algum conselho? Que diabo pensa você que devemos fazer?

Hagen serviu-se da garrafa de uísque que se encontrava na escrivaninha.

— Devemos estabelecer negociações com Sollozzo até que o seu pai esteja em condições de assumir a direção. Devemos até fazer um acordo, se for preciso. Quando o seu pai deixar o leito, ele pode resolver toda a questão tranquilamente, e todas as Famílias o apoiarão.

Sonny perguntou aborrecido:

— Você pensa que eu não posso com esse tal de Sollozzo?

Tom Hagen encarou-o fixamente.

— Sonny, certamente você pode derrotá-lo numa luta. A Família Corleone tem poder para isso. Você tem aqui Clemenza e Tessio e eles podem reunir até mil homens se houver uma guerra total. Mas no fim haverá uma carnificina em toda a Costa Oriental e todas as Famílias porão a culpa nos Corleone. Faremos uma porção de inimigos. E isso é uma coisa na qual seu pai nunca acreditou.

Michael, observando Sonny, pensou que ele aceitasse bem esse argumento. Mas, a seguir, Sonny perguntou a Hagen:

— E se o velho morrer, que é que você aconselha, então, *Consigliori?*

Hagen respondeu tranquilamente:

— Sei que você não o fará, mas lhe aconselho fazer um acordo de verdade com Sollozzo sobre os narçóticos. Sem os contatos políticos e a influência pessoal do seu pai a Família Corleone perde a sua força. Sem o seu pai, as outras Famílias de Nova York podem acabar apoiando os Tattaglia e Sollozzo apenas para garantir que não haverá uma longa guerra destrutiva. Se o seu pai morrer faça o acordo. Depois espere para agir.

Sonny estava lívido de raiva.

— É fácil, para você, dizer, não foi o seu pai que eles mataram.

Hagen respondeu prontamente e com orgulho:

— Fui tão bom filho para ele como você ou Mike, talvez melhor. Estou-lhe dando uma opinião profissional. Pessoalmente, a minha vontade é matar todos esses canalhas.

A emoção de sua voz fez Sonny corar e dizer:

— Por Deus, Tom, eu não quis dizer isso.

Mas ele quis, realmente. Sangue era sangue e nada mais podia satisfazê-lo.

Sonny meditou por um momento, enquanto os outros esperavam num silêncio acabrunhador. Depois ele deu um suspiro e falou calmamente:

— Muito bem, vamos esperar até que o velho possa assumir a direção. Mas, Tom, quero que você permaneça aqui dentro da alameda, também. Não se arrisque. Mike, você tome cuidado, embora não pense que mesmo Sollozzo meta a própria família na guerra. Todo mundo ficaria contra ele. Mas tome cuidado. Tessio, deixe o seu pessoal na expectativa, mas sempre farejando pela cidade. Clemenza, depois que você resolver o caso de Paulie Gatto, faça entrar os seus homens na casa e na alameda para substituir o pessoal de Tessio. Você, Tessio, de qualquer maneira, mantenha os seus homens no hospital. Tom, comece a tratar das negociações, pelo telefone ou por um mensageiro, com Sollozzo e os Tattaglia, logo pela manhã. Mike, amanhã você pega uns dois homens do pessoal de Clemenza e vai até a casa de Luca esperar que ele apareça ou descobrir em que diabo ele está. Esse canalha maluco pode ir atrás de Sollozzo agora mesmo se souber da notícia. Não posso acreditar que ele se coloque alguma vez contra Don Corleone, seja o que for que o turco lhe ofereça.

Hagen atalhou com relutância:

— Talvez Mike não deva meter-se nisso tão diretamente.

— Certo — retrucou Sonny. — Esqueça isso, Mike. Na verdade, preciso de você aqui em casa perto do telefone, isso é mais importante.

Michael não respondeu nada. Ele se sentia sem jeito, quase envergonhado, e notou que Clemenza e Tessio estavam com uma expressão tão impassível no rosto que ele tinha a certeza de que eles estavam escondendo o seu desprezo. Pegou o telefone e discou o número de Luca Brasi, conservando o receptor no ouvido, enquanto o telefone tocava e tocava.

Capítulo 6

Peter Clemenza dormiu mal naquela noite. Pela manhã, levantou-se cedo e preparou o seu próprio *breakfast* consistindo em um copo de *grappa*, uma fatia grossa de salame de Gênova com um pedaço de pão italiano fresco, que ainda lhe era entregue a domicílio como nos bons tempos. Depois bebeu, em uma grande caneca de porcelana lisa, uma boa dose de café quente misturado com aniseta. Mas enquanto andava pela casa em seu velho roupão de banho e chinelos vermelhos de feltro, refletia a respeito do trabalho do dia que tinha pela frente. Na noite anterior, Sonny Corleone tornou muito claro que Paulie Gatto devia ser liquidado imediatamente. Devia ser hoje.

Clemenza estava preocupado. Não porque Gatto tinha sido seu protegido e se tornara traidor. Isso não refletia no julgamento do *caporegime*. Afinal de contas, os antecedentes de Paulie eram ótimos. Ele descendia de uma família siciliana, tinha crescido na mesma localidade que os filhos de Corleone, havia na verdade até freqüentado a escola junto com um dos seus meninos. Tinha sido testado e achado satisfatório. E depois de "aprovado" ele foi contemplado com um bom meio de vida por parte da Família, a percentagem de um *bookmaker* da zona Leste e a inclusão de seu nome na folha de pagamento de um sindicato. Clemenza não ignorava que Paulie Gatto aumentava a sua renda com pequenos golpes por sua própria conta, rigorosamente contra o regulamento da Família, mas mesmo isso era uma prova do valor do homem. A infração desses regulamentos

era considerada uma prova de indocilidade, tal como a demonstrada por um bom cavalo de corridas procurando livrar-se das rédeas.

E Paulie jamais causara aborrecimentos com seus golpes. Eles eram sempre planejados e executados com meticulosidade e com o mínimo de confusão e complicação, sem que qualquer pessoa tivesse sido jamais ferida ou assassinada: o pagamento do centro de roupas de Manhattan de três mil dólares, o pagamento de uma pequena fábrica de porcelana nas favelas de Brooklyn. Tudo estava dentro do padrão. Quem poderia prever que Paulie Gatto se tornaria traidor?

O que estava preocupando Peter Clemenza naquela manhã era um problema administrativo. A execução de Gatto era um trabalho líquido e certo. O problema era o seguinte: quem devia o *caporegime* promover do escalão inferior para substituir Gatto na Família? Era uma promoção importante, essa para a de guarda-costas, que não podia ser feita irrefletidamente. O escolhido deveria ser duro e esperto. Deveria ser de confiança, a fim de não dar o serviço à polícia, quando se visse em dificuldade, um homem bem acostumado à lei da *omerta* dos sicilianos, a lei do silêncio. E, então, com que meio de vida seria ele contemplado pelos seus novos deveres? Clemenza tinha falado várias vezes a Don Corleone sobre melhores recompensas para o importante guarda-costas que era o primeiro na linha de frente quando surgia uma complicação, mas Don Corleone se esquivava do assunto. Se Paulie estivesse ganhando mais dinheiro, talvez pudesse ter resistido ao suborno do astuto turco Sollozzo.

Clemenza finalmente reduziu a lista de candidatos a três homens. O primeiro era um capanga que trabalhava com os ladrões negros de banco do Harlem, um brutamontes amulatado de grande força física, com enorme encanto pessoal que podia dar-se bem com as pessoas e contudo, quando necessário, fazê-las ficar com medo dele. Porém Clemenza riscou-o da lista depois de considerar-lhe o nome durante meia hora. Esse homem mantinha boas relações com os pretos, o que sugeria uma falha no seu caráter. Também seria difícil substituí-lo no lugar que ele ocupava agora.

O segundo nome que Clemenza considerou e quase se decidiu por ele foi um sujeito bastante trabalhador que servia fielmente e bem na organização. Esse homem era o cobrador das contas dos delinqüentes dos agiotas licenciados pela Família em Manhattan. Ele tinha começado como agente de *bookmaker*. Mas ainda não estava devidamente preparado para tão importante promoção.

Finalmente, Clemenza se fixou em Rocco Lampone, o qual havia feito um aprendizado curto, mas impressionante, junto à Família. Durante a guerra ele tinha sido ferido na África, dando

baixa em 1943. Devido à falta de gente moça, Clemenza o havia contratado, embora Lampone estivesse parcialmente incapacitado pelos seus ferimentos e mancasse de modo acentuado ao caminhar. Clemenza usara-o como contato do mercado negro no centro de roupas e com os funcionários públicos que controlavam os cartões de racionamento. Daí, Lampone foi promovido a quebra-galho de toda a operação. O que Clemenza gostava nele era o seu bom raciocínio. Ele sabia que não havia vantagem em ser duro com algo que custaria apenas uma pesada multa ou seis meses de cadeia, preços insignificantes a serem pagos pelos enormes lucros obtidos. Tinha ainda o bom senso de saber que isso não era campo para grandes ameaças, mas pequenas, e mantinha toda a operação em ponto baixo, o que era exatamente o necessário.

Clemenza sentiu o alívio de um administrador consciente que havia resolvido um problema pessoal espinhoso. Sim, Rocco Lampone é quem iria ajudar. Pois Clemenza planejava executar pessoalmente o trabalho, não somente para ajudar um homem novo, inexperiente a "receber o batismo de fogo", como para ter um ajuste de contas pessoal com Paulie Gatto. Paulie tinha sido seu protegido, ele o fizera passar por cima de muita gente mais leal e mais merecedora, tinha ajudado Paulie a "receber o batismo de fogo" e o auxiliara em sua carreira de todos os modos. Paulie não traíra somente a Família, traíra seu *padrone*, Peter Clemenza. Essa falta de respeito tinha de ser castigada.

Tudo o mais estava arranjado. Paulie Gatto tinha sido instruído para apanhá-lo às três horas da tarde, e para apanhá-lo em seu próprio carro, nada de grave. Clemenza pegou o telefone e discou o número de Rocco Lampone. Não se identificou, disse simplesmente:

— Venha até a minha casa, tenho uma missão para você.

Ficou satisfeito ao notar que, apesar de ainda ser muito cedo, a voz de Lampone não se surpreendeu nem estava tonta de sono, e ele simplesmente respondeu:

— Está bem.

Bom homem, pensou Clemenza, acrescentando:

— Não há pressa, tome o seu *breakfast* e almoce antes de vir ver-me. Mas não venha depois das duas da tarde.

Ouviu-se outro lacônico "está bem" do outro lado da linha e Clemenza desligou. Já avisara o seu pessoal para substituir a turma do *caporegime* Tessio na alameda de Corleone e assim foi feito. Ele tinha subordinados competentes e jamais intervinha numa operação de rotina dessa natureza.

Decidiu lavar o seu *Cadillac*. Ele adorava o carro. Proporcionava-lhe um rodar tão tranqüilo, e o seu acolchoado era tão cômodo que às vezes se sentava nele durante uma hora, quando o

tempo estava bom, porque era mais agradável do que sentar-se numa poltrona dentro de casa. E sempre gostava de pensar enquanto lavava o carro. Lembrava-se do pai, na Itália, que fazia a mesma coisa com os burros.

Clemenza trabalhava dentro da garagem aquecida, pois detestava o frio. Repassou rapidamente os planos. Era preciso ter cuidado com Paulie, o homem era como um rato, sentia o cheiro do perigo. E agora, de fato, apesar de ser tão duro, devia estar cagando nas calças porque o velho ainda estava vivo. Ele estaria tão desconfiado quanto um burro, sentindo comichão na bunda. Mas Clemenza estava acostumado a essas circunstâncias, tão habituais em seu trabalho. Primeiro, precisava ter uma boa desculpa para que Rocco os acompanhasse. Segundo, teria de inventar uma missão plausível para os três realizarem.

Evidentemente, a rigor, isso não era necessário. Paulie Gatto podia ser assassinado sem qualquer dessas formalidades. Ele estava acuado, não podia fugir. Mas Clemenza sentia intensamente que era importante manter os hábitos do bom trabalho e jamais ceder um milímetro de vantagem. Nunca é fácil prever o que pode acontecer, e essas coisas são, afinal de contas, questões de vida e morte.

Enquanto lavava seu *Cadillac* azul, Peter Clemenza ponderava e ensaiava o que iria dizer, as expressões do seu rosto. Seria breve com Paulie, como se estivesse desgostoso com ele. Com um homem tão sensível e desconfiado como Gatto, isso o tiraria fora da jogada ou pelo menos o deixaria em dúvida. Amabilidade indevida o faria cauteloso. Mas, certamente, essa brevidade não seria de muito mau humor. Tinha de ser antes uma espécie de irritação distraída. E por que Lampone estava ali? Paulie acharia isso muito inquietante, especialmente porque Lampone deveria estar no assento traseiro. Paulie não gostaria de ficar abstraído no volante com Lampone atrás de sua cabeça. Clemenza esfregou e poliu o metal do seu *Cadillac* furiosamente. Ia ser difícil. Muito difícil. Por um momento, cogitou se deveria convocar outro homem, mas decidiu contra tal idéia. Aqui ele seguiu o raciocínio básico. Nos anos vindouros, poderia surgir uma situação em que seria vantajoso para um dos seus parceiros depor contra ele. Se fosse apenas um cúmplice, seria a palavra de uma pessoa contra outra. Mas a palavra de um segundo cúmplice podia fazer pender a balança. Não, eles cumpririam a missão à risca.

O que aborrecia Clemenza era que a execução tinha de ser "pública". Isto é, o corpo deveria ser encontrado. Ele preferia fazê-lo desaparecer. (Os cemitérios habituais eram perto do oceano ou os pântanos de Nova Jersey, em terras de propriedade de amigos da Família ou de outros métodos mais complicados.) Mas tinha de ser público para que os traidores em potencial

ficassem apavorados e o inimigo avisado de que a Família Corleone não tinha absolutamente se tornado idiota ou fraca. Sollozzo se tornaria cauteloso em virtude dessa rápida descoberta de seu espião. A Família Corleone recuperaria parte do prestígio perdido. Pareceria ter sido tolice o atentado contra o velho.

Clemenza deu um suspiro. O *Cadillac* brilhava como um enorme ovo de aço azul, e ele não estava ainda perto de resolver o seu problema. De repente, a solução ocorreu-lhe, lógica e a calhar. Isso explicaria o fato de Rocco Lampone, ele próprio e Paulie se acharem juntos e justificaria uma missão de grande segredo e importância.

Clemenza diria a Paulie que a tarefa deles naquele dia seria achar um apartamento para o caso de a Família resolver "dormir em colchões".

Toda vez que a guerra entre as Famílias se tornava extremamente intensa, os adversários instalavam quartéis-generais em apartamentos secretos onde os "soldados" dormiam em colchões espalhados pelos quartos. Isso era somente para manter as suas famílias fora de perigo, as mulheres e as crianças pequenas, já que qualquer ataque aos não-combatentes era inconcebível. Todas as partes eram muito vulneráveis a represálias semelhantes. Entretanto, era sempre mais vantajoso viver em algum lugar secreto onde os movimentos diários de uma parte não pudessem ser registrados pelos adversários ou pela polícia que poderia arbitrariamente resolver interferir.

E, assim, geralmente mandava-se um *caporegime* de confiança alugar um apartamento secreto e enchê-lo de colchões. Esse apartamento seria usado como um lugar de partida para a cidade quando se preparasse uma ofensiva. Era natural que Clemenza fosse enviado para realizar tal missão. Era natural, para ele, levar Gatto e Lampone em sua companhia, a fim de providenciar todos os detalhes, inclusive o encargo de mobiliar o apartamento. Também, Clemenza pensou sarcasticamente, Paulie Gatto tinha demonstrado ser ganancioso e a primeira idéia que lhe ocorreria à cabeça era quanto poderia conseguir de Sollozzo por essa valiosa informação.

Rocco Lampone chegou cedo, e Clemenza explicou o que devia ser feito e qual seria o papel de cada um. O rosto de Lampone iluminou-se com surpreendente gratidão, enquanto agradecia respeitosamente a Clemenza pela promoção que lhe permitia servir a Família. Clemenza tinha a certeza de que agira bem. Bateu no ombro de Lampone e disse:

— Você vai conseguir algo melhor para viver, a partir de hoje. Falaremos nisso mais tarde. Você compreende que a Família agora está ocupada com assuntos mais delicados, coisas mais importantes para fazer.

Lampone fez um gesto que dizia que ele seria paciente, sabendo que a sua recompensa era certa.

Clemenza foi até o cofre do seu cubículo e abriu-o. Tirou dali um revólver e deu-o a Lampone.

— Use este — disse ele. — Eles nunca descobrirão a quem pertence. Deixe-o no carro com Paulie. Quando o trabalho estiver terminado, quero que você leve a sua mulher e filhos para umas férias na Flórida. Use o seu próprio dinheiro agora e eu o reembolsarei depois. Descanse, apanhe bastante sol. Hospede-se no hotel da Família em Miami para que eu saiba onde poderei encontrá-lo quando precisar.

A mulher de Clemenza bateu na porta do cubículo para dizer-lhes que Paulie Gatto havia chegado. Ele estava estacionado na porta da garagem. Clemenza encaminhou-se para a garagem e Lampone o seguiu. Quando Clemenza entrou no assento dianteiro com Gatto, apenas murmurou um cumprimento, com um aspecto encolerizado no rosto. Olhou para o relógio de pulso como que esperando verificar que Gatto estivesse atrasado.

O guarda-costas olhava-o atentamente, procurando uma pista. Tomou um pequeno susto quando Lampone entrou no assento traseiro bem atrás dele e disse:

— Rocco, sente do outro lado. Um sujeito grande como você atrapalha o meu espelho retrovisor.

Lampone mudou de lugar obedientemente de modo que passou a sentar atrás de Clemenza, como se tal pedido fosse a coisa mais natural do mundo.

Clemenza falou asperamente:

— Maldito Sonny, ele está ficando apavorado. Já está pensando em "dormir em colchões". Temos de achar um apartamento na zona Oeste. Paulie, você e Rocco têm de levar gente para lá e supri-lo até ser dada a ordem para o resto dos soldados usá-lo. Você conhece um bom lugar?

Como já esperava, os olhos de Gatto se tornaram gananciosamente interessados. Paulie engoliu a isca e, em virtude de estar pensando quanto valeria a informação para Sollozzo, esqueceu de pensar sobre se estava em perigo. Igualmente, Lampone estava desempenhando o seu papel com perfeição, olhando para fora da janela de maneira desinteressada, tranqüila. Clemenza congratulou-se com sua escolha.

Gatto deu de ombros.

— Eu devia ter pensado nisso — disse ele.

Clemenza resmungou:

— Vá dirigindo enquanto pensa, quero chegar a Nova York hoje.

Paulie era um bom motorista e o tráfego para a cidade estava fraco nessa hora da tarde, assim a escuridão do início de inverno estava apenas começando a cair quando eles chegaram. Não houve bate-papo durante a viagem. Clemenza mandou Paulie levar o carro até o bairro Washington Heights. Examinou

alguns edifícios de apartamentos e disse-lhe para estacionar perto da Avenida Arthur e esperar. Também deixou Rocco Lampone no carro. Entrou no Restaurante Vera Mario e fez uma refeição ligeira de vitela e salada, acenando seu cumprimento para alguns conhecidos. Depois de passada uma hora, andou os vários quarteirões até onde o carro estava estacionado e entrou nele. Gatto e Lampone ainda estavam esperando.

— Merda, — exclamou Clemenza — eles querem a gente de volta em Long Beach. Têm outro serviço para nós agora. Sonny disse que a gente pode deixar este para mais tarde. Rocco, você mora na cidade, quer descer em algum lugar?

Rocco respondeu calmamente:

— Deixei meu carro lá na sua casa e minha velha precisa dele de manhã cedo.

— Está certo — retrucou Clemenza. — Então você vai ter de voltar com a gente.

Novamente na viagem de volta para Long Beach nada se conversou. Na reta da estrada que vai dar na cidade, Clemenza disse de repente:

— Paulie, encoste o carro aí, preciso dar uma mijada.

Por trabalharem juntos há tanto tempo, Gatto sabia que o gordo *caporegime* tinha uma bexiga fraca. Havia feito várias vezes esse pedido. Gatto desviou o carro para fora da estrada conduzindo-o para a terra mole que levava até o pântano. Clemenza saltou do carro e deu alguns passos em direção do mato. Ele realmente urinou. Depois, quando abriu a porta para entrar novamente no carro, deu uma rápida olhada para a frente e para trás da rodovia. Não havia luzes, a estrada estava completamente escura.

— Mete os peitos — disse Clemenza.

Um segundo depois, no interior do carro ecoava o disparo de um revólver. Paulie Gatto pareceu saltar para a frente, seu corpo atirando-se sobre o volante e depois caindo bruscamente sobre o assento. Clemenza recuou rapidamente para evitar que fôsse atingido por fragmentos de osso de crânio e sangue.

Rocco Lampone saiu arrastando-se do banco traseiro. Ainda segurava o revólver, e o jogou no pântano. Ele e Clemenza caminharam apressadamente para um carro estacionado nas proximidades e entraram nele. Lampone procurou embaixo do assento e encontrou a chave que havia sido deixada para eles. Deu partida no carro e levou Clemenza para casa. Depois, em vez de voltar pelo mesmo caminho, tomou a estrada da Praia de Jones através da cidade de Merrick e seguiu pela Avenida Meadowbrook até chegar à Avenida Northern State. Atravessou a autopista de Long Island e depois continuou até a Ponte Whitestone e através do Bronx até a sua casa em Manhattan.

Capítulo 7

Na noite anterior ao atentado contra Don Corleone, o seu servidor mais forte, mais leal e mais temido preparava-se para encontrar-se com o inimigo. Luca Brasi entrara em contato com as forças de Sollozzo vários meses antes. Ele fizera isso freqüentando os cabarés controlados pela Família Tattaglia e deitando com uma de suas prostitutas de alto gabarito. Na cama com essa garota, reclamou como era sacrificado na Família Corleone, como o seu valor não era reconhecido. Depois de uma semana de amor com a pequena, Luca foi abordado por Bruno Tattaglia, gerente do cabaré. Bruno era o filho mais moço e, aparentemente, não tinha qualquer ligação com o negócio de prostituição da Família. Mas o seu famoso cabaré com a sua equipe de lindas dançarinas altas e esguias era a escola de aperfeiçoamento para muitas prostitutas da cidade.

A primeira reunião transcorreu em clima de honestidade, Tattaglia oferecendo-lhe um emprego para trabalhar no negócio da família como guarda-costas. O namoro continuou por quase um mês. Luca desempenhava o seu papel de homem apaixonado por uma linda garota, enquanto Bruno Tattaglia fingia ser um homem de negócios procurando atrair um elemento eficiente de um bando rival. Numa dessas reuniões, Luca fingiu hesitar, depois disse:

— Mas uma coisa deve ficar compreendida. Nunca agirei contra o Padrinho. Don Corleone é um homem que eu respeito. Compreendo que ele deve pôr os filhos antes de mim no negócio da Família.

Bruno Tattaglia era um indivíduo da nova geração, com um ódio mal oculto pelos tipos antiquados como Luca Brasi, Don Corleone e até o seu próprio pai. Era apenas um pouco respeitoso. Então respondeu:

— Meu pai não esperaria que você fizesse alguma coisa contra os Corleone. Por que esperaria ele? Todo o mundo se dá bem agora com qualquer pessoa, não é como nos velhos tempos. Trata-se apenas de que você está procurando um novo emprego, posso falar isso com meu pai. Há sempre necessidade de um homem como você no nosso negócio. É um ramo difícil e precisa de homens duros para que possa funcionar suavemente. Avise-me, se você se decidir.

Luca deu de ombros.

— Não é tão ruim assim o lugar onde estou agora.

E deixaram a conversa nesse pé.

A idéia geral era levar os Tattaglia a acreditar que ele, Luca, sabia a respeito da operação lucrativa dos narcóticos e que queria um pedaço do bolo como franco-atirador. Desse modo, podia ouvir algo sobre os planos de Sollozzo, se o turco tivesse algum, ou se este estava se preparando para dar um golpe em Don Corleone. Depois de esperar dois meses sem que nada acontecesse, Luca informou a Don Corleone que Sollozzo evidentemente se conformara com a derrota. Don Corleone tinha-lhe dito que continuasse tentando simplesmente como uma coisa secundária, que não se empenhasse muito naquilo.

Luca entrara no cabaré na noite anterior ao atentado contra Don Corleone. Quase imediatamente, Bruno Tattaglia viera a sua mesa e sentara-se.

— Tenho um amigo que quer falar com você — declarou ele.

— Traga-o aqui — tornou Luca. — Falarei com qualquer amigo seu.

— Não — retrucou Bruno. — Êle quer ver você em particular.

— Quem é ele? — perguntou Luca.

— Apenas um amigo meu — respondeu Bruno Tattaglia. — Ele quer apresentar-lhe uma proposta. Você poderá encontrá-lo mais tarde, ainda esta noite?

— Certamente — retrucou Luca. — A que horas e onde?

Tattaglia respondeu suavemente:

— O cabaré fecha às quatro da manhã. Por que vocês não se encontram aqui, enquanto os garçons estão fazendo a limpeza?

Eles conheciam seus hábitos, pensou Luca, deviam ter mandado segui-lo. Ele geralmente acordava por volta das três ou quatro horas da tarde e tomava o seu *breakfast*, depois divertia-se jogando com companheiros da Família ou apanhava uma garota. Às vezes, assistia a um filme na sessão da meia-noite e depois entrava num cabaré para tomar uma bebida. Nunca ia

dormir antes do amanhecer. Portanto, a sugestão de uma reunião às quatro horas da madrugada não era tão esquisita como parecia.

— Está bem, está bem — respondeu Luca. — Voltarei às quatro horas.

Deixou o cabaré e tomou um táxi para casa, na Décima Avenida. Morava com uma família italiana de quem era parente distante. Ocupava dois quartos separados do resto do apartamento por uma porta especial. Ele gostava dessa moradia porque lhe proporcionava uma espécie de vida familiar e também proteção contra alguma surpresa onde ele era mais vulnerável.

A astuta raposa turca iria mostrar a sua cauda espessa, pensou Luca. Se as coisas fossem longe demais, se Sollozzo se comprometesse naquela noite, talvez a coisa pudesse acabar como um presente de Natal para Don Corleone. Em seu quarto, Luca abriu a fechadura do baú que estava embaixo da cama e tirou o seu colete à prova de balas. Era pesado. Despiu a roupa e ajustou o colete sobre a sua camiseta de lã, em seguida pôs a camisa e o paletó por cima. Pensou por um momento em telefonar para a casa de Don Corleone em Long Beach para contar-lhe o novo desenrolar de sua aventura, mas ele sabia que Don Corleone nunca falava ao telefone com ninguém, e lhe tinha confiado essa missão em segredo e, portanto, não queria que ninguém, nem mesmo Hagen ou seu filho mais velho, soubesse algo a respeito.

Luca sempre portava um revólver. Tinha licença para isso, provavelmente a licença mais cara já concedida em qualquer lugar, em qualquer tempo. Custara-lhe um total de dez mil dólares, mas evitaria que ele fosse para a cadeia se os tiras o revistassem. Como um funcionário de operações de alta categoria da Família ele conhecia o valor da licença. Porém naquela noite, justamente para o caso de poder terminar o seu serviço, ele queria um revólver "garantido". Um revólver cujo proprietário não pudesse ser identificado. Mas então, pensando novamente no assunto, resolveu que apenas ouviria a proposta naquela noite e depois a comunicaria ao Padrinho, Don Corleone.

Saiu de casa com a intenção de voltar ao cabaré, mas não bebeu mais. Em vez disso, caminhou despreocupado até a 48.ª Avenida, onde ceou tranqüilamente no *Patsy's*, seu restaurante italiano preferido. Quando chegou a hora do encontro, dirigiu-se calmamente para a entrada do cabaré. O porteiro não estava mais lá quando ele entrou. A chapeleira tinha ido embora. Somente Bruno Tattaglia esperava para recebê-lo e levá-lo até o bar deserto situado no lado da sala. Diante dele, estavam as pequenas mesas vazias com a pista de dança de madeira amarela bem encerada e luzindo no meio delas. Mergulhado nas sombras, mal se via o estrado da orquestra, do qual se projetava a haste metálica de um microfone.

Luca sentou-se no bar e Bruno Tattaglia foi atrás dêle. Luca recusou a bebida que lhe foi oferecida e acendeu um cigarro. Era possível que isso resultasse em outra coisa que não o turco. Mas em seguida viu Sollozzo sair das sombras na extremidade oposta da sala.

Sollozzo apertou-lhe a mão e sentou-se no bar perto dêle. Tattaglia pôs um cálice em frente do turco, que acenou a cabeça agradecendo.

— Você sabe quem sou eu? — perguntou Sollozzo.

Luca acenou com a cabeça afirmativamente. Os ratos estão começando a sair dos buracos. Êle teria prazer em tomar a seu serviço êsse siciliano renegado.

— Você sabe o que é que lhe vou pedir? — perguntou Sollozzo.

Luca balançou a cabeça.

— Há um grande negócio a ser feito — afirmou Sollozzo. — Quero dizer milhões para o pessoal lá de cima. No primeiro embarque, posso garantir a você cinquenta mil dólares. Estou falando de entorpecentes. É a coisa que vai começar a dar bom lucro.

Luca perguntou:

— Por que vir a mim? Você quer que eu fale a meu Don?

Sollozzo fêz uma careta de desaprovação.

— Já falei com o Don. Êle não quer participar disso. Muito bem, posso fazer a coisa sem êle. Mas preciso de alguém forte para proteger a operação fisicamente. Acho que você não está contente com a sua Família, você deve mudar de vida.

Luca deu de ombros.

— Se a oferta fôr boa...

Sollozzo o estava observando atentamente e parecia ter chegado a uma decisão.

— Pense na minha oferta durante alguns dias e depois falaremos novamente — disse êle.

Sollozzo estendeu a mão, mas Luca fingiu não ver e começou a ocupar-se com a colocação de um cigarro na bôca. De trás do bar, Bruno Tattaglia fêz um isqueiro aparecer màgicamente e segurou-o para acender o cigarro de Luca. E, de repente, fêz uma coisa esquisita. Deixou cair o isqueiro no bar e agarrou a mão direita de Luca, segurando-a com fôrça.

Luca reagiu instantâneamente, seu corpo escorregando do banquinho do bar e procurando contorcer-se para escapulir. Porém Sollozzo agarrara-lhe a outra mão pelo pulso. Contudo, Luca era muito forte para êles e teria conseguido livrar-se, se outro homem não saísse das sombras por trás dêle e passasse um fino cordão de sêda em volta de seu pescoço. O homem apertou o cordão ao máximo, estrangulando-o. O rosto de Luca ficou roxo, a fôrça de seus braços exauriu-se. Tattaglia e Sollozzo seguravam-

lhe as mãos fàcilmente, agora, e ali permaneciam curiosamente como crianças, enquanto o homem por trás de Luca puxava o cordão, apertando-o cada vez mais. De repente, o soalho se tornou úmido e escorregadio. O esfíncter de Luca, não mais sob contrôle, rompeu-se, e os detritos do seu corpo jorraram. Não havia mais fôrça nêle e as pernas se dobraram, o corpo vergou. Sollozzo e Tattaglia soltaram-lhe as mãos e sòmente o estrangulador ficou ao lado da vítima, ajoelhando-se para acompanhar a queda do corpo de Luca e puxando o cordão com tanta fôrça que êste cortava e entrava na carne do pescoço e desaparecia. Os olhos de Luca saltaram-lhe da cabeça como que expressando a maior surprêsa, como o único vestígio de humanidade que lhe restava. Êle estava morto.

— Não quero que êle seja encontrado — declarou Sollozzo. — É importante que êle não seja encontrado agora.

E girou em seus calcanhares, voltando a desaparecer nas sombras.

Capítulo 8

O dia seguinte ao do atentado contra Don Corleone foi de grande atividade para a Família. Michael permaneceu junto ao telefone transmitindo recados para Sonny. Tom Hagen ocupava-se em encontrar um mediador satisfatório para ambas as partes, de forma que se marcasse uma entrevista com Sollozzo. O turco se tornara repentinamente cauteloso, talvez soubesse que os capangas de Clemenza e Tessio a serviço da Família estivessem percorrendo toda a cidade à procura de seu rasto. Mas Sollozzo conservava-se em seu esconderijo, como o faziam todos os membros importantes da Família Tattaglia. Isso era esperado por Sonny, uma precaução elementar que ele sabia que o inimigo deveria tomar.

Clemenza estava ocupado com Paulie Gatto. Tessio tinha sido encarregado da missão de descobrir o paradeiro de Luca Brasi. Luca não estivera em casa desde a noite anterior ao atentado, um mau sinal. Mas Sonny não podia acreditar que Brasi se tornara um traidor ou tivesse sido apanhado de surpresa.

A mamãe Corleone estava na cidade, na casa de amigos da Família, para poder ficar perto do hospital. Carlo Rizzi, o genro, havia oferecido seus serviços, mas tinham-lhe respondido que cuidasse de seu próprio negócio, que Don Corleone havia instalado para ele, um território lucrativo de *bookmaker* na zona italiana de Manhattan. Connie estava em companhia da mãe na cidade, a fim de poder visitar o pai no hospital.

Freddie ainda se encontrava sob o efeito de sedativos em seu próprio quarto na casa dos pais. Sonny e Michael haviam-lhe feito uma visita e ficaram impressionados com o seu estado.

— Jesus Cristo! — exclamou Sonny para Michael quando saíram do quarto de Freddie — ele parece que está mais gravemente ferido do que o velho.

Michael deu de ombros. Tinha visto soldados na mesma condição no campo de batalha. Mas nunca esperava que isso acontecesse a Freddie. Ele se lembrava de que o irmão do meio era fisicamente o mais duro da família, quando todos eles eram pequenos. Mas também era o filho mais obediente ao pai. Contudo, todos sabiam que Don Corleone havia desistido de que ele tivesse algum papel importante no negócio da Família. Não era muito esperto, e, além disso, não era bastante impiedoso. Era muito retraído, sem muita força de caráter.

Na parte da tarde, Michael recebeu um telefonema de Johnny Fontane, de Hollywood. Sonny pegou o telefone.

— Não, Johnny, não adianta você vir aqui para ver o velho. Ele está muito doente e isso daria a você um bocado de publicidade desfavorável, e eu sei que o velho não gostaria disso. Espere até ele melhorar e a gente poder trazê-lo para casa, então você poderá vir vê-lo. Está bem, darei a ele as suas lembranças.

Sonny desligou e virou-se para Michael, dizendo:

— Isso vai fazer papai sentir-se contente, saber que Johnny queria pegar o avião na Califórnia para ver como está ele.

Um pouco mais tarde, Michael foi chamado para atender o telefone da cozinha, que constava do catálogo telefônico, por um dos homens de Clemenza. Era Kay.

— Seu pai está bem? — perguntou ela.

A voz parecia um tanto forçada, artificial. Michael sabia que ela não podia acreditar inteiramente no que acontecera, que o pai dele era realmente o que os jornais chamavam um *gangster*.

— Ele ficará bom — respondeu Michael.

— Posso ir com você quando você for visitá-lo no hospital? — voltou a perguntar ela.

Michael deu uma gargalhada. Ela se lembrou de que ele havia dito a ela como era importante fazer tais coisas se se queria viver bem com os velhos italianos.

— Isso é um caso especial — respondeu ele. — Se os caras da imprensa conseguirem descobrir o seu nome e a sua ascendência você irá para a terceira página do *Daily News*. Moça de antiga família americana metida com filho de chefe da grande Máfia. Será que os seus pais gostariam disso?

— Meus pais nunca lêem o *Daily News* — respondeu Kay secamente.

Houve outra pausa estranha e em seguida ela perguntou:

— Você está bem, não está, Mike, você não está correndo qualquer perigo, está?

Mike deu outra gargalhada.

— Sou conhecido como o maricas da família Corleone. Não há qualquer ameaça contra mim. Eles não se incomodam em me atacar. Não, está tudo terminado, Kay, não haverá mais barulho. Tudo foi apenas uma espécie de acidente. Eu lhe explicarei quando estiver com você.

— Quando será isso? — perguntou ela.

Michael pensou um pouco.

— Que tal logo mais à noite? Tomaremos uma bebida, cearemos no seu hotel e depois irei ao hospital ver o velho. Estou cansado de ficar aqui atendendo telefones. Está bem? Mas não diga nada a ninguém. Não quero fotógrafos de jornal batendo chapas de nós dois juntos. Não brinque, Kay, é muito desagradável, especialmente para os seus pais.

— Muito bem — anuiu Kay. — Estarei à sua espera. Posso fazer alguma compra de Natal para você? Ou outra coisa qualquer?

— Não — retrucou Michael. — Apenas esteja pronta.

Ela deu uma gargalhada um tanto provocante.

— Estarei pronta — disse ela. — Não estou sempre pronta?

— Sim, você está — respondeu ele. — Por isso é que você é a minha melhor garota.

— Eu o amo — disse ela. — Pode você dizer isso?

Michael olhou para os quatro capangas sentados na cozinha.

— Não — respondeu ele. — Logo mais à noite, está bem?

— Está bem — confirmou ela.

Ele desligou o telefone.

Clemenza voltara finalmente do seu trabalho do dia e estava na cozinha afobado preparando uma enorme panela de suco de tomate. Michael cumprimentou-o com a cabeça e dirigiu-se para o escritório do canto onde encontrou Hagen e Sonny esperando impacientemente por ele.

— Clemenza está aí fora? — perguntou Sonny.

Michael respondeu sarcasticamente.

— Ele está cozinhando espaguete para as tropas, tal como no Exército.

— Diga a ele que pare essa besteira e venha cá imediatamente — disse Sonny impacientemente. — Tenho coisas mais importantes para ele fazer. Traga Tessio aqui com ele.

Em poucos minutos, todos eles estavam reunidos no escritório. Sonny perguntou laconicamente a Clemenza:

— Você resolveu o problema dele?

Clemenza acenou a cabeça afirmativamente.

— Você não o verá mais.

Como se tivesse levado um ligeiro choque elétrico, Michael compreendeu que estavam falando de Paulie Gatto e que ele já estava morto, assassinado por aquele alegre e despreocupado Clemenza.

— Você teve alguma sorte com Sollozzo? — perguntou Sonny a Hagen.

Hagen balançou a cabeça.

— Ele parece que esfriou a respeito da idéia da negociação. De qualquer modo, ele não parece muito apressado. Ou talvez esteja apenas tomando cuidado para não ser apanhado pelos nossos homens. E, sendo assim, não consegui achar um bom intermediário no qual ele possa confiar. Mas ele deve saber que precisa negociar agora. Perdeu a oportunidade quando deixou o velho escapar com vida.

— Ele é um cara esperto, — retrucou Sonny — o mais esperto que a nossa Família já teve de enfrentar. Talvez ele pense que vamos esperar que o velho melhore ou que vamos mandar segui-lo.

Hagen deu de ombros.

— Na certa, ele pensa assim. Mas ainda tem de entrar em negociações. Não há alternativa. Terei a coisa arranjada amanhã. Não tenho dúvida.

Um dos homens de Clemenza bateu na porta do escritório e depois entrou dizendo para Clemenza:

— O rádio estava dando agora que a polícia encontrou Paulie Gatto. Morto em seu carro.

Clemenza acenou com a cabeça e disse para o homem:

— Não se preocupe com isso.

O capanga olhou espantado para o seu *caporegime*, depois fez um ar de compreensão, antes de voltar para a cozinha.

A conferência prosseguiu como se não tivesse havido interrupção. Sonny perguntou a Hagen:

— Alguma alteração no estado de Don Corleone?

Hagen balançou a cabeça.

— Ele está bem, mas não poderá falar ainda durante alguns dias. Está completamente tonto. Ainda se recuperando da operação. A sua mãe passa a maior parte do dia com ele, Connie também. Há tiras espalhados por todo o hospital e os homens de Tessio estão por lá também, para qualquer eventualidade. Em poucos dias, ele estará bom e então veremos o que quer que a gente faça. Nesse meio tempo, precisamos evitar que Sollozzo faça alguma coisa precipitada. Por isso é que quero que você comece a estabelecer negociações com ele.

— Enquanto ele não se decide, tenho Clemenza e Tessio procurando por ele — resmungou Sonny. — Talvez a gente tenha sorte e resolva todo o negócio.

— Você não vai ter sorte — retrucou Hagen. — Sollozzo é muito esperto.

Hagen fêz uma pausa.

— Ele sabe que uma vez que venha à mesa de negociações terá de aceitar quase todas as nossas condições. Por isso é que está ganhando tempo. Acho que está procurando conseguir apoio de outras Famílias de Nova York para que a gente não vá em cima dele quando o velho mandar.

Sonny franziu as sobrancelhas.

— Por que diabo eles fariam isso?

Hagen respondeu pacientemente:

— Para evitar uma grande guerra que prejudique a todos e faça os jornais e o governo entrarem em ação. Além disso, Sollozzo dará a eles um bocado de assunto. E você sabe quanto dinheiro há nesse negócio de entorpecentes. A Família Corleone não precisa disso, a gente tem o jogo, que é o melhor negócio do mundo. Mas as outras Famílias estão com fome. Sollozzo é um homem experiente, elas sabem que ele pode fazer a operação funcionar em grande escala. Vivo, ele é dinheiro no bolso delas; morto, é complicação.

O rosto de Sonny apresentava um aspecto que Michael jamais vira. A espessa boca de cupido e a pele bronzeada pareciam acinzentadas.

— Não tenho a menor idéia do que eles querem. É melhor êles não se meterem nessa briga.

Clemenza e Tessio mexeram-se apreensivamente em suas cadeiras, eram como que comandantes de infantaria que ouviam o seu general esbravejar em torno de um ataque a uma colina inexpugnável custasse o que custasse. Hagen disse um tanto impacientemente:

— Deixe disso, Sonny, seu pai não gostaria de vê-lo pensar dessa maneira. Você sabe o que ele diz sempre: "Isso é desperdício". Certamente não vamos deixar que alguém nos detenha, se o velho disser que temos de ir em cima de Sollozzo. Mas isso não é uma questão pessoal, é negócio. Se formos em cima do turco e as Famílias interferirem, negociaremos a questão. Se as Famílias perceberem que estamos dispostos a apanhar Sollozzo, elas nos deixarão. Don Corleone fará concessões em outros pontos para equilibrar as coisas. Mas não fique doido por sangue numa coisa como essa. Isso é negócio. Até o atentado contra o seu pai foi negócio, não uma questão pessoal. Você deve saber isso agora.

Os olhos de Sonny ainda estavam furiosos.

— Está bem, compreendo tudo isso. Desde que você compreenda que ninguém se atravessará em nosso caminho quando quisermos Sollozzo.

Sonny virou-se para Tessio.

— Alguma pista de Luca?

Tessio balançou a cabeça.

— Absolutamente nada. Sollozzo deve tê-lo raptado.

Hagen retrucou tranquilamente:

— Sollozzo não estava preocupado com Luca, o que achei engraçado. Ele é muito esperto para não se preocupar com um sujeito como Luca. Acho que ele o tirou da jogada, de um jeito ou de outro.

— Por Deus, — murmurou Sonny — espero que Luca não esteja lutando contra nós. Isso é a única coisa de que tenho medo. Clemenza, Tessio, que é que vocês pensam a respeito?

Clemenza respondeu lentamente:

— Qualquer pessoa pode errar, veja Paulie. Mas, no caso de Luca, ele era um homem que só podia seguir um caminho. O Padrinho era a única coisa em que ele acreditava, o único homem que êle temia. Mas não somente isso, Sonny, ele respeitava seu pai como ninguém mais o respeitava, e o Padrinho conquistou o respeito de todo mundo. Não, Luca nunca nos trairia. E acho difícil acreditar que um homem como Sollozzo, por mais sagaz que fosse, pudesse apanhar Luca de surpresa. Ele era um homem que desconfiava de tudo e de todos. Estava sempre pronto para o pior. Penso que talvez ele tenha ido para fora, para algum lugar, por uns dias. A qualquer momento teremos notícias dele.

Sonny virou-se para Tessio. O *caporegime* de Brooklyn deu de ombros.

— Qualquer homem pode tornar-se traidor. Luca era muito sensível. Talvez Don Corleone o ofendesse de algum jeito. Isso pode ser. Penso, contudo, que Sollozzo o apanhou de surpresa. Isso combina com o que diz o *consigliori*. Devemos esperar o pior.

Sonny falou a todos eles:

— Sollozzo daqui a pouco ouvirá a notícia sobre Paulie Gatto — disse Sonny, dirigindo-se a todos. — Que influência terá isso nele?

Clemenza respondeu sombriamente:

— Isso o fará pensar. Ele sabe que a Família Corleone não é boba. Compreenderá que teve muita sorte ontem.

Sonny falou abruptamente:

— Isso não foi sorte. Sollozzo planejou a coisa durante semanas. Eles devem ter seguido o velho até o seu escritório todo dia e observado a sua rotina. Depois subornaram Paulie e talvez Luca. Pegaram Tom justamente pelo paletó. Fizeram tudo o que queriam. Mas deram azar, não sorte. Os capangas que eles contrataram não eram bons demais e o velho safou-se muito rapidamente. Se eles o houvessem matado, eu teria de fazer um trato, e Sollozzo teria vencido. Por enquanto. Eu teria esperado talvez e o pegaria daqui a cinco, dez anos. Mas não diga que ele teve sorte, Pete, isso é subestimá-lo. E fizemos isso muito ultimamente.

Um dos capangas trouxe uma terrina de espaguete da cozinha e, depois, pratos, garfos e vinho. Todos comiam enquanto falavam. Michael olhava embevecido. Ele não comia, nem tampouco Tom, mas Sonny, Clemenza e Tessio começaram a comer o espaguete umedecendo o pão no molho. Era quase cômico. Eles continuaram a discutir.

Tessio não pensava que a perda de Paulie Gatto causaria qualquer transtôrno a Sollozzo; de fato, ele pensava que o turco devia prever isso, na verdade devia ficar satisfeito com isso. Uma boca inútil fora da folha de pagamento. E não ficaria apavorado com o fato; afinal de contas, estariam eles em tal situação?

Michael desabafou timidamente:

— Sei que sou um amador nisso, mas por tudo o que vocês disseram sobre Sollozzo, mais o fato de que de repente ele perdeu o contato com Tom, posso concluir que ele tem um bom trunfo nas mãos. Deve estar pronto para apresentar algo realmente ardiloso que o colocará em posição vantajosa. Se pudéssemos imaginar o que seria, estaríamos a cavaleiro da situação.

— Sim, pensei nisso e a única coisa que posso imaginar é Luca — disse Sonny com relutância. — Já corre o boato de que ele será trazido para cá antes de reconhecerem os seus direitos antigos dentro da Família. A única outra coisa em que posso pensar é que Sollozzo fez um trato com as Famílias de Nova York e amanhã receberemos a notícia de que elas ficarão contra nós numa guerra. Que teremos de fazer com o turco o trato que ele quiser. Certo, Tom?

Hagen acenou com a cabeça afirmativamente.

— Isso é o que me parece. E não podemos agir contra tal oposição sem o seu pai. Ele é o único que pode enfrentar as Famílias. Ele tem as ligações políticas, das quais elas precisam, e pode usá-las para entrar em negociações. Se ele necessitar muito disso.

Clemenza falou um tanto arrogantemente para um homem cujo capanga principal o tinha traído recentemente:

— Sollozzo jamais chegará perto desta casa, chefe, você não precisa ficar preocupado com isso.

Sonny olhou para ele pensativamente por um momento. Depois disse a Tessio:

— E quanto ao hospital, seus homens estão dando a necessária cobertura?

Pela primeira vez durante a conferência, Tessio parecia completamente seguro do que dizia.

— Fora e dentro — respondeu ele. — Em toda a sua volta. Os tiras também estão dando uma cobertura muito boa. Há detetives na porta do quarto esperando para interrogar o velho. Isso é até engraçado. Don Corleone ainda está tomando esse negócio de lavagem, nada de comida, assim não temos de nos preocupar

com a cozinha, o que seria algo com que nos daria trabalho por causa desses turcos, eles acreditam em veneno. Não podem chegar até Don Corleone, não podem de jeito algum.

Sonny reclinou-se em sua cadeira.

— Não seria eu, eles devem fazer negócio comigo, precisam da máquina da Família. — Arreganhou os dentes para Michael: — Quem sabe se não seria você? Talvez Sollozzo imagine raptá-lo e mantê-lo como refém para fazer um acordo.

Michael pensou pesarosamente, lá se vai meu encontro com Kay. Sonny não o deixaria sair de casa. Mas Hagen disse impacientemente:

— Não, ele poderia ter raptado Mike a qualquer momento se quisesse garantia. Mas todo mundo sabe que Mike não está no negócio da Família. Ele é civil e, se Sollozzo raptá-lo, então perde tôdas as outras Famílias de Nova York. Até os Tattaglia teriam de ajudar a procurá-lo. Não, é muito simples. Amanhã teremos um representante de todas as Famílias que nos dirá que devemos fazer negócio com o turco. Isso é o que ele está esperando. Esse é o seu trunfo.

Michael soltou um suspiro de alívio.

— Bem — disse ele. — Preciso ir à cidade esta noite.

— Por quê? — perguntou Sonny prontamente.

Michael arreganhou os dentes.

— Acho que vou até o hospital visitar o velho, ver mamãe e Connie. E tenho outras coisas a fazer.

Tal como Don Corleone, Michael jamais contava a história verdadeira e agora não queria dizer a Sonny que iria ver Kay Adams. Não havia motivo para não dizer-lhe, era apenas um hábito.

Ouviu-se um murmúrio de vozes na cozinha. Clemenza saiu para ver o que estava acontecendo. Quando voltou, trazia nas mãos o colete à prova de balas de Luca Brasi. Enrolado no colete estava um enorme peixe morto.

— O turco ouviu a notícia sobre o seu espia Paulie Gatto — disse Clemenza secamente.

— E agora sabemos o que há com Luca Brasi — acrescentou Tessio de maneira igualmente seca.

Sonny acendeu um cigarro e tomou um gole de uísque. Michael, perplexo, perguntou:

— Que diabo significa este peixe?

Foi Hagen, o irlandês, o *consigliori*, que respondeu:

— O peixe significa que Luca Brasi está dormindo no fundo do oceano — explicou. — É uma velha mensagem siciliana.

Capítulo 9

Quando Michael Corleone entrou na cidade nessa noite estava de ânimo abatido. Sentia que se estava envolvendo no negócio da Família contra a própria vontade e teve um ressentimento contra Sonny por usá-lo mesmo para atender o telefone. Sentia um mal-estar por se ver dentro dos conselhos da Família como se lhe pudessem confiar absolutamente tais segredos como assassinato. E agora, indo ao encontro de Kay, sentia-se culpado por ela também. Nunca fora completamente honesto com ela a respeito da família dele. Falara a ela sobre os parentes, mas sempre com pequenas piadas e anedotas engraçadas que os faziam parecer mais com aventureiros num filme *technicolor* do que com o que eles realmente eram. E agora seu pai havia sido baleado na rua e seu irmão mais velho estava fazendo planos de assassinato. Isso era apresentar as coisas de maneira clara e simples, mas não era jamais como ele as contaria a Kay. Ele já dissera que o fato de seu pai ser baleado era como que um "acidente" e que toda a confusão estava acabada. Diabo, parecia que estava apenas começando. Sonny e Tom estavam enganados a respeito desse tal de Sollozzo, estavam ainda subestimando-o, embora Sonny fosse bastante esperto para sentir que havia perigo. Michael procurou pensar qual seria o trunfo que o turco possuía. Ele era evidentemente um homem ousado, um homem sagaz, um homem de extraordinária força. Tinha-se de imaginar que ele viria com uma grande surpresa. Mas então Sonny e Tom, Clemenza e Tessio, todos tinham concordado que tudo estava

sob controle e todos tinham mais experiência do que ele, Michael. Ele era o "civil" na guerra, Michael pensou ironicamente. E eles teriam de dar-lhe um bocado de medalhas melhores do que ele ganhara na II Guerra Mundial para fazê-lo alistar-se nesta.

Pensando nisso, sentiu-se culpado por não nutrir mais compaixão pelo pai. Seu pai fora baleado inúmeras vezes e, contudo, de um modo curioso, Michael, melhor do que ninguém, compreendeu quando Tom disse que foi por uma questão de negócio, não um caso pessoal. Que seu pai tinha pago pelo poder que detivera durante toda a vida, o respeito que obtivera à força de todos aqueles que o rodeavam.

O que Michael desejava estava fora, fora de tudo isso, era dirigir a sua própria vida. Mas não podia libertar-se totalmente da família, enquanto a crise não terminasse. Tinha de ajudar na sua situação de civil. Com súbita clareza, compreendeu que estava aborrecido com o papel que lhe atribuíram, o de não-combatente privilegiado, o daquele que se opõe por uma questão de escrúpulos de consciência. Esse o motivo por que a palavra "civil" estava estalando em sua cabeça de maneira tão irritante.

Quando chegou ao hotel, Kay estava esperando por ele no saguão. (Dois homens de Clemenza haviam-no conduzido de carro até a cidade e o deixaram numa esquina próxima, depois de se terem assegurado de que não haviam sido seguidos.)

Jantaram juntos e tomaram algumas bebidas.

— A que horas você vai visitar seu pai? — perguntou Kay.

Michael olhou o seu relógio.

— O horário de visita termina às 8,30. Penso que irei depois que todos tiverem saído. Eles me deixarão subir. O velho tem um quarto particular e as suas próprias enfermeiras, assim poderei passar algum tempo com ele. Acho que ele não pode falar nem mesmo saberá que estou lá. Mas preciso mostrar respeito.

— Sinto tanta pena de seu pai, — disse Kay calmamente — ele parecia um homem tão bom no casamento. Não acredito nas coisas que os jornais estão publicando sobre ele. Tenho a certeza de que a maior parte do que falam não é verdade.

— Penso como você também — declarou Michael delicadamente.

Ele estava surpreso por se achar tão reservado com Kay. Amava-a, confiava nela, mas jamais lhe contaria algo a respeito de seu pai ou da Família. Ela era uma estranha.

— Quanto a você? — perguntou Kay. — Vai você se envolver nessa guerra de quadrilhas de que os jornais estão falando com tanto estardalhaço?

Michael riu com os dentes arreganhados, desabotoou o paletó e o conservou aberto.

— Olhe, não uso revólver — respondeu ele.

Ela deu uma gargalhada.

Estava ficando tarde e eles subiram para o quarto. Kay misturou uma bebida para os dois e sentou-se no colo dele, enquanto bebiam. Debaixo do vestido da moça tudo era seda até que a mão de Michael tocou a pele afogueada de sua coxa. Caíram de costas na cama e amaram-se vestidos mesmo, as suas bocas bem coladas. Quando acabaram, permaneceram quietos, sentindo o calor de seus corpos queimando através de suas roupas.

— Isso é o que vocês soldados chamam de "um serviço rápido"? — murmurou Kay.

— Sim — respondeu Michael.

— Não é mau — disse Kay com uma voz ponderada.

Eles cochilaram até que Michael de repente se levantou apreensivo e olhou o relógio.

— Diacho! — exclamou ele. — Já são quase dez horas. Preciso ir até o hospital.

Foi ao banheiro lavar-se e pentear o cabelo. Kay veio atrás dele e passou-lhe os braços pela cintura.

— Quando é que vamos casar? — perguntou ela.

— Quando você quiser — respondeu Michael. Logo que a situação da minha família se acalmar e meu velho ficar bom. Acho que é melhor você explicar as coisas aos seus pais.

— Que é que devo explicar? — perguntou Kay tranqüilamente.

Michael correu o pente pelo cabelo.

— Diga apenas que você conheceu um cara valente, bonito, de origem italiana. Notas altas em Dartmouth. Medalhas por bravura durante a guerra. Honesto. Trabalhador. Mas o pai é um chefe da Máfia que tem de matar gente má, às vezes subornar altos funcionários do governo e que, no desempenho de suas funções, recebeu ele próprio uma descarga de balas. Mas isso nada tem a ver com o filho trabalhador e honesto. Você acha que pode lembrar-se de tudo isso?

Kay soltou as mãos do corpo dele e encostou-se na porta do banheiro.

— Ele é isso realmente? — perguntou ela. — Ele realmente . . . — fez uma pausa — mata gente?

Michael acabou de pentear o cabelo.

— Não sei realmente — respondeu ele. — Ninguém sabe com certeza. Mas não seria surpresa para mim.

Antes que ele saísse do quarto, ela perguntou:

— Quando o verei novamente?

Michael beijou-a.

— Quero que você vá para casa e pense bem no assunto, naquela sua cidadezinha do interior — disse ele. — Não quero ver você envolvida nesse negócio de jeito algum. Depois das férias de Natal, estarei de volta à escola e nos encontraremos lá em Hanover. Está bem?

— Está bem — respondeu ela.

Kay observou-o sair pela porta, viu-o dar adeus antes de entrar no elevador. Nunca se sentira tão ligada a ele, nunca o amara tanto e, se alguém lhe dissesse que ela levaria três anos para vê-lo novamente, não seria capaz de suportar a angústia dessa notícia.

Quando Michael saltou do táxi em frente ao Hospital Francês, ficou surpreso ao ver que a rua estava completamente deserta. Quando entrou no hospital, ficou mais surpreso ainda ao encontrar o saguão vazio. Caramba, que diabo estavam fazendo Clemenza e Tessio? De fato, eles não tinham freqüentado a Academia Militar de West Point, mas sabiam bastante sobre tática para estabelecer postos avançados. Alguns dos seus homens deviam estar no saguão pelo menos.

Até os visitantes retardatários tinham ido embora, eram quase 9,30 horas da noite. Michael agora estava nervoso e atento. Não se preocupou em parar na mesa de informações, já sabia o número do quarto do pai lá em cima no quarto andar. Tomou o elevador automático. Achou muito esquisito que ninguém o detivesse até que ele chegasse à sala das enfermeiras no quarto andar. Mas passou direto sem dar resposta à pergunta que lhe fizeram e encaminhou-se para o quarto do pai. Não havia ninguém do lado de fora da porta. Diabo, onde se achavam os dois detetives que deviam estar ali para guardar e interrogar o velho? Diabo, onde se achava o pessoal de Tessio e Clemenza? Haveria alguém dentro do quarto? Mas a porta estava aberta. Michael entrou. Havia uma figura deitada na cama e, pelo luar de dezembro que se infiltrava pela janela, Michael conseguiu ver o rosto do pai. Mesmo agora estava impassível, o peito superficialmente levantado com a sua respiração irregular. Tubos pendurados na forca de aço ao lado da cama iam até o seu nariz. No chão estava um jarro de água recebendo os venenos esvaziados do seu estômago pelos outros tubos. Michael permaneceu ali por alguns momentos para se assegurar de que o pai estava passando bem, depois saiu do quarto.

— Meu nome é Michael Corleone, — disse à enfermeira — quero ficar sentado com meu pai. Que aconteceu aos detetives que deviam estar guardando o velho?

A enfermeira era uma pequena muito bonita, denotando um ar de autoconfiança e segurança.

— Ah, o seu pai recebia muitas visitas, isso atrapalhava o serviço do hospital — respondeu ela. — A polícia veio e fez todos eles saírem há coisa de dez minutos. Depois, há apenas cinco minutos, tive de chamar os detetives ao telefone para um alarma de emergência na polícia e, assim, eles partiram também. Mas não se preocupe, estou cuidando bem do seu pai e posso ouvir

qualquer som vindo do seu quarto. Por isso é que deixamos a porta aberta.

— Muito obrigado — retrucou Michael. — Vou ficar sentado com ele um pouco. Está bem?

A enfermeira sorriu para ele.

— Apenas por alguns minutos e lamento que tenha de mandá-lo logo embora. É o regulamento, você sabe.

Michael voltou para o quarto do pai. Tirou o fone do gancho e pediu à telefonista do hospital que o ligasse com a casa de Long Beach, com o aparelho da sala do escritório do canto. Sonny respondeu. Michael falou em voz baixa:

— Sonny, estou aqui no hospital, cheguei atrasado. Sonny, não há ninguém aqui. Nenhum dos homens de Tessio. Nenhum detetive na porta. O velho estava completamente desprotegido.

Sua voz tremia.

Houve um longo silêncio e depois ele ouviu a voz de Sonny em tom baixo e impressionante:

— Isso é o golpe de Sollozzo de que você falou.

— Isso foi o que pensei também — retrucou Michael. — Mas como conseguiu ele que os tiras todos saíssem daqui, e para onde foram? Que aconteceu aos homens de Tessio? Jesus, será que o patife do Sollozzo tem o Departamento de Polícia de Nova York na gaveta também?

— Tenha calma, garoto. — A voz de Sonny era tranquilizadora. — Tivemos sorte novamente pelo fato de você ir visitar o hospital tão tarde. Permaneça no quarto do velho. Tranque a porta por dentro. Terei alguns homens aí, dentro de quinze minutos, assim que eu der alguns telefonemas. Mantenha-se aí firme e não fique apavorado. Está bem, garoto?

— Não ficarei apavorado — respondeu Michael.

Pela primeira vez desde que tudo tinha começado, sentiu uma raiva furiosa subir dentro dele, um ódio frio pelos inimigos de seu pai.

Desligou o telefone e tocou a campainha chamando a enfermeira. Resolveu usar o seu próprio raciocínio e não levar em conta as ordens de Sonny. Quando a enfermeira entrou, ele disse.

— Não quero que você se assuste, mas temos que mudar meu pai agora mesmo. Para outro quarto ou outro andar. Você pode desligar todos esses tubos para que possamos levar a cama para fora daqui?

— Isso é ridículo — disse a enfermeira. — Temos de obter permissão do médico.

— Você leu sobre o meu pai nos jornais — falou Michael rapidamente. — Você viu que não há ninguém aqui hoje à noite para protegê-lo. Eu soube agora que alguns homens estão vindo

para o hospital, a fim de matá-lo. Por favor, acredite em mim e ajude-me.

Ele podia ser extraordinariamente persuasivo quando queria.

— Não precisamos desligar os tubos — replicou a enfermeira. — Podemos levar o aparelho junto com a cama.

— Você tem um quarto vazio? — sussurrou Michael.

— No fim do corredor — respondeu a enfermeira.

A mudança foi feita em questão de momentos, de modo muito rápido e eficiente. Depois Michael disse para a enfermeira:

— Fique aqui com ele até chegar ajuda. Se você ficar lá fora no seu posto pode ser atacada.

Nesse momento, ele ouviu a voz do pai vindo da cama, rouca, mas bem forte:

— Michael, é você? Que aconteceu, que é que há?

Michael inclinou-se sobre a cama. Tomou a mão do pai na sua.

— É Mike — respondeu ele. — Não tenha medo. Agora, ouça, não faça absolutamente qualquer barulho, especialmente se alguém chamar o seu nome. Algumas pessoas querem matá-lo, entende? Mas estou aqui, portanto não tenha medo.

Don Corleone, ainda não plenamente consciente do que lhe acontecera no dia anterior, com terrível dor, embora sorrindo carinhosamente para o filho mais moço, queria dizer-lhe, mas era esforço demasiado:

— Por que devo ter medo agora? Muita gente tem procurado matar-me desde os meus doze anos de idade.

Capítulo 10

O hospital era pequeno e dispunha apenas de uma entrada, Michael olhou pela janela para a rua lá embaixo. Havia um pátio em curva com alguns degraus que davam para a rua, na qual não havia nenhum carro. Quem quisesse penetrar no hospital teria de vir forçosamente por essa entrada. Ele sabia que não tinha muito tempo, assim saiu correndo do quarto, desceu precipitadamente os quatro pavimentos e atravessou as portas largas da entrada do andar térreo. Olhando para o lado, viu o pátio das ambulâncias e aí não havia qualquer carro, nem ambulância, estacionado.

Michael postou-se na calçada do lado de fora do hospital e acendeu um cigarro. Desabotoou o paletó e ficou sob a luz de um poste de modo que se podiam ver suas feições. Um rapaz estava vindo rapidamente da Nona Avenida, com um embrulho debaixo do braço. Usava uma túnica militar e tinha uma enorme cabeleira preta. Michael notou que o rosto lhe era familiar, quando o rapaz se aproximou da luz, mas não conseguiu reconhecê-lo. O rapaz, porém, parou em frente dele e estendeu a mão, dizendo num sotaque italiano carregado:

— Don Michael, lembra-se de mim? Enzo, o ajudante de padeiro de Nazorine, o *Paniterra*; o genro dele. Seu pai salvou a minha vida conseguindo que o governo me deixasse ficar aqui na América.

Michael apertou-lhe a mão. Lembrava-se dele agora.

— Vim apresentar meus respeitos a seu pai — continuou Enzo. — Será que me deixarão entrar no hospital tão tarde?

Michael sorriu e balançou a cabeça.

— Não, mas muito obrigado assim mesmo. Direi ao velho que você esteve aqui.

Um carro vinha fazendo barulho pela rua e Michael ficou logo na expectativa. Disse ele para Enzo:

— Saia daqui depressa. Pode haver barulho. Você não vai querer envolver-se com a polícia.

Ele viu o medo estampar-se no rosto do rapaz. Barulho com a polícia podia significar ser deportado ou recusa de cidadania. Mas o rapaz ficou ali firme e sussurrou em italiano:

— Se houver barulho eu ficarei para ajudar. Devo muito ao Padrinho.

Michael ficou emocionado. Estava para dizer novamente ao rapaz que fosse embora, mas então pensou, por que não deixá-lo ficar? Dois homens na frente do hospital podiam intimidar qualquer bando de Sollozzo enviado para executar um trabalho. Deu um cigarro a Enzo e o acendeu para ele. Os dois estavam sob o poste de iluminação na noite fria de dezembro. As vidraças amarelas do hospital, bifurcadas pelas decorações verdes de Natal, cintilavam neles. Haviam quase acabado de fumar os cigarros, quando um carro preto comprido e baixo virou na 30.ª Rua, vindo da Nona Avenida, e cruzou na direção deles, muito perto do meio-fio. Quase parou. Michael olhou para dentro do veículo na tentativa de ver o rosto dos ocupantes, com o corpo recuando involuntariamente. O carro parecia que ia parar, mas acelerou a marcha novamente. Alguém o reconhecera. Michael deu outro cigarro a Enzo e notou que as mãos do padeiro tremiam. Para sua surpresa, as suas próprias mãos estavam firmes.

Permaneceram ali na rua, fumando por cerca de dez minutos, quando o ar da noite foi cortado por uma sereia da polícia. Um carro-patrulha fez uma curva estridente vindo da Nona Avenida e parou em frente ao hospital. Dois outros carros da polícia vieram logo atrás. De repente, a entrada do hospital estava apinhada de policiais uniformizados e detetives. Michael soltou um suspiro de alívio. O bom Sonny devia ter tomado as necessárias providências. Deu uns passos à frente para ir ao encontro deles.

Dois polícias enormes e robustos agarraram-lhe os braços. Outro o revistou. Um volumoso capitão da polícia, com galão dourado no quepe, veio subindo a escada, seus homens separando-se, respeitosamente, para abrir caminho. Era um camarada vigoroso e ágil, apesar do cabelo branco que o quepe não podia esconder. O seu rosto era avermelhado. Aproximou-se de Michael e falou asperamente:

— Pensei que tivesse trancafiado todos vocês, bandidos carcamanos. Que diabo é você e o que está fazendo aqui?

Um dos policiais postados ao lado de Michael disse:

— Ele está desarmado, capitão.

Michael não respondeu. Ficou estudando o capitão da polícia, examinando friamente o seu rosto, os seus olhos azul-metálicos. Um detetive à paisana disse:

— Este é Michael Corleone, o filho do Don.

— Que aconteceu com os detetives que deviam estar guardando meu pai? Quem os tirou daqui? — perguntou Michael calmamente.

O capitão ficou possesso de raiva.

— Seu bandido descarado, que diabo é você para me dizer o que devo fazer? Eu os tirei daqui. Pouco me importa quantos *gangsters* carcamanos se matam uns aos outros. Se dependesse de mim, eu não moveria um dedo para evitar que o seu velho fosse massacrado. Agora, caia fora daqui. Caia fora dessa rua, seu fedelho, e fique longe desse hospital, quando não for hora de visita.

Michael ainda o estava estudando atentamente. Não ficara zangado com o que o capitão dizia. A sua mente trabalhava vertiginosamente. Seria possível que Sollozzo estivesse naquele primeiro carro e o vira postado em frente do hospital? Seria possível que Sollozzo tivesse então chamado esse capitão e perguntado: "Como é que os homens dos Corleone estão ainda em volta do hospital, quando eu lhe paguei para meter todos eles na cadeia?".

Seria possível que tudo tivesse sido cuidadosamente planejado como Sonny dissera? As peças se encaixavam. Ainda com frieza, ele disse para o capitão:

— Não vou deixar este hospital enquanto você não puser guardas perto do quarto de meu pai.

O capitão não se preocupou em responder. Disse para o detetive que estava a seu lado:

— Phil, trancafie esse fedelho.

— O garoto está desarmado, capitão — retrucou o detetive hesitando. — É herói de guerra e nunca se meteu com negócios sujos. Os jornais podiam fazer um escândalo.

O capitão começou a irritar-se com o detetive, seu rosto ficou vermelho de raiva.

— Com os diabos, eu disse para trancafiar esse fedelho — gritou.

Michael, ainda pensando claramente, perguntou com malícia intencional:

— Quanto o turco está pagando a você para deixar o meu pai "descoberto", capitão?

O capitão da polícia virou-se para ele. Depois para os dois robustos policiais:

— Segurem-no.

Michael sentiu seus braços serem imobilizados para os lados. Viu o punho enorme do capitão vindo em direção do seu rosto. Procurou desviar-se, mas o punho pegou-lhe em cheio no osso malar. Uma granada explodiu em seu crânio. Sua boca encheu-se de sangue e pequenos ossos duros que ele pensou que fossem dentes. Sentiu o lado de sua cabeça inchar como se estivesse enchendo-se de ar. Suas pernas já não pesavam, e ele teria caído se os dois policiais não o mantivessem em pé. Mas ainda estava consciente. O detetive à paisana tinha-se postado à sua frente para evitar que o capitão o atingisse novamente e estava dizendo:

— Por Deus, capitão, você o massacrou mesmo.

O capitão retrucou em voz alta:

— Eu não toquei nele. Ele me atacou e caiu. Você está entendendo? Ele resistiu à prisão.

Através de um obscurecimento vermelho, Michael pôde ver mais carros parando no meio-fio. Homens saltavam. Um deles, que Michael reconheceu como o advogado de Clemenza, estava agora falando com o capitão da polícia, de modo suave e seguro:

— A Família Corleone contratou uma firma de detetives particulares para proteger o Sr. Corleone. Estes homens aqui comigo têm licença para portar armas, capitão. Se você prendê-los, terá de comparecer perante um juízo pela manhã e dizer por que o fez.

O advogado olhou para Michael.

— Você quer apresentar queixa contra quem fez isso em você? — perguntou.

Michael tinha dificuldade para falar. As suas mandíbulas não se juntavam, mas ele conseguiu murmurar:

— Eu escorreguei — respondeu ele. — Escorreguei e caí.

Ele viu o capitão lançar-lhe um olhar triunfante e tentou responder a esse olhar com um sorriso. A todo custo, queria esconder a deliciosa frieza extrema que controlava seu cérebro, a corrente de ódio extraordinariamente frio que lhe percorria o corpo. Não queria que ninguém percebesse como se sentia no momento. Como Don Corleone também não o faria. Depois sentiu que o transportavam para o hospital e perdeu os sentindos.

Quando acordou na manhã seguinte, verificou que a sua mandíbula tinha sido costurada com fio metálico e que quatro dentes do lado esquerdo de sua boca estavam faltando. Hagen estava sentado ao lado de sua cama.

— Eles me anestesiaram? — perguntou Mike.

— Sim — respondeu Hagen. — Tiveram de arrancar alguns fragmentos de osso de suas gengivas e imaginaram que doeria. Além disso, você estava praticamente sem sentidos, de qualquer forma.

— Há mais alguma anormalidade comigo? — perguntou Michael.

— Não — respondeu Hagen. — Sonny quer você fora daqui, isto é, quer você na casa de Long Beach. Você acha que pode ir?

— Certamente — retrucou Michael. — Papai está bem?

Hagen ficou vermelho.

— Penso que agora já resolvemos o problema. Contratamos uma firma de detetives particulares e temos toda a área vigiada. Darei mais detalhes a você quando entrarmos no carro.

Assentaram-se no banco traseiro. Clemenza estava na direção. Michael sentia a cabeça estalando.

— Então, que diabo aconteceu realmente ontem à noite, vocês conseguiram descobrir?

— Sonny tinha um homem de confiança, — respondeu Hagen calmamente — esse detetive Phillips, encarregado de proteger você. Ele nos deu a informação. O capitão da polícia, McCluskey, é um sujeito que tem levado "bola" alta desde o tempo em que era simples guarda. Nossa Família tem-lhe pago um bocado de dinheiro. É ganancioso e falso, não se podendo confiar nele. Mas Sollozzo deve ter pago a ele uma enorme quantia. McCluskey prendeu todos os homens de Tessio que estavam dentro e fora do hospital, logo depois das horas de visita. Não adiantou nada que alguns deles estivessem armados. Em seguida, McCluskey retirou os detetives que oficialmente mantinham guarda na porta de Don Corleone. Alegou que precisava deles e que outros tiras viriam ocupar o lugar dos que haviam ido embora, mas isso não aconteceu. Conversa fiada. Ele foi pago para deixar Don Corleone "descoberto". E Phillips disse que ele é o tipo do sujeito persistente. Sollozzo deve ter-lhe dado uma fortuna, para início de conversa, e prometido quantias astronômicas para o futuro.

— Isso que me aconteceu foi publicado nos jornais?

— Não — respondeu Hagen. — Conseguimos abafar a notícia. Ninguém quer que isso venha ao conhecimento público. Nem a polícia. Nem nós.

— Ótimo — retrucou Michael. — Aquele rapaz Enzo se safou bem?

— Sim — respondeu Hagen. — Foi mais esperto do que você. Quando os tiras chegaram, ele desapareceu. Diz ele que agüentou firme com você quando o carro de Sollozzo passou. É verdade?

— Sim — retrucou Michael. — Ele é um bom menino.

— Tomaremos conta dele — disse Hagen. — Está se sentindo bem? — Seu rosto denotava preocupação. — Você está com um aspecto horrível.

— Estou bem — retrucou Michael. — Qual era o nome desse capitão da polícia?

— McCluskey — respondeu Hagen. — A propósito, você poderá se sentir melhor em saber que a Família Corleone conseguiu marcar um ponto. Bruno Tattaglia, às quatro horas da manhã.

Michael endireitou-se no assento do carro.

— Como é que foi? Pensei que a gente ia ficar somente na expectativa.

Hagen deu de ombros.

— Depois do que aconteceu no hospital, Sonny engrossou. Os nossos homens estão todos espalhados em Nova York e Nova Jersey. Fizemos a lista ontem à noite. Estou tentando conter Sonny, Mike. Talvez você possa falar com êle. Esse negócio todo pode ainda ser resolvido sem uma guerra arrasadora.

— Vou falar com ele — disse Michael. — Há alguma reunião esta manhã?

— Sim — respondeu Hagen. — Sollozzo finalmente entrou em contato conosco e quer fazer uma reunião. Um intermediário está tratando dos detalhes. Isso significa que nós vencemos. Sollozzo sabe que está perdido e quer sair com vida dessa confusão.

Hagen fez uma pausa.

— Talvez ele pensasse que nós estivéssemos fracos, prontos para ser derrotados, porque não rechaçamos os seus golpes. Agora com um dos filhos de Tattaglia morto, ele sabe o que queremos dizer. Ele realmente se arriscou muito enfrentando Don Corleone. A propósito, obtivemos a confirmação sobre Luca. Eles o mataram na noite anterior àquela em que balearam seu pai. No cabaré de Bruno. Você pode imaginar uma coisa dessa?

— Não é de admirar que eles o apanhassem desprevenido — ponderou Michael.

Nas casas de Long Beach, a entrada para a alameda estava bloqueada por um carro preto comprido, estacionado estrategicamente bem na frente, com dois homens encostados na capota. As duas casas de cada lado, Michael percebeu, estavam com as janelas do andar superior abertas. Pelo visto, Sonny estava realmente disposto a tudo.

Clemenza estacionou o carro do lado de fora da alameda, e eles entraram a pé. Os dois guardas eram homens de Clemenza e ele franziu as sobrancelhas para eles como que os cumprimentando. Os homens acenaram com a cabeça compreendendo. Não houve sorrisos, nem saudações faladas. Clemenza conduziu Hagen e Michael Corleone na direção da casa.

A porta foi aberta por outro homem de guarda, antes que eles tocassem a campainha. Ele evidentemente estivera olhando de uma janela. Foram então até o escritório do canto e encontraram Sonny e Tessio esperando por eles. Sonny aproximou-

se de Michael, tomou a cabeça do irmão mais moço entre as mãos e falou em tom de brincadeira:

— Bonito, bonito.

Michael tirou as mãos do irmão violentamente e foi até a escrivaninha onde se serviu de um pouco de uísque, esperando que isso amortecesse a dor da mandíbula costurada com fio metálico.

Os cinco homens sentaram-se em poltronas espalhadas pela sala, mas o ambiente era bem diferente daquele das primeiras reuniões que tiveram. Sonny estava mais alegre, mais animado, e Michael compreendia o que essa alegria significava. Não havia mais dúvida na cabeça de seu irmão mais velho. Ele estava decidido e nada o afastaria de sua decisão. A tentativa de Sollozzo na noite passada fora o último cartucho. Não podia haver mais qualquer possibilidade de trégua.

— Recebemos um telefonema do intermediário, enquanto você estava ausente — informou Sonny para Hagen. — O turco quer uma reunião agora.

Sonny deu uma gargalhada.

— Que ousadia desse filho da puta! — disse ele admirado. — Depois que ele deu azar ontem à noite quer uma reunião hoje ou amanhã. Enquanto isso, pensa que vamos esperar e finalmente receber o que ele resolver dar. Que audácia incrível!

— Que respondeu você? — perguntou Tom cautelosamente.

— Eu disse certamente, por que não? — respondeu Sonny com sarcasmo. — A qualquer hora que ele quiser, não estou com pressa. Tenho cem homens na rua vinte e quatro horas por dia. Se Sollozzo puser um fio de cabelo de fora, estará morto. Deixe que eles levem todo o tempo que quiserem.

— Houve uma proposta concreta? — perguntou Hagen.

— Sim — respondeu Sonny. — Ele quer que a gente mande Mike encontrar-se com ele para ouvir a sua oferta. O intermediário garante que Mike não correrá perigo. Sollozzo não nos pede que garanta que ele próprio não corre perigo, sabe que não pode pedir isso. Nada de risco. Assim a reunião será organizada por ele. O seu pessoal apanhará Mike e o levará para o local combinado. Mike ouvirá Sollozzo e depois eles o soltarão. Mas o lugar do encontro é secreto. Ele promete que o acordo é tão bom que não podemos rejeitar.

— E os Tattaglia? Que farão eles a respeito de Bruno? — voltou a perguntar Hagen.

— Isso é parte do acordo. O intermediário diz que a Família Tattaglia concordou em acompanhar Sollozzo. Êles esquecerão o que aconteceu com Bruno Tattaglia. Ele pagou pelo que fizeram a meu pai. Uma coisa anula a outra.

Sonny deu outra gargalhada.

— Esses canalhas atrevidos.

— Devemos ouvir o que eles têm a dizer — ponderou Hagen.

Sonny balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não, não, *consigliori*, não desta vez.

Sua voz denunciava um leve vestígio de sotaque italiano. Estava arremedando conscientemente o pai de modo zombeteiro.

— Nada mais de reuniões. Nada mais de discussões. Nada mais de truques de Sollozzo. Quando o intermediário entrar em contato conosco outra vez para ouvir a nossa resposta, quero que você lhe dê um recado. Quero Sollozzo. Senão, haverá uma guerra total. Iremos para os colchões, poremos todos os nossos homens na rua. Os negócios vão ter que sofrer as conseqüências.

— As outras Famílias não tolerarão uma guerra total — retrucou Hagen. — Isso esquenta todo mundo.

Sonny deu de ombros.

— Eles têm uma solução muito simples. Entregar-me Sollozzo. Ou brigar com a Família Corleone.

Sonny fez uma pausa, depois acrescentou asperamente:

— Nada mais de conselhos sobre como remediar a situação, Tom. A decisão está tomada. A sua tarefa é ajudar-me a vencer. Compreendeu?

Hagen baixou a cabeça. Pensou profundamente por um momento. Depois respondeu:

— Falei com o seu contato no distrito policial. Ele diz que o Capitão McCluskey está decidamente na gaveta de Sollozzo e recebendo uma bolada alta. Não somente isso, mas que McCluskey vai receber também dinheiro por conta do negócio de entorpecentes. McCluskey concordou em ser guarda-costa de Sollozzo. O turco não vai pôr a cabeça fora da toca sem a proteção de McCluskey. Quando ele encontrar Mike para a entrevista, McCluskey estará sentado ao lado dele. À paisana, mas portando seu revólver. Agora o que você precisa compreender, Sonny, é que enquanto Sollozzo estiver protegido dessa maneira ele será invulnerável. Ninguém até hoje abateu um capitão da polícia de Nova York sem que deixasse de pagar por isso. O ambiente para nós nessa cidade ficaria insuportável com os jornais, o departamento de polícia inteiro, as igrejas, tudo. Isso seria um desastre completo. As Famílias viriam em cima de você. A Família Corleone estaria condenada. Até a proteção política do velho desapareceria. Assim, leve tudo isso em conta.

Sonny deu de ombros.

— McCluskey não pode ficar a vida toda com o turco. Nós esperaremos.

Tessio e Clemenza estavam tirando baforadas de seus charutos tranqüilamente, não se atrevendo a falar, mas suando. Era a pele deles que correria maior perigo, se fosse tomada a decisão errada.

Michael falou pela primeira vez, dirigindo-se a Hagen:

— Será que o velho pode ser transferido do hospital aqui para a alameda?

Hagen balançou a cabeça negativamente.

— Isso foi a primeira coisa que perguntei. Impossível. Ele está em péssimas condições. Ficará bom, mas por enquanto precisa de toda a atenção, talvez de mais alguma operação. Impossível.

— Então é preciso liquidar Sollozzo imediatamente — atalhou Michael. — Não podemos esperar. O tipo é muito perigoso. Daqui a pouco ele vem com uma idéia nova. Lembre-se, o importante para ele é livrar-se do velho. Ele sabe disso, mas sabe que agora é muito difícil, assim está querendo aceitar a derrota em troca de sua vida. Mas se ele vai ser assassinado de qualquer modo, tentará novamente matar Don Corleone. E, com o seu capitão da polícia ajudando-o, quem sabe que diabo poderá acontecer? Não podemos correr esse risco. Temos de liquidar Sollozzo imediatamente.

Sonny estava coçando o queixo pensativamente.

— Você tem razão, garoto — disse ele. — Você atingiu o alvo em cheio. Não podemos permitir que Sollozzo tente novamente matar o velho.

— E o Capitão McCluskey? — perguntou Hagen calmamente.

Sonny voltou-se para Michael com um sorriso meio esquisito.

— Sim, garoto, e esse duro capitão da polícia?

Michael respondeu de modo vagaroso.

— Está bem, é uma coisa extrema. Mas há ocasiões em que as medidas mais extremas são justificáveis. Vamos pensar então que teremos de matar McCluskey. O meio de fazê-lo seria conseguir que ele ficasse tão implicado nisso que não fosse um honesto capitão de polícia cumprindo o seu dever, mas um policial corrupto metido com bandidos que acabou por merecer o que lhe aconteceu, como teria acontecido a qualquer sujeito safado. Temos gente da imprensa na nossa gaveta, a quem podemos dar essa história com provas bastantes para que os jornais divulguem a notícia detalhadamente. Isso abrandaria as coisas. Que parece isso?

Michael olhou atentamente para os circunstantes. Tessio e Clemenza estavam taciturnos e recusaram-se a falar. Sonny respondeu com o mesmo sorriso meio esquisito.

— Continue a falar, garoto, você está indo muito bem. Deixemos as crianças falar, como o velho gostava sempre de dizer. Prossiga, Mike, diga-nos mais alguma coisa.

Hagen estava rindo também um pouco e desviando a cabeça. Michael ficou vermelho.

— Bem, eles querem que eu vá a uma entrevista com Sollozzo. Seremos eu, Sollozzo e MacCluskey por nossa própria conta. Combinem a reunião para daqui a dois dias, depois procurem fazer os nossos informantes descobrir onde a mesma será realizada. Insistam em que deverá ser um lugar público, pois não vou permitir que me levem para apartamentos ou casas. Poderá ser um restaurante ou um bar em plena hora do jantar, ou algo parecido, de forma que eu me sinta seguro. Eles se sentirão seguros também. Nem Sollozzo imaginará que nos atreveremos a atirar no capitão. Eles me revistarão quando eu encontrá-los, assim terei de estar desarmado, mas inventem um meio de passar-me uma arma enquanto eu estiver com eles. Então, liquidarei os dois.

As quatro cabeças viraram-se e olharam para ele. Clemenza e Tessio estavam seriamente espantados. Hagen olhou um pouco triste, mas não surpreso. Ele começou a falar e a pensar melhor no assunto. Mas Sonny, com sua enorme cabeça de cupido movendo-se de alegria, irrompeu bruscamente em altas gargalhadas. Eram gargalhadas profundamente espontâneas, não simuladas. Estava realmente estourando de rir. Ele apontou com o dedo para Michael, procurando falar por entre arrancos de hilaridade.

— Você, o garoto da escola de alta classe, nunca quis meter-se no negócio da Família. Agora quer matar um capitão da polícia e o turco somente porque MacCluskey lhe amassou a cara. Você está tomando a coisa em caráter pessoal, isso é apenas negócio e não uma oportunidade para se vingar. Quer matar esses dois sujeitos só porque apanhou na cara. Isso foi apenas um lance de dados. Todos esses anos têm sido assim.

Clemenza e Tessio, sem compreender nada, pensando que Sonny estivesse achando graça da bravata do irmão mais moço em fazer tal proposta, também estavam rindo francamente, embora de um modo um tanto indulgente para Michael. Só Hagen precavidamente mantinha-se impassível.

Michael correu o olhar por todos eles, depois fixou a vista em Sonny, que ainda não podia parar de rir.

— *Você* liquidará os dois? — perguntou Sonny. — Olhe aqui, garoto, eles não lhe darão medalhas por isso, eles o levarão à cadeira elétrica. Você sabe disso? Isso não é trabalho para heróis, garoto, você não vai atirar em gente a quase dois quilômetros de distância. Você vai atirar quando vir o branco dos olhos deles, como nos ensinaram na escola, lembra-se? Você vai ter que ficar bem pertinho deles e estourar-lhes a cabeça e ver os miolos escorrer pela sua roupa limpinha de bom-moço. Que é que tem a dizer garoto, você quer fazer isso só porque um polícia estúpido lhe bateu?

Sonny ainda estava rindo.

Michael levantou-se.

— É melhor você parar de rir — disse ele.

A transformação que Michael sofreu foi tão extraordinária que os sorrisos desapareceram dos rostos de Clemenza e Tessio. Michael não era alto nem de constituição robusta, mas a sua presença parecia irradiar perigo. Nesse momento, ele era a reencarnação do próprio Don Corleone. Seus olhos adquiriram um tom castanho-pálido e seu rosto estava completamente branco. Parecia estar disposto a atirar-se a qualquer momento sobre o irmão mais velho e mais forte. Não havia dúvida de que se ele tivesse uma arma na mão, Sonny estaria em perigo; Sonny parou de rir, e Michael perguntou-lhe numa voz extremamente fria:

— Você pensa que não sou capaz de fazê-lo, seu sacana?

Sonny havia conseguido dominar o ataque de riso.

— Sei que você é capaz de fazê-lo — respondeu ele. — Eu não estava debochando do que você disse. Estava apenas rindo por ver como as coisas se tornam engraçadas. Eu sempre disse que você era o mais duro da Família, mais duro do que o próprio velho. Você era o único que podia agüentar papai. Eu me lembro quando você era criança. Que gênio você tinha então. Diabo, você até gostava de brigar comigo, que era muito mais velho do que você. E Freddie tinha de lhe agüentar a fúria pelo menos uma vez por semana. E agora Sollozzo pensa que você é o moleirão da Família porque você apanhou de MacCluskey sem revidar e não quer se meter nas brigas da Família. Ele acha que não precisa preocupar-se, se encontrar com você frente a frente. E MacCluskey também, ele pensa que você é um carcamano frouxo.

Sonny fez uma pausa e depois continuou brandamente:

— Mas, afinal de contas, você é um Corleone, seu sacana. E eu era o único que sabia disso. Estou aqui sentado há três dias, desde que o velho foi baleado, esperando que você tire essa máscara cagada de bom-moço, de herói de guerra, que você estava usando. Estou aqui esperando que você se torne meu braço direito para que a gente possa liquidar esses patifes que estão procurando destruir nosso pai e nossa Família. E foi preciso apenas um murro na cara. Que tal lhe parece isso? — Sonny fez um gesto cômico com a mão, e repetiu: — Que lhe parece isso?

A tensão baixou imediatamente na sala. Mike balançou a cabeça.

— Sonny, estou fazendo isso porque é a única coisa que está ao meu alcance. Não posso dar a Sollozzo outra oportunidade de atacar o velho. Parece que sou o único que pode chegar bem perto dele. E refleti bastante na coisa. Penso que você não conseguirá outra pessoa para eliminar um capitão da polícia. Talvez você o fizesse, Sonny, mas você tem mulher e filhos e precisa dirigir o negócio da Família até o velho entrar em for-

ma. Assim só restam Freddie e eu. Freddie se acha em estado de choque e fora de ação. Finalmente, resto eu apenas. Tudo é lógico. O murro na cara não tem nada a ver com isso.

Sonny aproximou-se dele e o abraçou.

— Não dou a menor importância às razões que você apresente, desde que você esteja agora conosco. E vou dizer a você outra coisa, você está sempre certo. Tom, que diz você?

Hagen deu de ombros.

— O argumento é válido. O que o faz assim é que penso que o turco não está sendo sincero a respeito de um acordo. Acho que ainda tentará apanhar Don Corleone. De qualquer modo, pelo seu comportamento no passado, isso é o que podemos imaginar dele. Assim, temos de procurar liquidar Sollozzo. Temos de matá-lo mesmo que tenhamos de liquidar o capitão da polícia também. Mas quem executar o trabalho vai ter de sofrer o diabo. Tem de ser Mike?

— Eu podia fazer isso — respondeu Sonny brandamente.

Hagen balançou a cabeça impacientemente.

— Sollozzo não deixaria você chegar a dois quilômetros de distância dele nem que estivesse em companhia de dez capitães da polícia. Além disso, você é o chefe interino da Família. Não pode expor-se ao perigo.

Hagen fez uma pausa e perguntou a Clemenza e Tessio:

— Algum de vocês dois tem um homem de categoria, alguém realmente especial, que pudesse encarregar-se desse trabalho? Ele não precisaria preocupar-se com dinheiro pelo resto da vida.

Clemenza falou primeiro.

— Ninguém que Sollozzo não conhecesse, ele compreenderia imediatamente. Ele também compreenderia se eu ou Tessio fosse também.

— Que tal alguém realmente duro que ainda não fez cartaz, um tipo com cara de bobo? — perguntou Hagen.

Os dois *caporegimes* balançaram a cabeça negativamente. Tessio sorriu para abrandar o que ia dizer e respondeu:

— Isso é como tirar um sujeito da liga barbante para disputar o campeonato mundial

— Tem de ser Mike — atalhou Sonny rispidamente. — Por um milhão de razões. A mais importante é que eles o desmoralizaram. E ele pode executar o trabalho, garanto isso, o que é importante porque esse é o único golpe que podemos dar nesse nojento turco. Assim, temos de imaginar qual o melhor meio de ajudá-lo. Tom, Clemenza e Tessio, descubram para onde Sollozzo o levará, a fim de realizar a reunião, não me importo quanto custará isso. Quando descobrirmos, poderemos imaginar um meio de fazer uma arma chegar às suas mãos. Clemenza, quero que você arranje para ele uma arma completamente "se-

gura" de sua coleção, a "mais fria" que você tiver. Impossível de se identificar a quem pertence. Procure fazê-la de cano curto com um bocado de pólvora de explosão. Não precisa estar bem calibrada. Ele estará bem em cima deles quando atirar. Mike, assim que você tiver atirado, jogue a arma no chão. Não se deixe apanhar com ela na mão. Clemenza, enrole o cano e o gatilho com esse "negócio" especial que você tem para não deixar impressões digitais. Lembre-se, Mike, podemos subornar tudo, testemunhas etc., mas se o apanharem com a arma na mão vai ser difícil resolver isso. Teremos transporte e proteção, depois faremos você desaparecer para umas boas longas férias até que a situação se acalme. Você vai estar ausente por muito tempo, Mike, mas não quero que você se despeça de sua garota nem mesmo que telefone para ela. Depois que tudo estiver terminado e você estiver fora do país, mandarei dizer a ela que você está bem. Estas são as ordens.

Sonny sorriu para o irmão.

— Agora vá com Clemenza e acostume-se a manejar a arma que ele escolher para você. Talvez seja preciso praticar um pouco. Eu cuidarei de tudo o mais. Tudo. Está bem, garoto?

Outra vez, Michael Corleone sentiu aquele delicioso frio refrescante percorrer-lhe todo o corpo. Ele disse para o irmão:

— Você não devia ter-me dito essa bobagem a respeito de não falar com a minha garota, sobre uma coisa como essa. Que diabo você pensava que eu ia fazer, telefonar para ela para dizer-lhe adeus?

— Está bem, mas você ainda é um caipira e assim tenho de lhe lembrar bem as coisas. Esqueça isso — retrucou Sonny.

— Que diabo quer você dizer com caipira? — perguntou Michael sarcasticamente. — Prestei tanta atenção no velho quanto você. Como acha que fiquei tão esperto?

Ambos deram uma gargalhada.

Hargen serviu bebidas para todos. Parecia um pouco taciturno. O estadista obrigado a ir para a guerra, o advogado obrigado a ir para a sua banca.

— Bem, de qualquer forma, agora sabemos o que é que vamos fazer — declarou ele.

Capítulo 11

O capitão Mark McCluskey estava sentado em seu gabinete, manuseando três envelopes cheios de talões de apostas. Franzia as sobrancelhas e desejava poder decifrar as anotações constantes dos talões. Era muito importante que conseguisse isso. Os envelopes eram os talões de apostas que a sua caravana policial havia apreendido numa batida a um dos *bookmakers* na noite anterior. Agora o *bookmaker* teria de comprar os talões na mão dele para que os apostadores não pudessem alegar que tinham ganho e levá-lo à ruína.

Era importante que o Capitão McCluskey decifrasse os talões porque não queria ser tapeado quando os vendesse ao *bookmaker*. Se houvesse cinqüenta mil dólares em jogo, talvez pudesse vendê-los por cinco mil. Mas se houvesse um bocado de apostas altas e os talões representassem cem mil dólares ou talvez mesmo duzentos mil, então o preço seria bem mais elevado. McCluskey brincou algum tempo com o "envelope" e depois resolveu deixar que o *bookmaker* suasse um pouco e fizesse a primeira oferta. Isso podia dar alguma idéia sobre o valor real da coisa.

McCluskey olhou para o relógio da parede de seu gabinete. Era hora de apanhar aquele seboso turco, Sollozzo, e levá-lo até onde ele iria encontrar-se com a Família Corleone. McCluskey foi até o seu armário e começou a trocar o seu uniforme por uma roupa à paisana. Quando terminou, telefonou para a mulher dizendo que não iria jantar em casa aquela noite, porque estaria

de serviço na rua. Não confiava na mulher para coisa alguma. Ela pensava que eles viviam daquele modo graças ao salário da polícia. McCluskey rosnou de alegria. A mãe dele pensava a mesma coisa, mas ele aprendera cedo. O pai lhe ensinara a viver.

O pai tinha sido sargento da polícia, e toda semana pai e filho percorriam a jurisdição do velho, enquanto este ia apresentando o filho de seis anos de idade aos donos de lojas e armazéns dizendo:

— Este é o meu garotinho.

Os donos de lojas e armazéns apertavam-lhe a mão e o cumprimentavam de modo significativo, fazendo tilintar as suas caixas regristadoras a fim de abri-las para dar ao garotinho um presente de cinco ou dez dólares. No fim do dia, o pequeno Mark McCluskey tinha todos os bolsos de sua roupa abarrotados de notas e sentia-se muito orgulhoso porque os amigos do pai gostavam dele o bastante para dar-lhe um presente toda vez que o viam. Naturalmente, o pai punha o dinheiro no banco para ele, para a sua educação escolar, e o pequeno Mark ficava no máximo com uma moeda de cinqüenta centavos para ele mesmo gastar.

Depois, quando Mark voltava para casa, seus tios, também policiais, perguntavam-lhe o que ele queria ser quando crescesse, e ele balbuciava infantilmente: "Polícia", eles davam gostosas gargalhadas. E mais tarde naturalmente, embora o pai quisesse que ele fosse para a faculdade primeiro, Mark, depois de concluir o curso secundário, preparou-se para ingressar diretamente na força policial.

Ele fora um bom policial, um valente policial. Os desordeiros que aterrorizavam as esquinas das ruas fugiam quando ele se aproximava e finalmente desapareceram por completo de sua zona. Ele era um policial duro e cortês. Nunca levava o filho para visitar os donos de lojas e armazéns a fim de arrecadar presentes em dinheiro, para não tomar conhecimento de violações de colocação de lixo e violações de estacionamento; ele apanhava o dinheiro diretamente com a própria mão, diretamente porque achava que o tinha ganho. Nunca penetrava num cinema ou entrava por engano em restaurante, quando estava fazendo a ronda a pé, como os outros policiais faziam, especialmente nas noites de inverno. Sempre cumpria os seus deveres. Dava às lojas e armazéns uma proteção eficiente, fazendo um bom trabalho. Quando bêbedos vindos do Bowery se infiltravam em sua zona para pedir dinheiro, ele os escorraçava de modo tão violento que eles nunca mais voltavam. Os comerciantes de sua zona eram-lhe muito gratos. E gostavam de demonstrar sua gratidão.

Ele também obedecia ao sistema. Os *bookmakers* de sua zona sabiam que MacCluskey jamais criaria qualquer dificuldade para conseguir uns trocados a mais, pois ele se sentia satisfei-

to com a parte que lhe destinavam. Seu nome estava na lista juntamente com os outros e ele nunca procurava conseguir dinheiro extra. Era um policial decente que só recebia "gaita" limpa por fora e sua ascensão no departamento de polícia foi firme, senão espetacular.

Durante esse tempo, ele sustentava uma família composta de quatro filhos, dos quais nenhum se tornou policial. Todos foram para a Universidade Fordham e, desde que por essa época Mark McCluskey foi promovido de sargento a tenente e finalmente a capitão, nada lhes faltava. Foi durante esse período que MacCluskey ganhou a reputação de ser um grande "tomador de dinheiro". Os *bookmakers* de sua zona pagavam uma proteção mais cara do que os de qualquer outra parte da cidade, mas talvez isso fosse devido à despesa decorrente de manter quatro rapazes na faculdade.

O próprio McCluskey achava que não havia nada de mal em receber uma "gaita" limpa por fora. Por que diabo os rapazes deviam ir para uma escola estadual ou uma faculdade barata do Sul, apenas porque o departamento de polícia não pagava aos funcionários dinheiro bastante com que pudessem viver e sustentar a família decentemente? Ele protegia toda essa gente com o risco da própria vida, e em sua ficha constavam citações por troca de tiros com assaltantes, guarda-costas violentos e exploradores de prostitutas. Derrotou todos eles. Manteve o seu setor limpo e garantido para a gente comum, e certamente ele merecia mais do que aquela nojenta nota de cem dólares por semana. Mas não se sentia revoltado com esse salário baixo, compreendia que todo mundo tinha obrigação de cuidar de si mesmo.

Bruno Tattaglia era um velho amigo seu. Bruno freqüentara a Universidade Fordham juntamente com um de seus filhos, depois abrira seu cabaré, e toda vez que a família de McCluskey resolvia passar uma noite esporádica na cidade podia desfrutar o cabaré com bebida e comida — tudo por conta da casa. Na véspera do Ano Nôvo, os McCluskey recebiam convite impresso para comparecer como convidados da gerência e sempre sentavam numa das melhores mesas. Bruno sempre fazia questão de apresentá-los às celebridades que se exibiam no cabaré, algumas delas famosos cantores e artistas de Hollywood. Às vezes ele pedia um pequeno favor, como por exemplo limpar a ficha de um empregado para obter licença a fim de trabalhar em cabaré, geralmente uma garota bonita com um dossiê da polícia como punguista ou vigarista. McCluskey tinha prazer em atender a tais pedidos.

McCluskey adotava o princípio de jamais demonstrar que compreendia o que as outras pessoas desejavam dele. Quando Sollozzo o procurou com a proposta de deixar o velho Corleone

"descoberto" no hospital, McCluskey não perguntou por quê. Quis saber apenas quanto levaria em dinheiro. Quando Sollozzo disse que eram dez mil dólares, McCluskey sabia por quê. Não hesitou. Corleone era um dos maiores homens da Máfia do país, com mais ligações políticas do que Al Capone jamais tivera. Quem o liquidasse faria um grande favor ao país. McCluskey recebeu o dinheiro adiantado e fez o serviço. Quando recebeu o telefonema de Sollozzo informando-o de que havia ainda dois dos homens de Corleone em frente ao hospital, partiu furioso. Tinha trancafiado todos os capangas de Tessio e retirado toda a guarda de detetives da porta do quarto de Corleone. E agora, sendo um homem de princípios, teria de devolver os dez mil dólares, dinheiro que ele já havia destinado para garantir a educação dos seus netos. Foi com essa fúria que ele tinha ido ao hospital e atacado Michael Corleone.

Porém tudo marchara para o melhor que se podia esperar. Ele se encontrara com Sollozzo no cabaré de Tattaglia e os dois fizeram um trato ainda melhor. Outra vez McCluskey não fez perguntas, pois sabia todas as respostas. Apenas garantia a sua "bolada". Nunca lhe ocorreu que ele próprio poderia estar em perigo. Que alguém considerasse, mesmo por um momento, a possibilidade de matar um capitão da polícia de Nova York parecia uma coisa fantástica. O bandido mais duro da Máfia tinha de agüentar quieto se o policial mais baixo resolvesse esbofeteá-lo. Não havia absolutamente qualquer vantagem em matar policiais. Porque então de repente um bocado de bandidos seria assassinado por resistir à prisão ou por tentar fugir do local do crime, e quem diabo iria fazer alguma coisa com respeito a isso?

MacCluskey deu um suspiro e se aprontou para deixar o distrito. Problemas, sempre problemas. A irmã de sua mulher tinha morrido, na Irlanda, após muitos anos de luta contra o câncer, e a doença tinha-lhe custado uma boa nota. Agora o enterro lhe custaria mais um pouco. Os seus próprios tios e tias no velho continente precisavam de uma pequena ajuda de vez em quando para manter suas plantações de batatas, e ele mandava dinheiro para esse fim. Não se queixava disso. E quando ele e a mulher visitaram a Irlanda foram tratados como rei e rainha. Talvez fossem novamente nesse verão, agora que a guerra havia terminado e com todo aquele dinheiro extra entrando. McCluskey disse ao seu ajudante onde estaria se precisassem dele. Não achou necessário tomar qualquer precaução. Podia sempre alegar que Sollozzo era um alcagüete que se encontrava com ele. Saindo do distrito policial, andou alguns quarteirões e depois pegou um táxi até a casa onde iria encontrar-se com Sollozzo.

Era Tom Hagen que tinha de tomar as providências para Michael deixar o país, seu passaporte falso, seu cartão de marí-

timo, seu beliche num cargueiro italiano que atracaria num porto da Sicília. Emissários haviam sido enviados naquele mesmo dia por avião para a Sicília, a fim de preparar um esconderijo com o chefe da Máfia na região das montanhas.

Sonny arranjou um carro e um motorista de absoluta confiança para ficar à espera de Michael quando ele saísse do restaurante em que seria realizada a reunião com Sollozzo. O motorista seria o próprio Tessio, que se ofereceu voluntariamente para o serviço. Seria um carro amassado, mas com um bom motor. Teria uma chapa "fria" e seria impossível identificar-se o seu proprietário. Tinha sido poupado para um serviço especial que exigisse o que houvesse de melhor.

Michael passou o dia com Clemenza, praticando com a pequena arma que lhe seria confiada. Era uma arma de calibre 22, carregada com balas de ponta mole que abriam minúsculos orifícios ao entrar e deixavam buracos escancarados quando saíam do corpo humano. Verificou que ela apresentava precisão até a cinco passos de distância do alvo. Depois disso, as balas podiam ir para qualquer lugar. O gatilho estava duro, mas Clemenza trabalhou nele com algumas ferramentas, de forma que podia ser puxado facilmente. Decidiram deixá-lo barulhento. Não queriam que um espectador inocente interpretasse mal a situação e interviesse movido por um gesto impensado. O disparo da arma manteria todos afastados de Michael.

Clemenza continuou a instruí-lo durante a sessão de treinamento.

— Deixe cair a arma logo que você acabar de usá-la. Simplesmente deixe a sua mão cair para o lado e a arma escapulirá. Ninguém notará. Todo mundo pensará que você ainda está armado. Olharão fixamente para o seu rosto. Saia do lugar muito rapidamente, mas não corra. Não encare as pessoas diretamente, nem tampouco desvie os olhos delas. Lembre-se, terão medo de você, acredite-me, terão medo de você. Ninguém intervirá. Assim que você chegar lá fora, Tessio estará no carro esperando por você. Entre no carro e deixe o resto por conta dele. Não se preocupe com acidentes. Você ficará surpreso ao ver como as coisas correrão bem. Agora ponha esse chapéu e vejamos com que cara você fica.

Enfiou um chapéu de feltro na cabeça de Michael. Este, que nunca usara chapéu, fez uma careta. Clemenza tranqüilizou-o.

— Isso dificulta a identificação quando procurarem esclarecimento. Lembre-se, Mike, não se preocupe com impressões digitais. A coronha e o gatilho estão recobertos com uma fita especial. Não toque em nenhuma outra parte da arma, lembre-se disso.

— Sonny já descobriu para onde Sollozzo vai me levar? — perguntou Michael.

Clemenza deu de ombros.

— Ainda não. Sollozzo está sendo muito cauteloso. Mas não se preocupe com o fato de que ele possa fazer-lhe algum mal. O intermediário fica em nosso poder até você voltar são e salvo. Se alguma coisa acontecer a você, o intermediário pagará.

— Por que diabo ele se expõe a tamanho risco? — indagou Michael.

— Ele vai receber uma enorme recompensa — respondeu Clemenza. — Uma pequena fortuna. Além disso, é um homem importante das Famílias. Ele sabe que Sollozzo não pode deixar que lhe aconteça algo. A sua vida não vale a vida do intermediário para Sollozzo. Muito simples. Você voltará perfeitamente são e salvo. Nós é que sofreremos o diabo depois.

— Será que a situação ficará assim tão ruim? — perguntou Michael.

— Muito ruim — respondeu Clemenza. — Significa uma guerra total com a Família Tattaglia contra a Família Corleone. Quase todas as outras formarão ao lado dos Tattaglia. O Departamento Sanitário vai encontrar um bocado de cadáveres nesse inverno. — Ele deu de ombros. — Essas coisas têm de acontecer uma vez em cada dez anos ou coisa parecida. Elimina o sangue ruim. Além disso, se deixarmos que eles dominem nas coisas pequenas, dentro em pouco vão querer tomar conta de tudo. Temos de pará-los no começo. Tal como deviam ter parado Hitler em Munique, nunca deviam tê-lo deixado fazer aquilo, pois assim estavam criando uma enorme confusão.

Michael ouvira o pai dizer a mesma coisa antes, só que isso foi em 1939, antes de a guerra ter realmente começado. Se as Famílias dirigissem o Departamento de Estado, jamais teria havido a II Guerra Mundial, pensou ele com um sorriso forçado.

Voltaram de carro para a alameda e para a casa de Don Corleone, onde Sonny ainda mantinha o seu quartel-general. Michael não sabia por quanto tempo Sonny poderia permanecer encurralado no território seguro da alameda. Finalmente, ele teria de arriscar a sair. Encontraram Sonny tirando uma soneca no divã. Na mesa do café estavam os restos de seu almoço tardio: sobras de bife, migalhas de pão e uma garrafa de uísque pela metade.

O escritório do pai, geralmente limpo, estava tomando o aspecto de um quarto desarrumado. Michael sacudiu o irmão para acordá-lo e depois perguntou:

— Por que você não deixa de viver como um vagabundo e manda limpar esta sala?

Sonny bocejou:

— Quem diabo é você, o inspetor do quartel? Mike, ainda não recebemos informação sobre o lugar para o qual eles pretendem levar você, esses patifes do Sollozzo e do McCluskey. Se não

descobrirmos isso, como diabo vamos fazer chegar a arma a você?

— Não posso levá-la comigo? — perguntou Michael. — Talvez não me revistem e se me revistarem talvez não a encontrem se formos bastante espertos. E mesmo que a encontrem... isso não será nada de mais. Apenas a tirarão de mim e não me farão nenhum mal.

Sonny balançou a cabeça.

— Não — disse ele. — Temos de fazer disso um golpe seguro no patife do Sollozzo. Lembre-se, atire primeiro nele se você puder. McCluskey é mais lerdo e mais estúpido. Você terá bastante tempo para acertar nele. Clemenza lhe falou para você deixar cair a arma?

— Um milhão de vezes — respondeu Michael.

Sonny levantou-se do sofá e espreguiçou-se.

— Como vai a sua cara, garoto?

— Muito mal — respondeu Michael. O lado esquerdo do seu rosto doía horrivelmente.

Ele apanhou a garrafa de uísque que estava em cima da mesa e bebeu diretamente dela. A dor abrandou.

— Calma, Mike, agora não é hora de tornar-se lerdo com bebida — advertiu Sonny.

— Por Deus, Sonny, pare de bancar o irmão mais velho — retrucou Michael. — Estive lutando contra sujeitos mais duros do que Sollozzo e em piores condições. Onde diabo estão os seus morteiros? Tem ele cobertura aérea? Artilharia pesada? Minas terrestres? Ele é apenas um bom filho da puta com um figurão da polícia como companheiro. Desde que alguém tome a decisão de matá-los, não há problema. Isso é a parte difícil, tomar a decisão. Nunca saberão o que os atingiu.

Tom Hagen entrou na sala. Cumprimentou-os com um aceno de cabeça e foi diretamente ao telefone falsamente mencionado no catálogo. Chamou algumas vezes e depois balançou a cabeça para Sonny.

— Nem um sussurro — disse ele. — Sollozzo está mantendo o segredo tanto quanto possível.

O telefone tocou. Sonny atendeu-o e levantou a mão como que para fazer sinal de silêncio, embora ninguém estivesse falando. Ele tomou algumas notas num bloco, depois disse:

— Está bem, ele estará lá — e desligou o telefone.

Sonny estava rindo.

— Este filho dá puta do Sollozzo, ele é de fato uma coisa. Eis o trato. Hoje, às oito da noite, ele e o Capitão McCluskey apanham Mike em frente do bar de Jack Dempsey, na Broadway, e vão a algum lugar para conversar. Mike e Sollozzo falam em italiano de modo que o polícia irlandês não saiba sobre que diabo estão falando. Ele até me diz que, não se preocupe,

sabe que McCluskey não conhece uma palavra de italiano, a não ser o seu *soldi*, e já investigou sobre você, Mike, e sabe que você entende o dialeto siciliano.

— Sou bem intratável, mas não falaremos muito — disse Michael secamente.

— Não deixaremos Mike ir enquanto não tivermos o intermediário. Está combinado? — lembrou Tom Hagen.

Clemenza acenou com a cabeça afirmativamente.

— O intermediário está em minha casa jogando cartas com três dos meus homens. Eles esperam um telefonema meu para deixá-lo ir embora.

Sonny voltou a afundar-se na poltrona de couro.

— Agora, como é que vamos descobrir o lugar do encontro? Tom, temos informantes juntos à Família Tattaglia, como é que eles não nos comunicaram ainda?

Hagen deu de ombros.

— Sollozzo é realmente um bocado esperto. Está conservando isso no maior segredo possível, tanto que não vai usar nenhum homem como cobertura. Ele pensa que o capitão será bastante e que a segurança é mais importante do que armas. Ele tem razão também. Teremos de seguir a pista de Mike e esperar que tudo corra da melhor maneira.

Sonny balançou a cabeça.

— Não, qualquer pessoa pode perder uma pista quando os outros realmente querem que tal ocorra. Isso é a primeira coisa que eles investigarão.

Já eram cinco horas da tarde. Sonny, com um ar preocupado, disse:

— Talvez fosse melhor que Mike fizesse explodir todos os que estivessem no carro quando este viesse apanhá-lo.

Hagen balançou a cabeça.

— E se Sollozzo não estiver no carro? Revelamos assim a nossa intenção para nada. Com os diabos, temos de descobrir para onde Sollozzo vai levá-lo.

— Talvez a gente deva começar procurando imaginar por que ele está fazendo um segredo tão grande — atalhou Clemenza.

— Porque é vantagem — disse Michael impacientemente. — Por que deve ele deixar a gente saber alguma coisa se pode evitá-lo? Além disso, ele sente o cheiro de perigo. Deve estar alerta como o diabo mesmo com aquele capitão da polícia a seu lado.

Hagen estalou os dedos.

— Esse detetive, esse tal de Phillips. Por que você não telefona para ele, Sonny? Talvez ele possa descobrir onde diabo se pode encontrar o capitão. Vale a pena tentar. McCluskey pouco se importará que quem quer que seja saiba aonde ele foi.

Sonny pegou o telefone e discou um número. Falou baixinho e, em seguida, desligou.

— Ele vai chamar depois — disse ele.

Esperaram durante quase outros trinta minutos e finalmente o telefone tocou. Era Phillips. Sonny tomou nota de alguma coisa no seu bloco e em seguida desligou. O seu rosto estava apreensivo.

— Acho que conseguimos descobrir — disse ele. — O Capitão McCluskey tem sempre de comunicar onde pode ser encontrado. Das oito às dez da noite, ele estará no *Luna Azure*, lá no Bronx. Alguém sabe onde é?

— Eu sei — respondeu Tessio com segurança. — É ótimo para nós. Um pequeno lugar familiar com reservados grandes onde as pessoas podem falar em particular. Boa comida. Todo mundo lá cuida apenas de si. Ótimo.

Em seguida, inclinou-se sobre a escrivaninha de Sonny e dispôs pontas de cigarros como figuras de mapa, explicando:

— Aqui é a entrada. Mike, quando você terminar, saia e dobre à esquerda, depois vire a esquina. Eu o localizarei e o porei sob os meus faróis e o apanharei com o carro em movimento. Se você tiver alguma dificuldade, grite e eu tentarei entrar e fazer você sair. Clemenza, você tem de trabalhar depressa. Mande alguém lá para esconder a arma. Eles têm uma privada antiga com um espaço entre a caixa de descarga e a parede. Faça seu homem colocar a arma ali atrás. Mike, depois que o revistarem no carro e verificarem que você está desarmado, não se preocuparão muito com você.No restaurante, espere um pouco antes de pedir desculpas por ter de ir à privada. Não, melhor ainda, peça licença para ir. Primeiro finja que está com vontade de urinar, é muito natural. Eles não podem pensar nada. Mas quando voltar, não perca tempo. Não se sente à mesa novamente, comece a atirar. E não dê *chance*. Na cabeça, dois tiros em cada um, e caia fora tão depressa quanto lhe permitirem as pernas.

Sonny ouviu tudo atentamente.

— Quero um sujeito muito bom, muito seguro, para pôr essa arma lá — disse ele a Clemenza. — Não quero meu irmão saindo dessa privada com a sua confissão na mão.

— A arma estará lá — afirmou Clemenza com ênfase.

— Está bem — disse Sonny. — Todo mundo em movimento.

Tessio e Clemenza partiram. Tom Hagen perguntou:

— Sonny, devo levar Mike de carro a Nova York?

— Não — respondeu Sonny. — Quero você aqui. Quando Mike terminar, então o nosso trabalho começará e precisarei de você aqui. Você pôs esses caras da imprensa de sobreaviso?

Hagen acenou com a cabeça.

— Começarei a fornecer-lhes informações assim que a coisa estourar.

Sonny levantou-se e veio postar-se diante de Michael. Apertou-lhe a mão.

— Está bem, garoto, pode ir — disse ele. — Explicarei à mamãe por que você não se despediu dela antes de partir. E mandarei um recado para a sua pequena quando achar conveniente. Está bem?

— Está bem — respondeu Mike. — Quanto tempo você pensa que terei de esperar para voltar?

— Pelo menos um ano — retrucou ele.

— Don Corleone talvez possa conseguir que você volte mais depressa, Mike, — atalhou Tom Hagen — mas não conte com isso. O elemento tempo gira em torno de um bocado de fatores. Como nos sairemos com as histórias fornecidas aos jornalistas. Até onde o Departamento da Polícia vai querer "abafar" a coisa. Como reagirão as outras Famílias. Vai haver um bocado de agitação e confusão. Isso é a única coisa da qual podemos ter certeza.

Michael apertou a mão de Hagen.

— Faça o que puder — pediu ele. — Não quero passar outra temporada de três anos fora de casa.

— Não é muito tarde para recuar, Mike — atalhou Hagen delicadamente — podemos arranjar outra pessoa, podemos reexaminar nossas alternativas. Talvez não seja necessário liquidar Sollozzo.

Michael deu uma gargalhada.

— Podemos trocar idéias a respeito de qualquer coisa — observou. — Mas pensamos nisso precisamente pela primeira vez. Estive gozando a vida durante todo o tempo, chegou a hora de pagar o meu tributo.

— Você não deve deixar que essa cara quebrada lhe influencie — declarou Hagen. — McCluskey é um sujeito estúpido e isso foi negócio, não um caso pessoal.

Pela segunda vez, ele viu o rosto de Michael Corleone transformar-se numa máscara congelada que se assemelhava misteriosamente ao rosto do pai.

— Tom, não deixe ninguém divertir-se às suas custas. Tudo é pessoal, todo pedacinho de negócio. Todo pequeno aborrecimento que todo homem tem de engolir todos os dias de sua vida é pessoal. Chamam a isso negócio. Muito bem. Mas é absolutamente pessoal. Você sabe com quem aprendi isso? Com Don Corleone. Meu velho. O Padrinho. Se um raio atingisse um amigo seu, o velho tomaria isso como um caso pessoal. Ele considerou o meu ingresso no Corpo de Fuzileiros Navais como um caso pessoal. Isso é que o faz grande. O Grande Don. Ele toma tudo como caso pessoal. Como Deus. Ele conhece até as penas que caem da cauda de um pardal ou qualquer outra coisa que ocorra. Certo? E você sabe alguma coisa? Acidentes não acontecem a pessoas que tomam os acidentes como um insulto pessoal. Assim, cheguei tarde, muito bem, mas estou vindo ain-

da a tempo. É bem certo, estou tomando esta cara quebrada como um caso pessoal; é bem certo, tomo a tentativa de Sollozzo de matar meu pai como um caso pessoal.

Deu uma gargalhada e prosseguiu:

— Diga ao velho que aprendi isso com ele e que estou contente por ter tido a oportunidade de pagar a ele o que ele fez por mim. Ele foi um bom pai.

Fez uma pausa e em seguida disse pensativamente para Hagen:

— Você sabe, não me lembro de ter ele batido em mim. Ou em Sonny. Ou em Freddie. E com a minha irmã Connie naturalmente ele nem mesmo gritou. E diga-me uma coisa, Tom, quantos homens você acha que Don Corleone matou ou mandou matar?

— Vou dizer uma coisa que você não aprendeu com ele: falar da maneira que você está fazendo agora — retrucou Hagen. — Há coisas que precisam ser feitas, que as fazemos e nunca falamos nelas. Não tentemos justificá-las. Não podem ser justificadas. Apenas as fazemos. Depois as esquecemos.

Michael Corleone franziu as sobrancelhas e perguntou calmamente:

— Como *consigliori*, você pensa que é perigoso para Don Corleone e nossa Família deixar Sollozzo com vida?

— Sim — respondeu Hagen.

— Muito bem — finalizou Michael. — Então eu o matarei.

Michael Corleone postou-se em frente do restaurante de Jack Dempsey, na Broadway, à espera de que o apanhassem. Olhou para o seu relógio. Faltavam cinco minutos para as oito horas. Sollozzo ia ser pontual. Michael tinha-se assegurado de que havia chegado bem antes da hora marcada. Estava esperando há uns quinze minutos.

Durante a viagem de Long Beach para a cidade, Michael procurara esquecer o que dissera a Hagen. Pois, se ele acreditasse no que dissera, então a sua vida estaria colocada num curso irrevogável. Contudo, poderia ser diferente depois daquela noite? Ele seria assassinado depois daquela noite, se não parasse toda aquela besteira, Michael pensou melancòlicamente. Tinha de manter toda a atenção no trabalho que ia executar. Sollozzo não era idiota e McCluskey era um sujeito duro. Sentiu a dor na sua mandíbula presa com fio metálico e ficou satisfeito, pois ela o faria ficar alerta.

A Broadway não estava tão movimentada naquela noite fria de inverno, embora já estivesse quase na hora do início das sessões de teatro. Michael recuou quando um carro preto comprido parou no meio-fio e o motorista, inclinando-se, abriu a porta da frente e disse:

— Entre, Mike.

Michael não conhecia o motorista, um rapaz de cabelo preto glostorado e camisa esporte. No assento traseiro estavam o Capitão McCluskey e Sollozzo.

Sollozzo estendeu a mão por cima das costas do assento, e Michael apertou-a. A mão estava firme, quente e enxuta. Sollozzo falou:

— Estou contente por você ter vindo, Mike. Espero que poderemos acertar tudo. Isso tudo é horrível, não é absolutamente como eu queria que as coisas acontecessem. Nunca deveria ter acontecido isso.

— Espero que poderemos acertar as coisas esta noite, — adiantou Michael calmamente — não quero que aborreçam mais o meu pai.

— Não mais o aborrecerão — retrucou Sollozzo sinceramente. — Juro pelos meus filhos que não mais o aborrecerão. Seja compreensivo quando falarmos. Espero que você não seja "esquentado" como o seu irmão Sonny. É impossível tratar de negócios com ele.

— Ele é um bom menino, é um menino direito — ajuntou o Capitão McCluskey.

Inclinou-se para dar uma palmadinha cordial no ombro de Michael e prosseguiu:

— Lamento o que aconteceu outra noite, Mike. Estou ficando muito velho para o meu trabalho, muito rabugento. Acho que vou ter de me aposentar muito cedo. Não posso suportar contrariedade, o dia todo eu tenho contrariedades. Você sabe como é.

Depois, com um suspiro melancólico, ele passou uma revista completa em Michael, a fim de verificar se ele estava armado.

Michael percebeu um leve sorriso nos lábios do motorista. O carro estava indo para o oeste sem qualquer tentativa aparente de despistar quem quer que o tivesse seguido. Prosseguiu na direção da estrada de West Side, aumentando e diminuindo a velocidade. Qualquer carro que o estivesse seguindo teria de fazer o mesmo. Então, para consternação de Michael, ele tomou o caminho de saída para a Ponte George Washington, estavam indo para Nova Jersey. Quem quer que tivesse fornecido a Sonny a informação sobre o lugar em que se realizaria a reunião tinha dado uma informação errada.

O carro foi abrindo caminho pelas vias de acesso da ponte e daí a pouco estava atravessando-a, deixando a cidade resplandecente para trás. Michael mantinha o rosto impassível. Iriam eles atirá-lo nos pântanos ou era apenas uma modificação de última hora do lugar da reunião feita pelo astuto Sollozzo? Mas, quando estavam quase inteiramente do outro lado, o motorista deu uma virada violenta na direção. O pesado automóvel deu um salto no ar quando atingiu a linha divisória e caiu com força

nas vias de retorno a Nova York. Tanto McCluskey quanto Sollozzo olhavam para trás para ver se alguém tentava fazer a mesma coisa. O motorista estava realmente voltando para Nova York e logo eles estavam fora da ponte e se dirigindo para o Bronx, no leste da cidade. Atravessaram ruas laterais sem qualquer carro atrás deles. Já eram então quase nove horas. Tinham-se assegurado de que ninguém estava seguindo a pista deles. Sollozzo acendeu um cigarro depois de oferecer o maço a McCluskey e Michael, tendo ambos recusado. Sollozzo disse para o motorista:

— Belo trabalho. Não esquecerei isso.

Dez minutos mais tarde, o carro parou em frente de um restaurante numa pequena zona de italianos. Não havia ninguém nas ruas e devido ao adiantado da hora apenas poucas pessoas ainda estavam jantando. Michael teve receio de que o motorista entrasse com eles no restaurante, mas ele permaneceu lá fora com o carro. O intermediário não mencionara o motorista, ninguém o mencionara. Tecnicamente, Sollozzo infringira o acordo trazendo-o consigo. Mas Michael resolveu não falar no assunto, sabendo que pensariam que ele estava com medo de falar nisso, para não estragar as possibilidades de êxito das negociações.

Os três sentaram-se numa única mesa redonda existente, tendo Sollozzo recusado a sentar-se num reservado. Havia apenas duas outras pessoas no restaurante. Michael pensou que talvez fossem homens de Sollozzo. Mas não importava. Antes que eles pudessem intervir, estaria tudo terminado.

McCluskey perguntou com verdadeiro interesse:

— Será que a comida italiana é boa aqui?

Sollozzo tranqüilizou-o:

— Experimente a vitela, é a melhor de Nova York.

O garçom solitário trouxe uma garrafa de vinho para a mesa e abriu-a. Encheu três copos. Surpreendentemente McCluskey não bebeu.

— Devo ser o único irlandês que não bebe — afirmou ele. — Tenho visto muita gente boa se meter em complicação por causa da bebida.

Sollozzo disse brandamente para o capitão:

— Vou falar italiano com Mike, não porque eu não confie em você, mas porque não posso explicar-me muito bem em inglês e quero convencer Mike de que estou bem intencionado, que é vantagem para todos nós que cheguemos a um acordo esta noite. Não se ofenda com isso, não é que eu não confie em você.

O Capitão McCluskey respondeu rindo ironicamente para os dois:

— Certamente, vocês dois podem conversar à vontade. Vou-me concentrar na vitela com espaguete.

Sollozzo começou a falar para Michael rapidamente em siciliano:

— Você deve compreender que o que aconteceu entre mim e seu pai foi uma questão estritamente de negócio. Tenho um grande respeito por Don Corleone e gostaria de ter a oportunidade de trabalhar para ele. Mas você deve compreender que seu pai é um homem antiquado. Atrapalha a marcha do progresso. O negócio em que estou agora é que vai dar dinheiro, é a onda do futuro, há milhões de dólares para todo mundo ganhar. Mas o seu pai atrapalha a marcha do negócio por causa de certos escrúpulos fictícios. Procedendo assim, quer impor sua vontade a homens como eu. Sim, sim, eu sei, ele diz para mim: "Mete os peitos, é seu negócio", mas nós dois sabemos que isso é artificial. Temos que pisar no calo um do outro. O que ele realmente quer é dizer-me que não posso trabalhar com o meu negócio. Sou um homem que respeita a si mesmo e não pode esperar que outro homem me imponha sua vontade, assim o que tinha de acontecer realmente aconteceu. Deixe-me dizer que eu tinha o apoio, o apoio tático de todas as Famílias de Nova York. E os membros da Família Tattaglia tornaram-se meus sócios. Se a briga continuar, então a Família Corleone vai ficar sozinha contra todo mundo. Talvez se seu pai estivesse bem, isso pudesse ser feito. Mas o filho mais velho não é homem igual ao Padrinho, sem qualquer intenção de desrespeito. E o *consigliori* irlandês, Hagen, não é um homem igual ao que era Genco Abbandando, que Deus o guarde. Assim, proponho uma paz, uma trégua. Vamos cessar todas as hostilidades até que seu pai fique bom novamente e possa tomar parte nas negociações. A Família Tattaglia concorda, graças às minhas persuasões e minhas indenizações, em se abster de exigir justiça por seu filho Bruno. Teremos paz. Enquanto isso, tenho de ganhar a vida e farei alguma transação no meu negócio. Não peço a colaboração de vocês, mas peço a vocês, a toda a Família Corleone, para não se meter. Estas são as minhas propostas. Suponho que você tem autoridade para entrar num acordo, para fazer um trato.

Michael respondeu também em siciliano:

— Diga-me mais alguma coisa sobre como você pretende começar o negócio, exatamente que papel deve a minha Família desempenhar nêle e que lucro podemos tirar desse negócio.

— Você quer toda a proposta detalhadamente, então? — perguntou Sollozzo.

Michael replicou com gravidade:

— O mais importante de tudo é que devo ter garantias completas de que não serão feitos novos atentados contra a vida de meu pai.

Sollozzo levantou a mão expressivamente, retrucando:

— Que garantia posso dar a você? Sou o perseguido, o caçado. Perdi a minha oportunidade. Você faz um juízo muito alto de mim, meu amigo. Não sou tão esperto assim.

Michael tinha agora a certeza de que a entrevista era apenas para ganhar alguns dias. Que Sollozzo faria outra tentativa para matar Don Corleone. Bonito era que o turco o havia subestimado como um menino inofensivo. Michael sentiu aquele delicioso e esquisito frio percorrer-lhe o corpo. Fez o seu rosto denotar a aflição. Sollozzo perguntou prontamente:

— Que é que há?

Michael respondeu com um ar embaraçado:

— O vinho desceu-me diretamente para a bexiga. Estou segurando há algum tempo. É bom que eu vá agora ao banheiro.

Sollozzo estava examinando-lhe o rosto atentamente com seus olhos pretos. Estendeu a mão e grosseiramente começou a apalpar a virilha de Michael, passando a mão por baixo e em torno dela, procurando uma arma. Michael mostrou-se ofendido. McCluskey disse rispidamente:

— Eu o revistei. Tenho revistado milhares de caras dessa idade. Ele está desarmado.

Sollozzo não gostou disso. Por qualquer motivo, não gostou disso. Olhou para o homem que estava sentado na mesa em frente à deles e levantou as sobrancelhas na direção da porta do banheiro. O homem respondeu com um ligeiro aceno de cabeça de que havia revistado o banheiro, de que não havia ninguém lá dentro. Finalmente, Sollozzo disse com relutância:

— Não demore muito.

Ele tinha antenas maravilhosas, estava nervoso.

Michael levantou-se e dirigiu-se para o banheiro. O mictório tinha uma barra de sabão cor-de-rosa segura por uma rede de arame. Ele entrou num reservado. Tinha realmente de fazê-lo, seus intestinos estavam soltos. Descarregou muito rapidamente, depois procurou atrás da caixa de descarga esmaltada até que sua mão tocou na pequena arma, com a coronha e o gatilho recobertos com fita. Desamarrou a arma, lembrando-se do que Clemenza dissera para não se preocupar em deixar as impressões digitais na fita. Meteu a arma na cintura e abotoou o paletó por cima dela. Lavou as mãos e molhou o cabelo. Apagou as suas impressões digitais da torneira com o lenço. Depois saiu da privada.

Sollozzo estava sentado diretamente de frente para a porta da privada, com seus olhos pretos brilhando de vivacidade. Michael sorriu.

— Agora posso falar — disse ele com um suspiro de alívio.

O Capitão McCluskey estava comendo o prato de vitela com espaguete que tinha chegado. O homem da parede distante, que estava nervosamente atento, agora também se tornou visivelmente tranqüilo.

Michael sentou-se novamente. Lembrou-se de que Clemenza aconselhara a não fazer aquilo, que saísse da privada e atirasse. Mas ou devido a algum instinto de advertência ou por simples

medo ele não fêz assim. Percebera que se tivesse feito um movimento rápido teria sido morto. Agora se achava mais seguro e devia estar apavorado, pois se sentia contente por não estar mais em pé. Suas pernas estavam fracas e trêmulas.

Sollozzo estava inclinado na direção dele. Michael, com a barriga escondida pela mesa, desabotoou o paletó, e ficou ouvindo atentamente, embora não conseguisse entender uma palavra do que o outro dizia. Aquilo era um palavreado oco para ele. Sua mente estava povoada de sangue martelante, que nenhuma palavra registrava. Por baixo da mesa, sua mão direita moveu-se na direção da arma metida na sua cintura e êle a soltou. Nesse momento, o garçom veio saber o que eles queriam para comer, e Sollozzo virou a cabeça para atendê-lo. Michael empurrou a mesa para longe dele com a mão esquerda, enquanto a mão direita impelia a arma quase contra a cabeça de Sollozzo. Sua coordenação era tão perfeita que ele já começara a desviar-se ante o movimento de Michael. Mas este, sendo mais jovem, com os reflexos mais apurados, puxou o gatilho. A bala atingiu Sollozzo em cheio entre o olho e o ouvido, e quando saiu pelo outro lado atirou uma enorme mancha de sangue e fragmentos de crânio no paletó do petrificado garçom. Instintivamente Mike sabia que uma bala era bastante. Sollozzo virara a cabeça naquele último momento e Michael vira a luz da vida extinguir-se nos olhos do homem tão claramente como o apagar de uma vela.

Um segundo apenas se passara quando Michael girou para apontar a arma na direção de McCluskey. O capitão da polícia estava olhando para Sollozzo com surpresa fleumática, como se isso nada tivesse a ver com ele. Parecia não ter conhecimento do seu próprio perigo. O seu garfo coberto de vitela estava suspenso em sua mão e seus olhos estavam justamente virando-se para Michael. E a expressão do seu rosto, de seus olhos, denunciava uma afronta tão presunçosa, como se agora ele esperasse que Michael se entregasse ou fugisse, que Michael sorriu para ele quando puxou o gatilho. Este tiro pegou mal, não foi mortal. Atingiu McCluskey em sua grossa garganta de touro e ele começou a engasgar-se espalhafatosamente como se tivesse engolido um grande pedaço de vitela. Então o ar como que se encheu de uma fina névoa de sangue vaporizado que ele tossindo expelia dos pulmões arrebentados. Muito friamente, muito calculadamente, Michael disparou o tiro seguinte no alto do crânio coberto de cabelo branco do capitão.

O ar parecia estar cheio de névoa cor-de-rosa. Michael virou-se para o homem sentado perto da parede. Êle não fizera sequer um movimento. Parecia paralisado. Agora cautelosamente mostrava estar com as mãos em cima da mesa e olhava para longe. O garçom voltava cambaleante para a cozinha, com uma expressão de horror estampada no rosto, olhando fixamente para

Michael como se não acreditasse no que vira. Sollozzo estava ainda na cadeira, com um lado do corpo apoiado na mesa. McCluskey, com o corpo pesado puxando para baixo, tinha caído da cadeira no chão. Michael deixou a arma escapulir de sua mão de forma que ela bateu no seu corpo e não fez barulho. Viu que nem o homem de perto da parede nem o garçom perceberam que ele deixara cair a arma. Deu alguns passos em direção da porta e abriu-a. O carro de Sollozzo estava ainda estacionado no meio-fio, mas não havia sinal do motorista. Michael virou para a esquerda e dobrou a esquina. Faróis se acenderam e um *sedan* amassado parou perto dele, abrindo rapidamente a porta. Ele saltou para dentro e o carro arrancou para a frente. Viu que era Tessio que estava na direção, com suas feições garbosas duras como mármore.

— Você fez o serviço em Sollozzo? - perguntou Tessio.

Naquele momento, Michael ficou impressionado com a linguagem que Tessio usara. Isso era sempre usado em sentido sexual, fazer o serviço numa mulher significava seduzi-la. Era curioso que Tessio a usasse agora.

— Em todos dois — respondeu Michael.

— Tem certeza? — perguntou Tessio.

— Vi os miolos deles — acentuou Michael.

Havia uma roupa no carro para que Michael trocasse pela que trazia no corpo. Vinte minutos depois, ele estava num cargueiro italiano destinado à Sicília. Duas horas mais tarde, o cargueiro zarpou e de seu beliche Michael pôde ver as luzes de Nova York ardendo como o fogo do inferno. Ele teve uma enorme sensação de alívio. Estava fora da jogada agora. Já sentira isso uma vez, lembrava-se de ter sido tirado da praia de uma ilha que os fuzileiros navais haviam invadido. A batalha prosseguia ainda, mas ele recebera um ferimento leve e estava sendo transportado para um navio-hospital. Sentira então o mesmo alívio esmagador que sentia agora. O inferno todo desabaria, mas ele não estaria ali.

Um dia depois do assassinato de Sollozzo e do Capitão McCluskey, os capitães e tenentes da polícia de todo o distrito de Nova York mandaram avisar: não haveria mais jogo, prostituição, nem tratos de espécie alguma, enquanto não fosse apanhado o assassino do Capitão McCluskey. Batidas policiais sucessivas começaram em toda a cidade. Todas as atividades comerciais ou ilegais tiveram de parar.

Mais tarde, nesse mesmo dia, um emissário das Famílias perguntava à Família Corleone se estava preparada para entregar o assassino. Respondeu ela que nada tinha com o crime. Naquela noite uma bomba explodia na alameda da Família Corleone em Long Beach, atirada de um carro que parou diante da corrente e depois arrancou. Nessa mesma noite, também, dois

capangas da Família Corleone foram assassinados quando jantavam tranqüilamente num pequeno restaurante italiano em Greenwich Village. A Guerra das Cinco Famílias de 1946 começara.

LIVRO II

Capítulo 12

Johnny Fontane despediu-se despreocupadamente do criado dizendo:

— Até amanhã de manhã, Billy.

O mordomo preto baixou a cabeça respeitosamente e retirou-se do enorme salão, misto de *living* e sala de jantar, com vista para o oceano Pacífico. Era uma espécie de cumprimento amistoso de despedida, não o cumprimento servil de um criado, e dado somente porque Johnny Fontane tinha companhia para o jantar.

A companhia de Johnny era uma garota chamada Sharon Moore, de Greenwich Village, Nova York, que viera a Hollywood tentar um pequeno papel num filme que estava sendo produzido por um antigo namorado que obtivera êxito na capital do cinema. Ela visitara o estúdio no momento em que Johnny estava trabalhando no filme de Woltz. Johnny achou-a jovem, simpática, encantadora e espirituosa, e a convidara a ir ao seu apartamento para jantar com ele naquela noite. Os convites para jantar de Johnny já eram famosos, sendo considerados um privilégio, e ela evidentemente aceitou.

Sharon Moore obviamente esperava que ele viesse com uma conversa muito forte devido à sua reputação, mas Johnny detestava o método grosseiramente "carnal" de Hollywood. Jamais dormia com uma pequena a não ser que houvesse nela algo de que êle realmente gostasse. Exceto, evidentemente, às vezes, quando êle estava muito bêbedo e ao acordar se via na cama com uma

garota que ele nem mesmo se lembrava de ter encontrado ou de ter visto antes. E agora, que estava com 35 anos de idade, divorciado uma vez e separado da segunda esposa, talvez com mil troféus notórios de conquistas amorosas, ele simplesmente não estava tão ansioso. Mas havia algo em Sharon Moore que lhe despertou alguma paixão e assim ele a convidou para jantar.

Ele jamais comia muito, mas sabia que as moças bonitas passavam fome a fim de comprar roupas bonitas, e geralmente comiam bastante quando eram convidadas, de forma que havia comida em abundância na mesa. Havia também muita bebida: champanha num balde, uísque, conhaque e licores no aparador. Johnny serviu as bebidas e os pratos de comida já preparados. Quando acabaram de comer, ele a levou para a enorme sala de estar com a sua parede de vidro, pela qual se tinha uma magnífica vista sobre o mar. Pôs uma pilha de discos de Ella Fitzgerald no *hi-fi* e instalou-se no divã com Sharon. Bateu um papo com ela, procurando descobrir o que tinha sido quando criança, se tinha sido masculinizada ou louca por meninos, se tinha sido feia ou bonita, triste ou alegre. Ele sempre achava esses detalhes emocionantes, isso sempre lhe evocava o carinho que ele precisava para deitar com uma mulher.

Eles aconchegaram-se no sofá. cordial e confortavelmente. Ele beijou-lhe os lábios, um beijo cordialmente frio, e como ela continuasse a se comportar desse jeito ele deixou que a coisa ficasse assim. Através da enorme janela panorâmica, ele podia ver o lençol azul-escuro do Pacífico deitado horizontalmente sob o luar.

— Por que não botou um de seus discos para tocar? — perguntou Sharon.

Sua voz era irritante. Johnny sorriu para ela. Achava graça por querer irritá-lo.

— Não sou desse tipo de Hollywood — respondeu ele.

— Toque algum para mim — pediu ela. — Ou então cante. Você sabe, como no cinema. Vou me babar e me derreter toda por você tal como aquelas garotas fazem na tela.

Johnny deu uma boa gargalhada. Quando era mais moço, fazia justamente essas coisas e o resultado era sempre teatral, as garotas procurando mostrar-se sexuais e derretendo-se, fazendo os olhos transbordar de desejo para uma câmara cinematográfica imaginária. Ele jamais pensaria em cantar para uma pequena agora; simplesmente, porque há meses não cantava, não tinha confiança em sua voz. Além disso, os amadores não imaginam como os profissionais dependem de ajuda técnica para parecerem tão bons como são. Ele podia tocar os seus discos, mas sentia a mesma timidez em ouvir sua voz apaixonada de rapaz que um homem idoso, careca, cada vez mais gordo se sente em mostrar seus retratos quando era moço e estava na flor da idade.

— Minha voz está fora de forma — desculpou-se ele. — E, honestamente, estou enjoado de ouvir a mim mesmo.

Ambos tomaram um gole da bebida.

— Disseram-me que você está formidável nesse filme — disse ela. — É verdade que você trabalhou nele de graça?

— Apenas um pagamento simbólico — replicou Johnny.

Ele se levantou para encher novamente de conhaque o copo dela, deu-lhe um cigarro com o monograma de ouro e fez funcionar o isqueiro a fim de acendê-lo. A garota tirou uma baforada, tomou um gole de bebida, e ele sentou-se ao seu lado. O copo dele tinha muito mais conhaque do que o dela, Johnny precisava da bebida para esquentar-se, para animar-se, para embriagar-se. A situação dele era o inverso do que normalmente ocorre. Tinha de embriagar-se em lugar da garota. Geralmente as garotas desejavam muito o que ele não desejava. Os dois últimos anos haviam sido um inferno para o seu ego, e ele usava esse meio simples para recuperá-lo, dormindo uma noite com uma garota apetitosa, levando-a para jantar algumas vezes, ofertando-lhe um presente caro e depois dando-lhe o fora da maneira mais delicada possível para não melindrá-la. E depois elas poderiam sempre dizer que tiveram um "caso" com o grande Johnny Fontane. Não era amor verdadeiro, mas não se podia deixar de falar nele se a garota era bonita e realmente simpática. Johnny detestava aquelas mulheres antipáticas, prostituídas, que queriam fazer amor com ele e depois corriam para dizer que tinham trepado com o grande Johnny Fontane, acrescentando sempre que tinham gozado mais. O que o espantava mais do que qualquer outra coisa em sua carreira eram os maridos condescendentes que quase lhe diziam no rosto que perdoavam às esposas, pois que era permitido até mesmo à mulher casada mais virtuosa ser infiel com um grande cantor e artista de cinema como Johnny Fontane. Isso realmente o desconcertava.

Johnny gostava de Ella Fitzgerald em discos. Gostava desse tipo de canto limpo, desse tipo de linguagem limpa. Era a única coisa na vida que ele reamente entendia, e sabia que entendia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Agora, deitado de costas no divã, com o conhaque aquecendo-lhe a garganta, ele sentia um desejo de cantar, não música, mas de pronunciar as palavras com os discos, embora isso fosse uma coisa impossível de se fazer na frente de uma outra pessoa. Pôs a sua mão livre no colo de Sharon, tomando a bebida que segurava com a outra mão. Sem qualquer malícia, mas com a sensualidade de uma criança buscando carinho, a sua mão que estava no colo da garota levantou-lhe o vestido de seda, deixando à mostra a coxa branca como leite acima da meia de pura malha de ouro e, como sempre, apesar de todas as mulheres, de todos os anos, de toda a familiaridade, Johnny sentiu o calor fluido pegajoso correr pelo

seu corpo à vista disso. O milagre ainda acontecia, e que faria ele quando isso lhe falhasse como a sua voz estava falhando?

Ele estava pronto agora. Pôs o copo de bebida na comprida mesa de coquetel embutida e virou o corpo para ela. Johnny era muito seguro, muito decidido e contudo delicado. Não havia nada malicioso nem de exageradamente lascivo em seus carinhos. Ele beijou-lhe os lábios enquanto suas mãos subiam para os seios de Sharon. A sua mão não caiu em suas coxas quentes, cuja pele ele sentia ser tão macia. O beijo que ela deu nele era quente, mas não apaixonado e ele preferia que fosse assim naquele momento. Detestava garotas que se inflamavam de repente, procurando o gozo rápido, através de movimentos mecânicos.

Depois ele fez uma coisa que sempre fazia, e que até então nunca deixara de excitá-lo. Delicadamente e tão leve quanto era possível introduziu a ponta de seu dedo médio entre as coxas de Sharon. Algumas garotas nem mesmo sentiam esse movimento inicial para a cópula. Outras ficavam atordoadas, sem terem certeza de que era um contato físico porque ao mesmo tempo ele sempre as beijava ardentemente na boca. Outras ainda pareciam sugar-lhe o dedo ou fazê-lo entrar mais com um impulso pélvico. E naturalmente, antes de ele se tornar famoso, algumas garotas esbofetearam-lhe o rosto por causa disso. Era uma técnica especial sua e, geralmente, lhe trazia bons resultados.

A reação de Sharon foi esquisita. Ela aceitou tudo, o contato do dedo, o beijo, depois afastou seus lábios dos dele, afastou o corpo deslizando levemente para trás ao longo do sofá, e pegou o seu copo de bebida. Era uma recusa fria, mas decisiva. Acontecia às vezes. Raramente; mas acontecia. Johnny pegou o seu copo de bebida e acendeu um cigarro.

Sharon começou a falar de maneira meiga, muito suave:

— Não é que eu não goste de você, Johnny, você é muito mais agradável do que eu pensava. E não é porque eu não seja êsse tipo de garota. É que eu preciso ser excitada para fazer isso com um homem, você entende o que quero dizer?

Johnny Fontane sorriu para ela. Ele ainda gostava dela.

— E eu não a excitei?

Ela mostrou-se um tanto embaraçada.

— Bem, você sabe, quando você já era um grande ator e cantor, eu ainda era uma menina pequena. Em relação a você, eu era a geração seguinte. Honestamente, não é que eu queira fazer-me de "gostosa". Se você fosse James Dean ou alguém mais ou menos da minha idade, eu tiraria as calças num segundo.

Johnny já não gostava tanto dela agora. Ela era meiga, espirituosa, inteligente. Não ficara ansiosa para trepar com ele ou procurara excitá-lo porque as suas relações de amizade o ajudariam na vida artística. Era realmente uma garota direita. Mas havia outra coisa ainda que ele devia reconhecer. Isso acontecera

algumas vezes antes. Muitas garotas tinham comparecido a encontros com ele com o espírito prevenido para não ir para a cama com ele, pouco importando quanto gostassem dele, apenas para contar às amigas — e, até mais, a si mesmas — que recusaram a oportunidade de trepar com o grande Johnny Fontane. Era uma coisa que ele compreendia, agora que estava mais velho, e com a qual não se aborrecia.

E, agora que se desinteressara por ela, sentiu-se mais tranqüilizado. Bebeu um gole de conhaque e começou a contemplar o oceano Pacífico. Ela falou então:

— Espero que você não esteja magoado, Johnny. Acho que sou antiquada, acho que em Hollywood se espera que uma garota tire as calças com a mesma facilidade com que dá boa noite ao namorado. Estou aqui há pouco tempo.

Johnny sorriu para ela e deu-lhe um tapinha na face. Ele desceu a mão para puxar a sua saia discretamente a fim de esconder-lhe os joelhos redondos e sedosos.

— Não estou magoado, não — respondeu ele. — É bom encontrar uma garota antiquada.

Porém ele não lhe disse o que sentia: o alívio de não ter de provar que era um grande amante, de não ter de corresponder exatamente à sua imagem divina apresentada na tela. Não ter de ouvir a garota procurando reagir como se ele realmente tivesse correspondido a essa imagem, fazendo o máximo de um simples ato de rotina, o que realmente isso era.

Beberam mais um pouco, trocaram mais alguns beijos frios, e então ela resolveu ir embora. Johnny perguntou delicadamente:

— Posso convidar você para jantar outra noite?

Ela agiu com franqueza e honestidade à medida que a coisa se aproximava do fim.

— Sei que você não quer perder seu tempo e depois ficar decepcionado — respondeu ela. — Obrigada pela noite maravilhosa. Algum dia contarei a meus filhos que ceei com o grande Johnny Fontane inteiramente só em seu apartamento.

Ele sorriu para ela.

— E que voce não cedeu — retrucou ele.

Ambos sorriram.

— Eles nunca acreditarão nisso — disse ela.

E então Johnny, sendo um pouco falso por sua vez, perguntou:

— Eu lhe darei isso por escrito, você quer?

Ela balançou a cabeça. Ele continuou então:

— Quando alguém duvidar de você, toque o telefone para mim, eu esclarecerei a questão. Direi como persegui você por todo o apartamento, mas que você defendeu a sua honra. Está bem?

Johnny finalmente foi um tanto cruel e sentiu-se magoado por ver a ofensa estampada no rosto da jovem. Sharon compreendeu que ele estava dizendo que não tinha tentado com muito afinco. Ele tirou-lhe a doçura da vitória. Agora ela poderia pensar que fora a sua própria falta de encanto ou atração que a tornara vitoriosa naquela noite. E, sendo a garota que era, quando ela contasse a história de como resistira ao grande Johnny Fontane, teria sempre que acrescentar com risinho torto:

— De fato; ele não tentou com muito afinco.

Agora, sentindo pena dela, ele disse:

— Se você alguma vez sentir-se realmente deprimida, toque o telefone para mim. Está bem? Não sou obrigado a dormir com toda garota que conheço.

— Telefonarei — respondeu ela retirando-se do apartamento.

Johnny ficou então sozinho com uma longa noite para passar. Podia usar o que Jack Woltz chamava o "matadouro", o estábulo das estrelinhas submissas, mas ele queria a companhia de um ser humano. Pensou na sua primeira mulher, Virgínia. Agora que o seu trabalho no filme havia terminado, ele teria mais tempo para as crianças. Ele queria tornar-se parte da vida delas novamente. E ele se preocupava a respeito de Virgínia também. Ela não estava preparada para resistir aos "gaviões" de Hollywood que haveriam de persegui-la apenas para poder vangloriar-se de ter trepado com a primeira mulher de Johnny Fontane. Até onde sabia, ninguém podia ainda dizer isso. Embora todo mundo pudesse fazê-lo com respeito à sua segunda mulher, pensou ele ironicamente. Pegou então o telefone.

Reconheceu a voz de Virgínia imediatamente e isso não o surpreendeu. Ele a ouvira pela primeira vez quando tinha dez anos de idade e eles tinham crescido juntos.

— Alô, Ginny, você está ocupada esta noite? — perguntou ele. — Posso ir vê-la por alguns instantes?

— Está bem — respondeu ela. — As meninas já estão dormindo, mas não quero acordá-las.

— Está bem — retrucou ele. — Quero apenas falar com você.

Virgínia hesitou um pouco, depois, procurando controlar-se para não mostrar qualquer preocupação, perguntou:

— É alguma coisa séria, algo importante?

— Não — respondeu Johnny. — Terminei o filme hoje e pensei que talvez pudesse vê-la, falar com você. Talvez pudesse dar uma olhada nas meninas, se você tivesse a certeza de que não acordariam.

— Está bem — retrucou ela. — Sinto-me contente por você ter conseguido o papel que desejava.

— Obrigado — respondeu ele. — Estarei aí dentro de meia hora.

Quando chegou diante do que tinha sido seu lar em Beverly Hills, Johnny Fontane permaneceu sentado no carro, por um momento, contemplando a casa. Lembrou-se do que lhe dissera o seu Padrinho, que ele podia fazer de sua vida o que quisesse. Era uma grande oportunidade se ele soubesse o que queria. Mas que queria ele?

A sua primeira mulher estava esperando por ele na porta. Era bonita, um tipo pequeno e moreno, uma boa moça italiana, a vizinha que nunca perderia tempo com outro homem e que tinha sido importante para ele. Será que ele ainda a queria, perguntou ele a si mesmo, e a resposta foi "não". Por um motivo, Johnny não poderia mais amá-la, o afeto que um tinha pelo outro se tornara muito velho. E havia algumas coisas, que nada tinham a ver com sexo, de que ela jamais poderia perdoá-lo. Mas eles não eram mais inimigos.

Virgínia fez café para ele e serviu-o com biscoitos caseiros na sala de estar.

— Estire-se no sofá — falou ela. — Você parece cansado.

Ele tirou o paletó e os sapatos e desapertou a gravata, enquanto ela se sentava na cadeira diante dele com um risinho grave no rosto.

— É engraçado — comentou ela.

— Que é que é engraçado? — perguntou ele, bebendo o café e derramando um pouco na camisa.

— O grande Johnny Fontane sentir-se incapaz de arranjar uma mulher — disse ela.

— O grande Johnny Fontane tem muita sorte quando ainda consegue levantar o bruto — retrucou ele.

Não era comum que ele fosse tão diretamente grosseiro. Ginny perguntou:

— Há realmente alguma coisa séria?

Johnny riu sarcasticamente para ela.

— Tive um encontro com uma garota no meu apartamento e ela me repudiou. E, você sabe, senti um alívio.

Para sua surpresa, ele viu um ar de raiva perpassar o rosto de Virgínia.

— Não se preocupe com essas vagabundinhas — disse ela. — Ela deve ter pensado que esse era o meio de fazer você se interessar por ela.

E Johnny compreendeu com satisfação que Virgínia estava de fato zangada com a garota que o havia rejeitado.

— E, com os diabos — disse ele. — Estou cansado dessa porcaria. Tenho de criar juízo um dia. E agora que não posso mais cantar penso que terei dificuldades com as mulheres. Nunca tive com a minha aparência, você sabe.

— Você sempre teve melhor aparência pessoalmente do que em fotografia — disse ela lealmente.

Johnny balançou a cabeça.

— Estou engordando e ficando careca. Diabo, se esse filme não me tornar famoso novamente é melhor aprender a assar *pizzas*. Ou talvez vamos pôr você no cinema, você está com ótima aparência.

Virgínia parecia ter trinta e cinco anos de idade. Uns bons trinta e cinco anos, mas trinta e cinco anos. E como ela havia centenas em Hollywood. As moças novas e bonitas invadiam a cidade como formigas, permanecendo por um ou dois anos. Algumas delas tão bonitas que podiam fazer o coração de um homem quase parar de bater até que abrissem a boca, até que as esperanças de êxito obscurecessem a beleza de seus olhos. As mulheres comuns jamais poderiam competir com elas no que diz respeito ao físico. E podia-se falar tudo o que se quisesse sobre encanto, inteligência, elegância, porte; a beleza natural dessas garotas suplantava tudo o mais. Talvez se não houvesse tantas delas, haveria oportunidade para uma mulher comum, de aspecto atraente. E como Johnny Fontane podia possuir todas elas, ou quase todas, Virgínia sabia que ele estava dizendo aquilo apenas para lisonjeá-la. Ele sempre fôra distinto nesse ponto. Sempre fôra cortês para com as mulheres, mesmo no auge da fama, mostrando-se atencioso, segurando o isqueiro para seus cigarros, abrindo porta para elas. Fazia isso com todas as garotas, mesmo com aquelas com quem passava apenas uma noite, ou com aquelas de quem não sabia nem o nome.

Virgínia sorriu para ele de modo amistoso.

— Você já me fez trabalhar no cinema, Johnny, lembra-se? Por doze anos. Você não precisa passar a conversa em mim.

Ele deu um suspiro e estirou-se no sofá.

— Não estou brincando, Ginny, você está com uma boa aparência. Eu queria estar com uma aparência tão boa quanto você.

Virgínia não respondeu. Viu que ele estava deprimido.

— Você acha que o filme está bom? Ele fará algum bem a você? — indagou ela.

Johnny acenou com a cabeça.

— Sim. Ele poderia fazer-me voltar a ser o que era. Se eu conseguir o prêmio da Academia e agir com a cabeça, poderei tornar-me um grande artista novamente, mesmo sem cantar. Talvez então poderei dar mais grana a você e às meninas.

— Temos mais do que o suficiente — respondeu Ginny.

— Quero ver mais as meninas também — tornou Johnny. — Quero mudar um pouco de vida. Por que não posso vir toda sexta-feira à noite jantar aqui? Juro que jamais faltarei uma sexta-feira, esteja longe ou ocupado como estiver. E então, quando puder, passarei os fins-de-semana com as meninas ou talvez elas possam passar uma parte das férias comigo.

Virgínia procurou confortá-lo.

— Está tudo bem comigo — acentuou ela. — Nunca me casei porque queria que você continuasse a ser pai delas.

Disse isso sem qualquer espécie de emoção, mas Johnny Fontane, olhando fixamente para o teto, sabia que ela o dissera como uma compensação pelas coisas cruéis que ela pronunciara para êle quando o casamento deles se desfez, quando a carreira dele começou a entrar em declínio.

— A propósito, adivinhe quem telefonou para mim? — perguntou ela.

Johnny não procuraria adivinhar, jamais gostara disso.

— Quem? — perguntou ele.

— Você podia pelo menos tentar adivinhar um nome escabroso — disse Ginny.

Johnny nada respondeu.

— Seu Padrinho — acrescentou ela.

Johnny ficou realmente surpreso.

— Ele nunca fala com ninguém pelo telefone. Que foi que ele disse a você?

— Ele me disse para ajudar você — respondeu Virgínia. — Ele disse que você podia ser tão grande como sempre foi, que você estava voltando a ser o que era, mas que precisava de gente para acreditar em você. Perguntei a ele por que deveria eu ajudar você. E ele respondeu que é porque você é o pai de minhas filhas. Ele é um velho tão amável e contam histórias tão horríveis sobre ele.

Virgínia detestava telefones e fizera retirar todas as extensões com exceção das que havia no seu quarto de dormir e na cozinha. Ouviram então o telefone da cozinha tocar. Ela foi atendê-lo. Depois voltou para a sala de estar com um ar de surpresa no rosto.

— É para você, Johnny — afirmou ela. — É Tom Hagen. Ele diz que é importante.

Johnny entrou na cozinha e pegou o telefone.

— Alô, Tom — disse ele.

Tom Hagen falou friamente:

— Johnny, o Padrinho quer que eu vá ver você para acertar algumas coisas que poderão ajudá-lo agora que o filme terminou. Ele quer que eu pegue o avião de amanhã. Você poderá encontrar-me em Los Angeles! Tenho de tomar o avião de volta a Nova York na mesma noite, de forma que você não precisa pensar que vai passar a noite inteira à minha disposição.

— Está bem, Tom — respondeu Johnny. — E não se preocupe sobre o fato de eu perder uma noite. Pernoite aqui e descanse um pouco. Darei uma festa e você poderá conhecer algumas personalidades do cinema.

Johnny sempre fazia essa oferta, não queria que as pessoas

de seu antigo ambiente pensassem que ele tinha vergonha delas.

— Obrigado — retrucou Hagen — mas realmente tenho de pegar o avião de manhã cedinho para voltar. Você vai esperar o avião que sai às 11,30 de Nova York, está bem?

— Está bem — respondeu Johnny.

— Fique em seu carro — disse Hagen. — Mande uma pessoa de sua confiança encontrar-me, quando eu saltar do avião, e levar-me até você.

— Certo — disse Johnny.

Voltou para a sala de estar, e Virgínia olhou para ele interrogativamente.

— Meu Padrinho tem planos para mim, para me ajudar — informou Johnny. — Ele conseguiu-me o papel no filme, não sei como. Mas eu queria que ele ficasse fora do resto.

Em seguida, voltou para o sofá. Sentia-se muito cansado. Virgínia perguntou:

— Por que você não dorme no quarto de hóspedes esta noite, em lugar de ir para casa? Você pode tomar o *breakfast* com as meninas e não precisará ir para casa tão tarde da noite. Detesto pensar em você tão sozinho naquela casa. Você não sente solidão?

— Não fico muito tempo em casa — respondeu Johnny.

Ela deu uma gargalhada e disse:

— Então, você não mudou muito — fez uma pausa e acrescentou: — Posso arrumar o outro quarto?

Johnny perguntou:

— Por quê? Não posso dormir no seu quarto? — perguntou Johnny.

Ela ficou vermelha.

— Não — respondeu.

Ela sorriu para ele e ele sorriu para ela. Ainda eram amigos.

Quando Johnny acordou na manhã seguinte já era tarde, ele percebeu isso pelo sol que penetrava através das venezianas abaixadas. Nunca entrava assim, a não ser que já fosse de tarde. Ele gritou:

— Alô, Ginny, ainda tenho direito ao *breakfast*?

E ele ouviu a voz da mulher responder de longe:

— Espere um segundo.

E, de fato, ele esperou apenas um segundo. Virgínia devia ter tudo pronto, quente no forno, a bandeja já esperando, porque, quando Johnny acendeu o seu primeiro cigarro, a porta do quarto se abriu e suas duas filhinhas entraram empurrando o carrinho do *breakfast*.

Elas estavam tão bonitas que o comoveram. Suas faces estavam brilhantes e claras, os olhos arregalados de curiosidade, demonstrando o desejo intenso de correr para ele. Usavam o

cabelo preso à moda antiga em longas tranças e traziam vestidos antiquados e sapatos de verniz branco. Ficaram paradas junto ao carrinho observando o pai que apagava o cigarro e esperaram que ele as chamasse e as recebesse de braços abertos. Então correram para ele. Johnny comprimiu o seu rosto entre as duas faces saudáveis e cheirosas das duas meninas e roçou a sua barba de forma que elas gritaram. Virgínia apareceu na porta do quarto e empurrou o carrinho para junto do ex-marido para que ele pudesse comer na cama. Sentou-se ao lado dele na beira da cama, pondo café na xícara, e passando manteiga na torrada. As duas meninas sentaram-se no sofá do quarto observando-o. Já estavam com bastante idade agora para brincar de atirar travesseiros ou de ser lançadas para o alto. Elas já estavam alisando o cabelo desalinhado. Oh, meu Deus, pensou ele, daqui a pouco estarão bem crescidas, e os rapazes de Hollywood estarão dando em cima delas.

Johnny dividia a torrada e o *bacon* com elas à proporção que comia, dando-lhes goles de café. Era um hábito ainda do tempo em que ele cantava com a banda e raramente comia com elas, de modo que elas gostavam de partilhar a comida dele quando ele tomava as suas refeições em horas esquisitas como o *breakfast* à tarde ou a ceia pela manhã. A modificação no horário da comida era um prazer para elas — comer bife com batatas fritas às sete horas da manhã, *bacon* com ovos à tarde.

Somente Virgínia e alguns amigos íntimos sabiam o quanto ele adorava as filhas. Esse fora o pior ponto do divórcio. A única coisa pela qual ele havia lutado era a sua posição de pai em relação às meninas. De um modo muito astuto, ele fez Virgínia compreender que não gostaria que ela casasse novamente, não porque tivesse ciúmes dela, mas porque temia pela sua posição de pai. Ele estabelecera que o dinheiro fosse pago a ela de modo tal que seria enormemente vantajoso financeiramente. não casar de novo. Ficava subentendido que ela poderia ter amantes desde que eles não se metessem em sua vida doméstica. Mas nesse ponto ele tinha absoluta confiança nela. Virgínia sempre fora excessivamente tímida e antiquada em questão de sexo. Os gigolôs de Hollywood não conseguiam lavrar nenhum tento quando começavam a cortejá-la visando a obter alguma vantagem econômica ou os favores do seu famoso marido.

Johnny não receava que ela esperasse uma reconciliação porque ele quisera dormir com ela na noite anterior. Nenhum dos dois pretendia renovar o extinto casamento. Ela compreendia a fome de beleza do ex-marido, seu impulso irresistível para mulheres novas muito mais bonitas do que ela. Era sabido que ele sempre dormia com suas companheiras de estrelato pelo menos uma vez. O seu encanto juvenil era irresistível para elas, tal como a beleza era para ele.

— Você tem de começar a se vestir daqui a pouco — disse ela. — O avião de Tom está para chegar.

Ela pôs as filhas para fora do quarto.

— Sim — respondeu Johnny. — A propósito, Ginny, você sabe que estou tratando de me divorciar? Vou ser um homem livre novamente.

Ela o observou vestir-se. Ele sempre tinha roupa limpa na casa de Virgínia desde que fizeram um novo acordo depois do casamento da filha de Don Corleone.

— O Natal está apenas a duas semanas — disse ela. — Posso contar com você aqui?

Era a primeira vez que ele pensava em feriados. Quando a sua voz estava em forma, os feriados eram dias lucrativos para cantar, mas mesmo então o Natal era sagrado. Se ele faltasse a êsse, seria o segundo. No ano anterior ele estivera cortejando a sua segunda mulher na Espanha, procurando convencê-la a se casar com ele.

— Sim — respondeu ele. — Na véspera e no dia de Natal.

Ele não mencionou a véspera do Ano Novo. Essa seria uma das noites excepcionais de que ele precisava de vez em quando para tomar um pileque com os amigos, e não queria uma mulher consigo então. Não sentia qualquer remorso por isso.

Virgínia o ajudou a vestir o paletó e o escovou. Ele era sempre extremamente exigente no vestir. Começou logo a reclamar porque a camisa que pusera não estava lavada a seu gosto, as abotoaduras, um par que ele não usara durante algum tempo, estavam um pouco espalhafatosas para o seu modo atual de vestir. Ela sorriu tranqüilamente e disse:

— Tom não notará a diferença.

As três mulheres da família acompanharam-no até a porta e depois até o local em que o seu carro estava estacionado. As duas meninas seguravam as mãos dele, uma de cada lado. Virgínia ia um pouco atrás. Quando chegaram junto do carro, ele virou-se e atirou cada uma das meninas separadamente para o alto, beijando-a quando a aparava na descida. Depois beijou a mulher e entrou no carro. Ele não gostava de despedidas prolongadas.

As providências necessárias tinham sido tomadas pelo seu relações-públicas e ajudante. Diante de casa, encontrou à sua espera um carro alugado com motorista. Nele estavam o seu relações-públicas e outro elemento de seu séquito. Johnny estacionou o seu carro e entrou no outro, e eles partiram para o aeroporto. Esperou dentro do veículo enquanto o relações-públicas saía para aguardar o avião de Tom Hagen. Quando Tom entrou no carro, eles trocaram um aperto de mão e seguiram com destino à casa de Johnny.

Finalmente ele e Tom ficaram a sós na sala de estar. Havia

certa frieza entre os dois. Johnny nunca perdoara Hagen por ter servido de obstáculo para que ele entrasse em contato com Don Corleone quando este estava zangado com o ator, naqueles maus tempos antes do casamento de Connie. Hagen jamais se desculpava de suas ações. Não podia fazê-lo. Era parte de sua função servir de pára-raios para os ressentimentos que as pessoas não tinham a coragem de sentir com respeito ao próprio Don Corleone, embora ele os merecesse.

— Seu Padrinho mandou-me aqui para dar-lhe uma ajuda em certas coisas — anunciou Hagen. — Desejaria que tudo ficasse resolvido antes do Natal.

Johnny Fontane deu de ombros.

— O filme está terminado. O diretor foi um cara direito e me tratou bem. Minhas cenas são muito importantes para serem cortadas apenas para que Woltz se vingue de mim. Ele não pode estragar um filme de dez milhões de dólares. Assim, tudo depende agora de como a gente boa julgar a minha interpretação.

— Ganhar o Prêmio da Academia — perguntou Hagen cautelosamente — é realmente tão importante para a carreira de um ator, ou é apenas essa besteira de publicidade que na verdade não significa nada de um modo ou de outro? — Fez uma pausa e acrescentou prontamente: — Exceto naturalmente a glória, todo mundo gosta de glória.

Johnny Fontane arreganhou os dentes para ele e respondeu:

— Exceto meu Padrinho. E você. Não, Tom, não é apenas um monte de besteiras. Um Prêmio da Academia pode garantir um artista por dez anos. Ele pode escolher os papéis. O público vai vê-lo. Não é tudo, mas para um artista é a coisa mais importante da profissão. Estou contando ganhá-lo. Não porque eu seja um artista tão grande, mas porque sou conhecido principalmente como cantor e o papel é estupendo. E estou muito bem nêle, fora de brincadeira.

Tom Hagen deu de ombros e disse:

— Seu Padrinho me falou que da maneira que as coisas estão agora você não tem qualquer possibilidade de ganhar o prêmio.

Johnny ficou zangado.

— Que diabo está você dizendo? O filme ainda nem foi cortado, muito menos exibido. E Dom Corleone nem está no negócio do cinema. Por que diabo você voou quase cinco mil quilômetros para me dizer essa bobagem?

Ele ficou tão abalado que quase chorou.

— Johnny, nada sei a respeito de tôda essa droga de filme — replicou Hagen gravemente. — Lembre-se, sou apenas um mensageiro de Don Corleone. Mas discutimos todo o seu caso muitas vezes. Ele está preocupado a seu respeito, a respeito de

seu futuro. Sente que você precisa da ajuda dele e ele quer resolver o seu problema de uma vez para sempre. Esse o motivo por que estou aqui, para por a coisa em ação. Mas você precisa começar a crescer, Johnny. Precisa deixar de pensar em você como cantor ou como artista de cinema. Tem de começar a pensar em você como organizador, como um sujeito forte.

Johnny Fontane deu uma gargalhada e encheu o seu copo.

— Se eu não ganhar esse Oscar serei tão forte como qualquer uma das minhas filhas. Perdi a voz; se eu a recuperasse poderia conseguir muita coisa. Com os diabos! Como é que meu Padrinho sabe que não ganharei o prêmio? Está bem, eu acredito que ele saiba. Ele nunca erra.

Hagen acendeu uma cigarrilha.

— Fomos informados de que Jack Woltz não vai gastar dinheiro do estúdio para apoiar a sua candidatura. De fato, ele mandou avisar a todos os votantes que não quer que você vença. Mas recusando dar dinheiro para publicidade e coisas semelhantes, ele conseguirá o seu intento. Está também trabalhando para que outro sujeito obtenha tantos votos da oposição quantos ele puder angariar. Está utilizando toda a sorte de suborno: empregos, dinheiro, mulheres, tudo. E está procurando fazer isso sem prejudicar o filme ou prejudicando o mínimo possível.

Johnny Fontane deu de ombros. Encheu de uísque o seu copo e bebeu-o.

— Então eu estou morto.

Hagen observava-o fazendo um gesto de desagrado com a boca.

— Beber não lhe adianta nada — ponderou.

— Foda-se! — respondeu Johnny.

O rosto de Hagen de repente tornou-se serenamente impassível. Então ele disse:

— Muito bem, vou por isso na conta do seu descontrole.

Johnny Fontane largou o copo de bebida e foi postar-se em frente a Hagen.

— Lamento ter dito aquilo — falou ele. — Por Deus, eu lamento. Estou desabafando em cima de você porque quero matar esse canalha do Jack Woltz, mas tenho medo de complicar o meu Padrinho. Assim eu me zanguei com você.

Havia lágrimas nos seus olhos. Ele atirou o copo de uísque vazio de encontro à parede, mas com tão pouca força que o pesado copo nem mesmo lascou e rolou no chão, voltando em sua direção, de modo que ele olhou para baixo com fúria frustrada. Depois deu uma gargalhada.

— Jesus Cristo! — exclamou.

Caminhou até o outro lado da sala e sentou-se em frente a Hagen.

— Você sabe, tive tudo a meu dispor durante muito tempo.

Depois me divorciei de Ginny e tudo começou a desandar. Perdi minha voz. Meus discos pararam de vender. Não consegui mais trabalho em nenhum filme. E aí meu Padrinho ficou zangado comigo e não queria falar-me pelo telefone nem me ver quando eu ia a Nova York. Você era sempre o sujeito que me embargava o caminho, e eu punha a culpa em você, embora soubesse que não faria isso sem ordem de Don Corleone. Assim, insultei-o. Mas você foi sempre muito direito. E para mostrar-lhe que as minhas desculpas são válidas vou tomar o seu conselho. Não beberei mais, enquanto não recuperar a minha voz. Está bem?

As desculpas eram sinceras. Hagen esqueceu a sua raiva. Devia haver algo de aproveitável nesse menino de trinta e cinco anos de idade ou Don Corleone não gostaria tanto dele.

— Esqueça o assunto, Johnny — disse Hagen.

Ele estava embaraçado com a profundidade do sentimento de Johnny e também com a suspeita de que devia ter sido inspirado pelo medo de que ele podia fazer Don Corleone virar-se contra o ator. E naturalmente Don Corleone jamais podia virar-se contra uma pessoa por instigação de alguém, qualquer que fosse o motivo. A sua afeição só podia ser mudada por ele mesmo.

— As coisas não estão assim tão ruins — disse Hagen. — Don Corleone diz que pode anular tudo o que Woltz fizer contra você. Que você quase com certeza ganhará o prêmio. Mas ele sente que isso não resolverá o seu problema. Quer saber se tem cabeça e coragem para se tornar um produtor por sua própria conta, para fazer os seus próprios filmes de cabo a rabo.

— Como diabo vai ele conseguir o prêmio para mim? — perguntou Johnny incredulamente.

Hagen respondeu bruscamente:

— Como é que você acha tão fácil acreditar que Woltz pode consegui-lo ardilosamente e seu Padrinho não? Agora, como é necessário que eu consiga a sua crença na outra parte do nosso negócio, devo confessar-lhe uma coisa. Mas guarde isto para você. O seu Padrinho é um homem muito mais poderoso do que Jack Woltz. E é muito mais poderoso em terrenos muito mais difíceis. Como pode ele dar um jeito no prêmio? Ele controla, ou controla o pessoal que controla todos os sindicatos trabalhistas da indústria, todo o pessoal ou quase todo o pessoal que vota. Naturalmente você tem de ser bom, tem de estar disputando o prêmio por seus próprios méritos. E o seu Padrinho tem mais cabeça do que Jack Woltz. Ele não vai a essas pessoas e põe o revólver na cabeça delas dizendo: "Vote em Johnny Fontane ou você está desempregado." Não usa a violência onde a violência não funciona ou deixa fortes ressentimentos. Ele fará essas pessoas votarem em você porque elas querem. Elas, porém, não quererão, a não ser que tenham algum interesse. Agora, confie na

minha palavra de que ele pode conseguir o prêmio para você. E que se ele não agir, você não o conseguirá.

— Está bem — respondeu Johnny. — Acredito em você. E tenho coragem e cabeça para ser produtor, mas não tenho o dinheiro. Nenhum banco me financiará. Um filme custa milhões.

— Quando você conseguir o prêmio, — retrucou Hagen secamente — comece a traçar planos para produzir três filmes por sua própria conta. Contrate o melhor pessoal existente, os melhores técnicos, os melhores artistas, quem quer que você precise. Planeje de três a cinco filmes.

— Você está maluco — respondeu Johnny. — Esses filmes todos poderiam significar vinte milhões de dólares.

— Quando você precisar do dinheiro — retrucou Hagen — entre em contato comigo. Darei o nome do banco aqui na Califórnia ao qual você deve pedir financiamento. Não se preocupe, eles estão sempre financiando filmes. Apenas peça a eles dinheiro de maneira normal, com as justificativas habituais, como um negócio comum. Eles aprovarão. Mas primeiro você tem de me ver e me dizer as quantias necessárias e os planos. Está bem?

Johnny manteve-se calado por algum tempo. Depois perguntou tranqüilamente:

— Mais alguma coisa?

Hagen sorriu.

— Você quer dizer, vai ter de fazer algum favor em troca de um empréstimo de vinte milhões de dólares? Certamente vai.

Esperou que Johnny dissesse alguma coisa e depois concluiu:

— Nada que você não pudesse fazer, de qualquer modo, se Don Corleone pedisse a você que fizesse.

— O próprio Don Corleone tem de me pedir se for algo muito sério — frisou Johnny. — Você entende o que quero dizer? Não atenderei a pedido seu ou de Sonny.

Hagen ficou surpreso com esse bom senso. Finalmente, Fontane tinha algum miolo. Tinha senso para saber que Don Corleone gostava muito dele e era muito esperto para não pedir a ele que fizesse algo arriscado, enquanto Sonny o faria.

— Deixe-me assegurar-lhe uma coisa — acentuou Hagen — Seu Padrinho deu a mim e a Sonny instruções rigorosas para não envolvê-lo, de qualquer modo, em algo que possa resultar em publicidade desfavorável para você em virtude de alguma falha nossa. E ele próprio jamais fará isso. Posso garantir que qualquer favor que ele lhe pedir, você oferecerá a êle antes mesmo que ele solicite. Está bem?

Johnny sorriu.

— Está bem — respondeu ele.

— Ele também tem confiança em você — acrescentou Hagen. — Acha que você tem cabeça e, assim, pensa que o banco

fará dinheiro com o investimento, o que significa que ele ganhará dinheiro com isso. Assim é realmente um negócio, não esqueça isso. Não vá gastar esse dinheiro com mulheres. Você pode ser seu afilhado predileto, mas vinte milhões de dólares é um bocado de grana. Ele vai ter de se arriscar muito para conseguir esse dinheiro para você.

— Diga a ele que não se preocupe — respondeu Johnny. — Se um cara como Jack Woltz pode ser um grande gênio do cinema, qualquer pessoa pode.

— Isso é o que pensa o Padrinho — retrucou Hagen. — Você pode providenciar um carro para me levar de volta ao aeroporto? Já disse tudo o que tinha a dizer. Quando você começar a assinar contratos para tudo, arranje os seus próprios advogados, não quero estar metido nisso. Mas gostaria de ver tudo antes de você assinar, se você concordar com tal coisa. Além disso, você nunca terá qualquer dificuldade trabalhista. Isso reduzirá os custos de seus filmes até certo ponto. Assim, quando os contadores introduzirem alguma quantia, por conta disso, não faça caso dela.

— Terei de conseguir a sua aprovação para qualquer outra coisa, roteiros, artistas, coisas assim? — indagou Johnny cauteloso.

Hagen balançou a cabeça.

— Não. Pode acontecer que Don Corleone se oponha a alguma coisa, mas falará diretamente com você, se isso ocorrer. Mas não posso imaginar o que seja. Os filmes não o afetam em coisa alguma, de qualquer forma, assim ele não tem interesse. E ele não acredita em intromissão, isso posso garantir a você por experiência própria.

— Bem — disse Johnny. — Eu mesmo o levarei de carro ao aeroporto. E agradeça ao Padrinho por mim. Eu poderia telefonar para ele a fim de agradecer, mas ele nunca atende o telefone. A propósito, por que isso?

Hagen deu de ombros.

— Ele raramente fala pelo telefone. Não quer a sua voz gravada, mesmo dizendo qualquer coisa completamente inocente. Receia que possam alterar as suas palavras de forma que pareça que ele está dizendo outra coisa inteiramente diferente. Penso que é êste o motivo. De qualquer modo, sua única preocupação é que venha algum dia a ser enquadrado pelas autoridades. Assim, êle não quer dar margem.

Entraram no carro de Johnny e partiram para o aeroporto. Hagen estava pensando que Johnny era um sujeito melhor do que imaginara. Ele já aprendera alguma coisa, e o fato de levá-lo pessoalmente de carro ao aeroporto provava isso. A cortesia pessoal, algo em que o próprio Don Corleone sempre acreditava. E as desculpas que ele apresentara. Tinham sido sinceras. Ele

conhecia Johnny há muito tempo e sabia que as desculpas não tinham sido originadas do medo. Johnny sempre tivera "tutano". Esse o motivo por que ele sempre tivera dificuldades, com os seus superiores no cinema e com as mulheres. Ele também era uma das poucas pessoas que não tinham medo de Don Corleone. Ele e Michael eram talvez os dois únicos homens de quem Hagen sabia que se podia dizer isso. Assim as suas desculpas foram sinceras, ele as aceitaria como tal. Hagen e Johnny teriam de ver-se bastante um ao outro nos próximos anos. E Johnny teria de passar pelo teste seguinte, o que provaria quão esperto ele era. Teria de fazer algo para Don Corleone que este jamais pediria que ele fizesse ou insistisse para fazer como parte do acordo. Hagen tinha dúvida sobre se Johnny Fontane era bastante esperto para compreender essa parte da transação.

Depois que Johnny deixou Hagen no aeroporto (Hagen insistiu para que Johnny não o acompanhasse até o avião), ele voltou para a casa de Virgínia. Ela ficou surpresa ao vê-lo de volta. Mas ele queria ficar na casa dela a fim de ter tempo para pensar nas coisas e poder traçar seus planos. Johnny sabia que o que Hagen lhe dissera era extremamente importante, que toda a sua vida estava sendo modificada. Tinha sido outrora um grande artista, mas agora com a idade de trinta e cinco anos ele estava liquidado. Não se enganava a respeito daquilo. Mesmo que ganhasse o prêmio como melhor ator, que diabo poderia significar para ele na melhor das hipóteses? Nada, se ele não recuperasse a voz. Seria um artista de segunda classe, sem qualquer poder real, sem qualquer substância. Mesmo aquela garota que o havia rejeitado fora delicada e habilidosa e agira com certa esperteza, mas teria sido tão fria se ele realmente estivesse no auge? Agora com Don Corleone fornecendo-lhe a grana ele poderia ser grande como qualquer pessoa em Hollywood. Poderia ser rei. Johnny sorriu. Ele poderia ser até um Don.

Seria interessante morar com Ginny novamente por algumas semanas, talvez por mais tempo. Levaria as meninas a passear todo dia, talvez tivesse mais alguns amigos. Pararia de beber e de fumar, realmente cuidaria de si mesmo. Talvez sua voz se tornasse forte novamente. Se isso acontecesse, e com o dinheiro de Don Corleone, ele seria invencível. Estaria realmente tão perto de ser um rei ou imperador antigo como era possível na América. E não dependeria mais de ter voz ou de até quando o público gostava dele como artista. Seria um império baseado no dinheiro e o tipo mas especial, mais cobiçado de poder.

Virgínia preparou o quarto de hóspedes para êle. Ficou estabelecido que ele não usaria o quarto dela, que êles não viveriam como marido e mulher. Não poderiam ter essa relação nunca mais. E, embora o mundo exterior dos colunistas mexeriquei-

ros e fãs do cinema pusessem a culpa do fracasso do seu casamento exclusivamente nele, contudo, de maneira curiosa, entre os dois, ambos sabiam que fora ela a maior causadora do divórcio.

Quando Johnny Fontane se tornou o mais popular cantor e artista de comédias musicais do cinema, nunca lhe ocorreu abandonar a mulher e as filhas. Ele era demasiadamente italiano, demasiadamente antiquado. Naturalmente tinha sido infiel. Isso era impossível evitar em sua profissão e dadas as tentações a que ele era continuamente exposto. E apesar de ser um sujeito magro, de aparência delicada, tinha a paixão inesgotável de muitos tipos latinos franzinos. E as mulheres o deleitavam com suas surpresas. Ele gostava de sair com uma garota de aparência virginal, meiga e recatada e descobrir-lhe os seios para vê-los tão inesperadamente cheios e exuberantes, libidinosamente provocantes em contraste com o rosto de camafeu. Ele gostava de constatar acanhamento e timidez nas garotas de aspecto sensual que tinham movimentos simulados como jogadores de basquetebol, seduzindo como se já tivessem deitado com uma centena de homens, e então quando ele ficava a sós com elas tinha de lutar durante horas para levá-las até a cama a fim de fazer o serviço e finalmente verificar que eram virgens.

E todos aqueles caras de Hollywood zombavam de sua preferência por virgens. Diziam que isso era um velho gosto carcamano, indiscutível, mas quase sempre levava um tempo enorme para fazer uma virgem dar-lhe uma chupada com todas as conseqüências e que depois, geralmente, acabava sendo uma péssima trepada. Porém Johnny sabia que tudo dependia de levar habilidosamente a garota inexperiente. Tinha-se de gozá-la pelo processo normal e, depois, o que poderia ser melhor do que uma garota que estava tendo as suas primeiras sensações sexuais e gostando delas? Era tão bom deflorá-las! Era tão bom fazê-las passar as pernas em torno da gente! As coxas delas tinham formatos diferentes, as nádegas também, a pele delas tinha cores diferentes e sombras de branco, castanho e queimado, e quando ele dormiu com aquela garota preta em Detroit, uma garota direita, não uma prostituta, que era filha de um cantor de *jazz* no mesmo cabaré em que ele trabalhava, ela tinha sido uma das coisas mais agradáveis que ele já tivera. Seus lábios realmente tinham gosto de mel de abelha quente misturado com pimenta, sua pele escura era suculenta, cremosa, e ela era tão meiga como Deus jamais fizera outra mulher igual, e ela era virgem.

Muitos homens estão sempre falando em chupar isso e aquilo e em outras perversões sexuais, mas ele realmente não apreciava muito tais coisas. Já não gostava tanto de uma garota depois que eles faziam uma dessas anormalidades; isso não o satisfazia plenamente. Ele e a sua segunda mulher finalmente

passaram a se desentender porque ela preferia tanto as perversões sexuais a ponto de não querer mais outra coisa, e ele tinha de brigar para trepar normalmente. Ela começou a fazer troça dele e a chamá-lo de quadrado e espalhou-se a notícia de que ele gozava como uma criança. Talvez fosse por isso que a garota da noite anterior o rejeitara. Bem, para o diabo com tudo, ela não seria uma boa trepada, de qualquer forma. Podiam-se conhecer logo as garotas que realmente gostavam de trepar, as quais eram geralmente as melhores. Especialmente as que não faziam isso há muito tempo. O que ele realmente detestava eram as que haviam começado a trepar aos doze anos de idade e já estavam muito gastas quando chegavam aos vinte anos e fingiam-se de inocentes, e algumas delas eram as mais bonitas de todas e podiam enganar qualquer homem.

Virgínia levou café e bolo para o quarto de Johnny e pôs na mesa comprida ali existente. Ele contou a ela simplesmente que Hagen o estava ajudando a conseguir crédito para produzir filmes e ela ficou entusiasmada com isso. Ele seria importante novamente. Porém ela não tinha idéia de quão poderoso Don Corleone realmente era, de forma que não entendeu a importância da vinda de Hagen de Nova York. Ele explicou a ela que Hagen o estava orientando no que dizia respeito aos detalhes jurídicos.

Quando terminaram o café, Johnny disse a ela que iria trabalhar aquela noite, dar alguns telefonemas e traçar planos para o futuro.

— Metade de tudo isso será no nome das meninas — confessou-lhe ele.

Virgínia respondeu com um sorriso de agradecimento e deu-lhe um beijo, desejando-lhe boa noite, antes de retirar-se do quarto dele.

Havia um prato de vidro cheio de cigarros com seu monograma preferido, e um umedecedor com charutos cubanos pretos, finos como lápis, na sua escrivaninha. Johnny recostou-se na cadeira e começou a discar o telefone. Sua cabeça estava realmente zumbindo ao máximo. Ele chamou o autor do livro, a novela de grande sucesso, no qual o seu novo filme se baseava. O autor era um sujeito da idade dele que havia subido com dificuldade e tinha agora um nome famoso no mundo literário. Ele fora para Hollywood esperando ser tratado como figura importante e, como a maioria dos escritores, era considerado um joão-ninguém. Johnny vira a humilhação que ele sofrera uma noite no *Brown Derby*. O escritor tinha combinado com uma bem conhecida artistazinha de seios grandes um encontro na cidade e possivelmente uma trepada depois. Mas enquanto estavam jantando, a artistazinha deixou o famoso escritor a ver navios porque um cômico de cinema mal vestido chamou-a com o

dedo. Isso deu ao escritor a idéia exata sobre quem era realmente importante na hierarquia de Hollywood. Não importava que o seu livro o tivesse feito famoso no mundo inteiro. Uma artistazinha o trocaria pelo mais sujo, mais mal vestido e mais falso figurão do cinema.

Johnny estava falando com o escritor, que se encontrava em sua casa, em Nova York, a fim de agradecer-lhe pelo grande papel que ele havia criado para ele, Johnny. Essa lisonja comoveu extremamente o cara. Depois, casualmente, perguntou-lhe como ia a novela que ele estava escrevendo e sobre o que era. Acendeu um charuto, enquanto o escritor lhe falava sobre um capítulo especialmente interessante e finalmente exclamou:

— Ótimo, eu gostaria de lê-la quando você terminasse. Que tal mandar-me um exemplar? Talvez eu possa conseguir um bom negócio para ela, melhor do que o que você conseguiu com Woltz.

A avidez denunciada pela voz do escritor convenceu Johnny de que ele havia pensado acertadamente. Woltz esfolara o sujeito, pagara-lhe uma ninharia pelo livro. Johnny comunicou-lhe que deveria estar em Nova York logo depois das festas e perguntou se ele gostaria de jantar com ele e alguns amigos.

— Conheço umas zinhas muito boas — concluiu Johnny em tom de brincadeira.

O escritor deu uma gargalhada e respondeu concordando.

Em seguida, Johnny discou para o diretor e o cinegrafista do filme que acabara de fazer, a fim de agradecer-lhes por tê-lo ajudado no trabalho. Disse-lhes confidencialmente que sabia que Woltz estava contra ele e agradecia sinceramente a ajuda deles e que se houvesse algo que pudesse fazer por eles deviam apenas telefonar-lhe.

Então deu o telefonema que era o mais difícil de todos, aquele dirigido a Jack Woltz. Agradeceu-lhe pelo papel que lhe dera no filme e disse-lhe como se sentiria feliz em trabalhar para ele em qualquer tempo. Fez isso somente para pregar uma peça a Woltz. Ele sempre fora muito correto, muito direito. Em poucos dias, Woltz descobriria as suas manobras e ficaria espantado com a deslealdade desse telefonema, o que era exatamente o que Johnny Fontane queria que ele sentisse.

Depois disso, Johnny se sentou na escrivaninha e começou a tirar baforadas do charuto. Havia uísque numa mesinha lateral, mas ele fizera uma espécie de promessa a si mesmo e a Hagen de que não beberia. Nem devia estar fumando. Era tolice: o que tinha acontecido com sua voz provavelmente não sofreria qualquer alteração se ele deixasse de fumar e de beber. Não muito, mas, que diabo, isso ajudaria, e ele queria aproveitar todos os trunfos, agora que tinha a oportunidade de lutar pela reabilitação.

Agora, com a casa mergulhada em silêncio, sua ex-esposa e suas filhas dormindo, ele podia pensar naquele terrível período de sua vida em que as abandonara. Sim, ele as abandonara por uma prostituta vagabunda que era a sua segunda esposa. Mas mesmo agora sorria ao pensar nela, ela era adorável em muitos aspectos e, além disso, a única coisa que salvara sua vida foi o dia em que ele resolveu que jamais odiaria uma mulher ou, mais especificamente, o dia em que decidiu que não podia odiar sua primeira esposa e suas filhas, suas amantes, sua segunda esposa, e as suas amantes depois desta, nem mesmo Sharon Moore que o havia repudiado, com o objetivo de vangloriar-se de ter-se recusado a trepar com o grande Johnny Fontane.

Johnny viajara com a banda cantando e em seguida se tornara artista de rádio, participara de *shows* e, depois, finalmente, começara a fazer filmes. Durante todo esse tempo, vivera como quisera, trepara com as mulheres que desejara, mas nunca deixara isso influir em sua vida pessoal. Depois se apaixonara por aquela que logo se tornaria sua segunda esposa, Margot Ashton; ficara completamente louco por ela. Sua carreira levou a breca, sua voz levou a breca, sua vida familiar levou a breca. E chegou o dia em que se viu destituído de tudo.

O fato era que ele tinha sido sempre generoso e decente. Dera à primeira esposa tudo o que possuía quando se divorciou dela. Garantira para as duas filhas uma participação em tudo o que fazia, em todo disco, em todo filme, em toda exibição que realizava. E quando estava no apogeu não recusara nada à sua primeira esposa. Ajudara todos os irmãos e irmãs, o pai e a mãe, as namoradas do seu tempo de escola e suas famílias. Nunca fora uma celebridade pernóstica. Cantara no casamento das duas irmãs mais moças de sua mulher, coisa que ele detestava fazer. Nunca recusara nada a ela a não ser a renúncia completa de sua própria personalidade.

E, então, quando ele se afundara por completo, quando não podia mais obter trabalho no cinema, quando não podia mais cantar, quando a sua segunda mulher o traíra, ele fora passar alguns dias com Virgínia e as filhas. Certa noite chegara quase a implorar piedade a ela porque se sentira extremamente desprezível. Naquele dia, ouvira uma de suas gravações e ela lhe parecera tão horrível que ele acusou os técnicos de som de sabotarem o disco. Até que, por fim, se convencera de que realmente sua voz soava horrivelmente. Ele despedaçou a matriz e recusou-se a cantar daí em diante. Estava tão envergonhado que não havia cantado uma só nota a não ser com Nino no casamento de Connie Corleone.

Johnny jamais esquecera a cara que Virgínia fizera quando descobriu tudo a respeito de suas desventuras. Isso durara apenas um segundo, mas foi o suficiente para que ele jamais

esquecesse. Foi uma cara de sádica satisfação, uma cara que só podia fazê-lo acreditar que ela o odiara durante todos aqueles anos. Ela prontamente se recompôs e ofereceu-lhe a sua solidariedade fria, mas delicada. Ele fingira aceitá-la. Durante os dias seguintes, procurara três das garotas de quem mais gostara naqueles anos, garotas de quem ele continuara amigo e com quem dormia ainda às vezes na camaradagem, garotas para quem ele fizera tudo o que estava ao seu alcance a fim de ajudar, garotas a quem ele dera o equivalente a centenas de milhares de dólares em presentes ou oportunidades de emprego. No rosto delas, percebeu o mesmo ar de sádica satisfação.

Foi durante esse período que ele sentiu que tinha de tomar uma decisão. Podia tornar-se igual a muitos outros famosos homens de Hollywood, produtores, escritores, diretores, atores de sucesso, que atacavam as mulheres bonitas com fúria libidinosa. Podia usar a força do seu dinheiro com relutância, sempre alerta para a traição, sempre acreditando que as mulheres o trairiam e o abandonariam, que eram adversários a serem derrotados. Ou podia recusar-se a odiar as mulheres e continuar a acreditar nelas.

Ele sabia que não podia passar *sem* amá-las, que algo de seu espírito morreria se ele não continuasse a amar as mulheres, pouco importando quão traiçoeiras e infiéis fossem elas. Não importava que as mulheres a quem ele mais amava estivessem intimamente satisfeitas por vê-lo esmagado, humilhado, por uma sorte caprichosa: não importava que da maneira mais espantosa, não sexualmente, elas tivessem sido infiéis a ele. Ele não tinha alternativa. Tinha de aceitá-las. Assim, ele amava tôdas elas, dava-lhes presentes, escondia a mágoa que lhe proporcionava a alegria que elas demonstravam pelas desventuras que o atingiam. Ele as perdoava sabendo que estava pagando por ter vivido na maior liberdade com respeito às mulheres e por ter aproveitado o máximo do viço e frescor delas. Agora, porém ele se sentia culpado por ter sido falso para elas. Nunca se sentira culpado pelo modo como tratara Ginny, insistindo em continuar a ser o único pai de suas filhas, embora jamais tivesse sequer considerado a possibilidade de casar novamente com ela, e deixasse que ela soubesse disso também. Isso era uma coisa que ele salvara de sua queda no abismo. Ele se tornara completamente insensível aos males que fazia às mulheres.

Estava cansado e pronto para ir dormir, mas uma idéia fixou-se em sua memória: cantar com Nino Valenti. E de repente percebeu o que agradaria a Don Corleone mais do que qualquer outra coisa. Pegou o telefone e pediu à telefonista que o ligasse com Nova York. Chamou Sonny Corleone e perguntou-lhe o número de Nino Valenti. Em seguida, ligou para Nino, que parecia um pouco bêbedo, como de costume.

— Alô, Nino, você gostaria de vir para cá trabalhar para mim? — perguntou Johnny. — Preciso de um cara em que eu possa confiar.

— Palavra de honra, não sei Johnny, — respondeu Nino, brincando — tenho um bom emprego no caminhão, divertindo as mulheres casadas na minha rota, apanhando meus tranqüilos cento e cinqüenta dólares por semana. Que é que você me pode oferecer de melhor?

— Posso fazer você começar com quinhentos dólares e arranjar encontros com estrelas de cinema, que tal? — perguntou Johnny. — E talvez deixe você cantar em minhas festas.

— Sim, está bem, vou pensar no assunto — pilheriou Nino. — Vou falar com meu advogado, com meu contador e com meu ajudante de caminhão.

— Escute, Nino, nada de brincadeiras — retrucou Johnny. — Preciso de você aqui. Quero que você tome o avião amanhã de manhã e venha assinar um contrato de quinhentos dólares por semana por um ano. Depois, se você roubar uma das minhas mulheres e eu o despedir, você terá direito pelo menos a um ano de salário. Está bem?

Houve uma longa pausa. Nino perguntou com voz séria:

— Escute, Johnny, você não está brincando?

— Estou falando sério, menino — confirmou Johnny. — Vá ao escritório de meu agente em Nova York. Ali darão a você a passagem de avião e algum dinheiro. Vou telefonar para eles amanhã bem cedo. Assim, você pode passar lá de tarde. Está bem? Depois mandarei uma pessoa recebê-lo no avião e trazê-lo para casa.

Houve novamente uma longa pausa e depois a voz de Nino, muito reprimida, incerta, pronunciou:

— Está bem, Johnny.

Ele não parecia mais estar bêbedo.

Johnny desligou o telefone e preparou-se para dormir. Sentia-se melhor do que nunca desde que esmagara aquela matriz de gravação.

Capítulo 13

Johnny Fontane, sentado em seu enorme estúdio de gravação, calculava custos num bloco amarelo. Músicos entravam em fila na sala. Todos eram amigos que ele conhecera quando era menino e cantava com as bandas. O maestro, homem importante no negócio de acompanhamento de música popular e que fora bondoso para ele quando as coisas estiveram pretas, distribuía para cada músico um monte de partituras e instruções verbais. Seu nome era Eddie Neils. E aceitara o encargo dessa gravação como um favor a Johnny, embora quase não dispusesse de tempo para isso.

Nino Valenti estava sentado ao piano, brincando nervosamente com as teclas, e bebia o seu uísque em um copo grande. Johnny não ligava para isso. Sabia que Nino cantava bem, tanto bêbedo quanto sóbrio, e o que eles estavam fazendo hoje não exigia realmente qualquer aptidão musical da parte de Nino.

Eddie Neils fizera uns arranjos especiais de algumas antigas canções italianas e sicilianas, e um trabalho especial sobre a canção-desafio que Nino e Johnny haviam cantado no casamento de Connie Corleone. Johnny estava gravando o disco em primeiro lugar, porque sabia que Don Corleone gostava de tais canções e isso constituiria um ótimo presente de Natal para ele. Também tinha o palpite de que o disco seria vendido aos montes, embora talvez não chegasse a um milhão. Além disso, pensava que ajudar a Nino seria a melhor recompensa que Don Corleone podia querer. Afinal de contas, Nino também era um dos afilhados de Don Corleone.

Johnny colocou o bloco amarelo na cadeira dobradiça que estava a seu lado, levantou-se e postou-se junto ao piano.

— Escute, *paisan* — falou ele.

Nino olhou para ele, com ar de riso. Parecia estar adoentado. Johnny inclinou-se e esfregou-lhe as omoplatas.

— Calma, rapaz — disse ele. — Trabalhe direitinho hoje e eu lhe arranjarei uma trepada com uma das mulheres mais famosas de Hollywood.

Nino tomou um gole de uísque e perguntou:

— Quem é ela,. . . Lassie?

Johnny deu uma gargalhada.

— Não, Deanna Dunn. Garanto o material.

Nino ficou impressionado, mas não pôde deixar de dizer com uma falsa esperança:

— Você não pode conseguir a Lassie para mim?

A orquestra irrompeu com a canção de abertura da miscelânea. Johnny Fontane ouvia atentamente. Eddie Neils tocaria todas as canções nos seus arranjos especiais. Depois, se faria a primeira gravação do disco. À proporção que ouvia, Johnny ensaiava as notas mentalmente, entoaria exatamente cada frase e entraria em cada canção. Sabia que sua voz não agüentaria muito, mas Nino se encarregaria da maior parte do canto; Johnny cantaria em segundo plano. Exceto, naturalmente, na canção-desafio. Teria de se poupar para isso.

Puxou Nino para perto de si, e ambos se postaram ante os microfones. Nino desafinou na abertura e mais adiante. Começou a ficar vermelho e desconcertado. Johnny falou em tom de pilhéria:

— Que é isso, você está fazendo cera para ganhar extraordinário?

— Não me sinto à vontade sem o meu bandolim — respondeu Nino.

Johnny refletiu por um momento.

— Segure este copo com bebida — disse ele.

Parece que surtiu efeito. Nino continuou bebendo, enquanto cantava, e se saía bem. Johnny cantava com facilidade, sem esforço, com a voz floreada em torno da melodia principal entoada por Nino. Não havia qualquer satisfação emocional nessa espécie de canto, mas ficou admirado com a sua própria habilidade técnica. Dez anos de vocalização ensinaram-lhe alguma coisa.

Quando chegaram à canção-desafio que terminava o disco, Johnny soltou a voz e, quando acabaram as cordas vocais doíam-lhe. Os músicos se empolgaram com a canção final, coisa rara com esses veteranos calejados. Baixavam o som dos instrumentos e batiam com os pés aprovando, parecendo aplaudir. O homem da bateria deu-lhes um rufar.

Com interrupções e trocas de idéias, trabalharam quase quatro horas antes de pararem. Eddie Neils aproximou-se de Johnny e disse tranqüilamente:

— Você esteve muito bem, menino. Talvez esteja disposto a gravar um disco. Tenho uma canção nova que lhe vem a calhar.

Johnny balançou a cabeça.

— Deixe disso, Eddie, não me goze. Além disso, dentro de poucas horas estarei tão rouco que não serei capaz de falar. Você acha que temos de consertar muito o que fizemos hoje?

Eddie respondeu com ar pensativo:

— Nino terá de vir ao estúdio amanhã. Cometeu alguns erros. Mas é muito melhor do que eu pensava. Quanto à sua parte, vou fazer os engenheiros de som ajeitarem o que eu não gostar. Está bem?

— Está bem — respondeu Johnny. — Quando poderei ouvir a prensagem?

— Amanhã à noite — retrucou Eddie Neils. — Em sua casa.

— Sim — respondeu Johnny. — Obrigado, Eddie. Até amanhã.

Johnny tomou Nino pelo braço e retirou-se do estúdio. Foram para a casa dele e não para a de Ginny.

Nessa altura, quase anoitecia. Nino estava meio embriagado. Johnny aconselhou-lhe que tomasse um banho de chuveiro e tirasse uma soneca. Teriam de ir a uma grande festa às onze horas da noite.

Quando Nino acordou, Johnny instruiu-o.

— Essa festa é no Clube dos Corações Solitários das Estrelas de Cinema — disse ele. — As mulheres ali presentes são as senhoras que você já viu no cinema como rainhas da beleza e do encanto; por elas milhões de sujeitos seriam capazes de dar o braço direito, só pelo prazer de dar-lhes uma trepada. E o que as leva a comparecer à festa desta noite é que precisam achar alguém com quem dormir. Você sabe por quê? Porque estão ansiosas por isso, pois sentem-se um poucas velhas. E, como qualquer senhora de respeito, elas agem com um pouco de classe.

— Que é que há com sua voz? — perguntou Nino.

Johnny falava quase sussurrando.

— Sempre que eu canto um pouco, acontece isso. Agora não poderei cantar por um mês. Mas ficarei bom da rouquidão em poucos dias.

— É duro, hem? — interrogou Nino pensativo.

Johnny deu de ombros.

— Escute, Nino, não se embriague muito esta noite. Você precisa mostrar a essas mulheres que meu camarada *paisan* não é um moleirão. Você tem de colaborar. Lembre-se de que algumas dessas senhoras são muito poderosas no cinema e podem

arranjar trabalho para você. Não é difícil ser encantador depois de se conquistar uma pessoa.

Nino já enchia seu copo, de novo.

— Sou sempre encantador — atalhou.

Em seguida, esvaziou o copo.

— Fora de brincadeira, você pode, de fato, me aproximar de Deanna Dunn? — indagou rindo a Johnny.

— Não fique tão ansioso — disse Johnny. — Não vai ser como você pensa.

O Clube dos Corações Solitários das Estrelas de Cinema de Hollywood (assim chamado principalmente pelos jovens adolescentes cuja freqüência era obrigatória) reunia-se toda sexta-feira à noite na suntuosa residência de propriedade do estúdio, de Roy McElroy, agente de publicidade — ou, melhor, conselheiro de relações públicas — da Companhia Cinematográfica Internacional Woltz. Na verdade, embora fosse uma festa sem convites especiais de McElroy, a idéia surgira do espírito prático do próprio Jack Woltz. Algumas das suas estrelas cinematográficas que eram atração de bilheteria estavam agora ficando velhas. Sem a ajuda de luzes especiais e de maquiladores geniais, elas mostrariam a idade que realmente tinham. Por isso, surgiam problemas. Também, até certo ponto, tinham-se dessensibilizado física e mentalmente. Não podiam mais "apaixonar-se". Não podiam mais representar o papel de mulheres perseguidas. Tinham sido muito arrogantes por causa do dinheiro, da fama e de sua antiga beleza. Woltz dava essas festas, a fim de facilitar-lhes arranjar amantes, homens com quem dormir uma noite; se eles tivessem "peito", poderiam transformar-se em companheiros permanentes de cama e, assim, estaria aberto o caminho para a ascensão. Como, às vezes, a função se degenerava em brigas ou excessos sexuais que envolviam complicações com a polícia, Woltz resolveu promover as festas na casa do conselheiro de relações públicas, que estaria ali firme para ajeitar as coisas, dar "bola" aos homens da imprensa e da polícia e manter tudo em paz.

Para certos atores jovens e másculos do estúdio, que ainda não haviam atingido o estrelato ou papéis de destaque, comparecer às festas das noites de sexta-feira nem sempre era um dever agradável. Isso se explicava pelo fato de que um novo filme ainda a ser distribuído seria exibido na festa. Na verdade, isso era a desculpa para a própria realização da festa. O pessoal dizia: "Vamos ver como está o novo filme feito assim e assado". Desse modo, a coisa era apresentada sob um aspecto profissional.

As estrelas jovens eram proibidas de comparecer a tais festas. Ou antes, eram desencorajadas a comparecer. A maioria seguia o conselho.

A exibição dos filmes novos era realizada à meia-noite, e Johnny e Nino chegaram às onze horas. Roy McElroy revelou-se, à primeira vista, um homem agradável, bem penteado, elegantemente vestido. Saudou Johnny Fontane com um grito de admiração e alegria.

— Que diabo está você fazendo aqui? — indagou ele com verdadeiro espanto.

Johnny, apertando-lhe a mão, respondeu:

— Estou mostrando a meu primo do interior os lugares pitorescos. Apresento-lhe Nino.

McElroy apertou a mão de Nino e mediu-o dos pés à cabeça.

— Elas o comerão vivo — comentou com Johnny, e os conduziu para o pátio dos fundos.

O pátio dos fundos consistia em uma série de salas enormes, cujas portas de vidro abriam para um jardim e piscina. Havia quase cem pessoas espalhadas por ali, todas com bebidas na mão. A iluminação era engenhosamente preparada para realçar o rosto e a pele das mulheres. Eram as mulheres famosas que Nino vira nas telas dos cinemas escuros quando era adolescente. Elas tinham desempenhado seu papel nos seus sonhos eróticos da adolescência. Mas contemplá-las agora, em carne e osso, era como vê-las com uma maquilagem horrível. Nada podia lhes esconder o cansaço do espírito e da carne: o tempo destruíra-lhes a divindade. Embora posassem e se movimentassem com o encanto de que ele ainda se lembrava, pareciam, agora, frutas de cera. Nino tomou duas doses de bebida, aproximando-se de uma mesa que tinha uma porção de garrafas. Johnny acompanhou-o. Beberam juntos, até que por trás deles se ouviu a voz mágica de Deanna Dunn.

Nino, como milhões de outros homens, tinha essa voz sempre gravada na mente. Deanna Dunn ganhara dois prêmios da Academia, trabalhara no filme de maior sucesso de Hollywood. Na tela, possuía um encanto feminino felino que a tornava irresistível a todos os homens. Mas as palavras que ela pronunciava jamais tinham sido ouvidas no cinema.

— Johnny, seu patife, tive de ir ao psiquiatra novamente, porque você dormiu comigo uma noite. Como é que você nunca mais voltou, nem por alguns segundos?

Johnny deu-lhe um beijo na face que ela lhe oferecia.

— Você me deixou esgotado por um mês — respondeu ele. — Quero-lhe apresentar meu primo Nino. Um belo e forte rapaz italiano. Talvez ele possa acompanhar você.

Deanna Dunn voltou-se, para lançar um olhar frio para Nino.

— Ele gosta de assistir a pré-estréias?

Johnny deu uma gargalhada.

— Acho que ele ainda não teve oportunidade. Por que você não o inicia nisso?

Nino teve de tomar uma dose dupla de bebida, quando ficou a sós com Deanna Dunn. Tentou manter-se imperturbável, mas era difícil. Deanna Dunn tinha o nariz arrebitado, as feições clássicas, de contornos nítidos, de beldade anglo-saxã. E ele a conhecia tão bem. Ele a vira sozinha num quarto, desesperada, chorando pelo falecido marido aviador que a deixou com crianças órfãs do pai. Ele a vira zangada, magoada, humilhada, mas ainda com uma dignidade impressionante, quando um grosseiro Clark Gable abusou dela, depois deixou-a por uma mulher sensual. (Deanna Dunn nunca desempenha o papel de mulher sensual no cinema.) Ele a vira corar com um amor correspondido, contorcendo-se no abraço do homem que ela adorava, e morrer de uma maneira maravilhosa, pelo menos uma meia dúzia de vezes. Ele a vira, ouvira e sonhara com ela e, contudo, não estava preparado para a primeira coisa que ela disse a ele, quando ficaram a sós.

— Johnny é um dos poucos homens de culhão dessa cidade — disse ela. — O resto são todos uns veados e débeis mentais, incapazes de trepar com uma mulher nem que se metesse uma tonelada de hormônios nos seus testículos.

Ela tomou Nino pela mão e conduziu-o para um canto da sala, longe do movimento e de qualquer concorrência.

Depois, ainda friamente encantadora, ela fez algumas perguntas a respeito dele. Nino começou a estudá-la interiormente. Percebeu que ela estava desempenhando o papel da mocinha da alta sociedade que é gentil para o cavalariço ou o motorista, mas que no filme faria perder todo o interesse amoroso (se o papel fosse desempenhado por Spencer Tracy), ou abandonaria tudo em seu louco desejo por ele (se o papel fosse desempenhado por Clark Gable). Mas isso não importava. Principiou a contar-lhe como ele e Johnny tinham crescido juntos em Nova York, como ambos costumavam cantar em festas de clubes pequenos. Achou-a maravilhosamente atenta e interessada. Em um momento, perguntou casualmente:

— Você sabe como Johnny fez esse patife do Jack Woltz dar-lhe o papel?

Nino ficou gelado e balançou a cabeça. Ela não insistiu.

Chegara a hora de assistir-se à pré-estréia do novo filme de Woltz. Deanna Dunn conduziu Nino. Sua mão apertando com firmeza a dele, encaminhou-o para uma sala interna da mansão que não tinha janelas, e estava mobiliada com cerca de 50 sofás pequenos para duas pessoas, espalhados e um pouco afastados uns dos outros.

Nino observou uma pequena mesa ao lado do sofá e, sobre ela, havia um balde com gelo, copos e garrafas de bebida e uma bandeja de cigarros. Ofereceu um cigarro a Deanna Dunn, acendeu-o e depois preparou bebida para ambos. Não conversaram. Após alguns minutos as luzes se apagaram.

Nino esperava algo inominável. Afinal, sempre ouvira as histórias sobre a depravação em Hollywood. Não estava bem preparado para o ataque voraz de Deanna Dunn ao seu órgão sexual, sem uma palavra gentil e amável de preparação. Continuou a tomar sua bebida e a olhar para o filme, sem interesse e sem prestar atenção. Estava emocionado como nunca; em parte, devido ao fato de que aquela mulher que o estava "servindo" no escuro tinha sido o objeto de seus sonhos de adolescente.

Contudo, de certo modo, aquilo era um insulto à sua masculinidade. Assim, quando a mundialmente famosa Deanna Dunn estava saciada e arrumou a roupa dele, Nino friamente preparou uma nova bebida para ela e acendeu-lhe um novo cigarro e disse com a voz mais descansada que se possa imaginar:

— Isso parece ser um filme muito bom.

Ele a sentiu empertigar-se ao lado dele no sofá. Será que ela estava esperando alguma espécie de cortesia? Nino encheu o seu copo com a bebida da garrafa que estava ao alcance de sua mão. O diabo com isso. Ela o tratara como um detestável prostituto. Por algum motivo, ele agora sentia uma raiva fria de todas essas mulheres. Olharam o filme por mais quinze minutos. Ele inclinou-se para o lado contrário ao dela de forma que os seus corpos não se tocavam.

— Não fique assim bancando o rapazinho aborrecido, você gostou. Você foi até as nuvens.

Nino tomou um gole da bebida e respondeu na sua maneira espontânea natural.

— É o modo como isso *sempre* acontece. Você precisa ver quando estou excitado.

Ela sorriu e permaneceu quieta durante o resto do filme. Finalmente, terminou a exibição e se acenderam as luzes. Nino deu uma olhada em volta. Pôde observar que tinha havido um verdadeiro carnaval no escuro, embora, por estranho que pareça, ele não tivesse ouvido um ruído sequer. Algumas das damas tinham aquele olhar fixo, brilhante, de mulheres que acabavam de fazer uma coisa muito boa. Saíram lentamente da sala de projeção. Deanna Dunn largou-o logo para ir falar com um homem mais velho que ele. Nino reconheceu-o como um famoso artista de cinema, mas que só agora, vendo o cara em pessoa, percebeu que o tipo era veado. Tomou o gole e ficou cismando.

Johnny Fontane aproximou-se e perguntou:

— Que tal, amigo velho, divertindo-se muito?

Nino arreganhou os dentes.

— Não sei. É diferente. Agora, quando voltar para o meu velho lugarejo, poderei dizer que Deanna Dunn me possuiu.

Johnny deu uma gargalhada.

— Ela pode fazer melhor do que isso se convidá-lo a ir à casa dela. Não convidou?

Nino balançou a cabeça.

— Fiquei muito interessado pelo filme — respondeu ele.

Agora, Johnny não riu.

— Leve a coisa a sério, garoto — disse ele. — Uma mulher como essa pode fazer muito por você. Você está acostumado a levar tudo na brincadeira. Homem, às vezes ainda tenho pesadelos, quando me lembro daquelas donas feias que você gostava de apanhar.

Nino, um tanto alto, brandiu o copo e falou em voz bem alta:

— Sim, elas eram feias, mas eram *mulheres*.

Deanna Dunn, postada no canto, virou a cabeça para olhar para eles. Nino acenou-lhe com o copo, cumprimentando-a.

Johnny Fontane deu um suspiro.

— Está bem, você é apenas um camponês carcamano.

— E não vou mudar — respondeu Nino com seu sorriso de bêbedo.

Johnny compreendia-o perfeitamente. Sabia que Nino não estava tão embriagado como fingia. Sabia que ele estava apenas fingindo, para poder dizer coisas que achava rudes demais para se dizerem ao seu novo *padrone* de Hollywood, quando sóbrio. Ele pôs o braço em volta do pescoço de Nino e disse afetuosamente:

— Você, seu bêbedo sabido, sabe que tem um contrato rigoroso por um ano e pode dizer e fazer o que quiser que não posso despedir você.

— Você não pode me despedir? — perguntou Nino com astúcia de pau-d'água.

— Não — respondeu Johnny.

— Então foda-se — replicou Nino.

Por um momento, Johnny ficou surpreso e com raiva. Viu um riso de desprezo no rosto de Nino. Nos últimos anos ele devia ter ficado mais esperto, ou a sua queda do estrelato tornou-o mais sensível. Então compreendeu Nino, por que o seu parceiro de canto da meninice jamais conseguira êxito, por que ele estava procurando destruir qualquer oportunidade de êxito agora. Nino estava reagindo contra todas as possibilidades de êxito, e êle, de alguma forma, se sentia insultado pelo modo como Nino se estava comportando.

Johnny tomou-o pelo braço e levou-o para fora da casa. Nino agora mal podia andar. Johnny falava com ele brandamente:

— Está bem, menino, você apenas canta para mim, quero ganhar dinheiro com você. Não vou procurar dirigir a sua vida. Faça o que você quiser. Está bem, *paisan*? Tudo o que você tem a fazer é cantar para mim e ganhar dinheiro para mim, agora que não posso mais cantar. Compreendeu bem, amigo velho?

Nino endireitou-se.

— Vou cantar para você, Johnny — falou com a voz tão engrolada, que mal se podia entender. — Sou melhor cantor do que você agora. Sempre cantei melhor do que você, sabe disso?

Enquanto isso, Johnny pensava: assim era a coisa. Reconhecia que, quando tinha a voz sadia, Nino simplesmente não era páreo para ele, e nunca o fora naqueles anos em que cantaram juntos como meninos. Viu Nino esperando uma resposta, ziguezagueando bêbedo sob o luar da Califórnia.

— Foda-se — disse ele gentilmente, e os dois riram juntos, como nos velhos tempos em que eram igualmente jovens.

Quando Johnny Fontane recebeu a notícia do atentado contra Don Corleone, não só ficou preocupado, mas também permaneceu em dúvida sobre se o financiamento de seu filme continuava de pé. Tivera vontade de ir a Nova York apresentar os seus respeitos a seu Padrinho no hospital, mas aconselharam-no a evitar qualquer publicidade desfavorável, pois isso seria a última coisa que Don Corleone poderia querer. Assim ele esperou. Uma semana depois, chegou um mensageiro de Tom Hagen. O financiamento continuava de pé, apenas para um filme de cada vez.

Entrementes, Johnny deixou Nino viver a seu próprio modo em Hollywood e na Califórnia, e este estava indo muito bem com as jovens estrelinhas. Às vezes, Johnny o chamava para saírem juntos à noite, mas nunca o pressionava. Quando conversaram sobre o atentado contra Don Corleone, Nino disse a Johnny:

— Você sabe, uma vez pedi a Don Corleone que me conseguisse um emprego em sua organização e ele não me arranjou. Eu estava cansado de dirigir caminhão e queria fazer muita grana. Sabe o que ele me respondeu? Falou que todo homem tem apenas um destino e que meu destino era ser artista. Queria dizer que eu não podia ser um marginal.

Johnny refletiu nisso demoradamente. O Padrinho deve ser o sujeito mais inteligente do mundo. Sabia que Nino jamais podia ser um marginal, que logo se complicaria ou seria assassinado, por causa de suas piadas. E como Don Corleone podia saber que ele seria artista? Porque, ora bolas, ele imaginava que algum dia eu ajudaria Nino. E como podia ele imaginar isso? Porque me insinuaria algo e eu procuraria mostrar a minha gratidão. Naturalmente nunca me pediu que fizesse isso. Apenas me fez saber que se sentiria feliz se eu o fizesse. Johnny Fontane deu um suspiro. Agora, o Padrinho estava ferido, em situação difícil, e podia dizer adeus ao prêmio da Academia, pois Woltz estava trabalhando contra ele e não havia esperança de receber ajuda do outro lado. Somente Don Corleone tinha os contatos

pessoais que podiam pressioná-lo naquele sentido, e a Família Corleone tinha outras coisas em que pensar naquele momento. Johnny se oferecera para ajudar e Hagen respondera-lhe com um lacônico "não".

Johnny ocupava-se com o andamento de seu próprio filme. O autor do livro no qual se baseou o filme em que trabalhara como artista tinha terminado outra novela, e viera à Califórnia a convite de Johnny, para tratar diretamente do assunto, sem interferência de agentes ou estúdios. O segundo livro se adaptava perfeitamente ao desejo de Johnny. Ele não teria de cantar. A novela tinha um enredo picante, muitas mulheres, sexo e havia um papel que para Johnny logo pareceu ter sido feito sob medida para Nino. O tipo falava como Nino, agia e até parecia com ele. Era fantástico! Tudo o que Nino teria de fazer era mover-se ante as câmaras cinematográficas com a maior naturalidade.

Johnny trabalhava depressa. Achava que entendia muito mais de produção cinematográfica do que imaginara. Contratou um produtor executivo, um homem que conhecia o assunto, mas que tinha dificuldade em encontrar trabalho, porque estava na lista negra. Johnny não tirou proveito da situação e deu-lhe um bom contrato.

— Espero que você, desse jeito me poupe mais grana — falou ao homem com franqueza.

Ficou surpreso, quando o produtor executivo veio dizer-lhe que o representante do sindicato estava exigindo uma "gratificação" de cinqüenta mil dólares. Havia uma série de problemas a respeito de extraordinários e contratos de pessoal, de forma que os cinqüenta mil dólares seriam bem gastos. Johnny perguntou se o produtor executivo o estava pressionando e arrematou:

— Mande o cara do sindicato falar comigo.

O cara do sindicato era Billy Goff. Johnny disse a ele:

— Pensei que esse negócio do sindicato era arranjado pelos amigos. Disseram-me para não me preocupar com isso, de modo algum.

Goff perguntou:

— Quem lhe disse isso?

— Você sabe muito bem quem me disse — respondeu Johnny. — Não revelarei o nome dele, mas quando esse indivíduo me diz uma coisa acredito piamente.

— As coisas estão mudadas — retrucou Goff. — Seu amigo está em situação difícil e a palavra dele não tem mais valor aqui na Califórnia.

Johnny deu de ombros.

— Venha falar comigo daqui a alguns dias. Está bem?

Goff sorriu.

— Perfeitamente, Johnny — respondeu ele. — Mas telefonar para Nova York não vai lhe ajudar coisa alguma.

Telefonar para Nova York na verdade ajudou. Johnny falou com Hagen em seu escritório. Hagen disse-lhe rudemente para não pagar.

— Seu Padrinho vai ficar danado da vida, se você pagar um níquel a esse salafrário — falou ele a Johnny. — Isso fará Don Corleone perder prestígio e, no momento, ele não pode admitir tal coisa.

— Posso falar com Don Corleone? — perguntou Johnny. — Você fala com ele? Preciso rodar o filme.

— Ninguém pode falar com Don Corleone no momento — disse Hagen. — Ele está muito doente. Vou dizer a Sonny para arranjar a coisa. Porém, a decisão deve basear-se nisso. Não pague um níquel a esse espertalhão safado. Se houver alguma mudança, avisá-lo-ei.

Aborrecido, Johnny desligou o telefone. Uma complicação com o sindicato poderia aumentar uma fortuna no custo da produção do filme e prejudicar o trabalho de modo geral. Por um momento, pensou em passar os cinqüenta mil dólares para Goff, na surdina. Afinal, Don Corleone dizer-lhe alguma coisa e Hagen dar-lhe ordens eram duas coisas diferentes. Contudo, resolveu esperar alguns dias.

Com a espera, ele poupou cinqüenta mil dólares. Duas noites depois, Goff foi encontrado morto a tiros em sua casa, em Glendale. Não se falou mais em complicação com o sindicato. Johnny ficou um tanto abalado com o assassinato. Era a primeira vez que o comprido braço de Don Corleone dava um golpe mortal tão perto dele.

À medida em que as semanas passavam e ele se ocupava cada vez mais com a preparação do roteiro, com a escolha do elenco do filme e com os detalhes da produção, Johnny Fontane se esquecia de sua voz, de que não podia cantar. Contudo, quando surgiu a lista de nomes ao prêmio da Academia e viu o seu entre os candidatos, ficou deprimido, porque não o escolheram para cantar uma das melodias indicadas para o Oscar na cerimônia que seria televisada para tôda a nação. Todavia, conformou-se e continuou trabalhando. Não tinha esperança de ganhar o prêmio da Academia, agora que seu Padrinho não era mais capaz de exercer pressão, mas ser indicado como candidato já era alguma coisa.

O disco de canções italianas que ele e Nino gravaram estava sendo vendido muito mais do que qualquer outra coisa que êle tinha gravado ultimamente, apesar de reconhecer que o sucesso era mais de Nino do que seu. Resignou-se então à idéia de que jamais seria capaz de cantar novamente como profissional.

Uma vez por semana, jantava com Ginny e as meninas. Não importava quão complicadas estivessem as coisas, ele nunca faltava a esse dever, embora não dormisse com Ginny. Entre-

mentes, sua segunda mulher conseguira divórcio no México, e, assim, estava solteiro novamente. Era estranho que não estivesse tão "seco" para apanhar aquelas estrelinhas que cairiam facilmente na sua conversa. Ele estava muito esnobe. Ficara magoado, porque qualquer daquelas estrelas jovens que ainda estavam no apogeu jamais lhe dera a mínima bola. Mas era bom trabalhar com afinco. Quase toda noite ele ia para casa sozinho, punha seus velhos discos na vitrola, tomava a sua bebidazinha e cantarolava um pouco. Ele tinha sido bom, muito bom mesmo. E não compreendera como tinha sido bom. Mesmo sem levar em conta a sua voz excepcional, que poderia ter acontecido a qualquer um, ele era bom. Fora um verdadeiro artista e nunca soube quanto gostava disso. Estragara a voz com bebida, fumo e mulheres, justamente quando veio a compreender quanto isso valia.

Às vezes, Nino vinha tomar um trago e escutava os discos em sua companhia, e Johnny dizia-lhe desdenhosamente:

— Você, seu carcamano safado, jamais cantou assim em sua vida.

E Nino lhe respondia com aquele riso curioso e encantador e balançava a cabeça dizendo:

— Não, e jamais cantarei — pronunciando as palavras com uma voz complacente, como se adivinhasse o que Johnny estava pensando.

Finalmente, uma semana antes de rodar o novo filme, chegou a noite da outorga do prêmio da Academia. Johnny convidou Nino para acompanhá-lo, mas Nino recusou. Johnny suplicou:

— Companheiro, nunca lhe pedi um favor, certo? Faça-me um favor esta noite e venha comigo. Você é o único sujeito que vai sentir, realmente, se eu não ganhar.

Por um momento, Nino ficou espantado. Depois respondeu:

— Perfeitamente, meu velho, irei com você.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Se você não ganhar, esqueça o assunto. Fique tão embriagado o quanto você puder, que tomarei conta de você. Diabo, eu mesmo nem vou beber esta noite. Que tal, só por ser companheiro?

— Homem, — respondeu Johnny Fontane — é ser mesmo muito companheiro.

Na hora de ir para a cerimônia da Academia, Nino manteve a sua promessa. Compareceu à casa de Johnny completamente sóbrio, e os dois partiram juntos para o local da apresentação. Nino ignorava por que Johnny não convidara nenhuma de suas ex-garotas ou ex-esposas para o jantar daquela noite. Especialmente Ginny. Será que pensava que ela não torceria por ele? Nino desejaria tomar apenas um trago, parecia que ia ter uma noite horrivelmente longa.

Nino Valenti achou toda a cerimônia da concessão do prêmio da Academia muito chata, até que foi anunciado o vencedor do melhor artista masculino. Quando ouviu as palavras "Johnny Fontane", deu um pulo para cima e começou a aplaudir. Johnny estendeu a mão e Nino apertou-a. Sabia que o seu companheiro precisava do contato humano, de alguém em quem confiasse, e Nino sentia uma enorme tristeza pelo fato de Johnny não ter ninguém melhor do que ele para partilhar esse momento de glória.

O que se seguiu foi um verdadeiro pesadelo. O filme de Jack Woltz arrebatou todos os prêmios importantes e, assim, a festa do estúdio estava cheia de gente de jornal e de todos os futuros malandros do sexo masculino e feminino. Nino manteve a sua promessa de conservar-se sóbrio, e procurou vigiar Johnny. Mas as mulheres da festa insistiam em puxar Johnny Fontane para os quartos a fim de bater um papo e Johnny ficava cada vez mais bêbedo.

Entrementes, a mulher que ganhara o prêmio de melhor atriz estava sofrendo o mesmo destino, mas estava gostando mais disso e aproveitando mais a situação. Nino a rejeitou, o único homem da festa a fazer isso.

Finalmente, alguém teve uma grande idéia. O acasalamento público dos dois vencedores, para que todos os presentes à festa assistissem ao espetáculo. A atriz foi desnudada e as outras mulheres começavam já a tirar a roupa de Johnny Fontane. Foi então que Nino, a única pessoa sóbria ali, agarrou o semivestido Johnny e jogou-o sobre o ombro, abrindo caminho para sair da casa e levá-lo para o carro. Enquanto dirigia o carro para a casa de Johnny, Nino pensou que, se aquilo era sucesso, ele jamais o desejaria na vida.

LIVRO III

Capítulo 14

Don Corleone já era um verdadeiro homem com a idade de 12 anos. Baixo, moreno, franzino, vivendo na estranha aldeia de Corleone, de aspecto mourisco, na Sicília, seu verdadeiro nome era Vito Andolini, mas quando alguns estranhos vieram matar o filho do homem que tinham assassinado, a mãe mandou o menino para a América, a fim de ficar com amigos. E na nova terra ele mudou o nome para Corleone, visando a manter alguma ligação com a sua aldeia natal. Foi uma das poucas atitudes sentimentais que realizaria na vida.

Na Sicília, no fim do século, a Máfia era o segundo governo, sendo muito mais poderosa do que o governo oficial de Roma. O pai de Vito Corleone se viu envolvido numa rixa com outro aldeão que levou o caso à Máfia. O pai não quis se submeter e, numa briga pública, matou o chefe local da Máfia. Uma semana depois, ele próprio foi encontrado morto, seu corpo dilacerado por cargas de *lupara*. Um mês depois do enterro, pistoleiros da Máfia vieram fazer perguntas sobre o menino Vito. Tinham resolvido que ele estava muito perto de se tornar adulto e que poderia procurar vingar a morte do pai nos anos vindouros. O menino de 12 anos, Vito, foi escondido por parentes e embarcado para a Amériça. Aí ficou aos cuidados dos Abbandando, cujo filho Genco se tornaria posteriormente *consigliori* de seu Don.

O rapazinho Vito foi trabalhar no armazém dos Abbandando na Nona Avenida, na zona de Nova York. Aos 18 anos de idade casou-se com uma garota recém-chegada da Sicília, de apenas 16

anos, uma ótima cozinheira e boa dona de casa. Instalaram-se numa casa da Décima Avenida, perto da 35.ª Rua, apenas a poucos quarteirões do lugar em que Vito trabalhava, e dois anos depois nascia-lhes o primeiro filho, Santino, chamado por todos os seus amigos Sonny (Filhinho) devido à sua devoção ao pai.

Nas imediações vivia um homem chamado Fanucci. Era um italiano pesadão, de aspecto feroz, que usava finas roupas, invariavelmente claras, e um chapéu creme. Esse homem era considerado como pertencente à "Mão Negra", uma ramificação da Máfia que extorquia dinheiro das famílias e dos donos de lojas e armazéns sob ameaça de violência física. Contudo, como quase todos os habitantes das redondezas, eles próprios eram violentos, e as ameaças de ataque corporal de Fanucci só surtiam efeito com os casais idosos que não tinham filhos homens para defendê-los. Alguns comerciantes pagavam-lhe quantias insignificantes por uma questão de conveniência. Contudo, Fanucci era também um inimigo mortal de outros criminosos, os indivíduos que vendiam ilegalmente a loteria italiana ou que mantinham jogos de azar em suas próprias casas. O armazém dos Abbandando fornecia-lhe uma pequena contribuição, isso apesar dos protestos do jovem Genco, que dizia ao pai que resolveria o caso com Fanucci. O pai o proibiu. Vito Corleone observava tudo isso sem se sentir de qualquer maneira envolvido na questão.

Um dia, Fanucci foi atacado por três rapazes que lhe cortaram a garganta de uma a outra orelha, não tão profundamente para matá-lo, mas o bastante para assustá-lo e fazê-lo sangrar um bocado. Vito viu Fanucci fugir de seus atacantes, com o talho circular jorrando sangue. O que nunca esqueceu foi a cena de Fanucci segurando o chapéu creme por baixo do queixo para aparar o sangue que escorria. Como se não quisesse manchar a roupa ou não quisesse que vissem seu rosto ensangüentado.

Entretanto, esse ataque acabou se transformando num benefício para Fanucci. Os três rapazes não eram assassinos, mas apenas valentões resolvidos a dar-lhe uma lição e a fazê-lo parar de perseguir os outros criminosos. Mas Fanucci provou ser um assassino. Algumas semanas depois, o rapaz que utilizara a faca contra Fanucci foi morto a bala, e as famílias dos outros dois rapazes pagaram-lhe uma indenização para fazê-lo desistir da vingança. Depois disso, as contribuições se tornaram cada vez maiores, e Fanucci se tornou sócio dos jogos de azar das redondezas. Quanto a Vito Corleone, isso nada lhe interessava. Esqueceu tudo a respeito, imediatamente.

Durante a I Guerra Mundial, quando a importação de azeite se tornou difícil, Fanucci adquiriu uma parcela de interesse no armazém dos Abbandando, fornecendo-lhe não somente azeite, mas também salame, presuntos e queijos importados da Itália. Então meteu um sobrinho no armazém, e Vito Corleone viu-se desempregado.

Por essa época, o segundo filho, Frederico, tinha nascido, e Vito Corleone tinha quatro bocas para alimentar. Até aquele tempo, ele fora um rapaz sossegado, comedido, que guardava seus pensamentos para si mesmo. O filho do dono do armazém, o jovem Genco Abbandando, era seu amigo mais íntimo e, para surpresa de ambos, Vito censurou o amigo pela ação do pai. Genco, vermelho de vergonha, garantiu a Vito que ele não precisaria preocupar-se a respeito de comida. Que ele, Genco, roubaria comida do armazém para atender as necessidades do amigo. Essa oferta, porém, foi terminantemente rejeitada por Vito por ser muito vergonhoso um filho roubar o pai.

O jovem Vito, contudo, passou a sentir uma raiva surda pelo temível Fanucci. Nunca demonstrou essa raiva de modo algum, mas aguardava uma oportunidade. Trabalhou na estrada de ferro por alguns meses e depois, quando a guerra terminou, o serviço se tornou escasso, e ele só conseguia trabalhar alguns dias por mês. Além disso, a maioria dos capatazes eram irlandeses ou americanos e insultavam os trabalhadores usando a linguagem mais suja possível, o que Vito sempre suportava impassivelmente já que fingia não compreender, embora entendesse inglês muito bem, apesar de seu sotaque.

Uma noite, quando Vito estava ceando com a família, ouviu uma pancada na janela que dava para a estreita passagem que separava sua casa do prédio vizinho. Quando puxou a cortina para o lado, Vito viu com espanto um dos rapazes da redondeza, Peter Clemenza, inclinando-se para fora da janela do outro lado da passagem. Estava estendendo uma trouxa de lençol branco.

— Olhe aqui, *paisan* — disse Clemenza. — Guarde isso para mim até eu pedir de volta. Depressa!

Automaticamente, Vito esticou as mãos pelo espaço vazio da passagem de ar e agarrou a trouxa. O rosto de Clemenza denotava tensão e premência. Ele se encontrava em alguma dificuldade e o gesto de ajuda de Vito foi instintivo. Mas, quando Vito abriu a trouxa na cozinha, viu cinco armas de fogo lubrificadas manchando o pano branco. Ele as pôs no armário do quarto de dormir e esperou. Soube então que Clemenza tinha sido levado pela polícia. Os tiras deviam estar batendo na porta de Clemenza quando ele lhe passou as armas pela janela.

Vito nunca disse uma palavra a ninguém e, naturalmente, sua mulher, aterrorizada, não se atrevia a abrir a boca, nem mesmo para mexericos, com medo de que o próprio marido fôsse enviado para a cadeia. Dois dias depois, Peter Clemenza reapareceu por lá e perguntou a Vito casualmente:

— Você ainda está com meu material?

Vito acenou com a cabeça afirmativamente. Tinha o hábito de falar pouco. Clemenza foi até o apartamento de Vito, onde

lhe ofereceram um copo de vinho, enquanto Vito desentocava a trouxa do armário do quarto de dormir.

Clemenza bebeu o vinho, enquanto o seu rosto bonachão contemplava atentamente Vito.

— Você viu o que tem aí dentro?

Vito, com o rosto impassível, balançou a cabeça.

— Não me interesso por coisas que não me dizem respeito — respondeu ele.

Beberam vinho juntos o resto da noite. Acharam que havia muita afinidade entre ambos. Clemenza gostava de contar histórias; Vito Corleone gostava de ouvir contadores de histórias. Tornaram-se amigos imediatamente.

Alguns dias depois, Clemenza perguntou à mulher de Vito Corleone se ela gostaria de ganhar um tapete fino para o assoalho de sua sala de estar. Ele levou Vito consigo para ajudar a carregar o tapete.

Clemenza levou Vito até um edifício de apartamentos, o qual possuía duas colunas de mármore branco e uma pia de água benta do mesmo material no *hall*. Clemenza abriu a porta com a chave, e ambos entraram num apartamento elegante.

— Vá para o outro lado da sala e ajude-me a enrolá-lo — gritou Clemenza.

O tapete era uma rica peça de lã vermelha. Vito Corleone ficou espantado com a generosidade de Clemenza. Os dois juntos enrolaram o tapete; em seguida Clemenza pegou numa ponta do rolo enquanto Vito pegava na outra. Levantaram-no e começaram a carregá-lo na direção da porta.

Nesse momento, a campainha do apartamento tocou. Clemenza imediatamente deixou cair o tapete e correu para a janela. Puxou a cortina ligeiramente para o lado, e o que ele viu fê-lo sacar o revólver de dentro do paletó. Foi somente aí que o espantado Vito Corleone percebeu que estavam roubando o tapête do apartamento de um estranho.

A campainha tocou novamente. Vito foi até perto de Clemenza para poder ver o que estava acontecendo. Na porta estava um polícia uniformizado. Enquanto observavam, viram o polícia dar um último toque na campainha da porta e depois dar de ombros e descer a escada de mármore e seguir rua afora.

Clemenza deu um grito de satisfação e disse:

— Vamos embora.

Clemenza apanhou a sua ponta do tapete e Vito pegou a sua. O polícia mal tinha dobrado a esquina e eles já estavam saindo pela pesada porta de carvalho e caminhando pela rua com o tapete entre eles. Meia hora mais tarde estavam cortando o tapete para caber na sala de estar do apartamento de Vito Corleone. Tinham ainda deixado um bom pedaço do tapete para o quarto de dormir. Clemenza trabalhava com desenvoltura, e

dos bolsos de seu largo paletó, mal assentado (mesmo então ele gostava de usar roupas folgadas, embora não fosse tão gordo), tirava as ferramentas necessárias para cortar o tapete.

O tempo passava, mas as coisas não melhoravam. A família Corleone não podia comer o bonito tapete. Muito bem, não havia trabalho, sua mulher e filhos deviam morrer de fome. Vito apanhou alguns pacotes de mantimento com seu amigo Genco, enquanto pensava como resolver a situação. Finalmente, foi procurado por Clemenza e Tessio, outro rapaz que era um mau elemento da redondeza. Eram homens que pensavam bem dele, da maneira pela qual ele se conduzia, e sabiam que ele estava desesperado. Propuseram-lhe que se tornasse membro da quadrilha deles, que se especializara em atacar caminhões de vestidos de seda depois que eram carregados na fábrica da Rua 31. Não havia risco. Os motoristas dos caminhões eram trabalhadores ajuizados que à vista de uma arma de fogo voavam para a calçada como anjos, enquanto os assaltantes levavam o caminhão para ser descarregado no armazém de um amigo. Uma parte da mercadoria era vendida a um atacadista italiano, e o restante vendido de porta em porta nas zonas residenciais — Avenida Arthur, no Bronx, Rua Mulberry, e distrito de Chelsea, em Manhattan —, tudo a famílias italianas pobres à procura de uma pechincha, cujas filhas jamais poderiam dar-se ao luxo de comprar vestidos tão finos pelo preço real. Clemenza e Tessio precisavam de Vito para dirigir o caminhão, pois sabiam que ele dirigira o caminhão de entrega do armazém dos Abbandando. Em 1919, bons motoristas eram raríssimos.

Contra a própria vontade, Vito Corleone aceitou a oferta. O argumento decisivo foi o de que ele arranjaria pelo menos mil dólares como sua parte no trabalho. Porém seus jovens companheiros pareciam-lhe impetuosos, o plano de trabalho era duvidoso, a distribuição do saque, malfeita. Todo o sistema de ação deles era muito deficiente para o seu gosto. Mas ele os considerava rapazes direitos, bons. O corpulento Peter Clemenza inspirava segurança, e o franzino e sério Tessio inspirava confiança.

O próprio trabalho processou-se sem qualquer dificuldade. Vito Corleone não sentiu medo, para grande espanto seu, quando os seus dois camaradas puxaram as armas e fizeram o motorista saltar do caminhão. Ficou também impressionado com a frieza de Clemenza e Tessio. Não se mostraram nervosos, mas ao contrário brincaram com o motorista dizendo-lhe que se ele se comportasse como um bom rapaz mandariam alguns vestidos para a mulher dele. Como Vito achava que era estupidez vender ele mesmo os vestidos, resolveu entregar toda a sua parte do roubo a um receptador, apurando apenas setecentos dólares, o que era uma soma enorme em 1919.

No dia seguinte, Vito Corleone foi detido na rua por Fanucci que usava uma roupa creme e chapéu branco. Fanucci era um homem de aspecto brutal e nada fizera para disfarçar a cicatriz circular que se estendia num semicírculo branco de orelha a orelha, dando a volta por baixo do queixo. Tinha sobrancelhas pretas cerradas e feições grosseiras que, quando sorria, pareciam de maneira estranha amáveis.

Ele falava com um sotaque siciliano muito carregado.

— Ah, meu rapaz — disse ele a Vito. — O pessoal me disse que você está rico. Você e seus dois amigos. Mas você não pensa que me tratou um pouco mesquinhamente? Afinal de contas, isso é meu território e vocês deviam me deixar molhar o bico.

Ele usava a expressão siciliana da Máfia: "*Fari vagnari a pizzu.*" *Pizzu* significa o bico de qualquer passarinho, como por exemplo o canário. A própria expressão era uma exigência de parte do saque.

Como era seu hábito, Vito Corleone não respondeu. Compreendeu a insinuação imediatamente e estava esperando uma exigência direta.

Fanucci sorriu para ele, mostrando os dentes de ouro e esticando a cicatriz circular em torno de seu rosto. Enxugou o rosto com um lenço e desabotoou o paletó por um momento como que para se refrescar, mas na realidade para mostrar a arma que trazia na cintura de suas calças confortavelmente largas. Depois deu um suspiro e disse:

— Você me dá quinhentos dólares e eu esqueço o insulto. Afinal de contas, a gente moça ignora as cortesias devidas a um homem como eu.

Vito Corleone sorriu para ele, e mesmo para um jovem ainda inexperiente havia algo tão enregelante em seu sorriso que Fanucci hesitou um momento antes de prosseguir.

— Do contrário, a polícia vai fazer uma visita a você; sua mulher e filhos ficarão envergonhados e na miséria. Naturalmente se a minha informação sobre os seus ganhos está incorreta eu molharei o bico apenas um pouquinho. Mas nada menos de trezentos dólares. E não procure me enganar.

Pela primeira vez, Vito Corleone falou. Sua voz apresentava um tom moderado, não mostrava raiva. Ele foi cortês, como competia a um jovem falando a um homem mais velho da importância de Fanucci. Disse brandamente:

— Meus dois amigos estão com a minha parte do dinheiro. Tenho de falar com eles.

Fanucci procurou tranqüilizá-lo.

— Você pode dizer aos seus dois amigos que espero que eles me deixem molhar o bico da mesma maneira. Não tenha medo de dizer a eles — acrescentou Fanucci para animá-lo. — Clemenza e eu nos conhecemos bem um ao outro, ele compreende essas

coisas. Você deve deixar-se guiar por ele, pois ele tem muita experiência nesses assuntos.

Vito Corleone deu de ombros. Procurou fingir que estava um pouco embaraçado.

— É verdade — respondeu ele. — O senhor compreende que tudo isso é novo para mim. Obrigado por falar comigo como um padrinho.

Fanucci ficou impressionado.

— Você é um bom sujeito — disse ele.

Depois pegou a mão de Vito e apertou-a entre as suas mãos cabeludas.

— Você tem respeito — continuou ele. — Uma coisa bonita nos jovens. Da próxima vez, você fale primeiro comigo, hem? Talvez eu possa ajudá-lo em seus planos.

Anos depois, Vito Corleone compreendeu que o que o fez agir de modo tão perfeito e tático com Fanucci foi a morte do seu próprio pai, de temperamento violento, que fora assassinado pela Máfia na Sicília. Porém, naquela ocasião, tudo o que ele sentia era uma raiva gélida de que aquele homem planejava roubá-lo do dinheiro que ele conseguira com o risco da vida e da liberdade. Não tivera medo. Na verdade, naquele momento, pensou que Fanucci fosse um bobo maluco. Pelo que vira de Clemenza, aquele robusto siciliano daria antes a vida do que um níquel de seu saque. Afinal de contas, Clemenza estivera prestes a matar um polícia somente para roubar um tapete. E o franzino Tessio tinha o ar mortal de uma víbora.

À noite, porém, no apartamento de Clemenza, do outro lado da passagem de ar, Vito Corleone aprendeu outra lição no aprendizado que estava começando a receber. Clemenza praguejou, Tessio ameaçou, mas depois os dois passaram a discutir se Fanucci ficaria satisfeito com duzentos dólares. Tessio achava que sim.

Clemenza foi positivo.

— Não, esse patife "cara de cicatriz" deve ter descoberto o que apuramos com o atacadista que comprou os vestidos. Fanucci não aceitará um níquel menos do que trezentos dólares. Teremos de pagar.

Vito ficou espantado, mas teve o cuidado de não demonstrar o seu espanto.

— Por que temos de pagar a ele? Que pode ele fazer a nós três? Somos mais fortes do que ele. Temos armas. Por que temos de entregar o dinheiro que ganhamos?

Clemenza explicou pacientemente:

— Fanucci tem amigos, verdadeiros animais. Tem ligações com a polícia e gostaria que lhe contássemos nossos planos. porque nos denunciaria aos tiras e obteria a gratidão deles. Então eles lhes deveriam um favor. É assim que ele age sempre. Tem

uma licença do próprio Maranzalla para trabalhar nesta redondeza.

Maranzalla era um *gangster* freqüentemente mencionado nos jornais e considerado como o chefe de uma quadrilha de bandidos especializados em extorsão, jogos de azar e roubo a mão armada.

Clemenza serviu vinho que ele mesmo tinha feito. Sua mulher, depois de pôr um prato de salame, azeitonas e um pão italiano na mesa, desceu e foi sentar-se com as amigas em frente do prédio, levando uma cadeira consigo. Era uma moça italiana que estava há poucos anos no país e ainda não entendia o inglês.

Vito Corleone sentou-se com os dois amigos e começou a beber vinho. Jamais usara a inteligência antes como a estava usando agora. Estava surpreso como podia pensar tão claramente. Lembrou-se de tudo o que sabia sobre Fanucci. Lembrou-se do dia em que o homem tivera a sua garganta cortada e correra pela rua segurando o chapéu debaixo do queixo para aparar o sangue que escorria. Lembrou-se do assassinato do rapaz que usara a faca e dos outros dois que tiveram a sentença anulada pelo pagamento de uma indenização. E de repente teve certeza de que Fanucci não tinha grandes ligações, não podia ter. Nem um homem que informasse à polícia. Nem um homem que permitisse que sua vingança fosse comprada por dinheiro. Um verdadeiro chefe *mafioso* teria matado também os outros dois rapazes. Não. Fanucci tivera sorte e matara um dos rapazes, mas sabia que não podia matar os outros dois depois de estarem eles alerta. E assim acedeu em receber dinheiro em troca da suposta vingança. Era a força brutal do próprio homem que lhe permitia arrecadar tributo dos comerciantes e dos jogos de azar realizados nos apartamentos. Mas Vito Corleone conhecia pelo menos uma dessas bancas de jogo que não pagava tributos e jamais acontecera qualquer coisa ao homem responsável por ela.

E assim Fanucci agia sozinho. Ou então contratava alguns pistoleiros para determinados serviços, pagando-lhes rigorosamente em dinheiro. O que levou Vito Corleone a tomar outra decisão. O rumo que a sua própria vida devia seguir.

Foi dessa experiência que lhe veio a crença freqüentemente repetida de que todo homem tem apenas um destino. Naquela noite, poderia ter pago a Fanucci o tributo e se tornado um caixeiro de armazém com a possibilidade de ter seu próprio negócio nos anos vindouros. Mas o destino resolvera que ele deveria tornar-se um Don e lhe trouxera Fanucci para pô-lo na trajetória de seu destino.

Quando acabaram a garrafa de vinho, Vito disse cautelosamente a Clemenza e Tessio:

— Se vocês querem, por que não me dão duzentos dólares

cada um para pagar a Fanucci? Garanto que ele aceitará esta quantia de mim. Depois deixem tudo por minha conta. Resolverei este problema de modo satisfatório para vocês.

Os olhos de Clemenza prontamente começaram a brilhar com desconfiança. Vito disse-lhe friamente:

— Nunca menti a pessoas que considero minhas amigas. Fale você com Fanucci amanhã. Deixe que ele lhe peça o dinheiro. Mas não pague a ele. E de forma alguma discuta com ele. Diga apenas que você vai arranjar o dinheiro e entregar a mim para dar a ele. Deixe que ele compreenda que você deseja pagar o que ele pede. Não regateie. Eu discutirei o preço com ele. Não há vantagem em fazê-lo ficar zangado conosco, se ele é um homem tão perigoso como você diz.

Deixaram a coisa nesse pé. No dia seguinte, Clemenza falou com Fanucci para ter a certeza de que Vito não estava inventando a história. Depois Clemenza foi ao apartamento de Vito e deu-lhe os duzentos dólares. Olhou curiosamente para Vito Corleone e perguntou:

— Fanucci me disse que não aceitaria nada inferior a trezentos dólares, como você vai fazê-lo aceitar menos?

— Certamente isso não lhe interessa — respondeu Vito Corleone tranqüilamente. — Lembre-se apenas de que lhe prestei um serviço.

Tessio veio mais tarde. Foi mais reservado do que Clemenza, mais esperto, mais manhoso e também mais conformado. Sentia que faltava algo, algo não muito claro. Ele estava um pouco preocupado e disse a Vito Corleone:

— Tome cuidado com esse patife da Mão Negra, ele é astucioso como um padre. Quer que eu esteja aqui quando você lhe entregar o dinheiro, como testemunha?

Vito Corleone balançou a cabeça. Nem sequer se preocupou em responder. Apenas pediu a Tessio:

— Diga a Fanucci que pagarei a ele o dinheiro aqui em minha casa às nove horas da noite. Vou ter de dar a ele um copo de vinho e falar, argumentar com ele para aceitar uma quantia menor.

Tessio balançou a cabeça.

— Você não vai ter muita sorte. Fanucci nunca recua.

— Vou argumentar com ele — retrucou Vito Corleone.

Isso se tornaria uma frase famosa nos anos vindouros. Tornar-se-ia o matraquear de advertência antes de um ataque mortal. Quando ele se tornou um Don e pedia aos adversários para se sentarem e argumentarem com ele, eles compreendiam que era a última oportunidade para resolverem uma questão sem derramamento de sangue e assassinato.

Vito Corleone falou com a mulher para descer com os dois filhos, Sonny e Fredo, para a rua depois da ceia e não permitir

de modo algum que subissem, enquanto ele não lhe desse permissão. Ela devia ficar de guarda na porta do apartamento. Ele tinha um negócio particular a resolver com Fanucci que não podia ser interrompido. Viu o ar de medo estampado no rosto da mulher e ficou zangado. Então disse calmamente a ela:

— Você pensa que casou com um idiota?

Ela não respondeu. Não respondeu porque estava com medo, agora não de Fanucci, mas de seu marido. Ele se estava transformando visivelmente ante seus olhos, hora a hora, num homem que irradiava uma força perigosa. Toda a vida fora calmo, falando pouco, mas sempre gentil, sempre sensato, o que era extraordinário num rapaz siciliano. O que ela estava vendo agora era a mudança de sua personalidade. Estava deixando de ser um joão-ninguém inofensivo para iniciar o seu próprio destino. Ele havia iniciado tarde, estava com 25 anos de idade, mas devia iniciar com vigor.

Vito Corleone tinha resolvido matar Fanucci. Fazendo isso, ele teria mais setecentos dólares em caixa. Os trezentos dólares que ele próprio teria de pagar ao terrorista da Mão Negra, os duzentos de Tessio e os duzentos de Clemenza. Se ele não matasse Fanucci, teria de pagar ao homem setecentos dólares ali na bucha. Fanucci vivo não valia para ele essa importância. Não pagaria setecentos dólares para manter Fanucci vivo. Se Fanucci precisasse de setecentos dólares para uma operação, a fim de salvar a vida, ele não daria a Fanucci o dinheiro para pagar ao cirurgião. Não tinha nenhuma dívida de gratidão com Fanucci, eles não eram parentes consangüíneos, ele não gostava de Fanucci. Por que, então, devia dar a Fanucci setecentos dólares?

E seguia-se inevitavelmente que, desde que Fanucci desejava tomar setecentos dólares dele à força, por que não devia ele matar Fanucci? Certamente o mundo podia passar sem tal indivíduo.

Havia naturalmente alguns motivos práticos. Fanucci podia na verdade ter amigos poderosos que procurariam vingança. O próprio Fanucci era um homem perigoso, não tão fácil de ser morto. Havia a polícia e a cadeira elétrica. Mas Vito Corleone vivera sob uma sentença de morte desde o assassinato de seu pai. Menino ainda, com a idade de 12 anos, ele fugira de seus executores e cruzara o oceano para viver numa terra estranha, adotando um nome estranho. E anos de tranqüila observação o convenceram de que ele tinha mais inteligência e mais coragem do que outros homens, embora nunca tivesse tido a oportunidade de usar essa inteligência e essa coragem.

Contudo, ele hesitava antes de dar esse primeiro passo em direção de seu destino. Chegou a juntar os setecentos dólares num único maço de notas e pôs o dinheiro no bolso lateral esquerdo das calças. Entretanto, no bolso do lado direito pôs o revólver que Clemenza lhe dera para usar no assalto do caminhão.

Fanucci chegou pontualmente às nove horas da noite. Vito Corleone pôs na mesa um jarro de vinho caseiro que Clemenza lhe dera.

Fanucci pôs seu chapéu branco sobre a mesa ao lado do jarro de vinho. Desapertou sua larga gravata multiflorida, com suas manchas de tomate camufladas pelos desenhos brilhantes. A noite de verão estava quente, a luz de gás fraca. O apartamento estava bastante sossegado. Mas Vito Corleone estava gelado. Para mostrar sua boa-fé entregou o maço de notas a Fanucci e observou cuidadosamente como este, depois de contá-las, tirou do bôlso uma carteira larga de couro e meteu o dinheiro lá dentro. Fanucci bebeu um gole de vinho e disse:

— Você ainda me deve duzentos dólares.

O seu rosto de sobrancelhas cerradas estava inexpressivo.

Vito Corleone respondeu com sua voz fria moderada:

— Estou um pouco sem dinheiro, estou desempregado. Vou ficar devendo o dinheiro por algumas semanas.

Isso era uma desculpa admissível. Fanucci recebera o grosso do dinheiro e esperaria. Ele podia até ser persuadido a não receber mais nada ou a esperar um pouco mais. Exultou com o vinho e disse:

— Ah, você é um rapaz esperto. Como é que nunca dei atenção a você antes? Você é um sujeito muito sossegado para o que pode fazer. Eu poderia encontrar algum trabalho para você fazer que seria muito lucrativo.

Vito Corleone mostrou seu interesse com um delicado aceno de cabeça e encheu o copo de Fanucci despejando o vinho do jarro. Mas Fanucci pensou melhor no que ia dizer e se levantou da cadeira apertando a mão de Vito.

— Boa noite, rapaz — disse ele. — Nada de ressentimentos, hem? Se eu puder prestar algum serviço a você, é só me avisar. Você saiu-se muito bem esta noite.

Vito deixou Fanucci descer as escadas e sair do prédio. A rua estava apinhada de testemunhas para mostrar que ele deixara a casa de Corleone são e salvo. Vito observava da janela. Viu Fanucci dobrar a esquina na direção da 11.ª Avenida e sabia que êle se encaminhava para o seu apartamento, provavelmente para guardar o dinheiro antes de sair para a rua novamente. Talvez para guardar a sua arma. Vito Corleone deixou o seu apartamento e subiu as escadas para o telhado. Percorreu o bloco quadrado de telhados e desceu as escadas da saída de incêndio de um sótão vazio que o deixou no quintal do prédio. Abriu a porta dos fundos a pontapés e atravessou a porta da frente. Do outro lado da rua era o edifício de apartamentos de Fanucci.

Os prédios residenciais se estendiam para oeste somente até a 10.ª Avenida. A 11.ª Avenida era constituída principalmente de armazéns e sótãos alugados pelas firmas que faziam embar-

ques pela Ferrovia Central de Nova York, a fim de ter acesso mais fácil aos vários pátios de carga existentes entre a 11.ª Avenida e o rio Hudson. O edifício de apartamentos de Fanucci era um dos poucos situados na zona deserta, sendo ocupado principalmente por ferroviários solteiros, trabalhadores dos pátios e as prostitutas mais baratas. Essas pessoas não se sentavam na rua e conversavam como os italianos honestos, sentavam-se nos botequins bebendo o seu salário. Assim, Vito Corleone achou muito fácil atravessar sorrateiramente a deserta 11.ª Avenida e entrar no vestíbulo do edifício de apartamentos de Fanucci. Ali sacou a arma com a qual nunca havia disparado e esperou Fanucci.

Vito observava através da porta de vidro do vestíbulo, sabendo que Fanucci viria descendo a 10.ª Avenida. Clemenza lhe mostrara a segurança da arma e ele apertara o gatilho com ela descarregada. Mas quando ainda menino, na Sicília, com a tenra idade de 9 anos, ele fora caçar algumas vezes com o pai, tinha atirado com uma pesada espingarda chamada *lupara*. Foi a sua habilidade com a *lupara*, mesmo quando ainda menino, que lhe acarretara a sentença de morte imposta pelos assassinos de seu pai.

Esperando agora no vestíbulo escuro, Vito viu o chapéu branco de Fanucci atravessar a rua na direção da entrada do edifício. Deu uns passos para trás, os ombros comprimidos contra a porta interna que dava para a escada. Segurava a arma em posição de disparar. A sua mão estendida estava apenas a dois passos da porta externa. A porta girou para dentro. Fanucci, branco, largo, cheiroso, ocupava o quadrado da luz. Vito Corleone atirou.

A porta aberta fez uma parte do som escapar para a rua, o resto da explosão da arma abalou o edifício. Fanucci estava segurando os lados da porta, procurando manter-se ereto, tentando alcançar sua arma. A força de sua luta arrancara os botões de seu paletó e fê-lo balançar solto. A sua arma estava exposta, mas exposta estava também a mancha araneiforme vermelha na frente da camisa branca, na altura do estômago. Com muito cuidado, como se estivesse mergulhando uma agulha numa veia, Vito Corleone disparou o segundo tiro naquela teia vermelha.

Fanucci caiu de joelhos, escorando a porta aberta. Soltou um gemido terrível, e esse gemido, denotando grande sofrimento físico, pareceu a Vito quase cômico. Continuou a dar esses gemidos; Vito lembrou-se de ter ouvido pelo menos três deles antes de encostar a arma na face suada e gordurosa de Fanucci e atirar no seu crânio. Não se passaram mais de cinco segundos para que Fanucci tombasse morto, obstruindo a porta aberta com seu corpo.

Com muito cuidado, Vito tirou a carteira do bolso do paletó

do morto e colocou-a dentro de sua camisa. Depois, atravessou a rua para a casa de sótão, daí para o quintal e subiu pela saída de incêndio até o telhado. Lá de cima, deu uma olhada para a rua. O corpo de Fanucci estava ainda estendido na entrada do prédio, mas não havia sinal de qualquer outra pessoa. Duas janelas foram levantadas no edifício, e ele pôde ver cabeças pretas movendo-se para fora, mas desde que ele não podia distinguir as feições das pessoas elas certamente também não podiam distinguir as suas. E esses homens não dariam qualquer informação à polícia. Fanucci deveria ficar ali até amanhecer ou até que um rondante encontrasse o corpo. Nenhuma pessoa daquela casa deliberadamente se exporia à suspeita ou interrogatório da polícia. Elas trancariam as suas portas e fingiriam que não tinham ouvido coisa alguma.

Ele podia aproveitar bem o seu tempo. Andou por cima dos telhados até chegar à porta do seu próprio telhado e desceu para o seu apartamento. Abriu a porta, entrou e tornou a fechá-la atrás de si. Examinou a carteira do morto. Além dos setecentos dólares que ele dera a Fanucci, havia apenas algumas notas de um dólar e uma de cinco dólares.

Enfiada num cantinho da carteira havia uma moeda de ouro antiga de cinco dólares, provavelmente uma mascote. Se Fanucci fosse um *gangster* rico, certamente não traria consigo sua riqueza. Isso confirmou algumas das suspeitas de Vito.

Ele sabia que tinha de livrar-se da carteira e da arma (sabendo muito bem mesmo, então, que devia deixar a moeda de ouro na carteira). Subiu novamente até o telhado e percorreu algumas sacadas. Atirou a carteira para uma passagem de ar e depois tirou as balas da arma e bateu com o seu cano na sacada do telhado. O cano do revólver não quebrou. Ele virou a arma em sua mão e bateu com a coronha no lado de uma chaminé. A coronha partiu-se em duas metades. Ele bateu novamente e o revólver quebrou-se em cano e coronha, duas peças separadas. Atirou cada parte numa passagem de ar diferente. Não fizeram barulho quando atingiram o solo cinco andares abaixo, mas afundaram no monte de lixo acumulado ali. Pela manhã, mais lixo seria atirado ali pelas janelas e, com sorte, cobriria tudo. Vito voltou para o seu apartamento.

Vito tremia um pouco, mas estava completamente controlado. Mudou a roupa e, receando que houvesse algum salpico de sangue nela, jogou-a numa tina de metal que sua mulher usava para lavar roupa. Apanhou lixívia e sabão escuro grosseiro para pôr de molho a roupa e esfregou-a com a peça especial de metal embaixo da pia. Depois esfregou a tina e a pia com lixívia e sabão. Achou uma trouxa de roupa recém-lavada no canto do quarto de dormir, com a qual misturou sua própria roupa. Em seguida, vestiu uma camisa e calças limpas e desceu para juntar-se à mulher e aos filhos e vizinhos em frente da moradia.

Todas essas precauções foram inteiramente desnecessárias. A polícia, depois de descobrir o cadáver ao amanhecer, nunca interrogou Vito Corleone. Na verdade ele ficou espantado de que a polícia nada soubesse a respeito da visita de Fanucci à sua casa na noite em que ele foi mortalmente baleado. Tinha contado com isso para um álibi, Fanucci deixando o seu apartamento vivo. Soube apenas depois que a polícia estava satisfeitíssima com o assassinato de Fanucci e não se preocupava em perseguir os assassinos. A polícia supunha que fosse outra execução de alguma quadrilha, e interrogara os maus elementos com ficha de extorsionários e carta de valentes. Como Vito nunca se havia metido em encrenca, jamais despertou qualquer suspeita.

Mas se ele havia ludibriado a polícia, o mesmo não acontecia com relação a seus parceiros. Pete Clemenza e Tessio o evitaram nas duas semanas seguintes, depois vieram visitá-lo uma noite. Vieram com óbvio respeito. Vito Corleone saudou-os com uma cortesia impassível e serviu-lhes vinho.

Clemenza falou primeiro. Disse brandamente:

— Ninguém está cobrando dos comerciantes da 9.ª Avenida. Ninguém está cobrando dos jogos de cartas e outros jogos de azar da redondeza.

Vito Corleone olhou para os dois homens com firmeza, mas não respondeu.

— Podíamos tomar os fregueses de Fanucci — acrescentou Tessio. — Eles nos pagariam.

Vito Corleone deu de ombros.

— Por que vir a mim? Não tenho interesse nessas coisas.

Clemenza deu uma gargalhada. Mesmo em sua juventude, antes que a sua enorme barriga crescesse, ele tinha a gargalhada de um gorducho. Perguntou então a Vito Corleone:

— Onde está aquela arma que lhe dei para o serviço do caminhão? Como você não vai precisar mais dela, pode devolvê-la a mim.

Lenta e calculadamente Vito Corleone tirou uma bolada de notas de seu bolso lateral e destacou cinco notas de dez dólares.

— Tome aqui, eu lhe pago a arma. Joguei-a fora depois do serviço do caminhão.

Ele sorriu para os dois homens.

Por essa época Vito Corleone não conhecia o efeito enregelante de seu sorriso. Ele sorriu como se tivesse dito alguma piada particular que somente ele mesmo pudesse compreender. Mas como sorria desse modo somente em assuntos mortais, e como a piada não era realmente particular e como seus olhos não sorriam, e como sua personalidade externa era geralmente tão sensata e calma, o desmascaramento repentino de seu verdadeiro ego era assustador.

Clemenza balançou a cabeça.

— Não quero o dinheiro — retrucou.

Vito meteu as notas no bolso. E esperou. Eles todos se entendiam uns aos outros. Sabiam que ele matara Fanucci e, embora jamais houvessem falado sobre isso a qualquer pessoa, toda a redondeza, em poucas semanas, também sabia. Vito Corleone era tratado como um "homem de respeito" por todo mundo. Mas não fez qualquer tentativa para tomar conta das extorsões e tributos cobrados pelo falecido Fanucci.

O que se seguiu então foi inevitável. Uma noite, a mulher de Vito trouxe uma vizinha, uma viúva, ao apartamento. A mulher era italiana e de caráter inatacável. Trabalhava arduamente para manter um lar para os seus filhos sem pai. O filho de 16 anos de idade trazia para casa o seu envelope de pagamento lacrado, para entregar a ela no estilo da velha Itália: a filha de 17 anos, que era costureira, fazia o mesmo. Toda a família pregava botões em cartões, à noite, a preço por peça de trabalho de escravo. O nome da mulher era *signora* Colombo.

A mulher de Vito Corleone falou:

— A *signora* tem um favor a pedir a você. Ela está tendo alguma dificuldade.

Vito Corleone esperava que a mulher lhe pedisse algum dinheiro, o que ele estava disposto a dar. Mas parece que a Sra. Colombo possuía um cachorro que o seu filho caçula adorava. O senhorio recebera queixas contra o fato de o cachorro latir à noite e dissera à Sra. Colombo para se livrar do animal. Ela fingira fazer isso. O senhorio descobrira que ela o enganara e lhe havia ordenado que desocupasse o apartamento. A mulher prometera dessa vez livrar-se realmente do cachorro e havia feito isso. Mas o senhorio estava tão zangado que não queria revogar a ordem. Ela teria de sair ou a polícia seria chamada para pô-la para fora. E o seu pobre menino tinha chorado muito quando eles deram o cachorro a parentes que viviam em Long Island. Assim, por um nada, eles perderiam o seu lar.

Vito Corleone perguntou gentilmente à mulher:

— Por que a senhora me pede para ajudá-la?

A Sra. Colombo apontou para a esposa dele.

— Ela me disse para pedir ao senhor.

Ele ficou surpreso. Sua mulher nunca o interrogara sobre a roupa que ele lavara na noite em que matara Fanucci. Nunca lhe perguntara de onde vinha todo o dinheiro quando ele não estava trabalhando. Mesmo agora o seu rosto estava impassível. Vito disse para a Sra. Colombo:

— Posso dar-lhe algum dinheiro para ajudá-la a mudar-se, se é isso o que a senhora quer?

A mulher balançou a cabeça, chorando.

— Todas as minhas amigas estão aqui, todas as meninas com quem eu cresci na Itália. Como posso me mudar para outro

lugar onde só há estranhos? Quero que o senhor fale com o senhorio para deixar que eu fique aqui.

Vito acenou com a cabeça.

— Está feito, então. A senhora não terá de se mudar. Falarei com ele amanhã de manhã.

A sua mulher deu-lhe um sorriso que ele não conhecia, mas que sentiu satisfação em receber. A Sra. Colombo parecia um pouco em dúvida.

— O senhor tem certeza de que o senhorio vai concordar? — perguntou ela.

— O *signor* Roberto? — Vito perguntou com uma voz de surpresa. — Com certeza, ele dirá "sim". Ele é um sujeito de bom coração. Assim que eu explicar o que acontece com a senhora ele ficará com pena de sua desgraça. Agora deixe de se preocupar com isso. Não fique tão transtornada. Poupe a sua saúde, para o bem de seus filhos.

O senhorio, Sr. Roberto, vinha ao local todo dia para inspecionar os cinco conjuntos de moradias que ele possuía. Ele era um *padrone*, um homem que vendia trabalhadores italianos recém-chegados para as grandes companhias. Um homem educado do Norte da Itália, sentia apenas desprezo por esses sulistas analfabetos da Sicília e de Nápoles que pululavam como vermes pelos seus prédios, que atiravam lixo nas áreas internas, que deixavam as baratas e os ratos roerem as suas paredes sem sequer levantarem a mão para preservarem a propriedade dêle. Não era um homem mau, era um bom marido e pai, mas tinha constante preocupação a respeito de seus investimentos, a respeito do dinheiro que ele ganhava, a respeito das despesas inevitáveis decorrentes do fato de ser ele um homem de propriedade, que tinha reduzido os seus nervos a frangalhos, de forma que vivia num constante estado de irritação. Quando Vito Corleone o deteve na rua para pedir-lhe que o ouvisse por um minuto, o Sr. Roberto foi frio, mas não rude, pois qualquer um desses sulistas podia enfiar uma faca no indivíduo que o irritasse, embora esse rapaz parecesse ser um sujeito calmo.

— *Signor* Roberto, — disse Vito Corleone — a amiga de minha mulher, uma viúva pobre sem um homem para protegê-la, contou-me que por algum motivo recebeu ordem para se mudar do seu apartamento no edifício de propriedade do senhor. Ela está desesperada. Não tem dinheiro, não tem amigas, a não ser as que vivem aqui. Eu disse a ela que falaria com o senhor, que o senhor é um homem sensato que agiu assim por algum mal-entendido. Ela livrou-se do ani[illegible] que causou toda a confusão e, assim, por que não deve ela ficar? De um italiano para outro, peço ao senhor que atenda ao favor.

O *signor* Roberto estudava o homem postado diante de si.

Viu um tipo de estatura média, mas de constituição forte, um camponês, mas não um bandido, embora ele tão irrisoriamente tivesse ousado chamar-se de italiano. O senhorio deu de ombros.

— Já aluguei o apartamento a outra família por um preço mais alto — retrucou ele. — Não posso decepcionar essa família em benefício de sua amiga.

Vito Corleone acenou com a cabeça numa compreensão razoável.

— Quanto mais por mês? — perguntou ele.

— Cinco dólares — respondeu o Sr. Roberto.

Isso era mentira. O apartamento ferroviário, com quartos escuros, era alugado por doze dólares por mês à viúva e o Sr. Roberto não conseguiria arrancar mais do que isso do novo inquilino.

Vito Corleone tirou um maço de notas do bolso e destacou três notas de dez dólares.

— Aqui está o aumento de seis meses adiantado. O senhor não precisa falar com ela sobre isso, ela é uma mulher orgulhosa. Procure-me dentro de seis meses. Mas naturalmente o senhor deixará que ela fique com o cachorro.

— Não me diga — retrucou o Sr. Roberto. — E quem diabo é você para me dar ordens! Tome cuidado com os seus modos ou você será obrigado a voltar a andar no seu burrinho lá nas ruas da Sicília.

Vito levantou as mãos surpreso.

— Estou apenas pedindo isso. Nunca se sabe quando se vai precisar de um amigo, não é verdade? Receba esse dinheiro como sinal de minha boa vontade e tome a sua própria decisão. Eu não me atreveria a brigar por causa disso.

Meteu o dinheiro na mão do Sr. Roberto.

— Faça-me esse pequeno favor, receba o dinheiro e pense no assunto. Amanhã de manhã, se o senhor quiser devolver o dinheiro, por quem é, faça-o. Se o senhor quiser a mulher fora de sua casa, como posso impedir o senhor? Afinal de contas, a propriedade é sua. Se o senhor não quer o cachorro lá, eu compreendo. Eu mesmo não gosto de animais.

Ele bateu de leve no ombro do Sr. Roberto.

— Faça-me esse serviço, sim? Não esquecerei isso. Informe-se com seus amigos da redondeza sobre mim, eles lhe dirão que sou um homem que sabe mostrar sua gratidão.

Mas naturalmente o Sr. Roberto já começara a compreender. À tardinha, ele fez suas investigações sobre Vito Corleone. Não esperou até a manhã seguinte. Bateu na porta de Corleone naquela mesma noite, desculpando-se pelo adiantado da hora, e aceitou um copo de vinho oferecido pela *signora* Corleone. Assegurou a Vito Corleone que tudo tinha sido um horrível mal-entendido, que naturalmente a *signora* Colombo podia continuar

no apartamento e naturalmente podia ficar com o cachorro. Quem eram esses miseráveis inquilinos para se queixarem do barulho de um pobre animal, quando pagavam um aluguel tão baixo? No fim, puxou os trinta dólares que Vito Corleone lhe tinha dado e os pôs sobre a mesa dizendo da maneira mais sincera:

— A sua bondade em ajudar essa pobre viúva me envergonhou e desejo mostrar que eu, também, pratico a caridade cristã. O aluguel dela continuará a ser o que era.

Todos os interessados desempenharam essa comédia com perfeição. Vito serviu mais vinho, pediu à mulher que trouxesse bolos, apertou a mão do Sr. Roberto e elogiou o seu boníssimo coração. O Sr. Roberto suspirou e respondeu que ter travado conhecimento com um homem como Vito Corleone restituía-lhe a fé na natureza humana. Finalmente, separaram-se efusivamente um do outro. O Sr. Roberto, com os nervos em pandarecos por ter escapado por um triz, pegou o bonde para a sua casa no Bronx e foi dormir. Só reapareceu no local três dias depois.

Vito Corleone era agora um "homem de respeito" nas redondezas. Era reputado como sendo um membro da Máfia da Sicília. Um dia, um homem que mantinha jogos de cartas num quarto mobiliado veio a ele e voluntariamente começou a pagar-lhe vinte dólares por semana pela sua "amizade". Vito tinha apenas de visitar o jogo uma ou duas vezes por semana para que os jogadores compreendessem que estavam sob a proteção dele.

Os comerciantes que tinham problemas com rapazes desordeiros pediam-lhe para intervir. Ele assim fazia e era convenientemente recompensado. Logo passou a ter renda, enorme para a época e o lugar, de cem dólares por semana. Desde que Clemenza e Tessio eram seus amigos, seus aliados, ele tinha de dar a cada um deles parte do dinheiro, mas isso ele fazia sem que lhe pedissem. Finalmente resolveu entrar no negócio de importação de azeite com seu companheiro de infância, Genco Abbandando. Genco cuidaria do negócio, da importação do azeite da Itália, da compra ao preço adequado, da armazenagem no estabelecimento do pai. Clemenza e Tessio seriam os vendedores. Iriam a todas as mercearias italianas de Manhattan, em seguida às de Brooklyn, depois às do Bronx, para persuadir os merceeiros a estocar o azeite *Genco Pura*. (Com sua modéstia típica, Vito Corleone recusou-se a dar o seu próprio nome à marca do produto). Vito naturalmente seria o chefe da firma desde que estava fornecendo a maior parte do capital. Também seria chamado em casos especiais em que merceeiros resistissem às conversas de venda de Clemenza e Tessio. Então Vito Corleone usaria os seus próprios poderes de persuasão.

Durante os anos seguintes, Vito Corleone levou a vida

plenamente satisfatória de um pequeno comerciante inteiramente dedicado a consolidar sua empresa comercial numa economia dinâmica e em expansão. Ele era um pai e marido dedicado, mas tão ocupado que não podia devotar muito de seu tempo à família. À proporção que o azeite *Genco Pura* se tornava o óleo italiano importado mais vendido na América, a sua organização expandia-se rapidamente. Como qualquer bom negociante, começou a compreender os benefícios de suplantar os concorrentes vendendo por preço mais baixo, dificultando-lhes a distribuição por persuadir os merceeiros a estocar menos das marcas deles. Como qualquer bom negociante, Vito visava a conseguir um monopólio forçando os concorrentes a abandonar o campo ou fundir-se com a sua própria companhia. Contudo, desde que se iniciara relativamente fraco, economicamente, desde que não acreditava na publicidade, confiando apenas na palavra falada, e desde que, para dizer a verdade, seu azeite não era melhor do que o dos seus competidores, ele não podia usar os golpes decisivos comuns dos negociantes legítimos. Tinha de confiar na força de sua própria personalidade e na sua reputação de "homem de respeito".

Embora sendo um homem moço, Vito Corleone tornou-se conhecido como um "homem sensato". Nunca pronunciava uma ameaça. Sempre usava a lógica, que era realmente irresistível. Sempre assegurava que o outro cara teria a sua parte de lucro. Ninguém perdia. Ele fazia isso, naturalmente, por meios óbvios. Como muitos negociantes de genio, êle entendia que a concorrência livre era ruinosa, o monopólio era eficiente. E assim simplesmente procurava conseguir esse monopólio eficiente. Havia atacadistas de azeite em Brooklyn, homens de temperamento irritável, teimosos, contrários à razão, que se recusavam a perceber, a reconhecer a visão de Vito Corleone, mesmo depois que ele tinha explicado tudo a eles com a maior paciência e os mínimos detalhes. Com esses homens, Vito Corleone levantava os braços em desespero e mandava Tessio a Brooklyn para instalar o quartel-general e resolver o problema. Armazéns eram incendiados, caminhões carregados de azeite eram propositadamente tombados e o líquido oleoso se espalhava formando lagos nas ruas calçadas do cais. Um homem impetuoso, um milanês arrogante com mais fé na polícia do que um santo tinha em Cristo, realmente procurara as autoridades para apresentar queixa contra seus compatriotas italianos, infringindo a lei de dez séculos da *omerta*. Mas antes que a questão pudesse ir um pouco adiante, o atacadista desapareceu, para nunca mais ser visto, abandonando sua dedicada esposa e três filhos, que, graças a Deus, já estavam bem crescidos e em condições de tomar conta do negócio e chegar a um acordo com a Companhia de Azeite *Genco Pura*.

Mas os grandes homens não nascem grandes, tornam-se

grandes, e era isso o que acontecia com Vito Corleone. Quando a Lei Seca foi aprovada e o álcool proibido de ser vendido, Vito Corleone deu o passo final de um negociante tipicamente comum, um tanto cruel, para se tornar um grande Don no mundo do empreendimento criminoso. Não aconteceu num dia, não aconteceu num ano, mas, no fim do período da Lei Seca e começo da Grande Depressão, Vito Corleone se tornara o Padrinho, o Don, Don Corleone.

Isso começou de modo bem casual. Nessa época, a Companhia de Azeite *Genco Pura* tinha uma frota de seis caminhões de entrega. Por intermédio de Clemenza, Vito Corleone entrou em contato com um grupo de contrabandistas italianos que traziam bebidas alcoólicas e uísque do Canadá. Precisavam de caminhões e entregadores para distribuir seu produto em Nova York. Entregadores que fossem de confiança, discretos e tivessem alguma determinação e força. Queriam pagar a Vito Corleone pela utilização de seus caminhões e de seus homens. A remuneração era tão grande que Vito Corleone reduziu drasticamente seu negócio de azeite para usar os caminhões quase exclusivamente para o serviço dos contrabandistas de bebidas. Isso a despeito do fato de que esses cavalheiros tinham feito a sua oferta acompanhada de uma ameaça delicada. Mas mesmo então Vito Corleone era um homem tão circunspeto que não se considerou insultado com a ameaça, nem se zangou, nem tampouco recusou uma oferta bastante lucrativa por causa disso. Avaliou a ameaça, achou-a pouco convincente, e o seu conceito dos seus novos parceiros baixou porque eles tinham sido tão estúpidos para usar ameaças onde não havia a menor necessidade. Isso era uma informação útil a ser ponderada no devido momento.

Ele prosperou novamente. Porém, mais importante ainda, adquiriu conhecimento, contatos e experiência. E acumulou boas ações como um banqueiro acumula valores mobiliários. Pois nos anos seguintes ficou claro que Vito Corleone não era apenas um homem de talento, mas, a seu modo, um gênio.

Tornou-se o protetor das famílias italianas que se estabeleciam com pequenos bares clandestinos em suas próprias casas, vendendo uísque a quinze centavos o copo a trabalhadores solteiros. Tornou-se padrinho do filho caçula da Sr.ª Colombo quando o menino recebeu a crisma e deu um belo presente de uma moeda de ouro de vinte dólares. Entrementes, desde que era inevitável que alguns dos seus caminhões fossem detidos pela polícia, Genco Abbandando contratou um excelente advogado com muitos elementos de contato no Departamento da Polícia e no Judiciário. Um sistema de gratificações foi estabelecido e logo a organização Corleone passou a ter uma "folha" enorme, a lista de funcionários habilitados a receber uma quantia mensal.

Quando o advogado procurou reduzir a lista, alegando a grande despesa, Vito Corleone tranqüilizou-o.

— Não, não — disse ele. — Mantenha todo mundo nela, mesmo as pessoas que não nos podem ajudar agora. Acredito na amizade e quero mostrar a minha amizade primeiro.

À medida em que o tempo passava, o império de Corleone se tornava maior, mais caminhões eram agregados à frota, a "folha" se tornava maior. Também os homens que trabalhavam diretamente para Tessio e Clemenza aumentavam em número. Toda a coisa estava se tornando difícil de controlar. Finalmente Vito Corleone concebeu um sistema de organização. Deu a Clemenza e Tessio, isto é, a cada um dos dois, o título de *caporegime*, ou capitão, e aos homens que trabalhavam sob as ordens deles a graduação de soldados. Designou Genco Abbandando seu conselheiro, ou *consigliori*. Pôs camadas de isolamento entre ele mesmo e qualquer ato operacional. Quando dava uma ordem era a Genco ou a um dos seus *caporegimes* a sós. Raramente tinha testemunha para ouvir qualquer ordem que ele desse a qualquer um deles. Depois separou o grupo de Tessio e o fez responsável por Brooklyn. Mais tarde também separou Tessio de Clemenza e tornou claro com o decorrer dos anos que não queria que os dois homens se ligassem nem sequer socialmente, a não ser quando absolutamente necessário. Explicou isso ao mais inteligente, Tessio, que compreendeu imediatamente a intenção de Corleone, embora êste explicasse a coisa como sendo uma medida de segurança contra a lei. Tessio compreendeu que Vito não queria que os seus dois *caporegimes* tivessem oportunidade de conspirar contra ele, embora também compreendesse que não havia má vontade nisso, era apenas uma precaução tática. Em troca, Vito deu a Tessio plena liberdade de ação no Brooklyn, enquanto conservava o feudo do Bronx, de Clemenza, muito mais sob o seu próprio domínio. Clemenza era o homem mais valente, mais arrojado, mais cruel, apesar de sua jovialidade externa, e precisava de um controle mais severo.

A Grande Depressão aumentou o poder de Vito Corleone. E na verdade foi por essa época que ele passou a ser chamado de Don Corleone. Em todas as partes da cidade, homens honestos solicitavam trabalho honesto em vão. Homens orgulhosos rebaixavam a si mesmos e a suas famílias para aceitarem a caridade oficial de um funcionalismo insolente. Mas os homens de Don Corleone andavam pelas ruas de cabeça erguida, com os bolsos abarrotados de dinheiro. Sem qualquer medo de perder o emprego. E até Don Corleone, o mais modesto dos homens, não podia deixar de sentir um pouco de orgulho. Ele estava cuidando de seu mundo, seu povo. Não havia faltado àqueles que dependiam dele e que lhe deram o suor do seu rosto, arriscaram sua liber-

dade e sua vida trabalhando para ele. E quando um empregado dele era preso e mandado para a prisão por qualquer infortúnio, a família desse homem recebia uma mesada; e não era uma esmola miserável, mesquinha, dada de má vontade, mas a mesma quantia que o homem ganhava quando solto.

Isso naturalmente não era pura caridade cristã. Nem seus melhores amigos chamariam Don Corleone de um santo do céu. Havia um interesse oculto nessa generosidade. Um empregado mandado à prisão sabia que tinha apenas de manter-se calado para que a sua mulher e filhos recebessem os cuidados necessários. Sabia que se não informasse à polícia seria calorosamente recebido quando saísse da prisão. Haveria uma festa esperando por ele em sua casa, a melhor comida, *ravioli*, vinho e pastéis, tudo feito em casa, com todos os amigos e parentes reunidos para festejar a sua libertação. E às vezes durante a noite o *consigliori* Genco Abbandando, ou talvez o próprio Don Corleone, fazia uma rápida visita para apresentar os seus respeitos a esse homem tão corajoso, tomava um copo de vinho em sua honra e deixava um belo presente em dinheiro, a fim de que ele pudesse gozar uma semana ou duas de folga com a família antes de retornar à sua faina diária. Tal era a infinita piedade e compreensão de Don Corleone.

Foi por essa época que Don Corleone concebeu a idéia de que dirigia o seu mundo muito melhor do que os seus inimigos dirigiam o mundo maior que continuamente obstruía o seu caminho. E esse sentimento era alimentado também pela gente pobre da redondeza que constantemente lhe vinha pedir ajuda. Para conseguir um auxílio da previdência social, arranjar emprego para um rapaz ou tirar outro da cadeia, para tomar emprestada uma soma de dinheiro desesperadamente necessitada, para intervir junto aos senhorios que contra todas as razões exigiam aluguel dos inquilinos desempregados.

Don Vito Corleone ajudava todos eles de boa vontade, com palavras de estímulo para tirar o gosto amargo da caridade que lhes fazia. Era portanto natural que quando esses italianos estavam atrapalhados ou confusos sobre quem votar para representá-los no legislativo estadual, nos cargos municipais, no Congresso, pedissem o conselho do amigo Don Corleone, Padrinho deles. E assim ele se tornou um poder político a ser consultado pelos chefes de partido práticos. Consolidou esse poder com uma inteligência de estadista de longo alcance; ajudando rapazes brilhantes de famílias italianas a freqüentar faculdades, rapazes que se tornariam advogados, promotores públicos e até juízes. Planejava o futuro do seu império com toda a previsão de um grande líder nacional.

A revogação da Lei Seca representou um golpe tremendo para o seu império, mas outra vez ele tomara suas precauções. Em

1933, enviou emissários para o homem que controlava todas as atividades de jogo de Manhattan, o jogo de dados nas docas, a agiotagem, a aceitação de apostas clandestinas em esportes e corridas de cavalos, as casas que mantinham o jogo de pôquer, a política ou a extorsão das fábricas de roupas feitas do Harlem. O nome desse homem era Salvatore Maranzano, sendo ele um dos reconhecidos *pezzonovante*, chefões, figurões do submundo de Nova York. Os emissários de Corleone, com sua organização, sua política e contatos políticos, podiam dar às operações de Maranzano uma proteção vigorosa e a nova força de expandir-se pelo Brooklyn e pelo Bronx. Mas Maranzano era um homem de pouca visão e rejeitou a proposta de Corleone com desprezo. O grande Al Capone era amigo de Maranzano, e ele tinha a sua própria organização, os seus próprios homens, mais um enorme aparelhamento bélico. Não daria confiança a esse impostor cuja reputação era mais de um negociador do que de um verdadeiro mafioso. A recusa de Maranzano desencadeou a grande guerra de 1932 que mudaria toda a estrutura do submundo de Nova York.

À primeira vista, parecia uma luta desigual. Salvatore Maranzano tinha uma organização poderosa e capangas bem treinados. Mantinha amizade com Capone em Chicago e podia pedir ajuda nesse setor. Também mantinha relações com a Família Tattaglia, que controlava a prostituição na cidade e o que havia do fraco tráfico de entorpecentes naquela época. Tinha igualmente contatos políticos com poderosos líderes dos negócios que utilizavam seus capangas para aterrorizar os sindicalistas judeus do setor de roupas feitas e os sindicatos anarquistas italianos dos operários de construção.

Contra isso, Don Corleone podia lançar dois pequenos, mas soberbamente organizados, *regimes* dirigidos por Clemenza e Tessio. Os seus contatos políticos e policiais seriam anulados pelos líderes dos negócios que suportariam Maranzano. Mas a seu favor estava a falta de informações do inimigo sobre a sua organização. O submundo ignorava a verdadeira força de seus soldados e até tinha sido enganosamente levado a pensar que Tessio, no Brooklyn, era uma operação separada e independente.

Entretanto, apesar de tudo isso, foi uma batalha desigual até que Vito Corleone equilibrou as coisas com um golpe de mestre.

Maranzano pediu a Capone que enviasse os seus dois melhores pistoleiros a Nova York para eliminar o impostor. A Família Corleone tinha amigos e informantes em Chicago que transmitiram a notícia de que os dois pistoleiros estavam chegando de trem. Vito Corleone despachou Luca Brasi para cuidar deles com instruções que deixariam à solta os seus instintos mais selvagens.

Brasi e sua gente, quatro de seus homens, receberam os pistoleiros de Chicago na estação ferroviária. Um dos homens de Brasi conseguiu um táxi e, tomando o lugar do motorista, o conduziu para executar o serviço, em combinação com o carregador da estação, que, pegando a bagagem, levou os dois homens de Capone para esse táxi. Quando eles entraram no carro, Brasi e outro de seus homens entraram atrás deles, de armas em punho, e fizeram os dois pistoleiros de Chicago deitarem no chão do veículo. O táxi foi levado para um armazém perto das docas que Brasi tinha preparado para eles.

Os dois homens de Capone tiveram as mãos e os pés amarrados, e pequenas toalhas de enxugar mão foram metidas na bôca dos dois para evitar que gritassem.

Então Brasi apanhou um machado que estava encostado na parede e começou a retalhar um dos homens de Capone. Cortou um dos pés arrancando-o, depois as pernas na altura dos joelhos, e em seguida, as coxas no lugar em que se uniam com o tronco. Brasi era um homem extremamente forte, mas teve de dar vários golpes com o machado para alcançar sua finalidade. Nessa altura, naturalmente, a vítima já tinha entregue a alma ao Criador e o chão do armazém estava escorregadio com os fragmentos talhados a machado de sua carne e os salpicos de sangue. Quando Brasi se voltou para a segunda vítima, verificou já ser desnecessário qualquer esforço. O segundo pistoleiro de Capone, aterrorizado, havia, incrivelmente, engolido a toalha de mão e se sufocado. A toalha foi encontrada no estômago do homem quando a polícia fez a autópsia para determinar a causa da morte.

Alguns dias depois, em Chicago, Capone recebeu uma mensagem de Vito Corleone. Dizia o seguinte: "Você sabe agora como eu trato os inimigos. Por que um napolitano tem de se meter numa briga entre sicilianos? Se você quer que eu o considere como amigo, eu lhe devo um serviço que pagarei quando for preciso. Um homem como você deve saber como é muito mais vantajoso ter um amigo que, em lugar de pedir ajuda a você, cuida de seus próprios negócios e está sempre pronto para ajudar você em algum momento futuro de dificuldade. Se você não deseja a minha amizade, assim seja. Mas então devo dizer-lhe que o clima nesta cidade é úmido, insalubre, para os napolitanos, sendo aconselhável que você nunca a visite."

A arrogância desta carta era calculada. Don Corleone tinha o grupo de Capone em baixo conceito, considerando-os como assassinos estúpidos e óbvios. Seus informantes comunicaram-lhe que Capone perdera toda a influência política devido à sua arrogância pública e à ostentação de sua riqueza criminosa. Don Corleone sabia, de fato era positivo, que, sem influência política, sem a camuflagem da sociedade, o mundo de Capone e outros

como ele seria facilmente destruído Sabia que Capone estava a caminho da destruição. Sabia também que a influência de Capone não ultrapassava os limites de Chicago, por mais terrível e penetrante que essa influência pudesse ser.

A tática surtiu efeito. Não tanto devido à sua ferocidade, mas devido à rapidez fria, à instantaneidade da reação de Don Corleone. Se o seu serviço de informações era tão bom, qualquer passo que se tentasse dar estaria prenhe de perigo. Era melhor, mais prudente, aceitar a oferta de amizade com a sua implícita recompensa. O grupo de Capone respondeu que não se meteria na briga.

As coisas agora estavam equilibradas. E Vito Corleone conquistara um bocado de "respeito" em todo o submundo dos Estados Unidos com a humilhação do grupo de Capone. Durante seis meses, Don Corleone levou a melhor sobre Maranzano. Atacou os jogos de dados sob a proteção desse *gangster*, localizou o seu maior banqueiro político no Harlem e o "aliviou" do jôgo de um dia, não somente em dinheiro, mas também em outras coisas. Brigou com os inimigos em todas as frentes. Mesmo no setor das roupas feitas, ele enviou Clemenza e seus homens para lutar do lado dos sindicalistas contra os capangas pagos por Maranzano e os donos das lojas de vestidos. E em todas as frentes seu eficiente serviço de informações e sua organização superior o tornaram vencedor. A ferocidade jovial de Clemenza, que Corleone empregava judiciosamente, também contribuía para virar a sorte da batalha. E então Don Corleone mandou o *regime* de Tessio, que estava sendo mantido na reserva, atacar o próprio Maranzano.

Nessa altura, Maranzano havia enviado emissários pedindo paz. Vito Corleone recusou-se a recebe-los, esquivando-se dêles com base num ou noutro pretexto. Os soldados de Maranzano começaram a abandonar o líder por não desejarem morrer por uma causa perdida. Os *bookmakers* e agiotas passaram a pagar à organização Corleone a sua proteção. A guerra estava quase terminada.

Então, finalmente, na véspera de Ano Novo, em 1933, Tessio penetrou nas defesas do próprio Maranzano. Os lugares-tenentes de Maranzano estavam ansiosos para entrar em acordo e aceitaram em levar o chefe para o local de sacrifício. Disseram-lhe que tinham combinado uma reunião num restaurante do Brooklyn com Corleone e o acompanharam como guarda-costas. Deixaram-no sentado numa mesa axadrezada, mastigando lentamente um pedaço de pão, e fugiram do restaurante quando Tessio e quatro de seus homens entraram. A execução foi rápida e certeira. Maranzano, com a boca cheia de pão meio mastigado, foi crivado de balas. A guerra terminara.

O império de Maranzano foi incorporado à organização de

Corleone. Don Corleone estabeleceu um sistema de tributo, permitindo que todos os titulares permanecessem em seus lugares de *bookmakers* e controladores sindicais. Em compensação, passou a ter apoio nos sindicatos do setor de roupas feitas, o que nos anos vindouros se tornaria extremamente importante. E agora que havia resolvido seus negócios, Don Corleone viu-se às voltas com dificuldades domésticas.

Santino Corleone, Sonny, estava com 16 anos de idade e uma altura espantosa de 1,80 m, ombros largos e um rosto grave e um tanto sensual, mas de modo algum afeminado. Porém, enquanto Fredo era um menino sossegado e Michael, naturalmente, um fedelho, Santino estava constantemente metido em complicações. Vivia brigando na rua, era mau aluno na escola e, finalmente, Clemenza, que era o padrinho do rapaz e tinha o dever de falar, veio a Don Corleone uma noite e informou-o de que o filho tomara parte num assalto a mão armada, uma aventura estúpida que podia ter conseqüências bem desagradáveis. Sonny era obviamente o chefe do bando, sendo que os outros dois rapazes que participaram do assalto eram seus subordinados.

Foi uma das pouquíssimas vezes em que Vito Corleone perdeu as estribeiras. Tom Hagen já vivia em sua casa há três anos, e ele perguntou a Clemenza se esse rapaz órfão tinha-se envolvido no assalto. Clemenza balançou a cabeça negativamente. Don Corleone mandou um carro apanhar Santino e levá-lo ao seu escritório na Companhia de Azeite *Genco Pura.*

Pela primeira vez, Don Corleone enfrentava a derrota. Sozinho com o filho, deixou transbordar sua ira, xingando o grandalhão Sonny em dialeto siciliano, uma língua muito mais satisfatória do que qualquer outra para se expressar ira. Terminou perguntando:

— Que é que lhe deu o direito de cometer essa besteira? Que foi que fez você desejar cometer tal ato?

Sonny estava ali em pé, zangado, recusando-se a responder. Don Corleone disse com desprezo:

— É tão estúpido. Que foi que vocês ganharam com essa noite de trabalho? Cinqüenta dólares cada um? Vinte dólares? Você arriscou sua vida por vinte dólares, hem?

Como se não tivesse ouvido estas últimas palavras, Sonny respondeu desafiadoramente:

— Eu vi você matar Fanucci.

— Ah, ah — retrucou Don Corleone, e voltou a afundar-se na poltrona, esperando.

— Quando Fanucci deixou o edifício, — acrescentou Sonny — mamãe disse que eu podia subir para casa. Vi você subir pelo telhado e segui você. Vi tudo o que você fêz. Fiquei ali e vi você jogar fora a carteira e a arma.

Don Corleone suspirou.

— Bem, então não posso falar com você sobre como você tem de se comportar. Você não quer acabar a escola, você não quer ser advogado? Os advogados podem roubar mais dinheiro com uma pasta do que mil homens com armas e máscaras.

Sonny arreganhou os dentes para ele e disse manhosamente.

— Quero entrar no negócio da Família.

Quando viu que o rosto de Don Corleone continuava impassível, que ele não rira da piada, Sonny acrescentou prontamente:

— Quero aprender a vender azeite.

Don Corleone também não respondeu. Finalmente, deu de ombros.

— Todo homem tem um destino — sentenciou.

Não acrescentou que o fato de o filho ter testemunhado o assassinato de Fanucci decidira o destino de Sonny. Ele apenas virou-se para o outro lado e falou calmamente:

— Venha amanhã às nove horas. Genco mostrará a você o que fazer.

Mas Genco Abbandando, com aquela intuição sagaz que um *consigliori* deve ter, compreendeu a verdadeira intenção de Don Corleone e passou a usar Sonny principalmente como guarda-costas do pai, uma posição na qual ele podia também aprender as sutilezas de ser um Don. E isso pôs em relevo o instinto professoral do próprio Don Corleone, que começou a dar ao filho mais velho preleções sôbre como deveria sucedê-lo.

Além de repetir amiúde a teoria de que um homem tem apenas um destino, Don Corleone constantemente censurava Sonny pelas suas explosões temperamentais. Don Corleone considerava a utilização de ameaças como a mais tola atitude: o desencadeamento de raiva sem premeditação como a atitude habitual mais perigosa. Ninguém jamais ouvira Don Corleone pronunciar uma simples ameaça, ninguém jamais o vira numa raiva incontrolável. Era inconcebível. E assim ele procurava ensinar a Sonny suas próprias disciplinas. Alegava que não havia maior vantagem natural na vida do que ter um inimigo que sobrestimasse nossos defeitos, a não ser ter um amigo que subestimasse nossas virtudes.

O *caporegime* Clemenza tomou Sonny pela mão e ensinou-lhe a atirar e a manejar o garrote. Sonny não apreciava a corda italiana, ele era muito americanizado. Preferia o simples, direto, impessoal revólver anglo-saxão, o que entristecia Clemenza. Mas Sonny tornou-se um constante e agradável companheiro do pai, dirigindo o carro dele, ajudando-o nos pequenos detalhes. Nos dois anos seguintes, ele se parecia com qualquer filho que tivesse entrado no negócio do pai, nem muito brilhante, nem muito ansioso, contente por ter um trabalho leve.

Entrementes, seu companheiro de infância e irmão semi-adotivo Tom Hagen freqüentava a faculdade. Fredo estava ainda na escola secundária; Michael, o irmão menor, cursava a escola primária, e a irmãzinha Connie era um fedelho de quatro anos de idade. A família há muito se mudara para um edifício de apartamentos no Bronx. Don Corleone estava considerando a possibilidade de comprar uma casa em Long Island, mas queria enquadrar isso em outros planos que estava formulando.

Vito Corleone era um homem de visão. Todas as grandes cidades da América estavam travando uma luta tremenda no submundo. Guerrilhas rebentavam em toda parte, "maus elementos" ambiciosos procuravam arrancar para si um pedaço do império; homens como o próprio Corleone procuravam garantir as suas fronteiras e os seus negócios de extorsão. Don Corleone via que os jornais e as entidades governamentais estavam usando esses assassinatos para conseguir leis cada vez mais rigorosas, para empregar métodos policiais mais severos. Previu que a indignação pública podia até levar à suspensão do processo democrático, o que poderia ser fatal para ele e sua gente. Seu próprio império, internamente, estava seguro. Ele resolveu estabelecer a paz entre todas as facções em guerra em Nova York e depois no país inteiro.

Não tinha ilusões sobre a periculosidade de sua missão. Passou o primeiro ano encontrando-se com os diferentes chefes das quadrilhas de Nova York, fundando os alicerces, sondando-os, propondo esferas de influência que seriam honradas por um conselho confederado voluntariamente ligado. Mas havia inúmeras facções, inúmeros interesses especiais que entravam em conflito. Um acordo era impossível. Como outros grandes governantes e legisladores da história, Don Corleone resolveu que a ordem e a paz eram impossíveis até que se reduzisse o número de Estados reinantes a uma quantidade controlável.

Havia cinco ou seis "Famílias" muito poderosas para serem eliminadas. Mas o resto — os terroristas da Mão Negra, os agiotas franco-atiradores, os *bookmakers* valentes que operavam sem a adequada, isto é, paga, proteção das autoridades legais — teria de desaparecer. E assim ele montou o que foi com efeito uma guerra colonial contra essa gente e lançou todos os recursos da organização Corleone contra ela.

A pacificação da área de Nova York levou três anos e teve algumas recompensas inesperadas. A princípio, tomou a forma de azar. Um grupo de assaltantes irlandeses enfurecidos, que Don Corleone marcara para ser exterminado, quase leva a melhor com um simples golpe de audácia. Por sorte, e com uma bravura suicida, um desses pistoleiros irlandeses furou o cordão de proteção de Don Corleone e deu-lhe um tiro no peito. O assassino foi imediatamente crivado de balas, mas o mal estava feito.

Contudo, isso deu a Santino Corleone sua oportunidade. Com o pai fora de ação, Sonny assumiu o comando de uma tropa, seu próprio *regime*, com o posto de *caporegime*, e como um jovem, não-anunciado Napoleão, mostrou a sua genialidade para a guerrilha urbana. Mostrou também uma crueldade impiedosa, cuja falta era o único defeito que se podia atribuir a Don Corleone como conquistador.

De 1935 a 1937, Sonny Corleone ganhou reputação como o mais astuto e implacável algoz que o submundo já conhecera. Contudo, no que diz respeito ao simples terror, mesmo ele foi eclipsado pelo homem pavoroso chamado Luca Brasi.

Foi Brasi que perseguiu o resto dos pistoleiros irlandeses e, sem ajuda de ninguém, eliminou todos eles. Foi Brasi, operando sozinho quando uma das seis poderosas Famílias procurou intrometer-se e tornar-se protetora dos independentes, que assassinou o chefe dessa Família como uma advertência. Pouco depois, Don Corleone restabeleceu-se de seu ferimento e fez a paz com essa Família.

Em 1937, a paz e a harmonia reinavam em Nova York, exceto no que diz respeito a pequenos incidentes, pequenos mal-entendidos que eram, naturalmente, às vezes fatais.

Tal como os governantes das cidades antigas, que mantinham vigilância sobre as tribos bárbaras que rondavam seus muros, assim também Don Corleone mantinha um olho atento sobre os negócios do mundo fora de seu mundo. Notou a ascensão de Hitler, a queda da Espanha, a valentia da Alemanha contra a Inglaterra em Munique. Não se deixando ofuscar por esse mundo exterior, viu claramente a aproximação da guerra mundial e compreendeu suas implicações. Seu próprio mundo ficaria mais inexpugnável do que antes. Não somente isso, fortunas podiam ser feitas em tempo de guerra por gente esperta e de previsão. Mas para fazer isso, a paz devia reinar em seu domínio, enquanto a guerra campeava no mundo exterior.

Don Corleone levou sua mensagem através dos Estados Unidos. Conferenciou com compatriotas em Los Angeles, São Francisco, Cleveland, Chicago, Filadélfia, Miami e Boston. Ele era o apóstolo da paz do submundo e, em 1939, obtendo mais êxito do que qualquer papa, havia conseguido um acordo efetivo entre as mais poderosas organizações do submundo do país. Tal como a Constituição dos Estados Unidos, esse acordo respeitava plenamente a autoridade interna de cada membro em seu Estado ou cidade. O acordo abrangia apenas esferas de influência e um trato para garantir a paz no submundo.

E assim, quando a II Guerra Mundial irrompeu em 1939, quando os Estados Unidos entraram no conflito em 1941, o mundo de Vito Corleone estava em paz, em ordem, plenamente preparado para colher a safra de ouro em igualdade de condi-

ções com todas as outras indústrias da progressista América. A Família Corleone tinha seu domínio sobre o fornecimento, no câmbio negro, de cupões de racionamento de alimentos e de gasolina, e até prioridades para viagens. Podia ajudar a conseguir contratos de guerra e depois ajudar a conseguir, no câmbio negro, os materiais para aquelas firmas de confecção de roupas feitas que não podiam obter matéria-prima suficiente porque não tinha contratos com o governo. Podia até conseguir que todos os jovens de sua organização, aqueles em idade de ser convocados para o Exército, fossem isentos de lutar na guerra estrangeira. Fazia isso com o auxílio de médicos que aconselhavam os preparados farmacêuticos que deviam ser tomados antes do exame físico, ou colocando os rapazes em posições isentas de convocação nas indústrias de guerra.

E assim Don Corleone podia orgulhar-se de sua atividade como dirigente. Seu mundo era seguro para aqueles que lhe haviam jurado lealdade: outros homens que acreditavam na lei e ordem estavam morrendo aos milhões. A única coisa que lhe causara grande contrariedade foi que o seu próprio filho, Michael Corleone, recusou-se a ser ajudado, insistiu em se apresentar como voluntário para servir o seu país. E, para espanto de Don Corleone, assim fizeram alguns dos outros rapazes da organização. Um dos homens, procurando explicar isso a seu *caporegime*, disse:

— Este país tem sido bom para mim.

Depois que essa história foi contada a Don Corleone, ele retrucou raivosamente para o *caporegime*:

— *Eu* fui bom para esse rapaz.

As coisas podiam tornar-se desagradáveis para essa gente, mas, como êle havia perdoado seu filho Michael, devia perdoar também os outros rapazes que haviam interpretado errôneamente o seu dever para com o seu Don e eles mesmos.

No término da II Guerra Mundial, Don Corleone sabia que o seu mundo teria novamente de mudar os seus processos, que teria de se enquadrar mais ajustadamente aos processos do outro mundo maior. Ele acreditava que podia fazer isso sem qualquer prejuízo econômico ou financeiro.

Não havia motivo para essa crença em sua própria experiência. O que o pusera na pista certa foram dois negocios pessoais. No começo de sua carreira, o então jovem Nazorine, que era apenas um ajudante de padeiro que pretendia se casar, viera pedir-lhe auxílio. Ele e sua futura esposa, uma boa moça italiana, tinham economizado dinheiro e pago a elevada quantia de trezentos dólares a um atacadista de móveis que lhe fora recomendado. Esse atacadista deixara-os escolher tudo o que quiseram para mobiliar o futuro apartamento do casal. Um lindo dormitório de material de primeira com duas cômodas e abajures. Tam-

bém uma sala de estar com um sofá bem estofado e poltronas, tudo forrado com um lindo pano com fio de ouro. Nazorine e sua noiva passaram um dia feliz escolhendo o que desejavam do enorme depósito abarrotado de móveis. O atacadista recebeu o dinheiro, os trezentos dólares arduamente ganhos com o suor de seu sangue, enfiou-o no bolso e prometeu que a mobília seria entregue dentro de uma semana no já alugado apartamento.

Exatamente na semana seguinte, porém, a firma falira. O grande depósito cheio de móveis fora fechado e lacrado e destinado ao pagamento dos credores. O atacadista desaparecera para dar aos outros credores tempo de desabafar livremente a sua raiva. Nazorine, um destes últimos, foi ao seu advogado, que lhe informou que nada podia ser feito enquanto o caso não fosse resolvido no tribunal e todos os credores satisfeitos. Isso levaria três anos e Nazorine teria sorte se conseguisse recuperar dez centavos de cada dólar.

Vito Corleone ouvia essa história com sarcástica descrença. Não era possível que a lei pudesse permitir tal roubo. O atacadista possuía seu próprio palacete residencial, uma propriedade em Long Island, um automóvel de luxo, e pagava a faculdade para os filhos. Como podia ficar com os trezentos dólares do pobre padeiro Nazorine e não entregar-lhe os móveis que ele já havia pago? Mas, para certificar-se, Vito Corleone mandou Genco Abbandando consultar os advogados que representavam a Companhia *Genco Pura*.

Eles verificaram a história de Nazorine. O atacadista tinha toda a sua riqueza pessoal no nome da esposa. O negócio de móveis era uma sociedade anônima e ele não era pessoalmente responsável. Na verdade, ele demonstrara má-fé ao receber o dinheiro de Nazorine, quando sabia que ia pedir falência, mas isso era uma prática comum. Segundo a lei, nada se podia fazer.

Naturalmente a questão foi facilmente ajustada. Don Corleone mandou seu *consigliori*, Genco Abbandando, falar com o negociante, e, como era esperado, o homem compreendeu imediatamente a situação e providenciou para que Nazorine recebesse os seus móveis. Mas foi uma lição interessante para o jovem Vito Corleone.

O segundo incidente teve repercussões mais amplas. Em 1939, Don Corleone resolvera mudar a família para fora da cidade. Tal como qualquer outro pai, ele queria que os filhos freqüentassem escolas melhores e tivessem companheiros de nível social elevado. Por interesse pessoal, ele preferia o anonimato da vida suburbana, onde a sua reputação não era conhecida. Comprou a propriedade da alameda em Long Beach, a qual naquela época tinha apenas quatro casas recém-terminadas, mas bastante espaço para a construção de outras mais. Sonny estava formalmente comprometido com Sandra e logo se casaria, e

uma das casas seria para ele. Outra seria para o próprio Don Corleone. A terceira seria para Genco Abbandando e sua família. A última ficaria vazia por enquanto.

Uma semana depois que a alameda foi ocupada, um grupo de três trabalhadores chegou, com toda a inocência, com seu caminhão. Alegaram que eram inspetores de forno da cidade de Long Beach. Um dos jovens guarda-costas de Don Corleone deixou os homens entrar e os conduziu até o forno situado no porão. Don Corleone, sua mulher e Sonny estavam no jardim descansando e aspirando o ar da praia.

Para grande aborrecimento de Don Corleone, ele foi chamado para ir até a casa pelo seu guarda-costas. Os três trabalhadores, todos sujeitos grandes e fortes, estavam agrupados em torno do forno. O chefe, um homem autoritário, falou para Don Corleone com voz ríspida:

— Seu forno está em péssimas condições. Se o senhor quiser que a gente o conserte e o refaça, terá de pagar quinhentos dólares pelo trabalho e as peças que forem necessárias e depois a gente vai aprová-lo de acordo com a inspeção municipal.

Puxou um rótulo vermelho e concluiu:

— Colocaremos este selo nele, como o senhor vê, depois nenhum funcionário da municipalidade incomodará mais o senhor.

Don Corleone achou graça. Tinha sido uma semana enfadonha, sossegada, em que ele tivera de deixar de lado seus negócios para cuidar dos detalhes concernentes à mudança da família para uma casa nova. Num inglês mais estropiado do que o seu habitual sotaque ligeiramente italiano, ele perguntou:

— Se eu não pagar a vocês, que é que vai acontecer a meu forno?

O chefe dos três homens deu de ombros.

— A gente deixa o forno tal como está agora.

Ele apontou para as peças de metal espalhadas pelo chão.

Don Corleone respondeu humildemente:

— Esperem, vou apanhar o dinheiro.

Em seguida, saiu para o jardim e disse a Sonny:

— Escute, há uns homens trabalhando no forno, não entendo o que é que eles querem. Entre lá e resolva a questão.

Não era apenas uma brincadeira: ele pretendia fazer o filho seu *subchefe*. Isso era uma das provas pelas quais um diretor comercial tinha de passar.

A solução de Sonny não agradou inteiramente ao pai. Foi muito direta, faltou-lhe completamente a sutileza siciliana. Ele era a Clava não a Espada. Pois logo que Sonny ouviu a exigência do chefe da turma pôs os três homens sob a mira de sua arma e fez os seus guarda-costas aplicar-lhes umas boas bordoadas. Depois, obrigou-os a consertar o forno e arrumar direitinho o po-

rão. Revistou-os e descobriu que eles na realidade eram empregados de uma firma empreiteira cuja sede era no Condado de Suffolk. Conseguiu saber o nome do dono da firma. Em seguida, levou os três homens a pontapés para o caminhão deles.

— Não me apareçam mais aqui em Long Beach — gritou para eles. — Eu lhes pendurarei os culhões nas orelhas.

Era típico do jovem Santino, antes que se tornasse mais velho e mais cruel, que ele estendesse a sua proteção à comunidade em que vivia. Sonny fez uma visita pessoal ao dono da firma empreiteira e disse-lhe que não mandasse nunca mais nenhum de seus homens a Long Beach. Logo que a Família Corleone estabelecia sua ligação habitual com a força policial local era informada de todas essas queixas e de todos os crimes praticados pelos elementos profissionais. Em menos de um ano, Long Beach tornou-se a cidade dentro de sua categoria, onde o crime imperava menos livremente nos Estados Unidos. Os assaltantes e valentões profissionais recebiam um aviso para não exercerem sua atividade na cidade. Permitia-se que cometessem uma infração. Quando cometiam a segunda, simplesmente desapareciam. Os embusteiros de consertos de casa, os vigaristas a domicílio, eram delicadamente advertidos de que não seriam bem recebidos em Long Beach. Os trapaceiros que não levavam em consideração a advertência eram surrados até ficarem quase à morte. Os jovens desordeiros residentes no local, que não tinham respeito pela lei e pela autoridade constituída, eram aconselhados da maneira mais paternal possível a fugirem de casa. Long Beach tornou-se uma cidade modelo.

O que impressionava a Don Corleone era a validade legal dessas falcaturas de vendas. Evidentemente, havia um lugar para um homem de seu talento nesse outro mundo que esteve fechado para ele quando era um rapaz honesto. Ele tomou as medidas necessárias para entrar nesse mundo.

E assim vivia feliz na alameda de Long Beach, consolidando e ampliando seu império, até que, quando terminou a guerra, o turco Sollozzo rompeu a paz e mergulhou o mundo de Don Corleone em sua própria guerra, e o levou para a cama do hospital.

LIVRO IV

Capítulo 15

Na vila de New Hampshire, todo fenômeno estranho era devidamente percebido pelas donas de casa que espiavam das janelas, pelos comerciantes que se espreguiçavam por trás de suas portas. E assim quando um automóvel preto com chapa de Nova York parou em frente da Casa Adams todo cidadão teve conhecimento disso, em questão de minutos.

Kay Adams, na realidade uma garota provinciana, apesar de sua educação universitária, também estava espiando da janela do seu quarto. Estava estudando para os exames e preparava-se para descer para o almoço, quando avistou o carro subindo a rua e, por qualquer motivo, não ficou surpresa, quando ele manobrou para parar em frente do gramado de sua casa. Dois homens grandes e fortes saltaram dele, os quais, para ela, pareciam *gangsters* do cinema. E Kay desceu correndo as escadas, a fim de ser a primeira pessoa a chegar à porta. Tinha certeza de que eles vinham da parte de Michael ou da família dele e não queria que falassem com seus pais sem apresentação. Não que tivesse vergonha de qualquer amigo de Mike, pensou; mas porque seus pais eram ianques antiquados de Nova Inglaterra e não iriam compreender como ela conhecia essa gente.

Chegou à porta justamente quando a campainha tocou, e foi logo gritando para a mãe:

— Eu vou atender.

Abriu a porta e viu os dois homens grandes lá postados. Um deles meteu a mão no bolso de dentro do paletó, como um

gangster que vai puxar uma arma, e o gesto surpreendeu tanto Kay, que ela deixou escapar um pequeno suspiro, mas o homem só tirou do bolso uma carteirinha de couro que abriu, para mostrar o seu cartão de identidade.

— Sou o Detetive John Phillips do Departamento de Polícia de Nova York — disse ele.

Apontando para o outro homem, um indivíduo de compleição morena e sobrancelhas cerradas muito pretas, apresentou:

— Este é meu colega, Detetive Siriani. A senhorita é Kay Adams?

Kay balançou a cabeça, confirmando.

— A senhorita permite que entremos — prosseguiu Phillips — para falar-lhe por alguns minutos? É sôbre Michael Corleone.

Ela se afastou para o lado, a fim de deixá-los entrar. Nesse momento, o pai dela apareceu no pequeno corredor lateral que dava para o seu gabinete particular.

— Kay, que é? — indagou ele.

Seu pai era um homem de cabelo grisalho, franzino, de aspecto distinto, que não somente era pastor da igreja batista da cidade, como também tinha a reputação nos círculos religiosos de um homem erudito. Kay realmente não conhecia bem o pai. Ele era uma incógnita para ela, mas sabia que ele a amava, mesmo que desse a impressão de que a achava desinteressante. Embora jamais tivessem sido íntimos, confiava nele. Assim, respondeu simplesmente:

— Estes homens são detetives de Nova York. Querem fazer-me algumas perguntas sobre um rapaz que eu conheço.

O Sr. Adams não pareceu surpreendido.

— Por que não vamos para o meu gabinete? — perguntou ele.

— Preferimos falar com sua filha a sós, Sr. Adams — atalhou gentilmente o Detetive Phillips.

— Isto depende de Kay, penso eu, — retrucou cortesmente o Sr. Adams. — Minha querida, você quer falar com estes cavalheiros a sós, ou prefere ter-me presente? Ou talvez a sua mãe?

— Quero falar com eles a sós — falou a moça.

— Vocês podem usar o meu gabinete — disse o Sr. Adams a Phillips. — Ficarão para o almoço?

Os dois homens recusaram. Kay conduziu-os ao gabinete.

Eles se instalaram incomodamente na beira do divã, enquanto ela escolheu a grande cadeira de couro do pai. O Detetive Phillips iniciou a conversação dizendo:

— Senhorita Adams, a senhorita viu ou teve alguma notícia de Michael Corleone durante as três últimas semanas?

Esta pergunta foi o suficiente para fazê-la compreender a situação. Há três semanas passadas, lera os jornais de Boston com suas manchetes, sobre o assassinato de um capitão da polí-

cia de Nova York e um contrabandista de narcóticos chamado Virgil Sollozzo. Um jornal dissera que isso era um episódio da guerra entre quadrilhas, na qual estava metida a Família Corleone.

— Não, — Kay balançou a cabeça — a última vez que o vi, ele ia ver o pai no hospital. Isso foi talvez há coisa de um mês.

— Sabemos tudo a respeito desse encontro — atalhou o outro detetive com voz áspera. — A senhorita o viu, ou teve alguma notícia dele desde então?

— Não — respondeu Kay.

— Se a senhorita tem algum contato com ele, — falou o Detetive Phillips com voz delicada — nós gostaríamos de saber. É muito importante falarmos com Michael Corleone. Devo preveni-la de que se a senhorita entrar em contato com ele, poderá meter-se numa situação perigosa. Se a senhorita ajudá-lo de alguma forma, poderá complicar-se seriamente.

Kay endireitou-se toda na cadeira.

— Por que não devo ajudá-lo? — perguntou ela. — Nós vamos casar, gente casada ajuda uma a outra.

Foi o Detetive Siriani que respondeu a ela.

— Se a senhorita ajudá-lo, poderá ser acusada de cúmplice de crime. Estamos procurando o seu namorado porque ele matou um capitão da polícia de Nova York e mais um informante com quem o oficial da polícia estava conversando. *Sabemos* que foi Michael Corleone quem atirou neles.

Kay deu uma gargalhada, mas uma gargalhada tão espontânea, tão incrédula, que os policiais ficaram impressionados.

— Mike não faria uma coisa como essa — retrucou ela. — Ele nunca teve nada em comum com a família. Quando fomos ao casamento da irmã dele, era evidente que ele era tratado como um estranho, quase com a mesma indiferença com que eu fui tratada. Se ele está escondido agora, é só para que não haja publicidade em torno dele, para que o seu nome não seja arrastado com tudo isso. Mike não é um *gangster*. Eu o conheço melhor do que vocês ou do que qualquer outra pessoa. É um rapaz muito distinto para fazer uma coisa tão desprezível como cometer um assassinato. É a pessoa mais respeitadora da lei que eu conheço, nunca soube que ele mentia.

— Há quanto tempo a senhorita o conhece? — indagou o Detetive Phillips gentilmente.

— Há mais de um ano — respondeu Kay, surpreendendo-se quando os dois homens sorriram.

— Acho que existem algumas coisas que a senhorita precisa saber — disse o Detetive Phillips. — Na noite em que ele deixou a senhorita, foi para o hospital. Quando saiu dali, teve uma discussão com um capitão da polícia que fora ao hospital, a serviço. Ele atacou esse oficial da polícia e levou a pior. De fato,

ele sofreu uma fratura do maxilar e perdeu alguns dentes. Seus amigos levaram-no para a casa da Família Corleone, em Long Beach. Na noite seguinte, o capitão da polícia com quem ele brigara foi mortalmente baleado e Michael Corleone desapareceu. Sumiu. Temos os nossos contatos, os nossos informantes. Todos eles apontam Michael Corleone, mas não temos provas suficientes para um tribunal de justiça. O garçom que testemunhou os disparos não reconheceu um retrato de Mike, mas pode reconhecê-lo em pessoa. E temos o motorista de Sollozzo, que se recusa a falar, mas podemos fazê-lo falar se tivermos Michael Corleone em nosso poder. Assim todo o nosso pessoal o está procurando, bem como o FBI e um mundo de gente. Até agora, não tivemos sorte. Assim, pensamos que talvez a senhorita fosse capaz de nos dar alguma pista.

— Não acredito numa palavra disso — acrescentou Kay friamente.

Porém, sentiu-se um tanto pesarosa, ao saber que a notícia de que Mike tivera o maxilar fraturado podia ser verdadeira. Não que isso pudesse levar Mike a cometer um assassinato.

— Promete nos comunicar se Mike entrar em contato com a senhorita? — inquiriu Phillips.

Kay balançou a cabeça negativamente.

— Sabemos que vocês dois estiveram dormindo juntos. — acrescentou grosseiramente o Detetive Siriani. — Temos os registros dos hotéis e testemunhas. Se deixarmos essa informação chegar ao conhecimento dos jornais seu pai e sua mãe se sentirão muito mal. Gente respeitável, como realmente é, eles não gostarão de saber que a filha andou dormindo com um *gangster*. Se a senhorita não falar a verdade agora mesmo chamarei seu velho aqui e contarei tudo direitinho a ele.

Kay olhou para o detetive espantada. Em seguida, se levantou, foi até a porta do gabinete e abriu-a. Avistou o pai em pé à janela da sala de estar, fumando o seu cachimbo.

— Papai, você pode vir até aqui? — gritou ela então.

Ele virou-se, sorriu para ela e veio caminhando para o gabinete. Quando atravessou a porta, passou o braço em torno da cintura da filha e encarou os detetives dizendo:

— Às suas ordens, cavalheiros.

Vendo que ficaram mudos, Kay disse friamente ao Detetive Siriani:

— Conte tudo direitinho a ele, meu senhor.

Siriani ficou vermelho.

— Sr. Adams, vou contar-lhe isso, para o próprio bem de sua filha. Ela anda se misturando com um mau elemento que, temos motivo para acreditar, matou um oficial da polícia. Estou dizendo a ela que pode complicar-se seriamente se não cooperar conosco. Mas parece que ela não compreende como toda essa questão é séria. Talvez o senhor possa falar com ela.

— Isso é absolutamente inacreditável — respondeu o Sr. Adams delicadamente.

Siriani moveu o queixo.

— Sua filha e Michael Corleone têm saído juntos há mais de um ano. Têm pernoitado juntos em hotéis, registrados como marido e mulher. Michael Corleone está sendo procurado para ser interrogado sobre o assassinato de um oficial da polícia. Sua filha se recusa a nos dar qualquer informação que nos possa ajudar. Estes são os fatos. O senhor pode achá-los incríveis, mas posso provar tudo isso.

— Não duvido de sua palavra, cavalheiro — retrucou o Sr. Adams gentilmente. — O que acho inacreditável é que minha filha possa estar seriamente complicada. A não ser que os senhores estejam sugerindo que ela é uma... — aqui o seu rosto adquiriu uma gravidade duvidosa — uma "rameira", acredito que é assim que se chama.

Kay olhou para o pai espantada. Sabia que ele estava brincando à sua maneira solene, e ficou surpresa ao notar que ele encarava a coisa toda de modo tão superficial.

— Contudo — acrescentou o Sr. Adams com firmeza — podem ficar certos de que se esse rapaz aparecer por aqui, eu comunicarei imediatamente a sua presença às autoridades. Como fará também a minha filha. Agora, se os senhores nos perdoam, o almoço está esfriando.

Conduziu os homens para fora da casa, com toda a cortesia, e fechou a porta nas costas deles de modo gentil, mas com firmeza. Tomou Kay pelo braço e levou-a para a cozinha distante, situada nos fundos da casa.

— Venha, querida, sua mãe está servindo o nosso almoço.

Quando chegaram à cozinha, Kay estava chorando silenciosamente, para aliviar-se da tensão, ante a demonstração de afeto incondicional do pai. Na cozinha, a mãe não tomou conhecimento do seu choro, e Kay compreendeu que o pai devia ter-lhe falado a respeito dos dois detetives. Sentou-se no seu lugar e a mãe a serviu em silêncio. Quando os três estavam à mesa, o pai pronunciou a sua rápida oração de graças com a cabeça abaixada.

A Sr.ª Adams era uma mulher baixa e robusta, sempre bem vestida, e com o cabelo sempre penteado. Kay nunca a vira desalinhada. A mãe também sempre estivera um tanto desinteressada por ela, mantendo-a a certa distância. E assim o fazia agora.

— Kay, deixe de ser tão trágica. Tenho certeza de que tudo não passa de muito espalhafato em torno de nada. Afinal de contas, o rapaz estava freqüentando Dartmouth, não podia estar metido em coisas tão sórdidas.

Kay levantou os olhos para a mãe com surpresa.

— Como é que você sabia que Mike freqüentava Dartmouth? — indagou.

— Vocês jovens são tão misteriosos — respondeu a mãe com complacência — e pensam que são tão espertos. Sabíamos do seu romance com êle durante todo o tempo, mas naturalmente não podíamos falar nisso, enquanto você não tocasse no assunto.

— Mas como vocês souberam? — perguntou Kay.

Não podia encarar o pai, agora que ele sabia que ela e Mike dormiram juntos. Assim, não o viu sorrir quando ele disse:

— Abrimos as suas cartas, naturalmente.

Kay ficou horrorizada e aborrecida. Agora ela podia encará-lo. O que ele fizera era mais vergonhoso do que o próprio pecado dela. Nunca poderia esperar isso dele.

— Papai, você não fez, você não podia ter feito.

O Sr. Adams sorriu para ela.

— Debati comigo mesmo qual era o maior pecado: abrir as suas cartas ou ignorar algum perigo que a minha única filha poderia estar correndo. A escolha foi simples, e virtuosa.

A Sr.ª Adams disse entre garfadas de galinha cozida:

— Afinal de contas, querida, você é extremamente inocente para a sua idade. Tivemos de ficar alerta. E você nunca falou sobre ele.

Pela primeira vez, Kay ficou satisfeita, porque Michael nunca fôra carinhoso em suas cartas. E mais contente ficou ainda porque os pais não tinham visto as cartas *dela*.

— Nunca falei a vocês sobre ele, porque pensei que vocês ficariam horrorizados com a família dele.

— Nós ficamos — respondeu o Sr. Adams cordialmente. — A propósito, Michael entrou em contato com você?

Kay balançou a cabeça.

— Não acredito que ele seja culpado de coisa alguma.

Percebeu os pais trocarem um olhar.

— Se ele não é culpado e sumiu, — disse gentilmente em seguida o Sr. Adams — então talvez alguma coisa deve ter acontecido a ele.

A princípio, Kay não entendeu. Depois levantou-se da mesa e correu para o quarto.

Três dias depois, Kay Adams saltou de um táxi em frente da alameda dos Corleone, em Long Beach. Ela telefonara e estava sendo esperada. Tom Hagen foi recebê-la na porta, e ela ficou decepcionada por ter sido ele. Sabia que Tom nada contaria a ela.

Na sala de estar, ofereceu-lhe uma bebida. Ela vira dois homens rondando a casa, mas não Sonny. Perguntou diretamente a Hagen:

— Você sabe onde Mike está? Sabe onde posso entrar em contato com ele?

Hagen respondeu calmamente:

— Sabemos que está bem, mas não sabemos onde está agora. Quando soube que aquele capitão tinha sido mortalmente baleado, teve medo de que o acusassem. Assim, resolveu desaparecer. Falou-me que entrará em contato comigo dentro de alguns meses.

A história não somente era falsa, como também significava que devia ser aceita.

— O capitão de fato quebrou a cara de Mike? — perguntou Kay.

— Infelizmente isso é verdade — respondeu Tom. — Mas Mike nunca foi vingativo. Tenho certeza de que isso nada teve a ver com o que aconteceu.

Kay abriu a bolsa e tirou uma carta.

— Quer entregar-lhe isto, se ele entrar em contato com você?

Hagen balançou a cabeça negativamente.

— Se eu recebesse esta carta e você dissesse a um tribunal de justiça que eu a aceitei, isso poderia ser interpretado que eu sabia do paradeiro dele. Por que você não espera um pouco? Tenho certeza de que Mike entrará em contato com você.

Kay acabou de beber e levantou-se para partir. Hagen acompanhou-a até o corredor de saída, mas quando ele abriu a porta, uma mulher entrou. Era uma mulher baixa e robusta, vestida de preto. Kay reconheceu-a como a mãe de Michael.

— Como vai, Senhora Corleone? — perguntou Kay, estendendo-lhe a mão.

Os pequenos olhos pretos da mulher fixaram-se sobre ela por um momento, depois o rosto enrugado, duro, esverdeado abriu-se num sorriso rápido de saudação que, contudo, era de alguma forma curiosa e verdadeiramente amistosa.

— Ah, você é a pequena de Mike — disse a Sr.ª Corleone.

Ela tinha um sotaque italiano carregado, e Kay mal podia compreendê-la.

— Você come alguma coisa?

Kay respondeu que não, querendo dizer que não queria comer nada. Então, a Sr.ª Corleone virou-se furiosamente para Tom Hagen e ralhou com ele em italiano, terminando assim:

— Você não serviu café a essa pobre moça, seu *disgraziato*.

Pegou Kay pela mão e conduziu-a para a cozinha. A mão da senhora Corleone estava surpreendentemente quente e vigorosa.

— Tome café e coma alguma coisa, depois alguém a levará para casa. Não quero que uma garota distinta como você apanhe o trem.

Fez Kay sentar-se e começou a movimentar-se afobadamente

na cozinha, arrancando violentamente o capote e o chapéu, pendurando-os numa cadeira. Em poucos segundos havia pão, queijo e salame na mesa e café no fogão.

— Vim pedir notícias de Mike, — falou Kay timidamente — não sei onde ele está. O Sr. Hagen disse que ninguém sabe seu paradeiro, mas que ele vai aparecer dentro de pouco tempo.

— Isso é tudo o que podemos dizer a ela agora, mamãe — atalhou rapidamente Hagen.

A Sr.ª Corleone lançou-lhe um olhar de fulminante desprezo.

— Agora você vai-me dizer o que fazer? Meu marido não me diz o que fazer. Deus tenha misericórdia dele.

Ela persignou-se.

— O Sr. Corleone está passando bem? — perguntou Kay.

— Muito bem — respondeu a Sr.ª Corleone. — Muito bem. Ele está ficando velho, está ficando bobo, para deixar que uma coisa como essa aconteça.

Ela bateu na cabeça da moça com intimidade. Serviu o café e obrigou Kay a comer pão com queijo.

Depois de beberem café, a Sr.ª Corleone tomou a mão de Kay entre suas mãos morenas, e falou tranqüilamente:

— Mike não vai escrever-lhe, você não vai ter notícias de Mike. Ele vai ficar escondido uns dois ou três anos. Talvez mais..., talvez muito mais. Volte para a casa de sua família e procure um bom rapaz e case-se.

— A senhora pode mandar entregar isso a ele? — perguntou Kay tirando a carta da bolsa.

A Sr.ª Corleone pegou a carta e deu um tapinha na face de Kay.

— Certamente, certamente — respondeu ela.

Hagen começou a protestar e ela gritou com ele em italiano. Depois ela levou Kay até a porta.

— Esqueça Mike, ele não é mais o homem que lhe serve — falou depressa, beijando-lhe o rosto.

Havia um carro esperando por ela, com dois homens em pé na frente. Conduziram-na até o hotel em Nova York, sem pronunciar uma só palavra. O mesmo fez Kay. Procurava acostumar-se à idéia de que o rapaz que amava era um frio assassino. E isso lhe fora revelado pela fonte mais indiscutível: a mãe dele.

Capítulo 16

Carlo Rizzi sentia-se profundamente magoado. Uma vez casado com uma moça da Família Corleone, fora posto de lado com um pequeno negócio de *bookmaker* na Zona Leste de Manhattan. Estava contando com uma das casas na alameda de Long Beach, sabia que Don Corleone, quando quisesse, podia fazer mudar dali as famílias dependentes, e ele estava certo de que isso aconteceria e ficaria por dentro de tudo. Contudo, Don Corleone não o estava tratando corretamente. O "Grande Don", pensava ele com desprezo. Um velho antiquado que se deixara surpreender por pistoleiros na rua, como qualquer bandido de terceira classe. Esperava que o velho salafrário esticasse a canela. Sonny fora seu amigo antigamente e, se se tornasse o chefe da Família, talvez ele, Rizzi, tivesse uma oportunidade, passasse a ficar por dentro.

Observava a sua mulher servir-lhe o café. Jesus Cristo, que coisa que ela se tornou! Cinco meses de casados, e ela já estava engordando barbaramente, além de bronquear noite e dia. Igualzinha a todas aquelas mulheres italianas do bairro.

Rizzi estendeu o braço e passou a mão nas nádegas moles e enormes de Connie. Ela sorriu-lhe.

— Você está mais gorda do que uma porca — disse ele desdenhosamente.

Sentia prazer em ver a mágoa estampada no rosto dela, e as lágrimas correrem-lhe dos olhos. Ela podia ser filha do Grande Don, mas era mulher dele, era propriedade dele, agora, e

podia tratá-la como quisesse. Sentia-se poderoso em pensar que um membro da família Corleone era seu capacho.

Agora começava a subjugá-la. Connie tentava guardar para si mesma aquela bolsa cheia do dinheiro que recebeu como presente de casamento, mas ele lhe dera um bom soco no olho e lhe arrancara o dinheiro. Tampouco jamais dissera a ela o que faria desse dinheiro. Na verdade, isso poderia ter-lhe causado alguma amolação. Mesmo agora, não sentia a mais leve ponta de remorso. Jesus Cristo, ele queimaria quase quinze mil dólares nas corridas de cavalos e com as mulheres de cabarés.

Percebia que Connie olhava para as suas costas, por isso flexionou os músculos, quando estendeu o braço para alcançar o prato de pãezinhos doces colocado do outro lado da mesa. Acabara de devorar o seu presunto com ovos, mas era um homem grandão e precisava de um *breakfast* reforçado. Sentia-se satisfeito com a impressão que causava à mulher. Diferente do comum dos maridos carcamanos morenos e cozinheiros, era um tipo louro, de cabelo à escovinha, com enormes antebraços de pêlo louro, ombros largos e cintura estreita. Sabia que era fisicamente mais forte do que qualquer um daqueles sujeitos chamados duros que trabalhavam para a Família. Tais como Clemenza, Tessio, Rocco Lampone e aquele cara Paulie que alguém tinha eliminado. Ele ignorava tudo a respeito dessa história. Depois, por um motivo qualquer, pensou em Sonny. De homem para homem, ele podia vencer Sonny, mesmo que o cunhado fosse um pouco maior e um pouco mais pesado do que ele. Porém, o que o amedrontava era a fama de Sonny, embora só estivesse acostumado a vê-lo como um rapaz bonachão e brincalhão. Sim, Sonny era seu "faixa". Se Don Corleone batesse a bota, talvez as coisas melhorassem.

Tomava o café devagar e matutava. Detestava aquele apartamento. Estava acostumado com as moradias maiores da Zona Oeste e, daí a pouco, teria de atravessar a cidade para ir para o seu escritório de *bookmaker*, a fim de cuidar das apostas do meio-dia. Era domingo, o dia mais ativo da semana, com o basebol já em ação, os times de basquetebol de segunda categoria e as corridas noturnas de cavalos. Gradualmente, percebeu Connie em grande atividade atrás dele e virou a cabeça para observá-la.

Estava vestindo-se daquele jeito tão vulgar de Nova York e que êle detestava. Um vestido de seda estampada com flores, cinto, pulseira e brincos espalhafatosos, mangas pregueadas. Parecia vinte anos mais velha.

— Diabo, onde vai você? — inquiriu ele.

— Ver meu pai em Long Beach — respondeu-lhe friamente. — Ele ainda não pode sair da cama e precisa de companhia.

Carlo ficou curioso.

— Sonny ainda está dirigindo o espetáculo?

Connie lançou-lhe um olhar meigo.

— Que espetáculo?

Ele ficou furioso.

— Sua cadelinha carcamana nojenta, não fale comigo desse jeito, porque mato a porradas esse fedelho que você tem na barriga.

Ela olhou apavorada, e isso o enfureceu ainda mais. Ele pulou da cadeira e esbofeteou-lhe o rosto, deixando-o com uma mancha vermelha. Com rapidez, deu-lhe mais três bofetadas. O lábio superior rachou sangrando e começou a inchar. Isso fê-lo parar. Não tencionava deixá-la marcada. Ela correu para o quarto, batendo com a porta. Ele ouviu a chave virar na fechadura, sorriu e voltou ao seu café.

Rizzi fumou até chegar a hora de se vestir. Bateu na porta dizendo:

— Abra-a antes que eu a derrube a pontapés.

Não houve resposta.

— Vamos, tenho de me vestir — disse ele em voz alta.

Ele ouviu a mulher levantar-se da cama e caminhar para a porta, depois a chave virar na fechadura. Quando entrou no quarto, Connie deu-lhe as costas, voltando para a cama e deitando-se com o rosto virado para o outro lado, para a parede.

Rizzi vestiu-se rapidamente e então reparou que ela estava de combinação. Queria que a mulher fosse visitar o pai e trouxesse informações a respeito da situação.

— Que é que há, algumas bofetadas lhe tiram toda a energia?

Connie era uma mulher preguiçosa.

— Não quero ir — respondeu chorosa, murmurando as palavras.

Rizzi estendeu o braço impacientemente e fê-la virar-se de frente para ele. E então compreendeu por que ela não queria ir e concordou que fosse muito bom mesmo que ela não saísse de casa.

Compreendeu que a esbofeteara com mais violência do que imaginara. Sua face esquerda estava deformada, o lábio superior, grotescamente inchado e branco, embaixo do nariz.

— Muito bem — disse ele — só chegarei em casa tarde. Domingo é o meu dia mais ocupado.

Ao deixar o apartamento encontrou no seu carro um talão verde de multa de 15 dólares de estacionamento. Pôs o talão no porta-luvas, juntando-o a uma pilha de outros. Estava de bom humor. Esbofetear de vez em quando a cadelinha mimada sempre lhe fazia bem. Consolava-o da frustração que sentia por ser tratado tão mal pelos Corleone.

A primeira vez que lhe fez uma marca, ficou um pouco preocupado. Ela fora diretamente a Long Beach para se queixar à

mãe e ao pai e para mostrar o olho contundido. Ele realmente não devia ter procedido assim. Mas quando ela voltou estava supreendentemente submissa, a obediente mulherzinha italiana. Rizzi fez questão de ser o marido perfeito, durante as semanas seguintes, tratando-a bem em todos os sentidos, sendo-lhe amoroso e gentil, trepando com ela todo dia, de manhã e de noite. Finalmente, Connie contou-lhe o que acontecera, julgando que o marido jamais procederia novamente daquele jeito.

Contou que achara os pais frios e indiferentes e ainda riram dela. A mãe demonstrara alguma pena, e até pedira ao pai que falasse com Carlo Rizzi. Mas o pai recusara.

— Ela é minha filha — retrucara — mas agora pertence ao marido. Ele conhece o seu dever. Nem o rei da Itália se atreve a meter-se nas relações de marido e mulher. Vá para casa e aprenda a comportar-se de modo que ele não bata em você.

— Você já bateu em sua mulher? — indagou Connie zangada com o pai.

Era a sua filha preferida e podia falar com o pai nesse tom impertinente.

— Nunca ela me deu motivo para bater nela — respondeu-lhe.

E a mãe balançou a cabeça afirmativamente e sorriu.

Connie contou-lhe como o marido lhe havia tirado o dinheiro do presente de casamento e nunca lhe dissera o que fizera com ele. O pai deu de ombros.

— Eu teria feito o mesmo, se minha mulher fosse tão insolente como você — acrescentou o pai.

Assim, voltou para casa, tanto desnorteada quanto apavorada. Sempre fora a predileta do pai, e não podia compreender a frieza dele agora.

Entretanto, Don Corleone não foi tão indiferente como fingira. Mandou investigar, descobrindo o fim que Carlo Rizzi dera ao dinheiro do presente de casamento. Ele havia designado homens para trabalharem no negócio de *bookmaker* de Carlo Rizzi, os quais comunicariam a Hagen tudo o que ele fazia. Mas Don Corleone não podia intervir. Que se podia esperar de um homem que cumprisse seus deveres de esposo com uma mulher cuja família ele temesse? Era uma situação impossível e em que não se atrevia a meter-se. Quando Connie engravidou, convenceu-se do acerto de sua decisão e sentiu que nunca deveria intervir, embora Connie se queixasse à mãe de mais alguns bofetões que levava e a mãe se preocupava tanto, que contava a Don Corleone.

Connie chegou a insinuar que queria o divórcio. Pela primeira vez na vida de Connie, o pai se zangara com ela.

— Ele é o pai de seu filho. Como pode uma criança nascer nesse mundo se não tem pai? — perguntou a Connie.

Tomando conhecimento de tudo isso, Carlo Rizzi adquiriu mais confiança em si. Sentia-se perfeitamente seguro. De fato, ele se pavoneava entre seus "apontadores" de apostas, Sally Rags e Coach, da maneira como batia na mulher, quando ela o aborrecia, e percebia o olhar de respeito deles, ao saberem que ele tinha a coragem de maltratar a filha do grande Don Corleone.

Entretanto Rizzi não se sentiria tão seguro se soubesse que, quando Sonny Corleone foi informado dessas surras, foi atacado de uma fúria assassina e só se conteve por causa da ordem enérgica e imperiosa do próprio Don Corleone, ordem que nem mesmo Sonny se atrevia a desobedecer. Era esse o motivo por que Sonny evitava Rizzi, pois não confiava muito em poder controlar o seu temperamento.

Assim, sentindo-se perfeitamente seguro nessa bela manhã de domingo, Carlo Rizzi cruzou velozmente a cidade, da Rua 96 para o Zona Este. Ele não viu o carro de Sonny vir do lado oposto na direção de sua casa.

Sonny Corleone deixara a proteção da alameda e passara a noite com Lucy Mancini na cidade. Agora, de volta para casa, estava acompanhado de quatro guarda-costas, dois na frente e dois atrás. Ele não precisava de guardas ao lado dele, podia encarregar-se de um simples ataque direto. Os outros homens andavam em seus próprios carros e tinham apartamentos em cada lado do apartamento de Lucy. Era seguro visitá-la, desde que ele não o fizesse com muita freqüência. Agora, que estava na cidade, pensou em apanhar a irmã Connie e levá-la a Long Beach. Sabia que Carlo devia estar trabalhando no seu "escritório" de *bookmaker* e o salafrário não arranjaria um carro para ela. Assim, daria uma carona à irmã.

Esperou os dois homens da frente entrarem no edifício, seguindo-os depois. Viu os dois homens de trás frearem o carro atrás do dele e saltarem para olhar as ruas. Ele mantinha os seus próprios olhos bem abertos. Havia uma possibilidade enorme de que os adversários nem mesmo soubessem que ele estava na cidade, mas ele era sempre cauteloso. Aprendera isso na guerra de 1930.

Sonny nunca usava elevadores. Eram armadilhas mortais. Subiu os oito andares até o apartamento de Connie bem depressa. Bateu na porta dela. Vira o carro de Carlo afastar-se e sabia que ela estaria só. Não houve resposta. Bateu novamente e depois ouviu a voz apavorada e tímida.

— Quem é? — indagou a irmã.

O pavor na voz da irmã espantou-o. A sua irmãzinha sempre fora viva e arrogante, dura como qualquer pessoa da família. Que diabo acontecera a ela?

— É Sonny — respondeu ele.

O ferrolho de dentro moveu-se para trás, a porta se abriu e Connie se atirou em seus braços soluçando. Ele ficou tão surpreso, que permaneceu algum tempo ali parado. Afastou-a um pouco, viu o rosto dela inchado e compreendeu o que havia acontecido.

Desprendeu-se dela para descer correndo as escadas e ir atrás do marido. A raiva inflamou-o, contorcendo-lhe o rosto. Connie viu a raiva e agarrou-se a êle, não o deixando ir, fazendo-o entrar no apartamento. Agora, ela chorava de terror. Conhecia o temperamento do irmão mais velho e tinha medo. Nunca se queixara a ele, por esse motivo. Fê-lo então entrar no apartamento com ela.

— Foi culpa minha — disse ela. — Comecei a brigar com ele e tentei bater nele e assim ele bateu em mim. Ele de fato não queria bater em mim com tanta força. Eu fui em cima dele.

O rosto de cupido de Sonny controlou-se.

— Você vai ver o velho hoje?

Ela não respondeu.

— Pensei que você fosse, — acrescentou ele — por isso passei aqui para lhe dar uma carona. Eu já estava na cidade.

Ela balançou a cabeça.

— Não quero que me vejam desse jeito. Vou na próxima semana.

— Está bem — respondeu Sonny.

Ele pegou o telefone da cozinha e discou um número.

— Estou chamando um médico para vir aqui dar uma olhada em você e ver o que pode fazer por você. No seu estado, você precisa tomar cuidado. Quantos meses faltam para ter o filho?

— Dois meses — respondeu Connie. — Sonny, por favor, não faça nada. Por favor, não faça.

Sonny deu uma gargalhada, mas seu rosto demonstrava claramente a sua intenção.

— Não se preocupe, não farei seu filho órfão antes de ele nascer — acrescentou.

Deixou o apartamento depois de beijá-la de leve na face incólume.

Na Rua 112, da Zona Este, uma longa fila de carros estava estacionada em linha dupla em frente de uma confeitaria que era a sede da banca de apostas de Gerlo Rizzi. Na calçada em frente da confeitaria, pais brincavam de pegar bola com crianças pequenas que eles tinham trazido para passear na manhã de domingo e para fazer-lhes companhia, enquanto faziam suas apostas. Quando viram Carlo Rizzi aproximar-se, pararam de jogar bola e compraram sorvete para os guris, a fim de mantê-los quietos. Então, começaram a estudar os jornais que traziam os lançadores iniciais, procurando escolher as apostas de basebol para o dia.

Carlo entrou na saia grande dos fundos da confeitaria. Seus dois "apontadores", um sujeito pequeno e franzino chamado Sally Rags e um tipo forte chamado Coach, já estavam esperando para começar as suas atividades. Tinham seus enormes blocos pautados em frente deles prontos para apontar as apostas. Num cavalete de pau, estava um quadro-negro com os nomes das 16 equipes da divisão principal escritos a giz, dois a dois, para mostrar quem jogava contra quem. Junto a cada par de equipes havia um quadradozinho para se escrever a cotação.

— O telefone da confeitaria está inteceptado hoje? — perguntou Carlo a Coach.

Coach balançou a cabeça.

— Não, o telefone continua a não estar interceptado.

Carlo foi até o telefone da parede e discou um número. Sally Rags e Coach observavam-no impassivamente, enquanto ele anotava os "informes", a cotação de todos os jogos de basebol programados para aquele dia. Observavam-no, enquanto ele desligava o telefone e se diriga para o quadro-negro e escrevia a giz a cotação de cada jogo. Embora Carlo não soubesse, eles já haviam obtido os "informes" e estavam conferindo o seu trabalho. Na primeira semana de sua atividade ali, Carlo cometera um erro ao transpor a cotação para o quadro-negro e criou o sonho de todos os jogadores, o "intermediário". Isto é, apostando na cotação dele e depois apostando contra a mesma equipe noutro *bookmaker* na cotação certa, o jogador nunca podia perder. Só quem podia perder era a banca de Carlo. Esse erro causou um prejuízo de seis mil dólares à banca, durante a semana, e confirmou a opinião de Don Corleone sobre o seu genro, que dissera claramente que todo o trabalho de Carlo devia ser conferido.

Normalmente, os membros mais destacados na hierarquia da Família Corleone nunca se interessariam por um tal detalhe operacional. Essa cúpula ficava isolada, pelo menos cinco camadas acima dos demais membros. Todavia, como a banca estava funcionando a título de experiência no gênero, foi posta sob a fiscalização direta de Tom Hagen, que dela recebia um relatório diário.

Agora que os "informes" estavam anunciados, os jogadores apinhavam-se na sala dos fundos da confeitaria para anotar a cotação nos seus jornais, ao lado dos jogos publicados ali com lançadores prováveis. Alguns deles seguravam seus filhos pequenos pela mão, enquanto olhavam para o quadro-negro. Um sujeito que fazia grandes apostas olhou para a garotinha que segurava pela mão.

— De quem é que você gosta hoje, querida, dos Gigantes ou dos Piratas? — indagou à criança.

A garotinha, fascinada pelos nomes impressionantes, perguntou:

— Os Gigantes são mais fortes do que os Piratas?

O pai deu uma gargalhada.

Uma fila começou a se formar em frente dos dois apontadores. Quando um deles completava uma folha, arrancava-a e enrolava com ela o dinheiro que tinha recebido e a entregava a Carlo. Este passava pela saída dos fundos da sala e subia uma escada até o apartamento em que morava a família do próprio dono da confeitaria. Transmitia as apostas para a banca central e punha o dinheiro num pequeno cofre de parede escondido por uma extensa cortina de janela. Em seguida, descia para a confeitaria, depois de ter queimado a folha de aposta e lançado as cinzas no vaso sanitário, puxando a descarga.

Nenhum dos jogos de domingo começava antes das duas horas da tarde, devido às leis especiais referentes aos domingos; assim, após a primeira multidão de apostadores, chefes de família que tinham de fazer suas apostas e correr para casa para levá-la à praia, vinha o pinga-pinga dos solteiros ou dos tipos antiquados, que condenavam a família a passar o domingo em seu apartamento quente da cidade. Esses apostadores solteiros eram os maiores jogadores, apostavam mais alto e voltavam lá pelas quatro horas, para apostar no segundo jogo da partida dupla. Eram esses que faziam Carlo trabalhar durante um expediente inteiro aos domingos em horas extras, embora alguns casados telefonassem da praia para tentar recuperar o prejuízo.

Por volta de 1,30h da tarde, as apostas tinham diminuído tanto, que Carlo e Sally Rags puderam sair e sentar-se na varanda ao lado da confeitaria, a fim de tomar um pouco de ar fresco. Olhavam os meninos jogarem bola. Passou um carro da polícia. Nem tomaram conhecimento dele. Essa banca tinha uma proteção muito forte no distrito policial e não podia ser visitada por determinação de uma autoridade local. Uma batida tinha de ser ordenada pela cúpula e mesmo então devia haver um aviso com bastante tempo de antecedência.

Coach também saiu, juntando-se aos outros dois. Bateram um papo sobre basebol e mulheres.

— Tive de bater na mulher novamente hoje, para ensinar-lhe quem é que manda — contou Carlo, entre gargalhadas.

— Ela está com a barriga bem grande agora, não está? — interrompeu Coach casualmente.

— Ah, ah, eu apenas dei uns bofetões na cara dela — respondeu Carlo. — Não a machuquei.

E pensou um momento.

— Ela acha que pode mandar em mim, não suporto isso.

Apareceram ainda uns apostadores soltando boatos, falando em basebol, alguns deles sentado-se nos degraus acima dos dois apontadores e Carlo. De repente, os meninos que estavam jogando bola na rua se espalharam. Vinha um carro ruidosamente

pelo quarteirão, freando em frente da confeitaria. Parou tão violentamente que os pneus gemeram e, antes que o carro quase parasse, um homem pulou do assento do motorista, movendo-se tão depressa que todo mundo ficou paralisado. Era Sonny Corleone.

O seu rosto de cupido, carregado, com sua boca encurvada, grossa, era uma horrenda máscara de fúria. Numa fração de segundo, estava na varanda e tinha agarrado Carlo Rizzi pela garganta. Afastou-o dos outros, procurando arrastá-lo para a rua, mas este passou os seus enormes braços musculosos em torno do corrimão de ferro da varanda e pendurou-se aí. Encolheu-se todo, procurando esconder a cabeça e o rosto entre os ombros. Sua camisa rasgou-se na mão de Sonny.

O que se seguiu foi repugnante. Sonny começou a bater no acovardado Carlo com os punhos, xingando-o com uma voz grossa, abafada pela raiva. Carlo, apesar de seu enorme físico, não oferecia resistência, não soltava qualquer grito de misericórdia ou de protesto. Coach e Sally Rags não se atreviam a intervir. Pensavam que Sonny pretendia matar o cunhado e não tinham vontade de partilhar o seu destino. Os meninos que estavam jogando bola se reuniram para xingar o motorista que os fizera dispersar, mas agora estavam observando atemorizados. Eram garotos duros, mas aquela cena de Sonny em sua fúria fê-los calar. Entrementes, outro carro parou atrás do de Sonny e dois dos seus guarda-costas saltaram. Quando viram o que estava acontecendo, também não se atreveram a intervir. Mantiveram-se alerta, prontos para protegerem o chefe se algum espectador tivesse à estupidez de tentar ajudar Carlo.

O que tornou repugnante o espetáculo foi a completa submissão de Carlo, e talvez foi isso que lhe salvou a vida. Agarrou-se firmemente ao corrimão de ferro, de modo que Sonny não pôde arrastá-lo para a rua e, apesar de sua força equilibrar com a do cunhado, continuou a recusar-se a reagir. Deixou que os golpes chovessem em sua cabeça e pescoço desprotegidos, até que o furor de Sonny passou. Finalmente, com o peito erguido, Sonny baixou os olhos para Carlo.

— Seu salafrário nojento, se você bater outra vez em minha irmã, eu o mato — arrematou.

Estas palavras baixaram a tensão. Porque, é claro, se Sonny quisesse matar Carlo, não teria pronunciado aquela ameaça. Fê-la frustrado, porque não podia executá-la. Carlo evitava olhar para Sonny. Mantinha a cabeça baixa e as mãos e os braços trançados no corrimão de ferro. Permaneceu assim, até que o carro zarpou ruidosamente e ele ouviu Coach dizer numa voz curiosamente paternal.

— Muito bem, Carlo, vamos entrar na confeitaria. Vamos sair da vista dessa gente.

Somente então, foi que Carlo se atreveu a sair de sua posição agachada contra os degraus de pedra da varanda e desembaraçou as mãos do corrimão. Pondo-se de pé, viu os meninos olharem para ele com ar repulsivo, espantado, de gente que tinha assistido à degradação de um semelhante. Estava um pouco tonto, porém isso era mais devido ao choque e ao tremendo medo que se apoderara de seu corpo; não estava muito machucado, apesar da saraivada de golpes pesados recebidos. Deixou Coach levá-lo pelo braço para a sala dos fundos da confeitaria e colocar gelo no seu rosto, que, embora não estivesse cortado ou sangrando, estava cheio de equimoses e inchado. O medo estava passando agora e a humilhação que sofreu fê-lo passar mal do estômago, de modo que ele teve de vomitar. Coach segurou-lhe a cabeça sobre a pia, amparou-o como se ele estivesse embriagado, depois ajudou-o a subir até o apartamento e fê-lo deitar-se na cama de um dos quartos. Carlo não notara que Sally Rags desaparecera.

Sally Rags tinha ido até a 3.ª Avenida e telefonara para Rocco Lampone informando-o do que acontecera. Rocco recebeu a notícia calmamente e, por sua vez, telefonou para o seu *caporegime*, Pete Clemenza, que gemeu e disse:

— Ó Cristo, esse maldito Sonny e seu gênio — mas o seu dedo prudentemente havia abaixado o gancho do telefone, para que Rocco não ouvisse as suas palavras.

Clemenza telefonou para a casa de Long Beach e chamou Tom Hagen. Este ouviu-o em silêncio por um momento.

— Mande alguns de seus homens e carros para a estrada de Long Beach o mais depressa possível, — disse, em seguida — só para evitar que Sonny seja retido pelo tráfego ou por algum acidente. Quando ele fica irritado assim, não sabe que diabo está fazendo. Talvez alguns de nossos amigos do outro lado tenham conhecimento de que ele estava na cidade. Nunca se sabe.

— No momento em que eu puder apanhar alguém na estrada, — respondeu Clemenza hesitante — Sonny estará em casa. Isso se refere aos Tattaglia também.

— Eu sei — respondeu Hagen pacientemente. — Mas se acontecer algo de extraordinário, Sonny pode ser detido. Faça o que puder, Pete.

De má vontade, Clemenza telefonou para Rocco Lampone e disse-lhe para pegar alguns homens e carros e dar cobertura à estrada para Long Beach. Ele próprio apanhou o seu querido *Cadillac* e, com três pelotões dos guardas que agora guarneciam a sua casa, partiu pela ponte da Praia do Atlântico para Nova York.

Um dos indivíduos que se encontrava perto da confeitaria, um pequeno apostador que recebia dinheiro da Família Tattaglia como informante, chamou o contato que tinha com essa gente. Mas a Família Tattaglia ainda não estava aparelhada para

a guerra, o contato teve de percorrer um longo caminho, através das camadas de isolamento, até finalmente chegar ao *caporegime*, que se comunicou com o chefe Tattaglia. Nessa altura, Sonny Corleone já estava de volta e a salvo em sua alameda, na casa do pai, em Long Beach, prestes a enfrentar a ira do velho.

Capítulo 17

A Guerra de 1947 entre a Família Corleone e as Cinco Famílias aliadas contra ela provou ser muito cara para ambos os lados. Tornou-se ainda mais complicada, por causa da pressão que a polícia passou a exercer para resolver o assassinato do Capitão McCluskey. Era raro que os funcionários do Departamento de Polícia ignorassem a força política que protegia as atividades do jogo e do vício, mas nesse caso, os políticos eram tão inúteis como o estado-maior de um exército amotinado e saqueador cujos oficiais combatentes se recusassem a cumprir as ordens.

Essa falta de proteção não prejudicava tanto a Família Corleone como a seus adversários. O grupo Corleone dependia da jogatina para obter a maior parte de sua renda, e foi atingida de rijo no "número" ou ramificações "políticas" de suas operações. Os mensageiros que colhiam as informações para as bancas eram conduzidos para o distrito policial, onde levavam uma surrazinha, antes de serem fichados. Algumas "bancas" foram localizadas e varejadas, com grande prejuízo financeiro. Os "banqueiros", indivíduos de alto gabarito, cheios de direitos, queixavam-se aos *caporegimes*, que levavam tais queixas ao supremo conselho da Família. Entretanto, nada se podia fazer. Os banqueiros foram aconselhados a sair do negócio. Franco-atiradores negros do local foram autorizados a tomar conta das bancas, no Harlem, o território mais rico, e eles agiam de maneira tão dispersiva que a polícia encontrava dificuldades em apanhá-los.

Depois da morte do Capitão McCluskey, alguns jornais publicaram histórias envolvendo-o com Sollozzo. Apresentavam prova de que McCluskey recebera quantias enormes de dinheiro, pouco antes de sua morte. Essas histórias tinham sido espalhadas por Hagen, sendo as informações fornecidas por ele. O Departamento de Polícia recusou-se a confirmar ou desmentir tais notícias, mas estava investigando. A organização policial soube através de informantes, de policiais que recebiam "bola" das Famílias, que McCluskey era um policial corrupto. Não porque ele aceitava grana "limpa", absolutamente, não havia censura quanto a isso. Mas porque ele aceitara o mais sujo dos dinheiros: o dinheiro de tráfico de entorpecentes ou de assassinatos. Segundo a moralidade dos policiais, isso era imperdoável.

Hagen compreendia que o policial acreditava na lei e na ordem de um modo curiosamente inocente. Acreditava nisso mais do que o público a quem ele serve. Afinal de contas, a lei e a ordem, a mágica de onde extrai o poder individual que ele acalenta como quase todos os homens. Contudo, há sempre o ressentimento reprimido conta o público a quem serve. Ele é ao mesmo tempo seu guarda e sua presa. Como guarda, é ingrato, abusado e exigente. Como presa, é escorregadio e perigoso, cheio de manha. Logo que alguém cai nas garras de um policial, o mecanismo da sociedade que ele defende reúne todos os seus recursos para arrancar a presa de suas mãos. A prisão é relaxada pelos políticos. Juízes dão *sursis* tolerantes aos piores bandidos. Governadores dos Estados e o próprio Presidente dos Estados Unidos dão perdões plenos, admitindo que advogados respeitáveis já não obtiveram a sua absolvição. Após algum tempo, o policial aprende. Por que não receber esses honorários que os bandidos estão pagando? Mais do que ninguém, ele precisa disso. Por que seus filhos não devem frequentar a faculdade? Por que sua mulher não deve comprar nas lojas mais caras? Por que ele mesmo não deve gozar o sol com umas férias de inverno na Flórida? Afinal de contas, ele arrisca a vida e isso não é brincadeira.

Geralmente, se obstina em não aceitar a grana suja. Aceitará dinheiro para que um *bookmaker* possa funcionar; de um homem que detesta multas de estacionamento ou dirige com velocidade excessiva. Permitirá que prostitutas e outras mulheres exerçam a sua atividade, a troco de uma pequena remuneração. Tais fraquezas são naturais ao homem. Mas absolutamente não aceitará a grana de traficância de entorpecentes, assaltos a mão armada, estupro, assassinato e outros tipos de crimes. Em sua mente, tais coisas atingem a essência de sua autoridade pessoal e não podem ser encorajadas.

O assassinato de um capitão da polícia foi comparado a um

regicídio. Contudo, quando se soube que McCluskey, ao ser assassinado, estava em companhia de um notório vendedor de narcóticos, e que este era suspeito de conspiração de assassinato, a represália por parte da polícia começou a diminuir. Outrossim, havia ainda pagamentos de hipotecas a serem feitos, carros a serem pagos, crianças para nascerem. Sem esse dinheiro "extra" os policiais tinham de se esforçar muito para equilibrar seu orçamento. Os vendedores ambulantes sem licença serviam apenas para arranjar o dinheiro do almoço. As "bolas" para perdoar as multas de estacionamento representavam quantias insignificantes. Alguns dos mais desesperados começaram até a tomar dinheiro dos suspeitos (pederastas, agressores) nos distritos policiais. Finalmente a situação abrandou. Aumentaram os preços e deixaram as Famílias operar. Uma vez mais, as "folhas de gratificações" passaram a ser dactilografadas pelo funcionário do distrito, relacionando todo homem designado para o posto policial local e a "parte" que ele devia receber todo mês. Restabeleceu-se algo semelhante à ordem social.

Tinha sido idéia de Hagen usar detetives particulares para guardarem o quarto de hospital de Don Corleone. Estes homens, naturalmente, eram reforçados pelos soldados muito mais exercitados do *regime* de Tessio. Sonny não estava satisfeito com isso. Em meados de fevereiro, quando Don Corleone já podia mover-se sem perigo, foi levado de ambulância para a sua residência na alameda. A casa fora reformada, de modo que o seu quarto de dormir assemelhava-se a um quarto de hospital com todo o equipamento necessário para qualquer emergência. Enfermeiras especialmente selecionadas tinham sido contratadas para cuidar do doente, noite e dia, e o Dr. Kennedy, mediante o pagamento de honorários altos, fora persuadido a se tornar o médico-residente desse hospital particular. Pelo menos, até que Don Corleone necessitasse apenas de cuidados de enfermeiras.

A própria alameda fora transformada num local inexpugnável. Capangas foram instalados nas casas extras, sendo os inquilinos mandados em férias para suas aldeias natais na Itália, com tôdas as despesas pagas.

Freddie Corleone fora enviado a Las Vegas para recuperar-se e sondar o terreno para as atividades da Família, no complexo cassino e hotel que estava surgindo ali. Las Vegas era parte do império da Costa Oeste ainda neutro, e o Don desse império garantira a segurança de Fred ali. As cinco Famílias de Nova York não desejavam fazer mais inimigos, entrando em Las Vegas depois de Freddie Corleone. Estavam às voltas com bastante complicação em Nova York.

O Dr. Kennedy proibira qualquer discussão sobre negócio na frente de Don Corleone. Esta ordem foi completamente desrespeitada. Don Corleone exigiu que o Conselho de guerra se

reunisse em seu quarto. Sonny, Tom Hagen, Pete Clemenza e Tessio se reuniram ali na primeira noite em que Don Corleone voltou para casa.

Don Corleone estava muito fraco para falar muito, mas desejava ouvir e exercer seus poderes de veto. Quando se explicou a êle que Freddie fora enviado a Las Vegas para estudar o estabelecimento de casa de jogo, balançou a cabeça aprovando. Ao saber que Bruno Tattaglia fora assassinado pelos seus capangas, balançou a cabeça e suspirou. O que o entristeceu mais do que tudo foi saber que Michael matara Sollozzo e o Capitão McCluskey e fora obrigado a fugir para a Sicília. Quando ouviu isso, fez sinal para que se retirassem do quarto e para continuarem a reunião na sala do canto onde se achava a biblioteca jurídica.

Sonny Corleone descansava na enorme poltrona por trás da escrivaninha.

— Penso que será melhor deixarmos o velho sossegado durante algumas semanas, até que o médico diga que êle está em condições de fazer negócios.

Fez uma pausa.

— Eu gostaria de pô-los em funcionamento novamente antes que ele melhorasse. Temos autorização da polícia para funcionar. A primeira coisa são as bancas políticas do Harlem. A rapaziada negra já se divertiu bastante ali, agora temos de tomá-las de volta. Desenvolveram o negócio, mas da maneira errada, tal como geralmente fazem quando dirigem as coisas. Muitos dos seus agentes não pagaram aos ganhadores. Andam em *Cadillacs* e dizem aos apostadores que têm de esperar por sua grana, ou talvez recebam apenas a metade do que eles ganharam. Não quero que nenhum agente meu pareça rico aos olhos de seus apostadores, e nem andem muito bem vestidos. Não admito franco-atiradores no negócio, pois só nos trazem má fama. Tom, vamos pôr esse projeto em ação, já. O resto entrará na linha, assim que você mandar dizer que o jogo está liberado.

— Existem alguns rapazes muito duros no Harlem. Tomaram o gostinho do dinheiro graúdo. Não quererão voltar a ser novamente pequenos agentes ou sub-banqueiros — retrucou Hagen.

Sonny deu de ombros.

— É só você dar os nomes a Clemenza. A função dele é pô-los nos eixos.

— Isso não é problema — disse Clemenza para Hagen.

Então, Tessio apresentou a questão mais importante.

— Assim que começarmos a funcionar, as cinco Famílias começarão seus ataques. Procurarão atingir nossos banqueiros no Harlem e nossos *bookmakers* na Zona Leste. É provável que tentem atrapalhar as coisas no setor de roupas feitas, que controlamos. Essa guerra vai custar um bocado de dinheiro.

— É possível que nem tentem — retrucou Sonny. — Eles sabem que os atacaremos em represália. Tenho meus sondadores de paz lá fora, e talvez possamos ajeitar tudo pagando uma indenização pela morte do rapaz da Família Tattaglia.

— Eles estão recebendo friamente tais negociações — atalhou Hagen. — Perderam um bocado de grana nos últimos meses e nos culpam por isso, com justiça. Penso que o que querem de nós é que concordemos em entrar no negócio de entorpecentes, para usar a influência da Família politicamente. Em outras palavras, tratar do caso Sollozzo, com exclusão de Sollozzo. Mas não entabularão tal negociação enquanto não nos tiverem atingido com uma espécie de ataque. Então, depois que nos tiverem amolecido, pensam que ouviremos sua proposta sobre entorpecentes.

— Nada de trato sobre entorpecentes — respondeu Sonny prontamente. — Don Corleone disse "não" e será "não" até ele mudar de opinião.

— Então, — falou Hagen enérgico — temos diante de nós um problema tático. Nosso dinheiro está lá fora em campo aberto. Jogo e política. Podemos ser atacados. A Família Tattaglia controla a prostituição e coisas semelhantes, além dos sindicatos portuários. Diabo, como vamos atacá-los? As outras Famílias também estão por dentro do negócio de jogo. A maioria delas está metida em negócios de construção, agiotagem, controle dos sindicatos, obtenção de contratos com o governo. Conseguem um bocado por meio de ameaças e outros recursos contra gente humilde. O dinheiro delas não está na rua. O cabaré dos Tattaglia é muito famoso para se atacar, causaria uma péssima impressão. E, com Don Corleone ainda fora de ação, a influência política deles iguala com a nossa. Assim, temos aqui um verdadeiro problema.

— O problema é meu — replicou Sonny. — Eu encontrarei a resposta. Mantenha a negociação em andamento e continue firmemente com as outras coisas. Vamos voltar ao negócio para ver o que acontece. Depois, saberemos como agir. Clemenza e Tessio têm bastantes soldados, podemos enfrentar as cinco Famílias bala por bala, se isso é o que elas querem. Iremos então para os colchões.

Não houve problemas para expulsar os banqueiros negros franco-atiradores do negócio. A polícia foi informada e arrasou com tudo, sem grande esforço. Nessa época, não era possível que um preto desse "bola" a um polícia de posição elevada ou a um funcionário político, para manter tal negócio em funcionamento. Isso se devia mais ao preconceito e à desconfiança racial do que a outra coisa qualquer. Mas Harlem sempre fora considerado um problema secundário, de forma que se esperava uma fácil solução.

As cinco Famílias atacaram numa direção inesperada. Dois poderosos funcionários dos sindicatos de roupas feitas foram assassinados, funcionários que eram membros da Família Corleone. Depois, os agiotas da Família Corleone foram expulsos das docas, como também os *bookmakers*. O pessoal do sindicato dos estivadores se passou para as cinco Famílias. Os *bookmakers* da Família Corleone em toda a cidade foram ameaçados, a fim de se convencerem a mudar de lado. O maior banqueiro do Harlem, um velho amigo e aliado da Família Corleone, foi brutalmente assassinado. Não havia mais opção. Sonny ordenou a seus *caporegimes* que fossem para os colchões.

Dois apartamentos foram ocupados na cidade, onde colocaram colchões para os capangas dormir, uma geladeira para mantimentos, e armas e munição. Clemenza ocupou um apartamento, com sua gente, e Tessio o outro. Todos os *bookmakers* da Família passaram a ter turmas de guarda-costas. Os banqueiros políticos do Harlem, porém, tinham-se passado para o inimigo e, no momento, nada se podia fazer a respeito do assunto. Tudo isso custava à Família Corleone um bocado de dinheiro e muito pouco estava entrando. À proporção em que se passavam os meses seguintes, outras coisas se tornaram óbvias. A mais importante era que a Família Corleone estava superada.

Havia motivos para isso. Com Don Corleone ainda muito fraco para tomar parte nos acontecimentos, grande parte da força política da Família estava neutralizada. Outrossim, os últimos dez anos de paz desgastaram seriamente as qualidades de luta dos dois *caporegimes*, Clemenza e Tessio. Clemenza ainda era um competente executor e administrador, porém lhe faltava a antiga energia ou a força juvenil para conduzir tropas. Tessio amolecera com a idade e não era bastante cruel. Tom Hagen, apesar de sua capacidade, simplesmente não era o tipo adequado para ser *consigliori* em tempo de guerra. Seu defeito principal era não ser siciliano.

Sonny Corleone reconhecia essas fraquezas na situação bélica da Família, mas não podia adotar medidas para remediá-las. Ele não era o Don e somente o Don podia substituir os *caporegimes* e o *consigliori*. Ademais, o próprio ato de substituição tornaria a situação mais perigosa, poderia precipitar alguma traição. A princípio, Sonny esperava ficar só na defensiva, até que Don Corleone completamente restabelecido pudesse assumir o comando; mas, com a deserção dos banqueiros políticos e a atemorização dos *bookmakers*, a posição da Família tornava-se precária. Então decidiu contra-atacar.

Foi direto ao coração do inimigo. Planejou a execução dos cabeças das cinco Famílias, numa grande manobra tática. Para atingi-lo, pôs em execução um rigoroso sistema de vigilância dos líderes adversários. Uma semana após, os chefes inimigos pron-

tamente mergulharam no subterrâneo e não foram mais vistos em público.

As cinco Famílias e o Império Corleone estavam num impasse.

Capítulo 18

Amerigo Bonasera morava apenas a alguns quarteirões de seu estabelecimento funerário na Rua Mulberry e assim sempre ia cear em casa. À noite, costumava voltar à sua empresa comercial a fim de unir-se respeitosamente às pessoas enlutadas que prestavam sua homenagem ao morto que jazia em câmara ardente em suas salas sombrias.

Ele sempre se ofendia com as piadas ditas a respeito de sua profissão, os detalhes técnicos macabros que eram tão insignificantes. Evidentemente, nenhum de seus amigos, membros de sua família ou vizinhos diria tais piadas. Qualquer profissão era digna de respeito para os homens que durante séculos haviam ganho o seu pão com o suor de seu rosto.

Agora, ceando com sua mulher em seu apartamento bem mobiliado, com imagens douradas da Virgem Maria com suas velas de vidro vermelho bruxuleando no aparador, Bonasera acendeu um cigarro *Camel* e tomou um repousante copo de uísque americano. A mulher trouxe pratos fumegantes de sopa para a mesa. Os dois estavam sós agora: ele mandara a filha morar em Boston com a avó, onde ela poderia esquecer a sua terrível experiência e os maus tratos que sofrera dos dois salafrários que Don Corleone havia punido.

Enquanto tomavam a sopa, a mulher perguntou:

— Você vai voltar para o trabalho esta noite?

Amerigo Bonasera acenou afirmativamente com a cabeça. A mulher respeitava o trabalho dele, mas não o compreendia. Não

compreendia que a parte técnica de sua profissão fosse a menos importante. Ele pensava, como muitas outras pessoas, que era pago por sua habilidade em fazer o morto parecer tão vivo em seu caixão. E, na verdade, essa sua habilidade era lendária. Porém mais importante ainda, mais necessária ainda, era sua presença física no velório. Quando a família desolada vinha à noite receber os demais parentes e amigos junto ao ataúde do pranteado morto, precisava de Amerigo Bonasera em companhia dela.

Pois ele era um guia rigoroso para a morte. Com seu rosto sempre sério, embora forte e confortador, sua voz firme, conquanto abafada para um registro baixo, ele comandava o rito fúnebre. Podia acalmar a dor que era tão indecorosa, podia repreender as crianças turbulentas cujos pais não tinham coragem de castigá-las. Incansável no oferecimento de suas condolências, ele jamais era rude. Uma vez que uma família usasse Amerigo Bonasera para despachar um morto, voltava repetidamente a usar os seus serviços. E ele nunca, nunca abandonava um de seus clientes nessa terrível derradeira noite sobre a terra.

Geralmente Bonasera permitia-se uma soneca após a ceia. Depois lavava-se e barbeava-se, usando talco com abundância para disfarçar a barba preta cerrada. Lavava sempre a boca. Respeitosamente vestia uma roupa de baixo limpa, uma camisa branca lustrosa, a gravata preta, uma roupa escura recém-passada a ferro, sapatos pretos foscos e meias pretas. Contudo, a impressão que ele causava era confortante em lugar de sombria. Também conservava o cabelo tingido de preto, uma frivolidade inaudita num homem italiano de sua geração; mas não era por vaidade. Simplesmente porque o seu cabelo havia tomado um aspecto vivo de sal e pimenta, uma cor que lhe parecia indecorosa para a sua profissão.

Depois que Bonasera acabou a sopa, a mulher pôs diante dele um pequeno bife com algumas garfadas de espinafre verde ressumbrando óleo amarelo. Ele comia pouco. Quando terminou, tomou uma xícara de café e fumou outro cigarro *Camel*. Enquanto tomava café, pensou na sua pobre filha. Ela nunca mais seria a mesma. Sua beleza externa havia sido restaurada, mas ele percebia nela o olhar de um animal assustado que o tornava incapaz de encará-la. E assim mandaram-na passar algum tempo em Boston. O tempo curaria as feridas da moça. A dor e o terror não eram coisas tão finais como a morte, como êle bem sabia. Seu trabalho o fizera otimista.

Bonasera acabara de tomar o café quando o telefone da sala de estar tocou. A mulher nunca atendia quando ele estava em casa, assim ele se levantou, esvaziou a xícara e apagou o cigarro. Enquanto caminhava para o telefone, tirou a gravata e começou a desabotoar a camisa, aprontando-se para a sua soneca. Em seguida, pegou o telefone e disse com uma cortesia tranqüila:

— Alô.

A voz do outro lado era áspera, forçada.

— Aqui é Tom Hagen — disse a voz. — Estou falando em nome de Don Corleone, a pedido dele.

Amerigo Bonasera sentiu o café agitar-se amargamente em seu estômago, sentiu-se possuído de um certo mal-estar. Havia mais de um ano que ele contraíra uma dívida com Don Corleone para vingar a honra de sua filha e nessa altura a lembrança de que ele tinha de pagar essa dívida estava muito longe. Ficara tão grato ao ver o rosto ensangüentado daqueles dois salafrários que faria tudo por Don Corleone. Mas o tempo desgasta a gratidão mais depressa do que a beleza. Agora Bonasera sentia a doença de um homem que enfrentava uma desgraça. A sua voz gaguejou quando ele respondeu:

— Sim, compreendo. Estou ouvindo.

Ele estava surpreso com a frieza da voz de Hagen. O *consigliori* sempre fora um homem cortês, embora não fosse italiano, mas agora estava sendo rudemente brusco.

— Você deve um serviço ao Don — disse Hagen. — Ele não tem dúvida de que você lhe pagará. De que você será feliz em ter esta oportunidade. Dentro de uma hora, não antes, talvez depois, ele estará em sua empresa funerária para lhe pedir um favor. Esteja lá para recebê-lo. Não tenha lá ninguém que trabalhe para você. Mande todo mundo embora. Se você não tem qualquer objeção a fazer, fale agora e eu informarei Don Corleone. Ele tem outros amigos que podem fazer esse serviço.

Amerigo Bonasera quase gritou em seu susto:

— Como pode você pensar que eu faltaria ao Padrinho? Certamente, farei tudo o que ele deseja. Não esqueci minha dívida. Irei para a minha empresa imediatamente, agora mesmo.

A voz de Hagen era mais delicada agora, mas havia algo estranho nela.

— Muito obrigado — respondeu ele. — O Don nunca teve dúvidas a seu respeito. A dúvida era minha. Atenda-o esta noite e você poderá me procurar sempre que tiver dificuldades, você ganhará a minha amizade pessoal.

Isso assustou Amerigo Bonasera ainda mais. Ele gaguejou:

— O próprio Don vai-me procurar esta noite?

— Sim — respondeu Hagen.

— Então ele está completamente restabelcido dos ferimentos, graças a Deus — disse Bonasera. A sua voz estava como que perguntando.

Houve uma pausa do outro lado do telefone, depois a voz de Hagen falou muito tranqüilamente:

— Sim.

Houve um pequeno estalo e o telefone emudeceu.

Bonasera estava suando. Foi para o quarto, mudou a cami-

sa e lavou a boca. Mas não fez a barba nem mudou a gravata. Pôs a mesma que usara durante o dia. Telefonou para a empresa funerária e pediu ao ajudante que ficasse com a família desolada usando a sala da frente naquela noite. Ele próprio estaria ocupado na sala do laboratório da empresa. Quando o ajudante começou a fazer perguntas, Bonasera cortou-lhe a fala laconicamente e disse-lhe para seguir exatamente as ordens.

Em seguida, vestiu o paletó, e sua mulher, ainda comendo, levantou os olhos para ele com surpresa.

— Tenho um trabalho a fazer — comunicou, e ela não se atreveu a interrogá-lo devido ao aspecto estampado no rosto do marido.

Bonasera saiu de casa e andou os poucos quarteirões até a sua empresa funerária.

Esse edifício ficava isolado num terreno enorme com uma cerca de paus brancos colocados em toda a sua volta. Havia uma estreita pista de rolamento, da rua para os fundos, com largura suficiente apenas para a passagem de ambulâncias e carros fúnebres. Bonasera abriu o portão e deixou-o aberto. Depois andou para os fundos do edifício e entrou nele pela larga porta ali existente. Quando fazia isso, viu as pessoas da família enlutada já entrando pela porta da frente da sala do velório para prestar sua homenagem ao defunto que ali se encontrava.

Há muitos anos, quando Bonasera comprara o negócio de um agente funerário que pretendia se aposentar, havia uma varanda com cerca de dez degraus que as pessoas tinham de subir antes de entrar na sala do velório. Isso apresentava um problema. Os velhos e aleijados que vinham prestar homenagens aos mortos achavam quase impossível subir; assim, o antigo agente funerário usava o elevador de carga para essa gente, uma pequena plataforma metálica, que se erguia do chão ao lado do edifício. O elevador era para esquifes e cadáveres e descia até o subterrâneo, subindo, em seguida, até a sala do velório. Desse modo, as pessoas que usassem o elevador se veriam subindo ao lado do esquife, enquanto outras eram obrigadas a afastar para o lado suas cadeiras pretas, a fim de deixar o elevador subir pelo alçapão. Para descer era o mesmo problema.

Amerigo Bonasera achara essa solução indecorosa e mesquinha. Assim, remodelou a frente do edifício, pôs abaixo a varanda e construiu um passeio ligeiramente inclinado em seu lugar. Mas naturalmente o elevador ainda era usado para esquifes e cadáveres.

Nos fundos do edifício, isolados da sala do velório e salas de recepção por uma maciça porta a prova de som, ficavam o escritório da empresa, a sala de embalsamamento, o depósito de esquifes e um armário, cuidadosamente trancado, contendo produtos químicos e as respeitáveis ferramentas do ofício. Bonase-

ra foi para o escritório, sentou-se na sua escrivaninha e acendeu um *Camel*, uma das poucas vezes em que fumou nesse edifício. Pôs-se a esperar por Don Corleone.

Esperava com o sentimento de desespero máximo. Ele não tinha dúvida a respeito de que serviço seria convidado a executar. Durante o último ano, a Família Corleone estava empenhada numa guerra contra as cinco grandes Famílias da Máfia de Nova York e a carnificina tinha enchido os jornais. Muitos homens de ambos os lados tinham sido assassinados. Agora a Família Corleone tinha matado alguém tão importante que desejava esconder seu corpo, fazê-lo desaparecer, e que melhor processo poderia haver do que fazê-lo ser enterrado oficialmente por um agente funerário registrado? E Amerigo Bonasera não tinha ilusões a respeito do ato que deveria realizar. Seria cúmplice de um assassinato. Se a coisa fosse descoberta, ele passaria anos na prisão. A sua filha e mulher ficariam desgraçadas, seu bom nome, o respeitado nome de Amerigo Bonasera, seria arrastado pela lama sangrenta da guerra da Máfia.

Ele se acalmou um pouco fumando outro cigarro. E então pensou numa coisa ainda mais terrificante. Quando as outras Famílias descobrissem que ele havia ajudado os Corleone o tratariam como inimigo. Elas o matariam. E agora ele amaldiçoava o dia em que sua mulher e a de Don Corleone se tornaram amigas. Amaldiçoou também a sua filha, a América e seu próprio êxito. E então o seu otimismo voltou. Tudo poderia sair bem. Don Corleone era um homem esperto. Certamente tudo tinha sido arranjado para manter o segredo. Ele tinha apenas de dominar os nervos. Pois, naturalmente, a única coisa mais fatal do que qualquer outra era cair no desagrado de Don Corleone.

Bonasera ouviu pneumáticos rolarem no cascalho. O seu ouvido prático lhe dizia que um carro estava vindo pela estreita pista de rolamento, estacionando no pátio de trás. Abriu a porta dos fundos para deixá-los entrar. O enorme homem gordo, Clemenza, entrou, seguido de dois sujeitos jovens muito mal-encarados. Deram uma busca nas salas sem dizer uma palavra a Bonasera, depois Clemenza saiu. Os sujeitos ficaram com o agente funerário.

Alguns momentos depois, Bonasera reconheceu o ruído de uma ambulância pesada vindo pela pista de rolamento. Depois Clemenza apareceu na porta seguido de dois homens carregando uma maca. E os piores temores de Amerigo Bonasera se concretizaram. Na maca estava um cadáver enrolado num cobertor cinzento, com os pés nus amarelos saindo pela extremidade.

Clemenza fez sinal para que os carregadores da maca fossem para a sala de embalsamamentos. E depois, da escuridão do pátio, surgiu outro homem que entrou na sala iluminada do escritório. Era Don Corleone.

Don Corleone emagrecera durante o período em que estivera acamado e movia-se com uma curiosa rigidez. Segurava o chapéu nas mãos e o seu cabelo parecia ralo sobre a cabeça maciça. Parecia mais velho, mais enrugado do que quando Bonasera o vira no casamento, mas ainda irradiava poder. Segurando o chapéu de encontro ao peito, disse a Bonasera:

— Bem, amigo velho, você está disposto a prestar-me esse serviço?

Bonasera acenou com a cabeça afirmativamente. Don Corleone seguiu a maca até a sala de embalsamamento e Bonasera foi atrás dele. O cadáver estava sobre uma das mesas de calhas. Don Corleone fez um pequeno gesto com o chapéu e os outros homens saíram da sala.

Bonasera perguntou num murmúrio:

— Que é que você deseja que eu faça?

Don Corleone estava olhando fixamente para a mesa.

— Quero que você use todos os seus poderes, toda a sua habilidade, tanto quanto gosta de mim — respondeu ele. — Não quero que a mãe o veja como ele está.

Foi até a mesa e puxou o cobertor para baixo. Amerigo Bonasera, contra toda a sua vontade, contra todos os seus anos de treino e experiência, deixou escapar um murmúrio de horror. Na mesa de embalsamamento estava Sonny Corleone com o rosto esmagado a bala. O olho esquerdo afundado em sangue tinha uma fratura em seu cristalino. A ponte de seu nariz e o osso malar esquerdo estavam achatados em forma de massa.

Por uma fração de segundo, Don Corleone estendeu a mão para apoiar-se no corpo de Bonasera.

— Veja como eles massacraram meu filho — gemeu ele.

Capítulo 19

Talvez fosse o impasse que fizesse Sonny Corleone empreender a ação sangrenta do atrito que terminou com a sua própria morte. Talvez fosse sua violenta natureza que se soltou por completo. Em todo caso, naquela primavera e verão, ele realizou ataques estúpidos aos auxiliares dos inimigos. Gigolôs da Família Tattaglia foram mortalmente baleados no Harlem, terroristas das docas foram massacrados. Funcionários dos sindicatos que deviam fidelidade às cinco Famílias foram advertidos para que se mantivessem neutros, e quando os *bookmakers* e agiotas de Corleone estavam ainda impossibilitados de trabalhar nas docas, Sonny mandou Clemenza e seu *regime* fazer uma enorme devastação ao longo do cais.

Essa carnificina não tinha sentido porque não podia alterar o resultado da guerra. Sonny era um tático de valor e conseguiu vitórias brilhantes. Mas o que se precisava era do gênio estratégico de Don Corleone. Toda a coisa degenerou numa tal luta mortal de guerrilhas que os dois lados estavam perdendo um bocado de receita e de vidas sem qualquer objetivo. A Família Corleone foi finalmente obrigada a fechar algumas de suas mais rendosas bancas de apostas, inclusive a que fora dada ao genro Carlo Rizzi para ganhar a vida. Carlo passou a beber e a andar com coristas e a dar duro na sua mulher, Connie. Desde que apanhara de Sonny, ele não mais se atrevera a bater na mulher, mas não dormira mais com ela. Connie atirou-se a seus pés, ele a rejeitara com pontapés, como pensava ele, como um romano, com um esquisito prazer patrício. Ele zombara dela, dizendo:

— Vá chamar seu irmão para dizer a ele que eu não trepo mais com você, talvez ele me bata tanto que o cacete fique duro.

Mas ele tinha um medo mortal de Sonny, embora se tratassem reciprocamente com fria cortesia. Carlo tinha a impressão de que Sonny o mataria, porque Sonny era um homem que podia, com a naturalidade de um animal, matar outro homem, enquanto ele próprio teria de reunir toda a sua coragem, toda a sua vontade para cometer um assassinato. Jamais ocorrera a Carlo que devido a isso ele era um homem melhor do que Sonny Corleone, se se pudessem usar tais palavras; ele invejava a selvageria de Sonny, selvageria que já se estava tornando uma lenda.

Tom Hagen, como *consigliori*, não aprovava a tática de Sonny e contudo decidira não protestar junto a Don Corleone simplesmente porque a tática, até certo ponto, produzia bom resultado. As cinco Famílias pareciam estar acovardadas, finalmente, à medida em que o atrito prosseguia, e seus contragolpes foram enfraquecendo e afinal cessaram por completo. Hagen a princípio desconfiou dessa aparente pacificação do inimigo, mas Sonny estava jubiloso.

— Vou atacar rijamente — disse ele a Hagen — e então esses salafrários virão implorar um acordo.

Sonny estava preocupado com outras coisas. A sua mulher estava dando duro nele porque ouvira o boato de que Lucy Mancini enfeitiçara seu marido. E, embora ela zombasse publicamente do "equipamento" e da técnica de Sonny, ele se mantivera afastado da esposa muito tempo e ela sentia falta dele na cama, tornando assim a vida dele miserável com suas amolações.

Além disso, Sonny estava sob a enorme tensão de ser um homem marcado. Tinha que ser extraordinariamente cauteloso em todos os seus movimentos e sabia que as suas visitas a Lucy Mancini haviam sido farejadas pelo inimigo. Mas aí ele tomava precauções rigorosas, pois esse era o lugar tradicionalmente vulnerável. Estava seguro ali. Embora Lucy não tivesse a mais leve suspeita, era vigiada 24 horas por dia por homens do *regime* de Santino e, quando vagava um apartamento no andar dela, era imediatamente alugado por um dos homens de mais confiança do *regime*.

Don Corleone se estava restabelecendo e logo se encontraria em condições de reassumir o comando. Aí, então, a sorte da batalha deveria virar a favor da Família Corleone. Disso Sonny tinha certeza. Entrementes, ele guardaria o império da Família, ganharia o respeito do pai, e desde que a posição não era hereditária até um ponto absoluto, consolidaria sua pretensão de herdeiro do Império Corleone.

Mas os inimigos estavam fazendo seus planos. Também havia analisado a situação e chegado à conclusão de que o único meio de evitar a derrota completa era matar Sonny Corleone.

Compreendiam a situação melhor agora e sentiam que era possível negociar com Don Corleone, conhecido por sua lógica sensatez. Passara a odiar Sonny por sua sede de sangue, que eles consideravam bárbara. Também por sua falta de bom senso de negócio. Ninguém queria que voltassem novamente os velhos tempos com todo seu tumulto e complicação.

Uma noite, Connie Corleone recebeu um telefonema anônimo, uma voz de moça, perguntando por Carlo.

— Quem é você? — perguntou Connie.

A moça do outro lado da linha riu zombeteiramente e respondeu:

— Sou uma amiga de Carlo. Eu queria dizer a ele que não posso vê-lo esta noite. Tenho de sair da cidade.

— Sua cadela ordinária! — retrucou Connie Corleone. — Sua cadela vagabunda, ordinária! — gritou Connie outra vez no telefone.

Houve um estalo do outro lado da linha.

Carlo fora às corridas de cavalos naquela tarde e quando voltou para casa já de noite estava aborrecido por ter perdido e achava-se meio embriagado, pois levava sempre consigo uma garrafa de bebida. Assim que ele atravessou a porta, Connie começou a xingá-lo aos berros. Ele não tomou conhecimento dela e foi tomar um banho de chuveiro. Quando saiu do banheiro, enxugou-se na frente dela e começou a se enfarpelar para sair novamente.

Connie estava ali postada com as mãos nas cadeiras, o rosto pontudo e branco de raiva.

— Você não vai a lugar algum — disse ela. — Sua amiga telefonou e disse que não pode encontrar-se com você esta noite. Seu salafrário nojento, você tem coragem de dar a suas prostitutas o número de meu telefone. Eu o mato, seu sacana!

Ela atirou-se em cima dele, dando-lhe pontapés e arranhando-o.

Êle conseguiu afastá-la com um antebraço musculoso.

— Você está maluca! — retrucou ele friamente.

Mas ela percebeu que ele estava preocupado, como se soubesse que a garota doida com quem ele estava trepando fizesse realmente aquela maluquice.

— Ela estava brincando, alguma doideira — acrescentou ele.

Connie mergulhou por dentro de seu braço e arranhou furiosamente o rosto do marido. Trouxe um pedacinho de sua bochecha em suas unhas. Com surpreendente paciência, ele a afastou. Ela percebeu que ele estava tomando cuidado por causa de sua gravidez e isso deu-lhe coragem de alimentar a sua própria raiva. Ela também estava excitada. Daí a pouco, ela não poderia fazer mais nada, o médico dissera que nada de sexo durante os últimos meses e ela queria agora, antes que come-

çassem os dois últimos meses. Contudo, seu desejo de ferir fisicamente Carlo era muito real também. Ela o seguiu até o quarto.

Connie viu que ele estava apavorado e isso a encheu de prazer desdenhoso.

— Você vai ficar em casa — disse ela. — Você não vai sair.

— Está bem, está bem — respondeu ele.

Carlo já tinha tirado a roupa e ficara apenas de *shorts*. Ele gostava de andar em casa assim, orgulhava-se de seu corpo em forma de V, de sua pele dourada. Connie olhou para ele ansiosamente. Ele procurou rir.

— Você pelo menos vai-me dar alguma coisa para comer?

Isso a amoleceu, o fato de Carlo lembrar-lhe o cumprimento de seus deveres, um deles pelo menos, já era alguma coisa. Ela era uma boa cozinheira, aprendera isso com a mãe. Fez um refogado de vitela com pimentão, preparando uma salada mista enquanto a panela fervia. Entrementes, Carlo se esticara na cama para ler o programa das corridas do dia seguinte. Tinha um copo cheio de uísque ao lado do qual bebia um pouco, de vez em quando.

Connie entrou no quarto. Parou no vão da porta como se não pudesse aproximar-se da cama sem ser convidada.

— A comida está na mesa — anunciou ela.

— Ainda não estou com fome — respondeu ele, continuando a ler o programa das corridas.

— Está na mesa! — repetiu Connie teimosamente.

— Enfie na bunda! — retrucou Carlo.

Carlo bebeu o resto do uísque do copo, e virou a garrafa para enchê-lo novamente. Não deu mais atenção à mulher.

Connie foi para a cozinha, apanhou os pratos cheios de comida e atirou-os na pia, quebrando-os ruidosamente. O barulho fez Carlo vir precipitadamente do quarto. Olhou para a vitela refogada com pimentão espalhada por todas as paredes da cozinha e a sua reação foi violenta.

— Sua imunda carcamana mimada! — gritou ele com rancor. — Limpe tudo isto agora mesmo ou eu a encho de pontapés!

— Dane-se, que eu não limpo nada! — respondeu Connie.

Ela estava com as mãos em forma de garras prontas para arranhar-lhe violentamente o peito nu.

Carlo voltou para o quarto e quando saiu de lá segurava na mão seu cinto dobrado.

— Limpe tudo isto — gritou ele, e a ameaça em sua voz não deixava qualquer dúvida.

Ele estava ali parado sem se mover e brandiu o cinto nas ancas avantajadas da mulher; a pancada ardeu, mas não doeu realmente. Connie recuou até os armários da cozinha, meteu a

mão numa das gavetas e puxou uma faca de pão comprida. Segurou-a em posição de ataque.

Carlo deu uma gargalhada.

— Até as mulheres da Família Corleone são assassinas — disse ele.

Pôs o cinto na mesa da cozinha e avançou para ela. Connie tentou um mergulho repentino, mas o seu pesado corpo em estado de gravidez tornou-a morosa e Carlo conseguiu desviar-se do ataque desfechado por ela à sua virilha com decisão implacável. Ele a desarmou facilmente, depois começou e esbofetear-lhe o rosto com golpes lentos sem muita força para não romper-lhe a pele. Atingia-a seguidamente, enquanto ela recuava em volta da mesa da cozinha, procurando escapar dele, e ele a perseguia até o quarto. Connie tentou morder-lhe a mão e Carlo agarrou-a pelos cabelos para levantar-lhe a cabeça. Ele bateu-lhe no rosto até que ela começou a chorar como uma criancinha, de dor e humilhação. Depois atirou-a desdenhosamente na cama. Bebeu diretamente da garrafa de uísque que ainda estava em cima da mesinha. Ele parecia muito bêbedo agora, seus olhos azuis apresentavam um brilho louco e finalmente Connie ficou realmente com medo.

Carlo escarrapachou as pernas e continuou a beber da garrafa. Estendeu a mão para baixo e agarrou um pedaço da pesada coxa dela, inchada devido à gravidez. Ele deu-lhe um aperto forte, machucando-a e fazendo-a pedir misericórdia.

— Você está gorda como uma porca — disse ele com repugnância e saiu do quarto.

Completamente apavorada e acovardada, ela jazia na cama, não se atrevendo a ir ver o que o marido estava fazendo na sala. Finalmente levantou-se e foi até a porta para dar uma espiada na sala de estar. Carlo tinha aberto outra garrafa de uísque e estava esparramado no sofá. Daí a pouco ele estaria tão embriagado que cairia num sono profundo e ela poderia ir sorrateiramente até a cozinha e telefonar para a família em Long Beach. Pediria à mãe que mandasse alguém ali apanhá-la. Ela esperava que Sonny não atendesse o telefone, sabia que seria melhor falar com Tom Hagen ou com a mãe.

Eram quase dez horas da noite, quando o telefone da cozinha da casa de Don Corleone tocou. Foi atendido por um dos guarda-costas de Don Corleone que respeitosamente passou o telefone para a mãe de Connie. Mas a Sr.ª Corleone não conseguia compreender o que a filha estava dizendo, a moça estava histérica e, além disso, falava muito baixinho para que o marido que se achava na sala de estar ao lado não a ouvisse. Também o seu rosto estava inchado em conseqüência das bofetadas, e os seus lábios túmidos deformavam a sua fala. A Sr.ª Corleone fez um sinal para o guarda-costas ir chamar Sonny, que se encontrava na sala de estar com Tom Hagen.

Sonny entrou na cozinha e tomou o telefone da mãe.

— Sim, Connie — disse ele.

Connie estava tão apavorada com o marido e com o que o irmão poderia fazer, que sua fala piorou. Ela balbuciou:

— Sonny, mande um carro me apanhar agora em casa, eu lhe conto depois, não é nada, Sonny. Não venha você. Mande Tom, por favor, Sonny. Não é nada, é só que eu quero ir até aí.

Nesse momento, Hagen entrara na cozinha. Don Corleone já estava dormindo sob o efeito de um sedativo, no quarto de cima, e Hagen queria manter certa vigilância sobre Sonny em todas as crises. Os dois guarda-costas internos também estavam na cozinha. Todos estavam olhando para Sonny enquanto ele escutava no telefone.

Não havia dúvida de que a violência da natureza de Sonny Corleone emergia de algum poço misterioso e profundo. Enquanto observavam, podiam ver realmente o sangue afluir para o seu pescoço de veias grossas, podiam ver a película dos olhos cheia de ódio, as feições de seu rosto se comprimirem, cada vez mais, depois o seu rosto tomar a tonalidade acinzentada de um homem doente lutando contra um tipo de morte, exceto que o bombeamento de adrenalina através do seu corpo fazia-lhe as mãos tremer. Mas a sua voz estava controlada, e em tom baixo quando ele falou para a irmã.

— Você espere aí. Só isso, espere aí.

Sonny desligou o telefone.

Ficou parado por um momento, completamente atordoado com a própria raiva, depois exclamou:

— Grande filho da puta! Grande filho da puta!

E saiu correndo da casa.

Hagen reconheceu o aspecto do rosto de Sonny, todo o poder de raciocínio o havia abandonado. Nesse momento, Sonny era capaz de tudo. Hagen sabia também que a viagem até a cidade esfriaria Sonny, faria que ele ficasse mais racional. Mas essa racionalidade poderia torná-lo até mais perigoso, embora isso o tornasse capaz de proteger-se contra as conseqüências de sua fúria. Hagen ouviu o motor do carro roncar e disse para os dois guarda-costas:

— Vão atrás dele.

Em seguida, foi para o telefone e fez algumas chamadas. Arranjou para que alguns homens do *regime* de Sonny que moravam na cidade fossem até o apartamento de Carlo Rizzi e tirassem Carlo dali. Outros homens ficariam com Connie até Sonny chegar. Ele estava se arriscando ao tentar contrariar Sonny, mas sabia que Don Corleone o apoiaria. Tinha medo de que Sonny pudesse matar Carlo na frente de testemunhas. Não esperava complicação do inimigo. As cinco Famílias estavam sossegadas há muito tempo e obviamente estavam procurando manter a trégua.

No momento em que o *Buick* de Sonny saiu roncando da alameda, ele já tinha recuperado, em parte, seus sentidos. Percebeu os dois guarda-costas entrarem no carro para segui-lo e gostou da idéia. Ele não esperava que houvesse perigo; as cinco Famílias tinham parado de contra-atacar, não estavam realmente combatendo mais. Agarrara o paletó no vestíbulo e havia um revólver num compartimento secreto do painel de instrumentos do carro, estando o carro registrado no nome de um membro do seu *regime* para que ele pessoalmente não pudesse envolver-se em alguma complicação com a lei. Mas ele não previa que fosse precisar de qualquer arma. Nem sabia ainda o que ia fazer com Carlo Rizzi.

Agora que tinha tempo para pensar, Sonny compreendeu que não podia matar o pai de uma criança que ainda não nascera, e este pai era o marido de sua irmã. Não por causa de uma briga doméstica. Com a diferença que não era apenas uma briga doméstica. Carlo era um mau elemento e Sonny sentia-se responsável porque a irmã conhecera o salafrário por seu intermédio.

O paradoxo da natureza violenta de Sonny era que ele não podia bater numa mulher e nunca fizera isso. Nem podia maltratar uma criança ou qualquer coisa indefesa. Quando Carlo se recusou a reagir naquele dia em que Sonny o agrediu, isto evitou que ele o matasse, a submissão completa desarmava a sua violência. Quando menino, ele fora realmente muito sensível. O fato de se ter tornado assassino depois de adulto era simplesmente seu destino.

Mas ele resolveria a coisa de uma vez para sempre, pensava Sonny, enquanto dirigia o *Buick* para a via elevada que o levaria, por cima da água, de Long Beach até as avenidas largas da Praia Jones. Ele sempre usava esse caminho quando ia a Nova York. Havia menos tráfego.

Resolveu que mandaria Connie para casa com os guarda-costas e depois conversaria com o cunhado. O que aconteceria depois disso ele não sabia. Se Carlo tivesse realmente machucado Connie, ele aleijaria o salafrário. Mas o vento que soprava sobre a via elevada, a frescura salgada do ar, esfriou a sua raiva. Ele baixou todo o vidro da janela.

Sonny tomara a pista elevada da Praia Jones, como sempre, porque geralmente era deserta a essa hora da noite, nessa época do ano, e ele podia correr desenfreadamente até chegar às avenidas largas do outro lado. E mesmo ali o tráfego seria pequeno. O alívio de dirigir muito depressa dissiparia o que ele sabia ser uma tensão perigosa. Ele já deixara o carro dos guarda-costas bem para trás.

A via elevada era mal iluminada, não havia um só carro. Muito à frente, Sonny via o cone branco da cabina de pedágio.

Havia outras cabinas de pedágio, além daquela, mas só funcionavam durante o dia, quando havia mais tráfego. Sonny começou a frear o *Buick* e ao mesmo tempo a procurar nos bolsos dinheiro miúdo. Não tinha nenhum. Puxou a carteira de notas, abriu-a com uma só mão e tirou uma cédula com os dedos. Chegou à arcada de luz e viu, para sua ingênua surpresa, um carro na passagem da cabina de pedágio obstruindo-a, sendo que o motorista evidentemente estava se informando sobre alguma coisa com o cobrador do pedágio. Sonny tocou a buzina e o outro carro obedientemente afastou-se para deixar o seu carro atravessar a passagem.

Sonny entregou ao cobrador do pedágio a nota de um dólar e esperou o troco. Ele agora tinha pressa para fechar a janela. O ar do Atlântico esfriara o carro todo. Mas o cobrador estava demorando a dar o troco; o estúpido na verdade deixara-o cair no chão. A cabeça e o corpo do homem desapareceram quando êle se abaixou em sua cabina para apanhar o dinheiro.

Naquele momento, Sonny percebeu que o outro carro não continuara a andar, tendo estacionado poucos metros adiante, ainda obstruindo-lhe o caminho. Naquele exato momento, pelo visor lateral notou outro homem na escura cabina de pedágio à sua direita. Mas ele não teve tempo de pensar nisso porque dois homens saíram do carro estacionado na frente e vieram andando na direção dele. O cobrador do pedágio ainda não aparecera. E então, numa fração de segundo, antes que qualquer coisa realmente acontecesse, Santino Corleone soube que sua hora havia chegado. E naquele momento a sua mente estava lúcida, destituída de qualquer violência, como se o medo oculto finalmente real e presente o tivesse purificado.

Mesmo assim, o seu corpo enorme, num reflexo de autodefesa, atirou-se pesadamente na porta do *Buick*, arrebentando o trinco. O homem da cabina escura abriu fogo e os tiros atingiram Sonny Corleone na cabeça e no pescoço quando a sua figura maciça se projetava para fora do carro. Os dois homens que estavam na frente seguravam agora suas armas, o homem da cabina escura parou de atirar e o corpo de Sonny se esparramou no asfalto com parte das pernas ainda dentro do carro. Cada um dos homens atirou no corpo de Sonny e depois chutaram-lhe o rosto para desfigurar-lhe ainda mais as feições.

Segundos depois, todos os quatro homens, os três que atiraram em Sonny e o falso cobrador de pedágio, estavam em seu automóvel correndo a toda a velocidade na direção da Avenida Meadowbrook do outro lado da Praia Jones. Sua perseguição estava obstruída pelo carro com o corpo de Sonny na passagem da cabina de pedágio, mas quando os guarda-costas de Sonny chegaram, alguns minutos depois e encontraram o corpo ali, não tiveram a intenção de perseguir ninguém. Deram a volta com o

carro em torno de um enorme arco e regressaram a Long Beach. No primeiro telefone público fora da via elevada, um deles saltou e chamou Tom Hagen. Ele foi muito lacônico e rápido.

— Sonny está morto, eles o apanharam na cabina de pedágio da Praia Jones.

A voz de Hagen estava perfeitamente calma.

— Está bem — disse ele. — Vá à casa de Clemenza e diga a ele para vir aqui imediatamente. Ele dirá a você o que fazer.

Hagen recebera o telefonema na cozinha, com a Sr.ª Corleone preparando afobadamente uma refeição ligeira para a chegada da filha. Ele manteve a compostura e a velha não notou nada de anormal. Não que ela não pudesse notar, se quisesse, mas na sua vida com Don Corleone ela aprendera que era mais prudente *não* perceber. Que se fosse necessário saber de alguma coisa dolorosa, alguém logo contaria a ela. E, se fosse uma dor que lhe pudesse ser poupada, ela poderia passar sem tomar conhecimento disso. Ela sentia-se bem contente por não participar da dor dos homens que a rodeavam, afinal de contas eles participavam da dor das mulheres? Impassivelmente, ela esquentou o café e pôs a comida na mesa. Em sua experiência, a dor e o medo não mitigavam a fome; em sua experiência, a ingestão de comida mitigava a dor. Ela ficaria furiosa se um médico tentasse dar-lhe um sedativo, mas café e uma crosta de pão eram outra coisa; ela provinha, naturalmente, de uma cultura mais primitiva.

E assim ela deixou Tom Hagen escapulir para a sala de reunião do canto, onde ele entrou tremendo tão violentamente que teve de sentar-se com a pernas bem unidas uma na outra, a cabeça curvada nos ombros contraídos, as mãos apertadas uma na outra entre os joelhos como se estivesse rezando para o diabo.

Ele não servia, agora sabia disso, para ser o *consigliori* de uma Família em guerra. Fora enganado, trapaceado, pelas cinco Famílias e pela aparente timidez delas. Tinham ficado sossegadas, preparando a sua terrível emboscada. Tinham planejado e esperado, contendo as suas mãos ensangüentadas qualquer que fosse a provocação que lhes fizessem. Tinham esperado para dar um golpe terrível. E o deram. O velho Genco Abbandando jamais cairia nele; teria farejado até um rato, teria descoberto todos eles, triplicado suas precauções. E através de tudo isso Hagen sentia sua mágoa. Sonny fora um verdadeiro irmão para ele, fora seu salvador; seu herói quando foram meninos juntos. Sonny nunca fora ordinário nem fanfarrão com ele, sempre o havia tratado com carinho, ele o tomara nos braços quando Sollozzo o libertou. A alegria de Sonny naquela reunião fora realmente sincera. Que Sonny se tivesse tornado um homem cruel, violento e sanguinário não tinha, para Hagen, importância alguma.

Saíra da cozinha porque sabia que jamais poderia dar à Sr.ª Corleone a notícia da morte do filho. Jamais a considerava sua mãe como considerava Don Corleone seu pai e Sonny seu irmão. A sua afeição por ela era como a sua afeição por Freddie, Michael e Connie. A afeição por alguém que tinha sido bondoso, mas não amoroso. Mas não podia dar a notícia a ela. Em poucos meses, ela perdera todos os filhos: Freddie exilado em Nevada, Michael escondido na Sicília, para salvar a vida, e agora Santino morto. Qual dos três ela amava mais? Ela mesma nunca soubera.

Poucos minutos depois, Hagen conseguiu recuperar o controle e pegou o telefone. Chamou o número de Connie. Tocou um bocado de tempo até que Connie atendeu numa voz muito baixa.

— Connie, aqui é Tom — disse Hagen delicadamente. — Acorde o seu marido, preciso falar com ele.

— Tom, Sonny está vindo para cá? — perguntou ela numa voz baixa assustada.

— Não — respondeu Hagen. — Sonny não está indo para aí. Não se preocupe com isso. Acorde imediatamente Carlo e diga-lhe que é muito importante que eu fale com ele agora.

Connie retrucou com voz chorosa:

— Tom, ele me bateu, tenho medo que ele me machuque novamente se souber que eu telefonei para casa.

Hagen voltou a falar delicadamente:

— Ele não vai saber. Ele falará comigo e eu explicarei a coisa a ele. Tudo estará bem. Diga a ele que é muito importante, muito importante mesmo, que ele venha ao telefone. Está bem?

Passaram-se quase cinco minutos para que Hagen ouvisse a voz de Carlo através do telefone, uma voz não muito clara em conseqüência do uísque e sono. Hagen falou vigorosamente para alertá-lo.

— Escute, Carlo — disse ele. — Vou-lhe contar uma coisa muito chocante. Agora prepare-se porque, quando eu lhe contar, quero que você me responda muito despreocupadamente como se tivesse recebido uma notícia comum. Eu disse a Connie que era uma coisa importante, assim você vai ter que contar outra história a ela. Diga-lhe que a Família resolveu mudar vocês dois para uma das casas da alameda e dar a você um bom emprego. Que Don Corleone resolveu finalmente dar a você uma oportunidade com a esperança de melhorar a vida doméstica de vocês dois. Entendeu bem?

Havia um tom de esperança na voz de Carlo quando ele respondeu:

— Sim, está bem.

— Daqui a alguns minutos — prosseguiu Hagen — dois dos meus homens vão bater na sua porta para apanhar vocês. Diga-lhes

que quero primeiro que eles telefonem para mim. Diga-lhes apenas isto. Não diga nada mais. Eu os instruirei por deixá-lo aí com Connie. Está bem?

— Sim, sim, entendi — respondeu Carlo.

Sua voz estava excitada. A tensão na voz de Hagen parecia finalmente tê-lo alertado para o fato de que a notícia que ele iria receber era realmente importante.

Hagen transmitiu-a diretamente.

— Mataram Sonny esta noite. Não diga nada. Connie chamou-o enquanto você estava dormindo e ele estava a caminho daí, mas não quero que ela saiba disso, mesmo que ela tenha o pressentimento, não quero que ela saiba disso com certeza. Ela vai começar a pensar que tudo foi culpa dela. Agora quero que você passe a noite com ela, mas não lhe conte nada. Quero que você seja o perfeito marido amoroso. E quero que você se comporte assim pelo menos até ela ter a criança. Amanhã de manhã alguém, talvez você, talvez Don Corleone, talvez a mãe, dirá a ela que o irmão foi assassinado. E quero que você esteja ao lado dela. Faça-me este favor e eu lhe ajudarei no futuro. Entendeu bem?

A voz de Carlo estava um pouco trêmula.

— Certamente, Tom, certamente. Escute, eu e você sempre nos demos bem. Eu lhe agradeço. Compreendeu?

— Sim — retrucou Hagen. — Ninguém vai dizer que a sua briga com Connie foi que causou isso, não se preocupe. Eu me encarregarei disso.

Ele fez uma pausa e falou de modo brando e animador:

— Toque para a frente agora, cuide de Connie.

Hagen cortou a ligação.

Ele aprendera a jamais fazer uma ameaça. Don Corleone lhe ensinara isso, mas Carlo compreendera muito bem a mensagem: ele estava a um passo da morte.

Hagen deu outro telefonema, para Tessio, pedindo-lhe que viesse imediatamente à alameda de Long Beach. Não disse por quê, nem Tessio perguntou. Hagen deu um suspiro. Agora viria a parte que ele receava.

Ele teria de acordar Don Corleone do seu sono narcotizado. Teria de dizer ao homem a quem mais tinha afeição no mundo que ele lhe falhara, que falhara na guarda de seu domínio e da vida de seu filho mais velho. Teria de dizer a Don Corleone que tudo estava perdido, a menos que o próprio homem doente pudesse entrar na batalha. Pois Hagen não se iludia. Somente o grande Don Corleone podia transformar em vitória essa terrível derrota. Hagen não se preocupou nem mesmo em consultar o médico de Don Corleone, não adiantaria nada. Não importava o que os médicos aconselhassem, mesmo que dissessem que Don Corleone não podia levantar-se da sua

cama de enfermo sob pena de morte, ele devia contar o fato ao seu pai adotivo e depois seguir as suas instruções. E, naturalmente, não havia dúvida sobre o que Don Corleone faria. As opiniões dos médicos eram descabidas agora; tudo era descabido agora. Don Corleone devia receber a notícia e assumir o comando ou mandar que Hagen entregasse todo o poder dos Corleone às cinco Famílias.

Contudo, Hagen temia profundamente a hora seguinte. Procurou preparar tudo à sua maneira. Teria de ser, de qualquer maneira, rigoroso com a sua própria culpa. Censurar a si mesmo apenas aumentaria a carga de Don Corleone. Mostrar a sua própria dor apenas intensificaria a dor de Don Corleone. Apontar as suas deficiências como *consigliori* em tempo de guerra apenas faria Don Corleone censurar a si mesmo pelo seu próprio mau julgamento em escolher tal homem para tão importante posto.

Êle devia, Hagen sabia, contar a notícia, apresentar a sua análise do que devia ser feito para corrigir a situação e depois calar-se. As suas reações dali em diante seriam as determinadas por Don Corleone. Se o Don quisesse que ele se mostrasse culpado, ele se mostraria culpado; se o Don determinasse dor, êle revelaria toda a sua autêntica tristeza.

Hagen ergueu a cabeça ao ouvir o ruído de carros rodando pela alameda. Os *caporegimes* estavam chegando. Ele os instruiria primeiro e depois subiria para acordar Don Corleone. Levantou-se, foi até o bar perto da escrivaninha, tirou um copo e uma garrafa. Ficou parado, por um momento, estava tão abatido que não pôde despejar a bebida no copo. Por trás dele, ouviu a porta da sala abrir-se mansamente e, virando-se, viu, completamente vestido pela primeira vez desde que fora baleado, Don Corleone.

Este atravessou a sala na direção de sua enorme poltrona de couro e sentou-se. Andava um pouco rijo, as calças pareciam um pouco folgadas em seu corpo, mas aos olhos de Hagen ele era o mesmo que sempre fora. Era quase como se unicamente por sua própria vontade Don Corleone tivesse eliminado todo aspecto externo de seu ainda enfraquecido organismo. O seu rosto apresentava firmemente toda a sua força e resistência. Ele sentou-se ereto na poltrona e disse a Hagen:

— Dê-me um gole de aniseta.

Hagen trocou a posição das garrafas e serviu para ambos uma porção da ardente bebida licorosa. Era uma bebida camponesa, feita em casa, muito mais forte do que a vendida nas casas do gênero, sendo presente de um velho amigo que todo ano ofertava a Don Corleone um pequeno caminhão cheio dela.

— Minha mulher estava chorando antes de adormecer — disse Don Corleone. — Do lado de fora da minha janela vi

meus *caporegimes* chegando a casa e é meia-noite. Portanto, meu *consigliori*, acho que você deve dizer ao seu Don o que todo mundo sabe.

Hagen respondeu tranqüilamente:

— Não contei nada à mamãe. Eu já ia subir para lhe acordar e lhe contar pessoalmente a notícia. Mais um instante e eu iria acordá-lo.

Don Corleone disse impassivelmente:

— Mas você precisou primeiro de um trago.

— Sim — respondeu Hagen.

— Você já tomou o seu trago — retrucou Don Corleone. — Pode contar-me agora.

Havia apenas uma insinuação bem leve de censura na voz de Don, pela fraqueza de Hagen.

— Balearam Sonny na via elevada — disse Hagen. — Ele está morto.

Don Corleone pestanejou. Apenas por uma fração de segundo o muro de sua vontade se desintegrou e o escoamento de sua resistência física se tornou claro em seu rosto. Em seguida ele se recuperou.

Apertou as mãos em sua frente no tampo da escrivaninha e encarou diretamente os olhos de Hagen.

— Conte-me tudo o que aconteceu — pediu ele. Suspendeu uma das mãos e disse: — Não, espere até Clemenza e Tessio chegarem para que você não tenha de contar de novo a história.

Momentos depois, os dois *caporegimes* entraram na sala acompanhados de um guarda-costa. Compreenderam imediatamente que Don Corleone sabia da morte do filho por que ele estava ali em pé para recebê-los. Abraçaram-no como se permite aos velhos camaradas. Todos tomaram um trago de aniseta que Hagen lhes serviu antes de contar-lhes a história daquela noite.

Don Corleone fez apenas uma pergunta no fim:

— É certo que meu filho está morto?

Clemenza respondeu:

— É. Os guarda-costas eram do *regime* de Santino, mas escolhidos por mim. Eu os interroguei quando eles chegaram à minha casa. Viram o corpo dele na luz da cabina de pedágio. Ele não podia estar vivo com os ferimentos que eles viram. Eles juram pela própria vida o que disseram.

Don Corleone aceitou este veredicto final, sem qualquer sinal de emoção a não ser por alguns momentos de silêncio. Depois disse:

— Nenhum de vocês deve preocupar-se com esse fato. Nenhum de vocês deve cometer atos de vingança, nenhum de vocês deve fazer investigações para descobrir os assassinos do meu filho sem minha ordem expressa. Não haverá mais atos de

guerra contra as cinco Famílias sem meu desejo expresso e pessoal. Nossa Família vai parar todas as operações financeiras até depois do enterro do meu filho. Então nos reuniremos aqui novamente e decidiremos o que fazer. Esta noite, devemos fazer o que é possível por Santino, devemos enterrá-lo como cristão. Meus amigos arranjarão as coisas com a polícia e com todas as outras autoridades competentes. Clemenza, você ficará comigo todo o tempo como meu guarda-costa, você e os homens de seu *regime*. Tessio, você guardará todos os outros membros da minha família. Tom, quero que você telefone para Amerigo Bonasera e lhe diga que vou precisar dos serviços dele a qualquer momento durante esta noite. Para me esperar no seu estabelecimento. Talvez por uma, duas ou três horas. Todos vocês entenderam bem?

Os três homens acenaram com a cabeça afirmativamente. Don Corleone prosseguiu:

— Clemenza, pegue alguns homens e carros e espere por mim. Estarei pronto em poucos minutos. Tom, você agiu bem. De manhã, quero Constanzia com a mãe dela. Tome as providências para que ela e o marido venham morar na alamêda. Diga às mulheres amigas de Sandra para irem à casa dela lhe fazerem companhia. Minha mulher também vai para lá depois que eu falar com ela. Minha mulher vai contar a ela a triste notícia, e as mulheres arranjarão a igreja onde serão celebradas as missas e rezarão pela alma dele.

Don Corleone levantou-se da sua poltrona de couro. Os outros homens se ergueram com ele, Clemenza e Tessio o abraçaram novamente. Hagen segurou a porta aberta para Don Corleone, que parou a fim de olhar para ele por um momento. Depois Don Corleone pôs a mão na face de Hagen, abraçou-o rapidamente e disse em italiano:

— Você tem sido um bom fiiho. Você me conforta.

Isto queria dizer que Hagen havia agido corretamente naquela hora terrível. Em seguida, Don Corleone subiu para o seu quarto, a fim de falar com a mulher. Foi nesse momento que Hagen fez a chamada telefônica para Amerigo Bonasera dizendo-lhe que pagasse o favor que devia aos Corleone.

LIVRO V

Capítulo 20

A morte de Santino Corleone causou enorme sensação no submundo do país. E quando se soube que Don Corleone se levantara de sua cama de enfermo para assumir a direção dos negócios da Família, quando os espiões presentes ao enterro informaram que Don Corleone parecia estar plenamente recuperado, os chefes das cinco Famílias empreenderam frenéticos esforços para preparar a defesa contra a sangrenta guerra de represálias que certamente sobreviria. Ninguém cometia o erro de subestimar Don Corleone por causa de suas últimas adversidades. Ele era um homem que tinha cometido apenas poucos erros em sua carreira e havia aprendido com cada um deles.

Somente Hagen pressentia as verdadeiras intenções de Don Corleone e não ficou surpreso quando emissários foram enviados às cinco Famílias para propor paz. Não somente para propor paz, mas também uma reunião de todas as Famílias da cidade e com convites para que comparecessem as Famílias de toda parte dos Estados Unidos. Como as Famílias de Nova York eram as mais poderosas do país, compreendia-se que o bem-estar delas afetaria as do país em geral.

A princípio houve desconfiança. Será que Don Corleone estava preparando uma armadilha? Será que estava procurando encontrar os inimigos sem a guarda deles? Será que estava tentando preparar um massacre total para vingar o filho? Mas Don Corleone logo tornou claro que estava sendo sincero. Não somente ele envolveu todas as Famílias do país na reunião, mas

também não fez qualquer movimento no sentido de pôr a sua própria gente em pé-de-guerra nem de conquistar aliados. E então deu o passo final irrevogável que estabeleceu a autencidade de suas intenções e garantiu a reunião do grande conselho. Ele invocou os serviços da Família Bocchicchio.

A Família Bocchicchio era única pelo fato de que, tendo sido outrora um ramo particularmente feroz da Máfia na Sicília, tornara-se um instrumento de paz na América. Outrora um grupo de homens que ganhava a vida por meio de uma determinação selvagem, agora ganhava a vida por um meio que talvez pudesse ser chamado santo. O único acervo dos Bocchicchio era uma estrutura bem consolidada e de relações consangüíneas, uma lealdade familiar severa, mesmo para uma sociedade em que a lealdade familiar estava acima da lealdade à esposa.

A Família Bocchicchio, estendendo-se até os primos em terceiro grau, tinha outrora atingido quase o número de duzentos membros, quando dirigia a economia de uma pequena região da Sicília meridional. A renda da família inteira provinha de quatro ou cinco moinhos de farinha de trigo, de forma alguma de propriedade comunal, mas garantindo trabalho, sustento e uma segurança mínima para todos os membros da Família. Isso era bastante, com os casamentos entre si, para que eles apresentassem uma frente comum contra os inimigos.

Nenhum moinho concorrente, nenhuma represa que criasse um abastecimento de água para os seus concorrentes ou arruinasse a sua própria venda de água, tinha permissão para ser construído no seu cantinho da Sicília. Um poderoso barão proprietário de terras, certa vez, tentou construir seu próprio moinho estritamente para seu uso pessoal. O moinho foi destruído por um incêndio. Ele chamou os *carabinieri* e autoridades mais altas, que prenderam três membros da Família Bocchicchio. Mesmo antes do julgamenté, a casa senhorial do barão foi incendiada. O pronunciamento e as acusações foram retirados. Alguns meses depois, um alto funcionário do governo italiano chegou à Sicília e procurou resolver a crônica falta de água dessa ilha, propondo a construção de uma grande represa. Engenheiros vieram de Roma para fazer os levantamentos necessários, sendo olhados por nativos mal-encarados, membros do clã dos Bocchicchio. A polícia tomou conta da área, abrigada num quartel especialmente construído para este fim.

Parecia que nada poderia impedir a construção da represa, e material e equipamento foram realmente desembarcados em Palermo. Isso foi o máximo que conseguiram. Os Bocchicchio entraram em contato com os outros chefes da Máfia e firmaram acordos para receber ajuda deles. O equipamento pesado foi sabotado e o leve roubado. Os deputados da Máfia no Parlamento

italiano lançaram um contra-ataque burocrático aos planejadores. Isso durou vários anos e, nesse ínterim, Mussolini ascendeu ao poder. O ditador decretou que a represa devia ser construída. Não foi. O ditador sabia que a Máfia seria uma ameaça ao seu regime, formando o que equivalia a uma autoridade separada por sua própria conta. Deu plenos poderes a um alto funcionário da polícia, que prontamente resolveu o problema jogando todo mundo na prisão ou deportando gente para as ilhas de trabalho penal. Em poucos anos, ele destruiu o poder da Máfia, simplesmente pelo processo de prender arbitrariamente qualquer pessoa que fosse apenas suspeita de ser um *mafioso*. E assim levou também a ruína a um grande número de famílias inocentes.

Os Bocchicchio foram bastante arrojados e recorreram à força contra esse poder ilimitado. Metade dos homens foi morta em combate armado, a outra metade deportada para as colônias das ilhas penais. Restava apenas um punhado deles, quando se começou a providenciar a sua emigração para a América por meio da rota clandestina de ir de navio até o Canadá. Havia quase vinte imigrantes e eles se estabeleceram numa pequena cidade não longe de Nova York, no vale do Hudson, onde começando de baixo eles trabalharam arduamente e subiram até se tornarem proprietários de uma firma de coleta de lixo com seus próprios caminhões. Prosperaram porque não tinham concorrência. Não tinham concorrência porque os caminhões dos concorrentes eram incendiados e sabotados. Um sujeito persistente que reduziu os preços foi encontrado enterrado no lixo que ele recolhera durante o dia: fora asfixiado até morrer.

Mas à medida em que os homens se casavam com moças sicilianas, é desnecessário dizer, vieram os filhos, e o negócio do lixo, embora desse para o sustento, não proporcionava realmente o bastante para comprar-se as boas coisas que a América oferece. E assim, como uma diversificação, os membros da Família Bocchicchio se tornaram negociadores e reféns nos esforços de paz das Famílias da Máfia em guerra.

Uma espécie de estupidez caracterizava o clã dos Bocchicchio, ou talvez eles fossem apenas primitivos. De qualquer forma, reconheciam suas limitações e sabiam que não podiam concorrer com outras Famílias da Máfia no esforço de organizar e controlar estruturas de negócios mais complexos como a prostituição, o jogo, os entorpecentes e a fraude pública. Eram pessoas simples que podiam oferecer um presente a um rondante qualquer, mas não sabiam como entrar em contato com um figurão da política. Tinham apenas duas vantagens a seu favor: a honra e a ferocidade.

Um Bocchicchio jamais mentia, jamais cometia um ato de traição. Tal conduta era muito complicada. Outrossim, um Bocchicchio jamais esquecia um insulto e jamais deixava de vingá-lo

custasse o que custasse. E assim, por acidente, eles toparam com o que provaria ser a sua profissão mais lucrativa.

Quando as Famílias em guerra desejavam fazer paz e queriam parlamentar, entravam em contato com o clã dos Bocchicchio. O chefe do clã promovia as negociações iniciais e fornecia os reféns necessários. Por exemplo, quando Michael foi encontrar-se com Sollozzo, um Bocchicchio fora deixado com a Família Corleone como garantia pela segurança de Michael, tendo o serviço sido pago por Sollozzo. Se Michael fosse assassinado por Sollozzo então o refém Bocchicchio mantido pela Família Corleone seria morto pelos Corleone. Nesse caso, os Bocchicchio se vingariam de Sollozzo como a causa da morte do membro de seu clã. Já que os Bocchicchio eram tão primitivos, nunca deixavam que qualquer coisa, qualquer espécie de castigo, os impedisse de praticar a devida vingança. Sacrificariam a própria vida, não havendo proteção contra eles se fossem traídos. Um refém Bocchicchio era uma garantia de inteira confiança.

E agora, quando Don Corleone empregava os Bocchicchio como negociadores e combinava com eles que fornecessem reféns para que todas as Famílias comparecessem à reunião de paz, não podia haver dúvida quanto à sua sinceridade. Não podia haver dúvida quanto à traição. A reunião seria tão segura como um casamento.

Fornecidos os reféns, a reunião realizou-se na sala de conferências do diretor de um pequeno banco comercial cujo presidente devia favores a Don Corleone, e na verdade este último possuía algumas ações desse banco, embora estivessem elas no nome do presidente. O presidente sempre mantinha na lembrança aquele momento em que se prontificara a dar a Don Corleone um documento escrito provando ser ele o dono das ações, para evitar qualquer traição. Don Corleone mostrou-se horrorizado.

— Eu confiaria a você toda a minha fortuna — respondeu ele ao presidente. — Eu confiaria a você a minha vida e o bem-estar dos meus filhos. É inconcebível para mim que você alguma vez pensasse em me enganar ou em me trair. Todo o meu mundo, toda a minha fé em meu julgamento do caráter humano ruiriam por terra. Naturalmente tenho os meus próprios apontamentos a respeito disso para que, se algo me acontecer, os meus herdeiros saibam que você tem em seu poder alguma coisa que pertence a eles. Mas sei que, mesmo que eu não estivesse aqui neste mundo para guardar os interesses dos meus filhos, você seria fiel às necessidades deles.

O presidente do banco, embora não fosse siciliano, era um homem de delicadas sensibilidades. Compreendia perfeitamente Don Corleone. Agora o pedido do Padrinho era uma ordem para o presidente e assim, naquele sábado, a sala da diretoria do banco, onde eram realizadas conferências, com suas fun-

das cadeiras de couro, com seu isolamento absoluto, foi posta à diposição das Famílias.

A segurança no banco foi tomada por um pequeno exército de homens escolhidos a dedo usando uniformes de guardas do banco. Às dez horas de uma manhã, a sala de conferências começou a se encher. Além das cinco Famílias de Nova York, havia representantes de dez outras Famílias de outras partes do país, com exceção de Chicago, esta ovelha-negra do submundo. Tinham desistido de tentar civilizar Chicago, e não viam razão para incluir aqueles cães danados em conferência tão importante.

Instalaram ali um bar e um pequeno *buffet*. Cada representante presente à conferência tinha direito a um assistente. A maioria dos Dons levou seu *consigliori* como assistente, de modo que havia relativamente poucos jovens na sala. Tom Hagen era um desses jovens e o único que não era siciliano. Ele era um objeto de curiosidade, uma excentricidade.

Hagen sabia como devia portar-se. Não falava, não sorria. Atendia seu chefe, Don Corleone, com todo o respeito de um conde favorito atendendo o seu rei; trazendo-lhe uma bebida gelada, acendendo-lhe o charuto, arranjando-lhe um cinzeiro; com respeito, mas não com servilismo.

Hagen era a única pessoa naquela sala que conhecia a identidade dos retratos pendurados nas paredes de painéis escuros. Havia principalmente retratos de fabulosas figuras do mundo financeiro feitos em ricas pinturas a óleo. Um era o do Secretário do Tesouro, Hamilton. Hagen não podia deixar de pensar que Hamilton possivelmente aprovaria aquela reunião de paz realizada numa instituição bancária. Nada era mais calmante, mais conducente à razão pura do que a atmosfera do dinheiro.

A hora de chegada tinha sido elasticamente estabelecida para entre 9,30 e 10 horas da manhã. Don Corleone, que em certo sentido era o anfitrião, pois fora ele quem iniciara as conversações de paz, tinha sido o primeiro a chegar; uma de suas virtudes era a pontualidade. O seguinte foi Carlo Tramonti, que fizera da parte meridional dos Estados Unidos seu território. Era um homem de meia-idade, impressionantemente bonito, alto para um siciliano, muito queimado pelo sol, esquisitamente trajado e barbeado. Não parecia italiano, dava a impressão de um desses tipos de pescadores milionários refestelados em seus iates, cujos retratos saíam nas revistas. A Família Tramonti tirava o seu sustento do jogo, e ninguém, ao deparar com o seu Don, podia sequer imaginar com que ferocidade ele conquistara o seu império.

Emigrando da Sicília ainda quando menino, Tramonti foi morar na Flórida e ali cresceu, empregado pelo sindicato americano de políticos das pequenas cidades sulistas que controlavam

o jogo. Esses indivíduos eram homens duros apoiados por funcionários da polícia muito severos e jamais desconfiaram de que pudessem ser derrotados por um imigrante simplório. Estavam despreparados para a ferocidade dele e não podiam retribuir à altura simplesmente porque achavam que as recompensas pelas quais brigavam não valiam tanta carnificina. Tramonti venceu a polícia dando maior participação aos pequenos; exterminou aqueles bandidos bisonhos que dirigiam seu negócio com tamanha falta de imaginação. Foi Tramonti quem iniciou a ligação com Cuba e o Governo Batista e finalmente investiu grandes somas de dinheiro nos lugares de prazer das casas de jogo de Havana, os prostíbulos, para atrair jogadores do continente americano. Tramonti era agora muitas vezes milionário e possuía um dos hóteis mais luxuosos de Miami.

Quando entrou na sala de conferências seguido de seu assistente, um *consigliori* igualmente queimado de sol, Tramonti abraçou Don Corleone e fez uma cara de tristeza para mostrar que sentia a morte de Sonny.

Outros Dons foram chegando. Todos eles conheciam-se uns aos outros, tinham-se encontrado no decorrer dos anos, quer socialmente, quer tratando de interesses de seus negócios. Sempre se mostravam reciprocamente corteses e, nos tempos mais difíceis de sua juventude, tinham-se prestado mutuamente pequenos serviços. O segundo Don a chegar foi Joseph Zaluchi, de Detroit. A Família Zaluchi, sob convenientes disfarces e coberturas, possuía um dos hipódromos da área de Detroit. Controlava também uma boa parte do jogo. Zaluchi era um homem de rosto redondo, de aspecto afável, que morava numa casa de cem mil dólares no elegante bairro de Grosse Point, de Detroit. Um de seus filhos se casara com uma moça de antiga e conceituada família americana. Zaluchi, como Don Corleone, era um tipo requintado. Detroit apresentava a menor incidência de violência física de qualquer das cidades controladas pelas Famílias; houvera apenas duas execuções, nos últimos três anos, naquela cidade. Zaluchi não aprovava o tráfico de entorpecentes.

Zaluchi trouxera o seu *consigliori* consigo, e os dois homens se aproximaram de Don Corleone para abraçá-lo. Zaluchi tinha uma voz retumbantemente americana com apenas um ligeiro vestígio de sotaque. Vestia-se à moda conservadora, era um grande homem de negócios e tinha igualmente uma calorosa boa vontade. Ele disse a Don Corleone:

— Somente o seu apelo poderia trazer-me aqui.

Don Corleone curvou a cabeça agradecendo. Ele podia contar com o apoio de Zaluchi.

Os dois Dons seguintes a chegar foram da Costa Oeste, tendo viajado no mesmo carro, pois trabalhavam intimamente juntos em qualquer caso. Eram Frank Falcone e Anthony Moli-

nari e ambos eram os mais jovens chefes presentes à reunião; tinham quarenta e poucos anos. Vestiam-se um pouco mais informalmente do que os outros, havia um toque de Hollywood no estilo deles e eram um pouco mais amáveis do que o necessário. Frank Falcone controlava os sindicatos cinematográficos e o jogo nos estúdios e ainda uma rede de prostituição que fornecia garotas para os prostíbulos dos Estados do Extremo Oeste. Não estava dentro da possibilidade de qualquer Don tornar-se o "dono do espetáculo", mas Falcone tinha a sua atração pessoal. Os outros Dons, em conseqüência, desconfiavam dele.

Anthony Molinari controlava as docas de São Francisco e era uma figura de destaque no império de apostas em jogos esportivos. Descendia de uma linhagem de pescadores italianos e era proprietário do melhor restaurante de produtos do mar de São Francisco, do qual ele se orgulhava tanto que corria a lenda de que perdia dinheiro no empreendimento servindo bastante comida em troca do preço cobrado. Tinha o rosto impassível do jogador profissional e sabia-se que ele tinha alguma ligação com o contrabando de entorpecentes através da fronteira mexicana e dos navios que faziam a rota dos oceanos orientais. Os seus assistentes eram homens jovens, de constituição robusta, obviamente não conselheiros, mas guarda-costas, embora não ousassem portar armas para essa reunião. Era do conhecimento geral que esses guarda-costas sabiam lutar caratê, um fato que divertia os outros Dons, mas não os assustava nem um pouco, era como se os Dons da Califórnia tivessem vindo para a reunião usando amuletos benzidos pelo Papa. Embora se deva notar que alguns desses homens eram religiosos e acreditavam em Deus.

Em seguida, chegou o representante da Família de Boston. Este era o único Don que não tinha o respeito dos colegas. Era conhecido como um homem que não agia bem com o seu "pessoal", que o trapaceava impiedosamente. Isso podia ser perdoado, cada homem sabe a medida de sua própria ganância. O que não podia ser perdoado era que ele não conseguia manter a ordem em seu império. A área de Boston tinha muitos assassinatos, muitas guerrinhas pelo poder, muitas atividades de franco-atiradores sem qualquer apoio; escarnecia da lei muito descaradamente. Se os membros da Máfia de Chicago eram selvagens, então os de Boston eram *gavoones*, palermas rústicos; rufiões. O nome do Don de Boston era Domenick Panza. Era baixo, atarracado e, como disse dele um Don, parecia um ladrão.

O sindicato de Cleveland, talvez a mais poderosa das organizações rigorosamente do jogo dos Estados Unidos, era representado por um homem idoso de aspecto sensível com feições sombrias e cabelo branco como neve. Era conhecido, naturalmente, não devido ao seu rosto, como "o judeu", porque se cercava de assistentes judeus e não sicilianos. Murmurava-se até que ele

nomearia um judeu para ser seu *consigliori* se assim resolvesse. Em todo caso, assim como a Família de Don Corleone era conhecida como a Quadrilha Irlandesa devido à presença de Tom Hagen, assim também a Família de Don Vincent Forlenza era conhecida como a Família Judia, com um pouco mais de precisão. Mas ele dirigia uma organização extremamente eficiente e se sabia que jamais havia desmaiado à vista de sangue, apesar de suas feições sensíveis. Ele dominava com mão de ferro, embora usasse luva de veludo.

Os representantes das cinco Famílias de Nova York foram os últimos a chegar, e Tom Hagen ficou impressionado com o aspecto imponente, arrogante, desses cinco homens em comparação com os "forasteiros", os caipiras. Por algum motivo, os cinco Dons de Nova York estavam dentro da velha tradição siciliana, eram "homens de peito estofado", significando, figuradamente, homens de poder e coragem; e, literalmente, força física, como se as duas coisas andassem juntas, como na verdade pareciam ter feito na Sicília. Os cinco Dons de Nova York eram homens robustos, corpulentos, com cabeças leoninas maciças, feições grosseiras, narizes carnosos, bocas espessas, faces sisudas, enrugadas. Não estavam muito bem vestidos ou barbeados; tinham o aspecto de homens ocupados com coisas sérias e despidos de vaidade.

Havia Anthony Stracci, que controlava a área de Nova Jersey e o embarque nas docas da Zona Oeste de Manhattan. Dirigia a jogatina em Jersey e era muito forte junto à máquina política democrática. Possuía uma frota de caminhões de carga que lhe rendia uma fortuna, principalmente porque os seus caminhões podiam trafegar com uma enorme sobrecarga, sem serem detidos nem multados pelos fiscais de peso das rodovias. Esses caminhões contribuíam para estragar as estradas e então a sua firma de construção de rodovias, com contratos lucrativos com o Estado, consertava os estragos feitos. Era o tipo da operação financeira que agradava a qualquer homem, o próprio negócio criando mais negócio. Stracci também era antiquado e jamais se metia no ramo da prostituição, mas como o seu negócio era nas docas era-lhe impossível não envolvê-lo no tráfico de entorpecentes. Das cinco Famílias de Nova York que se opunham aos Corleone, a dele era a menos poderosa, mas a que tinha mais disposição.

A Família que dominava a parte superior do Estado de Nova York, que providenciava a entrada clandestina de imigrantes italianos através do Canadá, controlava a jogatina daquela parte do Estado e exercia o poder do veto na concessão de licença estadual para o funcionamento de hipódromos, era chefiada por Ottilio Cuneo. Este era um homem de espírito conciliatório, com o rosto de um padeiro jovial inteiramente rústico,

cuja atividade legítima era uma grande companhia de leite. Cuneo era um desses homens que adorava crianças e levava o bôlso cheio de balas, na esperança de poder agradar um de seus inúmeros netos ou a prole de seus sócios. Usava um chapéu de feltro redondo com a aba virada para baixo em tôda a volta, como um chapéu de sol de mulher, que alargava o seu rosto já arredondado numa verdadeira máscara de jovialidade. Era um dos poucos Dons que nunca fora preso e cujas atividades verdadeiras jamais foram sequer objeto de suspeita. Tanto que ele servira em comitês cívicos e fora votado como o "Negociante do Ano do Estado de Nova York" pela Câmara de Comércio.

O maior aliado da Família Tattaglia era Don Emilio Barzini. Controlava uma parte da jogatina no Brooklyn e uma parte no Queens. Tinha alguma ligação com a prostituição. Possuía casas de jogo que usavam de falcatruas. Controlava completamente a ilha Staten. Operava um pouco nas apostas em jogos esportivos no Bronx e Westchester. Operava também no ramo dos entorpecentes. Tinha fortes ligações com Cleveland e a Costa Oeste; era um dos poucos homens bastante astutos para estar interessado em Las Vegas e Reno, as cidades abertas de Nevada. Tinha também interesses em Miami e em Cuba. Depois da Família Corleone, a sua era talvez a mais forte de Nova York e mesmo do país. A sua influência se estendia até a Sicília. O seu poder se exercia em toda "boca rica" ilegal. Corria até o boato de que Barzini tinha um pé em Wall Street. Ele apoiara a Família Tattaglia com dinheiro e influência desde o início da guerra. Sua ambição era suplantar Don Corleone como o mais poderoso e respeitado líder da Máfia no país e encampar uma parte do império dos Corleone. Era um homem bem semelhante a Don Corleone, porém mais moderno, menos artificial, mais negociante. Nunca poderia ser chamado de velho antiquado e gozava da confiança dos líderes mais novos, mais jovens e mais ousados em ascensão. Era um homem de grande força pessoal, que agia de modo frio, não tendo nada da vivacidade de Don Coleone, e era talvez nesse momento o homem mais "respeitado" do grupo.

O último a chegar foi Don Phillip Tattaglia, o chefe da Família Tattaglia, que desafiara diretamente o poder dos Corleone, apoiando Sollozzo, e quase conseguira êxito. Contudo, o que é bastante curioso, ele era tratado com certo desprezo pelos outros. Por um motivo: sabia-se que ele se deixara dominar por Sollozzo. Que de fato era completamente subjugado por aquele finório turco. Era considerado o responsável por toda aquela agitação, aquele barulho que afetara tanto a conduta dos negócios diários das Famílias de Nova York. Além disso, ele era um almofadinha de sessenta anos e mulherengo. E tinha ampla oportunidade de mostrar sua fraqueza.

Pois a Família Tattaglia operava com mulheres. Seu negócio principal era a prostituição. Controlava também a maior parte dos cabarés dos Estados Unidos e podia pôr qualquer artista em qualquer parte do país. Phillip Tattaglia não tinha escrúpulos em usar da violência para conseguir o controle de cantores e humoristas promissores e entrar à força nas gravadoras de discos. Mas a prostituição era a principal fonte da renda da Família.

Sua personalidade era desagradável para aqueles homens. Ele era um "chorão", sempre se queixando das despesas no negócio da Família. As contas de lavanderia, todas aquelas toalhas, devoravam os lucros (mas a lavanderia que fazia o trabalho era de sua propriedade). As garotas eram preguiçosas e voláveis, fugindo, cometendo suicídio. Os cáftens eram traiçoeiros e desonestos, sem qualquer sombra de lealdade. Era difícil encontrar gente que ajudasse. Os rapazes de sangue siciliano torciam o nariz para esse tipo de trabalho, considerando ser vergonhoso traficar e maltratar mulheres; aqueles canalhas que cortariam o pescoço de uma vítima com uma canção nos lábios e um raminho de Páscoa na lapela do paletó. Assim Phillip Tattaglia se lastimava para ouvintes indiferentes e desdenhosos. O seu maior lamento era reservado para as autoridades que tinham o poder de conceder e cassar a concessão de licenças de venda de bebidas alcoólicas em seus cabarés e boates. Ele jurava que tinha feito mais milionários do que Wall Street com o dinheiro que tinha pago àqueles desonestos guardiões dos selos oficiais.

De maneira curiosa a sua guerra quase vitoriosa contra a Família Corleone não lhe havia granjeado o respeito que merecia. Todos sabiam que sua força vinha, primeiro, de Sollozzo e, depois, da Família Barzini. Também o fato de que com a vantagem da surpresa ele não havia conseguido a vitória completa, era uma prova contra ele. Se ele tivesse sido mais eficiente, toda essa complicação poderia ter sido evitada. A morte de Don Corleone teria significado o fim da guerra.

Era compreensível, desde que ambos perderam filhos na guerra entre eles, que Don Corleone e Phillip Tattaglia reconhecessem a presença um do outro apenas com um aceno formal. Don Corleone era o objeto da atenção, os outros homens estudando-o, para verem que marca de fraqueza fora deixada nele pelos ferimentos e derrotas. O fator enigmático era por que Don Corleone solicitara paz, depois da morte de seu filho favorito. Era um reconhecimento de derrota e quase certamente levaria a uma redução de seu poder. Mas eles logo saberiam.

Houve saudações, bebidas foram servidas e quase outra meia hora transcorreu, antes que Don Corleone tomasse assento à mesa de nogueira envernizada. Discretamente, Hagen sentou-se na cadeira ligeiramente à esquerda do Don e atrás dele. Isso era o sinal para que os outros Dons se encaminhassem para a

mesa. Seus *consigliori* sentaram-se imediatamente atrás deles, a fim de oferecer qualquer conselho quando necessário.

Don Corleone foi o primeiro a falar e agiu como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse sido gravemente ferido e seu filho mais velho assassinado, seu império não se achasse em desordem completa, sua família pessoal dispersa, Freddie no Oeste e sob a proteção da Família Molinari e Michael escondido nos ermos da Sicília. Ele falava naturalmente, em dialeto siciliano.

— Quero agradecer a todos vocês por terem vindo — começou ele. — Considero isso um serviço feito a mim pessoalmente e sinto-me devedor de cada um e de todos vocês. E assim quero dizer no início que estou aqui não para discutir ou convencer, mas apenas para argumentar e, como um homem razoável, fazer tudo o que for possível a todos nós para sermos amigos aqui também. Dou a minha palavra quanto a isso, e alguns de vocês que me conhecem bem sabem que não dou minha palavra levianamente. Ah, bem, vamos diretamente ao assunto. Somos todos homens honrados, não temos de dar uns aos outros garantias como se fôssemos advogados.

Ele fez uma pausa. Nenhum dos outros falou. Alguns estavam fumando charuto, outros sorvendo tranqüilamente sua bebida. Todos esses homens eram bons ouvintes, pacientes. Além disso, tinham outra coisa em comum. Eram homens que se haviam recusado a aceitar a autoridade da sociedade organizada, homens que recusavam o domínio de outros homens. Não havia força humana que pudesse curvá-los à sua vontade, a não ser que eles o quisessem. Eram homens que defendiam a sua vontade livre com artimanhas e assassinatos. A vontade deles só podia ser destruída pela morte. Ou pela sensatez extrema.

Don Corleone deu um suspiro.

— Como é que as coisas foram tão longe? — perguntou ele retoricamente. — Bem, não importa. Um bocado de asneiras acaba de ocorrer. Foi tão infeliz, tão desnecessário. Mas permitam-me contar o que aconteceu, segundo o meu ponto de vista.

Fez uma pausa para ver se alguém objetaria a que contasse a sua versão da história.

— Graças a Deus, minha saúde está restabelecida e talvez eu possa ajudar a resolver esta questão acertadamente. Talvez meu filho tenha sido muito precipitado, muito voluntarioso, não digo que não. De qualquer modo, quero apenas dizer que Sollozzo veio a mim com a proposta de um negócio em que solicitava meu dinheiro e minha influência. Disse-me que contava com o apoio da Família Tattaglia. O negócio envolvia entorpecentes, no qual não tenho interesse. Sou um homem tranqüilo e tais esforços são muito intensos para meu gosto. Expliquei isso a Sollozzo, com todo o respeito por ele e pela Família Tattaglia. Dei-lhe

"não" com toda a cortesia. Disse-lhe que o negócio dele não interferia no meu, que eu não fazia objeção a que ele ganhasse a vida desse jeito. Ele levou isso a mal e trouxe a desgraça para todos nós. Bem, assim é a vida. Todos aqui podiam contar a sua própria história triste. Este não é o meu propósito.

Don Corleone fez uma pausa e acenou a Hagen para que lhe servisse uma bebida gelada, o que Hagen rapidamente providenciou. Don Corleone molhou a boca.

— Estou disposto a fazer a paz — declarou ele. — Tattaglia perdeu um filho, eu perdi um filho. Estamos quites. A que chegará o mundo se todos continuarem a guardar rancor contra toda a razão? Isso tem sido o infortúnio da Sicília, onde os homens se acham tão ocupados com *vendettas* que não têm tempo de ganhar o sustento da família. É bobagem. Portanto, declaro agora, deixemos as coisas como eram antes. Não tomei qualquer medida para descobrir quem traiu e matou meu filho. Feita a paz, também nada farei a respeito. Tenho um filho que não pode voltar para casa e devo receber garantias de que, quando eu arranjar as coisas para que êle possa retornar com segurança, não haverá interferência, nem perigo, por parte das autoridades. Uma vez que isto seja estabelecido, talvez possamos falar sôbre outros assuntos que nos interessam e nos dêem, a todos nós, um serviço proveitoso hoje.

Corleone fez um gesto expressivo, resignado, com as mãos.

— Isso é tudo o que quero — finalizou ele.

Tudo foi muito bem feito. Era o Don Corleone dos velhos tempos. Sensato. Maleável. De fala macia. Mas todos os presentes tinham notado que ele alegara estar gozando boa saúde, o que significava que era um homem que não podia ser subestimado, apesar dos infortúnios da Família Corleone. Tinham notado que ele dissera que era inútil a discussão de outros assuntos, enquanto a paz que ele solicitava não fosse concedida. Tinham notado que ele pedira o estabelecimento do *status quo* antigo, que ele não perderia nada apesar de ter levado a pior durante o último ano.

Contudo, foi Emilio Barzini quem respondeu a Don Corleone, não Tattaglia. Foi sucinto e objetivo sem ser rude ou afrontoso.

— Isso tudo é verdade — afirmou Barzini. — Porém há um pouco mais. Don Corleone é bem modesto. O fato é que Sollozzo e os Tattaglia não podiam entrar no novo negócio deles sem a assistência de Don Corleone. Na realidade a sua desaprovação os prejudicou. Isso é culpa sua. O fato é que juízes e políticos que aceitariam favores de Don Corleone, mesmo quanto a entorpecentes, não concordariam em serem influenciados por qualquer outra pessoa quando o negócio fosse narcotico. Sollozzo não podia operar se não tivesse alguma garantia de que seu

pessoal não seria molestado. Todos nós sabemos disso. Do contrário, seríamos homens pobres. E agora que aumentaram as penalidades, os juízes e os promotores públicos regateiam bastante quando um elemento nosso se complica com o tráfico de entorpecentes. Mesmo um siciliano condenado a vinte anos pode quebrar a *omerta* e acabar falando muita coisa. Isso não pode acontecer. Don Corleone controla toda a máquina. A sua recusa em nos deixar usá-la não é um ato de amizade. Ele tira o pão da boca de nossas famílias. Os tempos mudaram, não é mais como antigamente, quando todo mundo podia seguir o seu próprio caminho. Se Corleone controla todos os juízes de Nova York, então deve dividi-los conosco ou permitir que os usemos. Certamente pode apresentar uma conta por tais serviços, não somos comunistas, afinal de contas. Mas tem de permitir que tiremos água do poço. A coisa é assim muito simples.

Quando Barzini acabou de falar houve um silêncio. As linhas agora estavam traçadas, não se podia voltar ao *status quo* anterior. O mais importante era que Barzini, ao falar, dissera que, se a paz não fosse feita, ele abertamente se uniria aos Tattaglia na sua guerra contra os Corleone. E ele assinalara um ponto de distinção. A vida e a fortuna deles dependiam de que se prestassem serviços uns aos outros, e a negação de um favor pedido por um amigo era um ato de agressão. Favores não eram pedidos levianamente e assim não podiam ser levianamente recusados.

Don Corleone, finalmente, tomou a palavra para responder:

— Meus amigos, — disse ele — não recuso por despeito. Todos vocês me conhecem. Quando foi que já recusei um ajuste de negócio? Isso simplesmente não está em minha natureza. Mas tive de recusar desta vez. Por quê? Porque penso que esse negócio de entorpecentes nos destruirá nos próximos anos. Há um retraimento muito forte contra tal tráfico neste país Não é como uísque, jogo ou mesmo mulheres, que a maior parte das pessoas quer e os *pezzonovanti* da Igreja e do governo os proíbem. Mas os entorpecentes são perigosos para toda pessoa ligada a eles. Pode comprometer todos os outros negócios. E deixem-me dizer que me sinto lisonjeado pela crença de que sou tão poderoso com os juízes e os funcionários da justiça; eu queria que isso fosse verdade. Tenho realmente alguma influência, mas muita gente que respeita meu conselho pode perder esse respeito se os entorpecentes se meterem nessa relação. Tem medo de se ver envolvida em tal negócio e tem fortes ressentimentos contra ele. Mesmo muitos policiais que nos ajudam na jogatina e em outras coisas se recusariam a nos ajudar em entorpecentes. Portanto, pedir-me que preste um serviço nessa questão é pedir-me que preste um desserviço a mim mesmo. Mas estou dispos-

to a fazer até mesmo isso se todos vocês acharem conveniente a fim de se acertarem outras coisas.

Quando Don Corleone acabou de falar, a sala ficou muito menos tensa, com mais sussurros e conversações. Ele recuara no ponto principal. Oferecia sua proteção a qualquer empreendimento organizado para o tráfico de entorpecentes. Don Corleone estava, com efeito, concordando quase inteiramente com a proposta original de Sollozzo, desde que ela fosse endossada por todo o grupo ali reunido. Compreendia-se que ele jamais participaria da fase operacional, nem tampouco investiria seu dinheiro. Simplesmente usaria sua influência protetora junto ao aparelho legal. Mas isso era uma concessão formidável.

O Don de Los Angeles, Frank Falcone, tomou a palavra para responder.

— Não há meio de impedir que a nossa gente entre nesse negócio. Ela entra por sua própria conta e se complica. Há muito dinheiro nisso e é difícil resistir. Assim, é mais perigoso se não entrarmos nele. Pelo menos se o controlarmos podemos protegê-lo melhor, organizá-lo melhor, assegurar que ele cause menos complicação. Estar nesse negócio não é tão mau assim, deve haver controle, deve haver proteção, deve haver organização, não podemos permitir que todo mundo viva correndo e faça o que bem entenda como se pertencesse a um grupo de anarquistas.

O Don de Detroit, mais amigo de Corleone que qualquer dos outros, também falou agora contra a posição do amigo, no interesse do bom senso.

— Não acredito em entorpecentes — começou ele. Por anos paguei ao meu pessoal um pouco mais para que ele não se metesse nesse tipo de negócio. Mas isso não adiantou, não ajudou. Alguém se aproxima dos meus homens e diz: "Tenho uns pozinhos, e, se vocês colocarem o investimento de três ou quatro mil dólares, podemos fazer uma distribuição de cinqüenta mil". Quem pode resisitir a tal lucro? E passam a ficar tão ocupados com o seu biscatezinho que se esquecem de fazer o trabalho pelo qual pago a eles. Ganham muito mais nos entorpecentes. O negócio cresce e cada momento. Não há meio de pará-lo, portanto temos de controlar o negócio e mantê-lo respeitável. Não o quero perto das escolas, não o quero vendido a crianças. Isso é uma *infamita.* Em minha cidade eu tentaria manter tal tráfico com a gente de cor, com os pretos. São os melhores fregueses, os que trazem menos complicações e de qualquer maneira eles são animais. Não têm respeito por suas mulheres, suas famílias ou por si mesmos. Que percam a alma com entorpecentes. Mas alguma coisa deve ser feita, pois não podemos deixar que cada um faça o que bem entenda e arranje complicação para todo mundo.

Esse discurso do Don de Detroit foi recebido com altos murmúrios de aprovação. Ele tinha acertado na mosca. Não se podia nem mesmo pagar ao pessoal para ficar fora do tráfico de entorpecentes. Quanto às suas observações sobre as crianças, isso se devia à sua bem conhecida sensibilidade, à sua ternura. Afinal de contas, quem venderia entorpecentes às crianças? Onde elas conseguiriam o dinheiro? Quanto às suas observações sobre os homens de cor, isso nem foi ouvido. Os negros eram considerados como não tendo qualquer importância, qualquer força. O fato de terem permitido que a sociedade os reduzisse a pó provava que eles não tinham importância, e o fato de Zaluchi mencioná-los de qualquer modo provava que o Don de Detroit tinha o espírito sempre voltado para coisas descabidas.

Todos os Dons falaram. Todos deploraram o tráfico de entorpecentes como uma coisa má que causaria complicação, mas concordaram que não havia meio de controlá-lo. Havia, simplesmente, muito dinheiro a ser ganho no negócio, portanto concluía-se que haveria homens que fariam tudo para dedicar-se a ele. Assim era a natureza humana.

Finalmente chegou-se a um acordo. O tráfico de entorpecentes seria permitido e Don Corleone deveria dar-lhe alguma proteção legal no Leste. Ficou entendido que as Famílias Barzini e Tattaglia fariam a maior parte das operações em grande escala. Com isso já resolvido, a conferência podia prosseguir para tratar de outras questões de interesse mais amplo. Havia muitos problemas complexos a serem resolvidos. Concordou-se que Las Vegas e Miami seriam consideradas cidades livres, onde qualquer das Famílias poderia operar. Todos eles reconheciam que essas eram as cidades do futuro. Concordou-se também que não seria permitida qualquer violência nessas cidades, e os pequenos criminosos de todos os tipos deveriam ser desencorajados. Concordou-se que nos negócios importantes, nas execuções que eram necessárias, mas poderiam causar um grande clamor público, deveria haver aprovação daquele conselho. Concordou-se que os capangas e outros soldados deveriam ser impedidos de cometer crimes violentos e atos de vingança, uns contra os outros, por questões policiais. Concordou-se que as Famílias prestariam serviços umas às outras quando solicitadas, tais como fornecer executores, assistência técnica para a realização de certas ações, como subornar jurados, que em alguns casos poderiam ser vitais. Essas discussões, informais, coloquiais e de alto nível, tomaram tempo e foram interrompidas para almoço e bebidas fornecidas pelo bar.

Finalmente Don Barzini procurou dar fim à reunião.

— Isso é toda a questão, então — disse ele. — Estabelecemos a paz e quero apresentar os meus respeitos a Don Corleone, a quem todos nós conhecemos no decorrer dos anos como um

homem de palavra. Se surgirem novas divergências, poderemos encontrar-nos novamente, não devemos bancar os tolos outra vez. De minha parte, a estrada é nova e agradável. Estou satisfeito por ver tudo isso resolvido.

Somente Phillip Tattaglia estava ainda um pouco preocupado. O assassinato de Santino Corleone tornara-o a pessoa mais vulnerável do grupo, se a guerra irrompesse novamente. Ele falou finalmente pela primeira vez.

— Concordei com tudo aqui, estou disposto a esquecer meu próprio infortúnio. Mas gostaria de ouvir algumas garantias concretas de Corleone. Tentará ele alguma vingança individual? Quando o tempo passar e a sua posição se tornar talvez mais forte, esquecerá que juramos manter nossa amizade? Como saberei que em três ou quatro anos ele não achará que foi mal servido, forçado contra a sua vontade a fazer este acordo e assim sentir-se livre para rompê-lo? Teremos de nos manter em guarda uns contra os outros todo o tempo? Ou podemos verdadeiramente ir em paz, com paz no espírito? Poderia Corleone dar-nos todas as suas garantias como eu agora dou as minhas?

Foi então que Don Corleone fez o discurso que seria longamente lembrado, e que reafirmou sua posição como o estadista mais sagaz dentre êles, tão dotado de bom senso, tão direto do fundo do coração; e para o coração da questão. Nessa oportunidade Don Corleone criou uma expressão que se tornaria tão famosa a seu modo como a Cortina de Ferro de Churchill, embora só chegasse ao conhecimento público mais de dez anos depois.

Pela primeira vez, se levantou para se dirigir ao conselho. Ele era baixo e estava um pouco magro em virtude de sua "doença", talvez seus 60 anos sugerissem um pouco mais, porém não havia dúvida de que ele recuperara toda a sua antiga força e toda a sua sagacidade.

— Que espécie de homens somos nós, então, se não temos o nosso próprio raciocínio? — disse ele. — Todos nós não somos melhores do que feras numa selva, se este fosse o caso. Mas temos raciocínio, podemos raciocinar uns com os outros e podemos raciocinar conosco mesmos. Com que propósito começaria eu novamente todas essas complicações, a violência e a agitação? Meu filho está morto e isso é uma infelicidade que devo suportar, não fazer que o mundo inocente em torno de mim sofra comigo. Portanto, digo, dou minha palavra de honra de que jamais procurarei vingança, jamais procurarei reviver os atos que foram praticados no passado. Deixarei este lugar com o coração purificado.

E prosseguiu:

— Permitam-me dizer que devemos sempre olhar os nossos interesses. Todos nós somos homens que se recusaram a ser

bobos, que se recusaram a ser marionetes que dançam num cordel puxado pelos homens que estão no alto. Temos sido felizes aqui neste país. A maior parte de nossos filhos já criou uma vida melhor. Alguns de vocês têm filhos que são professores, cientistas, músicos, e vocês são felizes. Talvez seus netos se tornem os novos *pezzonovanti*. Nenhum de nós aqui quer ver nossos filhos seguir nossos passos, é uma vida muito dura. Eles podem ser como outras pessoas, conquistar posição e segurança com sua própria coragem. Tenho netos agora e espero que os filhos deles possam algum dia, quem sabe, ser um governador, um presidente, nada é impossível aqui na América. Mas temos de progredir com os tempos. Já passou a época das armas, dos assassinatos e dos massacres. Temos que ser astutos como os homens de negócios, há muito dinheiro para se ganhar e assim é melhor para os nossos filhos e os nossos netos.

— Quanto aos nossos próprios feitos, — continuou ele — não somos responsáveis pelos elementos de alto gabarito, os *pezzonovanti* que tomam a si o encargo de decidir o que faremos de nossas vidas, que declaram as guerras nas quais querem que entremos e combatamos para proteger o que eles possuem. Quem deve dizer que precisamos obedecer às leis que eles fazem para defender o seu próprio interesse e para nos prejudicar? E quem são eles então para se intrometer quando cuidamos de nossos interesses? *Sona cosa nostra*, — disse Don Corleone — esses negócios são exclusivamente nossos. Dirigiremos o nosso mundo para nós mesmos porque é nosso mundo, *cosa nostra*. E assim temos de permanecer juntos para nos guardarmos contra os intrometidos de fora. Do contrário, eles nos subjugarão como subjugaram todos os milhões de napolitanos e outros italianos deste país.

— Por êste motivo, — prosseguiu Don Corleone — desisto de minha vingança pelo meu filho morto, para o bem comum. Juro agora que, enquanto eu for responsável pelas ações de minha Família, ninguém levantará um dedo contra qualquer homem aqui presente sem causa justa e a mais extrema provocação. Estou disposto a sacrificar meus interesses comerciais pelo bem comum. Esta é a minha palavra, minha palavra de honra, e os que estão aqui presentes sabem que eu nunca a traí.

Continuou Don Corleone.

— Mas tenho um interesse egoísta. Meu filho mais moço teve de fugir, acusado do assassinato de Sollozzo e de um capitão da polícia. Devo agora arranjar para que ele volte para casa com segurança, livre de todas essas falsas acusações. Isso é uma coisa que me diz respeito e farei esse arranjo. Talvez eu deva encontrar os verdadeiros culpados ou talvez deva convencer as autoridades de sua inocência, talvez as testemunhas e os informantes desdigam suas mentiras. Mas repito que isso é uma

coisa que me diz respeito e acredito que conseguirei trazer meu filho para casa.

E concluiu:

— Mas permitam-me dizer isto. Sou um homem supersticioso, um defeito ridículo, mas devo confessá-lo aqui. E assim se algum acidente infeliz ocorrer ao meu filho caçula, se algum oficial da polícia acidentá-lo, baleá-lo, se ele enforcar-se na prisão, se novas testemunhas aparecerem para depor contra ele, minha superstição me fará sentir que foi o resultado da má vontade que algumas pessoas aqui presentes ainda alimentam a meu respeito. Permitam-me que eu vá mais longe. Se meu filho for atingido por um raio de relâmpago culparei algumas das pessoas aqui presentes. Se seu avião cair no mar ou seu navio afundar sob as ondas do oceano, se ele pegar uma febre mortal, se seu automóvel for colhido por um trem, tamanha é a minha superstição que porei a culpa na má vontade que algumas pessoas aqui presentes alimentam. Senhores, essa má vontade, esse azar, eu jamais esquecerei. Mas, à parte isso, permitam-me jurar pela alma de meus netos que eu jamais romperei a paz que estabelecemos. Afinal de contas, somos ou não melhores do que esses *pezzonovanti* que mataram milhões e milhões de homens no decorrer de nossa existência?

Pronunciadas estas palavras, Don Corleone afastou-se de seu lugar e saiu da mesa, encaminhando-se para onde estava sentado Don Phillip Tattaglia. Este levantou-se para saudá-lo e os dois homens se abraçaram, beijando-se reciprocamente na face. Os outros Dons presentes à sala aplaudiram e levantaram-se para apertar a mão de quem estivesse por perto e para felicitar Don Corleone e Don Tattaglia pela nova amizade estabelecida por eles. Não seria talvez a amizade mais calorosa do mundo, eles não mandariam saudações de boas-festas um para outro, mas não se matariam mutuamente. Isso já era bastante amizade neste mundo, tudo o que era necessário.

Como seu filho Freddie estava sob a proteção da Família Molinari no Oeste, Don Corleone demorou-se com o Don de São Francisco depois da reunião para agradecer-lhe. Molinari disse o bastante a Don Corleone para que ele compreendesse que Freddie lá estava em seu ambiente, era feliz e se tornara como que um conquistador de mulheres. Ele era um gênio para dirigir um hotel, assim parecia. Don Corleone balançou a cabeça admirado, como fazem muitos pais quando são informados sobre aptidões, até então ignoradas, possuídas pelos filhos. Não era verdade que às vezes as maiores infelicidades traziam recompensas imprevistas? Ambos concordaram que isso de fato era assim. Entrementes, Don Corleone tornou claro ao Don de São Francisco que era devedor daquele grande serviço prestado, a fim de proteger Freddie. Portanto, informava-o de que exerceria a sua

influência para que as importantes comunicações telegráficas sobre as corridas estivessem sempre à disposição de seu pessoal, quaisquer que fossem as modificações na estrutura de poder nos anos vindouros, uma garantia importantíssima, já que a luta em torno desse ponto era uma constante ferida aberta, complicada pelo fato de que o pessoal de Chicago mantinha um domínio autoritário sobre aquilo. Mas Don Corleone tinha também influência naquela terra de bárbaros e assim a sua promessa era um presente valiosíssimo.

Já era noite, quando Don Corleone, Tom Hagen e o motorista e guarda-costas, um homem chamado Rocco Lampone, chegaram à alameda de Long Beach. Quando entraram na casa, Don Corleone disse a Hagen:

— Nosso motorista, esse tal de Lampone, mantenha-o de olho. Ele é um sujeito que merece coisa melhor, penso eu.

Hagen não compreendeu esta observação. Lampone não dissera uma só palavra durante o dia todo, nem sequer lançara um olhar para os dois homens do assento traseiro. Abrira a porta para Don Corleone, o carro estava em frente do banco quando eles saíram, ele fizera tudo corretamente, mas nada mais do que qualquer motorista bem treinado certamente faria. Evidentemente, o olho de Don Corleone percebera algo que ele não vira.

Don Corleone dispensou Hagen e disse-lhe para voltar depois da ceia, aconselhando-o a aproveitar o tempo e descansar um pouco, pois eles teriam uma longa noite de discussão. Disse também a Hagen que fizesse Clemenza e Tessio estarem presentes. Deviam chegar às 10 horas da noite, não antes. Hagen deveria informar Clemenza e Tessio sobre o que acontecera na reunião daquele dia.

Às dez horas, Don Corleone estava esperando os tres homens em seu escritório, a sala do canto da casa com sua biblioteca jurídica e telefone especial. Havia uma bandeja com garrafas de uísque, gelo e sóda. Don Corleone deu as suas instruções.

— Fizemos a paz esta tarde — disse ele. — Empenhei a minha palavra e a minha honra, e isso deve ser bastante para todos vocês. Mas nossos amigos não merecem tanta confiança, assim devemos manter todos eles ainda sob nossa vigilância. Não queremos mais pequenas e sujas surpresas.

Don Corleone voltou-se para Hagen e perguntou:

— Você deixou os reféns Bocchicchio irem embora?

Hagen acenou com a cabeça afirmativamente.

— Telefonei para Clemenza assim que cheguei em casa.

Don Corleone virou-se para o maciço Clemenza. O *caporegime* acenou com a cabeça afirmativamente.

— Eu os soltei. Diga-me uma coisa, Padrinho, é possível que um siciliano seja tão estúpido como os Bocchicchio fingem ser?

Don Corleone deu uma pequena risada.

— Eles são bastante espertos para ter um bom meio de vida. Por que é necessário ser mais esperto do que isso? Não são os Bocchicchio que causam as complicações deste mundo. Mas, é verdade, eles não têm a cabeça de um bom siciliano.

Estavam todos com uma disposição de ânimo calma, agora que a guerra tinha acabado. O próprio Don Corleone preparou as bebidas e trouxe uma para cada homem. Bebeu a sua tranqüilamente e acendeu um charuto.

— Não quero que se faça nada para descobrir o que aconteceu com Sonny, isso está combinado e deve ser esquecido. Quero toda a cooperação com as outras Famílias, mesmo que elas se tornem um pouco gananciosas e não obtenhamos a parte que realmente nos compete nas transações. Não quero que nada rompa essa paz, qualquer que seja a provocação, enquanto não descobrirmos um meio de trazer Michael de volta. E quero que isso seja a primeira coisa na cabeça de vocês. Lembrem-se disto, quando ele voltar deve estar em segurança absoluta. Não me refiro aos Tattaglia ou aos Barzini. O que me preocupa é a polícia. Certamente, podemos destruir toda prova concreta contra êle; o garçom não vai depor, nem aquele espectador ou pistoleiro ou seja lá o que for. A prova concreta é o que menos nos preocupa, pois sabemos tudo sobre ela. O que nos deve preocupar é a prova falsa que a polícia pode forjar porque os seus informantes lhe garantiram que Michael Corleone é o homem que matou o capitão. Muito bem. Temos de pedir que as cinco Famílias façam tudo o que puderem para anular essa crença da polícia. Todos os seus informantes que trabalham com a polícia devem surgir com novas histórias. Acho que depois do meu discurso desta tarde eles compreenderão que é do interesse deles que façam assim. Mas isso não é o bastante. Temos de surgir com alguma coisa especial para que Michael nunca mais tenha de se preocupar com isso novamente. Do contrário, não há vantagem em que ele volte para este país. Assim, vamos todos pensar no assunto. Isso é a coisa mais importante.

— Agora — prosseguiu ele — todo homem tem direito de fazer uma besteira na vida. Já pensei na minha. Quero todos os terrenos em torno da alameda, assim como as casas, comprados. Não quero que homem algum possa olhar pela sua janela para o meu jardim, mesmo da distância de quase dois quilômetros. Quero uma cerca em torno da alameda, que deve ser protegida durante todo o tempo. Quero um portão nessa cerca. Resumindo, desejo agora morar numa fortaleza. Deixem-me dizer-lhes agora que nunca mais irei à cidade trabalhar novamente. Estarei semi-aposentado. Sinto necessidade de trabalhar no jardim, de fazer um pouco de vinho quando chegar a época das uvas. Quero viver em minha casa. A única possibilidade de sair dela

será quando eu tomar umas pequenas férias, ou quando tiver de ver alguém sobre um negócio importante, e então quero que se tomem todas as precauções. Agora, não levem isso a mal. Não estou preparando nada. Sou e sempre fui um homem prudente, não há nada que eu ache pior neste mundo do que a negligência pela vida. As mulheres e as crianças podem ser negligentes, os homens não. Ajam vagarosamente em todas essas coisas, nada de preparativos frenéticos para assustar os nossos amigos. Pode ser feito de tal maneira que pareça natural.

E Don Corleone continuou:

— Agora vou deixar as coisas cada vez mais a cargo de cada um de vocês três. Quero o *regime* de Santino debandado e os homens colocados nos *regimes* de vocês. Isto tranqüilizará nossos amigos e mostrará que eu quero realmente a paz. Tom, quero que você reúna um grupo de homens que vá a Las Vegas e me forneça um informe completo sobre o que se passa por lá. Conte-me o que há com Fredo, o que está realmente acontecendo, ouço dizer que eu não reconheceria o meu próprio filho. Parece que ele agora é cozinheiro, que se diverte com as garotas mais do que deve um homem normal. Bem, ele sempre foi muito sério quando mais jovem e nunca foi o homem indicado para o negócio da Família. Mas vamos ver o que é que realmente se pode fazer lá.

Hagen perguntou tranqüilamente:

— Devemos mandar o seu genro? Afinal de contas, Carlo nasceu em Nevada, conhece tudo aquilo.

Don Corleone balançou a cabeça.

— Não, minha mulher está sozinha aqui sem nenhum de seus filhos. Quero que Constanzia e seu marido se mudem para uma das casas da alameda. Quero que Carlo tenha uma função de responsabilidade, talvez eu tenha sido muito duro com ele e — Don Corleone fez uma careta — tenho carência de filhos. Tire-o do negócio de jogo e ponha-o com os sindicatos trabalhistas, onde ele possa fazer algum trabalho burocrático e conversar um pouco. Ele é um bom-papo.

Havia um longíquo tom de desprezo na voz de Don Corleone.

Hagen acenou com a cabeça.

— Muito bem, Clemenza e eu vamos examinar todo o pessoal e reunir um grupo para fazer o serviço de Las Vegas. Você quer que eu chame Freddie para passar alguns dias aqui em casa?

Don Corleone balançou a cabeça e respondeu cruelmente:

— Para quê? Minha mulher ainda pode cozinhar a nossa comida. Deixe que ele fique por lá.

Os três homens mexeram-se intranqüilamente em seus assentos. Não sabiam que Freddie estivesse assim tão desprestigiado

com o pai e desconfiaram que devia haver algo que êles ignoravam.

Don Corleone deu um suspiro.

— Espero plantar alguns pimentões verdes e tomates na horta este ano, mais do que o que podemos comer. Eu os presentearei a vocês. Quero um pouco de paz, um pouco de sossego e tranqüilidade para a minha velhice. Bem, é só isso. Tomem outra bebida se vocês quiserem.

Era uma despedida. Os homens se levantaram. Hagen acompanhou Clemenza e Tessio até o carro de cada um deles e combinou as reuniões para discutir os detalhes operacionais a fim de cumprir os desejos externados pelo Don. Depois voltou para a casa onde sabia que Don Corleone estaria esperando por ele.

Don Corleone tirara o paletó e a gravata e estava deitado no sofá. Seu rosto severo apresentava sinais de cansaço. Fez um gesto para que Hagen se sentasse e perguntou:

— Bem, *Consigliori*, você desaprova algum dos meus atos de hoje?

Hagen levou tempo para responder.

— Não — disse ele. — Mas não acho isso coerente, não acho de acordo com a sua natureza. Você diz que não quer descobrir como Santino foi morto nem quer vingança. Não acredito nisso. Você deu a sua palavra de que queria a paz e manterá a paz, mas não posso acreditar que você dê a seus inimigos a vitória que eles parecem ter obtido hoje. Você construiu um magnífico enigma que não sou capaz de resolver; assim, como posso aprovar ou desaprovar?

Um olhar de contentamento se estampou no rosto de Don Corleone.

— Bem, você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Mesmo que você não seja siciliano, fiz de você um siciliano. Tudo o que você diz é verdade, mas há uma solução e você a compreenderá antes que a coisa chegue ao fim. Você concorda que todos têm de aceitar a minha palavra e que eu a manterei. E quero que as minhas ordens sejam obedecidas fielmente. Mas, Tom, a coisa mais importante é que temos de fazer Michael voltar para casa o mais cedo possível. Conserve isso em primeiro lugar em sua mente e em seu trabalho. Explore todos os caminhos legais, não me importo quanto dinheiro você tem de gastar. Ele terá de estar completamente seguro quando voltar para casa. Consulte os melhores advogados sobre direito criminal. Eu lhe darei os nomes de alguns juízes que lhe concederão uma audiência particular. Até aquele momento, teremos de estar prevenidos contra todas as traições.

— Como você, — retrucou Hagen — não estou tão preocupado com a prova concreta, mas, sim, com a prova que eles

forjarão. Também algum amigo do capitão poderá matar Michael depois que ele for preso. Poderão matá-lo dentro da prisão ou arranjar para que um dos presos o faça. Como vejo a coisa, não podemos nem admitir que ele seja preso ou acusado.

Don Corleone deu um suspiro.

— Eu sei, eu sei. Esta é a difculdade. Mas não podemos perder muito tempo. Há complicações na Sicília. Os rapazes de lá não querem mais ouvir os mais velhos e alguns dos homens deportados para a América são muito difíceis de ser manobrados pelos Dons antiquados. Michael pode ser apanhado nésse meio tempo. Tomei algumas precauções contra isso, e ele ainda tem uma boa cobertura, mas esta cobertura não pode durar sempre. Este foi um dos motivos que me levaram a fazer a paz. Barzini tem amigos na Sicília e eles estão começando a farejar a pista de Michael. Isso lhe fornece uma das respostas para o seu enigma. Tive de fazer a paz para garantir a segurança de meu filho. Nada mais podia fazer.

Hagen não se preocupou em perguntar a Don Corleone como ele havia obtido essa informação. Isso nem sequer o surpreendeu, e era verdade que resolvia parte do enigma.

— Quando eu me encontrar com o pessoal de Tattaglia para estabelecer os detalhes, devo insistir em que todos os seus intermediários do tráfico de entorpecentes sejam limpos? Os juízes ficarão um pouco intranqüilos quanto a dar sentenças leves a um homem com ficha na polícia.

Don Corleone deu de ombros.

— Eles devem ser bastante espertos para pensar nisso. Mencione apenas esse fato, mas não insista nêle. Faremos o possível, mas se eles usarem um verdadeiro cocainômano e ele for apanhado não levantaremos sequer um dedo. Diremos a eles apenas que nada pode ser feito. Mas Barzini é um homem que saberá isso sem que ninguém lhe diga. Você percebeu como ele nunca se comprometeu nesse negócio, como é difícil notar-se que ele está interessado nisso. É um homem que nunca está no lado perdedor.

— Você quer dizer que ele estava atrás de Sollozzo e de Tattaglia todo o tempo? — perguntou Hagen surpreso.

Don Corleone deu um suspiro.

— Tattaglia é um cáften. Ele jamais poderia derrotar Santino. Este é o motivo por que não preciso saber o que aconteceu. Basta saber que Barzini estava por trás disso.

Hagen deu isso por entendido. Don Corleone lhe estava fornecendo pistas, mas havia algo muito importante que ele deixara de fora. Hagen sabia o que era, mas sabia também que não lhe competia perguntar. Ele disse boa-noite e virou-se para ir embora. Don Corleone ainda tinha o que lhe dizer.

— Lembre-se, use a sua inteligência para conceber um plano

a fim de trazer Michael de volta — recomendou Don Corleone. — E outra coisa. Fale com o homem do telefone de forma que todo mês eu tenha uma lista dos telefonemas feitos e recebidos por Clemenza e Tessio. Não tenho desconfiança deles. Posso até jurar que eles jamais me trairiam. Mas não há mal algum em saber qualquer coisinha que nos possa ajudar antes do acontecimento.

Hagen acenou com a cabeça e saiu. Ele ignorava se Don Corleone mantinha alguma vigilância sobre ele também e depois se envergonhou de sua desconfiança. Mas agora tinha certeza de que na mente complexa do Padrinho se estava formando um plano de ação de longo alcance que tornava os acontecimentos do dia nada mais do que uma retirada estratégica. E havia aquele fato obscuro que ninguém mencionara, que ele próprio não ousara perguntar, que Don Corleone ignorava. Tudo apontava para um dia de ajuste de contas no futuro.

Capítulo 21

Mas teve de trancorrer quase outro ano para que Don Corleone pudesse arranjar que seu filho Michael voltasse clandestinamente para os Estados Unidos. Durante esse tempo, toda a Família quebrou a cabeça para arquitetar planos adequados. Até Carlo Rizzi foi ouvido, agora que ele morava na alameda com Connie. (Durante esse tempo, eles tiveram um segundo filho, um menino.) Mas nenhum dos planos mereceu a aprovação de Don Corleone.

Finalmente, foi a Família Bocchicchio que, através de uma infelicidade que lhe ocorreu, resolveu o problema. Havia um Bocchicchio, um primo jovem que não tinha mais de 25 anos de idade, chamado Felix, que nascera na América e que tinha mais cabeça do que qualquer outro membro do clã jamais tivera. Ele se recusara a entrar no negócio de coleta de lixo da Família e se casara com uma distinta moça americana de ascendência inglesa, para consolidar ainda mais o seu afastamento do clã. Freqüentava a escola à noite, para se tornar advogado, e trabalhava durante o dia como funcionário dos correios. Durante esse tempo, sua mulher teve três filhos. Ela era uma administradora competente, e eles viveram do salário dele até que o marido se formou.

Agora Felix Bocchicchio, como muitos outros jovens, pensava que, tendo lutado para terminar seus estudos e dominar as ferramentas de sua profissão, a sua virtude seria automaticamente recompensada e ele levaria uma vida decente. Isso, porém,

infelizmente não aconteceu. Ainda orgulhoso, ele se recusou a aceitar qualquer ajuda do clã. Mas um advogado amigo seu, um jovem bem relacionado e que estava iniciando a carreira numa grande firma de advocacia, solicitou a Felix que lhe fizesse um pequeno favor. Era uma coisa muito complicada, aparentemente legal, e tinha relação com um caso de falência fraudulenta. Tinha a possibilidade de um milhão contra um de ser descoberta. Felix Bocchicchio aceitou o risco. Já que a fraude envolvia o uso de recursos legais que ele aprendera na universidade, parecia não ser assim tão condenável e, de maneira curiosa, nem mesmo criminosa.

Para resumir a história, a fraude foi descoberta. O amigo advogado recusou-se a ajudar Felix de qualquer maneira, recusou-se até a atender os seus telefonemas. Os dois responsáveis principais pela fraude, astutos negociantes de meia-idade que atribuíram à incompetência jurídica de Felix Bocchicchio o fato de ter o plano dado mau resultado, confessaram-se culpados e colaboraram com o Estado, indicando Felix Bocchicchio como o cabeça da fraude e alegando que usara de ameaças de violência para controlar o negócio deles e forçá-los a colaborar com ele em seus planos fraudulentos. Foi provado que Felix tinha tios e sobrinhos no clã Bocchicchio que possuíam antecedentes criminosos de atos de violência, e isso lhe foi ruinoso. Os dois negociantes foram condenados e obtiveram *sursis*. Felix Bocchicchio foi condenado a uma pena de um a cinco anos e cumpriu tres deles. O clã não solicitou auxílio de qualquer das Famílias ou de Don Corleone porque Felix se recusara a pedir-lhe ajuda e precisava receber uma lição: que a misericórdia só vem da Família, que a Família é mais leal e merece mais confiança do que a sociedade.

De qualquer forma, Felix Bocchicchio foi solto depois de cumprir três anos de prisão, foi para casa e beijou a mulher e os três filhos e viveu tranqüilamente durante um ano, e então mostrou que era do clã dos Bocchicchio afinal de contas. Sem qualquer tentativa de esconder sua culpa, arranjou uma arma, uma pistola, e atirou no seu amigo advogado, matando-o. Depois procurou os dois negociantes e calmamente atirou-lhes na cabeça quando eles saíam de uma lanchonete. Deixou os corpos estendidos na rua e entrou na lanchonete onde pediu uma xícara de café que bebeu enquanto esperava que a polícia chegasse para prendê-lo.

O seu julgamento foi rápido e a sentença impiedosa. Um membro do submundo assassinara a sangue-frio testemunhas que o tinham enviado para a prisão que ele indiscutivelmente merecia. Era um escárnio flagrante à sociedade e imediatamente o público, a imprensa, a estrutura da sociedade e os humanitários de cabeça mole e de coração também mole se uniram em seu

desejo de ver Felix Bocchicchio na cadeira elétrica. O governador do Estado não lhe concederia mais clemência do que os funcionários da carrocinha dispensariam a um cão danado, de acordo com as próprias palavras pronunciadas por um dos mais íntimos colaboradores do governador. O clã dos Bocchicchio naturalmente gastaria quanto dinheiro fosse necessário em apelos para as instâncias superiores; agora, sentiam-se orgulhosos dele, mas a conclusão era certa. Depois das formalidades legais, que poderiam tomar algum tempo, Felix Bocchicchio morreria na cadeira elétrica.

Foi Hagen quem trouxe esse caso à atenção de Don Corleone a pedido de um membro da Família Bocchicchio que alimentava a esperança de que alguma coisa pudesse ser feita em favor do jovem Felix. Don Corleone laconicamente se recusou. Ele não era mágico. As pessoas pediam-lhe o impossível. Mas no dia seguinte, Don Corleone chamou Hagen ao escritório e fê-lo relatar o caso com os mínimos detalhes. Quando Hagen terminou, Don Corleone disse-lhe que convidasse o chefe do clã dos Bocchicchio para uma reunião na alameda.

O que aconteceu a seguir teve a simplicidade de uma idéia genial. Don Corleone garantiu ao chefe do clã dos Bocchicchio que a mulher e os filhos de Felix Bocchicchio seriam recompensados com uma bela pensão. O dinheiro destinado a isso seria imediatamente entregue ao clã dos Bocchicchio. Em troca, Felix devia confessar ter assassinado Sollozzo e o capitão da polícia McCluskey.

Havia muitos detalhes a serem combinados. Felix Bocchicchio teria de confessar de modo convincente, isto é, teria de conhecer alguns dos detalhes verdadeiros para relatar o crime. Também devia implicar o capitão da polícia no tráfico de entorpecentes. Depois, o garçom do Restaurante Luna deveria ser persuadido a identificar Felix Bocchicchio como o assassino. Isso exigiria muita coragem, pois a descrição mudaria radicalmente, já que Felix Bocchicchio era mais baixo e robusto. Porém Don Corleone cuidaria disso. Também como o condenado era um homem que acreditava na educação secundária e superior, gostaria que seus filhos freqüentassem a faculdade. Assim, uma soma de dinheiro teria de ser paga por Don Corleone para que os filhos de Felix pudessem cursar a faculdade. Além disso, o clã dos Bocchicchio deveria ter a certeza de que não havia esperança de clemência pelos crimes realmente praticados por Felix. A nova confissão evidentemente selaria a sua condenação fatal, já quase certa.

Tudo foi devidamente combinado, o dinheiro pago e o necessário contato feito com o homem condenado, de forma que ele fosse instruído e aconselhado. Finalmente, o plano foi estabelecido e a confissão fez manchete em todos os jornais. Toda a

encenação foi um autêntico sucesso. Mas Don Corleone, cauteloso como sempre, esperou que se passassem quatro meses após a execução de Felix Bocchicchio para finalmente dar a ordem de que Michael Corleone podia voltar para casa.

Capítulo 22

Lucy Mancini, um ano após a morte de Santino, ainda sentia muita falta dele, sofrendo a sua ausência mais do que qualquer amante em um romance. Seus sonhos não eram tão insípidos como os de uma colegial, e seus anseios não eram os de uma esposa dedicada. Não estava desolada pela perda do "companheiro de sua vida", nem sentia falta dele pelo seu caráter destemido. Não tinha lembranças ternas de natureza sentimental, de adoração juvenil de um herói, de seu sorriso, ou do brilho engraçado dos seus olhos quando ela dizia alguma coisa carinhosa ou espirituosa.

Não. Sentia a falta dele por um motivo mais importante. É que ele fora o único homem no mundo que conseguira fazer seu corpo sentir o ato de amor. Em sua juventude e ingenuidade, ainda acreditava que fora o único homem capaz de fazer isso.

Agora, um ano depois, tomava seu banho de sol no refrescante clima de Nevada. Em sua companhia, um jovem franzino e louro brincava com os dedos dos seus pés. Estavam ao lado da piscina do hotel naquela tarde de domingo e, apesar de tanta gente ali presente, a mão do rapaz acariciava sua coxa nua.

— Ó Jules, pare — pediu Lucy. — Pelo menos, pensei que os médicos não fossem tão bobos assim.

— Eu sou um médico de Las Vegas.

Coçou-lhe a parte interna da coxa e admirou-se como aquilo podia excitá-la tão fortemente. Demonstrava isso no rosto, embora procurasse ocultá-lo. Realmente, era uma garota muito pri-

mitiva, ingênua. Por que ele não podia fazê-la entregar-se? Ele tinha de agir logo, não se importando absolutamente com um amor perdido que jamais poderia ser substituído. Aqui, ele sentia o calor da pele dela que estava exigindo o calor de outro corpo. O Dr. Jules Segal decidiu que daria a grande investida naquela noite, no seu apartamento. Desejava que ela se entregasse sem qualquer artimanha, mas, se houvesse alguma, ele seria o homem indicado para isso. Tudo no interesse da ciência, é claro. E, além disso, essa pobre garota estava morrendo de desejo.

— Jules, pare, por favor pare — pediu Lucy novamente, com a voz trêmula.

Jules atendeu imediatamente.

— Está bem, querida — respondeu ele.

Pôs a cabeça no colo dela e, usando-lhe as coxas macias como travesseiro, tirou uma soneca. Divertiu-se com suas contorções, com o calor que emanava de seu corpo e, quando ela pôs a mão na cabeça dele para alisar-lhe o cabelo, Jules agarrou-lhe o pulso brincando e segurou-o amorosa, mas firmemente, para sentir-lhe a pulsação. Estava aos galopes. Conquistá-la-ia naquela noite e resolveria o mistério, fosse qual fosse. Cheio de confiança, o Dr. Jules Segal caiu no sono.

Lucy observava o pessoal em torno da piscina. Jamais poderia ter imaginado que sua vida se modificasse tanto, em menos de dois anos. Nunca se arrependera de sua "bobagem", no casamento de Connie Corleone. Era a coisa mais admirável que lhe tinha acontecido, e ela sentira aquilo inúmeras vezes em seus sonhos. Como sentiria vezes sem conta nos meses que se seguiram.

Sonny visitava-a uma vez por semana; às vezes duas. Nos dias que precediam a visita dele, seu corpo ficava num verdadeiro tormento. A paixão que um nutria pelo outro era da maneira mais elementar desprovida de poesia ou de intelectualismo. Era o amor na forma mais grosseira, amor puramente carnal.

Quando Sonny telefonava para avisar-lhe que ia lá, ela se certificava se havia bastante bebida no apartamento e bastante comida para a ceia e para o *breakfast*, porque, geralmente, ele só iria embora numa hora adiantada da manhã seguinte. Tanto Sonny como Lucy buscavam sentir o máximo prazer em suas relações. Sonny tinha a sua própria chave e, quando ele entrava, ela se atirava nos seus braços robustos. Eles eram brutalmente primitivos. Durante o primeiro beijo, apalpavam-se reciprocamente, ele a erguia no ar e ela envolvia suas pernas em torno das coxas grossas dele. Amavam-se em pé mesmo, no vestíbulo do apartamento, como recordação do primeiro ato de amor que realizaram juntos, e depois, ele a carregava para o quarto.

Ficavam amando-se na cama. Permaneciam juntos no apartamento, durante dezesseis horas, completamente nus. Ela pre-

parava-lhe grandes pratos. Às vezes, ele recebia telefonemas sobre negócios, mas ela nunca prestava atenção às palavras. Estava sempre ocupada, brincando com o corpo dele, acariciando-o, beijando-o, mordendo-o. Quando se levantava para apanhar uma bebida e andava ao lado dela, Lucy não podia deixar de esticar a mão para tocar-lhe o corpo nu, segurá-lo, amá-lo, como se o sexo dele fosse um brinquedo especialmente fabricado, estranho, mas inocente e que provocava os êxtases conhecidos e surpreendentes. A princípio, Lucy se sentia envergonhada desses excessos de sua parte, mas logo verificou que agradavam seu amante, que a sua completa escravização à vontade dele o lisonjeava. Em tudo isso, havia uma inocência animal e, reciprocamente, eram felizes.

Quando o pai de Sonny foi baleado na rua, ela compreendeu, pela primeira vez, que o seu amante podia estar em perigo. Sozinha, em seu apartamento, Lucy não chorou, mas gemeu em voz alta. Não tendo vindo vê-la, por quase três semanas, ela passou a tomar pílulas para dormir, a beber, curtindo a própria angústia. Sentia uma dor física, e seu corpo doía. Quando finalmente Sonny apareceu, ela ficou agarrada ao corpo dele durante quase todo o tempo. Depois disso, passou a vir, pelo menos, uma vez por semana, até ser assassinado.

Lucy soube de sua morte através dos relatos dos jornais e, naquela mesma noite, tomou uma dose maciça de pílulas para dormir. Por algum motivo, as pílulas, em lugar de matarem, deixaram-na tão doente, que ela saiu cambaleando pelo vestíbulo de seu apartamento e caiu desmaiada em frente à porta do elevador, onde foi encontrada e levada para o hospital. Sua ligação com Sonny não era conhecida por muita gente, assim seu romance mereceu apenas algumas linhas nos tablóides.

Durante sua permanência no hospital, Tom Hagen foi visitá-la e consolá-la. Tom Hagen foi quem lhe arranjou emprego no hotel dirigido por Freddie, irmão de Sonny. Tom também lhe informou que ela receberia uma mesada da Família Corleone, pois Sonny estabelecera isso em seu testamento. Perguntou-lhe se estava grávida, julgando ter sido esse o motivo por que ela tomara as pílulas. Lucy respondeu negativamente. Inquiriu-lhe se Sonny viera vê-la naquela noite fatal, ou telefonara para dizer que iria vê-la. Ela ainda lhe respondeu que não. Sonny não lhe telefonara. Ela sempre esperava por ele, quando acabava de trabalhar. E contou toda a verdade a Hagen.

— Ele foi o único homem que amei realmente — confessara ela. — Não posso amar mais ninguém.

Ela o viu sorrir, embora também estivesse surpreso.

— Você acha isso tão inacreditável? — perguntou ela. — Não foi ele quem o levou para casa, quando você era menino?

— Sonny era um ser diferente, — respondeu Hagen — quando cresceu isso ainda mais se acentuou.

— Não para mim, — retrucou Lucy. — Talvez fosse para as outras pessoas.

Sentia-se ainda muito fraca para explicar como Sonny havia sido apenas gentil com ela. Jamais se mostrava zangado, nem mesmo irritado ou nervoso.

Hagen tomou todas as providências para que ela se mudasse para Las Vegas. Um apartamento alugado a estava esperando. Ele mesmo a levou ao aeroporto e fê-la prometer que, se alguma vez se sentisse solitária, ou se as coisas não corressem bem, telefonaria para ele a fim de ajudá-la como lhe fosse possível.

— Será que o pai de Sonny sabe o que você está fazendo? — perguntou-lhe Lucy hesitante, antes de subir no avião.

— Estou agindo por ele — respondeu Hagen sorrindo — e também por mim mesmo. Ele é antiquado nesse assunto e jamais se colocaria contra a mulher legal do filho. Mas sente que você era apenas uma moça e Sonny devia saber melhor o que estava fazendo. Esse seu negócio de tomar pílulas abalou muita gente.

Ele não explicou por que um homem como Don Corleone achava incrível que uma pessoa pudesse tentar o suicídio.

Agora, após quase 18 meses em Las Vegas, Lucy estava surpresa de ver-se quase feliz. Algumas noites, sonhava com Sonny e, acordando antes do amanhecer, continuava pensando em suas próprias recordações, até adormecer novamente. Desde então, não tivera outro homem. A vida em Las Vegas era boa. Nadava nas piscinas do hotel, velejava no lago Mead e percorria de automóvel o deserto no seu dia de folga. Emagrecera e isso lhe melhorara a silhueta. Ainda era voluptuosa, porém mais americanizada do que no antigo estilo italiano. Trabalhava como recepcionista na seção de relações públicas do hotel e nada tinha a ver com Freddie, embora, quando ele a via, parasse para bater um papinho. Ficou surpresa com a transformação que Freddie sofrera. Tornara-se um conquistador de mulheres, elegantemente vestido, e parecia ter verdadeira vocação para dirigir uma estância de jogo. Controlava a parte do hotel, coisa que geralmente não é feita pelos donos de cassino. Com o verão longo e muito quente, ou talvez em virtude da sua vida sexual mais ativa, emagrecera e o trajar à moda de Hollywood fê-lo parecer muito jovial.

Seis meses depois, Tom Hagen veio ver como ia indo ela. Lucy recebia um cheque de seiscentos dólares todos os meses, além do seu salário. Hagen explicou que se devia provar que esse dinheiro provinha de alguma fonte; por isso, pediu-lhe que assinasse um documento, outorgando-lhe procuração total, a fim de que ele pudesse encaminhar-lhe a importância adequadamente.

Informou-lhe ainda que, por uma questão de formalidade, ela seria possuidora de 5% das ações do hotel em que trabalhava. Ela teria de satisfazer todas as formalidades exigidas pelas leis de Nevada. Todas essas providências seriam tomadas por outras pessoas, a fim de que ela tivesse o mínimo trabalho. Contudo, não deveria discutir com qualquer pessoa nada que ficara combinado entre eles, sem o consentimento dele. Lucy estaria protegida por todos os meios legais, e o seu dinheiro todo mês estaria garantido. Se as autoridades ou qualquer órgão de fiscalização do governo a interrogassem, simplesmente deveria encaminhá-los para o seu advogado e ninguém a incomodaria mais.

Lucy concordou. Compreendeu o que estava acontecendo, mas não tinha objeções a fazer contra aquilo para que estava sendo usada. Parecia um favor razoável. Mas quando Hagen lhe pediu que mantivesse os olhos abertos com respeito ao hotel, e vigiasse Freddie e o patrão dele, o homem que possuía e dirigia o hotel, como o maior acionista, ela respondeu:

— Ó Tom, você não vai querer que eu espione *Freddie*, vai?

Hagen sorriu.

— Don Corleone está preocupado com ele. Freddie está sendo companheiro constante de Moe Green e queremos apenas garantir que ele não se envolva em complicações.

Não se interessou em explicar a ela que Don Corleone financiara a construção desse hotel no deserto de Las Vegas não somente para proporcionar um abrigo para o filho, mas também para fincar o pé na porta a fim de realizar operações maiores.

Foi pouco depois dessa entrevista que o Dr. Jules Segal veio trabalhar como médico do hotel. Ele era muito magro, muito bonito e encantador, parecendo muito moço para ser médico, pelo menos para Lucy. Conheceu-o quando lhe nasceu um calombo acima do pulso. Ficou preocupada com isso alguns dias; então, uma manhã, foi ao conjunto de salas do médico no hotel. Duas coristas estavam na sala de espera, conversando. Elas tinham a beleza loura cor-de-pêssego que Lucy sempre invejara. Pareciam angelicais.

— Juro que se eu tomar outra dose deixo de dançar, — falava uma das garotas.

Quando o Dr. Jules Segal abriu a porta do consultório para fazer entrar uma das garotas, Lucy teve vontade de ir embora e, se fosse alguma coisa mais pessoal e mais séria, ela o teria feito. O Dr. Segal usava calças e camisa esporte. Os óculos de aro de tartaruga melhoravam-lhe o aspecto, o mesmo acontecendo com seu tranqüilo modo reservado, mas a impressão que ele dava era informal e, como muita gente basicamente antiquada, Lucy não acreditava que medicina e informalidade se combinassem.

Quando finalmente entrou no consultório, notou que havia algo tão reconfortante no jeito do médico que todas as suas apreensões desapareceram. Falava muito pouco, mas não era brusco, e tinha muita calma. Quando lhe perguntou o que era aquele calombo, ele explicou pacientemente que aquilo era uma excrescência fibrosa bastante comum, que de forma alguma podia ser maligno, nem causar preocupação séria.

— Estique o braço — falou ele, apanhando um pesado livro de medicina.

Lucy esticou os braços com receio. O médico sorriu-lhe pela primeira vez.

— Vou lesar a mim mesmo do dinheiro de uma operação — disse ele. — Vou amassá-lo com este livro e ele se achatará. Poderá inchar novamente, mas se eu o arrancar com uma operação você ficará sem dinheiro e terá de usar ataduras e outras coisas mais. Entendeu?

Ela sorriu. De algum modo, começou a ter confiança absoluta nele.

— Entendi — respondeu Lucy.

Em seguida, deixou escapar um grito, quando ele deixou cair o pesado volume de medicina no antebraço dela. O calombo se achatou ou quase todo.

— Doeu tanto assim? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela.

Lucy observava-o, enquanto ele enchia sua ficha.

— É só isso?

O Doutor balançou com a cabeça afirmativamente, não lhe dando mais atenção. Lucy retirou-se.

Uma semana depois, ele a viu no café e sentou-se ao seu lado, no balcão.

— Como vai o braço? — perguntou ele.

Ela sorriu.

— Bem — respondeu ela. — Você é bem sem-cerimônia, mas isso é bom.

O médico deu uma risada.

— Você não sabe como sou sem-cerimônia. E eu não sabia que você era tão rica. O *Sun* de Las Vegas publicou a lista dos acionistas do hotel e Lucy Mancini tem cerca de 10% de ações. Eu podia ter feito uma fortuna com aquele calombinho.

Lucy não respondeu, lembrando-se logo das advertências de Hagen.

— Não se preocupe, — disse ele, rindo de novo para ela — já conheço isso. Você é apenas um dos acionistas-fantasmas. Las Vegas está cheia deles. Que tal ver um dos *shows* comigo esta noite? Eu lhe pagarei o jantar. E poderei comprar algumas fichas de roleta para você.

Lucy estava em dúvida. Ele insistiu.

— Eu gostaria de ir, — respondeu ela, finalmente — mas receio que você ficará decepcionado com a maneira como a noite vai terminar. Não sou, na verdade, do tipo da maioria das garotas daqui.

— É por isso que estou convidando você — retrucou Jules cordialmente. — Receitei uma noite de descanso para mim.

— Está claro? — falou Lucy um tanto triste e sorriu para ele.

Ele balançou a cabeça.

— Está bem, — acrescentou ela — cearemos então, mas eu comprarei as minhas próprias fichas da roleta.

Foram ao *show* da ceia e Jules procurou diverti-la, descrevendo diferentes tipos de coxas e seios nus em linguagem médica: mas sem zombaria, e tudo com muito humor. Depois jogaram roleta juntos na mesma mesa e ganharam mais de cem dólares. Mais tarde, ainda foram de automóvel até a represa de Boulder ao luar e ele procurou fazer-lhe amor, mas, quando ela resistiu após alguns beijos, Jules compreendeu que ela realmente não queria e desistiu. Mais uma vez, ele encarou a sua derrota com enorme bom humor.

— Eu lhe avisei que não faria isso — disse ela com uma recriminação de quem tinha alguma culpa.

— Você se sentiria extremamente insultada se eu, pelo menos, nem tentasse — retrucou Jules.

E Lucy teve de dar uma gargalhada, porque era verdade.

Nos meses seguintes, tornaram-se bons amigos. Não faziam amor, porque Lucy não permitia. Ela viu que Jules estava intrigado com sua recusa, mas não se magoara, como acontece com a maioria dos homens. Isso fê-la confiar ainda mais nele. Lucy descobriu que, por trás de seu aspecto profissional de médico, ele era brincalhão ao extremo e despreocupado. Nos fins-de-semana, Jules dirigia um carro adaptado nas corridas da Califórnia. Quando tirava férias, ia para o interior do México, um país selvagem, dizia ele, onde os estrangeiros eram assassinados por causa de seus sapatos e a vida era tão primitiva como há mil anos passados. Por simples casualidade, Lucy soube que Jules era cirurgião e tivera ligação com um famoso hospital de Nova York.

Tudo isso e o fato de ele ter aceitado o emprego no hotel a intrigavam grandemente. Quando ela lhe perguntou acerca disso, respondeu:

— Você me conta o seu segredo profundo e lhe contarei o meu.

Lucy corou e nunca mais tocou no assunto. Jules tampouco insistiu nele. Essa amizade continuou fervorosa e leal como jamais ela poderia imaginar.

Agora, sentada ao lado da piscina com a cabeça loura de

Jules no colo, Lucy sentia uma irresistível ternura por ele. Suas costas doíam e, sem perceber, seus dedos friccionavam sensualmente a pele do pescoço dele. Jules parecia estar dormindo, não percebendo aquilo, e ela se excitava, justamente por senti-lo em contato com ela. De repente, ele ergueu a cabeça do seu colo e pôs-se de pé. Tomou-a pela mão e levou-a por cima da grama até a calçada de cimento. Seguiu-o docilmente, mesmo quando Jules a fez entrar numa das casas onde ficava o seu apartamento particular. Entraram e ele serviu enormes doses de bebidas para ambos. Depois do sol abrasador e dos seus próprios pensamentos sensuais, a bebida subiu-lhe à cabeça e fê-la tonta. Jules passou o braços em torno dela e os seus corpos, nus exceto pelas escassas roupas de banho que usavam, apertaram-se fortemente um de encontro ao outro. Lucy murmurava "não", sem qualquer convicção em sua voz, e Jules não lhe dava atenção. Prontamente, ele arrancou-lhe o porta-seios para poder acariciar os enormes seios e beijá-los: depois, tirou-lhe as calças de banho e, enquanto o fazia, beijava-lhe o corpo, sua barriga redonda e as partes internas de suas coxas. Pôs-se de pé, procurando tirar o seu próprio calção de banho, abraçando-a. Já nus e abraçados fortemente, deitaram-se na cama, e ela o sentiu penetrar-lhe. Isso foi o bastante, apenas o leve toque, para que ela atingisse o clímax e, então, no segundo seguinte, pôde ver os movimentos de seu corpo, para surpresa sua. Sentiu a tremenda vergonha que tivera, antes de conhecer Sonny, mas Jules puxava seu corpo para a borda da cama, pondo suas pernas numa certa posição e ela o deixava controlar os seus membros: então, ele estava penetrando-lhe novamente e beijando-a: desta vez, Lucy pôde senti-lo e perceber que Jules também caminhava para o clímax.

Quando ele saiu de seu corpo, Lucy encolheu-se num canto da cama e começou a chorar. Sentia-se extremamente envergonhada. Ficou surpresa, quando ouviu Jules rir suavemente.

— Você, sua bárbara carcamana, por que você levou esses meses todos me recusando? Sua boba! — murmurou Jules.

Dissera "sua boba" com tanto afeto, que Lucy se voltou para ele.

— Você é medieval, você é positivamente medieval — falou ele, apertando-a contra o seu corpo.

Sua voz era suavemente confortante, enquanto ela continuava a chorar.

Jules acendeu um cigarro e colocou-o na boca de Lucy, para que ela se engasgasse com a fumaça e parasse de chorar.

— Agora, ouça-me, — pediu ele — se você tivesse tido uma educação moderna decente, com uma cultura familiar que fizesse parte do século XX, seu problema teria sido resolvido há anos passados. Agora deixe-me dizer qual é o seu problema: não é ser feia, nem ter uma pele ruim e nem ser estrábica, de

modo que a cirurgia plástica de fato não resolva. Seu problema é como se você tivesse uma verruga ou sinal no queixo, ou uma orelha de forma defeituosa. Pare de pensar nisso em termos sexuais. Tire da cabeça a idéia de que você tem uma boceta larga, da qual nenhum homem pode gostar, porque não dá ao seu pênis a fricção necessária. O que você tem é uma deformação pélvica a que nós cirurgiões chamamos de fraqueza da bacia pélvica. Geralmente vem depois do parto, mas pode ser simplesmente má estrutura óssea. É uma anormalidade comum, e muitas mulheres levam uma vida miserável por causa dela, quando uma operação poderia corrigi-la. Algumas mulheres chegam ao suicídio por causa disso. Nunca imaginei que você tivesse essa anormalidade, porque tem um corpo tão bonito. Pensei que fôsse um caso psicológico, já que conheço a sua história com Sonny e você me contou bastantes vezes. Deixe-me fazer um exame físico completo em você, e lhe direi exatamente o trabalho que terá de ser feito. Agora vá tomar um banho de chuveiro.

Lucy foi tomar seu banho de chuveiro. Pacientemente, sob os protestos dela, Jules fê-la deitar-se na cama, com as pernas escarrapachadas. Em seu apartamento, ele tinha uma bolsa de médico, a qual estava aberta. Havia também uma pequena mesa com tampo de vidro, ao lado da cama, sobre a qual se encontravam outros instrumentos. Agora, era exclusivamente médico, examinando-a, enfiando-lhe os dedos na vagina e movendo-os em tôrno. Lucy estava começando a sentir-se humilhada, quando ele a beijou no umbigo. — Foi a primeira vez que fiz meu trabalho com prazer — disse Jules distraído.

Em seguida, virou-a de bruços e introduziu-lhe um dedo no reto, apalpando em tôrno e, com a outra mão, acariciava-lhe meigamente o pescoço. Quando acabou, virou-a novamente de barriga para cima e beijou-a carinhosamente na boca.

— Meu bem, — falou ele — vou construir uma coisa inteiramente nova lá embaixo, e depois vou prová-la pessoalmente. Será um trabalho médico. Espero poder escrever um estudo sobre ele para as revistas especializadas.

Jules fez tudo com uma afeição bem-humorada, gostava tanto dela, que Lucy perdeu o acanhamento e o embaraço. Ele tirou um compêndio de medicina da estante, para mostrar-lhe um caso igual ao seu e o processo operatório para corrigi-lo. Lucy demonstrou bastante interesse pelo assunto.

— É um caso de saúde também — disse Jules. — Se você não o corrigir agora, mais tarde vai ter um bocado de complicação com todo o seu sistema de tubulação. A estrutura vai-se tornando cada vez mais fraca, a menos que seja corrigida por meio de operação. É uma vergonha inominável que a pudicícia antiquada impeça que muitos médicos diagnostiquem e corrijam adequadamente a situação, e que inúmeras mulheres se queixem disso.

— Não fale mais no assunto, por favor, não fale mais no assunto — pediu Lucy.

Jules compreendeu que ela ainda estava, até certo ponto, envergonhada do seu segredo, embaraçada pelo seu "feio defeito". Embora para a sua mente afeiçoada à medicina isso parecesse o cúmulo da idiotice, ele foi bastante sensível para identificar tal coisa nela. Também o pôs no caminho certo para fazê-la sentir-se melhor.

— Está bem, conheço o seu segredo, assim vou agora contar o meu — disse ele. — Você sempre me pergunta o que estou fazendo aqui nesta cidade, um dos mais jovens e mais brilhantes cirurgiões do Leste.

Ele estava zombando de algumas reportagens jornalísticas sobre a sua pessoa. E continuou:

— A verdade é que sou um especialista em abortos, o que em si mesmo não é tão mau, pois faz parte da profissão médica; mas fui apanhado. Eu tinha um amigo, um médico chamado Kennedy, fomos internos juntos, e ele é um sujeito realmente direito, mas disse que me ajudaria. Sei que Tom Hagen disse a ele que, se precisasse de ajuda alguma vez em qualquer coisa, a Família Corleone se sentia devedora dele. Assim, ele falou com Hagen. O que sei é que as acusações foram retiradas, mas a Associação Médica e a sociedade do Leste me puseram na lista negra. Assim, a Família Corleone conseguiu-me este emprego aqui. Tiro uma boa "nota". Faço um trabalho que tem de ser feito. Essas garotas do *show* estão sempre sendo emprenhadas, e fazê-las abortar é a coisa mais fácil do mundo quando elas me procuram imediatamente. Faço-lhes uma curetagem como qualquer mulher raspa uma frigideira. Freddie Corleone é um verdadeiro terror. Pela minha conta, ele já emprenhou umas quinze garôtas desde que estou aqui. Estou pensando seriamente em manter com êle uma conversa de pai para filho sobre sexo. Especialmente porque já tive de tratá-lo três vêzes de gonorréia e uma de sífilis. Freddie é do tipo que não gosta de usar qualquer preventivo ou proteção.

Jules parou de falar. Havia sido deliberadamente indiscreto, coisa que ele nunca fora, para que Lucy soubesse que outras pessoas, inclusive alguém que ela conhecia e temia como Freddie Corleone, tinham também segredos vergonhosos.

— Pense nisso como um pedaço de elástico no seu corpo que perdeu a elasticidade — disse Jules. — Cortando um pedacinho, ele se torna mais apertado, mais vigoroso.

— Vou pensar nisso — respondeu Lucy, mas tinha certeza de que realizaria aquilo, tinha confiança em Jules. Depois ela pensou em outra coisa. — Quanto custará?

Jules franziu as sobrancelhas.

— Não tenho aqui a aparelhagem necessária para uma

operação como essa e não sou especialista no assunto. Mas tenho um amigo em Los Angeles que é um bamba no assunto e tem a aparelhagem do melhor hospital. De fato, ele aperta todas as estrelas do cinema, quando essas senhoras descobrem que ter o rosto e os seios erguidos não é o suficiente para fazer um homem amá-las. Ele me deve alguns favores, de modo que não custará nada. Eu faço os abortos das clientes dele. Escute, se não fosse contra a ética eu lhe daria o nome de algumas artistas extremamente sexuais do cinema que fizeram a operação.

Ela ficou imediatamente curiosa.

— Oh, vamos, diga — pediu ela. — Diga.

Seria um delicioso assunto de conversação e uma das coisas que agradavam a Jules era que assim ela pudesse mostrar seu pendor feminino pelo mexerico sem que ele risse daquilo.

— Eu lhe contarei se você jantar comigo e passar a noite em minha companhia — respondeu Jules. — Temos um bocado de tempo perdido para recuperar por causa de sua idiotice.

Lucy sentiu uma imensa satisfação por ele ser assim tão generoso e retrucou:

— Você não precisa dormir comigo, sabe que não sentirá prazer da maneira como estou agora.

Jules explodiu na gargalhada.

— Sua boba, sua grande boba. Você nunca ouviu falar em outro modo de fazer amor, muito mais antigo, muito mais civilizado? Será que você é assim tão inocente?

— Oh, isso? — respondeu ela.

— Oh, isso? — remedou ele. — Garotas distintas não fazem isso, homens viris não fazem isso. Mesmo no ano de 1948. Bem, querida, posso levar você à casa de uma velhinh exatamente aqui em Las Vegas que era a caftina mais moça do bordel mais popular nos velhos tempos do Oeste, lá por 1880, penso eu. Ela gosta de falar nos velhos tempos. Você sabe o que ela me disse? Que aqueles pistoleiros, aqueles *cowboys* másculos, viris, de tiro certeiro pediam às garotas que lhes proporcionassem um "gozo à francesa", o que nós médicos chamamos felação, o que você chama, "oh isso?" Você pensou alguma vez em fazer "oh isso?" com o seu querido Sonny?

Pela primeira vez, ela realmente o surpreendeu. Virou-se para ele com o que ele poderia pensar apenas que fôsse o sorriso da Mona Lisa (seu espírito científico imediatamente voando até a tangente, poderia ser essa a solução desse mistério que já dura séculos?) e respondeu calmamente:

— Eu fazia tudo com Sonny.

Era a primeira vez que ela admitia uma coisa como essa para alguém.

Duas semana depois, Jules Segal estava na sala de operações do hospital de Los Angeles observando o seu amigo Dr.

Frederick Kellner executar a sua especialidade. Antes de Lucy ser anestesiada, Jules inclinou-se sobre ela e murmurou-lhe no ouvido:

— Eu disse a êle que você era a minha garota particular, assim ele vai pôr umas paredes reais bem apertadas.

Mas a pílula preliminar já a fizera ficar apática e ela não riu nem sorriu. A observação irritante dele tirou uma parte do terror da operação.

O Dr. Kellner fez a incisão com a confiança de um campeão de bilhar dando uma tacada fácil. A técnica de qualquer operação para reforçar a bacia pélvica requeria a consecução de dois objetivos. A funda pélvica musculofibrosa tinha de ser encurtada de modo que a folga desaparecesse. E naturalmente a abertura vaginal, o próprio ponto fraco da bacia pélvica, tinha de ser trazida para a frente, trazida para baixo do arco púbico e assim livrar-se da linha de pressão direta acima. A reparação da funda pélvica era chamada perincorrafia. A sutura da parede vaginal era chamada colporrafia.

Jules percebeu que o Dr. Kellner estava trabalhando agora com cuidado; havia perigo de que a incisão fosse muito profunda e atingisse o reto. Era um caso evidentemente sem complicação, Jules estudara todas as radiografias e outros exames. Nada podia sair errado, exceto que em cirurgia algo podia sempre sair errado.

Kellner estava trabalhando na funda do diafragma, a pinça em T segurava a aba vaginal, e expondo os músculos e as fáscias que formavam sua bainha. Os dedos de Kellner cobertos de gaze estavam empurrando para o lado o tecido conjuntivo solto. Jules mantinha os olhos fixos na parede vaginal para ver se apareciam as veias, o sinal de perigo que indicava ter ofendido o reto. Mas o velho Kellner conhecia o seu trabalho. Estava construindo uma nova pega com a facilidade com que um carpinteiro prega certos pinos.

Kellner estava aparando a parede vaginal em excesso usando o ponto de firmar embaixo para fechar o "pedaço" tirado do tecido do ângulo redundante, a fim de que não se formassem projeções complicadas. Kellner estava tentando introduzir três dedos na abertura estreita do lume, depois dois. Procurou enfiar dois dedos, explorando profundamente e por um momento olhou para Jules e seus olhos azuis por cima da máscara de gaze piscaram como que perguntando se estava bastante estreito. Em seguida passou a ocupar-se novamente de suas suturas.

Tudo estava terminado. Empurraram Lucy para a sala de recuperação e Jules falou a Kellner. Este estava radiante, o melhor sinal de que tudo saíra bem.

— Absolutamente nenhuma complicação, meu rapaz — disse ele a Jules. — Não houve nada de anormal, um caso muito

simples. Ela tem um tono corporal maravilhoso, raro nesses casos, e agora ela está em plena forma para o que der e vier. Invejo você, meu rapaz. É claro que você terá de esperar um pouco, mas depois garanto que você gostará do meu trabalho.

Jules deu uma gargalhada.

— Você é um verdadeiro Pigmalião, doutor. De fato, você esteve formidável.

— Tudo isso é brincadeira de criança, como os abortos — retrucou o Dr. Kellner. Se a sociedade fosse apenas realista, gente como eu e você, gente realmente talentosa, poderia fazer trabalho importante e deixar isso para os charlatães. A propósito, vou-lhe mandar uma garota na próxima semana, uma garota muito distinta, parece que elas estão sempre arranjando complicações. Isso vai-nos tornar quites pelo trabalho que fiz hoje.

Jules balançou a cabeça.

— Obrigado, doutor. Apareça lá pessoalmente um dia e eu procurarei oferecer-lhe todas as cortesias da casa.

Kellner retribuiu-lhe com um riso torto e respondeu:

— Jogo todos os dias, não preciso das suas roletas e das suas mesas de dados. Enfrento o destino muito freqüentemente como ele é. Você vai-se estragar ali, Jules. Uns dois anos mais e você poderá esquecer a cirurgia séria. Você não estará à altura dela.

Kellner virou as costas e afastou-se.

Jules sabia que isso não significava uma censura, mas uma advertência. Contudo, isso o impressionou bastante. Como Lucy não sairia da sala de recuperação senão pelo menos daí a 12 horas, ele foi até a cidade e embriagou-se. Parte de sua embriaguez se deveu ao fato de sentir-se aliviado por tudo ter saído muito bem com Lucy.

Na manhã seguinte, quando foi ao hospital visitá-la, ficou surpreso por encontrar dois homens ao lado da cama dela e flores espalhadas por todo o quarto. Lucy estava com a cabeça suspensa e apoiada em travesseiros, o seu rosto estava radiante. Jules estava surpreso porque Lucy rompera com a família e pedira-lhe para não notificá-la a não ser que algo saísse errado. Naturalmente Freddie Corleone sabia que ela estava no hospital para uma pequena operação, que tinha sido necessário informá-lo para que ambos tivessem folga, e Freddie dissera a Jules que o hotel pagaria todas as contas de Lucy.

Lucy apresentou-os e Jules reconheceu prontamente um deles. O famoso Johnny Fontane. O outro era um rapaz italiano grande, musculoso, com cara de poucos amigos, cujo nome era Nino Valenti. Ambos apertaram a mão de Jules e depois não lhe deram mais atenção. Estavam brincando com Lucy, falando sôbre a zona em que moraram em Nova York, sobre gente e

acontecimentos de que Jules de forma alguma podia participar. Por conseguinte, ele disse a Lucy:

— Eu passo aqui mais tarde, tenho de ver o Dr. Kellner.

Mas Johnny Fontane mostrou-lhe logo o seu encanto pessoal.

— Olhe aqui, companheiro, nós é que temos de ir embora, você fica fazendo companhia a Lucy. Tome conta dela, doutor.

Jules notou uma rouquidão peculiar na voz de Johnny Fontane e lembrou-se de repente de que há mais de um ano que ele não cantava em público, e que ganhara o prêmio da Academia pelo seu desempenho artístico. Podia a voz do homem ter mudado tão tarde assim na vida e os jornais manterem isso em segrêdo, todo mundo manter isso em segredo? Jules gostava de um mexerico e continuou a ouvir a voz de Fontane numa tentativa de diagnosticar a complicação gutural. Podia ser simples esfôrço, ou bebida e cigarros em demasia ou até mulheres em excesso. A voz tinha um timbre feio, ele não podia mais ser chamado de "o cantor da voz macia".

— Você parece que está resfriado — disse Jules a Johnny Fontane.

— Apenas esforço, tentei cantar ontem à noite — respondeu Johnny delicadamente: — Acho que não posso aceitar o fato de que minha voz mudou, estou envelhecendo, como você sabe.

Johnny arreganhou os dentes sarcasticamente para Jules.

— Você não procurou um médico para examinar isso? — perguntou Jules casualmente. — Talvez seja uma coisa que tenha cura.

Johnny não estava tão encantador agora. Lançou a Jules um olhar frio.

— Isso foi a primeira coisa que fiz há dois anos passados. Procurei os melhores especialistas. O meu próprio médico, que é considerado como a maior sumidade aqui na Califórnia. Disseram-me que descansasse um bocado. Não há nada de mau, apenas estou envelhecendo. A voz do homem muda quando ele envelhece.

Johnny passou a ignorá-lo depois disso, dando atenção a Lucy, agradando-a como ele agradava todas as mulheres. Jules continuou a prestar atenção à voz do ator. Devia ter nascido algum corpo estranho naquelas cordas vocais. Mas, então, por que diabo os especialistas não o localizaram? Seria maligno e inoperável? Então devia haver outra coisa.

Ele interrompeu Johnny para perguntar:

— Quando foi a última vez que você foi examinado por um especialista?

Johnny estava obviamente irritado, mas procurava ser cortês em atenção a Lucy.

— Há cerca de dezoito meses — respondeu ele.

— O seu médico tem examinado isso de vez em quando? — insistiu Jules.

— Certamente, tem — respondeu Johnny Fontane irritado. — Ele me dá um borrifo de codeína e me faz um exame cuidadoso. Ele disse que é apenas porque a minha voz está envelhecendo, que isso é devido à bebida, ao fumo e a outras coisas. Talvez você saiba mais do que ele?

— Como é o nome dele? — perguntou Jules.

Fontane respondeu com um fraco tremor de orgulho:

— Tucker, Dr. James Tucker. Que pensa você dêle?

O nome lhe era familiar, estando ligado a famosos artistas de cinema, mulheres e a uma caríssima casa de saúde.

— Ele é um homem que se veste muito bem — respondeu Jules arreganhando os dentes.

Johnny agora ficou zangado.

— Você pensa que é melhor médico do que ele?

Jules deu uma gargalhada.

— Você é melhor cantor do que Carmem Lombardo?

Ficou surpreso ao ver Nino Valenti explodir numa gargalhada, batendo a cabeça na cadeira. A piada não fora assim tão boa. Então nas asas dessa gargalhada êle sentiu o cheiro de uísque e compreendeu que já tão cedo da manhã Nino Valenti, fosse lá quem fosse, estava pelo menos meio embriagado.

Johnny estava arreganhando os dentes para o amigo.

— Ei, você deve rir das minhas piadas, não das dele.

Entrementes, Lucy esticou a mão para Jules e puxou-o para a beira da cama.

— Ele parece um vagabundo, mas é um brilhante cirurgião — afirmou Lucy. — Se ele diz que é melhor do que o Dr. Tucker, então é melhor do que o Dr. Tucker. Ouça-o, Johnny.

A enfermeira entrou e avisou que êles tinham de sair. O médico residente ia fazer certo trabalho em Lucy e precisava ficar a sós com a paciente. Jules achou graça ao ver Lucy virar o rosto de forma que, quando Johnny Fontane e Nino Valenti a beijaram, o fizeram na face e não na boca, embora parecesse que eles esperavam isso. Ela deixou Jules beijá-la na boca e sussurrou-lhe no ouvido:

— Volte esta tarde, por favor.

Ele acenou com a cabeça.

Lá fora no corredor, Nino perguntou-lhe:

— Foi operação de quê? Alguma coisa séria?

Jules balançou a cabeça.

— Apenas um pequeno arranjo nos órgãos femininos. Um caso exclusivamente de rotina, por favor creia-me. Estou mais interessado do que vocês, pretendo casar com ela.

Eles olharam para Jules com admiração e então este perguntou:

— Como vocês descobriram que ela estava no hospital?

— Freddie nos telefonou e pediu para visitá-la — respondeu Johnny. — Todos nós crescemos no mesmo bairro. Lucy foi dama de honor quando a irmã de Freddie casou.

— Oh! — exclamou Jules.

Ele não contou que conhecia toda a história, talvez porque eles estivessem tão preocupados em proteger Lucy e seu caso de amor com Sonny.

Enquanto caminhavam pelo corredor, Jules disse a Johnny:

— Tenho privilégio aqui de médico visitante, por que você não me deixa examinar a sua garganta?

— Estou com pressa.

— Essa garganta vale um milhão de dólares, — explicou Nino Valenti — ele não pode deixar que médicos baratos a examinem.

Jules viu que Nino estava rindo para ele, obviamente estava do lado dele.

— Não sou um médico barato — respondeu Jules cordialmente. — Eu era o mais brilhante cirurgião jovem e diagnosticador da Costa Leste até que me pegaram num casinho de aborto.

Como ele sabia que aconteceria, isso os fez levarem-no a sério. Admitindo o seu crime, ele inspirou a crença em sua alegação de grande competência. Valenti foi o primeiro a externar a sua confiança.

— Se Johnny não quer utilizá-lo, tenho uma amiga que desejava que você cuidasse dela, contudo não é um caso de garganta.

— Quanto tempo você levará para me examinar? — perguntou Johnny nervoso.

— Dez minutos — respondeu Jules.

Era mentira, mas ele acreditava no processo de dizer mentiras às pessoas. Dizer a verdade e medicina eram coisas que não combinavam, a não ser em extremas emergências, assim mesmo nem sempre.

— Está bem — respondeu Johnny atemorizado e com a voz mais sombria e mais rouca.

Jules requisitou uma enfermeira e um consultório. Não tinha tudo o que ele precisava, mas havia o bastante. Em menos de dez minutos, ele notou que havia uma excrescência nas cordas vocais, isso foi fácil. Tucker, aquele incompetente filho da puta, elegantemente trajado, de uma Hollywood artificial, podia tê-la localizado. Deus meu, talvez o sujeito nem mesmo tivesse licença para clinicar, e se a tivesse devia ser-lhe cassada. Jules não prestava agora qualquer atenção aos dois homens. Pegou o telefone e pediu que o otorrinolaringologista do hospital viesse até a sala em que se encontravam. Depois virou-se e disse para Nino Valenti:

— Acho que você vai ter de esperar muito, é melhor ir embora.

Fontane olhou para ele com absoluta descrença.

— Seu filho da puta, você acha que vai me prender aqui? Você acha que vai se divertir com a minha garganta?

Jules, com um prazer maior do que ele pensaria ser possível, respondeu-lhe olhando-o diretamente entre os olhos.

— Você pode fazer o que bem entender. Você tem uma excrescência nas cordas vocais, na laringe. Se ficar aqui algumas horas, poderemos chegar a uma conclusão, quer ela seja maligna ou não-maligna. Podemos tomar uma decisão quanto a operação ou tratamento. Posso fornecer-lhe toda a história. Posso dar-lhe o nome do maior especialista da América e podemos fazê-lo vir aqui de avião esta noite, às suas custas, sem dúvida, se eu achar que é necessário. Mas você pode sair daqui e procurar o seu amigo charlatão ou suar enquanto resolve consultar outro médico, ou então ser mandado para alguém incompetente. Então, se for maligna e crescer muito, eles arrancarão toda a sua laringe ou você morrerá. Ou você pode apenas suar. Fique aqui comigo e resolveremos toda a questão em poucas horas. Você tem alguma coisa importante a fazer?

— Vamos ficar aqui, Johnny, que diabo! — interveio Nino. Vou até o vestíbulo e telefono para o estúdio. Não contarei nada a eles, apenas que permaneceremos aqui. Depois volto para cá e fico em sua companhia.

Pareceu ser uma tarde muito longa, mas foi compensadora. O diagnóstico do especialista da equipe do hospital foi perfeitamente correto como Jules pôde ver após os exames de raios X e análise de laboratório. No meio dos exames, Johnny Fontane, com a boca embebida de iodo, vomitando o rolo de gaze colocado em sua boca, tentou escapulir. Nino Valenti agarrou-o pelos ombros e obrigou-o a sentar-se novamente na cadeira. Quando estava tudo terminado, Jules arreganhou os dentes para Johnny e disse:

— Verrugas.

Fontane não entendeu. Jules falou novamente:

— Apenas algumas verrugas. Nós as arrancaremos exatamente como pele de salsicha. Em poucos meses você estará bom.

Nino deixou escapar um grito, mas Johnny ainda estava de cara feia.

— Será que poderei cantar depois disso, será que afetará o meu canto?

Jules deu de ombros.

— Sobre isso não há garantia. Mas como você não pode cantar agora, que diferença faz?

Johnny olhou para ele com revolta.

— Menino, você não sabe que diabo está dizendo. Você

age como se tivesse dando boas notícias a mim quando o que você está falando é que não vou cantar mais. Isso é certo, talvez eu não possa mais cantar?

Finalmente, Jules ficou realmente aborrecido. Procedera como um verdadeiro médico e isso tinha sido um prazer. Fizera um grande favor a esse salafrário e Johnny estava se comportando como se ele tivesse agido erradamente. Jules disse friamente:

— Escute, Sr. Fontane, sou formado em medicina, e você pode muito bem me chamar de médico e não de menino. E eu lhe dei notícias muito boas. Quando eu o trouxe aqui, estava certo de que você tinha uma excrescência maligna na laringe que poderia resultar na extirpação de todo o seu aparelho vocal. Ou que o mataria. Estava preocupado com o fato de que talvez tivesse de lhe dizer que você era um homem morto. E senti-me muito feliz quando tive de dizer apenas "verrugas". Porque a sua voz de cantor me deu tanto prazer, me ajudou a seduzir garotas quando eu era mais moço e você era um verdadeiro artista. Mas você também é um sujeito muito mimado. Pensa que porque é Johnny Fontane não pode ter câncer? Ou um tumor cerebral que não se pode operar? Ou um colapso cardíaco? Você pensa que não vai morrer nunca? Bem, tudo na vida não é doce música, e se você quer ver uma verdadeira complicação dê uma volta neste hospital e você cantará uma canção de amor sobre verrugas. Assim, deixe de palhaçada e continue a fazer o que realmente deve. O seu Adolphe Menjou médico pode arranjar-lhe o cirurgião indicado, mas se ele tentar entrar na sala de operações, sugiro que você deve mandar prendê-lo por tentativa de homicídio.

Jules começava a sair do quarto, quando Nino exclamou:

— Aí, doutor, isso mesmo é o que ele merece que se diga.

Jules virou-se para ele e perguntou:

— Você sempre fica "na água" antes do meio-dia?

— Sem dúvida — respondeu Nino.

Arreganhou os dentes com tão bom humor que Jules disse mais gentilmente do que pretendia:

— Você precisa pensar que pode morrer dentro de cinco anos, se continuar assim.

Nino arrastou-se com dificuldade até Jules, dando uns passos curtos de dança. Pôs os braços em volta do médico, exalando um forte cheiro de uísque, e deu uma gostosa gargalhada, perguntando:

— Cinco anos? Ainda vou durar *tanto tempo* assim?

Um mês depois da operação, Lucy Mancini estava sentada à beira da piscina do hotel de Las Vegas, com uma mão segurando um coquetel e com a outra afagando a cabeça de Jules, que estava repousada em seu colo.

— Você não precisa reunir coragem assim — disse Jules irritado. — Tenho champanha esperando por nós no apartamento.

— Você tem certeza de que já está bom tão cedo? — perguntou Lucy.

— Eu sou o médico — respondeu Jules. — Hoje é a grande noite. Você sabe que serei o primeiro cirurgião na história da medicina que vai provar os resultados de sua operação cirúrgica? Você sabe, conheço o *antes* e conhecerei agora o *depois*. Vou gostar de escrever isso para as revistas especializadas. Vejamos, "enquanto o *antes* era distintamente agradável por motivos psicológicos e refinamento do cirurgião-instrutor, o coito pós-operatório era extremamente recompensador rigorosamente por motivo neurológico — ele parou de falar porque Lucy lhe puxara o cabelo com bastante força para fazê-lo gritar de dor.

Ela sorriu para ele e disse:

— Se você não ficar satisfeito esta noite, posso realmente dizer que a culpa é sua.

— Garanto o meu trabalho. Eu o planejei, embora tenha deixado o velho Kellner fazer o labor manual — acentuou Jules. — Agora descansemos um pouco, temos uma longa noite de pesquisa pela frente.

Quando subiram para o apartamento deles — estavam agora vivendo juntos, — Lucy encontrou uma surpresa à sua espera: uma saborosa ceia, e perto de sua taça de champanha um estojo contendo um enorme anel de noivado de brilhantes.

— Isto mostra quanta confiança tenho no meu trabalho — disse Jules. — Agora quero ver você fazer por merecê-lo.

Ele foi muito carinhoso, muito gentil com ela. Lucy estava um pouco temerosa a princípio, a sua carne como que fugindo ao tato dele, mas depois, tranqüilizada, ela sentiu o corpo atingir uma paixão que ela jamais conhecera. Quando terminaram de fazer a primeira vez Jules sussurrou-lhe no ouvido:

— Fiz um bom trabalho.

Ela respondeu-lhe também sussurrando:

— Oh, sim, você fez; sim, você fez.

E riram um para o outro quando começaram a fazer amor novamente.

LIVRO VI

Capítulo 23

Depois de cinco meses de exílio na Sicília, Michael Corleone começou finalmente a compreender o caráter do pai e o seu destino. Começou a compreender homens como Luca Brasi, o implacável *caporegime* Clemenza, a resignação da mãe e a aceitação do papel dela. Pois na Sicília viu o que eles teriam sido se tivessem resolvido *não* lutar contra o destino. Compreendeu por que Don Corleone sempre dizia: "O homem tem apenas um destino."

Começou a compreender o desprezo pela autoridade e pelo governo legal, o ódio por qualquer homem que infringisse a *omerta*, a lei do silêncio.

Vestido em roupas velhas e usando um gorro de bico, Michael fora transportado do navio atracado em Palermo para o interior da Sicília, para o próprio centro da província controlada pela Máfia, onde o *capo-mafioso* local tinha uma grande dívida para com o seu pai por algum serviço feito no passado. A província continha a cidade de Corleone, cujo nome o pai adotara quando emigrara para a América há bastante tempo. Mas não havia mais nenhum parente vivo de Don Corleone. As mulheres tinham morrido de velhice. Todos os homens haviam sido assassinados em *vendettas* ou então tinham emigrado para a América, para o Brasil ou para qualquer outra província da Itália. Ele aprenderia mais tarde que essa pequena cidade tão pobre tinha o índice de homicídio mais alto do que qualquer outro lugar do mundo.

Michael foi instalado como hóspede na casa de um tio solteiro do *capo-mafioso*. O tio, nos seus setenta anos de idade, era também o médico do bairro. O *capo-mafioso* era um homem já beirando os sessenta anos de idade chamado Don Tommasino e exercia a atividade de *gabbellotto* de uma grande propriedade pertencente a uma das famílias mais nobres da Sicília. O *gabbellotto*, uma espécie de administrador das propriedades dos ricos, também garantia que os pobres não tentariam reclamar a terra que não estava sendo cultivada, não tentariam invadir de qualquer maneira a propriedade, instalando-se sorrateiramente ali como posseiros. Em suma, o *gabbellotto* era um mafioso que por uma certa soma de dinheiro protegia os bens imóveis dos ricos contra qualquer reivindicação, legal ou ilegal, feita pelos pobres. Quando qualquer camponês pobre tentava executar a lei que lhe permitia comprar a terra não cultivada, o *gabbellotto* intimidava-o com ameaças de dano físico ou morte. A coisa era assim tão simples.

Don Tommasino também controlava os direitos da água da região e vetava a construção local de qualquer represa nova pelo governo de Roma. Tais represas arruinariam o negócio lucrativo de vender a água dos poços artesianos que ele controlava, tornariam a água muito barata, arruinariam a importantíssima economia da água tão laboriosamente construída durante centenas de anos. Contudo, Don Tommasino era um chefe antiquado da Máfia e nada teria a ver com o tráfico de entorpecentes ou prostituição. Nisso Don Tommasino estava em desavença com a nova geração de líderes da Máfia que surgiam nas grandes cidades como Palermo, homens novos que, influenciados pelos *gangsters* americanos deportados para a Itália, não tinham tais escrúpulos.

O chefe da Máfia era um homem extremamente imponente, um "homem de tutano", literalmente como também no sentido figurado isso significava um homem capaz de inspirar medo nos seus semelhantes. Sob a sua proteção, Michael nada podia recear, contudo era considerado necessário manter em segredo a identidade do fugitivo. E assim Michael vivia confinado na propriedade murada do Dr. Taza, o tio de Don Tommasino.

O Dr. Taza era um homem alto para um siciliano, mais de 1,80m, e tinha faces rosadas e cabelo branco. Embora nos seus setenta anos de idade, ia toda semana a Palermo prestar sua homenagem às mais jovens prostitutas daquele cidade, quanto mais jovens, melhor. O outro vício do Dr. Taza era a leitura. Ele lia tudo e falava sobre o que lia aos seus concidadãos, camponeses analfabetos, que trabalhavam como pastores da propriedade, e isso lhe dava uma reputação local de tolo. Que tinham os livros a ver com eles?

À noite, o Dr. Taza, Don Tommasino e Michael sentavam-

se no imenso jardim povoado daquelas estátuas de mármore que nessa ilha pareciam emergir do chão de modo tão mágico quanto as uvas obstinadamente pretas. O Dr. Taza gostava de contar histórias sobre a Máfia e as suas explorações através dos séculos, e Michael Corleone era um ouvinte fascinado. Havia vezes em que mesmo Don Tommasino se deixava levar pelo ar refrescante, pelo vinho embriagador e feito puramente de uva, pelo elegante e tranquilo conforto do jardim, e contava uma história baseada em sua própria experiência prática. O doutor era a lenda, o Don era a realidade.

Em seu antigo jardim, Michael Corleone descobriu as raízes de onde proviera seu pai. Que a palavra "Máfia" originalmente significava lugar de refúgio. Depois tornou-se o nome de uma organização secreta que surgiu para lutar contra os diligentes que haviam esmagado o país e seu povo durante séculos. A Sicília era uma terra que havia sido mais cruelmente martirizada do que qualquer outra na história. A inquisição torturara igualmente pobres e ricos. Os barões proprietários de terras e os príncipes da Igreja Católica exerciam o poder absoluto sobre os pastores e agricultores. A polícia era o instrumento do seu poder e se achava tão identificada com êles que chamar alguém de policial é o maior insulto que um siciliano pode pronunciar contra outro.

Ante a selvageria desse poder absoluto, o povo sofredor aprendeu a nunca trair sua raiva e seu ódio com medo de ser esmagado. Aprendeu a nunca se tornar vulnerável pronunciando qualquer sorte de ameaça já que dar tal aviso era garantir uma represália rápida. Aprendeu que a sociedade era inimiga dele e assim quando alguém queria vingar agravos ia ao subterrâneo rebelde, a Máfia. E a Máfia consolidou o seu poder dando origem à lei do silêncio, a *omerta*. Na zona rural da Sicília, um forasteiro pedindo informação sobre a cidade mais próxima não receberá nem a cortesia de uma resposta. E o maior crime que qualquer membro da Máfia podia cometer era dizer à polícia o nome do homem que o baleou ou lhe fez qualquer espécie de dano. A *omerta* se tornou a religião do povo. A mulher cujo marido foi assassinado não dirá à polícia o nome do assassino do marido, nem mesmo o do assassino do seu filho, o do violentador de sua filha.

A justiça nunca vinha por parte das autoridades e assim o povo sempre recorrera à Máfia de Robin Hood. E até certo ponto, a Máfia ainda cumpria esse papel. O povo se voltava para o seu *capo-mafioso* local em busca de auxílio, em qualquer emergência. Ele era o seu assistente social, o seu delegado de distrito que estava à sua disposição mediante uma cesta de comida e um emprego, o seu protetor.

Mas o que o Dr. Taza não acrescentou, o que Michael

aprendeu por sua própria conta, nos meses que se seguiram, foi que a Máfia na Sicília se tornara a arma ilegal dos ricos e até a polícia auxiliar da estrutura política e jurídica. Tornara-se uma estrutura capitalista degenerada, anticomunista, antiliberal, cobrando os seus próprios tributos de toda forma de esforço comercial, por menor que fosse.

Michael Corleone compreendeu pela primeira vez por que homens como o seu pai haviam optado por serem ladrões e assassinos em lugar de membros da sociedade legal. A pobreza, o medo e a degradação eram tão grandes que não podiam ser aceitos por qualquer homem de consciência. E na América muitos imigrantes sicilianos acreditavam que lá a autoridade seria igualmente cruel.

O Dr. Taza ofereceu-se para levar Michael a Palermo em sua visita semanal ao bordel, mas Michael recusou. A sua fuga para a Sicília o impedira de fazer o tratamento médico adequado para a sua fratura do rosto e ele agora trazia uma lembrança do Capitão McCluskey na face esquerda. Os ossos uniram-se defeituosamente, lançando o seu perfil obliquamente, dando-lhe a aparência de depravação quando se olhava desse lado. Ele sempre fôra vaidoso a respeito de sua aparência e isso o atormentava mais do que podia imaginar. A dor que ia e vinha não o preocupava absolutamente, o Dr. Taza dera-lhe algumas pílulas que a amorteciam. Taza ofereceu-se para tratar-lhe o rosto, mas Michael recusou. Ele já estava ali há bastante tempo para saber que o Dr. Taza era talvez o pior médico da Sicília. O Dr. Taza lia tudo, menos literatura médica, que ele admitia não conseguir entender. Passara nos exames na faculdade graças aos bons ofícios do mais importante chefe da Máfia na Sicilia que fizera uma viagem especial a Palermo para conferenciar com os professores de Taza sobre as notas que deviam dar a ele. E isso também mostrava como a Máfia na Sicília era grandemente prejudicial à sociedade que ali habitava. O mérito nada significava. O talento nada significava. O trabalho nada significava. O Padrinho da Máfia dava à pessoa uma profissão como um presente.

Michael teve bastante tempo para pensar. Durante o dia, dava um passeio pelo campo, sempre acompanhado de dois dos pastores ligados à propriedade de Don Tommasino. Os pastores da ilha eram às vezes recrutados para agir como assassinos contratados pela Máfia e faziam isso simplesmente para ganhar dinheiro para viver. Michael pensou na organização do pai. Se ela continuasse a progredir, acabaria tornando-se no que ocorrera ali naquela ilha, acabaria tornando-se tão grademente prejudicial que destruiria todo o país. A Sicília já era uma terra de fantasmas, seus homens emigrando para muitos outros países, a fim de poder ganhar o pão, ou simplesmente para escaparem de ser

assassinados por exercerem suas liberdades política e econômica.

Em suas longas caminhadas, a coisa que mais o impressionava era a beleza magnífica daquela terra; ele andava pelos laranjais que formavam profundas cavernas sombreadas através do campo com os seus condutos despejando água pelas bocas providas de presas das pedras de grandes cobras escavadas antes de Cristo. Casas construídas como antigas vilas romanas, com enormes portais de mármore e grandes salas abobadadas, caindo em ruínas ou habitadas por ovelhas extraviadas. No horizonte, as colinas nuas brilhavam como ossos branqueados escolhidos e empilhados em posição vertical. Jardins e campos, cintilantemente verdes, adornavam a paisagem deserta como brilhantes colares de esmeraldas. E às vezes ele ia caminhando até a cidade de Corleone, com seus 18.000 habitantes enfileirados em moradias nas faldas da montanha mais próxima, casas miseráveis construídas com a pedra preta arrancada daquela montanha, No último ano, tinha havido mais de 60 assassinatos em Corleone e parecia que a morte toldava a cidade. Mais adiante, a floresta de Ficuzza quebrava a selvagem monotonia da planície arável.

Os dois pastores guarda-costas sempre levavam consigo suas *luparas* quando acompanhavam Michael em seus passeios. A mortífera espingarda siciliana era a arma favorita da Máfia. Na verdade, o chefe de polícia enviado por Mussolini para limpar a Sicília da Máfia tinha, como uma de suas primeiras medidas, ordenado que todos os muros de pedra da Sicília fossem reduzidos a uma altura não superior a um metro para que os assassinos com suas *luparas* não pudessem usar tais muros como pontos de emboscadas para os seus crimes. Isso não ajudou muito e o ministro da polícia resolveu o problema prendendo e deportando para as colônias penais todo indivíduo do sexo masculino suspeito de ser *mafioso*.

Quando a ilha da Sicília foi libertada pelos exércitos aliados, os funcionários do governo militar americano acreditavam que toda pessoa aprisionada pelo regime fascista era um democrata e muitos desses *mafiosos* foram nomeados prefeitos de aldeias ou intérpretes do governo militar. Essa boa sorte contribuiu para que a Máfia se reconstituísse e se tornasse mais poderosa ainda do que fora antes.

As longas caminhadas, uma garrafa de vinho forte, de noite, com um bom prato de massas e carne, faziam Michael dormir bem. Havia livros em italiano na biblioteca do Dr. Taza e, embora Michael falasse dialeto italiano e tivesse feito alguns cursos de italiano, a leitura desses livros custava-lhe bastante esforço e tempo. A sua fala ficou quase sem sotaque e, embora ele nunca pudesse passar como natural daquele lugar, podia-se

acreditar que fosse um desses estranhos italianos do extremo norte do país, que faz fronteira com a Suíça e a Alemanha.

A distorção do lado esquerdo do rosto tornou-o ainda mais parecido com os naturais da terra. Era o tipo da desfiguração comum na Sicília devido à falta de assistência médica ou, simplesmente, devido à falta de dinheiro. Muitas crianças, muitos homens, traziam desfigurações que na América seriam corrigidas por uma pequena operação ou por tratamentos médicos especializados.

Michael, às vezes, pensava em Kay, no seu sorriso, no seu corpo, e sempre sentia um pouco de remorso por tê-la deixado tão brutalmente sem uma palavra de despedida. Bastante estranho é que a sua consciência jamais doera por ter matado aqueles dois homens; Sollozzo tentara matar-lhe o pai, o Capitão McCluskey o desfigurara para toda a vida.

O Dr. Taza sempre insistia com ele para que fizesse uma operação no seu rosto torto, especialmente quando Michael lhe pedia remédios para aliviar a dor, que se tornava cada vez pior e mais frequente à medida em que o tempo passava. Taza explicou que havia um nervo facial por baixo do olho do qual se irradiava um complexo de nervos. Na verdade, este era o ponto preferido pelos torturadores da Máfia, que o procuravam atingir nas faces de suas vítimas com um furador de gelo de ponta bem fina. Esse nervo no rosto de Michael tinha sido atingido ou talvez houvesse um fragmento de osso perfurado nele. Uma simples operação num hospital de Palermo aliviaria definitivamente a dor.

Michael recusou. Quando o médico perguntou por que, Michael arreganhou os dentes e respondeu:

— É uma coisa que trago comigo de casa.

E ele não se importava com a dor, que era de fato uma dor contínua, um pequeno latejo em seu crânio, como um aparelho a motor funcionando com um líquido para purificá-lo.

Já fazia quase sete meses que Michael levava aquela vida ocasionalmente rústica quando começou realmente a se aborrecer, a sentir tédio. Por essa epoca, Don Tommasino andava muito ocupado e raramente era visto na vila. Estava tendo suas complicações com a "nova Máfia" que surgia em Palermo, rapazes que faziam fortuna com a febre de construção, após a guerra, naquela cidade. Com essa riqueza, eles procuravam invadir os feudos rurais dos antigos chefes da Máfia a quem desprezivelmente chamavam de Pedro Bigodudo. Don Tommasino estava ocupado, defendendo seu domínio. E assim Michael ficou privado da companhia do velho e teve de se contentar com as histórias do Dr. Taza, que já começavam a se tornar enfadonhas.

Certa manhã, Michael resolveu dar uma longa caminhada até as montanhas além de Corleone. Estava, naturalmente,

acompanhado dos dois pastores guarda-costas. Isso não era realmente uma proteção contra os inimigos da Família Corleone. Era simplesmente muito perigoso para qualquer pessoa de fora andar passeando sozinha por ali. Era bastante perigoso mesmo para um natural do lugar. A região estava cheia de bandidos, com partidários da Máfia lutando uns contra os outros e pondo em perigo todo mundo. Ele podia também ser confundido com um ladrão de *pagliaio*.

Um *pagliaio* é uma cabana coberta de palha erguida nos campos onde se guardam os implementos agrícolas ali deixados pelos trabalhadores rurais para que não tenham de carregá-los consigo na longa caminhada desde suas casas na aldeia. Na Sicília, o camponês não vive na terra que cultiva. Isso é muito perigoso, e qualquer terra arável, se ele a possui, é muito preciosa. O camponês mora na aldeia e ao nascer do sol, começa a sua jornada para ir trabalhar nos campos, percorrendo grandes distâncias a pé. Um trabalhador que chegasse no seu *pagliaio* e o encontrasse saqueado seria um homem na verdade prejudicado. Ficaria sem o seu sustento naquele dia. A Máfia, depois que a lei se mostrou impotente, tomou esse interesse pelo camponês sob a sua proteção e resolveu o problema à sua maneira. Encurralava e massacrava todos os ladrões de *pagliaio*. Era inevitável que alguns inocentes sofressem. Era possível que se Michael passasse perto de um *pagliaio* que acabasse de ser saqueado fosse considerado como o criminoso a menos que tivesse alguém para se responsabilizar por ele.

Assim, numa manhã ensolarada, ele se pôs a caminhar através dos campos seguido de seus dois fiéis pastores. Um deles era um sujeito simplório, quase um débil mental, calado como um morto e com um rosto tão impassível como um índio. Tinha a constituição pequena, franzina e resistente do siciliano típico antes de atingir a gordura da meia-idade. Seu nome era Calo.

O outro pastor era mais despachado, mais novo, e tinha visto alguma coisa do mundo. Principalmente oceanos, já que servira na Marinha italiana durante a guerra e tivera apenas tempo bastante para fazer uma tatuagem antes que o navio afundasse e ele fosse aprisionado pelos ingleses. Mas a tatuagem o tornou famoso na aldeia. Os sicilianos não se deixam tatuar com frequência, não têm oportunidade nem inclinação para isso. (O pastor, Fabrizzio, fizera isso principalmente para cobrir uma marca de nascença que consistia numa mancha vermelha na barriga.) Contudo, as carroças de mercado da Máfia tinham cenas alegremente pintadas nos lados, pinturas de beleza primitiva feitas com capricho. Em todo caso, Fabrizzio, de volta à aldeia natal, não se sentia muito orgulhoso dessa tatuagem em seu peito, embora ela mostrasse um assunto caro à honra siciliana: um marido apunhalando um homem e uma mulher completamente

nus, enlaçados na sua barriga cabeluda. Fabrizzio brincava com Michael e fazia perguntas sobre a América, pois naturalmente era impossível mantê-los na ignorância de sua verdadeira nacionalidade. Contudo, não sabiam exatamente quem era ele, exceto que estava escondido e que não se podia dar com a língua nos dentes a respeito dele. Fabrizzio, às vezes, trazia para Michael um queijo fresco ainda transudando o leite com que fora feito.

Caminharam ao longo de estradas campestres empoeiradas, passando por carroças puxadas a burro alegremente pintadas. O campo estava cheio de flores rosadas, laranjeiras, amendoeiras e oliveiras, em pleno florescimento. Isso constituíra uma das surpresas. Michael tinha esperado encontrar uma terra árida devido à lendária pobreza dos sicilianos. Contudo, verificou ser ela uma terra de fartura arrebatadora, atapetada de flores trescalando a essência de limão. Era tão bonita que ele não podia conceber como o seu povo se conformava em abandoná-la. Como o homem havia sido terrível para o seu semelhante podia ser avaliado pelo grande êxodo do que parecia ser um jardim do Éden.

Michael planejara ir caminhando até a aldeia litorânea de Mazara, depois tomar um ônibus de volta para Corleone à noite, e assim cansar-se tanto que pudesse dormir bem. Os dois pastores levavam mochilas cheias de pão e queijo, para comerem durante a viagem. Levavam também as suas *luparas* tão abertamente como se partissem para uma caçada.

Era uma manhã muito bonita. Michael sentia-se tal qual quando criança saía de casa de manhã cedinho nos dias de verão para ir jogar bola. Então, cada dia parecia apresentar uma lavagem fresca, uma pintura nova. E assim acontecia agora. A Sicília estava atapetada de flores vistosas, o cheiro de flores de laranja e limão era tão acentuado que, mesmo com a sua deformação facial que lhe comprimia as fossas nasais, ele conseguia senti-lo.

O ferimento do lado esquerdo do seu rosto estava completamente curado, mas o osso se soldara defeituosamente e a pressão sobre suas fossas nasais fazia o seu olho esquerdo doer. Também fazia-lhe o nariz escorrer continuamente, ele enchia lenços e mais lenços de muco e às vezes assoava o nariz na terra como faziam os camponeses locais, um hábito que o desagradara quando ele era menino e via os italianos velhos, desdenhando os lenços como afetação inglesa, assoarem o nariz nos esgotos da rua.

O seu rosto também se sentia "pesado". O Dr. Taza disse-lhe que isso era devido à pressão exercida sobre as fossas nasais causada pela fratura defeituosamente curada. O Dr. Taza chamava-a de fratura delicada do zigoma; dizia que se tivesse sido tratada antes que os ossos se unissem poderia ter sido facilmente

remediada por meio de uma pequena operação e usando-se um instrumento semelhante a uma colher para forçar o osso a tomar a sua forma apropriada. Agora, porém, dizia o médico, ele teria de ir a um hospital de Palermo submeter-se a uma operação mais complicada chamada cirurgia maxilofacial em que o osso teria de ser quebrado novamente. Isso era demais para Michael. Ele recusou. Contudo, mais do que a dor, mais do que o corrimento do nariz, era a sensação de peso no rosto que de fato o incomodava.

Não conseguiu chegar à costa naquele dia. Depois de percorrerem cerca de 25 quilômetros, ele e os dois pastores pararam à sombra fresca e verde de um laranjal para comer alguma coisa e beber vinho. Fabrizzio estava tagarelando sobre como algum dia iria para a América. Depois de comer e beber, eles se refestelaram na sombra, e Fabrizzio desabotoou a camisa e contraiu os músculos do estômago para dar vida à tatuagem. O casal nu pintado no seu peito contorcia-se numa agonia amorosa e o punhal empunhado pelo marido tremia na carne transfixada dos dois amantes. Isso os divertia. Foi nesse instante que Michael foi atingido pelo que os sicilianos chamam de "o raio".

Um pouco além do laranjal, encontravam-se os campos de listras verdes de uma propriedade baronial. No fim da estrada do laranjal, havia uma vila tão romana que parecia ter sido escavada das ruínas de Pompéia. Era um pequeno palácio com um enorme pórtico de mármore e colunas gregas estriadas, através das quais vinha um bando de moças flanqueado por duas senhoras robustas vestidas de preto. Eram da aldeia e obviamente tinham cumprido o seu antigo dever ao barão local limpando-lhe a vila e preparando-a para a temporada de inverno do proprietário. Agora elas iam aos campos colher as flores com as quais encheriam as salas e quartos da vila. Estavam colhendo a *sulla* côr-de-rosa, a glicínia roxa, misturando-as com florescências de limão e laranja. As moças, não vendo os homens descansando no laranjal, foram-se aproximando cada vez mais.

Usavam vestidos baratos de desenhos alegres colados ao corpo. Eram ainda adolescentes, mas com a sua carne suada, de plena feminilidade, amadurecendo rapidamente. Três ou quatro delas começaram a perseguir uma companheira, fazendo-a correr na direção do laranjal. A garota perseguida segurava um cacho de enormes uvas roxas na mão esquerda e com a direita arrancava uvas do cacho e atirava-as nas suas perseguidoras. Tinha uma coroa de cabelos cacheados tão escuros como as uvas que segurava, e seu corpo parecia irromper de sua pele.

Já perto do laranjal ela se equilibrou, espantada, quando os seus olhos divisaram a cor estranha das camisas dos homens. Permaneceu ali na ponta dos pés, equilibrada como um veado pronto para correr. Agora ela estava bem perto, tão perto que os homens puderam ver todos os traços do seu rosto.

Ela era toda oval — olhos ovais, ossos do rosto ovais, o contôrno de sua sobrancelha também oval. A sua pele era de uma esquisita cor creme-escura e os seus olhos, enormes, cor violeta ou castanhos-escuros, com pestanas compridas e cerradas sombreando o seu rosto encantador. A sua boca era fascinante sem ser grossa, meiga sem ser fraca e estava manchada de vermelho-escuro com o suco das uvas. Ela era tão incrivelmente encantadora que Fabrizzio murmurou: "Jesus Cristo, leve a minha alma, estou morrendo", de brincadeira, mas as palavras saíram um pouco altas. Quando o ouviu, a garota saiu da posição de equilíbrio na ponta dos pés, rodopiou rapidamente e voltou correndo na direção de suas perseguidoras. Suas ancas moviam-se como as de um animal por baixo do pano apertado de seu vestido: de modo bem pagão e inocentemente voluptuoso. Quando chegou junto das amigas, ela rodopiou novamente e o seu rosto era como que uma depressão escura no campo de flores cintilantes. Ela estendeu o braço, a mão cheia de uvas apontando na direção do laranjal. As garotas fugiram gargalhando, com as senhoras robustas, vestidas de preto, repreendendo-as.

Quanto a Michael Corleone, ele se viu de repente em pé, com o coração batendo-lhe no peito: sentiu uma pequena tonteira. O sangue circulava aceleradamente através de seu corpo, através de todas as suas extremidades e se chocava nas pontas dos dedos das mãos e dos pés. Todos os perfumes da ilha vieram precipitadamente com o vento, das florescências de limão e laranja, das uvas, das flores. Parecia que o seu próprio corpo tinha saltado para fora dele mesmo. E então ele ouviu os dois pastores rirem.

— Você foi atingido pelo raio, hem? — perguntou Fabrizzio, batendo-lhe no ombro.

Até Calo se mostrou amável, tocando-lhe no braço e dizendo carinhosamente:

— Calma, homem, calma.

Era como se Michael tivesse sido atropelado por um carro. Fabrizzio passou-lhe uma garrafa de vinho e Michael bebeu um longo trago. Isso clareou-lhe a cabeça.

— Que diabo vocês, seus malditos apaixonados de ovelhas, estão dizendo? — perguntou ele.

Os dois pastores riram. Calo, com seu rosto honesto denotando a maior seriedade, respondeu:

— Você não pode esconder o raio. Quando ele atinge uma pessoa, todo mundo vê. Por Deus, homem, não se envergonhe disso, alguns homens rezam pelo raio. Você é um sujeito de sorte.

Michael não gostou muito de ter as suas emoções lidas com tamanha facilidade. Mas era a primeira vez na vida que tal coisa lhe acontecia. Não era nada semelhante a suas paixões de ado-

lescente, nada semelhante ao amor que tinha por Kay, um amor baseado na meiguice e inteligência dela, na polaridade do louro e moreno. Isso era um desejo esmagador de posse, era uma impressão indelével do rosto da garota no seu cérebro e ele sabia que ela lhe perseguiria a memória cada dia de sua vida se ele não a possuísse. A sua vida se simplicara, se focalizara num ponto, tudo o mais não merecia nem sequer um momento de atenção. Durante o seu exílio, ele sempre pensara em Kay, embora sentisse que jamais poderiam amar-se novamente ou pelo menos ser amigos. Ele era, afinal de contas, um assassino, um *mafioso* que cometera o seu crime. Mas agora Kay estava completamente eliminada de sua consciência.

Fabrizzio disse espertamente:

— Vou até a aldeia, a gente vai descobrir quem é ela. Quem sabe, talvez ela seja mais fácil do que a gente pensa. Só há uma cura para o raio, hem, Calo?

O outro pastor acenou com a cabeça seriamente. Michael nada disse. Seguiu os dois homens quando eles começaram a descer a estrada para a aldeia próxima na qual o bando de garôtas desaparecera.

A aldeia se agrupava em torno da usual praça central com sua fonte. Mas ficava numa estrada principal, de modo que havia ali algumas lojas, casas de vinho e um pequeno café com três mesas do lado de fora num pequeno terraço. Os pastores sentaram-se numa das mesas e Michael reuniu-se a eles. Não havia o menor vestígio das garotas. A aldeia parecia deserta, havia, apenas, à vista uns meninos e um burro que vagava por perto.

O proprietário do café veio atendê-los. Era um homem baixo, troncudo, quase um anão, mas os recebeu alegremente e pôs um prato de grão-de-bico na mesa deles.

— Vocês são estranhos aqui — disse ele — portanto quero aconselhar vocês. Provem meu vinho. As uvas vêm da minha própria fazenda e é feito pelos meus próprios filhos. Eles o misturam com laranjas e limão. É o melhor vinho da Itália.

Deixaram-no trazer o vinho numa jarra e era até melhor do que ele dizia, roxo-escuro e forte como conhaque. Fabrizzio disse ao proprietário do café:

— Você conhece todas as moças aqui, garanto. A gente viu algumas garotas bonitas descendo a estrada, sendo que uma delas fez o nosso amigo aqui ser atingido pelo raio.

Fabrizzio apontou para Michael.

O dono do café olhou para Michael com novo interesse. A cara quebrada lhe parecera muito comum antes, não valendo uma segunda olhada. Mas um homem atingido pelo raio era outra coisa.

— É melhor você levar algumas garrafas para casa, meu amigo — disse ele. — Você vai precisar de ajuda para pegar no sono esta noite.

— Você conhece uma garota com o cabelo todo cacheado? — Perguntou Michael ao homem. — Pele cremosa, olhos muito grandes, muito escuros. Você conhece uma garota como essa na aldeia?

O dono do café respondeu prontamente:

— Não. Não conheço nenhuma garota assim.

Os três homens bebêram o vinho vagarosamente, terminaram a jarra e pediram mais. O dono não reapareceu. Fabrizzio entrou no café à procura dele. Quando Fabrizzio saiu, fez uma careta e disse para Michael.

— Tal como eu pensei, era da filha dele que a gente estava falando e agora ele está nos fundos com o sangue fervendo para fazer algum mal à gente. Penso que é melhor a gente começar a andar para Corleone.

Apesar dos meses que já passara na ilha, Michael ainda não se acostumara à sensibilidade de seus habitantes em matéria de sexo, e isso era uma coisa extrema mesmo para um siciliano. Porém os dois pastores parece que encararam a situação com naturalidade. Estavam esperando por Michael para partir. Fabrizzio disse:

— O velho salafrário falou que tem dois filhos, dois rapazes grandes e fortes, e que para chamá-los basta assoviar. Vamos embora.

Michael lançou-lhe um olhar frio. Até então ele fora um jovem tranquilo, gentil, um americano típico, embora pensassem que desde que estava escondido na Sicília devia ter alguma coisa máscula. Esta foi a primeira vez que os pastores viram o olhar de um Corleone. Don Tammasino, conhecendo a verdadeira identidade de Michael e sabendo o que ele tinha feito, sempre era muito cauteloso com ele, tratando-o como um "homem de respeito" igual a ele próprio. Mas esses simples pastores de ovelhas tinham chegado a uma opinião própria sobre Michael, e não era muito boa. O olhar frio, o rosto branco rígido de Michael, a raiva que se desprendia dele como fumaça fria saindo do gelo abafaram a risada deles e fizeram desaparecer a amabilidade dos dois homens.

Quando viu que conseguira a atenção apropriada e respeitosa deles, Michael disse para os pastores:

— Tragam este homem aqui fora para mim.

Eles não hesitaram. Puseram no ombro as *luparas* e entraram na fria penumbra do café. Alguns segundos depois, reapareceram com o dono do café entre eles. O homem atarracado não parecia de modo algum assustado, mas a sua raiva denotava certa cautela.

Michael recostou-se na cadeira e estudou o homem por um momento. Depois falou com muita tranquilidade:

— Compreendo que lhe ofendi por ter falado de sua filha.

Apresento-lhe minhas desculpas, sou um estrangeiro nesta terra, não conheço bem os costumes daqui. Preciso dizer isto. Não tive a intenção de desrespeitar o senhor ou a moça.

Os pastores guarda-costas ficaram impressionados. A voz de Michael nunca soara daquele modo quando falava com eles. Havia imposição e autoridade nela, embora ele estivesse pedindo desculpas. O dono do café deu de ombros, mais cauteloso ainda, sabendo que não estava lidando com um simples trabalhador do campo.

— Quem é o senhor e o que deseja de minha filha?

Michael, sem qualquer hesitação, respondeu:

— Sou um americano escondido na Sicília da polícia de meu país. Meu nome é Michael. O senhor pode informar à polícia e ficar rico, mas então a sua filha perderia o pai em lugar de ganhar um marido. De qualquer modo, quero ver a sua filha. Com a sua permissão e sob a fiscalização de sua família. Com todo o decoro. Com todo o respeito. Sou um homem honrado e não penso em desonrar a sua filha. Quero vê-la, falar com ela e então se o raio nos atingir os dois, nós nos casaremos. Se não, o senhor nunca mais me verá. Ela pode achar-me antipático afinal de contas, e ninguém poderá remediar isso. Mas quando chegar a hora apropriada eu lhe contarei tudo a meu respeito que o pai de uma esposa deve saber.

Todos os três homens estavam olhando para ele admirados. Fabrizzio murmurou com temor respeitoso:

— É o verdadeiro raio.

O dono do café, pela primeira vez, não parecia tão confiante, ou desdenhoso: a sua raiva não era tão convincente. Finalmente, perguntou:

— O senhor é amigo dos amigos?

Como a palavra Máfia nunca podia ser pronunciada em voz alta por qualquer siciliano, isso foi a maneira mais aproximada que o dono do café pode encontrar para perguntar se Michael era membro da Máfia. Era a maneira habitual de se perguntar se alguém pertencia à Máfia, mas geralmente não se perguntava assim diretamente à pessoa em questão.

— Não — respondeu Michael. — Sou um estrangeiro neste país.

O dono do café olhou novamente para Michael, o lado esquerdo amassado do seu rosto, as pernas compridas, coisa rara na Sicília. Deu uma olhada para os dois pastores armados de *luparas* bem abertamente sem medo e lembrou-se como haviam entrado no seu café e dito que o *padrone* queria falar com ele. O dono do café rosnara que queria o filho da puta fora do seu terraço e um dos pastores dissera:

— Acredite na minha palavra, é melhor o senhor sair e falar com ele.

E alguma coisa o fizera sair. Agora alguma coisa o fazia compreender que seria melhor mostrar alguma cortesia a esse estrangeiro. Ele respondeu de má vontade:

— Venha domingo à tarde. Meu nome é Vitelli e minha casa é ali no morro, acima da aldeia. Mas venha aqui ao café e eu lhe levarei lá em cima.

Fabrizzio começou a dizer alguma coisa, mas Michael lançou-lhe um olhar que fez a língua do pastor gelar na boca. Isso não escapou a Vitelli. Assim, quando Michael se levantou e estendeu a mão, o dono do café apertou-a e sorriu. Ele faria algumas investigações e, se as respostas fossem desfavoráveis, podia sempre receber Michael com os dois filhos armados de espingardas. O dono do café tinha também os seus contatos entre os "amigos dos amigos". Mas alguma coisa lhe dizia que isso era um desses golpes formidáveis da boa sorte nos quais os sicilianos sempre acreditavam, alguma coisa lhe dizia que a beleza de sua filha traria a fortuna dela e a segurança da família. E havia outra vantagem. Alguns dos rapazes locais já estavam começando a passear de carro por ali e aquele estrangeiro de cara quebrada poderia se encarregar de afugentá-los. Vitelli, para mostrar sua boa vontade, despedira-se do estrangeiro oferecendo-lhe uma garrafa de seu melhor e mais fino vinho. Ele percebeu que foi um dos pastores que pagou a conta. Isso o impressionou ainda mais, tornando claro que Michael era o superior dos dois homens que o acompanhavam.

Michael não estava mais interessado no passeio. Encontraram uma garagem e alugaram um carro com motorista para levá-los de volta a Corleone, e pouco depois da ceia o Dr. Taza era informado pelos pastores do que acontecera. Naquela noite, sentado no jardim, o Dr. Taza disse a Don Tommasino:

— Nosso amigo foi atingido pelo raio hoje.

Don Tommasino pareceu não se surpreender. Apenas resmungou:

— Eu queria que alguns desses rapazes de Palermo fossem atingidos pelo raio, talvez assim eu pudesse ter algum sossego.

Ele estava falando dos chefes da Máfia "bossa nova" que surgiam nas grandes cidades como Palermo e que desafiavam o poder dos esteios do velho regime como ele.

Michael disse a Tommasino:

— Quero que o senhor diga a esses dois pastores de ovelhas que me deixem sozinho no domingo. Vou jantar com a família daquela moça e não os quero rondando por lá.

Don Tommasino balançou a cabeça.

— Sou responsável por você junto a seu pai, não me peça isso. Outra coisa, ouvi dizer que você até falou em casamento. Não posso permitir isso até mandar alguém falar com seu pai.

Michael Corleone foi muito cauteloso, pois afinal de contas sabia que estava falando com um homem de respeito.

— Dom Tommasino, o senhor conhece meu pai. Ele é um homem que fica surdo quando alguém pronuncia a palavra "não". E só volta a ouvir novamente quando lhe respondem com um "sim". Bem, ele já ouviu meu "não" muitas vezes. Compreendo o motivo dos dois guardas, não quero causar complicação ao senhor, eles podem vir comigo no domingo, mas se eu quiser casar eu caso. Certamente como não permito que meu próprio pai se meta na minha vida particular, seria um insulto a ele deixar que o senhor o faça.

O *capo-mafioso* deu um suspiro.

— Bem, então, haverá casamento. Conheço a sua "paixão". Ela é uma boa garota de uma família respeitável. Você não pode desonrá-la sem que o pai tente matá-lo, e depois você terá de derramar sangue. Além disso, conheço a família bem, não posso permitir que tal coisa aconteça.

— Talvez — retrucou Michael — ela não suporte olhar para mim como estou agora, e é uma garota muito nova, vai achar-me velho.

Ele viu os dois homens rirem para ele e acrescentou:

— Preciso de algum dinheiro para presentes e penso que preciso também de um carro.

Don Tommasino acenou com a cabeça.

— Fabrizzio cuidará de tudo, é um rapaz esperto, aprendeu mecânica na Marinha. Vou dar algum dinheiro a você pela manhã e informarei ao seu pai sobre o que está acontecendo. Isso tenho de fazer.

Michael perguntou ao Dr. Taza:

— O senhor tem alguma coisa que faça secar esse corrimento do meu nariz? Não quero que a garota me veja assoar o nariz a todo momento.

— Vou cobri-lo com um remédio antes de você ir vê-la — respondeu o Dr. Taza. — Fará a sua carne ficar um pouco dormente, mas, não se preocupe, você por enquanto não a beijará.

Tanto o médico como Don Tommasino riram da piada.

No domingo, Michael recebeu um *Alfa Romeo*, amassado, mas ainda em condições razoáveis. Ele fizera também uma viagem de ônibus a Palermo para comprar presentes para a garota e a família dela. Soubera que o nome da garota era Apollonia e toda noite ele pensava em seu rosto encantador e em seu nome adorável. Tinha de beber um bocado de vinho para dormir, por isso foram dadas ordens às criadas velhas da casa que deixassem uma garrafa de vinho à sua cabeceira. Ele esvaziava-a toda noite.

No domingo, ao repicar dos sinos das igrejas que se espalhavam por toda a Sicília, Michael dirigiu o *Alfa Romeo* para a aldeia e estacionou-o diante do café. Calo e Fabrizzio estavam no assento traseiro com suas *luparas* e Michael disse-lhes que deviam esperar no café, que não deviam ir até a casa. O café

estava fechado, mas Vitelli estava lá esperando por eles, encostado no parapeito de seu terraço vazio.

Trocaram apertos de mão, e Michael apanhou os três embrulhos de presentes. Em seguida, começou a subir penosamente o morro com Vitelli até a casa deste, a qual era maior do que a choupana comum da aldeia: os Vitelli não eram pobres.

No interior da casa, viam-se imagens da *Madonna* sepultada em vidro, luzes votivas vermelhas piscando a seus pés. Os dois filhos estavam esperando, também vestidos em sua roupa preta domingueira. Eram dois rapazes fortes com vinte e poucos anos de idade, mas parecendo mais velhos devido ao trabalho duro que executavam na fazenda. A mãe era uma mulher vigorosa, tão robusta quanto o marido. Não havia sinal da garota.

Depois das apresentações, que Michael nem sequer ouviu, sentaram-se no que possivelmente seria uma sala de estar ou talvez, também, sala de jantar de cerimônia. Estava atravancada de móveis de toda espécie e não era muito grande, mas para a Sicília era o esplendor da classe média.

Michael deu os presentes ao *signor* e *signora* Vitelli. Para o pai foi um cortador de charuto, de ouro, para a mãe um corte do tecido mais fino que se poderia comprar em Palermo. Ele ainda tinha um embrulho para Apollonia. Os presentes foram recebidos com agradecimentos reservados. Foram um tanto prematuros, não deveria ter dado nada até a segunda visita.

O pai disse a Michael, falando de homem para homem à maneira do campo:

— Não pense que somos assim tão sem importância para receber estrangeiros em nossa casa com tanta facilidade. Mas Don Tommasino se responsabilizou pessoalmente pelo senhor e ninguém nesta província poderia jamais duvidar da palavra desse bom homem. E assim resolvemos receber o senhor. Mas devo dizer-lhe que, se as suas intenções a respeito de minha filha são sérias, teremos de saber um pouco mais sobre o senhor e a sua família. O senhor compreende, a sua família é daqui?

Michael acenou com a cabeça e respondeu delicadamente:

— Contarei ao senhor tudo o que quiser saber a qualquer tempo.

O *signor* Vitelli levantou a mão.

— Não sou um homem curioso. Vamos ver primeiro se é necessário. Neste momento, o senhor é bem-vindo em minha casa por ser amigo de Don Tommasino.

Apesar do remédio pincelado no interior de seu nariz, Michael conseguiu sentir realmente o cheiro da presença da garota na sala. Virou-se e viu-a postada na porta em arco que dava para os fundos da casa. O cheiro era de flores frescas e florescência de limão, mas ela não usava nada em seus cabelos de cachos bem pretos, nada em seu vestido preto, liso e sério, obviamente sua

melhor roupa domingueira. Ela lançou-lhe um olhar rápido e deu-lhe um riso insignificante antes de baixar os olhos recatadamente e sentar-se perto da mãe.

Outra vez Michael sentiu aquela falta de ar, aquela invasão de seu corpo por uma coisa que era não somente desejo como uma posse louca. Ele compreendeu pela primeira vez o ciúme clássico do homem italiano. Estava naquele momento disposto a matar qualquer pessoa que tocasse naquela garota, que tentasse reclamá-la, arrebatá-la dele. Queria possuí-la tão selvagemente como um avarento quer possuir moedas de ouro, tão famintamente como um meeiro quer possuir a sua própria terra. Nada iria impedi-lo de ter aquela garota, possuí-la, trancá-la numa casa e mantê-la aprisionada somente para ele. Não queria que ninguém nem sequer a visse. Quando Apollonia se virou para sorrir para um de seus irmãos, Michael lançou ao rapaz um olhar homicida sem mesmo perceber. A família compreendeu logo que era um caso clássico do "raio" e se sentiu tranquilizada. Esse rapaz seria uma massa maleável nas mãos da filha até casarem. Depois disso, naturalmente, as coisas poderiam mudar, mas isso não tinha importância.

Michael comprara algumas roupas novas para ele em Palermo, não sendo mais o camponês rusticamente vestido, e era óbvio para a família que ele era um Don qualquer. Sua cara amassada não lhe dava tão má aparência como ele acreditava; como o seu outro perfil era tão bonito tornava a desfiguração até interessante. E de qualquer forma isso era uma terra em que para ser chamado de desfigurado, o indivíduo tinha de competir com um bocado de homens que tinham sofrido desgraças físicas extremas.

Michael olhou diretamente para a garota, as adoráveis formas ovais de seu rosto. Os seus lábios, agora ele podia ver, eram quase azuis, tão escuro era o sangue que circulava neles. Ele disse, não ousando pronunciar o nome dela:

— Vi você no laranjal outro dia. Quando você saiu correndo. Espero que eu não a tenha assustado.

A moça levantou os olhos para ele por apenas uma fração de segundo e balançou a cabeça. Mas o encanto desses olhos fez Michael olhar para longe. A mãe disse mordazmente:

— Apollonia, fale com o pobre rapaz, ele veio de quilômetros de distância para ver você.

As longas pestanas pretas da moça, porém, continuavam fechadas como asas sobre os seus olhos. Michael entregou-lhe o presente embrulhado em papel dourado, e a moça o pôs no colo. O pai então falou:

— Abra-o, garota.

Suas mãos, porém, não se mexeram. Eram mãos pequenas e morenas, mãos de menina. A mãe esticou o braço e apanhou o

presente, abrindo o embrulho impacientemente, embora com cuidado para não rasgar o precioso papel. O estojo de veludo vermelho fê-la hesitar, ela nunca segurara tal coisa nas mãos e não sabia como manobrar o seu fecho. Mas conseguiu abri-lo por puro instinto e depois tirou de dentro o presente.

Era uma pesada corrente de ouro para ser usada como colar, e causou-lhes boa impressão não somente devido ao seu obvio valor, como também porque um presente de ouro naquela sociedade significava uma afirmação das mais sérias intenções. Não era menos do que uma proposta de casamento, ou antes o sinal de que havia a intenção de propor casamento. Não podiam mais duvidar da seriedade do estrangeiro. E não podiam duvidar de sua riqueza.

Apollonia ainda não tocara no presente. A mãe segurara-o para que ela visse e a moça levantou as suas longas pestanas por um momento e depois olhou diretamente para Michael, com os seus olhos castanhos de corça sérios, e disse:

— *Grazia.*

Era a primeira vez que ele ouvia a voz dela.

Tinha tôda a meiguice aveludada da juventude e timidez e fêz os ouvidos de Michael zunirem. Ele continuou a olhar para longe e a falar com o pai e a mãe simplesmente porque olhar para ela o confundia bastante. Mas percebeu que, apesar da largura conservadora do seu vestido, o seu corpo esplendia através de sua roupa com sensualidade. E percebeu também que a sua pele escura ficava vermelha, a pele cremosa escura, tornando-se mais escura à medida em que o sangue lhe afluía ao rosto.

Finalmente Michael ergueu-se para ir embora e a família levantou-se também. Despediram-se formalmente, a garota afinal enfrentando-o quando se apertaram as mãos, e ele sentiu o choque da pele dela contra a sua, a pele dela era quente e áspera, pele de camponesa. O pai desceu o morro com ele até o carro e convidou-o para jantar no domingo seguinte. Michael acenou com a cabeça, mas sabia que não podia esperar uma semana para ver a garota novamente.

Não esperou. No dia seguinte, sem os seus pastores, ele foi no seu carro até a aldeia e sentou-se no terraço ajardinado do café para bater um papo com o pai da moça. O *signor* Vitelli teve pena dele e mandou um recado para que a mulher e a filha descessem até o café a fim de se unirem a eles. Essa reunião foi menos embaraçosa. Apollonia estava menos tímida e falou mais. Trajava o seu vestido estampado diário que assentava muito mais com a sua cor.

No dia seguinte, ocorreu a mesma coisa. Só que desta vez Apollonia estava usando a corrente de ouro que ele lhe dera. Michael sorriu para ela então, sabendo que isso era um sinal para ele. Subiu o morro com ela, a mãe bem de perto atrás deles.

Mas era impossível que os dois jovens evitassem que os seus corpos se roçassem um no outro e certa vez Apollonia tropeçou e caiu em cima dele de forma que Michael teve de segurá-la, e o seu corpo tão quente e vivo em suas mãos despertou uma onda profunda de sangue no corpo dêle. Não podiam ver a mãe atrás dêles sorrindo, porque ela sabia que a filha era uma cabra montesa e não tropeçara nesse caminho desde que era um bebê de fraldas. Sorrindo porque esse era o único meio que o rapaz ia ter para pôr as mãos em sua filha até o casamento.

Isso continuou por duas semanas. Michael levava presentes tôda a vez que ia vê-la, e Apollonia se tornava cada vez menos tímida. Mas nunca podiam encontrar-se sem a presença de uma *chaperone*. Ela era uma garota de aldeia, quase analfabeta, sem idéia do mundo, mas dotada de uma vivacidade, de uma ânsia de viver que, com o auxílio da barreira da linguagem, fazia-a parecer interessante. Tudo foi muito rápido a pedido de Michael. E como a moça não somente estava fascinada por êle, mas sabia que êle devia ser rico, a data do casamento foi marcada para duas semanas depois, num domingo.

Agora Don Tommasino estava senhor da situação. Recebera informação da América de que Michael não estava sujeito a ordens, mas que todas as precauções elementares deviam ser tomadas. Assim Don Tommasino arrogou-se o título de pai do noivo para garantir a presença dos seus próprios guarda-costas. Calo e Fabrizzio também foram membros do grupo de casamento dos Corleone como o foi também o Dr. Taza. A noiva e o noivo viveriam na vila do Dr. Taza cercada por seu muro de pedra.

O casamento foi tipicamente camponês. Os aldeões postaram-se nas ruas e atiraram flores quando os noivos, padrinhos, familiares e convidados foram a pé da igreja até a casa da noiva. O cortejo nupcial brindou os vizinhos com amêndoas açucaradas, os tradicionais confeitos de casamento, e com os confeitos que sobraram fizeram montanhas brancas açucaradas no leito nupcial da noiva, nesse caso apenas um leito simbólico, já que a primeira noite seria passada na vila fora de Corleone. A festa de casamento prosseguiu até meia-noite, mas a noiva e o noivo deveriam partir antes disso no *Alfa Romeo*. Quando chegou esse momento, Michael se surpreendeu ao verificar que a mãe estava vindo com eles para a vila de Corleone a pedido da noiva. O pai explicou: a garota era nova, virgem, e estava um pouco atemorizada, precisaria de alguém com quem conversar na manhã seguinte à noite nupcial: para instruí-la se as coisas não corressem bem. Tal situação às vezes se tornava muito difícil. Michael percebeu Apollonia olhar para ele com certa dúvida em seus enormes olhos castanhos de corça. Ele sorriu para ela e acenou com a cabeça.

E assim aconteceu que voltaram para a vila fora de Corleone com a sogra no carro. Mas a mãe da moça imediatamente consultou as criadas do Dr. Taza, deu um abraço e um beijo na filha e desapareceu da cena. Michael e a noiva puderam ir sozinhos para o espaçoso quarto de dormir.

Apollonia estava ainda usando o seu vestido de noiva com um casaco sobre ele. As suas malas e objetos de uso tinham sido trazidos do carro para o quarto. Numa mesinha havia uma garrafa de vinho e um prato de pequenos doces de casamento. A enorme cama de dossel nunca lhes saía da vista. A moça no centro do quarto esperava que Michael fizesse o primeiro movimento.

E agora que ele a tinha sozinha, agora que êle a possuía legalmente, agora que não havia obstáculo para que êle gozasse o corpo e o rosto com que sonhava toda noite, Michael não conseguiu aproximar-se dela. Ele a viu tirar o véu de noiva e pô-lo cuidadosamente numa cadeira e colocar a grinalda num pequeno toucador, onde se achava uma coleção de perfumes e cremes que Michael encomendara em Palermo. A moça contemplou tudo isso por um momento.

Michael apagou as luzes, pensando que Apollonia estivesse esperando a escuridão para proteger o corpo enquanto se despia. Mas a lua siciliana penetrou no quarto através das janelas, brilhante como ouro, e Michael procurou fechar as venezianas, mas não totalmente, pois o quarto ficaria muito abafado.

A moça estava ainda postada junto à mesa, de modo que Michael saiu do quarto e atravessou o corredor indo até o banheiro. Ele, o Dr. Taza e Don Tommasino haviam tomado um copo de vinho juntos no jardim enquanto as mulheres se preparavam para dormir. Esperava encontrar Apollonia de camisola quando voltasse, já entre as cobertas. Ficou surpreso ao ver que a mãe não fizera esse serviço para a filha. Talvez Apollonia quisesse que êle a ajudasse a despir-se. Mas ele tinha certeza de que a moça era muito tímida, muito inocente para um comportamento tão avançado.

Voltando ao quarto, encontrou-o completamente às escuras, alguém tinha fechado totalmente as venezianas. Foi andando às apalpadelas até a cama e pôde divisar as formas de Apollonia sob as cobertas, de costas para ele, o corpo curvado e encolhido. Êle se despiu e se enfiou completamente nu por baixo do lençol. Estendeu a mão e tocou a pele nua sedosa da moça. Ela não pusera a camisola e essa ousadia o agradou. Vagarosamente, cuidadosamente, ele pôs a mão no ombro dela e apertou-lhe o corpo delicadamente de forma que ela se virasse para êle. Ela se virou lentamente, e a mão dele tocou-lhe o seio, macio, cheio e então ela caiu em seus braços tão rapidamente que os seus corpos se uniram numa linha de eletricidade voluptuosa e ele finalmente pôs os braços em volta dela, beijando-lhe profundamente a boca

ardente, comprimindo-lhe o corpo e os seios contra êle e depois rolando o seu corpo para cima do corpo dela.

A carne e o cabelo dela eram tão sedosos e agora ela era tôda ânsia, arfando selvagemente junto a ele num frenesi erótico virginal. Quando Michael penetrou nela, Apollonia deu um pequeno suspiro e permaneceu quieta por um segundo, depois num impulso poderoso para a frente de sua pélvis trançou as suas pernas acetinadas em torno das ancas dele. Quando chegaram ao fim, estavam tão firmemente entrelaçados, tão violentamente agarrados um ao outro, que separar-se um do outro era como o tremor perante a morte.

Naquela noite e nas semanas que se seguiram, Michael Corleone passou a compreender a importância atribuída à virgindade pelos povos socialmentente primitivos. Foi um período de sensualidade como ele jamais experimentara antes, uma sensualidade aliada a um sentimento de poder masculino. Apollonia naqueles primeiros dias se tornou quase sua escrava. Dando-lhe a sua confiança, o seu amor, uma jovem vigorosa despertando da virgindade para um estado erótico era tão delicioso como uma fruta no ponto exato de amadurecimento.

Ela, por sua parte, alegrou a atmosfera sombriamente masculina da vila. Mandou embora a mãe logo no dia seguinte à noite nupcial e presidiu à mesa comunal com um brilhante encanto juvenil. Don Tommasino jantava com eles toda a noite e o Dr. Taza contava todas as suas velhas histórias, enquanto bebiam vinho no jardim cheio de estátuas adornadas de flores bem vermelhas, e assim as noites transcorriam prazerosamente. Mais tarde, em seu quarto, os recém-casados passavam horas de amor febril. Michael não se cansava de contemplar o corpo lindamente esculturado de Apollonia, sua pele cor de mel, seus enormes olhos castanhos cintilando de paixão. Ela exalava um cheiro maravilhosamente fresco, um cheiro de carne perfumada pelo sexo. A paixão virginal dela se equiparava à lascívia nupcial dele e freqüentemente já era quase manhã quando eles caíam no sono completamente esgotados. Às vezes, cansado mas ainda indisposto para dormir, Michael sentava-se no peitoril da janela e contemplava o corpo nu da esposa enquando ela dormia. O rosto dela também era adorável quando em repouso, um rosto perfeito que ele vira antes sòmente em livros de arte de *Madonnas* italianas pintadas, as quais, sem qualquer esforço quanto à capacidade do artista, podiam ser consideradas virginais.

Na primeira semana do casamento, fizeram piqueniques e pequenas viagens no *Alfa Romeo*. Mas então Don Tommasino levou Michael para um canto e explicou que o casamento tornara sua presença e identidade conhecidas de todos naquela parte da ilha e deviam ser tomadas precauções contra os inimigos da Família Corleone, cujos longos braços também se estendiam ao

refúgio daquela ilha. Dom Tommasino pôs guardas armados em torno da vila, enquanto os dois pastôres, Calo e Fabrizzio, eram os vigias dentro dos muros. Assim, Michael e esposa tinham de ficar no terreno da vila. Michael passava o tempo ensinando Apollonia a ler e escrever inglês e a dirigir o carro ao longo dos muros internos da vila. Por essa época, Don Tommasino parecia andar preocupado e não era boa companhia, estava ainda tendo dificuldades com a nova Máfia na cidade de Palermo, explicara o Dr. Taza.

Uma noite, no jardim, uma velha aldeã que trabalhava na casa como criada trouxe um prato de azeitonas frescas, depois virou-se para Michael e perguntou:

— É verdade o que todo mundo anda dizendo, que o senhor é filho de Don Corleone de Nova York, o Padrinho?

Michael viu Don Tommasino balançar a cabeça contrariado com o conhecimento geral do seu segredo. Mas a velha estava olhando para ele de maneira tão interessada, como se fosse importante que ela soubesse a verdade, que Michael acenou com a cabeça afirmativamente.

— Você conhece o meu pai? — perguntou ele.

O nome da mulher era Filomena e o seu rosto era tão enrugado e castanho como uma noz, os dentes cobertos de sarro despontavam na boca semicerrada. Pela primeira vez, desde que Michael estava na vila, ela sorriu para ele.

— O Padrinho salvou a minha vida uma vez — disse ela — e meus miolos também — e fez um gesto apontando a cabeça.

Ela obviamente queria alguma coisa mais, assim Michael riu para encorajá-la.

A velha perguntou quase com medo:

— É verdade que Luca Brasi está morto?

Michael acenou com a cabeça novamente e ficou surpreso com o olhar de alívio no rosto da velha. Filomena persignou-se e disse:

— Deus me perdoe, mas que a alma dele queime no inferno eternamente.

Michael lembrou-se de sua antiga curiosidade sobre Brasi, e teve a repentina intuição de que essa mulher sabia a história que Hagen e Sonny se recusaram a contar-lhe. Ele serviu um copo de vinho à mulher e fê-la sentar-se.

— Conte-me o que você sabe sobre meu pai e Luca Brasi — pediu ele gentilmente. — Sei um pouco, mas como eles se tornaram amigos e por que Brasi era tão dedicado ao meu pai? Não tenha medo, vamos, conte-me.

O rosto enrugado de Filomena, seus olhos pretos voltaram-se para Don Tommasino, que de algum modo fez sinal dando-lhe permissão. E assim Filomena passou uma parte da noite contando-lhes a sua história.

Há cerca de trinta anos, Filomena era parteira em Nova York, na 9ª Avenida, servindo à colônia italiana. As mulheres estavam sempre grávidas e ela prosperava. Ensinava aos médicos algumas coisas quando eles tentavam intervir num parto difícil. O marido dela era um próspero dono de mercearia: agora falecido o pobre-coitado, ela o abençoava, embora ele tivesse sido um jogador de cartas e um mulherengo que nunca pensou em pôr algum dinheiro de lado para os tempos difíceis. De qualquer modo, numa maldita noite, quando as pessoas honestas já estavam há muito tempo na cama, alguém bateu na porta de Filomena. Ela não estava de maneira alguma assustada, era a hora sossegada que os bebês prudentemente escolhiam para entrar com segurança neste mundo pecador, e assim ela se vestiu e abriu a porta. Lá fora estava Luca Brasi, cuja reputação, mesmo então, era terrível. Sabia-se também que ele era solteiro. E assim Filomena ficou logo assustada. Ela pensava que ele tivesse vindo para fazer algum mal a seu marido, que talvez seu marido tivesse insensatamente se recusado a fazer algum pequeno favor a Brasi.

Mas Brasi viera numa missão especial. Disse a Filomena que havia uma mulher prestes a dar à luz, que a casa era um pouco afastada dali e que ela devia ir com ele. Filomena imediatamente sentiu que havia alguma coisa errada. A cara brutal de Brasi denotava um ar de loucura naquela noite, ele estava obviamente sob o poder de algum demônio. Ela tentou protestar, alegando que só atendia a mulheres cuja história conhecesse, mas ele enfiou-lhe na mão um punhado de dólares verdes e ordenou-lhe asperamente que o acompanhasse. Ela estava muito apavorada para recusar.

Na rua estava um *Ford* com um motorista da mesma laia de Luca Brasi. A viagem não durou mais de trinta minutos e chegaram a uma casa de vigamento de madeira na cidade de Long Island bem em cima da ponte. Uma casa para duas famílias, mas agora ocupada exclusivamente por Brasi e sua quadrilha. Pois havia alguns bandidos na cozinha jogando cartas e bebendo. Brasi levou Filomena escada acima para um quarto. Na cama achava-se uma linda moça que parecia irlandesa, com o rosto pintado, o cabelo vermelho: e com a barriga inchada como uma porca. A pobre moça estava tão amedrontada! Quando avistou Brasi, virou a cabeça para o outro lado aterrorizada, sim, aterrorizada, e na verdade o olhar de ódio no rosto perverso de Brasi era a coisa mais aterradora que ela já vira na vida. (Aqui Filomena persignou-se novamente.)

Para resumir a história, Brasi saiu do quarto. Dois dos seus homens ajudaram a parteira, e a criança nasceu, a mãe estava esgotada e caiu num sono profundo. Brasi foi chamado a vir ao quarto, e Filomena, que tinha enrolado a criança recém-nascida

num cobertor que encontrara, estendeu a trouxa para ele e disse:

— Se você é o pai, tome a criança. Meu trabalho está terminado.

Brasi fixou os olhos nela, maldosamente, a loucura estampada em seu rosto.

— Sim, eu sou o pai — retrucou ele. — Mas não quero que viva ninguém dessa raça. Leve a criança para o porão e atire-a no forno.

Por um momento, Filomena pensou que não tivesse entendido direito. Ficou embaraçada com o uso da palavra "raça". Queria êle dizer isso porque a moça não era italiana? Ou queria dizer porque a moça era obviamente do tipo mais baixo: uma prostituta, em resumo? Ou queria dizer que proibia que qualquer coisa provinda dele mesmo vivesse? E então ela teve a certeza de que ele estava fazendo uma brincadeira cruel. Ela disse em poucas palavras:

— A criança é sua, faça o que você quiser.

E tentou entregar a trouxa a êle.

Nessa altura, a mãe esgotada acordou e virou-se para o lado dêles, justamente no momento em que Brasi empurrou violentamente a trouxa, apertando a criança recém-nascida no peito de Filomena. A moça gritou fracamente:

— Luc, Luc, eu lamento...

E Luca virou-se para ela.

Foi terrível, dizia agora Filomena. Tão terrível. Eram como dois animais enfurecidos. Não eram humanos. O ódio que um nutria contra o outro irrompeu no quarto. Nada mais, nem mesmo a criança recém-nascida, existia para eles naquele momento. Contudo, havia ali uma estranha paixão. Uma voluptuosidade sanguinária, demoníaca, que se percebia que eles estavam amaldiçoados para sempre. Em seguida, Luca Brasi voltou-se para Filomena e falou asperamente:

— Faça o que eu lhe disse, eu a farei rica.

Filomena não pôde falar, tamanho era o seu terror. Balançou a cabeça. Finalmente, conseguiu murmurar:

— Faça você, você é o pai, faça se você quiser.

Mas Brasi não respondeu. Em lugar disso, puxou uma faca de dentro da camisa.

— Eu lhe corto a garganta — ameaçou ele.

Filomena deve ter entrado em choque então, porque o que ela se lembrava a seguir era de que todos eles estavam no porão da casa em frente de um forno de ferro quadrado. Filomena ainda estava segurando a criança no cobertor, que não soltara um som sequer. (Talvez se ela tivesse chorado, talvez se eu tivesse sido astuta demais para beliscá-la, disse Filomena, aquele monstro tivesse revelado misericórdia.)

Um dos homens deve ter aberto a porta do forno, o fogo

agora era vísivel. E então ela viu-se sozinha com Brasi naquele porão com seus canos transpirantes, seu cheiro de rato. Brasi estava com a faca na mão novamente. E não podia haver dúvida de que ele a mataria. Havia as chamas, havia os olhos de Brasi. O rosto dele era a gárgula do diabo, não era humano, não era normal. Ele a empurrou na direção da porta aberta do forno.

Nesse ponto, Filomena calou-se. Cruzou as mãos ósseas no colo e olhou diretamente para Michael. Ele sabia o que ela queria dizer, sem usar a voz. Ele perguntou gentilmente:

— Você fez aquilo?

Ela acenou com a cabeça.

Foi somente após outro copo de vinho e depois de persignar-se e murmurar uma prece que a velha continuou a contar a história. Deram-lhe um maço de dinheiro e levaram-na para casa. Ela sabia que se pronunciasse alguma palavra sobre o que acontecera seria assassinada. Mas, dois dias depois, Brasi matou a moça irlandesa, a mãe da criança, e foi preso pela polícia. Filomena, assustada e fora de si, foi ao Padrinho e contou o que ocorrera. Ele mandou que ela se calasse, que ele resolveria tudo. Nessa época, Brasi não trabalhava para Don Corleone.

Antes que Don Corleone pudesse acertar as coisas, Luca Brasi tentou o suicídio em sua cela, cortando a garganta com um pedaço de vidro. Foi transferido para o hospital da prisão e quando êle se restabeleceu Don Corleone já havia arranjado tudo. A polícia não pode provar nada, a respeito do caso, no tribunal e Luca Brasi foi solto.

Embora Don Corleone tivesse assegurado a Filomena que nada tinha a recear de Luca ou da polícia, ela não tinha sossego. Seus nervos estavam em pandarecos e ela não podia mais trabalhar em sua profissão. Finalmente, convenceu o marido a vender a mercearia e eles retornaram à Itália. O marido era um homem bom, contaram-lhe tudo e ele compreendeu. Mas era um homem fraco e na Itália esbanjou a fortuna que ambos fizeram na América trabalhando arduamente. E, desse modo, depois que êle morreu ela se tornara criada. Assim Filomena terminou a sua história. Tomou outro copo de vinho e disse a Michael:

— Abençôo o nome de seu pai. Ele sempre me mandava dinheiro quando eu pedia, ele me salvou de Brasi. Diga a ele que eu rezo uma prece pela alma dele toda noite e que ele não deve ter medo de morrer.

Depois que ela partiu, Michael perguntou a Don Tommasino:

— A história dela é verdadeira?

O *capo-mafioso* confirmou com a cabeça. E Michael pensou, não era de admirar que ninguém quisesse contar-lhe a história. Que história! Que Luca!

Na manhã seguinte, Michael queria discutir a coisa toda

com Don Tommasino, mas soube que o velho fora chamado a Palermo por um recado urgente trazido por um mensageiro. Naquela noite, Don Tommasino voltou e levou Michael para um canto. Tinham chegado notícias da América, disse ele. Notícias que lamentava ter de contar. Santino Corleone tinha sido assasinado.

Capítulo 24

O sol siciliano, cor de limão, invadiu o quarto de Michael. Êle acordou e, sentindo o corpo acetinado de Apollonia encostado em sua própria pele quente do sono, fê-la acordar com amor. Mesmo depois de decorridos todos aqueles meses de posse completa, ele não podia deixar de se maravilhar com a beleza e a paixão ardente da esposa.

Apollonia deixou o quarto para lavar-se e vestir-se no banheiro do andar de baixo. Michael, ainda nu, com o sol da manhã incidindo sobre o seu corpo, acendeu um cigarro e, deitado na cama, começou a pensar. Aquela era a última manhã que eles passariam na vila. Don Tommasino arranjara para que ele fosse transferido para outra cidade na costa meridional da ilha. Apollonia, em seu primeiro mês de gravidez, queria visitar e passar algumas semanas com a família, e se reuniria a ele no novo esconderijo depois da visita.

Na noite anterior, Don Tommasino, sentara-se com Michael no jardim depois que Apollonia tinha ido para a cama. Don Tommasino se mostrava preocupado e cansado, e admitiu que estava apreensivo com a segurança de Michael.

— O casamento revelou a sua presença — disse ele a Michael. — Estou surpreso como é que o seu pai não providenciou para que você fosse para outro lugar. De qualquer modo, estou tendo as minhas próprias dificuldades com os jovens-turcos de Palermo. Ofereci uma proposta razoável para que eles molhassem o bico mais do que merecem, mas essa ralé quer tudo. Não posso compreender a atitude deles. Tentaram algumas pequenas

artimanhas, mas não sou assim tão fácil de ser morto. Devem saber que sou bastante forte para fazê-los me agüentarem de modo tão barato. Mas isso é o que acontece sempre com os jovens por mais talentosos que sejam. Não pensam nas coisas direito e querem toda a água do poço.

Em seguida, Don Tommasino declarou a Michael que os dois pastores Fabrizzio e Calo iriam com ele como guarda-costas no *Alfa Romeo*. Don Tommasino se despediria naquela noite, pois partiria de manhã bem cedo para resolver os seus negócios em Palermo. Outrossim, Michael não devia contar nada ao Dr. Taza a respeito da mudança, pois o médico pretendia passar a noite em Palermo e podia dar com a língua nos dentes.

Michael sabia que Don Tommasino estava em dificuldade. Guardas armados patrulhavam os muros da vila de noite e alguns pastores fiéis com suas *luparas* estavam sempre na casa. O próprio Don Tommasino andava bem armado e um guarda-costas pessoal o acompanhava durante todo o tempo.

O sol estava agora muito forte. Michael apagou o cigarro e pôs as calças e camisa de trabalho e o gorro de bico que a maioria dos sicilianos usava. Ainda descalço, inclinou-se na janela do quarto e olhando para fora viu Fabrizzio sentado numa das cadeiras do jardim. Fabrizzio estava preguiçosamente penteando sua basta cabeleira preta, a sua *lupara* negligentemente atirada na mesa do jardim. Michael assoviou, e Fabrizzio olhou para a janela.

— Apanhe o carro! — gritou Michael para ele. — Vou partir daqui a cinco minutos. Onde está Calo?

Fabrizzio levantou-se. A sua camisa estava aberta, expondo as linhas azuis e vermelhas da tatuagem em seu peito.

— Está tomando uma xícara de café na cozinha — respondeu Fabrizzio. — Sua mulher vem com o senhor?

Michael olhou de lado para ele. Ocorreu-lhe que Fabrizzio estava seguindo Apollonia demasiadamente com os olhos nas últimas semanas. Não que ele ousasse sequer dirigir algum galanteio à espôsa do amigo do seu Don. Na Sícilia não havia caminho mais certo para a morte. Michael respondeu friamente.

— Não, ela vai primeiro visitar a família, irá reunir-se a nós dentro de alguns dias.

Êle viu Fabrizzio correr para a choupana de pedra que servia de garagem para apanhar o *Alfa Romeo*.

Michael desceu até o banheiro para lavar-se. Apollonia não estava mais lá. Provavelmente estaria na cozinha preparando o *breakfast* dele pessoalmente, para penitenciar-se da culpa que sentia porque queria ver a família uma vez mais, antes de ir para tão longe, do outro lado da Sicília. Don Tommasino arranjaria transporte para levá-la até onde se encontrasse Michael.

Na cozinha, a velha Filomena trouxe-lhe o café e timidamente se despediu dele.

— Vou dar lembranças suas a meu pai — disse Michael e ela acenou com a cabeça.

Calo entrou na cozinha e disse a Michael:

— O carro está lá fora, posso apanhar a sua maleta?

— Não, eu a apanharei — respondeu Michael. — Onde está Apollonia?

O rosto de Calo abriu-se num riso divertido.

— Está sentada no lugar do motorista do carro, morrendo de vontade de pisar no acelerador. Ela vai ser uma perfeita mulher americana antes de chegar na América.

Nunca se tinha ouvido falar de uma camponesa da Sicília que tentasse dirigir um carro. Mas Michael às vezes deixava Apollonia guiar o *Alfa Romeo* dentro dos muros da vila, sempre porém ao seu lado porque ela às vezes pisava no acelerador quando devia pisar no freio.

— Apanhe Fabrizzio e espere por mim no carro — disse Michael a Calo.

Em seguida saiu da cozinha e subiu a escada até o quarto. Sua maleta já estava arrumada. Antes de apanhá-la, olhou pela janela e viu o carro estacionado em frente dos degraus do pórtico e não na entrada da cozinha. Apollonia estava sentada no banco da frente, com as mãos na direção como uma criança brincando. Calo estava justamente pondo a cesta de comida no assento traseiro. E então Michael ficou aborrecido ao ver Fabrizzio desaparecer pelos portões da vila para fazer alguma coisa lá fora. Que diabo estava ele fazendo? Viu Fabrizzio dar uma olhada por cima do ombro, uma olhada um tanto furtiva. Ele ia ter que corrigir aquele maldito pastor. Michael desceu a escada e resolveu passar pela cozinha para ver novamente Filomena e dar-lhe um último adeus.

— O Dr. Taza está dormindo? — perguntou à velha.

Filomena fez uma cara manhosa e respondeu:

— Galos velhos não cantam mais para saudar o sol. O doutor foi a Palermo ontem à noite.

Michael deu uma gargalhada. Saiu pela entrada da cozinha e o cheiro de florescências de limão penetrava até mesmo no seu nariz meio tapado. Viu Apollonia acenar-lhe do carro apenas a dez passos da pista de entrada da vila e então compreendeu que ela estava fazendo sinal para que ele ficasse onde estava, que ela queria dizer que dirigiria o carro até onde ele se achava. Calo estava sorrindo ao lado do carro, balançando a *lupara* na mão. Mas não havia ainda nem sinal de Fabrizzio. Nesse momento, sem qualquer processo racional consciente, tudo se ligou e se esclareceu em sua mente, e Michael gritou para a moça:

— Não! Não!

Mas o seu grito foi abafado pelo estrondo da tremenda explosão que Apollonia provocou ao ligar a ignição do carro. A

porta da cozinha foi reduzida a fragmentos e Michael foi jogado ao longo do muro da vila a uns três metros de distância. Pedras caídas do telhado da casa atingiram-no nos ombros, e uma delas roçou-lhe o crânio quando ele estava deitado no chão. Michael esteve consciente apenas o tempo suficiente para ver que nada restava do *Alfa Romeo* a não ser as quatro rodas e os eixos de aço que as uniam.

Ele voltou à consciência num quarto que parecia muito escuro e ouviu vozes falando tão baixo que não conseguia entender as palavras. Com um instinto animal, tentou fingir que ainda estava inconsciente, mas as vozes pararam e alguém estava inclinado de uma cadeira perto de sua cama, a voz era distinta agora e dizia:

— Bem, ele está finalmente conosco.

Uma lâmpada foi acesa, a sua luz parecia um fogo branco sobre os seus globos oculares, e Michael virou a cabeça. Sentia-se pesado, entorpecido. E então pôde ver que o rosto que estava por cima de sua cama era o do Dr. Taza.

— Deixe-me olhar você um minuto e depois desligarei a luz — disse o Dr. Taza gentilmente.

Ele estava acendendo uma lanterninha tipo lápis nos olhos de Michael.

— Você vai ficar bom — disse o Dr. Taza e voltou-se para outra pessoa que estava na sala. — Você pode falar com ele.

Era Don Tommasino que estava sentado numa cadeira perto da cama, Michael podia vê-lo claramente agora. Don Tommasino estava dizendo:

— Michael, Michael, posso falar com você? Quer descansar?

Era mais fácil levantar a mão para fazer um gesto e Michael assim fez.

— Fabrizzio trouxe o carro da garagem? — perguntou Don Tommasino.

Michael, sem saber que ele tinha feito isso, sorriu. Era, de um modo estranho, um riso frio, de assentimento. Don Tommasino explicou:

— Fabrizzio desapareceu. Ouça-me, Michael. Você esteve inconsciente por quase uma semana. Compreende? Todo mundo pensa que você está morto, assim você está seguro agora, eles deixaram de procurá-lo. Mandei recados para o seu pai, e ele enviará instruções. Não vai demorar muito agora, você vai voltar para a América. Enquanto isso, ficará repousando aqui sossegadamente. Você está seguro aqui nas montanhas, numa casa de quinta de minha propriedade. O pessoal de Palermo fez as pazes comigo agora, pois pensa que você está morto, assim era atrás de você que aquela gente andava o tempo todo. Queriam matá-lo,

enquanto faziam os outros pensarem que estavam atrás de mim. Isso é uma coisa que você deve saber. Quanto ao resto deixe por minha conta. Recobre a sua força e fique tranqüilo.

Michael estava se lembrando de tudo agora. Sabia que sua mulher estava morta, que Calo estava morto. Pensou na velha da cozinha. Não se lembrava se ela tinha vindo para fora com ele.

— E Filomena? — murmurou.

Don Tommasino respondeu calmamente:

— Ela não está ferida, apenas com o nariz sangrando por causa da explosão. Não se preocupe com ela.

— Fabrizzio — disse Michael. — Que os seus pastores saibam que aquele que me entregar Fabrizzio terá as melhores pastagens da Sicília.

Os dois homens parece que suspiraram de alívio. Don Tommasino levantou um cálice de uma mesa próxima e bebeu um líquido âmbar que o fez sacudir a cabeça para cima. O Dr. Taza sentou-se na cama e disse quase distraidamente:

— Você sabe, você é viúvo. Isso é coisa rara na Sicília.

Como se a distinção pudesse confortá-lo.

Michael fez sinal a Don Tommasino para se inclinar mais um pouco. Don Tommasino sentou-se na cama e baixou a cabeça.

— Diga a meu pai para fazer eu voltar para casa — pediu Michael. — Diga a meu pai que desejo ser filho dele.

Mas ainda foi necessário um mês para que Michael se restabelecesse dos ferimentos e mais de dois para que todos os documentos e arranjos estivessem prontos. Depois, ele foi enviado de avião de Palermo para Roma e de Roma para Nova York. E durante todo esse tempo não se encontrou qualquer vestígio de Fabrizzio.

LIVRO VII

Capítulo 25

Quando Kay Adams se formou, aceitou um emprego de professora primária na sua cidadezinha em New Hampshire. Nos primeiros seis meses após o desaparecimento de Michael, ela dava telefonemas semanalmente para a mãe dele perguntando se tinha notícias do filho. A Sr.ª Corleone mostrava-se muito amável e sempre desligava o telefone dizendo:

— Você é uma moça muito distinta mesmo. Esqueça Mikey e procure um bom marido.

Kay não se ofendia com essa insistência e compreendia que a Sr.ª Corleone falasse assim porque estava preocupada e achava que ela era uma moça que se encontrava numa situação impossível.

Quando terminou o seu primeiro período escolar como professora, ela resolveu ir a Nova York comprar algumas roupas boas e ver algumas antigas colegas da faculdade. Pensou também em procurar um emprego interessante naquela cidade. Vivera como uma solteirona por quase dois anos, lendo e ensinando, recusando encontros amorosos, furtando-se mesmo a sair a passeio, embora já tivesse desistido de telefonar para Long Beach. Sabia que não podia continuar assim, que estava ficando irritadiça e infeliz. Mas sempre acreditara que Michael lhe escreveria ou lhe enviaria algum recado. O fato de ele não ter feito isso a humilhava profundamente; sentia-se triste por ele não ter confiado nela.

Kay pegou um trem cedinho e alugou um quarto no hotel

pelo meio da tarde. As suas amigas estavam trabalhando e ela não queria incomodá-las nos respectivos empregos, pretendia visitá-las à noite. E ela não tinha realmente vontade de ir fazer compras depois da cansativa viagem de trem. Ficou sozinha no quarto do hotel e, ao se recordar de todas as vezes que ela e Michael haviam usado quartos de hotel para encontros amorosos, foi tomada por um sentimento de desolação. Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que lhe deu a idéia de telefonar para a mãe de Michael em Long Beach.

O telefone foi atendido por uma voz masculina grossa com um sotaque tipicamente nova-iorquino, para ela. Kay pediu para falar com a Sr.ª Corleone. Houve um silêncio de alguns minutos e depois Kay ouviu a voz de sotaque italiano carregado perguntar quem era.

Kay ficou um pouco embaraçada agora.

— É Kay Adams, Sr.ª Corleone — respondeu ela. — Lembra-se de mim?

— Certamente, certamente, eu me lembro de você — retrucou a Sr.ª Corleone. — Por que você deixou de telefonar? Casou-se?

— Oh, não — respondeu Kay. — Tenho estado ocupada.

Ficou surpresa ao ver que a Sr.ª Corleone estava obviamente aborrecida por ela ter parado de telefonar.

— A senhora tem alguma notícia de Michael? Ele está bem?

Houve um silêncio do outro lado da linha e depois a voz da Sr.ª Corleone veio forte.

— Mikey está em casa. Ele não telefonou para você? Não viu você?

Kay sentiu uma fraqueza no estômago em conseqüência do choque e um desejo humilhante de chorar. Sua voz desafinou um pouco quando ela perguntou:

— Há quanto tempo ele está em casa?

— Seis meses — respondeu a Sr.ª Corleone.

— Oh, compreendo — retrucou Kay.

E realmente compreendia. Sentiu ondas quentes de vergonha ao ver que a mãe de Michael sabia que ele a estava tratando com tamanha desconsideração. E depois ficou zangada. Zangada com Michael, com a mãe dele, zangada com todos os estrangeiros italianos que não tinham sequer a cortesia de demonstrar um interesse de simples amizade, mesmo que um caso de amor estivesse terminado. Não sabia Michael que ela ainda se interessava por ele como uma pessoa amiga, mesmo que ele não a quisesse mais para companheira de cama, mesmo que não quisesse mais casar com ela? Pensava ele que ela era uma dessas pobres e ignorantes moças italianas que cometeriam suicídio ou fariam uma cena após terem perdido a virgindade e

serem abandonadas? Mas ela manteve a voz tão fria quanto possível.

— Eu compreendo, muito obrigada — disse ela. — Estou contente porque Michael está novamente em casa e está bem. Queria apenas saber. Não telefonarei mais para a senhora.

A voz da Sr.ª Corleone veio impacientemente através do fio, como se ela não tivesse ouvido nada do que Kay dissera.

— Você precisa ver Mikey, venha aqui agora mesmo. Faça-lhe uma boa surpresa. Tome um táxi, vou dizer ao homem do portão para pagar o táxi para você. Diga ao motorista que ele vai receber o dobro do que marcar o relógio, do contrário ele não vai querer vir a Long Beach. Mas não pague. O empregado de meu marido que está no portão pagará o táxi.

— Não posso fazer isso, Sr.ª Corleone — respondeu Kay friamente. — Se Michael quisesse me ver, teria telefonado para minha casa antes disso. Certamente ele não quer reatar amizade comigo.

A voz da Sr.ª Corleone veio energicamente pelo fio.

— Você é uma moça muito distinta, tem pernas bonitas, mas não tem muita cabeça.

Kay conteve o riso.

— Você vem ver a *mim*, não Mikey. Quero falar com você. Venha agora mesmo. E não pague o táxi. Estou esperando você.

O telefone deu um estalido. A Sr.ª Corleone desligara.

Kay podia chamar novamente e dizer que não ia, mas sabia que precisava ver Michael, falar com ele, mesmo que fosse apenas uma conversa formal. Se êle estava em casa agora, abertamente, isso queria dizer que não havia mais dificuldades, que podia viver normalmente. Ela pulou da cama e começou a se aprontar para ir vê-lo. Caprichou bastante na maquilagem e no modo de vestir-se. Quando já estava pronta para sair, olhou para a sua imagem no espelho. Estaria ela com melhor aparência do que quando Michael desaparecera? Ou será que ele a acharia desgraciosamente mais velha? Sua figura se tornara mais feminina, suas cadeiras mais redondas, seus seios maiores; os italianos aparentemente gostavam disso, embora Michael sempre dissesse que gostava dela magra mesmo. Isso realmente não importava, Michael evidentemente não queria mais nada com ela, do contrário teria certamente telefonado nos seis meses em que já estava em casa.

O motorista do táxi, para o qual ela fez sinal, recusou-se a levá-la a Long Beach até que ela deu um belo sorriso, dizendo-lhe que pagaria o dobro do que marcasse o taxímetro. A viagem durou quase uma hora e a alameda de Long Beach estava mudada desde que ela a vira pela última vez. Havia grades de ferro em toda a volta e um portão de ferro obstruía a entrada da alameda. Um homem usando calças largas e um paletó branco

sobre uma camisa vermelha abriu o portão, meteu a cabeça no táxi para ver quanto marcava o taxímetro e deu ao motorista algumas notas. Depois, quando Kay viu que o motorista não estava protestando e ficou satisfeito com o dinheiro que recebeu, ela saltou e caminhou pela alameda na direção da casa do centro.

A própria Sr.ª Corleone abriu a porta e recebeu Kay com um abraço caloroso que a surpreendeu. Depois examinou Kay, medindo-a de alto a baixo.

— Você é uma moça bonita — disse ela diretamente. — Tenho filhos estúpidos.

Ela puxou Kay para dentro da porta e levou-a para a cozinha, onde um prato de comida já estava posto na mesa e um bule de café se achava sobre o fogo.

— Michael vai chegar daqui a pouco — disse ela. — Você vai surpreendê-lo.

Sentaram-se juntas e a velha forçou Kay a comer, enquanto fazia perguntas com grande curiosidade. Estava encantada por saber que Kay era professora e que viera a Nova York visitar umas amigas e que tivesse apenas 24 anos de idade. Ela continuava a acenar com a cabeça como se todos os fatos concordassem com certas especificações particulares que ela tinha na mente. Kay estava tão nervosa que apenas respondia às perguntas, não dizendo mais nada.

Kay o viu primeiro pela janela da cozinha. Um carro parou na frente da casa, dele saltaram dois homens seguidos de Michael. Ele endireitou-se para falar com um dos outros homens. O seu perfil esquerdo estava exposto à vista dela. Estava quebrado, amassado, era como o rosto de uma boneca que uma criança tivesse pisado de propósito. De modo curioso, para os olhos de Kay, isso não tirava a beleza dele, mas comovia-a até às lágrimas. Ela o viu levar um lenço branco à boca e ao nariz por um momento, enquanto se virava para entrar na casa.

Kay ouviu a porta se abrir e os passos dele no corredor virando para entrar na cozinha e de repente Michael estava no espaço aberto, olhando para ela e sua mãe. Michael parecia impassível e depois sorriu, sendo que a parte quebrada do seu rosto impedia a abertura normal de sua boca. E Kay, que pretendia apenas dizer: "Alô, como vai você?" da maneira mais fria possível, levantou-se bruscamente da cadeira para correr para os seus braços e enterrou o rosto no ombro dele. Michael beijou o rosto molhado de Kay e segurou-a até que ela terminou de chorar, e então a levou até o seu carro, enquanto ela com um lenço limpava o que restava da maquilagem de seu rosto.

— Eu não pretendia fazer aquilo — disse Kay. — Apenas é que ninguém me disse como eles o haviam machucado.

Michael riu e tocou no lado quebrado de seu rosto.

— Você quer dizer isso? Não é nada. Apenas me traz alguma complicação no nariz. Agora que estou em casa, provavelmente vou tratar disso. Eu não podia escrever para você nem dar notícias — declarou Michael. — Você precisa compreender isso antes de tudo.

— Está bem — respondeu ela.

— Tenho um cantinho na cidade — disse Michael. — Você acha que devemos ir lá ou prefere jantar e beber num restaurante?

— Não estou com fome — respondeu Kay.

Foram de carro para Nova York, em silêncio durante algum tempo.

— Você se formou? — perguntou Michael.

— Sim — respondeu Kay. Estou agora lecionando numa escola primária na minha cidadezinha. Acharam o homem que realmente matou o capitão da polícia, e foi por isso que você pode voltar para casa?

Por um momento Michael não respondeu.

— Sim, acharam — respondeu ele afinal. — Saiu em todos os jornais de Nova Yok. Você não leu sôbre o caso?

Kay riu com o alívio dele ao negar que fosse um assassino.

— Só recebemos o *Times* de Nova York em nossa cidade — disse ela. — Acho que a notícia estava escondida lá na página 39. Se eu a tivesse lido teria telefonado para sua mãe.

Ela fez uma pausa, depois acrescentou:

— É engraçado, o modo como sua mãe falava, quase acreditei que você o tivesse cometido. E justamente antes de você chegar, enquanto tomávamos café, ela me contou a respeito daquele homem louco que confessou o crime.

— Talvez minha mãe acreditasse naquilo a princípio — justificou Michael.

— A sua própria mãe? — perguntou Kay.

Michael respondeu arreganhando os dentes:

— As mães são como os polícias. Acreditam sempre no pior.

Michael estacionou o carro numa garagem da Rua Mulberry onde o dono parecia conhecê-lo. Levou Kay até a esquina para o que parecia ser uma casa de arenito pardo bastante velha e bem adequada ao bairro em decadência. Michael tinha a chave da porta da frente e, quando entraram, Kay viu que era uma residência de milionário guarnecida de móveis caros e confortáveis. Michael conduziu-a ao apartamento do pavimento superior, que consistia numa enorme sala de estar, uma ampla cozinha e uma porta que dava para o quarto. Num canto da sala de estar, havia um bar, para o qual Michael se dirigiu, a fim de preparar uma bebida para os dois. Em seguida, sentaram-se juntos num sofá, e Michael disse calmamente:

— É melhor irmos para o quarto.

Kay tomou um longo trago da bebida e sorriu para ele.

— É mesmo — concordou ela.

Para Kay, o amor entre eles era quase como antes, exceto que Michael parecia mais grosseiro, mais objetivo, não tão carinhoso quanto costumava ser. Como se estivesse em guarda contra ela. Mas ela não queria lamentar-se. Isso passaria. De um modo engraçado, os homens eram mais sensíveis numa situação como essa, pensou ela. Kay achou que ir para a cama com Michael após uma ausência de dois anos era a coisa mais natural do mundo. Era como se ambos nunca tivessem estado separados.

— Você podia ter-me escrito, podia ter confiado em mim — disse ela, aconchegando-se ao corpo dele. — Eu teria praticado a *omerta* da Nova Inglaterra. Os ianques são também bastante reservados, você sabe.

Michael riu brandamente no escuro.

— Nunca imaginei que você esperasse — disse ele. — Nunca imaginei que você esperasse depois do que aconteceu.

— Nunca acreditei que você tivesse matado aqueles dois homens — retrucou Kay prontamente. — A não ser, talvez, quando a sua mãe parecia pensar isso. Mas nunca acreditei nisso intimamente. Conheço você muito bem.

Ela ouviu Michael dar um suspiro.

— Não importa se eu matei ou não — disse ele. — Você precisa compreender isso.

Kay ficou um pouco assombrada com a frieza da voz dele. Então perguntou:

— Portanto, diga-me agora, você matou ou não?

Michael sentou-se recostado no seu travesseiro, e no escuro via-se uma luz brilhar enquanto ele fumava um cigarro.

— Se eu pedisse a você que se casasse comigo, eu teria de responder primeiro a essa pergunta para que você desse uma resposta à minha?

— Não me importo, — respondeu Kay — eu gosto de você, não me importo mesmo. Se você gostasse de mim, não teria medo de me contar a verdade. Não teria medo de que eu pudesse contar à polícia. Este é o caso, não é? Você é de fato um *gangster* então, não é assim? Mas realmente não me importo. Eu me importo é com o fato de que você evidentemente não gosta de mim. Você nem me telefonou quando voltou para casa.

Michael continuou a fumar o seu cigarro e um pouco da cinza quente caiu nas costas de Kay. Ela encolheu-se um pouco e disse brincando:

— Pare de me torturar, eu não falarei.

Michael não riu. A sua voz parecia distraída.

— Você sabe, quando voltei para casa não fiquei contente quando vi minha família, meu pai, minha mãe, minha irmã

Connie e Tom. Foi agradável, mas realmente não me importei nem um pouco. Então voltei esta noite para casa e vi você na cozinha e fiquei contente. É isso o que você chama amor?

— Isso já é o bastante para mim — respondeu Kay.

Trocaram carícias e amaram-se novamente por algum tempo. Michael foi mais carinhoso desta vez. Em seguida, levantou-se e foi apanhar mais bebida para eles. Quando voltou, sentou-se numa poltrona em frente à cama.

— Vamos falar sério — disse ele. — Que tal você acha casar comigo?

Kay sorriu para ele e fez-lhe sinal para vir para a cama. Michael retribuiu o sorriso e continuou a falar:

— Responda sério. Não posso contar a você nada do que aconteceu. Trabalho agora para o meu pai. Estou sendo treinado para assumir o negócio de azeite da família. Mas você sabe que minha família tem inimigos, meu pai tem inimigos. Você pode ficar viúva muito cedo, há uma possibilidade, não muito grande, mas pode acontecer. E não lhe contarei o que acontecer todo dia no escritório. Não lhe contarei nada sobre o meu negócio. Você será minha esposa, mas não será minha sócia na vida, se é assim que devo dizer. Não uma sócia em igualdade de condições. Isso não pode ser.

Kay sentou-se na cama. Ligou a lâmpada enorme da mesinha de cabeceira e depois acendeu um cigarro. Recostou-se nos travesseiros e falou calmamente:

— Você está dizendo a mim que é um *gangster*, não é verdade? Está dizendo que é responsável por gente que é assassinada e por vários outros crimes relacionados com homicídio. E que jamais devo fazer perguntas sobre esta parte de sua vida, nem mesmo pensar nela. Tal como nos filmes de terror em que o monstro pergunta à moça bonita se quer casar com ele.

Michael arreganhou os dentes, com a parte deformada do seu rosto virada para ela, e Kay disse como que arrependida:

— Oh, Mike, nem notei essa coisa estúpida, juro que não.

— Eu sei — retrucou Michael rindo. — Gosto de ter isso agora, só que faz a coriza escorrer-me constantemente do nariz.

— Você pediu para falarmos sério — disse Kay. — Se a gente se casar, que espécie de vida vou levar? Como a sua mãe, como uma dona-de-casa italiana que deve cuidar apenas dos filhos e da casa? E se acontecer alguma coisa? Penso que você pode acabar um dia na cadeia.

— Não, isso não é possível — retrucou Michael. — Assassinado, sim; na cadeia, não.

Kay riu dessa declaração de autoconfiança, era um riso com um misto engraçado de orgulho e diversão.

— Mas como pode você dizer isso? — perguntou ela. — Francamente.

Michael deu um suspiro.

— Estas são justamente as coisas sobre as quais não posso falar a você, sobre as quais não quero falar a você.

Kay permaneceu calada por muito tempo.

— Por que você quer casar comigo depois de não ter-me telefonado por todos esses meses? Sou tão boa assim na cama?

Michael acenou com a cabeça gravemente.

— Exatamente — respondeu ele. — Mas estou fazendo isso de graça: logo, por que não devo casar com você por isso? Olhe, não quero a resposta agora. Vamos continuar a nos encontrar. Você pode falar com os seus pais. Ouvi dizer que o seu pai é um homem duro à moda dele. Ouça o conselho dele.

— Você não respondeu por que quer casar comigo — insistiu Kay.

Michael tirou um lenço da gaveta da mesinha de cabeceira. Assoou-se nele, depois limpou o nariz.

— Você tem o melhor motivo para não casar comigo — disse ele. — Que tal ter um sujeito ao lado que está sempre assoando o nariz?

Kay voltou a insistir com impaciência:

— Vamos, falemos sério, eu lhe fiz uma pergunta.

Michael segurou o lenço na mão.

— Está bem — concordou ele — agora mesmo. Você é a única pessoa por quem sinto alguma afeição, de quem eu gosto. Não telefonei para você porque jamais me ocorreu que pudesse ainda estar interessada em mim depois de tudo o que aconteceu. É verdade, eu podia ter perseguido você, podia ter confiado em você, mas não quis fazer isso. Agora eis uma coisa que vou confidenciar a você e não quero que repita isso nem mesmo a seu pai. Se tudo correr bem, a Família Corleone ficará completamente legal daqui a cinco anos. Algumas coisas complicadas têm de ser feitas para tornar isso possível. Este o motivo por que talvez você se torne uma viúva rica. Agora, para que quero você? Bem, porque gosto de você e quero ter uma família. Quero filhos: já é tempo. E não quero que meus filhos sejam influenciados por mim da maneira que eu fui por meu pai. Não quero dizer que meu pai me influenciou deliberadamente. Ele nunca fêz isso. Nem me queria sequer no negócio da família. Ele queria que eu me tornasse professor ou doutor, algo como isso. Mas as coisas correram mal e eu tive de lutar pela minha família. Tive de lutar porque amo e admiro meu pai. Jamais conheci um homem mais digno de respeito. Sempre foi um bom marido, um bom pai e um bom amigo para as pessoas que não eram muito felizes na vida. Ele tem outro lado, mas isso não me interessa como seu filho. De qualquer modo, não quero que isso aconteça a meus filhos. Quero que eles sejam influenciados por você. Quero que cresçam como meninos cem por cento americanos,

realmente cem por cento americanos, todos eles. Talvez eles ou os netos deles ingressem na política.

Michael arreganhou os dentes e continuou:

— Talvez um deles seja presidente dos Estados Unidos. Por que diabo não? Em meu curso de História, em Dartmouth, fizemos um levantamento dos ancestrais de todos os presidentes e descobrimos que os pais e avós de alguns tiveram a sorte de não morrer na forca. Mas arranjarei para que os meus filhos sejam doutores, músicos ou professores. Jamais entrarão no negócio da Família. Na época em que eles tiverem essa idade, já estarei aposentado. E você e eu faremos parte do grupo de membros de um clube campestre, teremos a vida boa dos americanos abastados. Qual a sua impressão sobre essa minha proposta?

— Maravilhosa — respondeu Kay. — Mas você como que saltou a parte da viúva.

— Não há muita possibilidade disso. Apenas a mencionei para dar sensação.

Michael bateu-lhe de leve no nariz com o lenço.

— Não acredito, não acredito que você seja um homem assim, você exatamente não é — disse Kay.

O rosto dela apresentava um ar perplexo. E ela continuou:

— Não consigo compreender a coisa toda, como isso poderia ser.

— Bem, não vou dar mais explicações — disse Michael delicadamente. — Você sabe, não precisa pensar em nenhuma dessas coisas, isso realmente nada tem a ver com você ou com a nossa vida juntos, se nos casarmos.

Kay balançou a cabeça.

— Como pode você querer casar comigo, como pode você insinuar que gosta de mim, você nunca me disse isso, mas acaba de dizer que gosta de seu pai, você nunca disse que gostava de mim, como pode você gostar de mim, se desconfia tanto de mim que não pode contar-me as coisas mais importantes de sua vida? Como pode você querer ter uma esposa na qual não pode confiar? O seu pai confia na sua mãe. Eu sei disso.

— É verdade — respondeu Michael. — Mas isso não quer dizer que ele conta tudo a ela. E, você sabe, ele tem razão para confiar nela. Não porque eles se casaram e ela é mulher dele. Mas ela lhe deu quatro filhos nos tempos em que não era tão seguro ter filhos. Ela cuidou dele e o protegeu quando os outros atiravam nele. Ela acreditava nele. Ele foi sempre a pessoa a quem ela dedicou a maior lealdade durante quarenta anos. Depois de você fazer isso, talvez eu lhe conte algumas coisas que você realmente não quer ouvir.

— Teremos de viver na alameda? — perguntou Kay.

Michael acenou a cabeça afirmativamente.

— Teremos a nossa própria casa, não será assim tão ruim.

Meus pais não se meterão. Teremos a nossa própria vida. Mas até que se acerte tudo, tenho de viver na alameda.

— Porque é perigoso, para você, viver fora dela — retrucou Kay.

Pela primeira vez desde que o conhecia, ela viu Michael zangado. Era uma zanga fria que não foi externada por qualquer gesto ou alteração da voz. Era uma frieza que se desprendia dêle como a morte, e Kay sabia que era essa frieza que a faria decidir-se a não se casar com ele se ela assim decidisse.

— A complicação toda vem dessa porcaria que se vê no cinema e nos jornais — afirmou Michael. — Você tem uma idéia errada do meu pai e da Família Corleone. Vou dar a última explicação e esta será realmente a última. Meu pai é um homem de negócios que procura ganhar dinheiro para prover à subsistência da mulher e dos filhos e daqueles amigos de que ele possa precisar algum dia numa hora de dificuldade. Ele não aceita as regras da sociedade em que vivemos porque tais regras o condenariam a uma vida inadequada para um homem como ele, um homem de extraordinária força de caráter. O que você precisa compreender é que ele se considera igual a todos esses grandes homens como presidentes, primeiros-ministros, juízes da Corte Suprema e governadores dos Estados. Ele se recusa a aceitar a vontade deles acima da dele própria. Ele se recusa a viver pelas regras estabelecidas pelos outros, regras que o condenam a uma vida frustrada. Mas o objetivo supremo dele é entrar nessa sociedade com certo poder, já que a sociedade não protege realmente os seus próprios membros, que não possuem poder individual. Enquanto isso, ele opera com base num código de ética que considera muito superior às estruturas legais da sociedade.

Kay estava olhando para ele incredulamente.

— Mas isso é ridículo — retrucou ela. — Que aconteceria se todo mundo sentisse a mesma coisa? Como poderia funcionar a sociedade? Voltaríamos aos tempos dos homens das cavernas. Mike, você não acredita no que está dizendo, acredita?

Michael arreganhou os dentes para ela.

— Estou apenas lhe dizendo em que meu pai acredita. Quero apenas que você compreenda que, seja lá o que ele for, ele não é irresponsável, ou pelos menos não na sociedade que ele criou. Ele não é um *gangster* maluco armado de metralhadora como parece que você pensa. Ele é um homem responsável à sua própria moda.

— E em que você acredita? — perguntou Kay calmamente.

Michael deu de ombros.

— Acredito em minha família — respondeu ele. — Acredito em você e na família que podemos ter. Não confio que a sociedade nos proteja, não tenho a intenção de colocar o meu destino nas mãos de homens cuja única qualificação consiste em procu-

rar convencer um grupo de pessoas a votar neles. Mas isso é por enquanto. A época de meu pai já passou. As coisas que ele fez não podem mais ser feitas, a menos que se corra um bocado de risco. Quer gostemos disso ou não, a Família Corleone tem de se juntar a essa sociedade. Mas quando o fizer, quero que nos juntemos a ela com uma grande parte de nosso próprio poder: isto é, dinheiro e propriedade de outros valores. Eu gostaria de garantir meus filhos tanto quanto possível antes que êles se juntem a esse destino geral.

— Mas você se apresentou voluntariamente para lutar pelo seu país, você foi um herói de guerra — disse Kay. — Que foi que aconteceu para fazer você mudar?

Michael respondeu:

— Isso realmente não nos vai levar a lugar algum. Mas talvez eu seja apenas um dos verdadeiros conservadores antiquados como aqueles que nascem e vivem em sua cidadezinha. Eu cuido de mim, particularmente. Os governos realmente não fazem muito pelo seu povo, isso é o que se diz geralmente, mas não é o que acontece realmente. Tudo o que posso dizer é que tenho de ajudar meu pai, tenho de estar do lado dele. E você precisa decidir se quer ficar do meu lado.

Ele sorriu para ela e arrematou:

— Acho que casar foi má idéia.

Kay deu uma pancadinha na cama.

— Nada sei a respeito de casamento, mas passei dois anos sem homem e não vou largar você assim tão facilmente. Venha cá.

Quando estavam na cama juntos, com as luzes apagadas, ela perguntou baixinho:

— Você acredita que passei sem homem desde que você partiu?

— Eu acredito em você — respondeu Michael.

— Acredita mesmo? — murmurou ela com uma voz bastante meiga.

— Acredito sim — respondeu ele. Ele a sentiu tornar-se mais rija. — Mas não nos últimos seis meses.

Era verdade. Kay era a primeira mulher com quem ele se deitava desde a morte de Apollonia.

Capítulo 26

O magnífico apartamento dava para as terras que simulavam um país de fadas na parte dos fundos do hotel: palmeiras transplantadas iluminadas por trepadeiras de luzes cor de laranja, duas enormes piscinas tremeluzindo uma cor azul-escura à luz das estrelas do deserto. No horizonte, viam-se as montanhas de areia e pedra que rodeavam Las Vegas aninhada no seu vale de neon. Johnny Fontane deixou cair o pesado reposteiro cinza, luxuosamente bordado, e voltou para o quarto.

Um grupo especial de quatro pessoas, um chefe de banca, um carteador, um carteador-substituto e uma garçonete com sua escassa roupa de cabaré estavam aprontando as coisas para uma função particular. Nino Valenti estava deitado no sofá, na sala de estar do apartamento, com um copo de uísque na mão. Ele observava o pessoal do cassino instalando a mesa de jogo com meia dúzia de cadeiras acolchoadas em torno de sua borda externa em forma de ferradura.

— Isso é grande, isso é grande! — exclamou ele numa voz engrolada de quem ainda não estava muito bebedo. — Johnny, venha cá e jogue comigo contra esses salafrários. Estou com sorte. Vamos dar uma surra neles.

Johnny estava sentado numa banqueta em frente ao divã.

— Você sabe que eu não jogo — respondeu ele. — Como se sente, Nino?

Nino Valenti arreganhou os dentes para ele.

— Magnificamente. Estou esperando algumas mulheres à

meia-noite para cear, depois voltarei para a mesa de jogo. Você sabe que eu ganhei quase cinqüenta mil dólares e o pessoal do cassino estêve me chateando durante uma semana?

— Sei — respondeu Johnny Fontane. — Para quem você quer deixá-los quando bater a bota?

Nino esvaziou o copo de uísque.

— Johnny, onde foi que você arranjou essa máscara de bom moço? Você é um bobalhão, Johnny. Meu Deus, os turistas desta cidade se divertem muito mais do que você.

— É verdade — retrucou Johnny. — Você quer que o ajude a ir até a mesa de jogo?

Nino ergueu-se com esforço e conseguiu sentar-se no sofá, plantando os pés firmemente no tapete.

— Posso fazer sozinho — respondeu ele.

Deixou o copo cair no chão, levantou-se e caminhou quase com firmeza até o lugar em que a mesa de jogo tinha sido instalada. O carteador estava pronto. O chefe da banca estava atrás do carteador olhando. O carteador-substituto estava sentado numa cadeira distante da mesa. A garçonete estava sentada em outra cadeira, de forma que podia ver qualquer gesto de Nino Valenti.

Nino bateu no pano verde com os nós dos dedos.

— Fichas — pediu ele.

O chefe da banca puxou um bloco do bolso e encheu uma folha de papel, pondo-o em frente de Nino com uma pequena caneta-tinteiro.

— Aqui estão, Sr. Valenti — disse ele. — Os cinco mil dólares habituais para começar.

Nino rabiscou a sua assinatura na parte inferior da folha de papel e o chefe da banca enfiou-a no bolso. Fez um sinal com a cabeça para o carteador.

O homem, com dedos incrivelmente ágeis, tirou pilhas de fichas de cem dólares douradas e pretas dos escaninhos situados na sua frente. Em menos de cinco segundos, Nino tinha cinco pilhas iguais de fichas de cem dólares na sua frente, cada pilha com dez fichas.

Havia seis quadrados um pouco maiores do que os formatos das cartas desenhadas em branco no pano verde, cada quadrado correspondendo ao lugar de cada jogador. Agora Nino estava pondo apostas em três desses quadrados, fichas simples, e assim jogando por três parceiros a cem dólares cada aposta. Ele se recusou a pedir carta porque o carteador tinha um seis virado, uma carta branca, e o carteador estourou. Nino arrastou as fichas e voltou-se para Johnny Fontane dizendo:

— É assim que se começa a noite, hem, Johnny?

Johnny sorriu. Era raro que um jogador como Nino tivesse de assinar um vale enquanto estivesse jogando. Uma palavra era

geralmente o bastante para os grandes jogadores. Talvez eles receassem que Nino não se lembrasse de sua retirada porque estava bebendo. Não sabiam que Nino se lembrava de tudo.

Nino continuou ganhando e depois da terceira rodada levantou o dedo para a garçonete. Ela foi até o bar no fim da sala e trouxe-lhe o habitual copo de uísque. Nino apanhou a bebida, mudou-a para a outra mão para que pudesse passar o braço em volta da garçonete.

— Sente-se comigo, meu bem, jogue algumas rodadas; traga-me sorte.

A garçonete era uma garota muito bonita, mas Johnny podia ver que ela era uma profissional completamente fria, não uma personalidade real, embora trabalhasse nisso. Ela não ria entusiàsticamente para Nino, mas estava bastante interessada numa daquelas fichas douradas e pretas. Que diabo, pensou Johnny, porque não devia ela conseguir uma? Ele apenas lamentava que Nino não obtivesse uma coisa melhor com seu dinheiro.

Nino deixou a garçonete jogar algumas rodadas por ele e depois deu-lhe uma das fichas e uma pancadinha na traseira para mandá-la embora da mesa. Johnny fez sinal para que ela lhe levasse uma bebida. Ela a levou, mas levou como se tivesse representando o momento mais dramático no filme mais dramático jamais realizado. Lançou todo o seu encanto sobre o grande Johnny Fontane. Fez os seus olhos cintilarem de convite ao amor, seu andar era o mais sexual jamais visto, sua boca estava ligeiramente aberta como se ela estivesse pronta para morder o objeto mais próximo de sua óbvia paixão. Ela parecia uma fêmea de animal no auge do cio, mas era um ato premeditado. Johnny Fontane pensou, oh, Cristo, uma delas. Era o convite mais comum das mulheres que queriam levá-lo para a cama. Só funcionava quando ele estava muito bebedo e ele não estava bebedo agora. Deu à garçonete um daqueles seus famosos risos inexpressivos e disse:

— Obrigado, meu bem.

A garôta olhou para ele, separou os lábios num sorriso de agradecimento, com os olhos faiscantes, o corpo tenso com o tronco inclinando-se ligeiramente para trás de suas longas e afinadas pernas em suas meias de malha. Uma tensão enorme parecia estar tomando conta de seu corpo, os seios pareciam tornar-se cada vez mais cheios e inchar explosivamente contra a sua blusa fina escassamente recortada. Então, o seu corpo todo deu um tremor que quase deixou escapar um zunido sexual. A impressão era de uma mulher que estava tendo um orgasmo simplesmente porque Johnny Fontane sorrira para ela e dissera: "Obrigado, meu bem." Foi muito bem feito. Foi feito da maneira melhor que Johnny já vira em tôda a sua vida. Mas agora ele sabia que era simulação. E era quase certo que as mulheres que faziam isso eram prostitutas ordinárias.

Ele a acompanhou com os olhos enquanto ela voltava para a sua cadeira e começou a tomar a sua bebida lentamente. Ele não queria ver essa pequena artimanha novamente. Não estava disposto a isso naquela noite.

Demorou ainda uma hora para que Nino Valenti começasse a fraquejar. Ele primeiro se inclinou, cambaleou para trás e depois tombou da cadeira para mergulhar diretamente no soalho. Mas o chefe da banca e o carteador-substituto ficaram alerta desde o primeiro movimento e o pegaram antes que ele atingisse o chão. Levantaram-no e conduziram-no através do reposteiro aberto que dava para o quarto de dormir do apartamento.

Johnny continuou a observar a garçonete que ajudava os outros homens a despir Nino e a enfiá-lo por baixo das cobertas. O chefe da banca estava contando as fichas de Nino e tomando nota no seu bloco de vales. Depois, guardou a mesa com as fichas do carteador. Então Johnny perguntou:

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

O chefe da banca deu de ombros.

— Esta noite foi mais cedo. A primeira vez chamamos o médico da casa e ele receitou algo para o Sr. Valenti e passou-lhe uma espécie de sermão. Depois Nino nos disse que não devíamos chamar o médico quando isso acontecesse, apenas pô-lo na cama e ele estaria bem na manhã seguinte. Assim, foi isso o que fizemos. Ele tem muita sorte, ganhou novamente esta noite quase três mil dólares.

— Bem, — retrucou Johnny Fontane — vamos chamar o médico da casa aqui esta noite, está bem? Chame-o na sala de jogo se for preciso.

Passaram-se quase 15 minutos para que Jules Segal chegasse ao apartamento. Johnny notou com irritação que o camarada não tinha a menor aparência de médico. Nessa noite estava usando uma camisa de pólo, azul, furadinha, com enfeite branco, e sapatos de camurça brancos, sem meias. Seu aspecto era engraçadíssimo, carregando a tradicional bolsa preta de médico.

— Você devia imaginar um meio de carregar o seu material numa bolsa de golfe de tamanho reduzido — disse Johnny.

Jules riu para Johnny sem compreender e respondeu:

— É, essa maleta médica é um verdadeiro trambolho. Assusta todo mundo. De qualquer forma, deviam pelo menos mudar a cor.

Ele foi até onde Nino estava deitado na cama. Quando abriu a bolsa, disse para Johnny:

— Obrigado por aquele cheque que você me enviou pelos meus serviços. Foi demais. Eu não merecia tanto.

— Que se dane se você não merecia — respondeu Johnny. — De qualquer modo, esqueça aquilo, já foi há muito tempo. Que é que há com Nino?

Jules estava fazendo um rápido exame da batida do coração, do pulso e da pressão sanguínea. Tirou uma agulha da bolsa e enfiou-a casualmente no braço de Nino e apertou o êmbolo. O rosto adormecido de Nino perdeu a palidez de cera, a cor voltou-lhe às faces, como se o sangue tivesse começado a bombear mais depressa.

— Diagnóstico muito simples — anunciou Jules animado. — Tive oportunidade de examiná-lo e fazer alguns testes quando ele veio aqui a primeira vez e desmaiou. Fi-lo transferir para o hospital antes de voltar a si. Está com diabetes, estável, brando, adulto, que não é problema quando a pessoa toma cuidado, seguindo a medicação, a dieta e assim por diante. Ele insiste em não tomar conhecimento da doença. Além disso, está firmemente decidido a beber até morrer. O seu fígado está se arruinando e a sua cabeça vai no mesmo caminho. Agora mesmo ele se acha em estado de coma diabético brando. Meu conselho é que se deve interná-lo.

Johnny teve uma sensação de alívio. Não podia ser coisa muito séria, tudo o que Nino precisava fazer era cuidar de si mesmo.

— Você quer dizer num desses lugares em que fazem a pessoa deixar de beber completamente? — perguntou Johnny.

Jules foi até o bar no canto afastado da sala e serviu uma bebida para si mesmo.

— Não — respondeu ele. — Quero dizer recolhido. Você sabe, um hospício.

— Não seja engraçadinho — retrucou Johnny.

— Não estou brincando — afirmou Jules. — Não conheço profundamente esse negócio de psiquiatria, mas sei alguma coisa a respeito, é parte de minha profissão. O seu amigo Nino pode ser posto novamente em muito boa forma, a não ser que o seu fígado tenha piorado muito, o que não podemos saber enquanto não se fizer a sua autópsia. Mas a sua verdadeira doença é na cabeça. Em suma, ele não se importa de morrer, talvez até queira se matar. Enquanto não se curar isso, não há esperança para ele. Por isso é que digo, é preciso recolhê-lo a um hospital de doenças mentais para submetê-lo ao necessário tratamento psiquiátrico.

Bateram na porta, e Johnny foi atender. Era Lucy Mancini. Ela caiu nos braços de Johnny e beijou-o.

— Oh, Johnny, é tão bom ver você por aqui — disse ela.

— Já faz muito tempo que não nos vemos — declarou Johnny Fontane.

Ele notou que Lucy tinha mudado. Estava mais esbelta, suas roupas eram mais finas e ela as usava com mais elegância. O seu penteado assentava-lhe bem, era uma espécie de corte de cabelo de menino. Ela parecia mais jovem e melhor do que ele já

a vira em toda a vida, e passou-lhe pela mente a idéia de que ela podia fazer-lhe companhia ali em Las Vegas. Seria um prazer ter a seu lado uma verdadeira mulher. Mas antes mesmo de concretizar o convite, êle se lembrou de que ela era a garota do médico. Assim, isso estava fora de cogitação. Ele sorriu amavelmente para ela e perguntou:

— Que é que faz vindo ao apartamento de Nino de noite, hem?

Lucy bateu-lhe no ombro.

— Ouvi dizer que Nino estava doente e que Jules tinha subido para cá. Eu queria apenas ver se podia ajudar. Nino está bem, não está?

— Certamente — respondeu Johnny. — Ele ficará logo bom.

Jules Segal esparramara-se no sofá.

— Ele está ruim como o diabo — disse Jules. — Sugiro que todos nós nos sentemos aqui para esperar que Nino volte a si. E então falaremos a ele da necessidade de interná-lo. Lucy, você gosta dele, talvez possa ajudar. Johnny, se você é de fato amigo dele, tem de ajudar também. Do contrário, o fígado do velho Nino estará dentro de pouco tempo em exposição no laboratório médico de alguma universidade.

Johnny sentiu-se ofendido com a atitude irreverente do médico. Quem diabo pensava ele que era? Ele ia começar a dizer isso quando ouviu a voz de Nino vindo da cama:

— Alô, companheiro velho, que tal um trago?

Nino estava sentado na cama. Sorriu para Lucy e disse:

— Alô, meu bem, venha cá abraçar o velho Nino.

Ele estava com os braços bem abertos. Lucy sentou-se na beirada da cama e deu-lhe um abraço. Bastante estranho era que Nino não parecia estar ruim agora, seu aspecto era quase normal.

Nino estalou os dedos.

— Vamos, Johnny, dê-me um trago. A noite ainda é uma criança. Onde diabo está a minha mesa de jogo?

Jules tomou um gole longo de seu próprio copo e falou para Nino:

— Você não pode beber. O seu médico lhe proíbe.

— Foda-se o meu médico! — urrou Nino.

Depois fez uma cara dramática de arrependimento.

— Alô, Julie, é você. Você é meu médico, está certo? Não me referi a você, companheiro velho. Johnny, traga-me uma bebida ou eu me levanto da cama e vou apanhá-la.

Johnny deu de ombros e caminhou na direção do bar. Jules falou com indiferença.

— Estou dizendo que ele não deve beber.

Johnny sabia por que Jules o irritava. A voz do médico era

sempre fria, as palavras nunca se acentuavam por mais terríveis que fossem, a voz era sempre baixa e controlada. Se ele dava um aviso, o aviso era apenas em palavras, a própria voz era neutra, como que descuidada. Foi isso que fez Johnny ficar bastante aborrecido e levar a Nino o copo de uísque. Antes de entregá-lo ao amigo, ele perguntou a Jules:

— Isto não vai matá-lo, não é verdade?

— Não, não vai matá-lo — respondeu Jules calmamente.

Lucy lançou-lhe um olhar ansioso, começou a dizer alguma coisa, depois resolveu ficar quieta. Entrementes, Nino tinha apanhado o copo e despejado a bebida goela abaixo.

Johnny estava sorrindo para Nino; eles tinham mostrado ao idiota do médico. De repente, Nino respirou convulsivamente, o seu rosto parecia ter ficado azul, ele não podia mais respirar e estava sufocado, com falta de ar. O seu corpo pulou para cima como um peixe fora da água, o seu rosto estava impressionantemente carregado de sangue, os olhos inchados. Jules apareceu do outro lado da cama de frente para Johnny e Lucy. Pegou Nino pelo pescoço e segurou-o firmemente para que ele não se mexesse e mergulhou a agulha no ombro, na parte em que se unia com o pescoço. Nino caiu mole em suas mãos, as arfadas do seu corpo abrandaram e após um momento ele arriou novamente no travesseiro. Os seus olhos se fecharam; adormeceu profundamente.

Johnny, Lucy e Jules voltaram para a sala de estar do apartamento e sentaram-se em volta da enorme e sólida mesa de café. Lucy pegou um dos telefones de águas-marinhas e pediu que mandassem café e alguma coisa para comer. Johnny tinha ido até o bar e misturava uma bebida para si mesmo.

— Você sabia que ele teria essa reação após tomar o uísque? — indagou Johnny.

Jules deu de ombros.

— Eu tinha plena certeza disso — afirmou ele.

— Então, por que você não me avisou? — perguntou Johnny asperamente.

— Eu lhe avisei — respondeu Jules.

— Você não me avisou direito — retrucou Johnny com raiva. — Você é realmente um diabo de médico. Não tem pena de nada. Você me diz para levar Nino para um hospício, você nem sequer se preocupa em usar uma palavra mais branda como sanatório. Você gosta de fato de atormentar as pessoas, não é verdade?

Lucy estava olhando para baixo, para o seu colo. Jules continuava a rir para Johnny Fontane.

— Nada iria impedir você de dar aquela bebida a Nino. Você precisava mostrar que não tinha de aceitar meus avisos, minhas ordens. Lembra-se quando você me ofereceu um emprego

como seu médico particular depois daquele negócio da garganta? Rejeitei porque sabia que você jamais levaria a coisa a sério. Um médico pensa que é Deus, ele é o sumo sacerdote na sociedade moderna, esta é uma de suas recompensas. Mas você jamais me trataria desse modo. Eu seria um Deus lacaio para você. Como os médicos que vocês têm em Hollywood. Onde vocês arranjam essa gente, de qualquer modo? Meu Deus, eles não sabem nada ou apenas não se importam? Eles devem saber o que está acontecendo com Nino, mas vão-lhe dando apenas todo o tipo de droga para que ele continue a viver. Usam aquelas roupas de seda e o bajulam porque você é um poderoso homem do cinema e assim você pensa que eles são grandes sumidades. Artistas, diretores, produtores, médicos, vocês têm coração? Certo? Mas eles pouco se importam que vocês vivam ou morram. Bem, eu tenho a pequena mania, por imperdoável que ela seja, de manter vivas as pessoas. Deixei você dar aquela bebida a Nino para lhe mostrar o que poderia acontecer a ele.

Jules inclinou-se para Johnny Fontane e voltou a falar com a voz ainda calma, fria:

— O seu amigo está quase no fim da linha. Será que você entende isso? Ele não tem qualquer possibilidade sem terapia e cuidado médico rigoroso. A sua pressão sanguínea, diabetes e maus hábitos podem causar-lhe uma hemorragia cerebral até daqui a poucos instantes. O seu crânio poderá explodir. Isso é bastante claro para você? De fato, eu disse hospício. Quero que você compreenda o que é necessário. Ou você não dará um passo sequer. Vou-lhe falar claramente. Você pode salvar a vida de seu companheiro, se internã-lo num lugar apropriado. Do contrário, pode dizer-lhe adeus.

— Jules, querido, — disse Lucy em voz baixa — não seja tão duro. Apenas diga a ele o que tem de dizer.

Jules levantou-se. A sua frieza habitual tinha desaparecido, Johnny Fontane notou com satisfação. A sua voz também tinha perdido sua monotonia não acentuada.

— Você pensa que esta foi a primeira vez que tive de falar a gente como você numa situação como essa? — perguntou Jules. — Eu fazia isso todo dia. Lucy pede para eu não ser duro, mas ela não sabe do que está falando. Você sabe, eu costumava dizer às pessoas que não comessem tanto ou morreriam, que não fumassem tanto ou morreriam, que não trabalhassem tanto ou morreriam, que não bebessem tanto ou morreriam. Ninguém ouvia. Você sabe por quê? Porque eu digo: "Você morrerá amanhã?" Bem, posso dizer-lhe que Nino pode muito bem morrer amanhã.

Jules foi até o bar e preparou outra bebida.

— Que tal, Johnny, você vai internar Nino?

— Não sei — respondeu Johnny.

Jules tomou uma bebida rápida no bar e encheu o copo novamente.

— Você sabe, é uma coisa engraçada, a gente pode fumar até morrer, beber até morrer, trabalhar até morrer e mesmo comer até morrer. Mas tudo isso é aceitável. A única coisa que a gente não pode fazer medicamente é se estrepar até morrer, e é aí que se põem todos os obstáculos.

Ele fez uma pausa para terminar a sua bebida e continuou:

— Mas até isso é complicação, principalmente para as mulheres. Tive clientes que não podiam mais ter filhos. "É perigoso", eu dizia a elas. "Você pode morrer", eu dizia a elas. E um mês depois elas apareciam, com as faces inteiramente rosadas, dizendo: "Doutor, penso que estou grávida", e com toda a certeza era verdade. "Mas é *perigoso*", eu dizia a elas. Minha voz costumava ter expressão naquela época. E elas sorriam para mim, dizendo: "Mas meu marido e eu somos católicos fervorosos."

Ouviu-se uma batida, e dois garçons entraram empurrando um carrinho cheio de comida e bules de café de prata. Tiraram uma mesa portátil da parte de baixo do carrinho e a montaram. Depois Johnny os dispensou.

Sentaram-se à mesa e comeram os sanduíches quentes que Lucy pedira, acompanhados do café. Johnny recostou-se na cadeira e acendeu um cigarro.

— Então, você gosta de salvar vidas. Como é que você se tornou um especialista em abortos?

Lucy desabafou pela primeira vez.

— Ele queria ajudar as moças em dificuldade, moças que poderiam cometer suicídio ou fazer alguma coisa perigosa para se livrar da criança.

Jules sorriu para ela e suspirou:

— Não é assim tão simples. Tornei-me cirurgião finalmente. Eu tinha boa mão, como se diz vulgarmente. Mas eu era tão bom que tinha medo de mim mesmo. Eu abria a barriga de um pobre-coitado e sabia que ele ia morrer. Eu operava e sabia que o câncer, ou tumor, voltaria, mas eu os mandava embora com um sorriso e um bocado de conversa mole. Vinha uma pobre mulher e eu cortava-lhe um seio. Um ano depois, ela voltava e eu cortava-lhe o outro seio. Um ano depois disso, eu catava nas suas entranhas como a gente cata as sementes de uma melancia. Depois de tudo isso, ela morria de qualquer modo. Enquanto isso, os maridos continuavam a telefonar e perguntar: "Que é que mostram os exames?"

Jules fez uma pausa e prosseguiu:

— Assim, contratei outra secretária apenas para atender esses telefonemas. Eu só via a paciente quando ela estava completamente preparada para exame, testes ou operação. Eu gasta-

va o mínimo tempo possível com a vítima porque, afinal de contas, era um homem ocupado. E finalmente eu permitia que o marido falasse comigo dois minutos. "É o fim", dizia eu. E eles nunca queriam ouvir esta última palavra. Compreendiam o que significava, mas nunca a ouviam. Pensei a princípio que inconscientemente eu baixava a voz ao pronunciar a última palavra, assim eu conscientemente passei a dizê-la mais alto. Mas eles continuavam a não ouvi-la. Um sujeito chegou a perguntar: "Que diabo está dizendo você? Não estou entendendo."

Jules começou a rir, depois continuou:

— Assim, passei a fazer abortos. Interessante e fácil, todo mundo feliz, é como lavar os pratos e deixar a pia limpa. Esta era a minha classe. Eu gostava disso, gostava de praticar abortos. Não acredito que um feto de dois meses é um ser humano, portanto não há problemas aí. Eu ajudava jovens solteiras e mulheres casadas que se encontravam em dificuldade, e fazia bom dinheiro. Estava longe das linhas de frente. Quando me apanharam, senti-me como um desertor que tivesse sido preso. Mas tive sorte, um amigo mexeu os pauzinhos e conseguiu safar-me, mas agora os grandes hospitais não me deixam operar. Assim, estou aqui. Dando bons conselhos novamente, dos quais ninguém quer tomar conhecimento como nos velhos tempos.

— Não estou deixando de tomar conhecimento — retrucou Johnny Fontane. — Estou pensando que decisão devo tomar.

Lucy finalmente mudou de assunto.

— Que está você fazendo em Las Vegas, Johnny? Descansando de seus pesados encargos como uma das peças importantes de Hollywood, ou trabalhando?

Johnny balançou a cabeça e respondeu:

— Mike Corleone quer-me ver e falar comigo. Ele vai chegar esta noite de avião com Tom Hagen. Tom disse que eles querem ver você, Lucy. Você sabe de que se trata?

Lucy balançou a cabeça.

— Todos nós jantaremos juntos amanhã à noite. Freddie também. Penso que tem alguma coisa a ver com o hotel. O cassino tem perdido dinheiro ultimamente, o que não deve acontecer. Don Corleone quer que Mike examine a situação.

— Ouvi dizer que Mike finalmente consertou o rosto — disse Johnny.

Lucy deu uma gargalhada.

— Acho que Kay o convenceu a fazer isso. Ele não o fez quando eles se casaram. Por quê? Era tão esquisito e fazia o seu nariz ficar pingando. Ele devia ter feito antes.

Ela fez uma pausa por um momento e prosseguiu:

— Jules foi chamado pela Família Corleone para essa operação. Ele serviu de consultor e observador.

Johnny acenou a cabeça e disse secamente:

— Eu o recomendei que fizesse isso.

— Oh — retrucou Lucy. — De qualquer modo, Mike disse que queria fazer alguma coisa por Jules. Esse é o motivo por que ele quer que jantemos juntos amanhã à noite.

Jules falou pensativamente:

— Ele não confia em ninguém. Avisou-me para acompanhar tudo o que os outros faziam. Foi uma operação comum, direita. Qualquer médico competente a faria.

Ouviu-se um ruído vindo do quarto de dormir do apartamento e eles olharam para o reposteiro. Nino voltara a si novamente. Johnny levantou-se e foi sentar-se na cama. Jules e Lucy foram até lá também. Nino deu-lhe um riso pálido.

— Está bem, vou deixar de ser um sujeito esperto. Sinto-me realmente repugnante. Johnny, lembra-se, há um ano atrás, o que aconteceu quando a gente estava com aquelas zinhas lá em Palm Springs? Juro que não tive ciúme do que aconteceu. Eu estava contente. Você acredita em mim, Johnny?

Johnny respondeu tranqüilizadoramente:

— Certamente, Nino, acredito em você.

Lucy e Jules olharam um para o outro. Por tudo o que tinham ouvido a respeito de Johnny Fontane parecia impossível que ele tomasse uma garota de um amigo íntimo como Nino. E por que Nino dizia que não tinha ciúme um ano depois de haver acontecido? O mesmo pensamento passou-lhe pela mente, que Nino estava bebendo para morrer romanticamente porque uma garôta o deixara para ir com Johnny Fontane.

Jules experimentou Nino novamente.

— Vou arranjar uma enfermeira para passar a noite aqui com você — disse Jules. — Você tem realmente de ficar alguns dias na cama. Não estou brincando.

Nino sorriu.

— Está bem, doutor, apenas não arranje uma enfermeira bonita.

Jules telefonou para a enfermeira e depois ele e Lucy se retiraram. Johnny sentou-se numa cadeira perto da cama para esperar a enfermeira. Nino estava adormecendo novamente, com um ar de cansaço no rosto. Johnny pensou no que ele dissera, em não ter ciúme do que acontecera há mais de um ano com aquelas duas zinhas lá em Palm Springs. Nunca lhe passara pela cabeça a idéia de que Nino pudesse ter ficado com ciúme.

Há cerca de um ano, Johnny Fontane estava sentado no luxuoso escritório da companhia cinematográfica que dirigia, e se sentia entediado como nunca se sentira na vida. O que era de admirar, pois o primeiro filme que ele produzira, tendo ele próprio como galã e Nino num papel destacado, estava fazendo montanhas de dinheiro. Tudo funcionara bem. Todos desem-

penharam bem sua tarefa. O filme fora produzido abaixo do orçamento prefixado. Todo mundo ia ganhar uma fortuna com ele, e Jack Woltz estava perdendo dez anos de sua vida. Agora Johnny tinha mais dois filmes em produção, sendo que ele teria o principal papel num deles e Nino no outro. Nino era grande na tela como um desses jovens galãs encantadores, fascinantes, que as mulheres gostavam de acariciar entre os seios. Pobre menino perdido! Tudo o que tocava transformava-se em dinheiro, que entrava a rodo. O Padrinho ganhava a sua percentagem através do banco, e isso fazia Johnny sentir-se realmente bem. Ele justificara a fé do Padrinho. Mas no momento aquilo não estava ajudando muito.

E agora, que ele era um vitorioso produtor cinematográfico independente, tinha tanto poder, talvez mais do que tivera como cantor. Mulheres bonitas caíam em cima dele tal como antes, embora por um motivo mais comercial. Ele possuía o seu próprio avião, vivia até mais perdulariamente, com os rendimentos especiais que um homem de negócios tem que os artistas não possuem. Então, que diabo o estava aborrecendo?

Johnny sabia o que era. A parte frontal da cabeça lhe doía, as passagens nasais lhe doíam, a sua garganta comichava. O único meio pelo qual ele podia coçar e aliviar essa comichão era cantando, e ele tinha medo até de cantar. Ele telefonara para Jules Segal a respeito, perguntando quando poderia tentar cantar, e Jules respondera que a qualquer momento que tivesse vontade. Assim, ele tentara, e a voz soara tão áspera e horrorosa que ele desistira. E a sua garganta doeria como o diabo no dia seguinte, doeria de modo diferente daquele como antes de serem tiradas as verrugas. Doeria mais, queimaria. Êle tinha mêdo de continuar a cantar, medo de perder a voz para sempre ou de arruiná-la.

— E se ele não podia cantar, que diabo valia o resto? O resto era merda. Cantar era a única coisa que ele sabia. Talvez êle soubesse mais sobre canto e seu tipo de música do que qualquer outra pessoa no mundo. Ele era muito bom, agora compreendia isso. Todos esses anos fizeram dêle um verdadeiro profissional. Ninguém precisava dizer-lhe o que era certo ou errado, ele não tinha de perguntar a ninguém. Ele sabia. Que desperdício, que maldito desperdício.

Era sexta-feira, e ele resolvera passar o fim-de-semana com Virgínia e as meninas. Telefonara para ela, como sempre fazia, para preveni-la de sua visita. Na verdade, para dar-lhe a oportunidade de dizer "não". Ela nunca dizia "não". Nem uma só vez em todos esses anos em que estavam divorciados. Porque ela jamais diria "não" a um encontro das suas filhas com o pai.

Que mulher!, pensava Johnny. Ele daria sorte com Virgínia. E embora soubesse que gostava mais dela do que de outra mulher, sabia que era impossível, para eles, viverem sexualmen-

te juntos. Talvez quando tivessem 65 anos de idade, quando as pessoas geralmente se aposentam, eles se aposentassem juntos.

Mas a realidade destruiu esses belos pensamentos, quando ele chegou na casa da ex-esposa e verificou que Virgínia estava um pouco rabugenta e as duas meninas não estavam loucas para vê-lo, porque tinham prometido passar o fim-de-semana com algumas amigas numa fazenda da Califórnia onde poderiam andar a cavalo.

Ele disse a Virgínia que mandasse as meninas para a fazenda e deu-lhes um beijo de despedida com um sorriso de satisfação. Ele as compreendia bem. Que criança não gostava mais de andar a cavalo numa fazenda do que ficar junto de um pai rabugento que escolhia seus próprios momentos de ser pai. Ele falou para Virgínia:

— Vou tomar uns tragos e depois me arranco também.

— Está bem — respondeu ela.

Ela estava num daqueles seus maus dias, raros, mas que ocorriam de vez em quando. Não era fácil, para ela, levar aquele tipo de vida.

Ela o viu tomar uma dose extraordinariamente grande de bebida.

— De que é que você está procurando se consolar? — perguntou Virgínia. — Tudo está correndo tão maravilhosamente para você. Nunca sonhei que você fosse um homem de negócios tão eficiente.

Johnny sorriu para ela.

— Não é tão difícil assim — retrucou ele.

Ao mesmo tempo ele estava pensando, então isso era o que estava errado. Ele compreendia as mulheres e sabia agora que Virgínia estava desolada porque pensava que ele possuía tudo à sua moda. As mulheres realmente detestavam ver seus homens indo muito bem. Isso as irritava. Tornava-as menos seguras a respeito do domínio que exerciam sobre eles através da afeição, do hábito sexual ou dos laços matrimoniais. Assim, mais para consolá-la do que para externar as suas próprias queixas, ele disse:

— Que diabo de diferença faz se eu não posso cantar.

Virgínia respondeu um tanto aborrecida:

— Oh, Johnny, você não é mais criança. Está com mais de 35 anos de idade. Por que continua a se preocupar com essa bobagem de querer cantar? Você faz muito mais dinheiro como produtor, não é mesmo?

Johnny olhou para ela curiosamente e respondeu:

— Eu sou cantor. Gosto de cantar. Que é que a idade tem a ver com isso?

Virgínia estava impaciente.

— Na verdade, jamais gostei que você cantasse. Agora que

você mostrou que pode fazer filmes, sinto-me contente porque você não pode cantar mais.

Os dois se surpreenderam quando Johnny retrucou furioso:

— É uma indecência de sua parte dizer uma coisa dessas.

Ele estava abalado. Como podia Virgínia sentir-se assim, como podia ela detestá-lo tanto?

Virgínia sorriu por ele ter-se magoado e porque era tão insultuoso que êle se tivesse zangado com ela e retrucou:

— Como pensa você que eu me sentia quando todas aquelas garotas vinham correndo atrás de você devido ao seu modo de cantar? Como você se sentiria se eu andasse com a bunda de fora pela rua para que os homens viessem correndo atrás de mim? Assim é que considerava o seu canto, e eu sempre desejei que você perdesse a voz e nunca mais pudesse voltar a cantar. Mas isso foi antes de nos divorciarmos.

Johnny terminou a bebida.

— Você não entende nada. Absolutamente nada.

Ele foi até a cozinha e discou o número de Nino. Combinou encontrar-se com ele em Palm Springs para passar o fim-de-semana e deu a Nino o número de uma garota para quem ele devia telefonar, uma garota verdadeiramente bonita e encantadora com quem ele pretendia encontrar-se.

— Ela arranjará uma amiga para você — disse Johnny. — Estarei em sua casa dentro de uma hora.

Virgínia despediu-se friamente quando ele partiu. Ele pouco se incomodou, era uma das poucas vezes em que estava zangado com ela. O diabo com tudo aquilo, ele iria farrear no fim-de-semana e curar aquela chateação.

De fato, tudo correu muito bem em Palm Springs. Johnny foi para a casa que possuía lá e que estava sempre aberta e com empregados naquela época do ano. As duas garotas eram novas demais para proporcionarem grande diversão e não estavam muito interessadas em conceder certo tipo de favor. Algumas pessoas vieram fazer-lhes companhia na piscina até a hora da ceia. Nino foi para o quarto com a garota, a fim de se aprontar para a ceia e dar uma rápida trepada, enquanto estava ainda quente do sol. Johnny não estava disposto, então mandou a sua garôta, uma loura baixinha e bem recortada chamada Tina, tomar banho de chuveiro sozinha. Ele jamais poderia fazer amor com outra mulher depois de ter brigado com Virgínia.

Johnny entrou na sala de estar com paredes de vidro onde se encontrava um piano. Quando cantava com a banda, ele brincava com o piano apenas para se divertir, assim podia escolher uma canção num estilo de balada meio romântica. Sentou-se e começou a cantarolar um pouco, acompanhando-se ao piano, muito suavemente, murmurando algumas palavras, mas não cantando realmente. Antes que ele percebesse, Tina estava na sala de

estar preparando-lhe uma bebida e sentando-se ao lado dele ao piano. Êle tocou algumas melodias e ela cantarolou com ele. Ele a deixou no piano e subiu para tomar o seu banho de chuveiro. No banheiro êle cantou algumas frases curtas, quase que falando. Vestiu-se e depois desceu. Tina estava ainda sozinha; Nino estava realmente "castigando" a sua garota ou embriagando-se.

Johnny sentou-se ao piano novamente, enquanto Tina dava uma voltinha lá fora para ver a piscina. Ele começou a cantar uma de suas velhas canções. Não havia ardência em sua garganta. Os tons saíam abafados, mas na intensidade correta. Ele olhou para o pátio. Tina ainda estava lá, a porta de vidro estava fechada, ela não o ouviria. Por algum motivo, ele não queria que ninguém ouvisse. Começou a cantar uma velha balada de sua preferência. Cantou bem alto como se estivesse cantando em público, deixando a voz correr normalmente, esperando que a ardência habitual começasse a irritar-lhe a garganta, mas não sentiu nada. Prestou atenção à sua voz, estava um pouco diferente, mas ele gostou. Era mais grave, era a voz de um homem, não de uma criança, rica, pensou ele, embora mais gutural. Êle terminou a canção de modo cada vez mais lento e sentou-se ao piano pensando no assunto.

Atrás dele Nino gritou:

— Você não se saiu mal, companheiro, realmente, não se saiu mal.

Johnny virou o corpo. Nino estava postado no vão da porta, sozinho. A sua garota não estava com ele. Johnny sentiu um alívio. Ele não se incomodava que Nino o ouvisse.

— Sim — disse Johnny. — Vamo-nos livrar dessas duas zinhas. Mande-as para casa.

— Você é quem deve mandá-las embora — retrucou Nino. — São boas garotas, não quero melindrá-las. Além disso, trepei duas vezes com a minha. Como é que posso mandá-la embora sem ao menos dar-lhe de jantar?

O diabo com aquilo, pensou Johnny. Que as garotas ouvissem, mesmo que ele cantasse horrorosamente. Êle telefonou para o diretor de uma banda que conhecia em Palm Springs e pediu-lhe que mandasse um bandolim para Nino. O diretor da banda protestou:

— Diabo, ninguém toca bandolim aqui na Califórnia.

— Quero que você arranje um! — berrou Johnny.

A casa estava cheia de equipamento de gravação, e Johnny fez as duas garotas manobrarem o botão de ligar e desligar e o do volume. Depois do jantar, Johnny foi trabalhar. Fez Nino tocar o bandolim como acompanhamento e cantou todas as suas velhas canções. Cantou todas elas do começo ao fim, não poupando absolutamente a voz. A sua garganta estava ótima, ele sentia que podia cantar toda a vida. Nos meses em que não pudera cantar,

ele às vezes pensava como deveria cantar, como deveria pronunciar a letra da canção de um modo diferente, agora que não era mais criança. Cantara as canções em sua cabeça com variações de ênfase mais complicadas. Agora ele estava fazendo realmente aquilo. Às vezes, saía errado no canto real, uma coisa que parecia boa quando ele a ouvia em sua cabeça: não saía bem quando procurava cantar em voz alta. Bem alto, pensava ele. Johnny não ouvia a si mesmo agora, ele se concentrava em cantar. Atrapalhava-se um pouco com o ritmo, mas isso estava bem, apenas a voz era um pouco gutural. Ele tinha um metrônomo na cabeça que nunca falhava. Precisava apenas de um pouco de prática.

Finalmente parou de cantar. Tina veio na direção dele com os olhos brilhando e deu-lhe um beijo demorado.

— Agora sei por que mamãe vai assistir a todos os seus filmes — disse ela.

Era uma coisa errada para se dizer em qualquer momento, menos naquele. Johnny e Nino deram uma gargalhada.

Tocaram a fita de gravação e agora Johnny pôde ouvir realmente a si mesmo. A sua voz tinha mudado bastante, mas era ainda indiscutivelmente a voz de Johnny Fontane. Tinha-se tornado mais rica e mais grave, como ele notara antes, mas havia também a qualidade de um homem cantando e não um rapaz. A voz tinha mais emoção verdadeira, mais dignidade. E a parte técnica do seu canto era bem superior a qualquer coisa que ele já tivesse feito. Era nada menos que magistral. E se estava tão boa agora, gutural como o diabo, como não ficaria boa quando êle estivesse em forma novamente? Johnny arreganhou os dentes para Nino e perguntou:

— Está tão boa quanto eu acho?

Nino olhou pensativamente para o seu rosto feliz.

— Está extraordinariamente boa — respondeu êle. — Mas vamos ver como você vai cantar amanhã.

Johnny ficou magoado por Nino se mostrar tão pessimista.

— Seu filho da puta, você sabe que posso cantar assim. Não se preocupe com o dia de amanhã. Eu me sinto otimamente bem.

Mas não cantou mais naquela noite. Ele e Nino levaram as garotas para uma festa, e Tina passou a noite na cama dele, mas Johnny não foi tão bom no amor. A garota ficou um pouco decepcionada. Mas que diabo, a gente não pode fazer tudo bem num só dia, pensou Johnny.

Acordou de manhã com certa apreensão, com um vago terror de que sonhara que a sua voz tinha voltado. Então quando teve certeza de que não fora um sonho, receou que a sua voz sumisse novamente. Foi até a janela e cantarolou um pouco, depois desceu para a sala de estar ainda de pijama. Escolheu uma melodia no piano e depois de algum tempo tentou cantar com ela. Cantou abafadamente, mas não havia dor, nem aspere-

za em sua garganta, e continuou a cantar. As cordas eram verdadeiras e ricas, ele não precisava forçá-las absolutamente. Ela fluía fácil, fácil, escorria naturalmente. Johnny pensou que os maus tempos tinham passado, a sua voz voltara totalmente agora. E não se incomodava nem um pouco se fracassasse com os filmes, não se incomodava que não tivesse conseguido levantar o pau com Tina na noite anterior, não se incomodava que Virgínia o detestasse porque ele era capaz de cantar novamente. Por um momento só teve uma coisa a lamentar. Se a sua voz tivesse voltado quando ele tentava cantar para as filhas, como teria sido formidável. Isso teria sido realmente formidável.

A enfermeira do hotel entrara no quarto empurrando um carrinho carregado de remédios. Johnny levantou-se e olhou fixamente para Nino, que estava dormindo ou talvez morrendo. Sabia que Nino não sentia ciúme por ele ter recuperado a voz. Compreendia que Nino apenas tinha ciúme porque ele se sentia *tão feliz* por ter recuperado a voz, porque gostava imensamente de cantar. Pois o que era óbvio agora era que Nino não gostava bastante de coisa alguma que o fizesse querer continuar a viver.

Capítulo 27

Michael Corleone chegou naquela noite e, por sua própria ordem, não foi recebido no aeroporto. Apenas dois homens o acompanhavam: Tom Hagen e um novo guarda-costas chamado Albert Neri.

O apartamento mais luxuoso do hotel havia sido reservado para ele e seus acompanhantes. À sua espera estavam as pessoas que seria necessário que Michael visse.

Freddie recebeu o irmão com um caloroso abraço. Freddie estava mais forte, com aspecto mais favorável, *alegre* e elegantemente trajado. Usava uma roupa de seda cinza esquisitamente talhada e acessórios que combinavam com ela. O seu cabelo era cortado a navalha e arrumado tão cuidadosamente quanto o de um galã de cinema, o seu rosto brilhava de tão cuidadosamente barbeado e suas mãos tinham sido devidamente tratadas por uma manicura. Era um homem completamente diferente daquele que embarcara em Nova York quatro anos antes.

Freddie recostou-se na cadeira e examinou Michael carinhosamente.

— Você parece bastante melhor agora que consertou a cara. Sua mulher finalmente conseguiu convencê-lo, hem? Como vai Kay? Quando virá aqui nos visitar?

Michael sorriu para o irmão.

— Você também está com uma ótima aparência. Kay teria vindo desta vez, mas tem um bebê para cuidar e está esperando outro. Além disso, estou aqui a negócio, Freddie, preciso voltar amanhã à noite ou na manhã seguinte.

— Você precisa comer alguma coisa primeiro — disse Freddie. — Temos um grande chefe de cozinha no hotel, você vai saborear a melhor comida que já comeu na sua vida. Vá tomar um banho de chuveiro, mudar de roupa e tudo se acertará depois aqui. Tenho todo o pessoal que você quer à sua disposição, todos eles estarão esperando quando você estiver pronto, terei apenas de chamá-los.

— Vamos deixar Moe Greene para o fim, está bem? — Michael falou prazenteiramente. — Convide Johnny Fontane e Nino para virem comer conosco. E também Lucy e seu doutor. Podemos falar enquanto comemos. — Em seguida, voltou-se para Hagen e perguntou: — Quer acrescentar mais alguém, Tom?

Hagen balançou a cabeça. Freddie recebera-o menos afetuosamente do que a Michael, mas Hagen compreendia. Freddie estava na lista negra do pai e culpava o *consigliori* de não procurar ajeitar as coisas. Hagen teria feito isso prazerosamente, mas não sabia por que Freddie não estava nas boas graças do pai. Don Corleone não expressara queixas específicas. Apenas dera a perceber o seu desagrado.

Já passava da meia-noite quando se reuniram em torno da mesa especial de jantar posta no apartamento de Michael. Lucy beijou Michael e não fez qualquer comentário sobre o fato de seu rosto parecer bem melhor depois da operação. Jules Segal estudou ousadamente o osso malar consertado e disse a Michael:

— Um bom trabalho. Está bem unido. E o problema do nariz?

— Está resolvido — respondeu Michael. — Obrigado por ter ajudado,

As atenções focalizaram-se em Michael à proporção que eles comiam. Todos notaram a sua semelhança com Don Corleone nas maneiras e no modo de falar. De um modo um tanto curioso, ele inspirava o mesmo respeito, a mesma admiração, contudo ele era perfeitamente natural, esforçando-se para deixar todos à vontade. Hagen, como de hábito, ficava em plano secundário. Albert Neri era também muito tranqüilo e discreto. Alegara que não estava com fome e sentara-se numa poltrona perto da porta lendo um jornal local.

Depois que terminaram o jantar, mandaram os garçons embora. Michael falou com Johnny Fontane:

— Ouvi dizer que você recuperou a voz e está cantando tão bem como nunca; você reconquistou todos os fãs. Parabéns.

— Obrigado — respondeu Johnny.

O ator estava curioso para saber exatamente por que Michael queria vê-lo. Que favor lhe pediria?

Michael dirigiu-se a todos em geral:

— A Família Corleone está pensando em se mudar aqui

para Las Vegas. Venderemos todos os nossos interesses no negócio de azeite e nos estabeleceremos aqui. Don Corleone, Tom Hagen e eu conversamos muito sobre o assunto e pensamos que aqui é que está o futuro da Família. Isso não quer dizer agora mesmo ou no próximo ano. Pode levar dois, três ou até quatro anos para se acertarem todas as coisas. Mas esse é o plano geral. Alguns amigos nossos possuem uma boa percentagem dêste hotel e cassino, de modo que isto será a nossa base fundamental. Moe Greene nos venderá sua participação de modo que toda a organização passará à propriedade total dos amigos de Don Corleone.

O rosto redondo de Freddie mostrava certa ansiedade.

— Mike, você tem certeza de que Moe Greene venderá a sua parte? Ele nunca mencionou nada disso a mim e adora o negócio. Realmente não acredito que ele venderá.

— Far-lhe-ei uma oferta que ele não poderá recusar — respondeu Michael tranqüilamente.

As palavras foram ditas com uma voz normal, embora o efeito fosse enregelante, talvez porque fosse uma frase preferida de Don Corleone. Michael voltou-se para Johnny Fontane e disse:

— Don Corleone está contando com você para nos ajudar a começar. Já nos explicaram que a diversão será o grande fator para atrair jogadores. Esperamos que você assine um contrato para aparecer cinco vezes por ano, um compromisso que talvez dure uma semana. Esperamos que os seus amigos do cinema façam o mesmo. Você fez um bocado de favores a êles, agora é a sua vez de cobrar.

— Certamente — respondeu Johnny. — Farei tudo pelo meu Padrinho, você sabe disso, Mike.

Mas havia uma fraca sombra de dúvida em sua voz.

— Você não perderá dinheiro no negócio nem tampouco seus amigos — disse Michael sorrindo. — Você adquirirá ações do hotel, e se houver mais alguém que você ache suficientemente importante poderá também adquirir ações. Talvez você não acredite em mim, portanto quero esclarecer que estou falando em nome de Don Corleone.

— Eu acredito em você, Mike — respondeu Johnny apressadamente. — Mas há mais de dez hotéis e cassinos que estão sendo construídos na Faixa agora mesmo. Quando vocês chegarem, o mercado talvez esteja abarrotado, talvez vocês venham muito tarde com toda a concorrência que já existe por aqui.

— A Família Corleone tem amigos que estão financiando três desses hotéis — esclareceu Tom Hagen.

Johnny compreendeu imediatamente que ele queria dizer que a Família Corleone era dona dos três hotéis, com seus cassinos. E que haveria um grande número de ações a serem distribuídas.

— Vou começar a trabalhar nisso — disse Johnny.

Michael voltou-se para Lucy e Jules Segal.

— Devo muito a você — disse ele a Jules. — Ouvi dizer que você quer voltar a cortar gente e que os hospitais não querem deixar que você use as suas instalações e equipamentos por causa daquele velho negócio do aborto. Quero saber de sua própria bôca, é isso o que você quer?

Jules sorriu.

— Acho que sim. Mas você não conhece a organização médica. Seja qual for o poder que você tenha, isso nada significa para eles. Receio que você não poderá ajudar-me nisso.

Michael acenou com a cabeça distraidamente.

— Certamente, você tem razão. Mas alguns amigos meus, gente muito conhecida, vão construir um grande hospital em Las Vegas. A cidade precisará dele da maneira que está crescendo e da maneira que está projetada para crescer. Talvez aceitem você na sala de operações se se conversar direitinho com eles. Diabo, quantos cirurgiões tão bons quanto você podem querer vir para este deserto? Ou apenas quase tão bons? Faremos um favor ao hospital. Assim, você pode contar com isso. Ouvi dizer que você e Lucy vão casar, não é verdade?

Jules deu de ombros.

— Assim que eu vir que tenho algum futuro.

— Mike, se você não construir esse hospital, morrerei solteirona — atalhou Lucy em tom de brincadeira.

Todos riram. Todos menos Jules. Este disse a Michael:

— Se eu aceitar tal emprego não me serão impostas quaisquer condições?

Michael respondeu friamente:

— Nada de condições. Tenho uma dívida com você e quero saldá-la.

— Mike, não fique magoado — pediu Lucy brandamente.

Michael sorriu para ela e respondeu:

— Não estou magoado. — Voltou-se para Jules e falou: — Você disse uma grande bobagem. A Família Corleone tem mexido os pauzinhos em seu benefício. Você acha que sou tão estúpido para pedir que você faça coisas que detesta? Mas se eu o pedisse, que é que tinha? Quem diabo jamais moveu um dedo para lhe ajudar quando você estava em dificuldade? Quando ouvi dizer que você queria voltar a trabalhar como um verdadeiro cirurgião, perdi um bocado de tempo para descobrir se eu podia ajudá-lo. Não lhe estou pedindo coisa alguma. Mas pelo menos você pode considerar nossas relações como amistosas, e suponho que você faria por mim o mesmo que faria por qualquer bom amigo. Esta é a minha condição. Mas você pode recusá-la.

Tom Hagen baixou a cabeça e sorriu. Nem mesmo o próprio Don Corleone faria isso melhor.

Jules ficou vermelho.

— Mike, eu não quis dizer absolutamente isso. Sou muito grato a você e a seu pai. Esqueça o que eu disse.

Michel acenou com a cabeça e respondeu:

— Ótimo. Até o hospital ser construído e começar a funcionar, você será diretor do serviço médico dos quatro hotéis. Forme a sua equipe. O seu salário vai subir também, mas você deve discutir com Tom mais tarde. E Lucy, quero que você faça uma coisa mais importante. Talvez coordenar todas as lojas que serão abertas nas galerias dos hotéis. O lado financeiro delas. Ou talvez contratando as garotas de que precisarmos para trabalhar nos cassinos, algo como isso. Assim, se Jules não casar com você, você poderá ser uma solteirona rica.

Freddie, enquanto isso, fumava o seu charuto, zangado. Michael virou-se para ele e disse brandamente:

— Sou apenas o moço de recados de Don, Freddie. O que êle quer que você faça ele mesmo lhe dirá, naturalmente, mas tenho certeza de que vai fazer algo muito grande para fazer você feliz. Todos comentam o serviço formidável que você está fazendo aqui.

— Então por que ele está aborrecido comigo? — perguntou Freddie queixosamente. — Só porque o cassino está perdendo dinheiro? Eu não controlo esse setor, ele está a cargo de Moe Greene. Que diabo quer o velho de mim?

— Não se preocupe com isso — respondeu Michael.

Voltando-se para Johnny Fontane, Michael perguntou:

— Onde está Nino? Eu esperava vê-lo novamente.

Johnny deu de ombros.

— Nino está muito doente. Uma enfermeira está cuidando dêle no quarto. Mas o doutor aqui diz que êle precisava ser internado, que ele está procurando se matar.

Michael respondeu pensativamente, demonstrando estar realmente surpreso:

— Nino sempre foi um sujeito verdadeiramente bom. Eu nunca soube que ele tivesse feito alguma coisa repugnante, isto é, alguma coisa para prejudicar alguém. Êle nunca ligou para nada. A não ser para a bebida.

— É verdade — confirmou Johnny. — O dinheiro está rolando, ele poderia arranjar um bocado de trabalho, cantando ou representando nos filmes. Pode conseguir agora cinquenta mil dólares por filme, e ele rejeita isso. Não dá a mínima importância ao fato de ser famoso. Durante todos os anos em que temos sido companheiros, nunca soube que ele tivesse feito alguma coisa condenável. E o filho da puta está bebendo para morrer!

Jules estava a ponto de dizer algo, quando bateram na porta do apartamento. Ficou surpreso quando o homem sentado na poltrona, que estava mais perto da porta, não atendeu, mas

continuou a ler o seu jornal. Hagen é que foi abri-la. E quase foi jogado para o lado quando Moe Greene entrou a passos largos na sala seguido de dois guarda-costas.

Moe Greene era um bandido bonitão que se tornara famoso como pistoleiro do sindicato do crime em Brooklyn. Entrara no ramo do jogo e fora para o Oeste em busca de fortuna: tinha sido uma das primeiras pessoas a ver as possibilidades de Las Vegas e construíra um dos primeiros cassinos da Faixa. Ainda tinha acessos de fúria homicida e era temido por todo mundo do hotel, não se excluindo Freddie, Lucy e Jules Segal. Sempre ficavam longe dêle, quando era possível.

O seu rosto bem talhado estava horrendo agora. Ele disse para Michael Corleone:

— Estive esperando aí para falar com você, Mike. Tenho um monte de coisas para fazer amanhã, por isso pensei que pudesse conversar com você esta noite. Que tal?

Michael Corleone olhou para ele com o que parecia ser um espanto amável.

— Está bem — respondeu ele.

Depois fez um sinal na direção de Hagen e disse:

— Sirva uma bebida ao Sr. Greene, Tom.

Jules notou que o homem chamado Albert Neri estava estudando Moe Greene atentamente, não dando a mínima atenção aos dois capangas que estavam encostados na porta. Ele sabia que não havia possibilidade de qualquer violência na cidade de Las Vegas. Isso era rigorosamente proibido por ser fatal para o projeto inteiro de transformar Las Vegas no refúgio legal dos jogadores americanos.

Moe Greene disse para os seus guarda-costas:

— Distribua algumas fichas com todas essas pessoas para que possam jogar no cassino.

Evidentemente, ele se referia a Jules, Lucy, Johnny Fontane e o guarda-costas de Michael, Albert Neri.

Michael acenou com a cabeça concordando:

— É uma boa idéia.

Só então foi que Neri se levantou de sua poltrona e se preparou para sair junto com os outros.

Depois das habituais saudações de despedida, ficaram na sala Freddie, Tom Hagen, Moe Greene e Michael Corleone.

Greene pôs o seu copo de bebida em cima da mesa e falou com fúria quase descontrolada:

— Que conversa é essa que ouvi que a Família Corleone vai comprar o que é meu? Posso comprar o que é de *vocês*. Vocês não compram o que é meu.

Michael respondeu sensatamente:

— O seu cassino vem perdendo dinheiro contra todas as probabilidades. Há alguma coisa errada na maneira pela qual você o dirige. Talvez possamos fazer melhor.

Greene deu uma gargalhada desagradável.

— Seus malditos carcamanos, eu faço um favor acolhendo Freddie quando vocês estão numa situação difícil e agora vocês querem me expulsar daqui. Isso é o que vocês pensam! Não vou ser expulso por ninguém e tenho amigos que vão me apoiar.

Michael continuou a argumentar com tranqüila sensatez:

— Você acolheu Freddie porque a Família Corleone lhe deu uma soma enorme de dinheiro para acabar de aparelhar o seu hotel. E financiou o seu cassino. E porque a Família Molinari, da Costa, garantiu a sua segurança e lhe prestou algum serviço por você o ter acolhido. A Família Corleone e você estão quites. Não sei qual o motivo por que você está se melindrando. Compraremos a sua parte por qualquer preço razoável que você estipular, que mal há nisso? Que é que há de desleal nisso? Com o seu cassino perdendo dinheiro, estamos até fazendo um favor a você.

Greene balançou a cabeça.

— A Família Corleone não tem mais tamanha força. O Padrinho está doente. Vocês estão sendo escorraçados de Nova York pelas outras Famílias e pensam que podem apanhar umas sobras fáceis aqui. Vou-lhe dar um conselho, Mike, não tente isso.

— É por isso que você pensava que podia esbofetear Freddie em público? — retrucou Michael brandamente.

Tom Hagen, espantado, voltou sua atenção para Freddie. O rosto de Freddie Corleone estava ficando vermelho.

— Ah, Mike, isso não foi nada. Moe não teve qualquer má intenção. Ele perde as estribeiras de vez em quando, mas eu e ele somos bons amigos. Não é verdade, Moe?

Greene tornou-se cauteloso.

— É verdade, sem dúvida. Às vezes tenho de fazer o diabo para fazer isso aqui funcionar direito. Fiquei danado com Freddie porque ele começou a trepar com todas as garçonetes e deixar que elas relaxassem o serviço. Tivemos uma pequena discussão e tive de dar duro nele.

O rosto de Michael estava impassível quando ele perguntou ao irmão:

— Ele deu duro em você, Freddie?

Freddie olhou aborrecido para o irmão caçula. E não respondeu. Greene deu uma gargalhada e explicou:

— O sacana estava levando duas delas para cama ao mesmo tempo, para fazer aquele negócio que se chama "sanduíche". Freddie, devo admitir que você de fato estragou essas zinhas. Ninguém mais conseguia fazê-las felizes depois que você andou com elas.

Hagen percebeu que isso pegou Michael de surpresa. Eles se entreolharam. Êste era talvez o verdadeiro motivo por que

Don Corleone estava aborrecido por Freddie. O Don era puritano no que dizia respeito a sexo. Ele consideraria tal traquinice do seu Freddie, duas garotas ao mesmo tempo, como uma depravação. Permitir-se assim ser fisicamente humilhado por um homem como Moe Greene era contribuir para desprestigiar a Família Corleone. Isso seria um dos motivos por que ele não estava nas boas graças do pai.

Michael, levantando-se de sua cadeira, disse em tom de despedida:

— Tenho de voltar para Nova York amanhã, portanto, pense no seu preço.

Greene respondeu selvagemente:

— Seu sacana, você pensa que pode me liquidar desse modo? Eu matei mais homens do que você antes que eu pudesse me mover. Vou pegar o avião para Nova York e conversar pessoalmente com Don Corleone. Vou lhe fazer uma proposta.

Freddie pediu nervosamente a Tom Hagen:

— Tom, você é o *consigliori*, você pode falar com o Don e aconselhá-lo.

Foi então que Michael despejou todo o jato frio de sua personalidade sobre os dois homens de Las Vegas.

— O Don está semi-aposentado — disse ele. — Eu dirijo agora o negócio da Família. E afastei Tom do lugar de *consigliori*. Ele será exclusivamente meu advogado aqui em Las Vegas. Ele vai se mudar para cá com a família dentro de poucos meses para dar início a todo o trabalho jurídico. Portanto, o que vocês tiverem a dizer, digam a mim.

Ninguém respondeu. Michael acrescentou formalmente:

— Freddie, você é meu irmão mais velho, eu o respeito. Mas nunca mais tome partido com outra pessoa contra a Família. Nem vou mencionar isso ao Don.

Em seguida, voltou-se para Moe Greene e disse:

— Não insulte as pessoas que estão procurando ajudá-lo. Seria melhor que você usasse a sua energia para descobrir por que o cassino está perdendo dinheiro. A Família Corleone tem uma grana alta empatada aqui e não estamos obtendo os lucros correspondentes ao capital investido, mas não vim aqui com o propósito de maltratá-lo. Estou me oferecendo para ajudá-lo. Bem, se você prefere cuspir na mão que procura ajudá-lo, isso é problema seu. Não tenho mais nada a dizer.

Michael não levantou a voz uma só vez, mas suas palavras tiveram um efeito moderador sobre Greene e Freddie. Ele fixou o olhar em ambos, afastando-se da mesa para indicar que esperava que os dois fossem embora. Hagen foi até a porta e abriu-a. Os dois homens retiraram-se sem dizer boa-noite.

Na manhã seguinte, Michael Corleone recebeu um recado de Moe Greene: ele não venderia a sua parte do hotel por preço

algum. Foi Freddie quem trouxe o recado. Michael deu de ombros e disse para o irmão:

— Quero ver Nino antes de voltar para Nova York.

No apartamento de Nino, encontraram Johnny Fontane sentado no sofá comendo o seu *breakfast*. Jules estava examinando Nino atrás do reposteiro fechado do quarto de dormir. Finalmente, o reposteiro se abriu.

Michael ficou chocado com o aspecto de Nino. O homem estava visivelmente desintegrando-se. Os olhos estavam ofuscados, a boca mole, todos os músculos de seu rosto bambos. Michael sentou-se na beira da cama e disse:

— Nino, foi bom encontrá-lo. O Don sempre pergunta por você.

Nino deu um riso sarcástico, o seu velho riso.

— Diga a êle que estou morrendo. Diga a ele que esse negócio de trabalhar em cinema e cantar é mais perigoso do que o negócio de azeite.

— Você ficará bom — retrucou Michael. — Se tem alguma coisa aborrecendo que a Família possa ajudar, é só dizer.

Nino balançou a cabeça.

— Não há nada — respondeu ele. — Nada.

Michael conversou mais alguns instantes e depois saiu. Freddie acompanhou o irmão e seu grupo ao aeroporto, mas a pedido de Michael não ficou lá até a hora da partida. Quando tomava o avião com Tom Hagen e Al Neri, Michael virou-se para Neri e perguntou:

— Você o marcou bem?

Neri bateu na testa e respondeu:

— Tenho Moe Greene gravado e numerado aqui.

Capítulo 28

Na viagem de volta de avião para Nova York, Michael Corleone recostou-se à vontade no assento e tentou dormir. Foi inútil. O período mais terrível de sua vida estava se aproximando, talvez mesmo a hora fatal. Não podia mais ser adiado. Tudo estava pronto, todas as precauções tinham sido tomadas, dois anos de precauções. Não podia mais haver prorrogação. Na semana anterior, quando o Don anunciara formalmente o seu afastamento definitivo aos *caporegimes* e outros membros da Família Corleone, Michael sabia que isso era o meio escolhido por seu pai para dizer-lhe que a hora tinha chegado.

Já fazia agora quase três anos que ele voltara para casa e mais de dois que casara com Kay. Ele levara esses três anos aprendendo o negócio da Família. Passava longas horas com Tom Hagen, longas horas com o Don. Ficou espantado ao ver como era verdadeiramente rica e poderosa a Família Corleone. Possuía imóveis imensamente valiosos no centro de Nova York, edifícios inteiros de escritórios. Tinha, através de testas-de-ferro, sociedade em duas casas de corretagem de Wall Street, partes de bancos em Long Island, sociedade em algumas firmas centrais de roupas feitas, e tudo isso além das operações ilegais no jogo.

A coisa mais interessante que Michael Corleone soube, ao ser informado sobre as transações retrospectivas da Família Corleone, foi que a Família recebera certa renda de proteção, logo depois da guerra, de um grupo de falsificadores de discos. Os

falsificadores reproduziam e vendiam discos de artistas famosos, fazendo tudo com tanta habilidade que nunca foram apanhados. Naturalmente, nos discos que eles vendiam às lojas, os artistas e a companhia da produção original não recebiam um níquel sequer. Michael Corleone notou que Johnny Fontane perdera um bocado de dinheiro devido a essa falsificação, porque, na época, exatamente antes de ele perder a voz, os seus discos eram os mais populares do país.

Michael perguntou a Tom Hagen como podia ter acontecido aquilo. Por que é que Don permitira que os falsificadores tapeassem a seu afilhado? Hagen deu de ombros. Negócio era negócio. Além disso, Johnny não estava nas boas graças do Don, Johnny tinha-se divorciado de sua namorada de infância para casar com Margot Ashton. Isso desgostara imensamente o Don.

— Como é que esses sujeitos pararam com o negócio? — perguntou Michael. — A polícia os apanhou?

Hagen balançou a cabeça.

— O Don retirou a sua proteção. Isso foi logo depois do casamento de Connie.

Era uma dessas coisas que ele passaria a ver freqüentemente, o Don ajudando aqueles que tinham caído em desgraça, desgraça esta que ele em parte criara. Talvez não por astúcia ou premeditação, mas devido à sua variedade de interesses ou talvez devido à natureza do universo, o entrelaçamento do bem e do mal, coisa natural nesse mesmo universo.

Michael casara com Kay lá na Nova Inglaterra, um casamento tranqüilo, com a presença apenas dos parentes e de algumas amigas da noiva. Depois se mudaram para uma das casas da alameda em Long Beach. Michael ficou surpreso com a facilidade com que Kay fez amizade com seus pais e as outras pessoas que moravam na alameda. E naturalmente ela ficou logo grávida, como se podia esperar de uma boa esposa italiana à moda antiga, e isso ajudou. O segundo filho a caminho, em dois anos, era também uma ótima coisa.

Kay estaria esperando por ele no aeroporto, ela sempre vinha encontrá-lo, ficava sempre tão contente quando ele regressava de uma viagem. E ele também. Mas não agora. Pois o fim dessa viagem significava que finalmente teria de assumir o encargo para o qual ele vinha sendo preparado nos últimos três anos. O Don estaria esperando por ele. Os *caporegimes* estariam esperando por ele. E ele, Michael Corleone, teria de dar as ordens, tomar as decisões que determinariam o seu destino e também o destino da Família.

Diariamente, quando Kay Adams Corleone se levantava para preparar a primeira alimentação do bebê, via a mamãe Corleone, a mulher do Don, ser levada de carro para fora da alameda, por um dos seus guarda-costas, para retornar uma hora depois.

Kay logo soube que a sogra ia à igreja tôda manhã. Às vezes, ao regressar, a velha senhora dava uma paradinha ali para tomar o café da manhã e ver o seu novo neto.

A Sra. Corleone sempre perguntava por que Kay não pensava em se tornar católica, ignorando o fato de que o filho de Kay já tinha sido batizado como protestante. Assim, Kay sentia ser apropriado perguntar à velha senhora se ela ia à igreja todas as manhãs, por ser uma parte necessária do credo católico.

Pensando que isso pudesse impedir Kay de se converter ao catolicismo, a Sra. Corleone respondeu:

— Oh, não, não, alguns católicos só vão à igreja na Páscoa e no Natal. A pessoa vai quando tem vontade de ir.

Kay deu uma gargalhada e perguntou:

— Então por que a senhora vai toda manhã?

De um modo completamente natural, mamãe Corleone respondeu:

— Eu vou por meu marido, — ela apontou para o chão — para que ele não vá para lá.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Faço orações pela alma dele todo dia para que ele vá lá para cima — e apontou o céu.

Ela disse isso com um sorriso meio malicioso, como se estivesse contrariando de alguma forma a vontade do marido, ou como se fôsse uma coisa perdida. Disse-o quase brincando, à maneira horrível de velha italiana. E, como sempre, quando o marido não estava presente, havia uma atitude de desrespeito para com o grande Don.

— Como está se sentindo o seu marido? — perguntou Kay delicadamente.

A Sra. Corleone deu de ombros.

— Ele não é mais o mesmo homem desde que o balearam. Deixa Michael fazer todo o trabalho, apenas perde tempo com seu jardim, seus pimentões, seus tomates. Como se ainda fôsse camponês. Mas os homens são sempre assim.

Mais tarde, naquela manhã, Connie atravessaria a alamêda com seus dois filhos para fazer uma visita a Kay e bater um papo. Kay gostava de Connie, de sua vivacidade, de seu amor evidente pelo irmão Michael. Connie ensinara Kay a cozinhar alguns pratos italianos, mas às vezes trazia os seus próprios preparados, mais bem feitos, para Michael saborear.

Agora, naquela manhã, como sempre fazia, ela perguntava a Kay o que Michael pensava de seu marido, Carlo. Será que Michael realmente gostava de Carlo, como dava a entender? Carlo sempre tivera um pouco de complicação com a Família, mas agora nos últimos anos ele se corrigira. Estava realmente indo muito bem com o sindicato trabalhista, mas tinha de trabalhar arduamente, durante muitas horas. Carlo realmente

gostava de Michael, Connie sempre dizia. Mas então, todos gostavam de Michael, como gostavam de seu pai. Michael era exatamente igual ao Don em tudo. A melhor coisa mesmo era que Michael ia dirigir o negócio de azeite da Família.

Kay observara antes que, quando Connie falava a respeito do marido em relação com a Família, ficava sempre ansiosa por ouvir alguma palavra de aprovação a Carlo. Kay seria estúpida se não tivesse notado o interesse quase aterrador que Connie tinha em saber se Michael gostava de Carlo ou não. Uma noite ela falou com Michael sobre isso e mencionou o fato de que ninguém jamais falava em Sonny Corleone, ninguém nem mesmo se referia a ele, pelo menos não na presença dela. Kay tentara uma vez expressar suas condolências ao Don e sua mulher, e eles a ouviram com um silêncio quase rude e depois não falaram no assunto. Ela tentara fazer Connie falar sobre o irmão mais velho, mas não tivera êxito.

A mulher de Sonny, Sandra, mudara-se com os filhos para a Flórida, onde os seus pais moravam agora. Fizeram-se certos arranjos financeiros para que ela e os filhos pudessem viver confortavelmente, mas Sonny não deixara bens imóveis.

Michael relutantemente explicou o que acontecera na noite em que Sonny foi assassinado. Que Carlo batera na mulher e que Connie telefonara para a alameda, Sonny atendera ao telefonema e correra para a casa dela numa fúria cega. Assim, naturalmente, Connie e Carlo estavam sempre nervosos, receando que o resto da Família a culpasse por ter indiretamente causado a morte de Sonny. Ou culpasse o marido dela, Carlo. Mas não era esse o caso. A prova era que deram a Connie e Carlo uma casa na própria alameda e promoveram Carlo a uma função importante na organização dos sindicatos trabalhistas. E Carlo se corrigira, parara de beber, parara de andar com prostitutas, parara de querer bancar o espertinho. A Família estava satisfeita com o trabalho e a atitude dele durante os últimos dois anos. Ninguém o culpava pelo que tinha acontecido.

— Então, por que você não os convida para vir aqui uma noite e tranqüiliza a sua irmã? — perguntou Kay a Michael. — A pobrezinha está sempre tão nervosa a respeito do que você pensa do marido dela. Diga a ela. E diga também para tirar da cabeça essas preocupações bobas.

— Não posso fazer isso — respondeu ele. — Não falamos nessas coisas na nossa família.

— Você quer que eu diga a ela o que você acaba de me contar? — perguntou Kay.

Ela ficou embaraçada porque Michael levou um tempo enorme pensando numa sugestão que era obviamente a coisa apropriada a ser feita. Finalmente, ele respondeu:

— Acho que você não deve fazer isso, Kay. Acho que isso

não adiantará nada. Ela ficará preocupada, de qualquer modo. É uma coisa pela qual ninguém pode fazer nada.

Kay ficou espantada. Ela percebera que Michael era sempre um pouco mais frio para a sua irmã Connie do que para qualquer outra pessoa, apesar da afeição demonstrada por Connie.

— Certamente você não culpa Connie pelo assassinato de Sonny, não é verdade? — perguntou ela.

Michael deu um suspiro.

— Naturalmente não — respondeu ele. — Ela é minha irmã caçula e eu gosto muito dela. Tenho pena dela. Carlo se corrigiu, mas continua a ser o tipo do marido errado. É uma dessas coisas. Vamos esquecer o assunto.

Não era da natureza de Kay insistir numa coisa desagradável: deu o assunto por encerrado. Também ela aprendera que Michael não era um homem fácil de se convencer, que ele poderia se tornar frio e desagradável. Ela sabia que era a única pessoa no mundo que podia dobrar a vontade dele, mas sabia também que fazer isso freqüentemente seria destruir esse poder. E viver com ele aqueles dois últimos anos fizera-a amá-lo ainda mais.

Kay amava o marido porque ele era sempre cordato. Uma coisa rara. Mas era sempre cordato com todas as pessoas que o cercavam, nunca era arbitrário nem nas menores coisas. Ela observara que ele agora era um homem muito poderoso, pessoas vinham à sua casa conferenciar com ele e pedir favores, tratando-o com deferência e respeito, mas uma coisa o elevara no conceito dela mais do que tudo.

Desde que Michael regressara da Sicília com a cara quebrada, todo mundo na Família procurara fazê-lo submeter-se à cirurgia corretiva. A Sra. Corleone dava em cima dele constantemente: num jantar de domingo, quando todos os Corleone estavam reunidos na alameda, ela gritou para Michael:

— Você parece um *gangster* do cinema, mande consertar a sua cara pelo amor de Jesus Cristo e de sua pobre mulher. E assim o seu nariz deixará de correr como acontece com um irlandês bêbedo.

O Don, sentado na cabeceira da mesa, observando tudo, perguntou a Kay:

— Isso a incomoda?

Kay balançou a cabeça. O Don falou para a sua mulher:

— Ele não está mais sob o seu domínio, isso não lhe diz respeito.

A Sra. Corleone imediatamente se calou. Não que tivesse medo do marido, mas porque seria desrespeitoso discutir tal assunto dele perante os outros.

Mas Connie, a preferida do Don, veio da cozinha, onde

estivera preparando o jantar de domingo, com o rosto vermelho do fogão, e disse:

— Acho que êle deve consertar a cara. Ele era o mais bonito da família antes de sofrer aquilo. Vamos, Mike, diga que você vai consertá-la.

Michael olhou para a irmã de maneira distraída. Parecia que não tinha ouvido coisa alguma. Ele não respondeu.

Connie veio postar-se ao lado do pai.

— Faça-o consertar a cara — pediu ela ao Don.

Depois Connie pousou as duas mãos carinhosamente nos ombros do pai e friccionou-lhe o pescoço. Ela era a única pessoa que podia tomar tal liberdade com o Don. O amor dela pelo pai era comovente. Era sincero, como o de uma menina pequena. O Don bateu numa das mãos dela e disse:

— Todos nós estamos aqui morrendo de fome. Ponha o espaguete em cima da mesa e depois tagarele.

Connie virou-se para o marido e pediu:

— Carlo, diga a Mike para consertar a cara. Talvez ele ouça você.

A sua voz insinuava que Michael e Carlo Rizzi tinham alguma relação amistosa acima de quaisquer outras pessoas.

Carlo, bastante queimado do sol, o cabelo louro apuradamente cortado e penteado, tomou um gole do seu copo de vinho caseiro e disse:

— Ninguém pode dizer a Mike o que ele deve fazer.

Carlo se tornara um homem diferente desde que se mudara para alameda. Conhecia seu lugar na Família e se mantinha nele.

Havia alguma coisa que Kay não entendia em tudo isso, alguma coisa que não se podia realmente perceber. Como mulher, ela notava que Connie estava deliberadamente agradando o pai, embora fizesse isso decentemente e com sinceridade. Contudo, não era uma coisa espontânea. A resposta de Carlo fora uma saída masculina delicada e sem compromisso. Michael não tomou absolutamente conhecimento de nada.

Kay não se importava com a desfiguração do marido, mas se preocupava com a sua complicação do nariz que decorria disso. A correção cirúrgica curaria isso também. Por esse motivo, ela queria que Michael se submetesse à necessária operação. Mas compreendia que, de modo curioso, ele desejava essa desfiguração. Ela tinha certeza de que o Don compreendia isso também.

Mas, depois que Kay deu à luz o primeiro filho, ficou surpresa quando Michael lhe perguntou:

— Você quer que eu endireite a cara?

Kay acenou com a cabeça.

— Você sabe como são as crianças, o seu filho se sentirá mal com a sua cara quando crescer o bastante para compreen-

der que isso não é normal. Apenas não quero que nosso filho veja isso. Francamente, Michael, não ligo para isso.

— Está bem — retrucou ele sorrindo. — Eu a consertarei.

Michael esperou que ela saísse da maternidade e fosse para casa, e então tomou as necessárias providências. A operação teve êxito. O amassamento da face era agora quase imperceptível.

Todos na Família ficaram satisfeitos, mas Connie mais do que qualquer outra pessoa. Ela visitava Michael todo dia no hospital, arrastando Carlo consigo. Quando Michael voltou para casa, ela deu-lhe um grande abraço, beijou-o, olhou para ele com admiração e disse:

— Agora você é meu irmão bonito novamente.

Somente o Don não se impressionou, dando de ombros e observando:

— Qual é a diferença?

Mas Kay ficou grata. Ela sabia que Michael fizera isso contra todas as suas inclinações. Fizera porque ela lhe pedira, e porque ela sabia que era a única pessoa no mundo que podia fazê-lo realizar uma coisa contra a sua própria natureza.

Na tarde do regresso de Michael de Las Vegas, Rocco Lampone levou a *limousine* para a alameda, a fim de apanhar Kay para que ela pudesse encontrar o marido no aeroporto. Ela sempre ia ao encontro do marido quando ele voltava de alguma viagem, principalmente porque se sentia solitária sem ele, vivendo como vivia na alameda fortificada.

Ela o viu sair do avião com Tom Hagen e o novo homem que trabalhava para ele, Albert Neri. Kay não simpatizava muito com Neri, ele lembrava-lhe Luca Brasi em sua tranqüila ferocidade. Viu Neri saltar atrás de Michael e depois afastar-se para o lado, observando seu rápido olhar penetrante, enquanto seus olhos esquadrinhavam todas as pessoas nas proximidades. Foi Neri quem primeiro avistou Kay e tocou no ombro de Michael para fazê-lo olhar na direção apropriada.

Kay correu para os braços do marido e ele beijou-a ràpidamente e deixou-a ir. Michael, Tom Hagen e Kay entraram na *limousine* e Albert Neri sumiu. Kay não percebeu que Neri entrara noutro carro com mais dois homens, seguindo-os até a alameda de Long Beach.

Kay nunca perguntava a Michael como se saía nos negócios. Até essas perguntas eram compreendidas como esquisitas, não que ele não lhe desse uma resposta igualmente delicada, mas isso lembraria a ambos o território proibido no qual o casamento deles jamais podia permitir que ela entrasse. Kay não se importava mais. Porém, quando Michael lhe disse que teria de passar a noite com o pai, a fim de relatar-lhe os resultados da viagem a Las Vegas, ela não pôde deixar de fazer uma cara de decepção.

— Lamento muito — disse Michael. — Amanhã à noite iremos a Nova York assistir a um espetáculo e jantar. Está bem?

Ele bateu-lhe no ventre, ela já estava grávida há quase sete meses.

— Depois que a criança nascer — continuou ele — você ficará presa novamente. Diabo, você é mais italiana do que ianque. Dois filhos em dois anos.

— E você é mais ianque do que italiano — retrucou Kay mordazmente. — É sua primeira noite em casa e você vai passá-la tratando de negócios.

Mas ela sorriu para ele quando disse aquilo.

— Você não vai chegar tarde em casa, vai? — perguntou ela.

— Antes de meia-noite — respondeu Michael. — Não me espere acordada se você se sentir cansada.

— Esperarei acordada — retorquiu ela.

Na reunião daquele noite, na biblioteca da sala do canto da casa de Don Corleone, estavam presentes o próprio Don, Michael, Tom Hagen, Carlo Rizzi e os dois *caporegimes*, Clemenza e Tessio.

A atmosfera da reunião não era, de forma alguma, tão cordial como nos velhos tempos. Desde que Don Corleone anunciara sua semi-aposentadoria e a elevação de Michael à direção do negócio da Família, havia certa tensão. A sucessão no controle de um empreendimento como a Família não era, de forma alguma, hereditária. Em qualquer outra família, *caporegimes* poderosos, tais como Clemenza e Tessio, teriam ascendido à posição do Don. Ou pelo menos teriam tido permissão para separar-se e formar a sua própria Família.

Então, também, desde que Don Corleone fizera a paz com as cinco Famílias, a força da Família Corleone declinara. A Família Barzini era agora indiscutivelmente a mais poderosa na áera de Nova York; aliada como estava aos Tattaglia, ela agora mantinha a posição que a Família Corleone mantivera outrora. Também ela estava ardilosamente reduzindo gradualmente o poder da Família Corleone, invadindo as suas áreas de jogo, experimentando as reações dos Corleone e, achando-os fracos, estabelecendo os seus próprios *bookmakers*.

Os Barzini e Tattaglia estavam exultantes com a aposentadoria de Don Corleone. Michael, por mais poderoso que pudesse ser, jamais poderia esperar ser igual a Don Corleone em astúcia e influência, pelo menos antes de decorrida uma década. A Família Corleone estava definitivamente em decadência.

Ela havia, evidentemente, sofrido sérios infortúnios. Freddie provara não ser nada mais do que um hoteleiro e conquistador de mulheres, sendo que a expressão "conquistador de mu-

lheres" era intraduzível, mas sugeria uma criança voraz sempre agarrada ao seio da mãe — em suma, um homem fraco. A morte de Sonny fora também um desastre. Ele era um homem a ser temido, não a ser tomado levianamente. De fato, ele cometera um êrro ao mandar seu irmão mais moço, Michael, matar o turco e o capitão da polícia. Embora fosse necessário num sentido tático, numa estratégia a longo prazo isso provou ser um erro calamitoso. Forçara finalmente Don Corleone a se levantar de sua cama de enfermo. Privara Michael de dois anos de valiosa experiência e rigoroso treinamento sob a orientação do pai. E evidentemente escolher um irlandês para *consigliori* fora a única tolice que Don Corleone perpetrou em toda a sua carreira. Nenhum irlandês podia igualar um siciliano em astúcia. Esta era a opinião de todas as Famílias, e elas naturalmente mostravam-se mais respeitosas para com a aliança Barzini-Tattaglia do que para com os Corleone. A opinião delas a respeito de Michael era que ele não era igual a Sonny em força, embora certamente fôsse mais inteligente, porém não mais inteligente do que o pai. Um sucessor medíocre e um homem que não devia ser muito temido.

Além disso, embora Don Corleone fosse geralmente admirado por sua habilidade diplomática em fazer a paz, o fato de não ter êle vingado a morte de Sonny contribuiu para que a Família perdesse grande parte de seu prestígio. Reconhecia-se que tal habilidade diplomática proviera unicamente de fraqueza.

Tudo isso era sabido pelos homens que se achavam reunidos naquela sala, e talvez até acreditado por poucos. Carlo Rizzi gostava de Michael, mas não o temia como temera Sonny. Clemenza, também, embora concedesse a Michael um crédito de bravura por ter assassinado o turco e o capitão da polícia, não podia deixar de achar que Michael era muito mole para ser Don. Clemenza esperara ter permissão para formar sua própria Família, para ter seu próprio império, separado dos Corleone. Mas o Don respondera que não concedia licença para isso, e Clemenza respeitava muito o Don e não ousava desobedecer tal decisão. A menos que a situação se tornasse de todo intolerável.

Tessio tinha uma opinião melhor de Michael. Percebia algo mais no jovem: uma força habilmente mantida oculta, um homem que procurava manter ciosamente resguardada a sua verdadeira força, seguindo o preceito de Don Corleone de que um amigo deve sempre subestimar as nossas virtudes e um inimigo sobrestimar os nossos defeitos.

O próprio Don Corleone e Tom Hagen evidentemente confiavam bastante em Michael. O Don jamais teria se aposentado, se não tivesse absoluta fé na habilidade do filho em recuperar o prestígio da Família. Hagen fora o professor de Michael durante os últimos dois anos e estava espantado com a facilidade com

que Michael apreendera toda a complexidade do negócio da Família. Ele era verdadeiramente filho do pai.

Clemenza e Tessio estavam aborrecidos com Michael porque ele reduzira a força dos *regimes* deles e nunca reconstituíra o *regime* de Sonny. A Família Corleone, com efeito, tinha agora apenas duas divisões de combate com menos pessoal do que antes. Clemenza e Tessio consideravam isso um suicídio, especialmente quando os Barzini e Tattaglia invadiam vários setores do império dos Corleone. Assim esperavam agora que tais erros fossem corrigidos naquela reunião extraordinária convocada pelo Don.

Michael começou a contar-lhes a viagem a Las Vegas e a recusa de Moe Greene à proposta para vender a sua parte.

— Mas lhe faremos uma oferta que ele não poderá recusar — acrescentou ele. — Vocês já sabem do projeto da Família Corleone para transferir as suas operações para o Oeste. Teremos quatro dos hotéis-cassinos na Faixa. Mas não podemos realizá-lo neste momento. Precisamos de tempo para acertar as coisas.

Dirigindo-se diretamente a Clemenza, falou:

— Pete, você e Tessio, quero que vocês fiquem a meu lado durante um ano sem perguntas e sem reservas. No fim desse ano, vocês dois podem separar-se da Família Corleone e tornar-se seus próprios chefes, ter suas próprias Famílias. Evidentemente, não preciso dizer que manteremos nossa amizade. Eu não desapontaria vocês, pois o respeito de vocês por meu pai não esqueço um instante sequer. Mas até o término desse tempo, quero que vocês sigam a minha liderança e não se preocupem. Há negociações em andamento sobre isso que resolverão problemas que vocês consideram insolúveis. Portanto, peço apenas que sejam um pouco pacientes.

— Se Moe Greene deseja falar com o seu pai, por que não deixá-lo fazer isso? — perguntou Tessio. — Don Corleone sempre conseguiu convencer qualquer pessoa, nunca houve alguém que pudesse resistir à sua argumentação.

— Estou aposentado — atalhou Don Corleone. — Michael perderia o respeito de vocês, se eu interviesse no assunto. Além disso, ele é um homem com quem eu não gostaria de falar.

Tessio lembrou-se das histórias que ouvira sobre Moe Greene, que esbofeteara Freddie Corleone uma noite no hotel de Las Vegas. Começou a desconfiar de algo. Recostou-se na cadeira. Moe Greene era um homem morto, pensou ele. A Família Corleone *não desejava* convencê-lo.

Carlo Rizzi perguntou:

— A Família Corleone vai deixar totalmente de operar em Nova York?

Michael acenou com a cabeça afirmativamente.

— Venderemos o negócio de azeite. Tudo o que pudermos passaremos para Tessio e Clemenza. Mas, Carlo, não quero que você se preocupe com o seu emprego. Você foi criado em Nevada, você conhece o Estado, conhece o povo. Estou contando com você para ser meu braço direito quando a gente se mudar para lá.

Carlo recostou-se na sua cadeira, com o rosto vermelho de satisfação. A sua hora estava chegando, ele se empolgava com o aceno do poder.

— Tom Hagen não é mais o *consigliori* — prosseguiu Michael. — Vai ser nosso advogado em Las Vegas. Daqui a uns dois meses, êle se mudará para lá, em caráter permanente, com a família. Exclusivamente como advogado. Ninguém lhe apresentará qualquer outro assunto a partir de agora, deste instante. Ele é advogado, e só isso. Nada tenho de desabonador contra Tom. Apenas quero a coisa assim. Além disso, se precisar de conselho, alguma vez, quem pode ser melhor conselheiro do que meu pai?

Todos riram. Mas compreenderam bem a mensagem, apesar da piada. Tom Hagen estava fora do negócio, não mais exercia qualquer poder. Todos relancearam um olhar para Hagen, a fim de ver a sua reação, mas o seu rosto se mantinha impassível.

Clemenza perguntou com a sua voz ofegante de homem gordo:

— Então, daqui a um ano estaremos por nossa própria conta, não é isso?

— Talvez até em menos tempo — respondeu Michael amavelmente. — Evidentemente, vocês podem continuar sempre a fazer parte da Família, cabe a vocês mesmos escolher. Mas a maior parte de nossa força estará lá no Oeste e talvez vocês prefiram organizar-se por sua própria conta.

— Nesse caso — atalhou Tessio — penso que devemos ter permissão para arranjar mais homens para nossos *regimes*. Esses salafrários dos Barzini continuam a se meter em meu território. Acho que seria aconselhável dar-lhes uma pequena lição de boas maneiras.

Michael balançou a cabeça.

— Não. Não é bom. Continue quieto. Tudo isso vai ser negociado, tudo vai ser arranjado antes de irmos embora.

Tessio não se satisfez tão facilmente. Falou com o Don diretamente, arriscando-se a contrariar a vontade de Michael.

— Perdoe-me, Padrinho, que os nossos anos de amizade me sirvam de desculpa. Mas acho que você e seu filho estão completamente enganados a respeito do negócio de Nevada. Como podem vocês esperar ter êxito lá sem a sua força aqui para apoiá-los? As duas coisas andam de braços dados. E, estando

vocês longe daqui, os Barzini e os Tattaglia serão muito fortes para nós. Eu e Pete teremos complicações, ficaremos sob o domínio deles mais cedo ou mais tarde. E Barzini é um homem que não me agrada. O que digo é que a Família Corleone deve dar um passo com base em sua força, não em sua fraqueza. Devemos reforçar os nossos *regimes* e retomar os nossos territórios perdidos na ilha de Staten pelo menos.

Don Corleone balançou a cabeça:

— Fiz a paz, lembre-se, não posso deixar de cumprir a minha palavra.

Tessio se recusou a calar.

— Todos sabem que Barzini tem provocado você desde então. E, além disso, se Michael é o novo chefe da Família Corleone por que impedir que ele tome qualquer atitude que achar conveniente? Ele não é obrigado a cumprir rigorosamente a sua palavra.

Michael interrompeu-o abruptamente. Disse a Tessio, bem compenetrado de que era o chefe agora:

— Há coisas que estão sendo negociadas que responderão as suas perguntas e acabarão com as suas dúvidas. Se a minha palavra não basta para você, pergunte ao Don.

Mas Tessio compreendeu finalmente que tinha ido muito longe. Se ele se atrevesse a perguntar ao Don, tornaria Michael seu inimigo. Assim deu de ombros e arrematou:

— Falei para o bem da Família, não para o meu próprio. Posso cuidar de mim.

Michael riu amavelmente para ele.

— Tessio, nunca duvidei de você de forma alguma. Nunca. Mas confie em mim. Evidentemente não sou igual a você e a Pete nessas coisas, mas afinal de contas meu pai me orientou. Não agirei tão mal assim, todos nos sairemos muito bem.

A reunião estava terminada. A grande notícia fora que Clemenza e Tessio teriam permissão para formar suas próprias Famílias com base em seus *regimes*. Tessio controlaria o jogo e as docas no Brooklyn, e Clemenza ficaria com o jogo em Manhatan e os contatos da Família nos hipódromos de Long Island.

Os dois *caporegimes* partiram não muito satisfeitos, ainda um pouco inquietos. Carlo Rizzi continuou por uns momentos a pensar que tinha chegado a hora de ser finalmente tratado como um membro da família, mas logo percebeu que Michael não tinha isso em mente. Deixou o Don, Tom Hagen e Michael a sós na sala da biblioteca. Albert Neri acompanhou-o até a porta da casa e Carlo notou que Neri ficou no vão da porta observando-o atravessar a alameda iluminada.

Na biblioteca, os três homens ficaram à vontade como somente podem ficar as pessoas que viveram anos juntas na mesma casa, na mesma família. Michael serviu um pouco de aniseta a

Don Corleone e uísque a Tom Hagen. Ele mesmo tomou um trago, o que raramente acontecia.

Tom Hagen falou primeiro.

— Mike, por que você está me cortando do negócio?

Michael pareceu surpreender-se.

— Você será o meu homem número um em Las Vegas. Nós estaremos cem por cento legalizados e você será o nosso elemento jurídico. Que é que pode ser mais importante do que isso?

Hagen deu um sorriso um pouco triste.

— Não estou falando nisso. Estou falando no fato de Rocco Lampone organizar um *regime* secreto sem o meu conhecimento. Estou falando no fato de você tratar diretamente com Neri e não por meu intermédio ou através de um *caporegime*. A menos que você não saiba o que Lampone está fazendo.

— Como você descobriu esse negócio do *regime* de Lampone? — perguntou Michael brandamente.

Hagen deu de ombros.

— Não se preocupe, nada transpirou, ninguém mais sabe. Mas na minha posição posso ver o que acontece. Você deu a Lampone um meio de vida próprio, você deu a ele um bocado de liberdade. Portanto, ele precisa de gente para ajudá-lo no seu pequeno império. Mas todo sujeito que ele arranja tem de ser comunicado a mim. E noto que todo sujeito que ele põe na folha de pagamento é um pouco bom demais para essa determinada função, ganha um pouco mais de dinheiro do que vale a atividade que êle exerce. A propósito, você pegou o homem certo quando escolheu Lampone. Êle está agindo com toda a perfeição.

Michael fez uma careta.

— Não com tanta perfeição se você chegou a perceber. De qualquer modo, o Don escolheu Lampone.

— Muito bem, — anuiu Tom — então, estou cortado do negócio?

Michael olhou fixamente para ele e, sem vacilar, respondeu-lhe diretamente:

— Tom, você não é um *consigliori* para o tempo de guerra. As coisas podem tornar-se duras com esse passo que pretendemos dar e talvez tenhamos de brigar. E quero manter você fora da linha de fogo também, para qualquer eventualidade.

O rosto de Hagen ficou vermelho. Se Don Corleone lhe tivesse dito a mesma coisa, ele a aceitaria humildemente. Mas de onde diabo tinha saído Mike para fazer aquele julgamento inesperado?

— Muito bem, — respondeu ele — mas acontece que tenho de concordar com Tessio. Acho que você está procedendo nisso de maneira inteiramente errada. Você está querendo dar esse passo movido pela fraqueza, não pela força. Isso é sempre mau.

Barzini é como um lobo, e se ele o estraçalhar totalmente, as outras Famílias não virão correndo ajudar os Corleone.

Don Corleone falou finalmente:

— Tom, a decisão não é bem de Michael. Eu o aconselhei nessas questões. Há coisas que talvez tenham de ser feitas pelas quais não quero, de forma alguma, ser responsabilizado. Isso é meu desejo, não de Michael. Nunca pensei que você fosse mau *consigliori*, considerei Santino um mau Don, que sua alma repouse em paz. Ele tinha um bom coração, mas não era o homem certo para dirigir a Família quando sofri a minha pequena desgraça. E quem pensaria que Fredo se tornaria um lacaio de mulheres? Portanto, não se sinta desprestigiado. Michael tem toda a minha confiança como você também tem. Por motivos que você não pode saber, você não deve tomar parte no que poderá acontecer. A propósito, eu disse a Michael que o *regime* secreto de Lampone não escaparia ao seu olho. Portanto, isso mostra que tenho fé em você.

Michael deu uma gargalhada.

— Sinceramente, eu não acreditava que você descobrisse isso, Tom.

Hagen compreendeu que estava sendo amolecido.

— Talvez eu possa ajudar — disse ele.

Michael balançou a cabeça decididamente.

— Você está fora do negócio, Tom.

Hagen terminou a sua bebida e antes de ir embora fez uma censura branda a Michael.

— Você é quase tão bom quanto seu pai — disse ele a Michael. — Mas há ainda uma coisa que você precisa aprender.

— Que é? — perguntou Michael delicadamente.

— A dizer "não" — respondeu Hagen.

Michael acenou com a cabeça gravemente.

— Você tem razão — retrucou ele. — Eu me lembrarei disso.

Quando Hagen partiu, Michael disse brincando para o pai:

— Assim, você me ensinou tudo o mais. Diga-me como dizer "não" às pessoas de um modo que elas gostem.

Don Corleone andou um pouco e foi sentar-se atrás da grande escrivaninha.

— A gente não pode dizer "não" a pessoas de quem gosta, nem sempre. Este é o segredo. E então quando a gente diz, esse "não" tem de soar como um "sim". Ou a gente tem de fazê-las dizer "não". Você ainda precisa de muito tempo e muito aborrecimento para aprender isso. Mas eu sou um velho antiquado, você é a geração moderna, não preste atenção ao que estou dizendo.

Michael deu uma gargalhada.

— Certo. Você concorda que Tom deve ficar de fora, entretanto, não é verdade?

O Don acenou com a cabeça.

— Ele não pode ser envolvido nisso.

— Acho que é hora de eu dizer a você — disse Michael calmamente — que o que vou fazer não é puramente uma vingança por Apollonia e Sonny. É a coisa certa a fazer. Tessio e Tom têm razão a respeito de Barzini.

Don Corleone acenou com a cabeça.

— A vingança é um prato que sabe melhor quando frio — disse ele. — Eu não teria feito essa paz, se não soubesse que de outro modo você jamais voltaria vivo para casa. Estou surpreso, entretanto, que Barzini tenha ainda feito uma última tentativa para matar você. Talvez isso tivesse sido combinado antes da conversação de paz e ele não pudesse mais impedir a tentativa. Você tem certeza de que eles não estavam atrás de Don Tommasino?

— Era isso o que eles queriam que parecesse — respondeu Michael. — E teria sido perfeito, mesmo que você nunca tivesse suspeitado. Exceto que eu saí vivo. Vi Fabrizzio sair pelo portão correndo. E evidentemente eu averiguei tudo desde que voltei.

— Encontraram aquele pastor? — indagou Don Corleone.

— Eu o encontrei — respondeu Michael — Eu o encontrei há coisa de um ano. Ele tem uma pequena *pizzaria* lá em Buffalo. Nome trocado, passaporte e identificação falsos. Ele está representando muito bem, mas é Fabrizzio o pastor.

O Don acenou com a cabeça.

— Então não adianta nada esperar mais. Quando você vai começar?

— Quero esperar até depois que Kay tiver o filho — respondeu Michael. — Apenas para a eventualidade de que algo corra mal. E quero Tom instalado em Las Vegas para que ele não se preocupe com o caso. Penso que daqui a um ano.

— Você preparou tudo? — perguntou o Don sem olhar para Michael.

— Você não toma parte nisso — respondeu Michael calmamente. — Você não é responsável. Assumo toda a responsabilidade. Eu recusaria até que você vetasse isso. Se você tentasse isso agora, eu deixaria a Família e seguiria meu próprio caminho. Você não é responsável.

O Don permaneceu calado por muito tempo e depois suspirou. Finalmente, falou:

— Assim seja. Talvez seja por isso que estou aposentado, talvez seja por isso que transferi tudo para você. Já cumpri minha tarefa na vida, não tenho mais coragem. E há certos deveres que o melhor dos homens não pode cumprir. Este é o caso, no momento.

Durante aquele ano, Kay Adams Corleone deu à luz o seu segundo filho, outro menino. O parto transcorreu facilmente, sem

qualquer complicação, e ela quando voltou da maternidade foi recebida na alameda como uma princesa. Connie Corleone presenteou a criança com um enxoval de seda feito a mão na Itália, extraordinariamente caro e bonito.

— Carlo achou-o — disse ela a Kay. — Ele percorreu todas as lojas de Nova York para arranjar algo especial depois que eu não consegui encontrar nada que realmente me agradasse.

Kay agradeceu sorrindo, compreendendo imediatamente que devia contar essa bela história a Michael. Ela estava a caminho de se tornar siciliana.

Também durante aquêle ano, Nino Valenti morreu de hemorragia cerebral. A sua morte foi noticiada com destaque na imprensa porque o filme que Johnny Fontane tinha feito com ele estreara algumas semanas antes e estava alcançando um estupendo sucesso, consagrando Nino como um astro de primeira grandeza. Os jornais mencionavam que Johnny Fontane estava providenciando pessoalmente as cerimônias fúnebres, que o enterro seria discreto, só comparecendo pessoas da família e amigos íntimos. Uma história sensacionalista chegava a contar que Johnny Fontane, numa entrevista, se considerava culpado pela morte do amigo, que ele o deveria ter obrigado a submeter-se a tratamento médico, mas o repórter fazia isso parecer como se fosse a auto-recriminação de um espectador sensível, mas inocente, de uma tragédia. Johnny Fontane fizera do seu amigo de infância, Nino Valenti, um astro de cinema, e que mais poderia um amigo fazer?

Nenhum membro da Família Corleone compareceu ao enterro na Califórnia a não ser Freddie. Lucy e Jules Segal estiveram presentes. O próprio Don Corleone pretendia ir à Califórnia, mas sofreu um pequeno ataque do coração, que o manteve no leito por um mês. Mandou então uma enorme coroa de flores. Albert Neri foi enviado ao Oeste como o representante oficial da Família.

Dois dias depois do enterro de Nino, Moe Greene foi morto a tiros na casa de sua amante, uma artista de cinema, em Hollywood; Albert Neri só reapareceu em Nova York quase um mês depois. Tinha passado suas férias nas Antilhas e voltara ao trabalho bastante queimado de sol. Michael Corleone recebeu-o com um sorriso e algumas palavras de elogio, que incluíam a informação de que Neri receberia dali em diante uma "gratificação" extra, a renda da Família proveniente de um *bookmaker* da Zona Leste considerado bastante rico. Neri sentiu-se contente, satisfeito por viver num mundo que recompensava dignamente o homem que cumpria o seu dever.

Capítulo 29

Michael Corleone tomara precauções contra qualquer eventualidade. O seu plano era perfeito, a sua segurança impecável. Ele era paciente, esperando usar o ano inteiro para preparar o seu golpe. Mas não foi preciso esperar o ano inteiro que achava necessário, porque o próprio destino conspirou contra ele, e da maneira mais surpreendente. Pois foi o Padrinho, o próprio grande Don, quem estragou o plano de Michael Corleone.

Numa ensolarada manhã de domingo, enquanto as mulheres estavam na igreja, Don Vito Corleone vestiu o seu uniforme de hortelão: calças cinzentas largas, camisa azul-desmaiado, chapéu de feltro batido, de cor marrom e já sujo, adornado com uma fita de seda cinza manchada. O Don engordara bastante nos últimos anos e trabalhava na sua plantação de tomates, dizia ele, para o bem de sua saúde. Mas não enganava ninguém.

A verdade era que ele gostava de cuidar de sua horta: gostava de vê-la de manhã cedo. Fazia-o lembrar-se da sua infância na Sicília há 60 anos passados, fazia-o lembrar-se disso sem o terror, a tristeza da morte do seu próprio pai. Agora os feijões em suas fileiras faziam nascer pequenas flores brancas no alto: talos verdes fortes de alho-porro cercavam tudo por ali. Num canto da horta, havia um barril com esguicho como se estivesse de guarda. Estava cheio de estrume de vaca líquido, o melhor fertilizante de hortas. Também naquela parte inferior da horta estavam as armações quadradas de madeira que Don Corleone havia

contruído com as suas próprias mãos, as varas amarradas com um grosso cordão branco. Em torno dessas armações, enroscavam-se as plantas trepadeiras, isto é, os tomateiros.

Don Corleone apressou-se em irrigar a horta. Isso devia ser feito antes que o sol se tornasse muito quente e deixasse a água escaldante, o que poderia cozinhar as folhas de alface.

Don Corleone movimentava-se pela horta à procura de formigas. Se ele constatasse a presença delas, isso significava que havia piolhos nos seus legumes e verduras, e as formigas iam atrás dos piolhos e ele teria de aplicar o inseticida.

Ele irrigara na hora exata. O sol estava esquentando e o Don pensava: "Prudência. Prudência." Mas havia ainda algumas plantas mais para serem sustentadas pelas varas e ele se abaixou novamente. Voltaria para dentro de casa quando acabasse essa última fileira.

Sùbitamente, Don Corleone sentiu como se o sol tivesse baixado até bem perto de sua cabeça. O ar estava cheio de partículas douradas dançando. O filho mais velho de Michael veio correndo pela horta na direção do lugar onde o Don se ajoelhara e o menino estava envolvido por um escudo amarelo de luz cegante. Mas o Don não se deixava enganar assim, era um homem muito velho. A morte se escondia por trás desse escudo amarelo flamejante, pronta para atacá-lo, e o Don com um aceno de mão avisou o garoto que se afastasse de sua presença. Justamente na hora. O golpe de martelo dentro do peito fê-lo sufocar, perder a respiração. O Don atirou-se de bruços na terra.

O menino saiu correndo para chamar o pai. Michael Corleone e alguns homens que estavam no portão da alameda correram para o jardim e encontraram Don Corleone estirado no chão, agarrando punhados de terra. Levantaram-no e o conduziram para a sombra do pátio de pedra. Michael ajoelhou-se ao lado do pai, segurando-lhe a mão, enquanto os outros homens telefonavam pedindo uma ambulância.

Com um grande esforço o Don abriu os olhos para ver o filho uma vez mais. O violento ataque cardíaco tornou o seu rosto corado quase azul. Ele estava nas últimas. Sentia o cheiro da horta, o escudo amarelo de luz feria-lhe os olhos, e ele murmurou:

— A vida é tão bonita.

Foi poupado da triste cena de ver as lágrimas das mulheres de sua família, morrendo quando elas estavam na igreja, antes da ambulância chegar, sem qualquer socorro médico. Morreu cercado de homens, segurando a mão do filho que ele mais amara.

O enterro foi uma cerimônia comovente. As cinco Famílias mandaram os seus Dons e *caporegimes*, como também as Famílias Tessio e Clemenza. Johnny Fontane apareceu com destaque

nos jornais por comparecer ao enterro, apesar do conselho de Michael para que não fosse. Johnny fez uma declaração à imprensa afirmando que Vito Corleone era seu Padrinho e o homem mais decente que ele já conhecera e que se sentia honrado em lhe poder prestar as suas últimas homenagens, e pouco se importava que todo mundo soubesse disso.

O velório foi feito na casa da alameda, à moda antiga. Amerigo Bonasera nunca fizera trabalho mais impressionante, desincumbira-se de todas as obrigações, preparando seu velho amigo e Padrinho tão carinhosamente como uma mãe prepara uma filha para o casamento. Todos comentaram como nem mesmo a morte conseguira apagar a nobreza e a dignidade do semblante do grande Don e tais observações fizeram Amerigo Bonasera encher-se de orgulho consciente, um curioso senso de poder. Somente ele sabia que massacre terrível a morte perpetrara na fisionomia de Don Corleone.

Todos os velhos amigos e servidores também vieram. Nazorine, sua mulher, sua filha com o marido e os respectivos filhos, Lucy Mancini veio com Freddie de Las Vegas. Tom Hagen e sua mulher e filhos, os Dons de São Francisco e Los Angeles, Boston e Cleveland. Rocco Lampone e Albert Neri carregaram o caixão juntamente com Clemenza e Tessio e, naturalmente, os filhos do Don. A alameda e todas as suas casas estavam cheias de coroas de flores.

Fora dos portões da alamêda, aglomeravam-se os jornalistas e fotógrafos, enquanto, em uma camioneta que se sabia ser do FBI, agentes com suas máquinas de filmar registravam o acontecimento. Alguns repórteres que tentaram penetrar para ver a cerimônia fúnebre lá dentro verificaram que o portão e o cercado eram controlados por guardas de segurança que exigiam que mostrassem identificação e convite para entrar. E embora fossem tratados com a maior cortesia — até refrescos foram enviados para eles lá fora —, não se permitiu que eles entrassem. Tentaram falar com algumas das pessoas que saíam, mas estas se mostravam impassíveis como pedra e não pronunciavam uma sílaba sequer.

Michael Corleone passou a maior parte do dia na sala da biblioteca com Kay, Tom Hagen e Freddie. Pessoas foram introduzidas ali para vê-lo, para apresentar condolências. Michael recebia-as com toda a cortesia, mesmo quando alguns se dirigiam a ele chamando-o de Padrinho ou Don Michael; somente Kay percebia que ele comprimia os lábios indignado.

Clemenza e Tessio vieram unir-se a esse círculo íntimo e Michael pessoalmente serviu-lhes uma bebida. Houve alguma conversa sobre negócios. Michael informou-os de que a alameda e todas as suas casas seriam vendidas a uma firma construtora. Com um lucro enorme, outra prova ainda do gênio do grande Don.

Todos compreendiam que agora o império estaria no Oeste. Que a Família Corleone liquidaria o seu poder em Nova York. Tal atitude estava aguardando apenas a aposentadoria ou a morte do Don.

Já haviam transcorrido quase dez anos que tinha havido tamanha concorrência de pessoas naquela casa, quase dez anos que ocorrera o casamento de Constanzia Corleone e Carlo Rizzi, comentou alguém. Michael aproximou-se da janela que dava para o jardim. Naquele tempo tão distante ele estava sentado no jardim com Kay sem nem sequer sonhar que teria destino tão curioso. E o pai ao morrer dissera: "A vida é tão bonita".

Michael não se lembrava de ter ouvido jamais o pai pronunciar uma palavra sobre a morte, como se o Don respeitasse bastante a morte para filosofar sobre ela.

Era hora de ir para o cemitério. Era hora de enterrar o grande Don. Michael enlaçou o seu braço no de Kay e foi para o jardim juntar-se ao grupo de acompanhantes do enterro. Atrás dêle, vinham os *caporegimes* seguidos de seus soldados e depois tôdas as pessoas humildes que o Padrinho tinha protegido durante a vida. O padeiro Nazorine, a viúva Colombo e seus filhos e os incontáveis indivíduos do seu mundo que ele governara de maneira tão firme, mas tão justa. Havia até alguns que tinham sido seus inimigos, mas que vieram prestar sua derradeira homenagem.

Michael observava tudo isso com um riso contido, delicado. Não estava impressionado. Contudo, pensava ele: "Se eu pudesse morrer dizendo: A vida é tão bonita, então nada mais é importante. Se eu puder acreditar em mim tanto assim, nada mais importa." Ele seguiria o pai. Cuidaria dos seus filhos, da sua família, do seu mundo. Mas os seus filhos cresceriam num mundo diferente. Seriam médicos, artistas, cientistas, governadores, presidentes. Qualquer coisa. Faria o possível para que êles se unissem à família geral da humanidade, mas ele, como um pai poderoso e prudente, com toda a certeza exerceria uma prudente vigilância sobre essa família geral.

Na manhã depois do enterro, todos os funcionários de maior importância da Família Corleone se reuniram na alameda. Pouco antes do meio-dia, foram admitidos na casa vazia do Don. Michael Corleone os recebeu.

A sala da biblioteca estava quase totalmente cheia. Encontravam-se lá os dois *caporegimes*, Clemenza e Tessio; Rocco Lampone, com seu ar moderado, equilibrado; Carlo Rizzi, muito quieto, conhecendo muito bem o seu lugar; Tom Hagen abandonando o seu papel exclusivamente de advogado para se reunir à Família naquele transe; Albert Neri procurando ficar fisicamente perto de Michael, acendendo o cigarro do seu novo Don, preparando-lhe a bebida, tudo para mostrar uma lealdade

inabalável, apesar do recente desastre que ocorrera à Família Corleone.

A morte do Don era uma grande desgraça para a Família. Sem ele, parecia que metade de sua força tinha desaparecido e quase todo o poder de negociar contra a aliança Barzini-Tattaglia. Todos os presentes na sala sabiam disso e esperavam o que Michael tinha a dizer. Para eles, Michael ainda não era o novo Don; ele ainda não fizera por merecer a posição ou o título. Se o Padrinho não tivesse morrido, teria assegurado a ascensão do filho como seu sucessor: agora era indubitavelmente certo.

Michael esperou que Neri servisse as bebidas. Depois falou calmamente:

— Quero apenas dizer a todos os que estão aqui que compreendo como se sentem. Sei que todos vocês respeitavam meu pai, mas agora devem se preocupar com vocês mesmos e com as suas famílias. Alguns de vocês estão em dúvida sobre como o que aconteceu vai afetar os planos que tracei e as promessas que fiz. Bem, a resposta a isso é: nada. Tudo continua como antes.

Clemenza balançou a sua grande cabeça de búfalo. O seu cabelo era grisalho e as suas feições, mais profundamente acentuadas em camadas adicionais de gordura, apresentavam um aspecto desagradável.

— Os Barzini e os Tattaglia vão começar agora a nos dar duro mesmo, Mike. Você tem de lutar ou fazer acordo com eles.

Todos na sala perceberam que Clemenza não se dirigira de modo formal a Michael nem tampouco usara o título de Don ao falar com ele.

— Vamos esperar para ver o que acontece — retrucou Michael. — Vamos deixar que eles rompam a paz primeiro.

— Eles já romperam, Mike — acrescentou Tessio na sua voz macia. — Abriram duas agências de *bookmaker* no Brooklyn esta manhã. Eu soube disso por intermédio do capitão da polícia que faz a "lista de proteção" no distrito policial. Dentro de um mês, não terei mais nem um lugar para pendurar o chapéu em todo o Brooklyn.

Michael olhou para ele pensativamente.

— Você já fez algo a respeito?

Tessio balançou a sua pequena cabeça de furão.

— Não — respondeu ele. — Eu não quis criar problemas para você.

— Ótimo — retrucou Michael. — Aguente firme. E acho que é isso o que quero dizer a todos vocês. Agüentem firme. Não reajam a qualquer provocação. Dêem-me algumas semanas para acertar as coisas, para ver em que direção o vento vai soprar. Então farei a melhor coisa que puder para todos os que estão aqui. Então faremos uma reunião definitiva e tomaremos algumas decisões finais.

Michael não tomou conhecimento da surpresa demonstrada por eles e mandou Albert Neri acompanhá-los até a saída. E abruptamente falou:

— Tom, espere alguns minutos.

Hagen foi até a janela que dava para a alameda. Esperou até ver que os *caporegimes* e Carlo Rizzi e Rocco Lampone acompanhados de Neri haviam atravessado o portão guardado. Depois voltou-se para Michael e perguntou:

— Você já tem todas as ligações políticas sob seu controle?

Michael balançou a cabeça com pesar.

— Todas não. Preciso de mais uns quatro meses. O Don e eu estávamos trabalhando nisso. Mas já conheço todos os juízes, fizemos isso primeiro, e alguns dos elementos mais importantes do Congresso. E a rapaziada do grande partido aqui em Nova York não foi problema, naturalmente. A Família Corleone é bem mais forte do que muita gente pensa, mas eu esperava tornar isso claro.

Ele sorriu para Hagen e arrematou:

— Acho que você compreendeu tudo agora.

Hagen acenou com a cabeça.

— Não foi difícil. A não ser quando você me pôs fora do negócio. Mas comecei a raciocinar à moda siciliana e finalmente compreendi isso também.

Michael deu uma gargalhada.

— O velho disse que você compreenderia. Mas isso é um luxo a que não posso mais me dar. Preciso de você aqui. Pelo menos nas próximas semanas. É melhor você telefonar para Las Vegas e falar com sua mulher. Diga a ela que você ficará aqui apenas algumas semanas.

— Como é que você acha que eles virão a você? — perguntou Hagen pensativamente.

Michael suspirou.

— O Don me instruiu. Por intermédio de alguém íntimo. Barzini entrará em contato comigo através de alguém íntimo, de quem, aparentemente, eu não desconfie.

Hagen sorriu para ele e disse:

— Alguém como eu.

Michael retribuiu o sorriso e retrucou:

— Você é irlandes, eles não confiarão em você.

— Eu sou teuto-americano — respondeu Hagen.

— Para eles, isso é irlandes — retrucou Michael. — Eles não procurarão você e não procurarão Neri porque ele é um ex-policial. Ainda mais, vocês dois são muito chegados a mim. Eles não podem arriscar tanto. Rocco Lampone não é bastante íntimo. Nem tampouco Clemenza, Tessio ou Carlo Rizzi o são.

— Aposto que vai ser Carlo — comentou Hagen.

— Veremos — respondeu Michael. — Não vai demorar muito.

Foi na manhã seguinte, enquanto Hagen e Michael estavam tomando o *breakfast* juntos. Michael atendeu um telefonema na biblioteca e, quando voltou para a cozinha, disse para Hagen:

— Está tudo combinado. Vou-me encontrar com Barzini daqui a uma semana. Para estabelecer uma nova paz agora que o Don morreu.

Michael deu uma gargalhada.

— Quem telefonou para você, quem fez o contato? — perguntou Hagen.

Ambos sabiam que o elemento da Família Corleone, quem quer que fosse, que tivesse feito o contato se tornaria traidor.

Michael respondeu a Hagen com um sorriso pesaroso:

— Tessio.

Comeram o resto do *breakfast* em silêncio. Ao café, Hagen balançou a cabeça.

— Eu poderia jurar que seria Carlo ou talvez Clemenza. Jamais imaginei Tessio. É o melhor da turma.

— É o mais inteligente — respondeu Michael. — E ele fez o que lhe parece ser a coisa mais engenhosa. Ele me expõe ao golpe de Barzini e herda a Família Corleone. Ele está do meu lado e sai limpo do negócio, pensa que eu não posso ganhar.

Hagen fez uma pausa e perguntou com relutância:

— Até onde ele está pensando certo?

Michael deu de ombros.

— A coisa não parece boa. Mas meu pai era a única pessoa que sabia que ligações e poder políticos valem dez *regimes*. Penso que tenho agora nas mãos a maior parte do poder político do meu pai, mas sou a única pessoa que realmente sabe disso.

Êle sorriu para Hagen tranqüilizadoramente:

— Eu os farei chamar-me de Don. Mas me sinto enojado com Tessio.

— Você concordou em comparecer à reunião com Barzini? — perguntou Hagen.

— Concordei — respondeu Michael. — Daqui a uma semana. Em Brooklyn, no território de Tessio, onde estaremos seguros.

Michael deu outra gargalhada.

— Tome cuidado até lá — aconselhou Hagen.

Pela primeira vez Michael falou friamente a Hagen:

— Não preciso de um *consigliori* para me dar esse tipo de conselho — arrematou ele.

Durante a semana que precedeu a reunião de paz entre as Famílias Corleone e Barzini, Michael mostrou a Hagen como podia ser cauteloso. Não pôs o pé fora da alameda uma só vez, nem tampouco recebeu qualquer pessoa sem ter Neri a seu

lado. Houve apenas uma complicação desagradável. O filho mais velho de Connie e Carlo devia ser crismado na Igreja Católica e Kay pediu a Michael que fosse o Padrinho. Michael não aceitou.

— Não lhe peço muitas coisas — respondeu Kay. — Por favor, faça isso por mim. Connie deseja tanto que você faça. Carlo também. É muito importante para êles. Por favor, Michael.

Kay percebeu que ele ficou zangado com ela por insistir e esperava que êle recusasse. Portanto, ficou surpresa quando ele acenou com a cabeça e respondeu:

— Está bem. Mas não sairei da alameda. Diga a eles que arranjem para que o padre venha crismar o menino aqui. Eu pagarei, custe o que custar. Se eles encontrarem alguma dificuldade com o pessoal da igreja, Hagen acertará as coisas.

E, assim, no dia anterior à reunião com a Família Barzini, Michael Corleone serviu de Padrinho do filho de Carlo e Connie Rizzi. Ele presenteou o menino com um relógio de pulso extremamente caro e uma pulseira de ouro. Houve uma pequena festa na casa de Carlo, para a qual foram convidados os *caporegimes*, Hagen, Lampone e todas as pessoas que moravam na alameda, inclusive, naturalmente, a viúva de Don Corleone. Connie estava tão emocionada que abraçou e beijou o irmão e Kay durante toda a noite. E até Carlo Rizzi se tornou sentimental, apertando a mão de Michael e chamando-o de Padrinho a todo momento — um velho costume da Sicília. O próprio Michael nunca foi tão amável, tão expansivo. Connie sussurrou no ouvido de Kay:

— Acho que Carlo e Mike vão ser verdadeiros amigos agora. Uma coisa como essa sempre une as pessoas.

Kay apertou o braço da cunhada.

— Sinto-me tão feliz! — exclamou ela.

LIVRO VIII

Capítulo 30

Albert Neri estava sentado em seu apartamento do Bronx escovando cuidadosamente o seu antigo uniforme de sarja azul de policial. Tirou o distintivo e o pôs em cima da mesa para poli-lo. O coldre e o revólver regulamentares estavam colocados em cima de uma cadeira. Essa antiga e minuciosa rotina fazia-o feliz de um modo estranho, era uma das poucas vezes em que ele sentia satisfação desde que a mulher o abandonara, há quase dois anos.

Ele casara com Rita quando ela era ainda aluna do curso secundário e ele um policial recruta. Ela era tímida, tinha cabelo escuro e pertencia a uma família de italianos puritanos que nunca a deixava ficar na rua depois das dez horas da noite. Neri estava completamente apaixonado por ela, por sua inocência, por sua virtude, como também por sua beleza morena.

A princípio, Rita estava fascinada pelo marido. Ele era imensamente forte e ela via muita gente ter medo dele por causa de sua fôrça e de sua atitude inflexível quanto ao que era certo e errado. Raramente ele era habilidoso. Se discordava da atitude de um grupo ou da opinião de um indivíduo, conservava a boca fechada ou externava grosseiramente a sua contradição. Jamais apresentava um assentimento cortês. Tinha também um temperamento verdadeiramente siciliano e os seus acessos de fúria eram terríveis. Mas nunca se zangava com a esposa.

Neri no espaço de cinco anos se tornara um dos policiais mais temidos da corporação da cidade de Nova York. Também

um dos mais honestos. Mas tinha os seus meios próprios de cumprir a lei. Ele detestava delinqüentes juvenis e quando via um grupo de rapazes desordeiros promovendo agitação na rua, à noite, perturbando os transeuntes, ele tomava uma atitude rápida e decisiva. Empregava sua força física verdadeiramente extraordinária, o que ele próprio não apreciava totalmente.

Uma noite no Central Park, ele saltou do carro-patrulha e deteve seis rapazes de jaleco de seda preta. O seu companheiro ficou no assento do motorista, não querendo envolver-se, conhecendo Neri. Os rapazes, todos eles já beirando os vinte anos, estavam parando as pessoas para pedir cigarro de modo ameaçador, mas sem causar realmente qualquer mal físico a ninguém. Aborreciam também as garotas que passavam, fazendo um gesto obsceno mais francês do que americano.

Neri os enfileirou no muro de pedra que separa o Central Park da 8.ª Avenida. Era a hora crepuscular, mas Neri levava consigo a sua arma preferida, uma enorme lanterna. Ele nunca se preocupava em puxar o revólver: nunca era necessário. O seu rosto, quando ele se zangava, era tão ameaçador, combinado com seu uniforme, que os rapazes em geral se acovardavam. Êsses não foram exceção.

Neri perguntou ao primeiro rapaz de jaleco de seda preta:

— Como é seu nome?

O rapaz em resposta deu um nome irlandês.

— Sai da rua — ordenou ao rapaz. — Se eu o encontrar novamente esta noite, você se arrependerá.

Ele fez sinal com a lanterna e o rapaz se afastou a passos rápidos. Neri seguiu o mesmo processo com os dois rapazes seguintes, deixando-os ir em seguida. Mas o quarto rapaz deu um nome italiano e sorriu para Neri como que para invocar certo parentesco. Neri era indiscutivelmente de descendência italiana. Neri olhou para o rapaz por um momento e perguntou desnecessariamente:

— Você é italiano?

O rapaz sorriu confiantemente.

Neri vibrou-lhe uma pancada violenta na testa com a lanterna, fazendo-o cair de joelhos. A pele da testa do rapaz se abriu e o sangue começou a jorrar-lhe pelo rosto. Mas era apenas um ferimento superficial. Neri disse-lhe asperamente:

— Você, seu filho da puta, é uma vergonha para os italianos. Você difama todos nós. Ponha-se de pé.

Deu um pontapé na anca do rapaz, nem muito fraco, nem muito forte.

— Vá para casa e não fique na rua. Que eu também não o apanhe mais usando esse jaleco. Eu o mandarei para o hospital. Agora vá para casa. Você está com sorte por eu não ser seu pai.

Neri nem se incomodou com os outros dois rapazes. Ape-

nas deu-lhes um pontapé nas nádegas, enxotando-os e dizendo-lhes que não os queria ver mais na rua aquela noite.

Em tais encontros, tudo era feito com tamanha rapidez que não havia tempo para que juntasse gente ou para que alguém protestasse contra as atitudes do policial. Neri entrava logo no carro-patrulha e o seu companheiro arrancava imediatamente. É claro que de vez em quando apareciam sujeitos valentes que queriam brigar e às vêzes até puxavam faca. Coitados deles! Neri, agindo rapidamente com terrível ferocidade, batia neles impiedosamente e jogava-os dentro do carro-patrulha. Eles recebiam voz de prisão sob a acusação de agressão a uma autoridade policial. Mas geralmente só iam para a cadeia algum tempo depois, isto é, depois que saíssem do hospital.

Finalmente, Neri foi transferido para a zona em que se encontrava o edifício das Nações Unidas, principalmente porque faltou com o devido respeito ao sargento de seu distrito. O pessoal das Nações Unidas, com sua imunidade diplomática, estacionava suas *limousines* em todas as ruas sem qualquer obediência aos regulamentos do trânsito. Neri deu queixa no distrito policial e disseram-lhe para não fazer onda, que não tomasse conhecimento do fato. Mas uma noite aconteceu que uma rua lateral ficou intransitável devido aos automóveis negligentemente estacionados. Já passava da meia-noite, por conseguinte Neri tirou sua enorme lanterna do carro-patrulha e foi rua abaixo reduzindo pára-brisas a estilhaços. Não era fácil, mesmo para diplomatas de alto posto, ter os pára-brisas consertados rapidamente, tinham de esperar alguns dias. Choveram protestos no distrito policial exigindo providência contra esse ato de vandalismo. Depois de uma semana de quebra-quebra de pára-brisas, a verdade sobre o que estava realmente acontecendo chegou ao conhecimento de uma autoridade superior e Albert Neri foi transferido para o Harlem.

Num domingo, pouco tempo depois, Neri acompanhado da esposa, foi visitar a irmã viúva no Brooklyn. Albert Neri tinha pela irmã a profunda afeição protetora comum a todos os sicilianos e sempre a visitava pelo menos uma vez em cada dois meses para se assegurar de que ela estava bem. Ela era muito mais velha do que ele e tinha um filho de 20 anos de idade. O rapaz, de nome Thomas, sem a autoridade paterna, estava dando aborrecimentos. Tinha-se metido em algumas pequenas enrascadas, e estava ficando um pouco selvagem. Neri certa vez usara os seus contatos na organização policial para livrar o rapaz da acusação de furto. Nessa ocasião, ele conseguira controlar a sua raiva, mas avisou ao sobrinho:

— Tommy, se você fizer sua mãe chorar novamente por sua causa, quem vai ajustar contas com você sou eu.

Isso, porém, foi dito num tom de tio camarada, não consti-

tuindo realmente uma ameaça. Mas, mesmo sendo Tommy o pior elemento de todos os rapazes daquela zona "braba" de Brooklyn, ele tinha medo do tio Al.

Por ocasião dessa visita, Tommy chegara em casa muito tarde na noite de sábado e estava ainda dormindo em seu quarto. A mãe fora acordá-lo, dizendo que se vestisse para fazer a refeição domingueira em companhia do tio e da tia. A voz do rapaz fez-se ouvir asperamente através da porta do quarto parcialmente aberta:

— Que se danem, deixe-me dormir!

E a mãe voltou para a cozinha rindo e desculpando-se.

Assim tiveram de fazer a refeição sem ele. Neri perguntou à irmã se Tommy estava causando-lhe algum aborrecimento sério, e ela balançou a cabeça.

Neri e a mulher estavam quase para ir embora quando Tommy finalmente se levantou. Ele mal pronunciou um "olá" e foi para a cozinha. Finalmente gritou de lá para a mãe:

— Alô, mãe, quer preparar alguma coisa para eu comer?

Mas não era um pedido. Era a queixa manhosa de uma criança mimada.

A mãe respondeu estridentemente:

— Levante-se na hora da refeição para poder comer. Não vou cozinhar novamente só para você.

Era o tipo da cena horrorosa, aliás muito comum, mas Tommy ainda um pouco irritado do seu sono cometeu um erro.

— Ah, então, foda-se você e o seu mau humor, eu vou sair e comer lá fora!

Tão logo disse isso, Tommy se arrependeu.

O tio Al saltou-lhe em cima como um gato em cima de um rato. Não tanto pelo insulto à irmã naquele dia especial, mas porque era evidente que ele freqüentemente falava com a mãe daquele jeito quando os dois estavam a sós. Tommy nunca se atrevia a dizer tal coisa na presença do irmão da mãe. Mas naquele domingo ele se distraiu. Azar dele.

Ante os olhos apavorados das duas mulheres, Al Neri deu no sobrinho uma tremenda surra cautelosa e impiedosa. A princípio, o rapaz fez uma tentativa para se defender, mas logo desistiu e pediu misericórdia. Neri esbofeteou-lhe o rosto até que os seus lábios ficaram inchados e sangrando. Sacudiu a cabeça do rapaz para trás e jogou-o de encontro à parede. Socou-lhe o estomago, depois deitou-o de bruços no chão e bateu-lhe com o rosto no tapete. Pediu às duas mulheres que esperassem e fêz Tommy descer para a rua e entrar em seu carro. Então, disse o diabo ao rapaz.

— Se a minha irmã alguma vez me contar que você falou com ela novamente desse jeito, a surra que você levou hoje vai parecer uns beijinhos de mulher — avisou ele a Tommy. —

Quero ver você proceder como gente. Agora suba para casa e diga a minha mulher que estou esperando por ela.

Foi dois meses depois disso que Al Neri voltou para casa de um trabalho até tarde da noite na polícia e verificou que a mulher o tinha abandonado. Ela havia arrumado todas as suas coisas e retornado para a casa da família. O pai dela informou-o que Rita tinha medo dele, de que tinha medo de viver com ele por causa do seu gênio. Al ficou assombrado e não acreditou. Nunca batera na mulher, nunca a ameaçara de forma alguma, nunca sentira outra coisa a não ser amor por ela. Mas ficou tão atordoado com a atitude da esposa que resolveu deixar passar alguns dias para ir até a casa da família dela para falar com a mulher.

Deu azar porque na noite seguinte ele teve uma complicação no seu turno de trabalho. O carro dele recebeu um chamado do Harlem, uma comunicação de um assalto com morte. Como de costume, Neri saltou do carro-patrulha ainda em movimento. Já passava da meia-noite e ele levava a sua enorme lanterna. Foi fácil localizar a ocorrência. Havia uma multidão reunida do lado de fora da porta de uma casa de cômodos. Uma preta disse a Neri:

— Há um homem aí cortando uma mocinha.

Neri entrou no corredor. Havia uma porta aberta lá no fundo com a luz muito fraca e ele ouviu alguém gemendo. Ainda segurando a lanterna, foi andando pelo corredor e atravessou a porta aberta.

Quase caiu quando tropeçou em dois corpos estirados no chão. Um era de uma moça preta de cerca de 25 anos de idade. O outro era de uma menina preta que não tinha mais de 12 anos. Ambas estavam sangrando de cortes de navalha no rosto e no corpo. Na sala da frente, Neri viu o homem responsável pelo crime. Ele o conhecia bem.

O homem era Wax Baines, um conhecido cafetão, traficante de entorpecentes e valentão. Seus olhos estavam inchados, sob o efeito de entorpecentes: a faca ensangüentada que ele segurava na mão balançava. Neri o prendera duas semanas antes por agredir violentamente uma de suas prostitutas na rua. Baines lhe dissera:

— Escute, homem, você não tem nada com isso aqui.

E o companheiro de Neri também falara algo a respeito de deixar os pretos se cortarem uns aos outros, se assim o desejassem, mas Neri arrastou Baines para o distrito. Logo no dia seguinte, Baines foi solto sob fiança.

Neri jamais gostara de pretos, e trabalhar no Harlem o fez gostar ainda menos deles. Os pretos viviam tomando entorpecentes ou embriagando-se enquanto as mulheres trabalhavam ou pegavam homem. Ele não tinha a menor consideração por qualquer desses salafrários. Assim a descarada infração da lei cometida

por Baines o enfureceu. E a visão da menina toda cortada a navalha deixou-o doente. Completamente frio, em seu próprio íntimo, ele resolvera não levá-lo preso.

Mas as testemunhas já se estavam aglomerando no apartamento atrás dele, algumas pessoas que viviam no prédio e o seu companheiro do carro-patrulha.

Neri ordenou a Baines:

— Largue essa faca, você está preso!

Baines deu uma gargalhada.

— Homem, você vai ter de usar o seu revólver para me prender. — Levantou a faca e falou: — Ou talvez você queira isso!

Neri moveu-se muito depressa para que o seu companheiro não tivesse tempo de puxar o revólver. O prêto atacou com a faca, mas os reflexos extraordinários de Neri permitiram-lhe aparar o golpe com a palma da mão esquerda. Com a mão direita, vibrou a lanterna descrevendo um semicírculo no ar. O golpe pegou na parte lateral da cabeça de Baines e o fez dobrar sôbre os joelhos comicamente como se estivesse bêbedo. A faca caiu-lhe da mão. Ele estava completamente indefeso. Portanto, o segundo golpe foi indesculpável, como o inquérito do departamento de polícia e o julgamento a que Neri foi posteriormente submetido provaram com o auxílio do testemunho das pessoas ali presentes e do seu companheiro da polícia. Neri baixou a lanterna no alto do crânio de Baines com uma violência incrível que fêz esmigalhar o vidro: o escudo de esmalte e a própria lâmpada despregaram-se da lanterna e voaram pelo quarto. O pesado cilindro de alumínio do corpo da lanterna envergou e só as pilhas em seu interior impediram-no de se dobrar sobre si mesmo. Um observador horrorizado, um preto que morava no prédio e que mais tarde depôs contra Neri, comentou:

— Homem, que negro de cabeça dura!

Mas a cabeça de Baines não era tão dura assim. O golpe atingiu-lhe violentamente o crânio. Ele morreu duas horas depois no hospital do Harlem.

Albert Neri foi a única pessoa a ficar surpresa quando abriram inquérito no Departamento de Polícia para apurar as acusações contra ele de usar força excessiva. Foi suspenso de suas funções, sendo apresentadas acusações criminais contra ele. Depois de indiciado por homicídio, foi condenado à pena de um a dez anos de prisão. Naquela época, ele estava tão cheio de fúria frustrada e ódio contra toda a sociedade que não ligava para nada. Ousaram julgá-lo como um criminoso! Ousaram mandá-lo para a prisão por matar um animal como aquele preto cafetão! Não deram a menor importância à mulher e à menina que tinham sido talhadas a navalha, desfiguradas para o resto da vida, e que ainda se encontravam no hospital.

Ele não tinha medo da prisão. Sentia que, em virtude de ter

sido um policial e especialmente em virtude da natureza de seu delito, seria bem tratado. Diversos colegas da polícia já lhe tinham garantido que falariam com os amigos. Somente o pai de sua mulher, um astuto italiano antiquado que possuía um mercado de peixe no Bronx, compreendia que um homem como Albert Neri tinha pouca possibilidade de sobreviver um ano atrás das grades. Um dos seus companheiros de prisão o mataria: se não era quase certo que ele mataria um deles. Sentindo-se responsável por ter sua filha abandonado um bom marido por alguma bobagem de mulher, o sogro de Neri recorreu aos seus contatos com a Família Corleone (ele pagava um tributo de proteção a um de seus representantes e fornecia à própria família Corleone o melhor peixe disponível, a título de presente), e pediu a intervenção da Família.

A Família Corleone conhecia Albert Neri. Ele era algo como uma lenda na sua qualidade de polícia legalmente duro: adquirira certa fama como um homem com quem não era fácil de lidar, como um homem que podia inspirar medo por sua própria pessoa, independentemente do uniforme e do revólver autorizado que ele usava. A Família Corleone sempre se interessava por tais homens. O fato de ser ele um policial não significava grande coisa. Muitos rapazes começavam trilhando uma trajetória falsa para chegar ao seu verdadeiro destino. O tempo e a sorte geralmente o punham no caminho certo.

Foi Pete Clemenza, com seu faro agudo para gente boa, que levou o caso de Neri ao conhecimento de Tom Hagen. Este estudou a cópia do dossiê oficial da polícia e ouviu Clemenza.

— Talvez tenhamos outro Luca Brasi aqui — comentou ele.

Clemenza acenou vigorosamente com a cabeça. Embora ele fosse muito gordo, o seu rosto nada tinha da usual bonacheirice do homem robusto.

— Penso exatamente assim. O próprio Mike devia cuidar disso.

E foi assim que, antes de Albert Neri ser transferido da prisão provisória para o que seria a sua residência permanente no interior do Estado, foi informado de que o juiz reconsiderara o seu caso com base em novas informações e depoimentos apresentados por altos funcionários da polícia. A sua sentença foi suspensa e ele foi solto.

Albert Neri não era bobo nem o seu sogro era tão altruísta. Neri soube do que acontecera e pagou a dívida ao sogro, concordando em se divorciar de Rita. Depois fez uma viagem até Long Beach para agradecer a seu benfeitor. Tudo foi combinado de antemão, é claro. Michael recebeu-o em sua biblioteca.

— Diabo, eu não podia deixar que se fizesse isso com um patrício siciliano — declarou Michael. — Deviam dar-lhe era uma boa medalha. Mas esses malditos políticos não ligam para nada

a não ser para grupos de pressão. Escute, eu não teria dado um passo nesse negócio, se não tivesse apurado tudo direitinho e verificado que injustiça lhe fizeram. Um dos meus homens falou com sua irmã e ela nos contou como você estava sempre preocupado com ela e com o filho dela, como você deu uma lição no garoto, para evitar que ele se tornasse um mau elemento. O seu sogro diz que você é o sujeito mais formidável do mundo. Isso é uma coisa rara.

O habilidoso Michael nada mencionou a respeito de ter a mulher de Neri o abandonado.

Bateram um papo demorado. Neri sempre fora um homem taciturno, mas de repente se abriu todo com Michael Corleone. Michael tinha apenas mais uns cinco anos de idade do que êle, mas Neri falava com ele como se Michael fosse muito mais velho, bastante mais velho para ser seu pai.

— Não tem cabimento tirar você da prisão e depois deixá-lo ao deus-dará — disse Michael finalmente. — Posso arranjar um trabalho para você. Tenho interesses em Las Vegas: com a sua experiência, você podia ser agente de segurança num hotel. Ou se você pretende entrar em algum negócio pequeno, posso falar com os bancos para lhe fornecerem um empréstimo.

Neri ficou totalmente embaraçado com tamanha gentileza. Recusou a oferta orgulhosamente e depois acrescentou:

— Tenho de ficar, contudo, sob a jurisdição do tribunal em virtude do *sursis* que me concederam.

Michael retrucou animadamente:

— Tudo isso são detalhes sem importância, posso arranjar as coisas. Esqueça essa supervisão e, para que os bancos não se tornem muito exigentes, vou mandar limpar a sua folha amarela.

A folha amarela era um registro policial dos delitos criminais cometidos por um indivíduo. Geralmente era submetida a um juiz, quando ele estava considerando a sentença que daria a um criminoso condenado. Neri estivera bastante tempo na organização policial para saber que muitos criminosos aguardando sentença eram tratados indulgentemente pelo juiz porque uma folha amarela limpa fora apresentada pelo funcionário subornado do Departamento de Cadastros da Polícia. Portanto, não ficou surprêso ao saber que Michael Corleone pudesse fazer tal coisa: ficou, porém, supreso ao verificar que tal providência seria tomada em seu favor.

— Se eu precisar de ajuda, procurarei entrar em contato com vocês — disse Neri.

— Ótimo, ótimo — respondeu Michael.

Ele olhou para o seu relógio, e Neri interpretou isso como uma despedida. Levantou-se para ir embora. Mas ficou novamente surpreso.

— Está na hora do almoço — disse Michael. — Venha comer

comigo e minha família. Meu pai disse que gostaria de conhecê-lo. Vamos até a casa dele. Minha mãe deve ter algum pimentão frito, ovos e salsichas. À moda realmente siciliana.

Aquela tarde foi a mais agradável que Albert Neri teve desde o seu tempo de menino, desde o tempo anterior à morte dos pais quando tinha apenas 15 anos de idade. Don Corleone estava no máximo de sua amabilidade e ficou satisfeitíssimo quando descobriu que os pais de Neri tinham vindo originalmente de uma pequena aldeia situada a poucos quilômetros apenas da própria aldeia dele. A conversa foi agradável, a comida, deliciosa, e o vinho de excelente qualidade. Neri teve então a idéia de que estava finalmente entre a sua própria gente. Compreendia que era apenas um convidado casual, mas sabia que podia encontrar um lugar permanente e ser feliz em tal mundo.

Michael e o Don acompanharam-no até o seu carro. Don Corleone apertou-lhe a mão e disse:

— Você é um bom sujeito. Estive ensinando ao meu filho Michael aqui o negócio de azeite, estou ficando velho, quero me aposentar. E ele vem a mim e diz que quer cuidar de seu pequeno caso. Eu lhe respondo que trate apenas de aprender o negócio de azeite. Mas ele não me deixa em paz. Ele diz, temos aqui um bom sujeito, um siciliano, e estão fazendo uma sacanagem com ele. Ele continua, não me dá sossego enquanto não começo a me interessar pelo caso. Estou-lhe contando isso para lhe dizer que ele tinha razão. Agora que o conheci, estou contente por havermos tirado você daquela complicação. Assim, se pudermos fazer mais alguma coisa por você, é só pedir. Compreende? Estamos à sua disposição.

(Lembrando-se da bondade do Don, Neri gostaria que o grande homem ainda estivesse vivo para ver o serviço que seria feito naquele dia.)

Neri levou menos de três dias para se decidir. Compreendia que estava sendo requestado, mas compreendia mais. Compreendia que a Família Corleone aprovava o seu ato, pelo qual a sociedade o condenara e o punira. A Família Corleone dava-lhe o devido valor, a sociedade não. Ele compreendia que seria mais feliz no mundo que os Corleone tinham criado do que no mundo lá de fora. E compreendia que a Família Corleone era a mais poderosa, dentro dos seus estreitos limites.

Visitou Michael novamente e pôs as cartas na mesa. Ele não queria trabalhar em Las Vegas, mas aceitaria um emprego junto à Família em Nova York. Tornou clara a sua lealdade. Michael ficou emocionado, Neri viu isso. Ficou então combinado. Mas Michael insistiu para que Neri primeiro tomasse umas férias, lá em Miami no hotel da Família, com todas as despesas pagas e um mês de salário adiantado, a fim de que tivesse o dinheiro necessário para descansar e divertir-se tranqüilamente.

Essas férias foram o primeiro gostinho de luxo que Neri teve. O pessoal do hotel teve um cuidado todo especial com ele, dizendo:

— Ah, você é amigo de Michael Corleone.

O boato se espalhou. Deram-lhe um dos apartamentos de luxo, não o detestável quarto pequeno que se impingiria a um parente pobre. O homem que dirigia a boate do hotel arranjou-lhe algumas garôtas bonitas. Quando Neri voltou a Nova York, tinha uma concepção um tanto diferente da vida em geral.

Foi pôsto no *regime* de Clemenza e submetido a provas rigorosas por esse habilíssimo dirigente de homens. Deviam-se tomar certas precauções. Afinal de contas, ele tinha sido polícia. Mas a ferocidade natural de Neri predominou apesar dos escrúpulos que ele pudesse ter por estar agora do outro lado da cerca. Em menos de um ano, ele recebeu o batismo de fogo. Nunca mais poderia voltar a ser o que fôra.

Clemenza o punha nas alturas. Neri era um homem extraordinário, o novo Luca Brasi. Seria melhor do que Luca, gabava-se Clemenza. Afinal de contas, Neri fora descoberta sua. Fisicamente o homem era uma verdadeira maravilha. Os seus reflexos e coordenação eram tão notáveis que ele poderia ter sido outro Joe DiMaggio. Clemenza também sabia que Neri não era homem que pudesse ser controlado por alguém como ele. Neri passou a ser diretamente responsável perante Michael Corleone, tendo Tom Hagen como o necessário amortecedor. Era um "elemento especial" e como tal fazia jus a um salário alto, mas não tinha o seu meio de vida próprio, a sua agência de *bookmaker* ou uma organização à qual oferecesse "proteção" remunerada. Era evidente que o seu respeito por Michael Corleone era enorme, e um dia Hagen disse brincando a Michael:

— Bem, agora você tem o seu Luca.

Michael acenou com a cabeça. Ele o livrara da cadeia. Albert Neri lhe seria leal até a morte. E naturalmente isso foi um truque que ele aprendeu com o próprio Don Corleone. Enquanto aprendia o negócio, submetendo-se a longos dias de instrução ministrada pelo pai, Michael uma vez perguntou:

— Como é que você usava um sujeito como Luca Brasi? Um animal como aquele?

Don Corleone respondeu fazendo-lhe a seguinte preleção:

— Há homens neste mundo que andam por aí pedindo para ser assassinados. Você já deve ter visto alguns deles. Brigam em mesas de jogo, saltam furiosos de seu automóvel se alguém apenas arranha o seu pára-lama, humilham e ameaçam as pessoas cuja força ignoram. Já vi um homem bobo propositadamente enfurecer um grupo de homens perigosos, sem possuir ele mesmo qualquer recurso. Esses são os indivíduos que andam pelo mundo gritando: "Matem-me! Matem-me!" E sempre aparece

alguém disposto a fazer-lhes a vontade. Lemos sobre isso nos jornais todo dia. Tais pessoas naturalmente fazem um bocado de mal a outras também.

E prosseguiu:

— Luca Brasi era um homem desse tipo. Mas era um homem tão extraordinário que durante muito tempo ninguém conseguiu matá-lo. A maioria dessa gente não nos interessa, mas um elemento como Brasi é uma arma poderosa para ser usada. O truque, já que ele não teme a morte e na verdade anda à procura dela, é a gente se tornar a única pessoa no mundo que verdadeiramente *não* deseja matá-lo. Ele só tem este medo, não o da morte, mas o de que a *gente* possa ser a pessoa que vai matá-lo. Ele é nosso então.

Foi uma das mais valiosas lições dadas por Don Corleone antes de morrer, e Michael a usou para fazer de Neri seu Luca Brasi.

E agora, finalmente, Albert Neri, sozinho em seu apartamento do Bronx, ia pôr novamente o seu uniforme de polícia. Escovou-o caprichosamente. Agora iria polir o coldre. E o boné de polícia também, tinha de limpar-lhe a pala, engraxar os fortes sapatos pretos. Neri trabalhava com a maior boa vontade. Encontrara o seu lugar no mundo, Michael Corleone depositara confiança absoluta nele, e ele não deixaria de corresponder a essa confiança.

Capítulo 31

Naquele mesmo dia, duas *limousines* achavam-se estacionadas na alameda de Long Beach. Um dos carros grandes esperava para levar Connie Corleone, sua mãe, seu marido e seus dois filhos ao aeroporto. A família de Carlo Rizzi ia passar umas férias em Las Vegas, a fim de se preparar para mudar-se definitivamente para aquela cidade. Michael dera a ordem a Carlo, sob protestos de Connie. Michael não quis explicar que queria todo mundo fora da alameda antes do encontro das Famílias Corleone e Barzini. Na verdade, o próprio encontro era um grande segredo. As únicas pessoas que estavam informadas sobre êle eram os *capos* da Família.

A outra *limousine* era para Kay e seus filhos, que seriam levados para New Hampshire em visita aos pais dela. Michael teria de ficar na alameda: tinha assuntos muito importantes para resolver e não podia viajar.

Na noite anterior, Michael mandara avisar a Carlo Rizzi que precisava da sua presença na alameda por alguns dias, que êle iria juntar-se à mulher e aos filhos depois, lá para o fim da semana. Connie ficou furiosa. Tentou falar com Michael pelo telefone, mas êle fôra à cidade. Agora ela percorria com os olhos tôda a alameda em busca de Michael, mas ele estava fechado na sala com Tom Hagen e não podia ser perturbado. Connie deu um beijo de despedida em Carlo quando ele a pôs na *limousine*.

— Se você não aparecer lá dentro de dois dias, eu volto para apanhar você — ameaçou ela.

Ele deu um sorriso, revelando malícia na sua linguagem muda de marido para mulher.

— Estarei lá — retrucou ele.

Ela meteu a cabeça para fora da janela e perguntou:

— Para que você acha que Michael lhe quer aqui?

Sua fisionomia preocupada fê-la parecer velha e feia.

Carlo deu de ombros.

— Ele vem-me prometendo um grande negócio. Talvez seja sobre isso que queira falar. De qualquer maneira, foi isso o que ele deu a entender.

Carlo nada sabia a respeito da reunião marcada para aquela noite com a Família Barzini.

— É verdade, Carlo? — insistiu Connie ansiosamente.

Carlo acenou a cabeça de modo afirmativo. A *limousine* atravessou os portões da alameda e foi embora.

Somente depois que a primeira *limousine* partiu foi que Michael apareceu para despedir-se de Kay e de seus próprios filhos. Carlo também veio apresentar a Kay seus votos de boa viagem e boas férias. Finalmente, a segunda *limousine* arrancou e atravessou o portão.

— Lamento ter sido obrigado a mantê-lo aqui, Carlo — disse Michael. — Será apenas por uns dois dias.

— Não tem importância alguma — redarguiu Carlo.

— Ótimo — tornou Michael. — Apenas fique perto do telefone que eu o chamarei quando precisar de você. Tenho de obter mais algumas informações antes. Está bem?

— Certamente, Mike, certamente — concordou Carlo.

Em seguida, Carlo foi para a sua própria casa, deu um telefonema para a amante que ele mantinha discretamente em Westbury, prometendo que tentaria visitá-la mais tarde, naquela noite. Depois acomodou-se com uma garrafa de uísque do lado e esperou. Esperou um tempão. Carros começaram a chegar e a atravessar o portão logo depois do meio-dia. Ele viu Clemenza saltar de um, e depois um pouco mais tarde Tessio saiu de outro. Ambos foram introduzidos na casa de Michael por um dos guarda-costas. Clemenza partiu algumas horas depois, mas Tessio não reapareceu.

Carlo deu um passeio pela alameda, para tomar um pouco de ar fresco, que não durou mais de dez minutos. Conhecia todos os guardas que davam serviço na alameda, era até quase amigo de alguns deles. Pensou que pudesse bater um papo para passar o tempo. Mas para sua surpresa, nenhum dos guardas daquele dia era algum dos homens que ele conhecia. Todos eram estranhos para ele. Mais surpreendente ainda era que o homem encarregado do portão era Rocco Lampone, e Carlo sabia que Rocco ocupava uma posição muito alta na Família para exercer uma tarefa tão servil, a não ser que algo extraordinário estivesse ocorrendo.

Rocco deu-lhe um sorriso amistoso e cumprimentou-o. Carlo estava desconfiado. Rocco exclamou:

— Ué, pensei que você tivesse ido gozar férias com a sua família.

Carlo deu de ombros.

— Mike quis que eu ficasse aqui alguns dias. Ele tem alguma coisa para eu fazer.

— É verdade — retrucou Rocco Lampone. — Eu também. Então ele me pediu para ficar de ôlho aqui no portão. Bem, que diabo, ele é o chefe.

O tom de sua voz insinuava que Michael não era um homem igual ao que tinha sido o pai, falou um pouco depreciativamente.

Carlo fingiu não perceber aquele tom.

— Mike sabe o que está fazendo — disse ele.

Rocco aceitou a reprimenda em silêncio. Carlo se despediu e voltou para a sua casa. Alguma coisa estava no ar, mas Rocco não sabia o que era.

Michael estava postado na janela de sua sala de estar e viu Carlo passear pela alameda. Hagen trouxe-lhe uma bebida, um conhaque forte. Michael bebeu-a prazerosamente. Por trás dele, Hagen disse, gentilmente:

— Mike, você precisa começar a se movimentar. Está na hora.

Michael deu um suspiro.

— Eu queria que não fosse tão cedo. Esperava que o velho tivesse durado um pouco mais.

— Nada sairá errado — afirmou Hagen. — Se eu não entendi, então ninguém entendeu. Você armou a coisa muito bem.

Michael afastou-se da janela.

— O velho planejou uma boa parte dela. Nunca cheguei a compreender bem quão esperto ele era. Acho que você sabe.

— Ninguém como ele — retrucou Hagen. — Mas isso está lindo. Isso é a melhor coisa que já vi. Portanto, você não pode ser assim tão ruim.

— Vamos ver o que acontece — disse Michael. — Tessio e Clemenza estão na alameda?

Hagen acenou com a cabeça afirmativamente. Michael terminou de beber o seu conhaque.

— Mande Clemenza falar aqui comigo. Vou instruí-lo pessoalmente. Não quero ver Tessio. Diga-lhe apenas que estarei pronto para ir com ele à reunião com Barzini dentro de meia hora. O pessoal de Clemenza cuidará dele depois disso.

— Não há meio de se deixar Tessio escapar? — perguntou Hagen numa voz cautelosa.

— Não — respondeu Michael.

Enquanto isso, na cidade de Buffalo, uma pequena *pizzaria* numa rua lateral estava fazendo um negócio movimentado. Quando passou a hora do almoço, o movimento caiu e o balconista tirou da janela a bandeja redonda com os pedaços que haviam sobrado e pôs na prateleira do enorme forno de tijolos. Em seguida, deu uma espiada dentro do forno para ver como ia uma *pizza* que estava assando ali. A *mozzarela* ainda não começara a fazer bolhas. Quando voltou para o balcão que lhe permitia atender o pessoal da rua, encontrou ali de pé um rapaz mal-encarado, que lhe falou:

— Me dê um pedaço de *pizza*.

O balconista pegou a sua pá de madeira e apanhou um dos pedaços frios da *pizza* para metê-lo no forno a fim de esquentá-lo. O freguês, em vez de esperar lá fora, resolveu atravessar a porta para ser atendido. A casa agora estava vazia. O balconista abriu o forno e tirou o pedaço de *pizza* quente e serviu-o num prato de papel. Mas o freguês, em vez de dar-lhe o dinheiro da *pizza*, estava olhando fixamente para ele.

— Ouvi dizer que você tem uma tatuagem grande no peito — disse o freguês. — Estou vendo a parte superior dela por cima de sua camisa, quer-me deixar ver o resto dela?

O balconista ficou gelado. Parecia paralisado.

— Abra a camisa — ordenou o freguês.

O balconista balançou a cabeça.

— Não tenho tatuagem — respondeu êle num inglês carregadamente acentuado. — O homem que trabalha de noite é que tem.

O freguês deu uma gargalhada soturna, forçada.

— Vamos, desabotoe a camisa, deixe-me ver.

O balconista começou a recuar para o fundo da casa, procurando contornar o enorme forno. Mas o freguês ergueu a mão acima do balcão. Havia um revólver nela. Êle atirou. A bala atingiu o balconista no peito e jogou-o contra o forno. O freguês atirou novamente no corpo do balconista e este tombou no chão. O freguês deu a volta pelo balcão, abaixou-se e abriu violentamente a camisa, arrancando-lhe os botões. O peito do balconista estava coberto de sangue, mas a tatuagem estava bem visível: os amantes entrelaçados e a faca transfixando-os. O balconista levantou dèbilmente um dos braços como que para se proteger. O pistoleiro falou então:

— Fabrizzio, Michael Corleone manda-lhe lembranças.

Estendeu o braço de forma que o revólver ficasse a poucos centímetros do crânio do balconista e puxou o gatilho. Depois saiu da *pizzaria*. A poucos metros, um carro estava esperando por êle com a porta aberta. Ele saltou para dentro e o carro arrancou velozmente.

Rocco Lampone atendeu ao telefone instalado numa das colunas de ferro do portão e ouviu alguém dizer:

— A sua encomenda está pronta — e em seguida a pessoa que chamou desligou o telefone.

Rocco entrou no seu carro e saiu da alameda. Atravessou a pista elevada da Praia Jones, a mesma na qual Sonny fora assassinado, e seguiu até a estação ferroviária de Wantagh. Estacionou seu carro ali. Outro carro estava esperando por ele com dois homens no seu interior. Foram até a um motel situado a dez minutos de distância na Estrada Sunrise e estacionaram em seu pátio. Rocco Lampone, deixando os dois homens no carro, dirigiu-se para um dos pequenos bangalôs tipo chalé. Um só pontapé fez a porta saltar das dobradiças e Rocco pulou dentro do quarto.

Phillip Tattaglia, com 70 anos de idade e nu como um bebê, estava em pé numa cama na qual se achava deitada uma mulher jovem. A vasta cabeleira de Phillip Tattaglia estava completamente preta, mas o pelo de seu púbis era totalmente branco. O seu corpo tinha a suave forma roliça de uma ave. Rocco despejou-lhe quatro balas, tôdas na barriga. Depois virou-se e voltou correndo para o carro. Os dois homens deixaram-no na estação de Wantagh. Ele apanhou o seu carro e retornou à alameda. Foi lá dentro falar com Michael Corleone por um momento e depois saiu e reassumiu seu posto no portão.

Albert Neri, sozinho em seu apartamento, terminou de aprontar seu uniforme. Vagarosamente começou a vestir: calças, camisa, gravata, paletó, coldre e cinturão. Ele devolveu o seu revólver quando foi suspenso da polícia, mas, por qualquer negligência administrativa, não o fizeram devolver o escudo. Clemenza fornecera-lhe um revólver regulamentar da polícia, de calibre 38, cuja origem não podia ser identificada. Neri desmontou-o, lubrificou-o, examinou o cão, montou-o novamente, experimentou o gatilho. Carregou o tambor e a arma estava pronta para funcionar.

Neri meteu o boné de polícia num saco de papel grosso e vestiu um sobretudo civil por cima de seu uniforme. Olhou as horas no seu relógio. Faltavam quinze minutos para que o carro viesse apanhá-lo lá embaixo. Passou os quinze minutos examinando-se no espelho. Não havia dúvida. Ele parecia um verdadeiro policial.

O carro estava esperando com dois homens de Rocco Lampone na frente. Neri entrou no assento traseiro. Quando o carro partiu para o centro da cidade, depois que eles deixaram as proximidades do seu apartamento, Neri tirou o sobretudo e colocou-o no piso do carro. Rasgou o saco de papel e pôs o boné de oficial da polícia na cabeça.

Na esquina da Rua 55, na 5.ª Avenida, o carro parou no meio-fio e Neri saltou. Começou a descer a pé a avenida. Tinha

um sentimento estranho ao ver-se novamente uniformizado, patrulhando as ruas como tinha feito tantas vezes. O movimento de pedestres era intenso aquela hora. Foi caminhando até chegar em frente ao Centro Rockefeller, no lado oposto a quem vem da Catedral de São Patrício. No seu lado da 5.ª Avenida, ele localizou a *limousine* que procurava. Estava estacionada, completamente isolada entre uma série enorme de sinais vermelhos indicando ESTACIONAMENTO PROIBIDO e PARADA PROIBIDA. Neri diminuiu o passo. Ainda era muito cedo. Ele parou para escrever alguma coisa em seu caderninho e depois continuou a andar. Estava à frente da *limousine*. Bateu no pára-lama com o seu cassetete. O motorista olhou surpreso para ele. Neri apontou com o cassetete para o sinal de PARADA PROIBIDA e acenou para o motorista que movimentasse o carro. O motorista virou a cabeça para o outro lado.

Neri desceu para a rua e se postou ao lado da janela aberta do motorista. Este era um sujeito mal-encarado, exatamente o tipo que ele gostava de enfrentar. Neri falou de modo deliberadamente insultuoso:

— Como é, seu espertinho, você vai querer que eu lhe pregue um talão de multa na bunda ou vai querer andar?

O motorista respondeu impassivelmente:

— É melhor você perguntar aos seus superiores. Me dê o talão de multa se isso vai-lhe fazer sentir-se feliz.

— Vai caindo fora daqui — gritou Neri — ou o arranco desse carro e lhe arrebento a bunda a pontapés!

O motorista fez aparecer uma nota de dez dólares como que por um passe de mágica, dobrou-a, formando um pequeno quadrado, com uma das mãos, e tentou enfiá-la na blusa de Neri. Êste voltou para a calçada e chamou o motorista com o dedo. O motorista saiu do carro.

— Deixe-me ver os documentos do carro — disse Neri.

Ele esperava poder levar o motorista a contornar o quarteirão, mas isso já não era possível. Com o canto do olho, Neri viu três homens baixos, fortes, descendo a escada do edifício *Plaza* e vindo na direção da rua. Era o próprio Barzini e seus dois guarda-costas a caminho para encontrar-se com Michael Corleone. Imediatamente, um dos guarda-costas destacou-se do grupo e veio ver o que é que havia com o carro de Barzini. O homem perguntou ao motorista:

— Que é que há?

— Estou sendo multado, não há problema. Esse sujeito deve ser novo aqui na zona.

Nesse momento, Barzini aproximou-se, acompanhado do outro guarda-costas, e gritou:

— Que diabo há agora?

Neri acabou de escrever no seu caderninho e devolveu os

documentos ao motorista. Depois enfiou o caderninho no bolso traseiro da calça e quando trouxe a mão para a frente tinha o revólver de calibre 38 na mão.

Ele meteu três balas no peito de Barzini antes que os outros dois homens se recuperassem do choque para poder defendê-lo. Nessa altura, Neri já saíra correndo por entre a multidão e dobrara a esquina onde o carro estava esperando por ele. O veículo saiu velozmente pela 5.ª Avenida e virou para o centro da cidade. Perto do Parque Chelsea, Neri, que já havia tirado o boné, vestido o sobretudo e mudado a roupa, transferiu-se para outro carro que estava esperando por ele. Deixara o revólver e o uniforme de polícia no outro carro. Eles dariam sumiço a essas coisas. Uma hora depois, estava são e salvo na alameda de Long Beach falando com Michael Corleone.

Tessio esperava na cozinha da casa do velho Don, bebendo uma xícara de café, quando Tom Hagen veio procurá-lo.

— Mike está à sua disposição agora — disse Hagen. — É melhor você telefonar para Barzini e dizer que ele pode começar a se dirigir para o encontro.

Tessio levantou-se e foi até o telefone da parede. Discou o número do escritório de Barzini em Nova York e disse laconicamente:

— Estamos a caminho do Brooklyn. — Desligou e sorriu para Hagen dizendo: — Espero que Mike possa arranjar um bom negócio para nós esta noite.

— Estou certo de que ele arranjará — respondeu Hagen com gravidade.

Ele acompanhou Tessio para fora da cozinha e através da alameda. Foram caminhando até a casa de Michael. Na porta, foram detidos por um dos guarda-costas.

— O chefe diz que vai num carro separado. Mandou vocês dois irem andando.

Tessio franziu as sobrancelhas, virou-se para Hagen e exclamou:

— Diabo, ele não pode fazer isso; isso vai atrapalhar toda a minha combinação.

Naquele momento, outros três guarda-costas o cercaram. Hagen disse cortesmente:

— Eu tampouco posso ir com você, Tessio.

O *caporegime* compreendeu tudo numa fração de segundo. E aceitou a situação. Houve um momento de fraqueza física, depois ele se recuperou e disse a Hagen:

— Diga a Mike que isso era apenas negócio, sempre gostei dele.

Hagen acenou com a cabeça.

— Ele compreenderá.

Tessio fez uma pausa rápida e depois perguntou suavemente:

— Tom, você pode me tirar dessa situação? Em homenagem aos velhos tempos?

Hagen balançou a cabeça.

— Não posso — respondeu ele.

Tom viu os guarda-costas cercarem Tessio e o conduzirem para um carro que estava esperando. Sentiu-se um pouco triste. Tessio fora o melhor soldado da Família Corleone; o velho Don confiara nele mais do que em qualquer outro homem com exceção de Luca Brasi. Era lamentável que um homem tão inteligente cometesse tal erro fatal de julgamento tão tarde na vida.

Carlo Rizzi, ainda esperando pela entrevista com Michael, ficou nervoso com todas aquelas chegadas e partidas. Obviamente algum grande acontecimento estava ocorrendo e parecia que ele ia ficar de fora. Impacientemente, chamou Michael ao telefone. Um dos guarda-costas da casa atendeu, foi buscar Michael e voltou com o recado de que Michael queria que ele ficasse de sobreaviso, que ele o chamaria dali a pouco.

Carlo telefonou para a amante novamente e disse-lhe que tinha a certeza de que poderia levá-la para cear mais tarde e passar a noite com ela. Michael dissera que o mandaria chamar dali a pouco, o que quer que ele planejasse não podia levar mais que uma ou duas horas. Depois gastaria cerca de 40 minutos para chegar a Westbury. Isso poderia ser feito. Ele prometeu-lhe que faria isso e conversou-a maciamente, pedindo que ela não se zangasse. Quando desligou, resolveu vestir-se convenientemente para ganhar tempo depois. Tinha acabado de enfiar uma camisa limpa quando bateram na porta. Ele raciocinou rapidamente que Mike tentara falar com ele pelo telefone e encontrara a linha ocupada, assim resolvera simplesmente mandar um mensageiro chamá-lo. Carlo foi até a porta e abriu-a. Sentiu o corpo todo enfraquecer invadido por um terrível medo. Postado no vão da porta estava Michael Corleone, com a cara que parecia exatamente a daquela morte que Carlo Rizzi via freqüentemente em seus sonhos.

Por trás de Michael Corleone estavam Hagen e Rocco Lampone. Eles pareciam solenes, como pessoas que tinham vindo com a maior relutância dar más notícias a um amigo. Os três homens entraram na casa e Carlo Rizzi levou-os para a sala de estar. Restabelecido do primeiro choque, ele pensou que tivesse sofrido um ataque de nervos. As palavras de Michael fizeram-no sentir-se realmente doente, fisicamente enjoado.

— Você tem de responder pela morte de Santino — disse Michael.

Carlo não respondeu, fingindo não entender. Hagen e Lampone separaram-se, indo para paredes opostas da sala. Carlo e Michael encararam-se.

— Você entregou Sonny ao pessoal de Barzini — disse Michael categoricamente. — Aquela pequena farsa que você desempenhou com minha irmã, será que Barzini o enganou que isso tapearia um Corleone?

Carlo Rizzi respondeu apavorado, sem dignidade, sem qualquer vestígio de orgulho:

— Juro que sou inocente. Juro pela cabeça de meus filhos que sou inocente. Mike, não me faça isso, por favor, Mike, não me faça isso.

— Barzini está morto — retrucou Michael tranqüilamente: — Phillip Tattaglia também. Quero ajustar todas as contas da Família esta noite. Portanto, não me diga que você é inocente. Seria melhor que você admitisse que é culpado.

Hagen e Lampone olharam para Michael com espanto. Estavam pensando que Michael ainda não era o homem que o pai fora. Por que tentar fazer esse traidor confessar-se culpado? Tal culpa já estava tão provada quanto uma coisa como essa podia sê-lo. A resposta era evidente. Michael ainda não tinha tanta confiança em sua razão, ainda receava ser injusto, ainda se preocupava com aquela fração de incerteza que apenas uma confissão de Carlo Rizzi podia apagar.

Ainda não houve resposta. Michael disse quase bondosamente:

— Não fique tão assustado. Você pensa que vou tornar minha irmã viúva? Você pensa que vou tornar meus sobrinhos órfãos de pai? Afinal de contas, sou padrinho de um dos seus filhos. Não, o seu castigo será que você não poderá trabalhar com a Família. Vou-lhe pôr num avião para Las Vegas para você se unir a sua mulher e filhos e quero que você fique por lá. Mandarei uma mesada para Connie. Só isso. Mas não fique dizendo que você é inocente, não insulte minha inteligência e não me irrite. Quem o procurou, Tattaglia ou Barzini?

Carlo Rizzi em sua angustiosa esperança de salvar a vida, em seu suave alívio de que não iria ser morto, murmurou:

— Barzini.

— Ótimo, ótimo — disse Michael brandamente. Fez um sinal com a mão direita dizendo:

— Quero que você parta agora. Há um carro esperando para levar você ao aeroporto.

Carlo saiu pela porta, seguido de perto pelos três homens. Era noite agora, mas a alameda como de costume estava iluminada pelos holofotes. Um carro parou. Carlo viu que era o seu próprio carro. Não reconheceu o motorista. Havia alguém sentado atrás, mas no lado oposto. Lampone abriu a porta da frente e fez sinal para Carlo entrar. Michael disse:

— Vou telefonar para sua mulher e dizer que você está a caminho.

Carlo entrou no carro. A sua camisa de seda estava ensopada de suor.

O carro partiu, movendo-se rapidamente na direção do portão. Carlo começou a virar a cabeça para ver se conhecia o homem que estava sentado atrás dêle. Naquele momento, Clemenza, tão ardilosa e graciosamente como uma menina colocando uma fita na cabeça de um gatinho, lançou o garrote em volta do pescoço de Carlo Rizzi. A corda lisa começou a cortar-lhe penetrantemente a pele à medida em que Clemenza o estrangulava puxando a corda com toda a força; o corpo de Carlo Rizzi saltou no ar como um peixe numa linha de pesca, mas Clemenza segurava-o firme, apertando o garrote até que o corpo ficou mole. De repente, sentiu um mau cheiro no interior do carro. O corpo de Carlo, com o esfíncter solto pela morte que se aproximava, descarregou os excrementos. Clemenza continuou a apertar o garrote por mais alguns minutos por medida de segurança, depois soltou a corda e enfiou-a no bolso. Recostou-se no assento acolchoado, enquanto o corpo de Carlo tombava de encontro à porta. Após alguns momentos, Clemenza abaixou o vidro da janela para deixar sair o fedor.

A vitória da Família Corleone foi completa. Durante esse mesmo período de 24 horas, Clemenza e Lampone soltaram os seus *regimes* e puniram os infiltradores dos domínios dos Corleone. Neri foi enviado para assumir o comando do *regime* de Tessio. Os *bookmakers* de Barzini foram postos fora de ação; dois dos maiores valentões dos Barzini foram assassinados a tiros quando jantavam tranqüilamente num restaurante italiano da Rua Mulberry. Um famoso amolecedor de páreos das corridas de trote foi abatido ao voltar para casa depois de uma noite em que ganhou bastante nas corridas. Dois dos maiores agiotas do cais do porto desapareceram, sendo encontrados meses depois nos pântanos de Nova Jersey.

Com esse único ataque selvagem, Michael Corleone fez a sua reputação e repôs a Família Corleone no seu lugar de destaque entre as Famílias de Nova York. Tornou-se respeitado não somente pelo seu brilhantismo tático, mas porque alguns dos mais importantes *caporegimes* das Famílias Barzini e Tattaglia imediatamente se passaram para o seu lado.

Foi um triunfo perfeito para Michael Corleone, com exceção da demonstração de histeria dada por sua irmã.

Connie voltou de avião para casa em companhia da mãe, deixando as crianças em Las Vegas. Ela conteve a sua dor de viúva até a *limousine* entrar na alameda. Então, antes de poder ser contida pela mãe, ela saiu correndo pela rua calçada da alameda para a casa de Michael Corleone. Atravessou furiosamente a porta e encontrou Michael e Kay na sala de estar. Kay partiu para ir de encontro a ela, para confortá-la e tomá-la nos

braços num amplexo de irmã, mas parou logo quando Connie começou a gritar pragas e insultos para o irmão.

— Seu patife nojento! — gritou ela. — Você matou meu marido! Você esperou que nosso pai morresse, para que ninguém pudesse detê-lo, e matou meu marido! Você o matou! Você o culpou pela morte de Sonny, você sempre o culpou, todo mundo o culpou. Mas nunca pensou em mim. Você nunca ligou para mim. Que é que vou fazer agora, que é que vou fazer?

Ela estava gemendo. Dois dos guarda-costas de Michael tinham vindo atrás dela e esperavam ordens dele. Mas Michael permaneceu ali impassível, esperando que a irmã terminasse o seu desabafo.

— Connie, você está perturbada, não diga essas coisas — atalhou Kay com voz emocionada.

Connie recuperou-se da histeria. Com a voz cheia de veneno mortal, ela disse:

— Por que você pensa que ele sempre estava tão frio comigo? Por que você pensa que ele conservou Carlo aqui na alameda? Durante todo o tempo, ele sabia que ia matar meu marido. Mas não se atreveu, enquanto meu pai estava vivo. Meu pai o teria detido. Ele sabia disso. Estava apenas esperando. Então serviu de padrinho para o nosso filho só para nos despistar. O patife sem coração! Você pensa que conhece seu marido? Você sabe quantos homens ele matou com meu Carlo? Basta ler os jornais. Barzini e Tattaglia e os outros. Meu irmão matou todos eles.

Ela teve novo ataque de histeria. Tentou cuspir no rosto de Michael, mas não tinha saliva.

— Leve-a para casa e consiga um médico para ela — disse Michael.

Os dois guarda-costas imediatamente agarraram os braços de Connie e puxaram-na para fora de casa.

Kay ainda estava chocada, sentia-se horrorizada. Perguntou ao marido:

— Que foi que fez Connie dizer todas aquelas coisas, Michael, que é que a faz acreditar naquilo?

Michael deu de ombros e respondeu:

— Ela é histérica.

Kay olhou dentro dos olhos dele.

— Michael, não é verdade, por favor diga que não é verdade!

Michael balançou a cabeça com um ar cansativo.

— Claro que não é verdade. Acredite em mim, desta vez estou deixando você me fazer perguntas sobre meus negócios, e estou respondendo. Não é verdade.

Ele nunca foi mais convincente. Olhou diretamente dentro dos olhos da mulher. Estava usando toda a confiança mútua que eles haviam criado em sua vida conjugal para fazê-la acreditar

nêle. E ela não podia duvidar mais. Kay sorriu para ele pesarosamente e atirou-se em seus braços para beijá-lo.

— Nós dois precisamos de um trago — disse ela.

Kay foi para a cozinha buscar gelo e enquanto estava lá ouviu a porta da frente se abrir. Saiu da cozinha e viu Clemenza, Neri e Rocco Lampone entrarem com os guarda-costas. Michael estava de costas para ela, mas ela se moveu para poder vê-lo de perfil. Naquele momento Clemenza dirigiu-se ao marido dela, saudando-o formalmente.

— Don Michael — disse Clemenza.

Kay pôde ver como Michael estava ali pronto para receber a homenagem daqueles homens. Ele lembrou a ela as estátuas de Roma, estátuas daqueles imperadores da antiguidade, que, por direito divino, mantinham o poder de vida e morte sobre os seus semelhantes. Michael estava com a mão na cintura, o perfil de seu rosto mostrava um poder orgulhoso, frio, seu corpo estava descuidadamente, arrogantemente, à vontade, o peso repousando num pé levemente por trás do outro. Os *caporegimes* postados diante dele. Naquele momento Kay compreendeu que aquilo tudo de que Connie acusara Michael era verdade. Ela voltou para a cozinha e chorou.

LIVRO IX

Capítulo 32

A sangrenta vitória da Família Corleone só se tornou completa quando, após um ano de delicadas manobras políticas, Michael Corleone conseguiu firmar-se como o chefe da Família mais poderosa dos Estados Unidos. Durante doze meses, Michael dividiu seu tempo igualmente entre o seu quartel-general na alameda de Long Beach e o seu novo lar em Las Vegas. Mas no fim daquele ano resolveu encerrar as operações em Nova York e vender as casas e a propriedade da alameda. Para esse fim, levou toda a família para o Leste para uma última visita. Ficariam lá um mês, liquidando os negócios, Kay cuidaria da embalagem e embarque dos objetos caseiros da família. Havia um milhão de outros pequenos detalhes.

Agora a Família Corleone estava absoluta, e Clemenza tinha a sua própria Família. Rocco Lampone era o *caporegime* dos Corleone. Em Nevada, Albert Neri era o chefe de todo o serviço de segurança dos hotéis controlados pela Família. Hagen, também, fazia parte da Família oriental de Michael.

O tempo ajudava a sarar as velhas feridas. Connie Corleone reconciliou-se com o irmão Michael. De fato, não mais do que uma semana depois de suas terríveis acusações, ela pediu desculpas a Michael pelo que dissera e garantiu a Kay que não havia qualquer verdade em suas palavras, que aquilo fora apenas um ataque de histeria de uma viúva jovem.

Connie Corleone achou facilmente um segundo marido; de fato, ela não esperou que se passasse o ano tradicional de res-

peito para partilhar a sua cama com um distinto rapaz que viera trabalhar na Família Corleone como secretário. Um jovem de uma boa família italiana formado por uma das melhores escolas de comércio da América.

Kay Adams Corleone proporcionou grande satisfação aos parentes afins, ao procurar instruir-se sobre a religião católica e converter-se a essa fé. Os seus dois meninos foram também, naturalmente, educados no catolicismo, como era de desejar. Michael pessoalmente, porém, não ficou muito contente. Ele preferia que os filhos fôssem protestantes, isso era mais americano.

Para sua surpresa, Kay passou a gostar de viver em Nevada. Ela adorava o cenário, os montes e gargantas da rocha espalhafatosamente vermelha, os desertos escaldantes, os inesperados e venturosamente refrescantes lagos, e até o calor. Os dois meninos montavam em seus próprios pôneis. Ela tinha criados verdadeiros, não guarda-costas. E Michael levava uma vida mais normal. Possuía um negócio de construção; pertencia aos clubes dos homens de negócios e aos comitês cívicos; tinha um sadio interesse pela política local, sem interferir publicamente. Era uma vida boa. Kay sentia-se feliz porque estavam acabando com a casa de Nova York e passariam a morar definitivamente em Las Vegas. Ela detestava voltar a Nova York. E assim, nessa última viagem, ela providenciara toda a embalagem e embarque dos objetos caseiros com a máxima eficiência e rapidez, e agora no último dia sentia a mesma premência de partir que sentem os pacientes que recebem alta depois de passar um longo período no hospital.

Nesse último dia, Kay Adams Corleone acordou muito cedo. Ouvia o ronco dos motores dos caminhões fora da alameda. Os caminhões que esvaziariam todas as casas, levando toda a mobília. A família Corleone voltaria de avião para Las Vegas de tarde, inclusive a Sra. Corleone.

Quando Kay saiu do banheiro, Michael estava sentado na cama com a cabeça apoiada no travesseiro fumando um cigarro.

— Por que diabo você tem de ir à igreja *toda* manhã? — perguntou ele. — Não digo aos domingos, mas por que diabo durante a semana? Você é tão má quanto minha mãe.

Ele estendeu a mão no escuro e acendeu a lâmpada da mesinha de cabeceira.

Kay sentou-se na beira da cama para calçar as meias.

— Você sabe como são os católicos convertidos — respondeu ela. — Levam a coisa muito a sério.

Michael estendeu a mão para pegar na coxa dela, na pele quente onde terminava a extremidade superior de sua meia de *nylon*.

— Não faça isso — pediu ela. — Vou fazer comunhão.

Ele não procurou segurá-la, quando ela se levantou da cama. Michael perguntou então com um leve sorriso nos lábios:

— Se você é uma católica tão fervorosa, por que é que deixa os meninos se esquivarem tanto de ir à igreja?

Ela não gostou da pergunta, mas foi bastante cautelosa. Ele a estava estudando com o que ela pensava ser o olho "do Don".

— Eles têm bastante tempo — respondeu ela. — Quando voltarmos para casa, eu os farei freqüentar mais.

Kay deu-lhe um beijo de despedida antes de partir. Fora da casa, o ar já estava esquentando. O sol de verão levantando-se no nascente era vermelho. Kay andou até onde o seu carro estava estacionado perto dos portões da alameda. A Sra. Corleone, trajando o seu vestido preto de viúva, já estava sentada no carro, esperando por ela. Tornara-se uma verdadeira rotina a missa todas as manhã juntas.

Kay beijou a face enrugada da sogra, depois sentou-se atrás do volante. A Sra. Corleone perguntou desconfiada:

— Você comeu o seu *breakfast?*

— Não — respondeu Kay.

A Sra. Corleone acenou com a cabeça aprovando. Kay uma vez esquecera que era proibido tomar qualquer alimento a partir da meia-noite antes de receber a santa comunhão. Isso fora há muito tempo, mas a Sra. Corleone nunca mais confiara nela depois disso e sempre pedia confirmação.

— Você se sente bem? — perguntou a Sra. Corleone.

— Sinto-me — respondeu Kay.

A igreja era pequena e estava desolada à luz do sol matinal. Os seus vitrais protegiam o interior contra o calor, era fresco ali, um lugar de descanso. Kay ajudou a sogra a subir os degraus de pedra branca e deixou-a ir na frente. A velha senhora preferia um banco lá na frente, perto do altar. Kay esperou na escadaria durante um minuto. Ela sempre se sentia relutante nesse último momento, sempre se sentia um pouco temerosa.

Finalmente, entrou na escuridão fresca da igreja. Molhou as pontas dos dedos na água benta e fez o sinal da cruz, tocando ligeiramente com os dedos úmidos os seus lábios ressequidos. Velas tremulavam, com uma luz vermelha diante das imagens dos santos, com o Cristo na cruz. Kay fez uma genuflexão antes de entrar na sua fileira, depois ajoelhou-se na grade de madeira dura do banco para esperar que fosse chamada para a comunhão. Baixou a cabeça como se estivesse rezando, mas não estava exatamente pronta para isso.

Era apenas ali, na penumbra da igreja, que ela se permitia pensar na outra vida do marido. Naquela terrível noite, há um ano passado, em que ele premeditadamente usara a confiança e o

amor que um tinha pelo outro para fazê-la acreditar na mentira de que ele não matara o marido da irmã.

Kay o deixara por causa daquela mentira, não por causa do ato em si. Na manhã seguinte, ela levara os filhos para a casa dos pais em New Hampshire. Sem dizer uma palavra a ninguém, sem saber realmente que atitude iria tomar. Michael compreendera imediatamente. Telefonou para ela no primeiro dia e depois deixou-a em paz. Uma semana depois, a *limousine* de Nova York parou em frente da casa dela trazendo Tom Hagen.

Kay passou uma longa tarde terrível com Tom Hagen, a tarde mais terrível de toda a sua vida. Foram dar uma volta nos bosques fora de sua cidadezinha e Hagen não foi nada gentil.

Ela cometeu o erro de procurar ser cruelmente petulante, um papel que não lhe assentava bem.

— Será que Mike mandou você aqui para me ameaçar? — perguntou ela. — Eu esperava ver alguns dos "rapazes" saltar do carro com suas metralhadoras para me fazer voltar.

Pela primeira vez desde que o conhecia, ela viu Hagen zangado. Ele respondeu asperamente.

— Isso foi a bobagem mais infantil que já ouvi na minha vida. Não esperava isso de uma mulher como você. Vamos, Kay.

— Está bem — disse ela.

Eles caminhavam pela estrada do campo verde. Hagen perguntou calmamente:

— Por que você fugiu?

— Porque Michael mentiu para mim — respondeu Kay. — Porque me fez de boba, quando serviu de padrinho para o filho de Connie. Ele me traiu. Não posso amar um homem como êsse. Não posso deixar que ele seja o pai de meus filhos.

— Não sei de que é que você está falando — retrucou Hagen.

Ela virou-se para ele com uma fúria agora justificada.

— Quero dizer que ele matou o marido da irmã dele. Você compreende isto? — Fez uma pausa e arrematou: — E ele mentiu para mim!

Continuaram a andar por um longo tempo em silêncio. Finalmente Hagen falou:

— Você não tem meio de saber realmente que tudo isso é verdade. Mas apenas como argumento vamos admitir que seja verdade. Não estou dizendo que seja, lembre-se. Mas se eu lhe desse o que poderia ser uma justificação para o que ele fez? Ou, antes, algumas justificações possíveis?

Kay olhou para ele desdenhosamente.

— É a primeira vez que vejo o seu lado de advogado, Tom. Não é o seu melhor lado.

Hagen arreganhou os dentes.

— Está bem. Mas quero que você me ouça. E se Carlo pôs Sonny na alça de mira, se deu a sua pista? Se Carlo bateu em Connie daquela vez apenas com o propósito deliberado de fazer Sonny sair de casa e expor-se ao perigo, que eles sabiam que ele tomaria o caminho da pista elevada da Praia Jones? Se Carlo tivesse sido pago para ajudar a matar Sonny? Então, que é que você diz? — Ela não respondeu. Hagen prosseguiu:

— E se o Don, o grande homem, não se sentisse com coragem bastante para fazer o que devia, vingar a morte do filho, matando o marido de sua filha? E se, finalmente, isso era muito para ele, e ele fez de Michael seu sucessor, sabendo que Michael tiraria esse peso de seus ombros, ficaria com essa culpa?

— Tudo já tinha passado — respondeu Kay, com lágrimas correndo-lhe dos olhos. — Todos estavam felizes. Por que Carlo não podia ser perdoado? Por que tudo não podia continuar e todo mundo esquecer?

Eles atravessaram uma campina e chegaram a um riacho à sombra de uma árvore. Hagen caiu na grama e deu um suspiro. Olhou em volta, deu outro suspiro e disse:

— Neste mundo você poderia fazer isso.

— Ele não é o homem com quem casei — retrucou Kay.

Hagen deu uma pequena gargalhada e replicou:

— Se ele fosse, estaria morto agora. Você seria uma viúva.

— Que diabo quer dizer isso? — retrucou Kay furiosamente. — Vamos, Tom, fale claramente pelo menos uma vez na vida. Sei que Michael não pode, mas você não é siciliano, você pode dizer a verdade a uma mulher, pode tratá-la como um ser igual, como um ser humano semelhante a você.

Houve outro longo silêncio. Hagen balançou a cabeça.

— Você está interpretando Mike mal. Está danada porque ele mentiu para você. Bem, ele a avisou para nunca lhe fazer perguntas sôbre negócios. Você ficou danada porque ele foi padrinho do filho de Carlo.. Mas foi você quem o fez ser padrinho. Na verdade, era a coisa certa a fazer, se ele queria tomar atitude contra Carlo. O gesto tático clássico para adquirir a confiança da vítima. — Hagen deu um sorriso horrendo e perguntou: — Isso é falar bem claramente para você? — Mas Kay baixara a cabeça.

— Vou-lhe dar mais um pouco de conversa clara — prosseguiu Hagen. — Depois que o Don morreu, Mike estava marcado para morrer. Você sabe quem o marcou? Tessio. Assim Tessio teve de ser morto. Porque a traição não pode ser perdoada. Michael poderia perdoá-lo, mas as pessoas nunca perdoam a si mesmas e assim seriam sempre perigosas. Michael gostava realmente de Tessio. Ele adora a irmã. Mas estaria faltando ao seu dever para com você e seus filhos, para com toda a Família, para comigo e minha família, se deixasse Tessio e Carlo irem embora livremente. Eles seriam um perigo para todos nós.

Kay ouvira tudo isso com as lágrimas nos olhos.

— Foi isso o que Michael mandou você aqui me dizer?

Hagen olhou para ela com verdadeira surpresa.

— Não — respondeu Tom. — Êle me pediu que eu lhe dissesse que você é o Don dele. Isto é apenas uma brincadeira.

Kay pôs a mão no braço de Hagen e perguntou:

— Ele não mandou você me dizer toda as outras coisas?

Hagen hesitou por um momento como se estivesse se debatendo se devia contar a ela uma última verdade.

— Você ainda não compreende — disse ele. — Se você contasse a Michael o que eu lhe disse hoje, aqui, eu seria um homem morto. — Ele fez nova pausa e arrematou. — Você e os filhos são as únicas pessoas neste mundo a quem ele não pode fazer mal.

Passaram-se uns longos cinco minutos para que Kay se levantasse da grama e eles começassem a caminhar de volta para casa. Quando já estavam chegando, Kay perguntou a Hagen:

— Depois do jantar, você pode levar a mim e as crianças para Nova York no seu carro?

— Foi para isso que eu vim — respondeu Hagen.

Uma semana depois que voltou para a companhia de Michael, Kay foi a um padre instruir-se para se tornar católica.

Do recesso mais profundo da igreja o sino soou o toque de arrependimento. Como lhe haviam ensinado a fazer, Kay bateu ligeiramente no peito com a mão fechada, a batida de arrependimento. O sino soou novamente e ouviu-se o arrastar de pés, quando os comungantes deixaram seus assentos para ir até a grade do altar. Kay levantou-se para se juntar a eles. Ajoelhou-se perante o altar, e do fundo da igreja veio novamente o som do sino tocando. Com a mão fechada, ela bateu outra vez no coração. O padre estava diante dela. Kay inclinou a cabeça para trás e abriu a boca para receber a hóstia. Foi o momento mais terrível de todos. Até que se derreteu e ela pode engolir e fazer o que viera ali realmente fazer.

Lavada do pecado, uma suplicante atendida, ela baixou a cabeça e cruzou as mãos na grade do altar. Mudou a posição do seu corpo para aliviar o peso que incidia sobre os seus joelhos.

Livrou a mente de todos os pensamentos a respeito de si mesma, de seus filhos, de todo rancor, de tôda rebelião, de todas as dúvidas. Depois, com um desejo profundo e realmente espontâneo de crer, de ser ouvida, como fazia todos os dias desde a morte de Carlo Rizzi, ela pronunciou as necessárias orações pela alma de Michael Corleone.

Mario Puzo

O Chefão

Máfia 1900: uma pequena irmandade secreta na Sicília. Máfia 1950: uma sociedade em "famílias", com o controle total do crime organizado nos Estados Unidos. Entre o começo e o fim um longo rastro de sangue...
Um homem participou de tudo, viu crescer esse império de crime e violência, tornando-se seu "capo dei capi", o mandante da morte. Seu nome: Don Vito Corleone — o poderoso Chefão.

Abril Cultural